Fabio Luis Barbosa dos Santos

**ORIGENS DO PENSAMENTO E DA POLÍTICA RADICAL NA AMÉRICA LATINA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOSÉ MARTÍ, JUAN B. JUSTO E
RICARDO FLORES MAGÓN.**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de doutor em História.

Programa de História Econômica

Orientador: Prof. Dr. Jorge da Silva Grespan

São Paulo

Outubro de 2011

ESTE TRABALHO É DEDICADO À MEMÓRIA DE MEU PAI.

AGRADECIMENTOS

Ao Jorge Luis da Silva Grespan que acolheu meu trabalho com simpatia e competência. Sou profundamente reconhecido pela sabedoria com que me orientou.

Ao CNPq e posteriormente à FAPESP pelas bolsas concedidas.

Ao Plínio de Arruda Sampaio Jr. que leu diferentes partes do meu trabalho em diferentes momentos. A ele sou grato, entre outros motivos, pela ideia de cursar a faculdade de história.

A Liliana Rolfsen Petrilli Segnini que leu a tese em sua fase final, incentivando com generosidade meu desenvolvimento profissional. A ela sou grato, entre outros motivos, pelo estímulo para que eu concluísse a faculdade de história.

Aos professores integrantes das bancas de qualificação, Gabriela Pellegrino Soares, Osvaldo Coggiola e Plínio de Arruda Sampaio Jr.

Aos professores que apoiaram minha pesquisa de distintas maneiras nos países que visitei: Eduardo Sartelli, Hugo Biagini, Eduardo Devés Valdés, Ricardo Martinez, Pedro Pablo Rodríguez, Adalberto Santana e Jacinto Barrera Bassols.

Aos colegas que leram partes do meu trabalho em diferentes momentos: Janice Theodoro, Fernando A. Novais, Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, Carlos Alberto Cordovano Vieira, Rafael Bivar Marquese, Carlos Alberto Sampaio Barbosa e Gabriela Pellegrino Soares. No exterior: Pedro Pablo Rodríguez, Jacinto Barrera Bassols, Cristina Tortti, Sergio Guerra Villaboy e Michael Löwy.

Ao Sean Purdy, por me introduzir na escrita acadêmica e ao Vicente Sampaio, por me ajudar a escrever melhor.

Ao Sílvio e ao Celo, que trouxeram-me livros mexicanos.

Aos companheiros da Associação Nossa América, com quem cultivei inicialmente o interesse pela realidade continental e a crítica militante.

Também agradeço àqueles que, mais além da tese, apóiam minhas escolhas de vida. Em especial, à minha mãe, pela retaguarda que sempre garantiu. Aos meus irmãos, que não poderiam ser mais irmãos. À Méri, por valorizar um terno descombinado, Celso Furtado e Piazzola. E à Flora, pela paz e carinho que a sua presença significa.

SUMÁRIO

Introdução	10
1.Referências bibliográficas para a análise de Martí, Justo e Magón	25
Capítulo 1	
O dilema da formação nacional na América Latina	42
1. O sentido da formação	43
2. Vias da emancipação	48
3. Vias da Revolução Burguesa	56
Capítulo 2	67
Formação nacional na América Latina nos primórdios do Imperialismo: José Martí e a independência cubana	
2.1) Formação Cubana	68
a) A marca da colônia	68
b) Cuba e a crise do Antigo Sistema colonial	73
c) Inserção de Cuba no mercado mundial	78
d) Cuba e o Imperialismo	83
2.2) José Martí e a revolução nacional	91
a) Visão de Martí sobre a formação cubana	93
b) Martí e o caminho para a formação cubana	116
c) Desfecho	125
d) Balanço	129
Capítulo 3	
Formação nacional na América Latina nos primórdios do Imperialismo: Juan B. Justo e a reforma argentina	134
3.1) Formação Argentina	135
a) A marca da colônia	135
b) Emancipação argentina	137
c) Inserção argentina no mercado mundial	142
d) Argentina e o Imperialismo	146
3.2) Juan B. Justo e a reforma socialista	154
a) Visão de Justo sobre a formação argentina	158
b) Caminho socialista para a formação argentina	165
c) Desfecho	190
d) Balanço	200

Capítulo 4	
Formação nacional na América Latina nos primórdios do Imperialismo: Ricardo Flores Magón e a Revolução Mexicana	210
4.1) Formação Mexicana	210
a) A marca da colônia	210
b) Emancipação mexicana	214
c) Inserção mexicana no mercado mundial e reforma liberal	219
d) <i>Porfiriato</i> e Imperialismo	223
4.2) Ricardo Flores Magón e a Revolução Mexicana	230
a) Visão de Magón sobre a formação mexicana	234
b) Caminho magonista para a formação mexicana	245
c) Desfecho	259
d) Balanço	273

Comparações	279
1. Visões da formação	281
a) Fundamento comum: indiferenciação ideológica	282
b) Especificidade: origens do pensamento radical	286
2. Caminhos para a formação nacional	291
a) Especificidade: estratégia	291
b) Fundamento comum: padrão de luta de classes	292

REFERÊNCIAS	300
-------------	-----

RESUMO

Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo e Ricardo Flores Magón

O objetivo desta tese é analisar, em uma perspectiva comparada, como nascem, evoluem e são frustrados três projetos de democratização radical na América Latina nos primórdios do imperialismo. José Martí (1853-1895) em Cuba, Juan B. Justo (1865-1928) na Argentina e Ricardo Flores Magón (1874-1922) no México, lideraram esforços intelectuais e políticos orientados a superar os constrangimentos à integração nacional legados pela origem colonial, que se expressam em um pensamento que fundamenta a atuação dos partidos que dirigiram. Vivendo no contexto de difusão das relações de produção capitalistas no continente, estes projetos constituem esforços pioneiros de subordinar o desenvolvimento capitalista aos desígnios da sociedade nacional. A incidência que tiveram para o desencadeamento dos processos que objetivaram – a guerra da independência em Cuba, a reforma política na Argentina e a Revolução Mexicana - atesta a sintonia de suas propostas em relação aos dilemas que enfrentaram. O malogro do ideário democrático que representavam indica a prevalência de constrangimentos estruturais que obstam a consumação da nação na América Latina naquela circunstância. Partindo da premissa de que os autores analisados constituem expoentes do pensamento e da política radical em suas conjunturas, nossa hipótese é que a aproximação entre os três casos sugere as balizas que referenciavam a máxima consciência possível no campo da militância democrática no continente naquele contexto histórico.

palavras-chave: pensamento latino-americano; formação nacional; José Martí; Juan B. Justo; Ricardo Flores Magón

ABSTRACT

Origins of radical thought and politics in Latin America: a comparative study between José Martí, Juan B. Justo and Ricardo Flores Magón

This research aims to analyse, on a comparative perspective, the rising, evolution and eventual frustration of three projects of radical democratization in Latin America in the beginnings of imperialism. José Martí (1853-1895) in Cuba, Juan B. Justo (1865-1928) in Argentina and Ricardo Flores Magón (1874-1922) in México, led intellectual and political efforts aiming to overcome the constraints inherited from the colonial past as a premise to assert national integration. an effort that was expressed in their thoughts, which in turn have shaped the political parties which they led. This purpose has been expressed on their thought, which in turn has shaped the political parties they conducted. Living in the context of difusion of capitalist production relations in the continent, these projects constitute pioneer attempts to subordinate the capitalist development to the design of national society. The fact that their political activity contributed to unleash the processes which they aimed to – the War of Independence in Cuba, political reform in Argentina and the Mexican Revolution – attests that their proposals were well tuned to the dilemmas they faced. The failure to impose the democratic ideals which they represented points to the prevalence of structural constrains that hinder the consumation of the nation in Latin America on that circumstance. Assuming as a premise that the authors analysed in this work are exponents of radical thought and politics in their conjunctures, our hypothesis is that the approach of the three cases suggest the boundaries that referred the maximum posible consciousness of democratic militancy in the continent in that historical context.

key words: Latin American thought; national assertion; José Martí; Juan B. Justo; Ricardo Flores Magón

Quem tava no volante do planeta
que o meu continente capotou

Chico Buarque. Almanaque, 1997.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar, em uma perspectiva comparada, como nascem, evoluem e são frustrados três projetos de democratização radical na América Latina nos primórdios do imperialismo¹. José Martí (1853-1895), em Cuba, Juan B. Justo (1865-1928), na Argentina, e Ricardo Flores Magón (1874-1922), no México, lideraram esforços intelectuais e políticos orientados a superar os constrangimentos à integração nacional legados pela origem colonial, que se expressam em um pensamento que fundamenta a atuação dos partidos que dirigiram. Vivendo no contexto de difusão das relações de produção capitalistas no continente, estes projetos constituem esforços pioneiros de subordinar o desenvolvimento capitalista aos desígnios da sociedade nacional². A incidência que tiveram para o desencadeamento dos processos que objetivaram – a guerra da independência em Cuba, a reforma política na Argentina e a Revolução Mexicana – atesta a sintonia de suas propostas em relação aos dilemas da conjuntura. O malogro do ideário democrático que representavam indica a prevalência de constrangimentos estruturais que obstam a consumação da nação na América Latina neste contexto histórico.

O afloramento simultâneo destes projetos está referido às transformações econômicas e sociais decorrentes da dinamização do setor exportador primário no contexto de afirmação do capital monopolista no último quarto do século XIX, que ensejou a instalação progressiva dos requisitos para a reprodução capitalista no continente³. Do ponto de vista social, a difusão do padrão mercantil corresponde a um

¹ Neste trabalho, nos referimos ao imperialismo como uma etapa do capitalismo, caracterizada pela afirmação do capital monopolista segundo as análises pioneiras de Hobson, Hilferding, Lênin e Bukharin. HOBSON, John A. *A evolução do capitalismo moderno*. São Paulo: Abril, 1983; HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. LÊNIN, V.I. *O Imperialismo – fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2000; BUKHARIN, Nikolai. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo: Abril, 1984.

² A despeito da dinâmica anticapitalista implícita na proposta de modernidade alternativa de Martí e no horizonte político de Flores Magón, veremos que, concretamente, ambos militaram por projetos que conciliavam desenvolvimento e democracia nos marcos da soberania nacional, ocorrendo um movimento similar, mas de sentido oposto, em Justo, no qual prevaleceu um reformismo moderado apesar da retórica socialista e do desinteresse pela questão nacional.

³ Simultâneos no sentido de que inscrevem-se neste movimento histórico comum. Ao focalizar os anos de maior incidência política dos projetos em tela, verificaremos uma diferença cronológica: no caso de Martí, focaremos o período entre a maturação de suas convicções políticas e sua morte em combate (1886-1895); para Justo, consideramos os anos entre a eleição do deputado socialista Alfredo Palacios e a formação do Partido Comunista argentino (1904- 1918); no caso de Flores Magón, concentraremos nossa análise entre o exílio nos Estados Unidos e a derrota militar liberal na revolução (1904-1911). O diferente lapso cronológico repercutirá no contraste entre Martí e os demais autores, nos quais constataremos a

desenvolvimento embrionário de setores identificados com a nova ordem. De um lado, a emergência incipiente de burguesias⁴ propensas a modificar as relações de poder e o Estado, com o intuito de adequá-los às transformações econômicas e sociais em andamento. Configurava-se para estes setores uma oportunidade de encadear a modernização capitalista a um processo de afirmação do poder burguês. Em outras palavras, franqueava-se a possibilidade histórica da revolução burguesa na América Latina.

Em oposição à emergência burguesa, as mudanças nas relações de trabalho acenavam para um novo patamar de organização e reivindicação popular, sinalizada pela formação de partidos geralmente nucleados nas principais concentrações urbanas, mas capazes de influir nos acontecimentos políticos nacionais. Combinando em diferentes matizes demandas de conteúdo classista e de sentido nacionalista, estas organizações possuem, a despeito das particularidades de cada caso, uma orientação comum: a democratização das sociedades em que estão inseridas. Ao projetar a questão social na cena política, estes atores procuram dotar o processo de mudança social de um sentido democrático, buscando na integração do conjunto da população através do trabalho as condições para a superação do legado colonial e a afirmação da nação. Em outras palavras, a formação nacional é o horizonte comum do pensamento e da ação política das três lideranças políticas que estudamos⁵.

Partindo de um dilema histórico comum, selecionamos conjunturas contrastantes no panorama latino-americano, visando explorar as potencialidades do método comparado: entre um destino francamente neocolonial (Cuba) e a situação de maior integração nacional (o reformismo na Argentina), eclode a primeira revolução social do século (no México), sinalizando os extremos que balizariam a história do continente no século que se abria. Marc Bloch sintetiza nestas palavras o método da história comparada:

presença do vocabulário e das temáticas características do movimento operário mundial coevo, como observou Sergio Guerra Vilaboy na leitura que fez desta introdução.

⁴ Nos referimos à burguesia na acepção genérica do termo, interpretada como proprietária dos meios de produção, ou a classe que comanda o trabalho nos marcos de relações de produção capitalistas. Para uma aproximação ao debate sobre as classes sociais na América Latina, consultar: BENITEZ ZENTENO, Raúl (Cord.). *Las clases sociales en America Latina*. 8. ed. México: Siglo XXI, 1983.

⁵ Evidentemente, este é um enquadramento retrospectivo de um dilema histórico que não era enxergado nem fraseado nestes termos pelos autores, mas que, em nossa visão, traduz o sentido concreto da sua ação política imediata, permitindo a comparação.

Antes do mais, no nosso domínio, o que é comparar? Incontestavelmente, é o seguinte: escolher em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras. São portanto necessárias duas condições para que haja, historicamente falando, uma comparação: uma certa semelhança entre os factos observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar⁶.

Para estabelecer a comparação, analisamos expoentes do pensamento radical em cada conjuntura e sua expressão política substanciada na ação dos partidos que fundaram e dirigiram. Partindo de premissas teóricas e realidades concretas contrastantes, seus projetos revelam visões da nação e estratégias políticas distintas, cujo desfecho análogo enseja a investigação comparada⁷.

José Martí vive em Cuba a superposição entre a dominação colonial espanhola e a penetração econômica do capital estadunidense, em um contexto em que o

⁶ BLOCH, Marc. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 121. Detalhando as possibilidades de aplicação do método, o historiador francês distingue entre dois casos: “Primeiro caso: escolhemos sociedades separadas no tempo e no espaço por distâncias tais que as analogias observadas de um lado e do outro, entre este ou aquele fenômeno, não possam, como toda a evidência, explicar-se por influências mútuas ou por alguma comunidade de origem. (...) Mas há uma outra aplicação do processo de comparação: estudar paralelamente sociedades a um tempo vizinhas e contemporâneas, incessantemente influenciadas umas pelas outras, cujo desenvolvimento está submetido, precisamente por causa da sua proximidade e do seu sincronismo, à ação das mesmas grandes causas e que remontam, pelo menos em parte, a uma origem comum. (...) Ora, quer se trate de história ou de linguagem, bem me parece que, dos dois tipos de método comparativo, o mais limitado no seu horizonte é também o mais rico cientificamente. Mais capaz de classificar com rigor e de certificar as comparações, pode aspirar a chegar a conclusões de facto muito menos hipotéticas e muito mais precisas. Pelo menos é isto que me esforçarei por salientar pois, como bem se entenderá, é a esta forma metodológica que pertence a comparação, que vos proponho instituir, entre as diversas sociedades européias – sobretudo da Europa ocidental e central –, sociedades síncronas, próximas umas das outras no espaço e saídas, quando não de uma, pelo menos de várias fontes comuns.” BLOCH, op. cit., p. 122-124. Ao eleger como objeto do estudo comparado três projetos políticos análogos e contemporâneos em diferentes regiões da América Latina, nossa proposta identifica-se com o caminho trilhado pelo historiador francês.

⁷ “Com efeito, vejamos o que muitas vezes se passa. Numa dada sociedade, manifestou-se um fenômeno com tanta amplitude e, sobretudo teve tantas conseqüências e tão visíveis – nomeadamente no domínio político, sendo os prolongamentos desta natureza habitualmente mais fáceis de captar nas nossas fontes – que, a menos que sofra de cegueira, o historiador não pode deixar de o captar em cheio no olhar. Tomemos agora a sociedade vizinha. Talvez se tenham dado aí factos análogos e com uma força e extensão quase paralelas; mas, seja por causa do estado da nossa documentação, seja devido a uma constituição social e política diferente, a sua ação é aí menos imediatamente perceptível. Não que tenha sido menos grave. Mas operou-se em profundidade: como essas obscuras afecções do organismo que, não se traduzindo instantaneamente por sintomas bem definidos, se mantêm indetectadas durante anos e quando seus efeitos por fim aparecem continuam quase impossíveis de reconhecer porque o observador não pode ligar os efeitos visíveis a uma causa original demasiadamente antiga.” BLOCH, Marc, op. cit., p. 123-124. Em nossa opinião, é esse precisamente o caso dos processos históricos vividos pelos militantes analisados neste trabalho: a revolução nacional em Cuba, a reforma política na Argentina e a Revolução Mexicana expressaram de forma contrastante as comoções sociais que acompanharam a afirmação do capitalismo no continente. No entanto, vistos retrospectivamente, os desfechos dos três casos não conduziram à superação da dupla articulação entre dependência e assimetria social, referida a um padrão de luta de classes que remete à origem colonial comum.

desenvolvimento da usina açucareira acirra contradições sociais e econômicas que explodem na Guerra dos 10 Anos (1869-1878). Encerrada em um impasse militar, o conflito precipita o fim da escravidão (abolida oficialmente em 1886) sem solucionar os dilemas que a provocaram. Nesta circunstância, o Partido Revolucionário Cubano forjado por José Martí terá como desafio precípuo a emancipação nacional, que está associada a uma estratégia política de unidade latino-americana como forma de prevenir a intervenção dos Estados Unidos nos assuntos do continente, que se anuncia. O desígnio de *Nuestra América* está assentado em uma concepção de modernidade alternativa à ocidental, valorizando a autoctonia como condição para construir um paradigma diverso de relações sociais, fundado em premissas igualitárias e de sentido integrador, que recuse a luta de classes como elemento constitutivo e permita a afirmação de um ideário humanista singular.

A região do Prata vincula-se, por meio da atividade agroexportadora, ao polo mais dinâmico da economia mundial, experimentando um processo ímpar de crescimento, impulsionado por uma torrente imigratória que acelera a urbanização do país e pressiona pela superação dos padrões exclusivistas da política prevalente. Neste contexto, o Partido Socialista, dirigido por Juan Bautista Justo⁸, focará sua ação na luta pela dilatação da democracia argentina, que se traduz no combate a toda forma de privilégio, do latifúndio à educação superior restrita aos estratos dominantes. Embora sua interpretação do movimento histórico conduza ao eclipse da questão nacional, uma vez que vê no desenvolvimento das forças produtivas uma via que conduz à diluição dos antagonismos de classe e entre os Estados nacionais, o sentido objetivo da sua atuação política esteve sempre orientado à integração do trabalhador como cidadão. Membro ativo da II Internacional, acompanhando os debates e as correntes da crítica social europeia contemporânea, sua liderança reflete no plano ideológico as ligações do continente com o polo modernizador do capitalismo.

O México vive, sob a liderança despótica de Porfirio Díaz, simultaneamente as pressões pela integração nacional, diante da permanente ameaça expansionista dos Estados Unidos, e as consequências de um desenvolvimento capitalista que agudiza as tensões sociais, principalmente no campo, onde subsiste uma longa tradição de levante popular. Neste contexto, o Partido Liberal Mexicano, liderado por Ricardo Flores Magón, expressou a convergência entre as consignas políticas legadas pela Reforma

⁸ Os argentinos referem-se ao líder socialista como Juan B. Justo, forma abreviada que adotamos neste trabalho.

Liberal comandada por Benito Juárez e a ascendente pressão por democratização social, em um programa que avança as bases para uma revolução democrática nacional, integrando em uma plataforma coerente reivindicações populares a propostas nacionalistas nos marcos do capitalismo. Pese à posterior inflexão ideológica dos magonistas, o programa liberal de 1905 será a referência fundamental que nucleará a oposição intransigente nos anos finais do *Porfiriato* (1876-1910)⁹ até a eclosão da Revolução Mexicana (1910).

Partindo de um dilema comum, estes projetos expressam caminhos diferentes de democratização nacional que partilharam de um destino frustrado: a independência cubana foi bloqueada pela intervenção dos Estados Unidos, em convivência com quadros do próprio PRC (*Partido Revolucionario Cubano*); a dilatação da democracia argentina foi confinada à dimensão política, na qual o triunfo do radicalismo consagrou-se como alternativa socialmente conservadora; no México, sucessivos governos foram derrubados em meio a quase uma década de guerra civil, resultado de persistentes esforços para conter o alcance social da revolução detonada. Tomadas em conjunto, estas experiências revelam a derrota de três tentativas para conciliar desenvolvimento e integração nacional nos marcos do capitalismo no continente, sugerindo constrangimentos estruturais para a formação da nação pela via burguesa neste contexto histórico.

Nossa proposta não é responder às razões deste desfecho histórico, nem apontar falhas nas práticas ou nas ideias. Partimos da premissa de que os autores analisados constituem expoentes do pensamento e da política radical em suas conjunturas, expressão da consciência crítica possível na totalidade histórica em que estão inscritos¹⁰. Nesta perspectiva, os limites e contradições que a análise evidencia estão referidos às determinações gerais que o próprio exercício comparativo contribui para explicitar. Este

⁹ A historiografia refere-se ao *Porfiriato* como o período entre 1876 e 1910, quando Porfirio Díaz exerceu poder incontestável no México, inclusive nos anos em que não ocupou a presidência, entre 1880-1884.

¹⁰ “A relação com a totalidade concreta e as determinações dialéticas dela resultantes superam a simples descrição e chega-se à categoria da possibilidade objetiva. Ao se relacionar a consciência com a totalidade da sociedade, torna-se possível reconhecer os pensamentos e os sentimentos que os homens *teriam tido*, numa determinada situação da sua vida, se tivessem sido capazes de compreender perfeitamente essa situação e os interesses dela decorrentes, tanto em relação à ação imediata, quanto em relação à estrutura de toda a sociedade conforme esses interesses. Reconhece, portanto, entre outras coisas, os pensamentos que estão em conformidade com sua situação objetiva. Em nenhuma sociedade, o número de tais situações é ilimitado. Mesmo que sua tipologia seja aperfeiçoada por pesquisas detalhadas, chega-se a alguns tipos fundamentais claramente distintos uns dos outros e cujo caráter essencial é determinado pela tipologia da posição dos homens no processo de produção. Ora, a reação racional adequada, que deve ser adjudicada a uma situação típica determinada no processo de produção, é a consciência de classe.” LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 143-144.

enfoque supõe nexos indissociáveis entre as ideias e a realidade histórica que as produz, exigindo que se considerem “as formas e modos de condicionamento social e histórico do pensamento abstrato”¹¹. Entre outros fatores, procuramos identificar as raízes ideológicas que informam a problemática dos autores, o diálogo que entabulam com as tendências políticas contemporâneas, e a relação antitética estabelecida entre as práticas correntes e os conceitos herdados com o pensamento e a estratégia política inovadora que avançam¹². Nesta abordagem, o pensamento revela-se colado à formação histórica em que está inserido, fundamentando respostas políticas ao dilema colocado pela conjuntura, marcadas ao mesmo tempo pela particularidade nacional e por constrangimentos estruturais que remetem à origem colonial comum.

Seguindo esta proposta, as perguntas que orientam a investigação de cada caso são: qual a visão da nação subjacente ao ideário político do autor? Qual o caminho para a formação projetado por sua estratégia política? O que o seu desfecho revela sobre esta problemática naquele contexto? A estas perguntas endereçadas ao estudo dos casos individuais, somam-se aquelas que guiam o exercício comparativo: quais os constrangimentos ideológicos e políticos comuns do ponto de vista da formação nacional? O que a diversidade de pensamento e de estratégia revela sobre a problemática na conjuntura? E, por fim, consideramos o legado político e ideológico dos autores do ponto de vista da maturação futura da problemática enunciada. Nossa hipótese é que a aproximação entre os três casos indica as balizas que referenciavam a máxima consciência possível da militância radical no continente naquela conjuntura¹³.

O dilema da formação nacional traduz em vocabulário da ciência social brasileira a disjuntiva sobre o caráter do desenvolvimento na América Latina¹⁴. No

¹¹ DOBB, Maurice. *Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith*. Lisboa: Presença, 1973, p. 28.

¹² “Os problemas correntes são criados tanto pela acção humana inspirada no pensamento, exercida *sobre* uma situação existente, como pela própria situação objectiva (e mutável); e neste sentido pode dizer-se que estão constantemente em contradição. Os problemas que surgem deste modo constituem então o ponto de partida para a formação dum novo sistema de pensamento e de novos conceitos e teorias; e, nesta medida, estão sempre relacionados com um certo contexto histórico. Estes conceitos e ideias mutáveis representam em parte um comentário ou interpretação – uma “reflexão”, se preferirmos utilizar uma analogia mais passiva – da situação objectiva a partir da perspectiva particular em que é observada. Mas visto que as ideias e os conceitos herdados, ao operarem como meio de refracção, modificam esta perspectiva e a resultante visão da situação, as ideias novas são sempre, ao mesmo tempo, uma crítica de ideias antigas que formam a herança do pensamento; portanto, estas ideias novas são necessariamente moldadas em parte pela relação antitética em que se encontram com as ideias antigas, e também pelo facto de serem afirmações empíricas sobre a realidade.” DOBB, Op cit., p. 29.

¹³ LUKÁCS, op. cit.

¹⁴ “O pensamento sobre a formação organiza-se pela contraposição de dois estados latentes na sociedade dependente: a condição de barbárie que se deseja evitar e o projeto civilizatório que se pretende alcançar. O desafio das sociedades que lutam pela construção nacional materializa-se na necessidade de superar o

campo democrático, parte-se da premissa de que a perpetuação das determinações fundamentais do legado colonial substanciada na articulação entre dependência e assimetria social, não obstante as notáveis transformações operadas em todas as esferas da existência desde a crise do antigo sistema colonial, inibe a consolidação das bases materiais, sociais, espaciais, políticas e culturais do Estado nacional¹⁵.

Ao longo do século XX, constituiu-se uma rica tradição do pensamento latino-americano em torno a esta problemática, que se expressou em uma diversidade de correntes políticas e ideológicas desde a APRA peruana até a CEPAL (*Comisión Económica para América Latina y el Caribe*), passando pelos Partidos Comunistas a marxistas heterodoxos, cujo denominador comum são os nexos estabelecidos entre a superação da dependência e a democratização social como horizonte de um projeto nacional. A partir dos anos sessenta, a evidenciação dos limites da industrialização substitutiva de importações como estratégia para enfrentar o subdesenvolvimento ensejou reflexões fora deste marco teórico que associava desenvolvimento a integração nacional, consagrado pela CEPAL desde Raúl Prebisch¹⁶. A obra “Dependência e desenvolvimento na América Latina”, de Enzo Faletto e Fernando Henrique Cardoso, é paradigmática desta inflexão ideológica que atingiria a própria CEPAL nos anos seguintes, quando a hegemonia neoliberal consumaria a dissociação entre crescimento econômico e nação na América Latina¹⁷. Nosso trabalho rechaça este eclipse da dimensão democrática do problema do desenvolvimento, entendendo que o dilema fundamental colocado para as sociedades latino-americanas na atualidade permanece

presente sombrio de um povo que não consegue ultrapassar a condição de subnação e de aproximar-se de uma situação paradigmática, associada ao funcionamento ideal do Estado nacional.” SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. O Impasse da Formação Nacional. In: J. L. Fiori (org.) *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 415-448.

¹⁵ Referindo-se ao Brasil, Sampaio Jr. escreveu: “Os que refletiram sobre os desafios da formação a partir de uma perspectiva democrática, de um modo ou de outro, vincularam a construção do Estado nacional à integração do conjunto da população, em condições de relativa igualdade, aos avanços técnicos e aos valores humanistas da era moderna. Acima de suas diferenças teóricas, históricas e ideológicas, um denominador comum unifica esta visão: a idéia de que os problemas do país não serão resolvidos sem transformações socioculturais profundas, que criem as bases de uma sociedade equitativa e autoreferida.” SAMPAIO JR., op. cit, p. 417. No Brasil há um amplo leque de intelectuais que, a partir de distintos ângulos, abordaram o problema da formação de uma perspectiva democrática, de Nelson Werneck Sodré a Celso Furtado, passando por Sérgio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães e muitos outros. Através da América Latina observa-se uma pluralidade similar: podemos citar de José Carlos Mariátegui a Aníbal Pinto, passando por Pablo González Casanova e Sergio Bagu, para mencionar apenas alguns nomes mais conhecidos.

¹⁶ PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). *Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁷ CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

enquadrado pela superação das determinações históricas legadas pela origem colonial que obstam o controle sobre o próprio destino¹⁸.

Ao focar o problema da formação nacional, nosso estudo apoia-se fundamentalmente em dois autores brasileiros: o historiador Caio Prado Jr. e o sociólogo Florestan Fernandes. Embora o primeiro não tenha escrito sobre a América Latina, a ênfase que atribui à empresa colonial para o sentido da formação brasileira permite a extensão da sua matriz interpretativa aos demais casos analisados neste trabalho, cuja origem remete à colonização do Novo Mundo¹⁹. No plano historiográfico, Fernando Novais encaminha esta ampliação, ao abordar o antigo sistema colonial como engrenagem do processo de acumulação primitiva de capital em curso no continente europeu na época Moderna²⁰. Florestan Fernandes, escrevendo nos anos 1960 e 1970

¹⁸ Comentando o progressivo distanciamento entre os estudos históricos e os problemas sociais do continente, Malerba recentemente escreveu: “A recepção incontestada de cânones e problemas exportados pela forte comunidade acadêmica norte-americana sugere a progressiva imposição de valores da social-democracia liberal que os Estados Unidos exportam para o mundo, a altos custos, como vimos na década de 1960 na América Latina – e hoje dramaticamente no Oriente Médio. Há 30 anos, Magnus Mörner constata com reserva essa assintonia verificada na colagem de temas de pesquisa caros às comunidades intelectuais de países de economia central às histórias e culturas ditas “periféricas”, assintonia que já se nota na própria escolha de um tópico de pesquisa para uma tese acadêmica. (...) Sem entrar no mérito do valor intrínseco daquelas temáticas (...), desejo aqui apenas destacar o fato de que chegaram à América Latina “vindas de fora”, como problemáticas urgentes, típicas de sociedades liberais desenvolvidas que já não têm as mesmas questões estruturais para resolver, como, por exemplo, aquelas que caracterizam a totalidade das nações latino-americanas em virtude de circunstâncias históricas que as chamadas “teorias da dependência” começaram a denunciar e estudar na década de 1960, *vis-à-vis* as relações econômicas assimétricas com as economias centrais e as consequentes formas injustas de inserção dessas mesmas nações no mercado mundial como exportadoras de matéria-prima e importadoras de produtos industrializados e tecnologia. Dessas condições decorrem problemas estruturais ligados a questões como a histórica concentração da propriedade da terra, a constituição de elites políticas e econômicas hegemônicas que se perpetuam no poder, e a crônica má distribuição de renda, resultando em baixos níveis de educação, saúde e habitação precárias, dificuldades de acesso ao trabalho e ao conhecimento, enfim, diferentes modos de exclusão social para a imensa maioria da população latino-americana. Essas questões estruturais acabam sendo negligenciadas em favor de outros tópicos que têm maior penetração de mídia e oferecem maiores chances de desenvolvimento institucional, com acesso a bolsas de estudo e status acadêmico.” MALERBA, Jurandir. *A história na América Latina – ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 33-35.

¹⁹ PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966; _____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. _____. São Paulo: Publifolha sob licença da Editora Brasiliense, 2000; _____. *História Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1967.

²⁰ “Trata-se de definir com precisão o que deve ser inserido, e em quê; e talvez o Brasil na expansão marítima européia seja um recorte que apanhe apenas algumas dimensões da realidade, não levando o olhar até a linha do horizonte; “Brasil”, é claro, não existia, senão como colônia, e é da colônia portuguesa que trata Caio Prado Jr.: a questão é saber se não seria preciso a consideração do conjunto do mundo colonial. Expansão comercial européia é, na realidade, a face mercantil de um processo mais profundo, a formação do capitalismo moderno; a questão é saber se não seria preciso procurar as articulações da exploração colonial com esse processo de transição feudal-capitalista. Desse modo, a análise, embora centrada numa região, seria sempre a análise do movimento em seu conjunto, buscando permanentemente articular o geral e o particular. A colonização não apareceria apenas na sua feição comercial, mas como um canal de acumulação primitiva do capital mercantil no centro do sistema. (...) Contudo, insistimos, esta é uma crítica que parte da análise de Caio Prado Jr. e a incorpora.” NOVAIS,

em um contexto de efervescência social e estimulado pela experiência do exílio, empreendeu alguns esforços sistemáticos de análise do padrão de luta de classes não apenas no continente americano, mas para o conjunto do mundo subdesenvolvido. Em particular, sua interpretação sobre o caráter da afirmação do poder burguês na América Latina oferece uma chave de leitura para os processos em que estão inseridos os projetos políticos enfocados neste trabalho²¹.

Os autores que tomamos como referência para construir o enquadramento da problemática da nossa pesquisa, Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes, inscrevem-se no marco comum de um esforço intelectual latino-americano por incorporar matrizes referenciais do pensamento social europeu na construção de diagnósticos perceptivos da singularidade da condição periférica²². Ao recorrermos a pensadores brasileiros para discutir o movimento da história da América Latina, estamos conscientes de que é preciso cuidado para não projetar visões sobre a realidade brasileira para o conjunto do continente²³. Atentos à diversidade entre as situações históricas envolvidas neste

Fernando A. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 288-289.

²¹ Entre outros: FERNANDES, Florestan. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; _____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968; _____. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 69-120; _____. *A revolução cubana: da guerrilha ao socialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007; _____. *Revolução Burguesa e Capitalismo Dependente*. In: *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 200-366.

²² Caio Prado Jr. é reconhecido como um pioneiro na adoção do materialismo dialético como método crítico na análise da realidade brasileira. Florestan Fernandes é identificado como precursor da sociologia acadêmica no país. Sua obra incorpora influências diversas, principalmente elementos da sociologia weberiana e do marxismo, compondo um “ecletismo bem temperado”, na expressão de Gabriel Cohn (COHN, Gabriel. *Padrões e Dilemas: o Pensamento de Florestan Fernandes*, In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B. (Orgs.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1989. Expressão deste ecletismo é o recurso a termos próprios que não se harmonizam com o vocabulário marxista, como “ordem social competitiva”, “assimetria social” e “regime de classes”. Em particular, Florestan Fernandes faz uma diferenciação entre casta, estamento e classe, categorias que se sobrepõem na conformação das sociedades latino-americanas no século XIX. Para efeitos do nosso trabalho, cumpre apontar que o sociólogo brasileiro identifica o “regime de classes” com o padrão de estratificação social tipicamente capitalista, marcado pela generalização do assalariamento, que se afirma no continente no período enfocado neste estudo. O autor detalha o assunto em relação ao Brasil em: FLORESTAN, Fernandes. *Circuito Fechado*. São Paulo: Hucitec, 1976; *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Para um panorama dos esforços de leitura marxista na América Latina: Michael Löwy. *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. O mesmo tema sob o prisma da filosofia em: Raúl Fornet-Betancourt. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1995. Uma introdução ao percurso das ciências sociais no continente é: MOTA, Carlos Guilherme. *Ciências Sociais na América Latina*. In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B. (Orgs.), op. cit. Para uma visão da produção sociológica em debate: BENITEZ ZENTENO, op. cit.

²³ Há dois riscos envolvidos: tomar a parte pelo todo (por exemplo, abordar a história econômica do continente sob o prisma dos países de maior crescimento econômico, como pode ocorrer com a CEPAL); ou interpretar fenômenos aparentemente similares segundo padrões alheios à realidade em que estão inscritos (por exemplo, o racismo no Caribe como equivalente ao dos Estados Unidos). Considerada a

trabalho, que aliás é proposital, procuramos reter aspectos fundamentais destas interpretações que, em nossa opinião, oferecem uma chave de leitura para o dilema comum a estas realidades: de Caio Prado Jr., retemos a noção de sentido da formação e o caráter contraditório deste movimento histórico; de Florestan Fernandes, a dupla articulação entre dependência e assimetria social que condiciona a afirmação do poder burguês na América Latina e o seu correspondente padrão de luta de classes²⁴. Visto de outro ângulo, ao recorrermos a autores latino-americanos para construir um quadro de referência para abordar a evolução histórica desta realidade, nos somamos ao esforço por construir um pensamento radical no continente, na dupla acepção do termo: a intenção de buscar a raiz dos problemas, a partir de referenciais próprios²⁵.

Os autores que informam nossa chave interpretativa para o problema da formação nacional partem de um enquadramento similar²⁶. Referindo a origem das

ampla diversidade econômica, social e cultural dos países do continente, qualquer generalização exige cautela.

²⁴ Afirmamos, portanto, uma identidade fundamental do dilema enfrentado pelos países latino-americanos. Esta identidade não traduz qualquer unidade econômica ou cultural, mas aponta para um sentido comum do movimento histórico e da sua dinâmica de classes. Neste sentido, discordamos de interpretações que, apoiadas em uma leitura de Gramsci, aproximam a realidade de países latino-americanos ao mediterrâneo europeu. Sobre este tema, ver: BADALONI, Nicola, et. al. *Gramsci e a América Latina*. Organização e tradução Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993. O complexo problema de uma cultura latino-americana é o tema de diversos trabalhos e compilações realizadas por ZEA, Leopoldo: *América en la historia*. Madrid: Castilla, 1957; _____. *A filosofia americana como filosofia*. São Paulo: Pensieri, 1995; _____. (Org.). *Fuentes de la Cultura Americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, 3 volumes; _____. *América Latina en sus ideas*. Paris : Unesco; México: Siglo Veintiuno, 1986. O problema também é abordado por Roberto Fernández Retamar em: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Caliban*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

²⁵ A perspectiva que adotamos se opõe à referida por Malerba em seu ensaio, notada particularmente na produção da história política recente no Brasil: “Um parêntese importante que se pode inserir de imediato diz respeito à permanente submissão intelectual da historiografia latino-americana a agendas vindas de fora. Se a abertura e o diálogo – de igual para igual – com as historiografias estrangeiras é mesmo um imperativo para o crescimento qualitativo da história que praticamos aqui, esse papel de ‘importadores de modelos’ acaba tolhendo a capacidade criadora da historiografia latino-americana. No levantamento exaustivo feito por Capelato e Dutra para o caso brasileiro fica patente a hegemonia de uma literatura estrangeira como substrato teórico da produção local. A partir da bibliografia incluída no corpo de teses selecionado, as autoras puderam notar a presença maciça de historiadores como Jacquell Le Goff, Roger Chartier, Peter Burke, Bronislaw Baczko, Michel Vovelle, Michel de Certeau, Pierre Nora, Raoul Girardet, Natalie Davis, Robert Darnton, Jean Starobinski e Maurice Agulhon, entre os autores mais citados. Entre os apoios teóricos importados de outras áreas, destacam-se autores como Michel Foucault, Pierre Bordieu, Hannah Arendt, Pierre Francastel, Clifford Geertz, Roland Barthes, Cornelius Castoriadis, Georges Balandier, Claude Lefort, Pierre Ansart, Maurice Halbwach, Mikhail Bakhtin e Ernest Cassirer.” MALERBA, op. cit., p 93-94.

²⁶ Esta convergência não é mera coincidência, uma vez que o trabalho historiográfico de Caio Prado Jr. é incorporado e arrolado por Florestan Fernandes em suas referências bibliográficas. Comentando a bibliografia latino-americana, Florestan Fernandes escreveu por exemplo: “É surpreendente o quanto se avançou, dos finais da década de 1940 em diante, em uma obra consistente de revisão da explicação na história, que não se “unificou” à luz de uma teoria mas levou a resultados francamente convergentes e reforçou de modo considerável uma linha de trabalho intelectual que teve seus grandes pioneiros em José Carlos Mariátegui, Caio Prado Júnior e Sérgio Bagu.” FLORESTAN, Fernandes. Reflexões sobre as

sociedades latino-americanas ao fenômeno da colonização na época moderna, entendem que estes países partilham de um dilema histórico comum: subordinar o tempo e o ritmo da mudança social aos desígnios da coletividade nacional. A proposição subjacente é que o passado colonial legou o seu contrário, ou seja, sociedades organizadas a partir da finalidade precípua de explorar o trabalho e os recursos naturais em benefício de interesses mercantis alheios e, portanto, incapazes de controlar o seu destino histórico. Na visão de Caio Prado Jr., as raízes do problema remetem à própria dinâmica da sociedade colonial que engendrou, através de um movimento contraditório, as condições para a formação da nação: a nação engendrou-se a partir da colônia e, ao mesmo tempo, em oposição a ela. Nesta perspectiva, uma linha de continuidade perpassa a emancipação, perpetuando o caráter contraditório do movimento, em que formação nacional e passado colonial convivem em permanente tensão. Nesta chave, a formação da nação é identificada como um longo processo histórico que tem como ponto de partida a emancipação política e cujo horizonte é a consumação de uma sociedade autorreferida²⁷, superando a condição reflexa e complementar característica da condição colonial²⁸. Analisando por este ângulo um dos países de maior desenvolvimento capitalista no continente, Caio Prado Jr. escreveu em meados do século XX:

“revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 72. Embora ambos intelectuais partilhem uma convicção socialista, na leitura de Caio Prado Jr. salientava-se o atraso do país: a revolução brasileira realizaria as tarefas democráticas nacionais incumpridas pela burguesia como ponto de partida para uma transição ao socialismo. Impactado pela experiência da Revolução Cubana (1959) e as ditaduras militares no cone sul, Florestan Fernandes acreditava que, considerando-se a anatomia do poder burguês, a revolução nacional no continente teria um caráter operário, encadeando-se ao socialismo. Ver a respeito a apresentação e os textos do livro organizado por Plínio Sampaio Jr. e Plínio de Arruda Sampaio: FERNANDES, Florestan; PRADO JR. Caio. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

²⁷ Na perspectiva que adotamos, a formação da nação não identifica-se com a construção dos requisitos culturais associados à identidade nacional, entendida como uma “comunidade política imaginada” segundo a conhecida formulação de Benedict Anderson, nem resume-se ao processo de modernização política desencadeado a partir da crise do Antigo Regime na península ibérica e no continente americano, como sugere, por exemplo, a interpretação de François-Xavier Guerra. Em consonância com as leituras de Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes, nosso enfoque considera as dimensões cultural e política como partes integrantes, porém subsidiárias, do problema da formação, que tem como premissas fundamentais a democratização social e a soberania nacional. ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005. GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. 2. ed. México: FCE, 1992.

²⁸ Em uma chave marxista, Caio Prado Jr. identifica o processo com a internalização do circuito de valorização do capital, no qual a afirmação de um espaço econômico nacional alicerçado em uma economia amparada no mercado interno tem como premissa social a formação de uma burguesia nacional e um relativo equilíbrio na correlação de forças entre os polos capital e trabalho. Ver: PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967; *A Revolução Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. Novais comenta a abordagem de Prado Jr.: “Colônia e nação, economia colonial (primário-exportadora, voltada para fora) e economia nacional (voltada para o mercado interno), tais são

Observando-se o Brasil de hoje, o que salta à vista é um organismo em franca e ativa transformação e que não se sedimentou ainda em linhas definidas, que não “tomou forma”. É verdade que em alguns setores aquela transformação já é profunda e é diante de elementos própria e positivamente novos que nos encontramos. Mas isto, apesar de tudo, é excepcional. Na maior parte dos exemplos, e no conjunto, em todo caso, atrás daquelas transformações que às vezes nos podem iludir, sente-se a presença de uma realidade já muito antiga que até nos admira de aí achar e que não é senão aquele passado colonial²⁹.

Segundo esta perspectiva, a emancipação colonial não se traduziu imediatamente em nação, mas franqueou aos povos americanos a possibilidade de superar sua condição reflexa original e constituir-se segundo um padrão autodeterminado³⁰. Esta via supõe uma inversão na forma de inserção das sociedades periféricas no sistema capitalista mundial, subordinando os fluxos de mudança social provenientes do centro às necessidades do conjunto da população. Em um contexto histórico marcado pela polarização entre um centro capitalista dinâmico hegemônico e uma periferia que lhe segue a reboque, o Estado surge como instrumento necessário para estabelecer algum nível de controle sobre a irradiação dos fluxos de inovação social no âmbito do espaço nacional. Nesta circunstância, superar o sentido da formação colonial equivale a afirmar as bases sociais, econômicas e culturais do Estado nacional³¹.

as categorias fundamentais de reflexão.” NOVAIS, Fernando A. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 291.

²⁹ PRADO JR., Caio *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 3. Florestan Fernandes escreve sobre a questão: “Por fim, as mutações do capitalismo encontram nesse contexto histórico e estrutural uma explicação própria. O primitivo capitalismo mercantilista, que impregnou as atividades econômicas no período colonial e na transição neocolonial, não se evapora: ele continua entranhado no espírito dos agentes econômicos internos e externos, todos orientados por uma mentalidade especulativa predatória.” FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 51.

³⁰ Como veremos, Florestan Fernandes refere-se aos decênios que sucedem o desenlace da crise do antigo sistema colonial como “transição neocolonial”. “Em outros países da América Latina as “lutas pela independência” e pela criação do Estado “nacional” se desenrolaram em condições históricas diferentes (*à brasileira*) mas estruturalmente homólogas. A independência que se criava era a dos estamentos privilegiados e o Estado nacional independente nascia antes da Nação, como expressão da vontade coletiva e dos interesses de dominação econômica, social e política da gente válida, ou seja, como uma maneira de organizar a voz política dos donos de fato do poder e de dar continuidade às estruturas de produção e de exportação montadas previamente.” FLORESTAN, Fernandes. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 81.

³¹ “Pensada como um centro de poder que condensa a vontade política da coletividade, a forma nacional é aqui, única e exclusivamente, um meio das sociedades que vivem sobredeterminadas pelo campo de força do sistema capitalista mundial controlarem o seu tempo histórico. Trata-se, portanto, de um instrumento historicamente determinado, que deveria ser ultrapassado por formas superiores de organização social e política, de alcance supra-nacional, assim que o contexto histórico mundial o permitisse. Isto é, assim que a ordem mundial deixasse de estar sob o domínio da lógica da concorrência intercapitalista e das rivalidades interestatais do imperialismo.” SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. *Entre a nação e a barbárie. Os dilemas do capitalismo dependente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Este movimento orientado a assumir o controle sobre o próprio destino por meio da consolidação do Estado nacional não poderia processar-se facilmente, uma vez que a afirmação da soberania contraria a lógica de negócios do capitalismo mundial, cujos interesses encontram base de apoio em setores das sociedades periféricas, como observa Florestan Fernandes. Para enfrentar esta articulação que obedece a uma racionalidade incrustada desde a colônia é necessário solidificar um conjunto de anseios econômicos e sociais necessariamente referidos ao espaço nacional e sustentados por uma ampla base social: na economia, a constituição de um mercado interno robusto; na política, a tolerância ao conflito como modalidade legítima de reivindicação social; no plano social, a relativa democratização dos frutos do desenvolvimento; na esfera cultural, a afirmação de padrões de vida e de consumo condizentes com a realidade nacional³².

O núcleo do dilema, segundo Florestan Fernandes, é que a construção desta base social exige uma democratização das sociedades periféricas em todas as suas dimensões, viabilizando a plena integração do conjunto da população aos benefícios do desenvolvimento, o que contradiz o privilegiamento que caracteriza o padrão de sociabilidade das classes dominantes no continente desde a colônia³³, sustentado pelos nexos que a superexploração do trabalho e a devastação dos recursos naturais permitem estabelecer com o centro. Em uma palavra, configura-se uma situação na qual a superação da dependência e o enfrentamento do privilégio encontram-se indissociados. Caio Prado Jr. aborda a questão nos seguintes termos:

E assim ambas essas ordens de circunstâncias, as internas e as externas, se conjugam e completam de tal maneira que a eliminação de umas implica necessariamente a das outras. Não nos podemos libertar da subordinação com respeito ao sistema internacional do capitalismo, sem a eliminação paralela e simultânea daqueles elementos de nossa organização interna, econômica e social, que herdamos de nossa formação colonial. E a recíproca é igualmente verdadeira: a eliminação das formas coloniais remanescentes em nossa organização econômica e social é condicionada pela libertação das

³² Notemos que, no campo dos intérpretes radicais da formação brasileira, Caio Prado Jr. enfatizou o problema do mercado interno; Florestan Fernandes, a conciliação entre desenvolvimento e democracia; Celso Furtado, a dimensão cultural do subdesenvolvimento. As três leituras identificam a integração do conjunto da população por meio do trabalho como o alicerce da formação nacional. Ver a respeito: SAMPAIO JR., op. cit.

³³ “O que importa por em evidência é que existe uma completa incompatibilidade entre o superprivilegiamento de classe, como fator de diferenciação social e de estabilidade nas relações de poder entre as classes, e a adoção de sistemas políticos constitucionais e representativos. A tentativa de conciliar o irreconciliável criou certas tendências, que são típicas da América Latina, e culminou numa crise crônica das instituições políticas.” FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 104.

contingências em que nos coloca o sistema internacional do capitalismo no qual nos entrosamos como parte periférica e dependente³⁴.

Balizado pelo desafio de superar a dupla articulação entre dependência e assimetria social, o dilema da formação nacional na América Latina assume expressão política específica segundo as determinações internas e externas de cada momento histórico. No último quartel do século XIX, a expansão dos vínculos econômicos de regiões do continente com o mercado mundial exigiu, segundo Florestan Fernandes, a instalação dos requisitos para a reprodução capitalista na periferia, incidindo no padrão de estratificação social, que tende a adquirir os contornos típicos da classificação social capitalista³⁵. Em uma realidade em que o capitalismo não é essencialmente o desdobramento de uma evolução endógena, mas extrai seu dinamismo fundamental dos nexos com o mercado mundial³⁶, seu desenvolvimento assume características próprias, que não reproduzem a trajetória deste modo de produção nos casos originais europeus. Neste contexto, o dilema da formação nacional identifica-se com o caráter específico da afirmação do poder burguês na América Latina e a potencial realização do conteúdo democrático e nacional tipicamente associado à revolução burguesa, assumindo-se como premissa, com Florestan Fernandes, que a consumação do capitalismo neocolonial ou do capitalismo dependente³⁷ na América Latina não se constitui um dado inexorável, mas resultado de embates históricos:

³⁴ PRADO JR., Caio. *A revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 187.

³⁵ “As novas tendências emergiram gradualmente, todavia as mudanças nos padrões existentes de dominação externa tornaram-se evidentes após a quarta ou quinta década do século XIX e converteram-se numa realidade inexorável nas últimas quatro décadas daquele século. As influências externas atingiram todas as esferas da economia, da sociedade e da cultura, não apenas através de mecanismos indiretos do mercado mundial, mas também através de incorporação maciça e direta de algumas fases dos processos básicos de crescimento econômico e de desenvolvimento sociocultural. Assim, a dominação externa tornou-se imperialista, e o capitalismo dependente surgiu como realidade histórica na América Latina.” FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 16.

³⁶ “O que interessa, nessa evolução, é que o dimensionamento da expansão interna do capitalismo não foi determinado, exclusiva ou predominantemente, nem a partir de fora (o que implicaria um padrão de desenvolvimento colonial), nem a partir de dentro (o que implicaria um padrão de desenvolvimento autônomo, auto-sustentado e autopropelido), mas por uma combinação de influências internas e externas, que calibrou (e está calibrando) os dinamismos da sociedade de classes em função dos requisitos de padrões dependentes de desenvolvimento capitalista.” FERNANDES. Idem, p. 75.

³⁷ Veremos que Florestan Fernandes faz uma diferenciação entre os países latino-americanos onde realizou-se a transição da hegemonia do capital comercial para o capital industrial (capitalismo dependente) e aqueles onde a transição neocolonial estendeu-se, prevalecendo as determinações fundamentais de uma economia de enclave (capitalismo neocolonial). FLORESTAN, Fernandes. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Isso quer dizer que o dilema econômico expresso através do capitalismo neocolonial e do capitalismo dependente não foi um simples produto de *correntes da história moderna*. Os países europeus (e, mais tarde, os EUA), não impuseram nada que fosse inevitável. As forças mobilizadas para lutar contra as duas metrópoles foram desmobilizadas, pelos setores civis e militares; o que passou a preocupar aquelas elites, de maneira substancial, foi como impedir que a herança colonial se desagregasse, fugisse por entre os seus dedos. Não se poderá dizer que tal opção teria valor e vigência para sempre³⁸.

Enunciada em sua forma mais elementar, a formação da nação consiste em subverter o sentido original da evolução americana dado pelo caráter da colonização e assumir o comando sobre o próprio destino. Nesta perspectiva, a autonomia política é uma premissa necessária mas insuficiente, servindo como ponto de partida de uma longa transição entre o passado colonial e a consumação da nação. Do ângulo da luta de classes, o motor do processo é a contradição entre os interesses que pressionam pela perpetuação dos nexos entre dependência e assimetria que caracterizam o legado colonial e as forças que lutam para submeter o trabalho e a riqueza aos anseios do conjunto da população. Em uma realidade na qual a dinâmica do capitalismo mundial exige um instrumento político que discipline os nexos das sociedades nacionais com o mercado mundial, este processo confunde-se na América Latina com a própria constituição do Estado nacional e a disputa em torno do seu caráter. O dilema da formação nacional assume expressão concreta distinta segundo as determinações do momento histórico, identificando-se com a problemática da revolução burguesa na conjuntura em que atuam os militantes enfocados neste trabalho³⁹.

³⁸ FLORESTAN, Fernandes. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 92.

³⁹ Existe um amplo e intenso debate, repleto de consequências políticas, sobre a problemática da revolução burguesa. Em nosso trabalho, nos referimos à revolução burguesa segundo a leitura feita por Florestan Fernandes, que, por sua vez, desdobra-se em duas acepções do termo. Em primeiro lugar, a revolução burguesa é associada, de modo geral, a processos de ruptura radical com o Antigo Regime que estabelecem as premissas para o estabelecimento da ordem burguesa, integrando os conteúdos democrático e nacional tipicamente associados à revolução francesa. Esta referência obedece à interpretação marxista canônica, expressa, por exemplo, nos trabalhos de Soboul. SOBOUL, Albert. *Précis d'histoire de la Révolution française*. Paris: Éditions Sociales, 1973. Sobre a historiografia que consagrou esta leitura: “(...) desde os estudos da história política, a que souberam não se restringir, esses mestres, a começar por A. Mathiez (Movimento Social e Carestia sob o Terror), continuando com G. Lefebvre (o dos Camponeses do Norte sob a Revolução Francesa ou de O Grande Medo), e terminando com os Sans-Culottes Parisienses no Ano II, de A. Soboul, elaboraram uma leitura social da Revolução Francesa, introduzindo gradualmente em cena as massas rurais, a seguir as urbanas, propondo o esquema explicativo de uma “Revolução Burguesa com sustentação popular”, que constituiria a originalidade da via revolucionária francesa, num modelo onde se reunificaram “as” Revoluções – burguesa, urbana e camponesa –, cuja diversidade foi mostrada por G. Lefebvre.” VOVELLE, Michel. *Um século de historiografia revolucionária (1880-1987)*. In: _____. *França Revolucionária (1789-1799)*. São Paulo: Brasiliense, p. 514. Florestan Fernandes também desenvolveu uma leitura original sobre a revolução burguesa na América Latina, que está diretamente referida à sua interpretação sobre a especificidade do

Ao reconstituirmos neste estudo a trajetória ideológica e política de projetos que propõem pioneiramente uma via democrática nacional de desenvolvimento capitalista no continente sob o imperialismo e que não encontram base real para sua realização, nos deparamos com dilemas inerentes à problemática da formação, recorrentes em esforços posteriores. No plano ideológico, os pensadores enfrentam o desafio de discernir a especificidade da formação socioeconômica latino-americana em relação ao polo civilizatório dinâmico a que está vinculada desde a origem. Embora a indiferenciação das esferas da existência neste contexto limite a equação do problema⁴⁰, nossa investigação revela que os diferentes ângulos a partir dos quais os autores interpretam a realidade resultaram em uma espécie de morfologia dos temas que serão articulados por teorizações posteriores, endossando a leitura avançada por Devés Valdés, segundo a qual o pensamento econômico latino-americano e particularmente a CEPAL se beneficiarão diretamente do pensamento radical anterior produzido no continente⁴¹. Do ponto de vista político, o destino dos projetos analisados testemunha um padrão de luta de classe que converge com a interpretação de Florestan Fernandes sobre os constrangimentos à revolução burguesa no capitalismo dependente⁴², revelando uma realidade na qual a intransigência burguesa e a impotência dos trabalhadores condenam a integração nacional a um impasse. Assim, o estudo dos desafios teóricos e políticos para a formação da nação enfrentados desde a constituição incipiente do capitalismo no continente sinaliza para a profundidade histórica do dilema, indicando a complexidade e a rigidez dos obstáculos a serem superados por esforços contemporâneos.

1.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA A ANÁLISE DE MARTÍ, JUSTO E MAGÓN

A problemática da formação aproxima o caráter da reflexão dos autores na medida em que seu pensamento está indissoluvelmente ligado aos problemas históricos

padrão de luta de classes no capitalismo dependente e que detalharemos adiante. Na sua chave, a revolução burguesa no continente reproduz apenas os traços estruturais dos processos originais, afirmando-se como uma contrarrevolução permanente, que no Brasil, por exemplo, consuma-se com o golpe militar de 1964.

⁴⁰ Sobre o processo histórico que está na raiz do surgimento da economia política como ciência autônoma na Europa, contemporânea à Revolução Industrial, consultar: POLANYI, Karl. *The great transformation: the political and economic origins of our time*. Boston: Beacon press, 2001.

⁴¹ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la Cepal (1900-1950)*. Buenos Aires: Biblos, 2000.

⁴² Ver principalmente: FLORESTAN, Fernandes: *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968; *Problemas de conceptualización de las clases sociales en América Latina*. In: BENITEZ ZENTENO, op, cit. Neste volume, resultado de um congresso realizado no México em 1971, ver também os comentários de Fernandes aos debates registrados.

que enfrentam⁴³. Segundo este enfoque, sua relevância é avalizada pelo êxito em formar partidos políticos que incidiram nos processos de mudança social em curso, revelando uma habilidade para interpretar o momento histórico em que viviam. Esta equação é válida em uma circunstância em que a visão de seus líderes indiscutíveis frequentemente se confundia com a posição coletiva⁴⁴. Ao eleger como critério de seleção o alcance político de pensamentos moldados pelas exigências de um momento histórico, em que se vislumbrava possibilidades inéditas de democratização das sociedades latino-americanas, identificamos os autores como pioneiros do pensamento radical no continente, segundo a dupla acepção do termo: constituem o elo entre correntes de pensamento endógeno passado e futuro, ao mesmo tempo em que cumprem uma função de radicalização da conjuntura⁴⁵. Nesta perspectiva, nossa investigação revela-se uma contribuição ao estudo das origens do pensamento e da política radical na América Latina.

A problemática da formação nacional como eixo articulador entre os autores pressupõe uma interpretação das linhas gerais do desenvolvimento latino-americano que enfatize as permanências do legado colonial. Nossa leitura do sentido do movimento

⁴³ Referindo-se particularmente ao pensamento econômico, escreve Dobb: “Neste sentido, a avaliação histórica da teoria e do seu desdobramento é fundamental para qualquer apreciação completa da própria teoria, se se considerar que esta é a relação (e implicações) das estruturas formais com a realidade, assim como a análise das estruturas formais *per se*. Enquanto a última pode ser tratada como realização técnica pura e simples, a primeira, que se ocupa fundamentalmente da relevância – quer uma teoria tenha significado ou não – e viabilidade geral como teoria *social*, não pode ser tratada dessa forma.” DOBB, op. cit., p. 52.

⁴⁴ Martí exerce uma liderança indiscutível sobre o PRC (*Partido Revolucionario Cubano*) até a sua morte, assim como Justo sobre o *Partido Socialista* e Magón sobre o PLM (*Partido Liberal Mexicano*).

⁴⁵ Comentando o papel do radical no Brasil, escreve Antonio Candido: “No entanto, em países como o Brasil o radical pode ter papel transformador de relevo, porque é capaz de avançar realmente, embora até certo ponto. Deste modo pode atenuar o imenso arbítrio das classes dominantes e, mais ainda, abrir caminho para soluções que, além de abalar a rija cidadela conservadora, contribuem para uma eventual ação revolucionária. Isso porque nos países subdesenvolvidos, marcados pela extrema desigualdade econômica e social, o nível de consciência política do povo não corresponde à sua potencialidade revolucionária. Nessas condições o radical pode assumir papel relevante para suscitar e desenvolver esta consciência e para definir as medidas progressistas mais avançadas no que for *possível*. Digamos que ele pode tornar-se um agente do *possível* mais avançado.” CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 4, n. 8, jan./apr. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002>. Acesso em: 9 mar. 2011. Antonio Candido tem em mente intelectuais que, embora contrapostos ao conservadorismo, não alinharam-se ao campo revolucionário, como Joaquim Nabuco, Manuel Bomfim ou Sérgio Buarque de Holanda. Neste sentido, sua caracterização do pensamento radical não se aplica aos militantes que selecionamos. O próprio Antonio Candido circunscreve sua análise ao contexto brasileiro, indicando um contraste com outras realidades latino-americanas, inclusive aquelas abordadas neste trabalho: “Pode-se chamar de radicalismo, no Brasil, o conjunto de idéias e atitudes formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou. Este conjunto é devido a alguns autores isolados que não se integram em sistemas, pois aqui nunca floresceu em escala apreciável um corpo próprio de doutrina politicamente avançada, ao contrário do que se deu em países como o Uruguai, Peru, México e Cuba.” Ibidem.

histórico está baseada em Caio Prado Jr., enquanto a análise da difusão das relações de produção capitalistas no continente apoia-se em Florestan Fernandes, para quem a instalação progressiva dos requisitos para a reprodução capitalista gerou impulsos contraditórios, nos quais as tendências de autonomização da acumulação de capital foram estrangidas pela dupla articulação entre dependência externa e assimetria social. Na leitura do sociólogo brasileiro, este é um processo em que estímulos exógenos se articulam às condições endógenas ainda incipientes de desenvolvimento da esfera mercantil, em um contexto no qual a instauração dos dinamismos típicos da sociedade capitalista emerge como premissa necessária para a renovação dos vínculos econômicos do continente com o centro do capitalismo. Segundo esta visão, a expansão econômica experimentada na conjuntura consagra a dissociação entre desenvolvimento e integração nacional, estabelecendo as bases para a afirmação do capitalismo dependente⁴⁶.

O contraste das análises particulares que compõe o exercício da história comparada exige uma leitura do processo histórico em que está inserido cada autor, coerente com este marco interpretativo geral. Especificamente, os casos abordados neste trabalho supõem uma visão sobre o desenlace da emancipação cubana, o caráter da reforma política na Argentina e o sentido da revolução mexicana⁴⁷.

⁴⁶ Florestan Fernandes, obras supracitadas.

⁴⁷ Para uma visão de conjunto da história latino-americana, nos foram especialmente úteis os trabalhos de Tulio Halperin Donghi. Embora questionemos aspectos da chave interpretativa subjacente ao seu principal livro abordando a história continental – por exemplo, a insuficiente explicação sobre os nexos entre financiamento estrangeiro e crescimento econômico, ou a caracterização de um “regime neocolonial” – consideramos que sua obra é o melhor esforço de síntese da história latino-americana disponível, em particular no que concerne ao século XIX, período em que especializou-se. HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989; _____. *Hispanoamerica despues de la Independencia. Consecuencias sociales y economicas de la emancipación*. Buenos Aires: Paidós, 1972; _____. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985; _____. *Economy and Society*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Spanish America after Independence (c. 1820-c.1870)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. Assim como ocorre no campo da crítica literária, os autores das poucas obras de síntese latino-americana são, em sua maioria, pesquisadores estrangeiros ou enraizados em instituições fora do continente. Dentre os trabalhos recentes, o chileno radicado no Canadá, José del Pozo, procura incorporar temáticas da historiografia atual, como a questão de gênero. José del Pozo. *Historia de América Latina y del Caribe. Desde la independencia hasta hoy*. 2. ed. Santiago: Lom, 2009. No conjunto, sua análise padece de um marco interpretativo sólido, como é o caso do francês François Chevalier, que, ao menos, não revela-se impregnado por preconceitos ideológicos como seu conterrâneo Pierre Vayssière. François Chevalier. *América Latina: de la independencia a nuestros días*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. Pierre Vayssière. *Les révolutions d'Amérique latine*. Paris: Éditions du Seuil, 2001. Mais consultadas nos últimos decênios são as compilações em diversos tomos, das quais a mais difundida no Brasil foi organizada para a Universidade de Cambridge pelo inglês Leslie Bethell, posteriormente traduzida e editada pela Edusp/Fundação Alexandre Gusmão e que utilizamos neste trabalho. É preciso atentar para os critérios de seleção dos colaboradores, que parecem priorizar especialistas de língua inglesa e respondem a determinada orientação ideológica. Por exemplo, o Professor Fernando Novais conta que teve sua

No caso cubano, entendemos que a frustração da emancipação é resultado de uma complexa conjunção entre as hesitações do Consejo de Gobierno em endossar a radicalização popular da guerra, a cumplicidade do delegado do PRC no exílio com a intervenção estrangeira e a própria agressividade estadunidense. O estudo de Ibrahim Hidalgo Paz desvela minuciosamente esta articulação, complementando o trabalho pioneiro de Ramón de Armas⁴⁸. Para uma visão de conjunto da evolução da história cubana enfatizando a trajetória da economia açucareira no século XIX, nos apoiamos na obra de Moreno Friginals⁴⁹.

contribuição, elaborada em parceria com Carlos Guilherme Mota, rejeitada (o texto foi posteriormente publicado como: *A independência política do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2ª edição, 1996). BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990-96. A edição brasileira não é completa (textos relativos às populações aborígenes, por exemplo, ficaram de fora): BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1997-2009. Cumpre lembrar, neste contexto, o notório risco de projetar-se para o continente problemáticas caras aos países de origem dos investigadores estrangeiros. No limite: “É como se a história da América Latina fosse escrita, sobretudo nos Estados Unidos, à revelia dos historiadores latino-americanos.” MALERBA, Jurandir. *A história na América Latina – ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 98. Malerba sugere que esta projeção temática tem afetado, inclusive, a produção historiográfica realizada no continente nos últimos decênios. Uma compilação mais recente mostra maior abertura aos autores latino-americanos, iniciativa da Unesco dirigida pelo venezuelano Germán Carrera Damas. CARRERA DAMAS, Germán. *História General de América*. Madrid: Trotta, 1999-2008. Dentre os trabalhos originados no continente, Pablo González Casanova organizou nos anos 70 e 80 importantes compilações sobre a história do movimento operário, das lutas camponesas e da história contemporânea latino-americana, mas estes trabalhos abordam principalmente o século XX, como é o caso das coleções publicadas pelo Centro Editorial de América Latina em Buenos Aires (os textos destas fontes utilizados na pesquisa são citados na bibliografia ao final).

⁴⁸ HIDALGO PAZ, Ibrahim. *Cuba 1895-1898. Contradiciones y disoluciones*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004. ARMAS, Ramón de. *La revolución pospuesta*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002. Em particular, o trabalho de Hidalgo Paz mostra como as vacilações do Consejo de Gobierno diante da radicalização do exército popular abriram espaço para as manobras do delegado do PRC no exílio, Tomas Estrada Palma, que sabotou o municiação da guerra em favor de uma solução apoiada na intervenção estadunidense. Este livro tem muitos méritos, inclusive o de contextualizar os sentimentos pró-ianques do delegado do PRC, elidindo uma condenação moral que será comum nos anos posteriores aos eventos. Em nossa opinião, esta é a obra que melhor analisa a relação entre os atores sociais no conflito e agradecemos o professor Pedro Pablo Rodríguez do *Centro de Estudios Martianos* por esta e outras indicações. No entanto, ressentimos de trabalhos que esmiuçam os nexos de classe entre os partidários cubanos da intervenção estadunidense e os negócios que prosperam a partir deste evento. Descartando a literatura de ideologia estadunidense que endossa o discurso de uma intervenção justificada a partir da explosão do encouraçado Maine (e debate se ela teria sido acidental ou não), encontramos poucas obras que enfoquem a questão. Sobre a historiografia nos Estados Unidos: PÉREZ JR., Louis A. *The War of 1898. The United States and Cuba in history and historiography*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998. O livro de Hidalgo Paz e a posição do próprio Prof. Rodríguez sugerem que a questão nacional gozava de ampla simpatia entre os diferentes estratos sociais, salientando o caráter anticubano da intervenção ianque. Esta leitura endossa o ponto de vista de Martí, mas releva, em nossa opinião, sua principal vulnerabilidade: uma subestimação das contradições de classe no capitalismo.

⁴⁹ MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1986, 3 tomos; *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Edusc, Bauru, 2005; *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Crítica, Barcelona, 1999. Conversamos, entre outros, com o historiador cubano Salvador Morales, professor da *Universidad de Michoacán* no México, sobre as críticas na ilha ao trabalho de Moreno Friginals, que, no entanto, não parecem sistematizadas até o momento. Para uma introdução aos debates em torno da obra deste autor, motivada principalmente por latinoamericanistas, consultar: SCHMIDT-NOWARA, Cristopher. Manuel Moreno Friginals: an

Interpretamos a reforma política argentina promovida pela Lei Saenz Peña em 1912 como um recurso para conter a crescente subversão social, entendendo o subsequente triunfo eleitoral do radicalismo como uma alternativa conservadora ao esgotamento da política *criolla*. Esta leitura se apoia no livro de David Rock, que enfatiza a natureza conservadora original do radicalismo argentino e constitui o pano de fundo de nossa discrepância com a leitura que José Aricó faz da atuação dos socialistas na conjuntura⁵⁰. Para abordar os múltiplos aspectos da espetacular transformação do país no final do século XIX, nos servimos especialmente dos trabalhos de Natalio Botana, Ezequiel Gallo e Roberto Cortés Conde⁵¹.

Em meio ao vasto debate sobre o caráter da Revolução Mexicana, para efeito do nosso trabalho, basta indicar que nos situamos no campo que enfatiza o caráter truncado da revolução, onde as mudanças inquestionáveis no plano do Estado foram insuficientes para superar o subdesenvolvimento, indicando uma derrota do campo popular no processo⁵². Em particular, ao evidenciar o confronto entre magonistas e maderistas, nosso estudo diverge das leituras que enaltecem o papel progressista do líder

Appreciation. *Hispanic American Historical Review*, v. 82, n. 1, p. 125-127, feb. 2002. No conjunto, entendemos que Moreno Fragnals oferece a interpretação mais consistente sobre a formação cubana disponível.

⁵⁰ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. ARICÓ, José. *La hipótesis de Justo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. No campo democrático, identificamos duas leituras distintas sobre o sentido da Lei Saenz Peña, que, por sua vez, admitem posições variadas. De um lado, uma compreensão de que a reforma abriu possibilidades reais de dilatação da democracia argentina. É esta a visão de Aricó, para quem os socialistas perderam uma oportunidade histórica ao não se aliarem com os radicais. O próprio Justo foi um entusiasta da reforma, mas, diferente de Aricó, jamais identificou nos radicais potenciais aliados progressistas. De outro lado, a reforma é lida como uma manobra de sentido conservador, objetivando conter a pressão social daqueles anos. Esta posição é sustentada por Rock no livro citado. À esquerda, estudiosos argentinos com quem tivemos oportunidade de conversar, como o professor Eduardo Sartelli (UBA) e o professor Osvaldo Coggiola (USP), entendem que a reforma consumou a cooptação dos socialistas liderados por Justo, representantes de uma espécie de aristocracia operária neste contexto. Veremos que Sartelli chega a sugerir que os socialistas foram os principais beneficiários do processo. SARTELLI, Eduardo. *Celeste, blanco y rojo. Democracia, nacionalismo y clase obrera en la crisis hegemónica. Razón y Revolución*, Buenos Aires, n. 2, 1996.

⁵¹ No plano político: BOTANA, Natalio. *El Orden Conservador*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977. GALLO, Ezequiel. *Argentina: society and politics, 1880-1916*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge, 1986. No plano econômico: GALLO, Ezequiel. *La Pampa Gringa*. Edhasa, 2004. CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974. _____. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge, 1986. No plano ideológico: BOTANA, Natalio; GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

⁵² Ver a respeito: GILLY, Adolfo (Org.). *Interpretaciones de la Revolución Mexicana*. México: Nueva Imagen, 1981. Para uma síntese do debate sobre o caráter da revolução, consultar: KNIGHT, Alan. . *Interpretaciones recientes de la Revolución Mexicana*. Revista Secuencia, Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, México, n. 13, p. 23-43, enero/abr. 1989.

constitucionalista e dos governos subsequentes⁵³. Embora não produza uma obra de síntese, os livros de Friedrich Katz sobre o século XIX mexicano e o trabalho interpretativo subjacente a seus estudos que abordam o período revolucionário foram referências importantes⁵⁴.

A leitura do movimento histórico em que estão inscritos os projetos enfocados está subjacente ao diálogo estabelecido com a bibliografia específica sobre cada autor. Militantes que subordinaram a produção intelectual às exigências da política, a interpretação da sua obra esteve suscetível a requerimentos ideológicos de debates posteriores, nos quais a intenção de apropriar-se ou distanciar-se do seu legado os tornou particularmente vulneráveis ao anacronismo. Ao referir o alcance e o limite da sua ação às determinações gerais da conjuntura em que atuam, pretendemos elidir este equívoco.

Dentre os autores selecionados, Martí recebeu uma atenção significativamente superior aos demais por motivos já mencionados. Sua extensa obra mereceu inúmeras edições em toda a América Latina e no mundo, e o Centro de Estudios Marianos dedica-se desde 1977 ao seu estudo desde La Habana. Atualmente, o Centro auspicia a edição crítica da sua obra completa sob a coordenação de Pedro Pablo Rodríguez⁵⁵.

A merecida atenção recebida pela obra martiana desde o triunfo da revolução cubana incorre nos riscos comuns à idolatria, consequência das exigências ideológicas do processo revolucionário. Manifestação desta vulnerabilidade é a tendência a projetar no autor conteúdos e temas da luta política posterior⁵⁶. No campo da bibliografia especializada, recorre um traço que pode ser interpretado como uma expressão sutil deste movimento. Embora Martí seja analisado com rigor e talento por muitos intelectuais cubanos e estrangeiros, ressentimos em nossa pesquisa de trabalhos que

⁵³ A obra paradigmática neste campo é: SILVA HERZOG, Jesus. *Breve Historia de la Revolución Mexicana*. 15. reimpresión. México, FCE, 1997, 2 tomos.

⁵⁴ KATZ, Friederich. *Revuelta, Rebelión y Revolución – la lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. Era, Mexico, 1990; _____. *La servidumbre agraria en Mexico en la época porfiriana*. México: Era, 1990, tomo 1; _____. *The Liberal Republic and the Porfiriato, 1867-1910*. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; _____. *La guerra secreta en México*. Era, México, 1982; _____. *The life and times of Pancho Villa*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

⁵⁵ Até o momento, foram publicados quinze tomos e há outros seis em preparação.

⁵⁶ KIRK, John M. From 'Inadaptado Sublime' to 'Líder Revolucionario': some further thoughts on the presentation of José Martí. *Latin American Research Review* 15, 3 (1980). Exemplo deste uso aparece em: RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. José Martí – anticipador de nuestro tiempo. In: MARTÍ, José. *Nuestra America*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2001. A recente associação entre Martí e ecologia é exemplo evidente de anacronismo. Ver: CEPELO VARELA, Eudel. *¿José Martí ambientalista?* Vitral, marzo-abril. Año V. No. 30. 1999. Disponível em: <<http://www.vitral.org/vitral30/ecol.htm>> Acesso em: 4 mar. 2011.

ênfatisem as determinações históricas que marcam o seu pensamento: seu diálogo com as correntes políticas e ideológicas nativas, anteriores e coevas; a relação entre o desenvolvimento capitalista cubano e as características do seu pensamento; a vulnerabilidade da posição cubana e a projeção continental do seu ideário; as premissas ideológicas que condicionam o ângulo da sua reflexão⁵⁷. Este esforço não diminui a sua genialidade mas a humaniza: compreendemos como, militando em uma ilha que praticamente se converteu em um canavial, a palavra “açúcar” raramente seja encontrada nas milhares de páginas que escreveu; ou as razões do seu rechaço ao socialismo⁵⁸.

O reconhecido mérito das referências bibliográficas pesquisadas⁵⁹ nos levam a compreender que nossa principal contribuição à análise martiana reside no enfoque comparativo, que salienta a singularidade do líder cubano no contexto latino-americano. Ao abordar Martí, objetivamos articular de modo coerente e relativamente conciso a multiplicidade de temas que compõem um pensamento denso e profundo, nos marcos de um esforço sumário por historicizar as condições da sua produção. Neste processo, observamos que não há uma correspondência necessária entre o alcance civilizatório da reflexão martiana e as exigências da guerra da independência, de forma que uma análise circunscrita a avaliar a incidência política imediata de suas ideias poderia prescindir de diversos motivos do seu pensamento, como as noções do “*hombre natural*” e do “*equilibrio del mundo*”, ou o lugar do amor no seu ideário: certamente não tiveram um

⁵⁷ Dentre os trabalhos que contribuem nesta direção, destacamos: ALMANZA ALONSO, Rafael. *En torno al pensamiento económico de José Martí*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

⁵⁸ O mecanismo de busca do CD ROM das obras completas de José Martí permite esta verificação. O Professor Adalberto Santana, diretor do *Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe* (CIALC) da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), abriu as portas desta instituição para grande benefício desta pesquisa, viabilizando o acesso às bibliotecas que contêm o melhor acervo de publicações e obras sobre a América Latina que consultamos. O Professor Santana é também um conhecedor de Martí: nos prestou orientação sobre o pensador cubano, forneceu uma cópia do CD ROM contendo suas obras completas, além de nos colocar em contato com o Professor Pedro Pablo Rodríguez e o *Centro de Estudios Martianos* em La Habana.

⁵⁹ Dentre os inúmeros comentadores, destacamos os trabalhos de: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Martí en su (tercer) mundo*. Artigo em CD Rom, curso virtual *América Latina: Reflexiones y autoreflexiones*. Buenos Aires: Clacso, 2004; _____. *Lectura de José Martí*. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1972; _____. *Introducción a José Martí*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2006; RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *De las dos Américas*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002; _____. Nuestra América como programa revolucionário. In: _____. *José Martí a cien años de Nuestra América*. México: CCYDEL/UNAM, 1993; _____. En el fiel de América: las Antillas Históricas y el concepto de identidad latinoamericana de José Martí. In: _____. *José Martí a cien años de Nuestra América*. México: CCYDEL/UNAM, 1993; _____. *Formación del pensamiento latinoamericanista de Martí*. La Habana: Anuario del Centro de Estudios Martianos, 1979. N. 2; VITIER, Cintio. Las imágenes em Nuestra América. In: MARTÍ, José. *Nuestra América*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2000; _____. *Temas Martianos*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2005; _____. *Temas Martianos. Segunda série*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1982.

papel fundamental para mobilizar os combatentes cubanos. No entanto, entendemos que era necessário incorporá-las para dar coerência ao conjunto da sua reflexão, o que não apenas fundamenta suas posições políticas, mas revela que o militante cubano debruçou-se sobre questões que explicam a sua projeção posterior: a originalidade do continente americano e o seu potencial civilizatório.

Dentre a sua vasta obra, concentraremos nossa análise nos escritos legados em seus últimos 10 anos de vida (1886-1895). Desiludido da possibilidade de uma reforma por iniciativa espanhola após a fugaz experiência liberal da década de 1870⁶⁰, é possível localizar a radicalização de suas posições sociais cotejando os escritos acerca do processo de julgamento dos anarquistas perseguidos em Chicago em 1886⁶¹. Nos anos seguintes, Martí acompanharia, primeiro como assistente e logo como delegado uruguaio, as reuniões da primeira Conferência Internacional Americana entre 1889-1890 em Washington, tentativa estadunidense de avançar uma liberalização econômica continental que incluía um projeto de unificação monetária. Estes episódios são referências na agudização e maturação das posições sociais e anti-imperialistas de Martí, configurando as balizas de seu pensamento e ação revolucionários. Este ideário se plasmará com notável coerência em seus escritos jornalísticos, cartas e na atuação conspirativa que retoma com máxima intensidade a partir de 1887, desaguando na formação do Partido Revolucionário Cubano em 1892, que liderará até a sua morte, em 1895. A partir deste recorte, tomaremos como base os textos reunidos nos dois volumes finais de uma autorizada compilação de seus escritos, complementados com outros textos acessados na edição de CD Rom de suas obras completas⁶².

O legado de Justo foi apreciado principalmente no marco de debates ideológicos no seio da esquerda argentina através do século XX. Considerado como a figura fundadora de uma das mais sólidas tradições socialistas do continente, sua obra foi divulgada pela própria editora vinculada ao partido, *La Vanguardia*, compondo seis tomos publicados nos anos seguintes à sua morte que abrangem o conjunto de temas a

⁶⁰ MARTÍ, José. La República Española ante la Revolución Cubana (1873). *Obras Completas de José Martí*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, Karisma Digital, 2001. 1 CD-ROM.

⁶¹ “Si al principio Martí desaprueba la conducta violenta de los trabajadores, va modificando su criterio hasta llegar a escribir su extraordinario reportaje fechado el 13 de noviembre de 1887, en que ya se muestra plenamente identificado con la actitud de los trabajadores.” FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Martí en su (tercer) mundo*. Artigo em CD Rom, curso virtual *América Latina: Reflexiones y autoreflexiones*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

⁶² MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000; _____. *Nuestra América*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

que se dedicou, embora não esgotem os seus escritos. Até os anos setenta domina uma abordagem explicitamente política da sua obra: valorizado entre os socialistas, visto como reformista pelos comunistas, seu legado foi, por vezes, francamente criticado por expressões do nacionalismo de esquerda⁶³.

Embora não seja o primeiro estudo sobre o seu pensamento balizado por exigências acadêmicas⁶⁴, as investigações realizadas por José Aricó, que culminaram no livro *“La hipótesis de Justo”* lançado em 1999, tornaram-se uma referência para o estudo do socialista argentino⁶⁵. A preocupação subjacente à trajetória do intelectual cordobês em defender o marxismo como método legítimo para a interpretação histórica na América Latina o inspiraram a referir a teoria e a ação de Justo às condições de sua produção na Argentina da virada do século. Constatando antes uma afinidade com as posições de Bernstein no contexto da II Internacional do que um caso de transposição acrítica, Aricó rechaça o rótulo reformista e enfoca a contribuição de Justo à luz da trajetória do pensamento argentino, descartando uma ortodoxia marxista que nunca professou⁶⁶. Nosso trabalho filia-se a esta abordagem, embora problematizemos a leitura feita por Aricó dos limites da política socialista conduzida por Justo, marcada por suas próprias preocupação no contexto de redemocratização argentina⁶⁷. Encontramos

⁶³ A reivindicação socialista foi feita por inúmeros militantes, além dos escritos da viúva de Justo, Alícia Moreau: CÚNEO, Dardo. *Juan B. Justo y las luchas sociales en la Argentina*. Buenos Aires: Alpe, 1956; PAN, Luis. *Juan B. Justo y su tiempo*. Buenos Aires: Planeta, 1991. Uma apreciação comunista no centenário do nascimento de Justo é: GHIOLDI, Rodolfo. *Juan B. Justo*. Revista Nueva Era, 6 de julho de 1965. A polêmica com o ponto de vista nacionalista em: SPILIMBERGO, Jorge E. *Juan B. Justo o el socialismo cipayo*. Buenos Aires: Coyoacán, sin fecha.

⁶⁴ Podemos citar: WEINSTEIN, Donald. *Juan B. Justo y su entorno*. Buenos Aires: Fundación Juan B. Justo, 1978.

⁶⁵ ARICÓ, José. *La hipótesis de Justo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. Reconhecendo o lugar fundamental deste trabalho para os estudos sobre Juan B. Justo realizados desde então, nos referiremos ao seu argumento no tópico em que fazemos um balanço da trajetória do socialista argentino.

⁶⁶ “Vinculado estrechamente al movimiento socialista internacional, lector asiduo de las principales publicaciones sociales europeas y americanas, estudioso de la problemática teórica y práctica suscitada por los escritos de Bernstein, al que leía en su propio idioma, traductor de *El Capital* ya a fines de siglo, Justo fue una de esas grandes figuras que caracterizaran a la Segunda Internacional. Injustamente solslayado en ese plano, su personalidad relevante quedó sepultada bajo la pesada lápida con que el movimiento revolucionario, a partir de la primera guerra y de la Revolución de Octubre, intentó enterrar toda la significación histórica de esa vastísima y controvertida experiencia social. Al igual que otros dirigentes internacionales trató de mantener una relación crítica con la doctrina de Marx, no concibiéndose a si mismo ni a su partido como “marxistas”, sino como socialistas que encontraban en Marx, pero también en un conjunto de otros pensadores, un conjunto de ideas y de propuestas útiles para poder llevar adelante el propósito al que dedicó toda su inteligencia y su voluntad de lucha: el de crear, en las condiciones específicas de la sociedad argentina, un movimiento social de definido carácter socialista (...)” ARICÓ. Op. cit., p. 70.

⁶⁷ O professor Eduardo Sartelli (UBA) foi o primeiro a nos chamar a atenção para a relação entre o estudo de Aricó sobre Juan B. Justo e suas posições políticas na Argentina, em particular durante o governo de Raúl Alfonsín (1983-1989). Pudemos ratificar essa percepção quando visitamos a biblioteca José Aricó em Córdoba, seguindo sugestão do Professor Ricardo Martínez Mazzola (UBA), como mostra o seguinte

trabalhos acadêmicos posteriores que investigam aspectos relevantes do pensamento de Justo sem ambicionar uma nova síntese, mas também artigos que reforçam estereótipos ou buscam esvaziar o alcance crítico da sua obra⁶⁸.

Apoiando-nos na via aberta por Aricó, entendemos que, ao focar o pensamento de Justo sob o ângulo da formação nacional, contribuimos para referir o alcance e os limites do projeto socialista à realidade histórica em que se inscreveu. Não obstante a ausência de uma dimensão nacional explícita no seu programa argentino, entendemos que o sentido da proposta socialista, assim como os demais autores abordados neste trabalho, apontava para a consumação da nação. Articulando democratização social e integração nacional, Justo sintetiza sua visão da questão nos seguintes termos:

extrato disponível na página eletrônica da instituição: “*De regreso a Buenos Aires en 1984, comienza una nueva etapa signada por las contribuciones a la democratización de la izquierda argentina, efectuadas basicamente a través de sus aportaciones a la recreación de una cultura política en que la posibilidad del socialismo apareciera entrelazada con el avance democrático de la sociedad. El Club de Cultura Socialista que hoy lleva su nombre, la revista Ciudad Futura, también Punto de Vista, la cátedra, los cursos y las conferencias, las conversaciones más informales, las entrevistas con múltiples medios de difusión, el insoslayable tête-à-tête, fueron los vehículos idóneos para esta nueva militancia de Aricó en Argentina, marcada por su argumentación en torno a las posibilidades sociales de la democracia, su cerrada defensa en torno a las acechanzas de los sectores reaccionarios, y un alineamiento concreto con el presidente Raul Alfonsín, al que caracterizó como la figura más representativa, innovadora y audaz de esta nueva etapa de la vida institucional y social del país.*” CRESPO, Horacio. *Celebración del pensamiento. José Aricó*. Disponível em: <<http://www.arico.unc.edu.ar/pdf/crespo.pdf>> Acesso em: 5 mar. 2011. Em tom polêmico, Alberto J. Pla criticou o posicionamento político de Aricó, relacionando-o com a leitura que faz sobre Justo: “*La maniobra intelectual de Aricó tiende a dos cosas que al final se resumen o convergen en una sola. Por un lado, defender a Justo (representante conspicuo del pensamiento reformista y parlamentarista socialdemócrata) y por el otro defender una hegemonía obrera en lo que puede ser un “bloque histórico” que el movimiento nacional y popular del yrigoyenismo ya expresaba en su época. La sutil conclusión que surge lógicamente de allí es que hoy en la Argentina, mezclando un poco de socialdemocracia reformista (que es una “guía certera”) y un poco de peronismo (que sí tiene clase obrera), se podrá llegar a conformar un nuevo bloque histórico (nacional y popular). Queda así Justo revivido en una actualidad argentina que salva a la socialdemocracia ya al movimiento nacional y popular. Malabarismos que impone la ideología!*”. PLA, Alberto. J. *Orígenes del Partido Socialista Argentino*. Cuadernos del Sur 4 (1986), p. 58. Estamos de acordo com a crítica política à leitura que Aricó faz de Justo, mas valorizamos o esforço do intelectual cordobês para situar o líder socialista na política do seu tempo, e, neste sentido, o rótulo “*reformista y parlamentarista socialdemócrata*” nos parece inadequado.

⁶⁸ Plá reafirma a leitura de Justo como reformista: PLA, op. cit. Justo é aproximado ao liberalismo por: BRAUN, Carlos Rodríguez. *Orígenes del socialismo liberal – el caso de Juan B. Justo*. *Cuadernos de Ciencias Económicas*, Universidade de Málaga. No Brasil, a publicação de escritos do autor pelo Instituto Teotônio Vilela, patrocinado pelo PSDB corrobora esta leitura. Juan Carlos Portantiero é um discípulo de Aricó que retoma uma perspectiva de síntese: PORTANTIERO, Juan Carlos. *Juan B. Justo. Un fundador de la Argentina moderna*. Buenos Aires: FCE, 1999. Outros trabalhos de fôlego incluem: DOTTI, Jorge. Justo, lector de El Capital. In: _____. *Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas, Juan B. Justo*. Buenos Aires: Puntosur, 1990; FRANZÉ, Javier. *El concepto de política en Juan B. Justo*. Buenos Aires: CEAL, 1993. Dentre os artigos, destacamos: GELI, Patricio; PRISLEI, Leticia. Una estrategia socialista para el laberinto argentino. Apuntes sobre el pensamiento de Juan B. Justo. *Revista Entrepasado*, v. 3, n. 45, 1993. Uma lista das obras publicadas sobre Justo pode ser encontrada na tese: ROJAS, Gonzalo Adrián. 2006. *Os socialistas na Argentina: um século de ação política (1880-1980)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

*Al nacionalismo espurio de la oligarquía, opongamos el nacionalismo obrero, para el cual la nación son los hombres que trabajan en el país en un momento dado, y que mide nuestro progreso, no por el brillo de la colonia argentina en París, sino por el nivel de vida y de cultura de los productores en suelo argentino*⁶⁹.

Diferente de Martí cujo pensamento conhece uma lenta maturação e das ideias de Magón que evoluem em resposta a conjuntura, os escritos de Justo revelam uma coerência que beira a intransigência⁷⁰: seus pontos de vista não se abalam sequer com acontecimentos do porte da Grande Guerra ou da Revolução Russa. Sua interpretação geral do movimento da história está consignada no livro *Teoría y Practica de la Historia* (1909), obra pioneira do gênero na América Latina, revelando a erudição e o comprometimento do autor com a causa operária⁷¹. Reeditado como o quarto volume de suas obras completas, este livro expõe os fundamentos ideológicos da sua atuação à frente do partido, organizada segundo um recorte temático nos demais tomos⁷². Como

⁶⁹ JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*, Buenos Aires, Editorial La Vanguardia, 1933, p. 120-1. A convergência entre democratização social e integração nacional evidente nestas palavras é coerente com a submissão do nacionalismo à luta de classes que substancia seu internacionalismo: “*Pero hay entre los hombres demasiadas diferencias reales, para que necesitemos buscar en el patriotismo diferencias ficticias, que, por otra parte, no pueden conducir al progreso, sino al retroceso. Y hoy menos que nunca, y un socialista menos que nadie, puede buscar el progreso en el juego de las preocupaciones patrióticas, cuando en el mundo entero civilizado está planteada la lucha de clases, la lucha entre los poseedores y los desposeídos, diferencia y contraste frente a los cuales desaparecen las distinciones de frontera, de lengua o de raza, lucha en que se unen los trabajadores del mundo entero, y de la cual tiene que resultar en primer término el progreso social.*” Ibidem, p. 106. Neste trabalho, manteremos no idioma original as citações em castelhano, considerando sua semelhança com a língua portuguesa. Traduziremos as citações em inglês incorporadas ao texto principal da tese, reproduzindo o original em rodapé, porém não traduziremos as citações mencionadas somente em rodapé, cuja finalidade seja reforçar ideias desenvolvidas no texto, ou indicar a sua fonte.

⁷⁰ Mesmo um comentador que divide o itinerário intelectual de Justo em três épocas, situa em 1899 o último momento da sua maturação. Ao identificá-lo com uma adesão às teses de Bernstein, Franzé endossa as leituras que enfatizam o caráter reflexo do pensamento de Justo, a despeito da intenção revelada de salientar a sua particularidade ideológica. FRANZÉ, op. cit.

⁷¹ JUSTO, Juan B. *Teoría y practica de la historia*. Ediciones Libera. Buenos Aires, 1969.

⁷² Obras completas de Juan B. Justo: JUSTO, Juan B. *La moneda*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1937; _____. *Cooperación Libre*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1938; _____. *Educación pública*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1938; _____. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933. Segundo o Professor Hugo Biagini (UBA), que nos orientou durante a pesquisa em Buenos Aires, estes tomos não correspondem à totalidade dos textos de Justo, embora constituam uma amostra abrangente de seus escritos. O Professor Eduardo Sartelli nos alertou para a importância do Programa Agrário do Partido Socialista, que não nos foi permitido fotocopiar na Biblioteca Nacional de Buenos Aires devido à sua antiguidade. No entanto, Sartelli nos remeteu posteriormente o documento digitalizado, que revelou-se uma importante fonte para o nosso trabalho. Além destes textos, consultamos os programas socialistas contidos em: BOTANA, Natalio; GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997. Também consultamos: JUSTO, Juan B. *Discursos y escritos políticos*. Buenos Aires: El Ateneo, 1933. Visitamos a atual Biblioteca Juan B. Justo, herdeira da instituição socialista original. Na ocasião de nossa pesquisa, o Centro de Investigación y Documentación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina (CEDINCI) disponibilizava poucos horários para pesquisadores externos, cobrando uma taxa que, naquele momento, inviabilizou nossa consulta. Por fim, a

liderança principal de um partido inovador na política argentina, Justo protagonizou polêmicas que anunciavam os temas ao redor dos quais dividiria-se a crítica política futura ao seu legado, ao mesmo tempo em que iluminam os limites do seu projeto segundo olhares coevos: o discurso proferido pelo socialista italiano Enrico Ferri, classificando o socialismo argentino como uma “flor artificial”, anunciava as polêmicas em torno ao caráter exógeno da doutrina no continente, enquanto os nexos entre imperialismo e questão nacional foram o substrato dos debates que resultaram na expulsão de Manuel Ugarte do partido, um pioneiro na denúncia do imperialismo no país.

O legado de Ricardo Flores Magón esteve sujeito a influências contraditórias que distorcem a apreciação da sensibilidade política que marca o movimento da sua militância. Por um lado, a reivindicação imediata da sua atuação pelo movimento anarquista internacional convidou a leituras que relevam a inflexão política e ideológica da sua trajetória⁷³, reduzida ao rótulo anarquista que justifica aos olhos de seus defensores a implacável perseguição que sofreu, enquanto seus críticos explicam com esta chave o enigma político subjacente ao destino do Partido Liberal Mexicano: porque a organização que consolidou-se como referência de oposição intransigente ao *Porfiriato* esvaziou-se progressivamente quando finalmente eclodiu a revolução que tanto instigou⁷⁴.

Biblioteca José Aricó em Córdoba enviou à biblioteca da FFLCH-USP, em resposta à nossa solicitação, uma fotocópia do livro: JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*, Buenos Aires: La Vanguardia, 1933.

⁷³ A reivindicação seminal é: ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Ricardo Flores Magón. El Apóstol de la Revolución Social Mexicana*. México: CEHSMO, 1978. Também: TURNER, Ethel Duffy. *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*. México: Comisión Editorial Nacional, 1984. Esta abordagem redutora predomina nos trabalhos que abordam Flores Magón e também nas análises da revolução mexicana que o mencionam. Por exemplo: BLANQUEL, Eduardo. *Ricardo Flores Magón*. México: Terra Nova, 1985. CORDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana. La formación del nuevo regimen*. México: Era, 1973. Exceções recentes são: no primeiro caso, TORRES PARÉS, Javier. *La Revolución sin frontera*. México: UNAM, 1990. No segundo: KATZ, Friederich. *The life and times of Pancho Villa*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

⁷⁴ Nas palavras de um estudioso do tema: “*Por que este gérmen de partido proletário que es el PLM se transforma en una secta justamente cuando se generaliza la revolución?*” BARTRA, Armando. La revolución mexicana en la perspectiva del magonismo. In: GILLY, Adolfo (Org.). *Interpretaciones de la Revolución Mexicana*. UNAM: Nueva Imagen, 1980. p. 107. Ver também _____. *Introdução a: Regeneración, 1900-1918. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a 1918 através de su periódico de combate*. México: Era, 1977. O Professor Jacinto Barrera Bassols, responsável pela edição das obras completas de Ricardo Flores Magón em curso, nos recebeu na Cidade do México. O professor sugere que Bartra, motivado por uma evidente preocupação militante, arrisca-se a projetar debates políticos extemporâneos em sua análise sobre o magonismo. Com isso, Barrera questiona o

De outro lado, a visão dominante na historiografia simpática às pressões populares interpreta os magonistas como precursores da Revolução Mexicana, enfatizando o papel ideológico cumprido pelo programa liberal de 1905 para uma radicalização democrática do processo consumada na constituição mexicana de 1917⁷⁵. Esta leitura desconsidera a derrota militar e política sofrida pelos liberais na revolução, confluindo inadvertidamente com o movimento ideológico do estado mexicano emergente do confronto, que busca incorporar os protagonistas radicais derrotados no processo como indício de sua obra supostamente progressista⁷⁶. O trabalho fundamental nesta linha é o livro pioneiro de James D. Cockcroft, *Prescursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*⁷⁷, enquanto a *Breve Historia de la Revolución Mexicana* de Jesus Silva Herzog consagra a visão de continuidade ideológica consumada na constituição. Em outra perspectiva, trabalhos que relevam o caráter de classe do processo comumente minimizam, quando não ignoram, a atuação liberal na revolução⁷⁸.

Nosso enfoque identifica-se com os ensaios de Armando Bartra sugerindo que não há ruptura fundamental no ideário magonista entre a chamada fase precursora da revolução e o seu desenrolar, no qual a política liberal é marcada pelo esforço de responder aos desafios colocados por uma conjuntura dinâmica, levando em conta as

próprio enquadramento feito por Bartra da experiência magonista. Achamos legítima a preocupação do Professor Barrera: em nossa opinião, embora Bartra redija seus ensaios de modo atento e fiel às fontes, de fato sua leitura está marcada pela referência a experiências revolucionárias canônicas do século XX, principalmente o partido leninista e a revolução camponesa na China. Assim, seus textos dialogam com temas externos ao magonismo, que desconhecia o leninismo e é anterior à revolução chinesa. No entanto, esta característica do trabalho não invalida a sua premissa, que é a atualidade do problema da revolução, nem a sua questão, sobre o fracasso do PLM em protagonizar a Revolução Mexicana. Nosso trabalho alinha-se ao enquadramento proposto por Bartra, mas enfatizará a coerência interna do pensamento e da política magonista, trazendo a análise das fontes para o primeiro plano. Nosso esforço nesse sentido seria impraticável sem o apoio do Professor Barrera, quem nos facilitou uma cópia do CD ROM contendo a digitalização de todas as edições do periódico *Regeneración* disponíveis antes do seu acesso público (há alguns exemplares que não foram localizados pelos pesquisadores).

⁷⁵ DÍAZ, Lilia. *Planes políticos y otros documentos. Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana*. Prólogo de Manuel González Ramírez. 1ª reimpressão. México: [s.n.], 1974. Sobre a relação com a constituição de 1917: SILVA HERZOG, op. cit.

⁷⁶ Indício original deste esforço é a concessão de uma pensão vitalícia votada pelo congresso mexicano em dezembro de 1920, enquanto Ricardo Flores Magón estava preso nos Estados Unidos – que ele recusou. O traslado de seus restos mortais à ‘Rotonda de las personas ilustres’ na Cidade do México como parte dos festejos do 1º de maio de 1945 revela um movimento ulterior neste sentido.

⁷⁷ COCKROFT, James D. *Prescursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo XXI, 1985.

⁷⁸ O próprio recorte do extenso trabalho de Cumberland, centrado nos anos de 1913-1920, revela um menosprezo pela derrota liberal. CUMBERLAND, Charles. *Mexican Revolution. The constitutionalist years*. Austin&London: University of Texas Press, 1972. Flores Magón não é mencionado nesta obra. Dentre os trabalhos recentes, o denso estudo: KNIGHT, Alan. *The Mexican Revolution*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990, 2 tomos, faz escassa referência ao magonismo.

determinações gerais da realidade mexicana e a correlação de forças sociais. Nesta perspectiva, o fracasso liberal não deve ser debitado ao anarquismo, mas está inscrito no movimento histórico que derrota o campo popular na revolução⁷⁹.

A publicação a partir do ano 2000 das obras completas de Ricardo Flores Magón sob a coordenação de Jacinto Barrera Bassols, recentemente disponibilizada em versão digital, assim como a digitalização do periódico *Regeneración*, principal veículo da articulação política liberal, facilita consideravelmente a pesquisa sobre o tema e deve abrir novos horizontes aos especialistas⁸⁰. Para os nossos propósitos, este material permitiu cotejar os escritos de Flores Magón com o desenvolvimento da luta liberal, revelando uma racionalidade política na qual as convicções ideológicas pessoais estão subordinadas à estratégia partidária⁸¹. Concretamente, constatamos uma fidelidade absoluta ao programa do Partido Liberal de 1906 nos anos de ápice da influência magonista, que articulava demandas por liberdades civis a uma agenda social nos marcos do capitalismo. Este programa só é superado quando as forças liberais sofrem derrotas decisivas nos campos da batalha revolucionária diante das tropas leais a Madero, rompendo as possibilidades de aliança com o setor anti-Porfirista da burguesia mexicana, ao mesmo tempo em que ascende a insurreição camponesa. Em outras palavras, os magonistas assumem as consignas anticapitalistas pelas quais são lembrados no momento em que se explicitam os constrangimentos à revolução

⁷⁹ Bartra sustenta que a raiz do fracasso magonista remete ao caráter que a luta adquire a partir de 1911, quando as lutas operárias passam a um plano coadjuvante e o confronto adquire os contornos de uma guerra camponesa prolongada. O núcleo da questão estaria na incapacidade do PLM em “*organizar y dirigir el campesinato, no como um partido distinto sino como la fuerza mayoritaria del propio partido proletario*”. Na leitura de Bartra, este desafio seria equacionado exitosamente por Mao Tse Tung no contexto da revolução chinesa. BARTRA, Armando. In: GILLY, Adolfo (Org.), op. cit., p. 107.

⁸⁰ FLORES MAGÓN, Ricardo. *Correspondencia (1898-1918)*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2001. V. 1; _____. *Correspondencia 2 (1919-1922)*. Cordinación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2001. V. 2; _____. *Regeneración (1900-1901) primera parte*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2003. V. 3. _____. *Regeneración (1900-1901) Segunda parte*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2003. V. 4. _____. *Artículos Políticos Seudónimos*. Cordinación, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2005 V. 5. Estes e outros materiais como as peças de teatro escritas por Ricardo estão disponíveis em: <<http://www.archivomagon.net>>

⁸¹ O refinamento da visão política de Ricardo Flores Magón escapa aos trabalhos recentes de mexicanistas a que tivemos acesso. Em linhas gerais, constatamos uma dificuldade destes autores em empatizar com a natureza do compromisso político assumido pelo líder mexicano. Isto implica em um problema metodológico, na medida em que a racionalidade militante tende a ser substituída, em diferentes graus, por esquemas ideológicos preconcebidos. ALBRO, Ward S. *Always a rebel. Ricardo Flores Magón and the Mexican Revolution*. Texas: Christian University Press, 1992; MACLACHLAN, Colin M. *Anarchism and the Mexican Revolution – the political trials of Ricardo Flores Magón in the United States*. California: University of California Press, 1991; RAAT, W. Dirk. *Los revoltosos. Rebeldes mexicanos en los Estados Unidos (1903-1923)*. México: FCE, 1993; BLAISDELL, Lowell. *La revolución del desierto de Baja California*. Mexicali: Universidad Autonoma de Baja California, 1993.

democrática nacional. Na medida em que este movimento é desencadeado pela derrota militar, a radicalização ideológica corresponde a uma progressiva impotência política dos partidários de Magón⁸².

Em coerência com o recorte de nossa pesquisa, concentraremos a análise nos escritos de Flores Magón durante o auge político do PLM (Partido Liberal Mexicano), balizado pelo exílio nos Estados Unidos em 1904 que prepara a promulgação do programa em 1906, até a eclosão da revolução no final de 1910 e a derrota militar liberal que precede a mudança ideológica assumida no manifesto de 23 de setembro de 1911⁸³. Para precisar a correspondência entre os eventos militares e a evolução das consignas magonistas, recorreremos à reconstituição dos momentos fundamentais da revolução empreendida por Katz como pano de fundo para a visão magonista do confronto expressa em seu próprio jornal, cotejadas com a inflexão ideológica observada nos escritos de Ricardo no período⁸⁴.

A especificidade do problema colocado por cada autor e sua bibliografia enseja enfoques metodológicos particulares que se expressam em diferentes modos de exposição. A complexa articulação das diferentes dimensões do pensamento martiano exige uma detida atenção à sua coerência interna, investigando as matrizes ideológicas e as premissas políticas que o informam como caminho para evidenciar o alcance e o limite histórico desta construção original. No caso de Justo, uma apreciação equilibrada do seu legado requer a consideração das polêmicas coevas que enfrentou e iluminam pontos cegos do seu pensamento, bem como um comentário sobre a leitura posterior realizada por Aricó, que supõe uma interpretação sobre a natureza do processo político em que consolidou-se o socialismo argentino. Para elucidar a racionalidade política que se impôs na trajetória magonista, realizaremos um cotejo de seus escritos com a evolução da luta política em que se envolveu, o que exigirá certa minúcia cronológica quando é desencadeada a revolução. Assim, para evidenciar os condicionamentos históricos do pensamento martiano, realizar um balanço do caráter da atuação socialista e explorar as razões do declínio da liderança liberal quando eclode a revolução,

⁸² Embora o foco da nossa pesquisa não seja o período posterior à derrota liberal na revolução, esta interpretação é coerente com a racionalidade política de Flores Magón que procuramos desvelar, e será sustentada pelo cotejo de textos publicados em *Regeneración*, com a informação disponível sobre a evolução das forças liberais no período, conforme mencionado.

⁸³ Os documentos encontram-se respectivamente em: SILVA HERZOG, op. cit., tomo 1, anexo 2, p. 89; FABELA, Isidro (Dir.). *Documentos Historicos de la Revolución Mexicana*. Tomo I: Revolución y Régimen Maderista. México: FCE, 1954. p. 369-375.

⁸⁴ Katz reconstitui a dinâmica das lutas sociais subjacente à revolução em seu alentado estudo sobre Pancho Villa anteriormente citado.

enfatizaremos respectivamente a análise das ideias martianas, a crítica a Justo e a permeabilidade da política magonista aos movimentos da conjuntura.

No seu conjunto, a estrutura deste trabalho está referenciada na descrição metodológica avançada por Marc Bloch. No primeiro capítulo, apresentamos o problema que permite a comparação entre três realidades latino-americanas distintas: o dilema da formação nacional sob o imperialismo. Nos capítulos seguintes, reconstituímos o pensamento que fundamenta projetos políticos análogos neste contexto em Cuba, Argentina e México. Identificados com a revolução democrática nacional, seus protagonistas avançaram uma visão e um caminho para a formação da nação que conheceram um desfecho similar. Concluimos esta tese explicitando as semelhanças e diferenças encontradas nos planos ideológico e político, relacionando-as à problemática da investigação.

CAPÍTULO 1
O DILEMA DA FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO AO PROBLEMA: O DILEMA DA FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA.

1. O SENTIDO DA FORMAÇÃO

Fincada na análise da realidade brasileira, a interpretação de Caio Prado Jr. sobre a formação nacional está assentada na premissa de que o movimento histórico é norteado por um sentido. Segundo esta visão, o significado dos múltiplos eventos que compõem a reconstituição histórica só se desvela quando enquadrado na perspectiva das linhas fundamentais que balizam a sua evolução⁸⁵.

Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido”. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação. É isto que se deve, antes de mais nada, procurar quando se aborda a análise da história de um povo, seja aliás qual for o momento ou o aspecto dela que interessa, porque todos os momentos e aspectos não são senão partes, por si só incompletas, de um todo que deve ser sempre o objetivo último do historiador, por mais particularista que seja⁸⁶.

Em coerência com este enfoque, Caio Prado Jr. se ocupará em desvendar o sentido da evolução da história brasileira que, na sua visão, está referido à dinâmica mercantil que presidiu a colonização do Novo Mundo⁸⁷. Ao remeter a problematização

⁸⁵ Comentando a noção de “sentido” na obra “Formação do Brasil Contemporâneo”, escreveu Fernando Novais: “Uma indagação mais aprofundada vai, assim, revelando o movimento do discurso: recorte do objeto, apreensão de seu sentido, reconstrução da realidade a partir desse ‘sentido’. E o seu travejamento dialético vai transparecendo: o ‘sentido’, isto é, a essência do fenômeno, explica as suas manifestações, e ao mesmo tempo explica-se por elas. (...) É, em suma, essa categoria que explica os vários segmentos (dálhes ‘sentido’), ao mesmo tempo que por eles se explica, isto é, a análise dos vários segmentos vai enriquecendo e comprovando a categoria fundamental.” NOVAIS, Fernando A.. *Sobre Caio Prado Jr.* In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 285-286.

⁸⁶ PRADO JR., Caio *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000, p. 7.

⁸⁷ Por este motivo, o livro “Formação do Brasil Contemporâneo” focaliza a conjuntura em que se realiza a emancipação, fazendo um balanço do saldo da empresa colonial portuguesa, indicando que esta é a chave para compreender as linhas fundamentais da evolução da realidade brasileira à época em que escreve (1942). “Para o historiador, bem como para qualquer um que procure compreender o Brasil, inclusive o de nossos dias, o momento é decisivo. O seu interesse decorre sobretudo de duas circunstâncias: de um lado, ele nos fornece, em balanço final, a obra realizada por três séculos de colonização e nos apresenta o que nela se encontra de mais característico e fundamental, eliminando do quadro ou pelo menos fazendo

da formação nacional a um fenômeno comum à história da América Latina – a colonização da época moderna –, seu marco interpretativo permite uma projeção para o conjunto do continente⁸⁸. Encarada como um desdobramento da expansão comercial europeia nos marcos da transição do feudalismo para o capitalismo, é a realização mercantil nos quadros do antigo sistema colonial que dá sentido original à constituição das sociedades americanas coloniais⁸⁹.

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical (...)⁹⁰.

Vista inicialmente como um empreendimento comercial convencional, restrito à circulação de mercadorias, a realização mercantil no Novo Mundo exigirá que os europeus envolvam-se com a produção da riqueza, conformando uma experiência

passar ao segundo plano, o acidental e intercorrente daqueles trezentos anos de história. É uma síntese deles. Doutro lado, constitui uma chave, e chave preciosa e insubstituível para se acompanhar e interpretar o processo histórico posterior e a resultante dele que é o Brasil de hoje. Nele se contém o passado que nos fez; alcança-se aí o instante em que os elementos constitutivos da nossa nacionalidade – instituições fundamentais e energias – organizados e acumulados desde o início da colonização, desabrocham-se e se completam. Entra-se então na fase propriamente do Brasil contemporâneo, erigido sobre aquela base.” Prado Jr., op. cit., p. 1.

⁸⁸ Fernando Novais sugere esta ampliação ao articular o antigo sistema colonial com o processo de acumulação primitiva de capital nos marcos da transição do feudalismo para o capitalismo, como veremos adiante. A empresa colonial envolveu praticamente toda a América, embora de forma desigual. A especificidade da inserção das diferentes regiões do continente está relacionada a múltiplas variáveis – a organização e densidade da população aborígina, os recursos naturais encontrados, a característica do absolutismo metropolitano, sua posição no confronto intrametropolitano etc. Pesem as singularidades de cada circunstância, as diferentes experiências concretas de colonização do Novo Mundo partilham de uma premissa política, um mecanismo e uma decorrência comuns: o sistema colonial tem como premissa a dominação política sobre um território novo e sua população; seu mecanismo de operação por excelência será o exclusivo metropolitano, que garante o fluxo do excedente econômico na direção da acumulação primitiva de capital; o trabalho compulsório emergirá como decorrência desta configuração, uma vez que é necessário, de um lado, garantir a produção de mercadorias e, de outro, a concentração da renda. Desse modo, dominação política, exclusivo metropolitano e trabalho compulsório articulam um sistema no qual se assentam não apenas a ocupação e o povoamento dos novos territórios, mas que garanta que a sua valorização se faça nos marcos do desígnio de acumulação das economias europeias, em consonância com o movimento de transição para o capitalismo industrial. Ver a respeito: NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1986; *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

⁸⁹ “Realmente a colonização portuguesa na América não é um fato isolado, a aventura sem precedente e sem seguimento de uma determinada nação empreendedora; ou mesmo uma ordem de acontecimentos, paralela a outras semelhantes, mas independente delas. É apenas parte de um todo, incompleto sem a visão deste todo.” PRADO JR., Caio Op. cit., p. 9.

⁹⁰ PRADO JR., Caio Op. cit., p. 20.

colonial singular⁹¹. Como decorrência, a própria operacionalização do sistema colonial passa a requerer a implementação de estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais que, embora subordinadas ao desígnio da exploração mercantil, contêm o germe de uma potencial autonomização. Na medida em que o aprofundamento da empresa ultramarina demanda o desenvolvimento destas instituições, afirma-se uma dinâmica contraditória, na qual o anseio de intensificar a exploração colonial engendra, simultaneamente, as premissas elementares da constituição da nação. Nesta perspectiva, o desenlace crítico do processo está inscrito no próprio movimento da história⁹².

Achamo-nos aí, vamos repeti-lo, em presença de uma economia constituída na base da exploração, e exploração precipitada e extensiva dos recursos naturais de um território virgem, para abastecer o comércio internacional de alguns gêneros tropicais e metais preciosos de grande valor comercial. (...) Tal base, com o desenvolvimento da população, com o concurso de outros fatores vários, se torna, através do tempo, restrita e incapaz de sustentar a estrutura que sobre ela se formara. Suficiente de início, e ainda por muito tempo para prover aos fins precípuos da colonização – a ocupação do território, o aproveitamento dele com um relativo equilíbrio econômico e social; para promover, enfim, o progresso das forças produtivas –, aquela base acabou por se tornar insuficiente para manter a estrutura social que sobre ela se constituíra e desenvolvera; e a isto se chegou sem que fosse preciso a intervenção de fatores estranhos, mas pelo simples desdobramento natural do processo da colonização⁹³.

Em outras palavras, Caio Prado Jr. identifica uma contradição inerente ao movimento histórico de formação da sociedade brasileira, em que o novo (a nação)

⁹¹ Para a singularidade da colonização na época moderna, ver: NOVAIS, Fernando A. *Colonização e Sistema Colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 23-44.

⁹² “Por isso, Caio Prado afirma: ‘Logo se vê o aspecto essencialmente revolucionário da História observada e interpretada através da Dialética. [...] Cada um dos momentos dessa história, cada uma de suas fases ou situações traz no seu seio a transformação que a destruirá; transformação que não vem do seu exterior, que não é diferente dela própria, mas *é ela mesma no seu desenvolvimento*.’ (PRADO JR., Caio *Notas introdutórias à lógica dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1959, tomo 2, p. 438.) Mudando um pouco os termos, como “a transformação que destruirá” “cada uma de suas fases ou situações” já vem “no seio” delas, ocorre uma espécie de interiorização da própria “transformação, que não vem do exterior”. E como “não vem do exterior”, “não é diferente dela própria, mas *é ela mesma*”, a saber, a “fase ou situação”, não tomada como algo isolado e extático e sim “no seu desenvolvimento”. A dialética dissolve assim inclusive a dicotomia entre exterior e interior, interiorizando o princípio transformador do real no próprio real: a “destruição” de um “momento da história” é a expressão da negatividade inscrita neste momento mesmo; e o “desenvolvimento” é a emergência de uma nova “fase ou situação” a partir da destruição da anterior.” Jorge Grespan. A teoria da história em Caio Prado Jr.: dialética e sentido. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 47, 2008.

⁹³ PRADO JR., Caio Op. cit., p. 369.

surge no seio do velho (a colônia)⁹⁴. Nesta ótica, a emancipação colonial no contexto da crise do Antigo Regime é a culminação de pressões internas e externas que exacerbam as contradições inerentes ao sistema colonial⁹⁵, desencadeando eventos que projetam um sentido diverso⁹⁶ para a história americana, servindo como ponto de partida para longos e tortuosos processos orientados a consumir a nação.

Todas estas transformações encontram-se mais ou menos maduras quando, pelo favor de circunstâncias de caráter internacional que ocorrem nos primeiros anos do século passado (*escreve no século XX*), apresenta-se oportunidade favorável à sua eclosão. Desencadeiam-se então as forças renovadoras latentes que daí por diante se afirmarão cada vez mais no sentido de transformarem a antiga colônia numa comunidade nacional e autônoma. Será um processo demorado – em nossos dias ainda não se completou –, evoluindo com intermitências e através de uma sucessão de arrancos bruscos, paradas e mesmo recuos⁹⁷.

Na chave de Caio Prado Jr., a trajetória dos países americanos deve ser lida como uma progressiva diferenciação, partindo de uma situação na qual colônia e metrópole conformam uma unidade nos marcos do antigo sistema colonial, para evoluir em direção à nação como uma totalidade. Neste enfoque, a formação da nação implica inversão do sentido extrovertido que caracterizava a economia colonial, organizada para prover mercados internacionais de gêneros primários, reorientando o trabalho e a produção da riqueza segundo o desígnio da integração nacional. O núcleo do problema consiste em consolidar, em oposição à economia colonial, uma economia nacional, “que seria a organização da produção em função das necessidades próprias da população que

⁹⁴ “É assim nas contradições profundas do sistema colonial donde brotam aqueles conflitos que agitam a sociedade, e donde brotará também a síntese delas que porá termo a tais conflitos, fazendo surgir um novo sistema em substituição ao anterior, é aí que encontraremos as forças motoras que renovarão os quadros econômicos e sociais da colônia.” Prado Jr., op. cit., p. 375.

⁹⁵ “Mas por baixo palpita uma outra vida, uma transformação que se esboça. Não é evidentemente possível, em terreno desta natureza, essencialmente dinâmico e não estático, fixar rigorosamente “momentos”; trata-se de uma situação que ainda não existe, que não tem conteúdo próprio, mas é apenas um estado latente que se revela por alguns precursores, sintomáticos mas isolados. Tais fatos vêm de longe, desde o início da colonização se quiserem. E, em rigor, poderíamos ir apanhá-los em qualquer altura de nossa evolução histórica. Divertimento a que se têm dedicado muitos historiadores. Mas limitando nossa atenção àquele período que cavalga os dois séculos que precedem imediatamente o atual, e que aliás escolhi por isso mesmo, vamos encontrá-los mais salientes, mais caros e precisos. A decomposição do sistema colonial está então mais adiantada, os germes de autodestruição que contém, desde o início embora, se definem com mais nitidez. E, ao mesmo tempo, as forças renovadoras que laboram em seu seio, e que são aqueles mesmos germes vistos de um outro ângulo, começam a apontar com mais frequência e já podem ser apanhados mais facilmente.” Prado Jr., op. cit., p. 366-367.

⁹⁶ Como escreve Caio Prado Jr.: “O sentido da evolução de um povo pode variar; acontecimentos estranhos a ele, transformações internas profundas do seu equilíbrio ou estrutura, ou mesmo ambas estas circunstâncias conjuntamente, poderão intervir, desviando-o para outras vias até então ignoradas.” Prado Jr., op. cit., p. 7.

⁹⁷ PRADO JR., Caio *História Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 126.

dela participa”⁹⁸. Este desafio supõe a internalização do circuito de valorização de capital como caminho para estabelecer uma sociedade autorreferida⁹⁹. Portanto, para Caio Prado Jr., a estabilidade dos vínculos estabelecidos entre a iniciativa econômica e a coletividade nacional é fundamental para consolidar a nação.

Ao privilegiar a qualidade dos nexos estabelecidos entre a produção da riqueza e o espaço econômico nacional, o enfoque de Caio Prado Jr. se opõe às concepções sobre o desenvolvimento econômico centradas na expansão das forças produtivas e, neste sentido, quantitativistas¹⁰⁰. Coerentemente, sua visão sobre a formação da nação não se limita à emancipação política nem se confunde com a industrialização, embora a constituição do Estado e o desenvolvimento das forças produtivas indiquem avanços nesta direção. Enfatizando a permanência das estruturas coloniais em sua análise, interpreta os países latino-americanos como “economias coloniais em transição”¹⁰¹, inscritas em um movimento contraditório entre as determinações do passado colonial e o sentido da formação nacional.

É sob esta perspectiva que Caio Prado Jr. avalia a emancipação colonial e a evolução ulterior do dilema da formação. Ao estabelecer as prerrogativas elementares para a constituição de um espaço econômico nacional¹⁰², a independência não resolveu, na sua ótica, a contradição inerente ao movimento histórico que está na origem das

⁹⁸ Ibidem, p. 269.

⁹⁹ “A condição necessária para o desencadeamento do processo – que pelos motivos anteriormente apontados faltou entre nós neste nível de consumo de massa que estamos considerando – consiste na articulação adequada dos dois elementos do ciclo da produção: atividade produtiva e mercado consumidor.” PRADO JR., Caio *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 273.

¹⁰⁰ “A teoria corrente do desenvolvimento econômico considera apenas o aspecto quantitativo desse desenvolvimento (a ‘quantidade’ de progresso econômico), sem dar maior atenção às diferenças qualitativas do desenvolvimento, a saber, o tipo ou categoria de situação ou de evolução econômica em que se enquadra cada país ou grupo de países.” PRADO JR., Caio *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 189.

¹⁰¹ Referindo-se à realidade brasileira, Caio Prado Jr. explica sua ideia de transição: “É assim que se há de abordar a realidade brasileira atual, o que nos leva a considerá-la como situação transitória entre, de um lado, o passado colonial e o momento em que o Brasil ingressa na história como área geográfica ocupada e colonizada com o objetivo precípua de extrair dessa área produtos destinados ao abastecimento do comércio e mercado europeus; e doutro lado o futuro, já hoje bem próximo, em que essa mesma área e seu povoamento, afinal nacionalmente estruturados, comportarão uma organização e sistema econômico voltados essencial e fundamentalmente para a satisfação das necessidades dessa mesma população que ocupa, e capazes de assegurar a essa população um nível e plano de existência consentâneos com os padrões da civilização e cultura de que participamos.” PRADO JR., Caio *A revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 123.

¹⁰² Caio Prado Jr. sintetiza as perspectivas abertas na seguinte passagem: “Sucumbem desde logo (...) o isolamento da colônia e o domínio político e administrativo português, para darem lugar a um novo equilíbrio político e econômico que se exprime essencialmente, de um lado, na organização do Estado nacional brasileiro; e, de outro, no desencadeamento de um processo que daí por diante comandará a evolução histórica e as transformações ocorridas até mesmo nos dias de hoje.” Refere-se ao processo de transição da economia colonial à nacional. PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

sociedades coloniais no Novo Mundo, mas a elevou a um novo patamar. Liberadas dos entraves colocados pelo antigo sistema colonial, as economias continentais engatam no movimento expansivo do capital internacional que, na periferia, acirra as contradições do desenvolvimento, estimulando simultaneamente a exportação primária e o crescimento de um setor econômico enraizado no mercado interno¹⁰³. Referindo-se ao caso brasileiro, Caio Prado Jr. escreveu:

A separação de Portugal e a independência brasileira significarão assim a integração do Brasil naquela nova ordem internacional sem ser por mediação do Reino. Não se modificará contudo substancialmente com isso a posição da ex-colônia promovida a nação independente, pois continuará como dantes, elemento marginal e periférico do sistema econômico internacional para cujo comércio contribui como fornecedor de produtos primários tropicais. Mas alargam-se naquela nova perspectiva os seus horizontes, porque conta agora com a participação direta, e sem a mediação de uma Metrópole decadente, das iniciativas, dos estímulos do nível tecnológico, dos recursos e aparelhamento comercial e financeiro dos grandes centros do capitalismo internacional. (...) A isso se somarão a extensão e intensificação das relações e transações comerciais e financeiras que aquelas novas circunstâncias determinam, bem como a consequência e acompanhamento de tudo isto que é a elevação dos padrões materiais e culturais, e pois – fato novo e de maior importância e significação porque estará em contradição frontal e profunda com o sistema econômico colonial vigorante, de simples fornecimento de produtos primários ao comércio internacional – o surgimento de um consumo e mercado internos significativos que se farão sentir e se afirmarão cada vez mais, comprometendo com isto irremediavelmente as bases econômicas do sistema tradicional¹⁰⁴.

Ao recompor, sob a égide do capital internacional, a unidade rompida na crise do antigo sistema colonial, o desenvolvimento capitalista no continente se processa através de um movimento contraditório, em que a consumação da nação é obstaculizada pelos constrangimentos estruturais legados pelo passado colonial, perpetuando o dilema da formação nacional:

É precisamente nessas contradições geradas pelo sistema internacional do capitalismo em que o Brasil e demais povos e países de sua categoria se enquadram como simples elementos periféricos e subsidiários, campos e

¹⁰³ Comentando a dualidade que emergirá deste processo no Brasil: “Em síntese, a presente fase do processo histórico brasileiro se caracteriza, vimo-lo no correr do presente trabalho, pelas contradições que resultam fundamentalmente de uma dualidade de setores ou sistemas econômicos imbricados um no outro: um, o tradicional, centrado na produção de gêneros primários destinados à exportação; o outro, emergente desse e constituído em seu seio, mas que se volta para o mercado interno, e tem por base essencial a indústria. Trata-se de um dualismo, porque essencialmente ambos setores se caracterizam à parte um do outro e não se recobrem.” Ibidem, p. 131.

¹⁰⁴ PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 38 a 40.

horizontes de negócios comandados e usufruídos pelos centros controladores do sistema, é aí que se situam os impulsos dinâmicos do processo histórico ora em curso no cenário internacional em nossos dias, e no Brasil em particular¹⁰⁵.

Em suma, Caio Prado Jr. interpreta a formação da nação como um longo processo histórico cujo motor é a contradição entre as determinações legadas pelo passado colonial e a afirmação da nação. Este movimento se materializa na oposição entre os interesses cristalizados em torno da reprodução da lógica mercantil, perpetuando os nexos de sujeição ao capital internacional, e aqueles que pressionam para subordinar o trabalho e as riquezas nacionais às necessidades e anseios do conjunto da população. Esta dinâmica é expressão da contradição entre o sentido da colonização e a diferenciação gestada no seio deste mesmo movimento, mas que aponta para um sentido oposto: a formação da nação. Enquadrados nesta perspectiva, os processos de independência nacional na América Latina e a posterior afirmação do poder burguês são evoluções históricas que não encaminham necessariamente a resolução do dilema, mas implicam sua projeção a um patamar de ulterior complexidade.

2. VIAS DA EMANCIPAÇÃO

Em uma interpretação que “parte da análise de Caio Prado Jr. e a incorpora”, Fernando Novais enfoca o antigo sistema colonial como uma engrenagem do processo de acumulação primitiva de capital, inscrita no movimento de transição do feudalismo para o capitalismo subjacente ao Antigo Regime¹⁰⁶. Desdobramento da expansão ultramarina europeia no contexto da crise feudal, que originalmente se dirigiu também ao Oriente e à África, a colonização do Novo Mundo engendrou novas possibilidades de exploração econômica que promoveram a acumulação de capital no circuito mercantil, desencadeando um processo contraditório, na medida em que gerava as premissas para a

¹⁰⁵ Ibidem, p. 40.

¹⁰⁶ “O que chamamos Sistema Colonial, na realidade, é subsistema de um conjunto maior, o Antigo Regime (capitalismo comercial, absolutismo, sociedade de *ordens*, colonialismo), e se movimenta segundo os ritmos do conjunto, ao mesmo tempo que o impulsiona. Assim, não foi indispensável que se completasse a industrialização (no sentido de Revolução Industrial) de toda a economia central para que o sistema se desagregasse; bastou que o processo de passagem para o capitalismo industrial se iniciasse numa das metrópoles para que as tensões se agravassem de forma insuportável. É que, na realidade, o Antigo Sistema Colonial se articula funcionalmente com o capitalismo comercial, e quando este se supera, as peças do todo já não são as mesmas.” NOVAIS, Fernando A. *As dimensões da independência*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 203.

afirmação do capitalismo industrial¹⁰⁷, cujo desenvolvimento, por sua vez, exigia a superação das determinações do próprio sistema.

Tais as peças do Antigo Sistema Colonial: dominação política, comércio exclusivo, trabalho compulsório; assim se promovia a acumulação de capital no centro do sistema. Mas, ao promovê-la, ao mesmo tempo, se criam as condições para a emergência final do capitalismo, isto é, para a eclosão da Revolução Industrial. Dessa forma, o sistema de exploração colonial engendrava sua própria crise, pois o desenvolvimento industrial se torna pouco a pouco incompatível com o comércio exclusivo, a escravidão, enfim com a dominação política, ou seja, com o Antigo Sistema Colonial. Tal o movimento contraditório do sistema: ao se desenvolver, desemboca em sua crise, encaminhando-se sua superação, a qual não ocorre sem a superação, *pari passu*, do absolutismo que lhe servia de base¹⁰⁸.

Nesta perspectiva, a crise do sistema colonial é indissociável do movimento de consolidação do capitalismo industrial, e seus efeitos desagregadores sobre o Antigo Regime e o Estado Absolutista no qual se apoiava. Segundo este enfoque, o processo de emancipação colonial na América resulta de contradições intrínsecas à totalidade em que se inscrevia e, portanto, não pode ser interpretado como resultado de pressões externas, pois os acontecimentos revolucionários na Europa que precipitam a crise americana estão referidos ao próprio sistema que os articulava¹⁰⁹.

¹⁰⁷ “Se recordarmos, agora, o que indicamos antes a propósito do capitalismo comercial como fase intermediária entre a desintegração do feudalismo e a Revolução Industrial, o *sistema colonial* mercantilista apresenta-se-nos atuando sobre os dois pré-requisitos básicos da passagem para o capitalismo industrial: efetivamente, a exploração colonial ultramarina promove, por um lado, a primitiva acumulação capitalista por parte da camada empresarial; por outro lado, amplia o mercado consumidor de produtos manufaturados. Atua, pois, simultaneamente, de um lado, criando a possibilidade do surto maquinofatureiro (acumulação capitalista), por outro lado a sua necessidade (expansão da procura dos produtos manufaturados). Criam-se, assim, os pré-requisitos para a Revolução Industrial – processo histórico de emergência do capitalismo. Assim, pois, chegamos ao núcleo da *dinâmica do sistema: ao funcionar plenamente, vai criando ao mesmo tempo as condições de sua crise e superação*. NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 114.

¹⁰⁸ NOVAIS, Fernando A. *Passagens para o Novo Mundo*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 187.

¹⁰⁹ Existe uma volumosa bibliografia acerca dos processos de independência na América Latina, submetida a permanente crítica e revisão. Uma sólida reconstituição dos eventos é: John Lynch. *Las revoluciones hispanoamericanas (1808-1826)*. Nueva edición ampliada y puesta al día. Barcelona: Ariel, 1986. Nos últimos decênios, a obra de François-Xavier Guerra, inspirado nas teses revisionistas de François Furet sobre a Revolução Francesa, exerceu significativa influência nos trabalhos abordando o tema no continente. Privilegiando os aspectos políticos e culturais do processo em uma chave que problematiza a transição para a modernidade, esta abordagem situa-se, sob diversos ângulos, nas antípodas do marco interpretativo adotado por Novais na esteira de Caio Prado Jr. Ao assentar a identidade americana no campo político e cultural, a leitura de Guerra aproxima os processos vividos na península ibérica e no continente a partir da invasão napoleônica, interpretando as “*mutaciones culturales radicales*” (p. 275) desencadeadas no bojo do processo emancipacionista como uma revolução na direção da modernidade, sintetizada como “*la invención del individuo*” (p. 85): “*Lo que todas las regiones de América tienen entonces en común es su pertenencia a un mismo conjunto político y cultural. Es por*

Em primeiro lugar, não se pode pensar em crise de um sistema que não derive do próprio funcionamento desse mesmo sistema; noutros termos, o desarranjo não pode vir induzido de fora, pois nesse caso não se poderia falar em crise do sistema. Por esse motivo, o Sistema Colonial do Antigo Regime tem de ser apreendido como uma estrutura global subjacente a todo o processo de colonização da Época Moderna, como já indicamos, não apenas nas relações de cada metrópole com as respectivas colônias. Nessas relações particulares – ou, como se diz, nos sistemas coloniais português, espanhol, francês etc. – a crise dá sempre impressão de vir de fora, porque na realidade procede do desequilíbrio do todo¹¹⁰.

Portanto, a crise do antigo sistema colonial é o resultado de pressões simultâneas do todo para a parte, e da parte para o todo. De um lado, o processo de acumulação de capital no circuito mercantil rompia com o equilíbrio entre as forças sociais em que assentava-se o Estado Absolutista. Ao fortalecer-se a posição burguesa, acentuavam-se as pressões para remover os entraves ao desenvolvimento capitalista, cristalizados no

tanto en el campo de lo político y de lo cultural donde, sin olvidar las otras, habrá de buscar las casualidades primeras (p. 17).” Esta perspectiva enfatiza as similaridades entre a sociedade colonial e a metrópole, que partilhariam de referências políticas e culturais comuns. Por exemplo, a Nova Espanha (México) é definida como uma “*sociedad cultivada del Antiguo Régimen*” (p. 276) e as reformas borbônicas alterariam a natureza dos nexos com a metrópole: “*Los reinos de Indias empiezan a ser considerados por la élite administrativa española como colonias, es decir, como territorios que existen esencialmente para la utilidad de una metropoli, que este caso sería la España peninsular* (p. 81).” Embora defenda que uma leitura política seja adequada para perceber o processo como uma totalidade (“*De ahí que una visión ‘política’ no sea una negación de lo económico o de lo sócio-económico, sino la aspiración a un análisis más global.*” p. 14), ao minimizar as relações de exploração que fundamentam o antigo sistema colonial, a chave proposta pelo professor francês conduz a uma desproblematização da especificidade da formação latino-americana. Comentando as relações intelectuais entre os continentes depois da emancipação, escreve: “*Puede pensarse que este afán de buscar en Europa, y particularmente en Francia, las soluciones del momento, no fuese sino un fenómeno de imitación de moda – de afrancesamiento –, de dependencia cultural? Ciertamente sí, si pensamos en los países de América Latina como países conquistados por Europa y liberados de su dominio por la Independencia. Ciertamente no, si tenemos presente que los conquistadores y pobladores venidos de Europa permanecieron en su mayoría en América y que fueron sus descendientes, las élites criollas, las que llevaron a cabo la Independencia. Hay que concebir entonces a la América Latina como una parte integrante del área europea, al igual que los Estados Unidos, pero con componentes étnicos diferentes y una sociedad y una cultura de tipo mediterráneo* (p. 369-370).” François-Xavier Guerra. *Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. 2ª edición. México: FCE, 1992. Uma amostra significativa da recente produção historiográfica sobre a independência, na qual revela-se a influência deste enfoque, é: Manuel Chust y José Antonio Serrano (eds.). *Debates sobre las independencias iberoamericanas*. Madrid: Ahila, 2007. No Brasil, consultar os quatro volumes já publicados na coleção “Margens”: Marco A. Pamplona e Maria Elisa Mader (orgs). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas*. São Paulo: Paz e Terra, 2007-9. Os organizadores anunciam seu propósito na introdução ao primeiro volume: “A proposta desta coleção é abordar tópicos do âmbito da história cultural, política e intelectual desenvolvida em diversos países da América Latina numa perspectiva comparada. Nosso objetivo é menos o de acentuar a existência de qualquer unidade ou identidade latino-americana, sobretudo hoje; e mais o de explorar a diversidade do continente.” Evidentemente, a ênfase nas similaridades ou diferenças na comparação histórica depende da escala e do enfoque adotados. Para os nossos propósitos, a leitura de Novais na esteira da obra de Caio Prado Jr. oferece um marco interpretativo consistente, referindo semelhanças e contrastes entre as diferentes vias para a emancipação à totalidade histórica em que estavam inscritas.

¹¹⁰ NOVAIS, Fernando A. *Passagens para o Novo Mundo*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 197-8.

sistema colonial. De outro lado, ao estimular o desenvolvimento da colônia como instrumento da prosperidade metropolitana, a empresa colonial engendrava uma progressiva diferenciação de interesses entre a camada dominante na colônia, estabelecendo as premissas objetivas e subjetivas para conformar a nacionalidade. Portanto, a afirmação do capitalismo industrial desencadeia pressões “do todo” que convergem com a pressão “das partes”, substanciada no movimento de formação nacional no seio das colônias, para precipitar a crise do antigo sistema colonial como subsistema de um conjunto maior, o Antigo Regime¹¹¹. Fernando Novais sintetiza este movimento histórico nas seguintes palavras:

Retomemos, portanto, a noção de crise engendrada no próprio sistema. É que a contradição é inerente à sua natureza, quer dizer, ao funcionar, desencadeia tensões que, acumulando-se, acabam por extravasar seu quadro de possibilidades. Não é possível explorar a colônia sem desenvolvê-la; isto significa ampliar a área ocupada, aumentar o povoamento, fazer crescer a produção. É certo que a produção se organiza de forma específica, dando lugar a uma economia tipicamente dependente, o que repercute também na formação social da colônia. Mas, de qualquer modo, o simples crescimento extensivo já complica o esquema; a ampliação das tarefas administrativas vai promovendo o aparecimento de novas camadas sociais, dando lugar aos núcleos urbanos etc. Assim, a pouco e pouco se vão revelando oposições de interesse entre colônia e metrópole, e quanto mais o sistema funciona, mais o fosso se aprofunda. Por outro lado, a exploração colonial, quanto mais opera, mais estimula a economia central, que é o seu centro dinâmico. A industrialização é a espinha dorsal desse desenvolvimento, e quando atinge o nível de uma mecanização da indústria (Revolução Industrial), todo o conjunto começa a se comprometer porque o capitalismo industrial não se acomoda nem com as barreiras do exclusivo colonial nem com o regime escravista de trabalho¹¹².

A tensão fundamental inerente ao movimento contraditório do antigo sistema colonial, acentuando a oposição entre metrópole e colônia, desdobrava-se em outras, relacionadas ao padrão de dominação de classe. No polo metropolitano, os setores envolvidos com a empresa colonial estavam sujeitos à oposição ou ao apoio de outros estratos sociais, condicionando a política estatal na matéria. No polo colonial, a necessidade de contingenciar a força de trabalho submetida a um gradiente de modalidades de trabalho compulsório, determinou tensões entre colonos e trabalhadores de intensidade variada, que incidiriam decisivamente nas modalidades de

¹¹¹ “Assim, pois, chegamos ao núcleo da dinâmica do sistema: ao funcionar plenamente, vai criando ao mesmo tempo as condições de sua crise e superação.” NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 114.

¹¹² NOVAIS, Fernando A. *As dimensões da independência*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 200-201.

encaminhamento da crise no continente americano. Assim, a evolução dos processos emancipacionistas seguiu caminhos históricos diversos, resultado da combinação das duas tensões fundamentais que a determinaram: a oposição entre senhores e escravos, e entre metrópole e colônia. Fernando Novais enquadra o problema nos seguintes termos:

Observando em conjunto, o complexo processo de desatamento dos laços coloniais da América, que se desenrola a partir da segunda metade do século XVIII até as três primeiras décadas do XIX, apresenta várias vias de passagem, que correspondem às diversas maneiras como se compuseram aquelas forças em jogo, qual das várias tensões predominou no conflito e, portanto, qual grupo ou classe social logrou a hegemonia. Tentemos fixar essas situações: a situação-limite, sem dúvida, é aquela em que a tensão entre senhores e escravos se sobrepõe a todas as outras, e o processo radicaliza-se e aprofunda-se numa convulsão social; tal o caminho da revolução negra de St. Domingue, liderada por Touissant-Loverture e, depois, por Dessalines. O levante dos escravos varreu a dominação dos colonos, resistiu à invasão inglesa e expulsou o exército enviado por Napoleão para a reconquista da ilha. No pólo oposto, a tensão entre metrópole e colônia ganha a preeminência, mas é a metrópole que vence a contenda: este é o caso das colônias inglesas das Antilhas, em que a metrópole – por ser o centro das transformações, em pleno curso da Revolução Industrial e predomínio econômico – consegue comandar o processo, abandonando o exclusivo, suprimindo o tráfico negreiro e depois a escravidão, e ainda podendo se dar ao luxo de manter o estatuto político das colônias. Entre as duas situações-limite, alinham-se aquelas em que a tensão metrópole-colônia foi a preponderante sobre as demais questões, mas são as colônias que levam a palma, e este é o caso das colônias espanholas e portuguesas, como anteriormente já tinha sido o das três colônias inglesas da América Setentrional. Deixemos de lado certas situações residuais, em que a metrópole, ainda que não hegemônica no conjunto, logra manter os laços coloniais: é o caso de Cuba e Porto Rico, que se mantêm presas à Espanha¹¹³.

As situações em que triunfou a causa emancipacionista admitem, por sua vez, encaminhamentos diversos, condicionados pelo propósito de disciplinar a massa trabalhadora e pelo caráter da ruptura com a metrópole. Na América espanhola continental, onde a escravidão não era a relação de trabalho dominante e foi progressivamente abolida, a necessidade de contingenciar a força de trabalho pressionou pela fragmentação territorial, prevalecendo a forma de governo republicana¹¹⁴. Por outro lado, a unidade territorial preservou-se nas situações em que foi perpetuada a escravidão, adotando-se a forma republicana nos Estados Unidos, onde a revolução

¹¹³ NOVAIS, Fernando A. *Passagens para o Novo Mundo*. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 190-1. A conspícua ausência do caso haitiano nos trabalhos sobre a emancipação americana mencionados em nota anterior indica uma vulnerabilidade das interpretações que rechaçam a crise do Antigo Sistema Colonial como marco explicativo. Sobre o silêncio historiográfico em relação à Revolução Haitiana, ver: Michel-Rolph Trouillot. *Silencing the past*. Boston: Beacon Press, 1997.

¹¹⁴ No caso mexicano, que será referido adiante, uma curta experiência imperial antecedeu a república.

realizou-se contra o império inglês, e monárquica no Brasil, onde a independência se consumou em reação à revolução liberal na metrópole¹¹⁵.

Os diferentes caminhos através dos quais se reordenaram os nexos das sociedades americanas com o mercado mundial no contexto da crise do antigo sistema colonial determinaram a especificidade dos desafios políticos legados. O caso cubano apresenta uma particularidade evidente, uma vez que a independência será a causa prioritária nos esforços orientados à formação nacional. Na Argentina e no México, a formação do Estado se defrontou com um conjunto de obstáculos que caracterizou o processo na América espanhola onde, não obstante as especificidades, o prolongado enfrentamento militar exigiu a mobilização de amplos setores da sociedade colonial, inclusive de camadas populares, ensejando uma descentralização do poder que está na origem do caudilhismo, assim como das pressões na direção da fragmentação territorial¹¹⁶.

No conjunto, a herança colonial colocava os Estados recém emancipados diante de dilemas de difícil solução. A determinação em preservar um padrão de privilegiamento social reprimia os dinamismos socioeconômicos capazes de galvanizar uma aliança de classes, estreitando as bases sociais e políticas para um projeto nacional. No plano econômico, a ruptura do laço colonial mostrava-se condição necessária mas

¹¹⁵ Ver: Fernando A. Novais e Carlos Guilherme Mota. *A independência política do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

¹¹⁶ Conforme já observamos, a busca de similaridades ou diferenças na comparação histórica depende da escala e do enfoque adotados. Assim, a constituição do Estado nacional no México e Argentina aproxima-se no contraste com Cuba, onde manteve-se o vínculo colonial, ou com o Brasil, onde preservou-se a unidade territorial. No entanto, uma abordagem política pode ressaltar as singularidades do processo no interior da América espanhola continental: “Duas tradições políticas, em permanente disputa, iriam emergir desse período das lutas de independência: uma primeira, forjada ao longo de mais de uma década de guerra, enfatizaria a necessidade de um forte poder executivo; uma outra, baseada na experiência do parlamentarismo civil, sublinharia a dominação do legislativo. Ambas exemplificavam um impasse fundamental acerca da natureza do governo. A Nova Espanha, que obtivera a independência por meio do compromisso político, mais do que pela força das armas, representaria a tradição civil. Ali, o sistema constitucional espanhol triunfou efetivamente e continuou a se desenvolver. Apesar de golpes subseqüentes dos militares, os civis nunca deixaram de dominar a política mexicana ao longo do século XIX. Em contraste, as forças militares que libertaram, em última instância, a região mais setentrional da América do Sul – Colômbia, Peru e Bolívia – garantiram a vitória e dominação dos homens de armas sobre os homens da lei. (...) Resta-nos mencionar uma última experiência americana que também particularizou a luta pela independência com o uso da força, mas sem resultar, devido a isso, em governos controlados por militares. Referimo-nos ao cone Sul, uma região onde o conflito armado com as tropas realistas foi limitado e onde a maior parte das lutas políticas militarizadas deu-se entre as próprias províncias.” Marco A. Pamplona e Maria Elisa Mäder (org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Volume 1, região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 19. Esta descrição está sujeita a debate, considerando-se a projeção de figuras como Antonio Lopez de Santa Anna e Porfírio Díaz na política mexicana no século XIX, ou o papel de Juan Manuel Rosas nos primeiros decênios da independência argentina. Para um contraste entre o federalismo argentino, mexicano e brasileiro, consultar: Marcelo Carmagnani (org.). *Federalismos Latinoamericanos*. México, FCE, 1993.

insuficiente para internalizar a acumulação de capital, em um contexto no qual a perpetuação de nexos mercantis sedimentados na exploração do trabalho compulsório e na devastação dos recursos naturais limitava o horizonte do desenvolvimento econômico à potenciação dos vínculos estabelecidos com o mercado mundial¹¹⁷.

Não obstante os limites revolucionários do processo, justificando que se fale na constituição de um pacto neocolonial¹¹⁸, a emancipação, onde vingou, estabeleceu as premissas políticas para a afirmação da soberania, identificada com a consolidação das bases materiais, sociais, espaciais, políticas e culturais do Estado nacional. Referindo-se ao caso brasileiro, Novais sugere: “(...) encarar a independência como momento de um longo processo de ruptura, ou seja, a desagregação do sistema colonial e a montagem do Estado Nacional”¹¹⁹. Interpretada sob o prisma da formação, a independência representa, na leitura de Caio Prado Jr., um avanço no processo de autonomização da nação, ao estabelecer um ponto de partida para a longa transição entre o passado colonial e a consumação da nação.

No plano econômico, a solução da crise do antigo sistema colonial exigiu a liberação das travas ao desenvolvimento capitalista, inclusive nos casos em que o processo não conduziu à emancipação. Na perspectiva de Caio Prado Jr., as mudanças quantitativas decorrentes da inserção das economias americanas no movimento expansivo do capital internacional na esteira da revolução industrial e do imperialismo desencadearão uma mudança qualitativa, na medida em que impulsionam o processo de diferenciação socioeconômica conducente à formação nacional. Em suma, ao estimular o desenvolvimento capitalista no continente americano, o desenlace da crise do sistema colonial favoreceu um movimento histórico de sentido oposto à empresa colonial, apontando em direção à nação.

¹¹⁷ A exceção será o caminho trilhado pelo Paraguai até a Guerra da Tríplice Aliança. Os trabalhos de Tulio Halperin Donghi salientam a tendência à estagnação econômica e ao conservadorismo político na América Latina recém emancipada. HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1989; *Hispanoamerica despues de la Independencia. Consecuencias sociales y economicas de la emancipación*. Buenos Aires: Paidós; *Economy and Society*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Spanish America after Independence (c. 1820-c.1870)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

¹¹⁸ “A luta pela independência, desse modo, seria um momento da luta por um novo pacto colonial, o qual, garantindo o contato direto entre os produtores da América espanhola e aquela que se torna cada vez mais a nova metrópole econômica, permita um mais amplo acesso ao mercado de ultramar e conceda uma cota menos reduzida do preço pago pelos seus produtos.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1989, p. 47.

¹¹⁹ Fernando A. Novais e Carlos Guilherme Mota. *A independência política do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, p. 18.

O que de original se introduz na evolução econômica brasileira, graças sobretudo ao novo condicionamento internacional em que ela se verifica, é a tendência para a sua transformação qualitativa. O considerável crescimento e modificação quantitativa que as novas circunstâncias vigentes propiciam ao embora antigo e profundamente implantado mecanismo econômico do país – que é a sua função exportadora – levarão gradualmente à sua transformação qualitativa que representará a libertação daquele exclusivismo exportador¹²⁰.

Assim, na perspectiva de Caio Prado Jr., sempre focada no caso brasileiro, a emancipação significa um salto de qualidade no processo de formação da nação, em que o desenvolvimento capitalista engendra novas contradições na base deste movimento histórico:

No curso contudo desse processo, aqueles mesmos fatores derivados do enquadramento na nova ordem internacional do capitalismo que tinham proporcionado o crescimento econômico do país e o impulso inicial para a sua transformação qualitativa, aqueles fatores invertem a sua ação. De impulso ao crescimento e desenvolvimento aquela ordem se faz em obstáculo ao mesmo crescimento e desenvolvimento. E serão as contradições derivadas desse estado de coisas que promoverão, embora em novas circunstâncias e outro plano, a continuidade do processo evolutivo econômico-político a que estamos presentemente assistindo (...)¹²¹.

Em suma: inscrita no processo de transição do feudalismo para o capitalismo, a crise do antigo sistema colonial admitiu diversos encaminhamentos que, se não resolveram a contradição inerente à constituição das sociedades americanas modernas, elevou-a a um novo patamar. Onde a emancipação vingou, o problema da formação se confundirá com a afirmação das bases objetivas e subjetivas do Estado nacional. O ulterior desenvolvimento das forças produtivas impulsionado pela penetração das relações de produção capitalistas acirrará, nos marcos de uma inserção internacional dependente, a contradição entre a lógica mercantil que presidiu a colonização e o movimento histórico de formação da nação. Mesmo no caso cubano no qual a perpetuação da escravidão pressionou pela manutenção do nexos com a metrópole, os termos em que se rearranjou o laço colonial liberaram o desenvolvimento capitalista, agravando a contradição entre a diferenciação social latente e a condição colonial, projetada então em um novo contexto histórico.

¹²⁰ PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 80-81.

¹²¹ Ibidem.

3. VIAS DA REVOLUÇÃO BURGUESA

A consolidação do capitalismo monopolista e a potencialização das tendências de integração da economia mundial segundo a lógica do imperialismo intensificam o impacto contraditório da inserção capitalista na periferia do sistema¹²². Na visão de Caio Prado Jr., as sociedades forjadas a partir da colonização na época moderna se entrosarão com singular facilidade a este movimento histórico¹²³, uma vez que, diferentemente de regiões do planeta que sofrem pela primeira vez as consequências da expansão ocidental, os povos americanos foram estruturados desde a origem segundo uma finalidade mercantil subordinada a este padrão civilizatório. Nesta perspectiva, constituem, em última análise, um desdobramento histórico diverso do mesmo processo que está na origem do imperialismo.

Tratava-se em suma, no caso do Brasil, de uma economia e sociedade já estruturadas e inteiramente condicionadas para a realização de objetivos mercantis idênticos àqueles que a nova ordem capitalista iria delas exigir. Daí a sua predisposição para se integrarem naquela ordem sem atritos e sem necessidade de rompimentos ou remanejamento de instituições econômicas e sociais mais ou menos inajustáveis à nova ordem, como ocorreu naqueles citados países da Ásia e África. Naqueles continentes, velhas culturas e instituições originais formadas e consolidadas inteiramente à parte e independentemente do capitalismo e da civilização e cultura onde o capitalismo se originou, apresentaram por isso mesmo sérios obstáculos e pois grande resistência à penetração do novo sistema. Isso, pelos motivos apontados, não ocorreu nem havia motivo para que ocorresse no Brasil. Aqui não somente não houve resistência, mas ainda os impulsos e estímulos partidos de ambas as

¹²² “O próprio capitalismo confere paulatinamente aos subjugados os meios e os caminhos para sua libertação. A meta que outrora era o mais alto ideal das nações européias – a criação do Estado nacional coeso, como meio de alcançar a liberdade econômica e cultural – torna-se também a meta dessas nações subjugadas.” Rudolf Hilferding. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 302.

¹²³ Caio Prado Jr. sintetiza o impacto do imperialismo na periferia do capitalismo nos seguintes termos: “A evolução para o capitalismo financeiro que se processa no correr do séc. XIX e que chega à maturação na sua última parte, modificará estas relações primárias e muito elementares entre as grandes nações capitalistas e os demais povos do universo. Substituiu-se ao simples objetivo de vender produtos industriais a ampla expansão do capital financeiro que, sob todas as modalidades, procurará explorar em seu proveito as diferentes atividades econômicas do universo. A economia mundial evolui para um vasto sistema dominado pelo capital financeiro, e disputado pelos vários grupos nacionais que repartem entre si aquele capital. Este sistema em que se enquadrará o Brasil, como todos os demais países e povos, servirá o capital financeiro (ou antes, os diferentes grupos que o detém) de muitas formas, todas aliás ligadas e articuladas entre si: 1º) Permitirá a participação dele em todas as atividades econômicas mundiais, facultando-lhe em maior ou menor proporção a margem de lucros que oferecem; 2º) Abrirá mercados para a indústria nacional respectiva, permitindo sua expansão sem prejuízo da exploração da mais-valia interna; 3º) Porá à disposição desta indústria as matérias-primas de que necessita, e cuja produção se espalha fora de suas fronteiras nacionais.” PRADO JR., Caio *História Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 270.

esferas, a externa, que é o sistema, e a interna, que são as condições específicas do Brasil, se somam harmonicamente, ou antes, se integram em conjunto para impelirem o crescimento da função exportadora, em consequência as forças produtivas e a economia em geral do país assentes naquela função¹²⁴.

Esta conjunção de fatores internos e externos que Caio Prado Jr. identifica na situação brasileira na segunda metade do século XIX se projeta para uma variedade de realidades no continente, onde a conjunção entre a exportação de capitais e o crescimento global da demanda por produtos primários estimulou um aumento vertiginoso das exportações¹²⁵. O impacto da expansão capitalista sobre a região pode ser dimensionado pela evolução das estradas de ferro construídas, que passam de cerca de 2.800 quilômetros em 1870 para mais de 41.000 quilômetros trinta anos depois¹²⁶.

¹²⁴ PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 93-94. “Em outras palavras, o processo da colonização brasileira de que resultariam o nosso país e suas instituições econômicas, sociais e políticas, tem sua origem nessa mesma civilização e cultura que seriam o berço do capitalismo e do imperialismo. São assim as mesmas circunstâncias que plasmariam por um lado a nossa formação, e deram de outro no imperialismo. Por esse motivo, enquanto na Ásia a penetração imperialista encontrou pela frente sociedade e economias já organizadas e estruturadas em moldes próprios que aquela penetração iria subverter profundamente, dando origem em consequência a graves tensões econômicas, sociais e políticas, no Brasil essa penetração foi como que resultante natural da evolução de um sistema econômico em que o nosso país já se achava enquadrado.” PRADO JR., Caio *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 120-121.

¹²⁵ O ritmo e o alcance da incorporação das áreas do continente aos fluxos do mercado mundial esteve intimamente vinculado aos movimentos do seu centro dinâmico: “A sequência em que são incorporados novos produtos ao comércio internacional corresponde, em certa medida, à aparição em série de diversos países no panorama do intercâmbio mundial e das inversões estrangeiras. Por exemplo: numa primeira fase dá-se o apogeu das exportações de lã, carnes e cereais, estimula a produção destes produtos no Canadá, Argentina, Austrália, Nova Zelândia e Uruguai, principalmente; mais adiante, o desenvolvimento destes países e o da Europa criam condições para a exportação de salitre chileno; posteriormente, em função da alta do nível de vida do consumidor europeu e estadunidense, vem o auge de alguns produtos tropicais, como o café, o cacau e a banana. E, no fim do século passado (XIX) e primeiras décadas do presente (XX), a diversificação industrial e o advento da produção manufatureira forçam o desenvolvimento da mineração de metais ferrosos e não-ferrosos. Por último, a produção petrolífera.” SUNKEL, Oswaldo. *O marco histórico do processo. Desenvolvimento/subdesenvolvimento*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Viver, 1977, p. 21. “Esses momentos de expansão se ligam, em primeiro lugar, ao progresso na divisão do trabalho em escala internacional; e, no que se refere à produção de gêneros alimentícios, ao aumento do consumo popular nos países economicamente mais desenvolvidos. (Tudo isso apressa o desenvolvimento da pecuária, da agricultura em geral e de algumas culturas tropicais.) Além disso, esses momentos de expansão se ligam também com os progressos técnicos e industriais, como ocorre no caso das minas de cobre e estanho dos Andes, e, ainda que em menores proporções, como no caso do incremento da cultura do agave no Iucatán, cujas fibras eram utilizadas para as coletoras mecânicas que, nos Estados Unidos, substituíam o trabalho manual. Ligam-se, finalmente, à difusão do motor a explosão e do transporte automobilístico, que dá lugar ao ciclo da borracha e ao crescente desenvolvimento da indústria petrolífera, o qual se torna ainda mais rápido por causa da substituição do carvão fóssil pelos óleos minerais como fonte de energia industrial.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989, p. 178-179.

¹²⁶ GLADE, William. América Latina y la economía internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina*. Barcelona: Crítica, 1990. v. 7. p. 38. “Em síntese, no período que estamos considerando (três decênios que antecederam a Grande Guerra), a América Latina transformara-se em um componente importante do comércio mundial e uma das mais significativas fontes de matérias-primas para os países industrializados.” FURTADO, Celso. *Formação econômica da América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lia, 1970, p. 67.

Na perspectiva de Caio Prado Jr., a difusão das relações de produção capitalistas sob o imperialismo tem um efeito contraditório, na medida em que a expansão do setor exportador dinamiza simultaneamente a economia nacional¹²⁷, acirrando as contradições do processo de formação nacional¹²⁸:

A evolução do imperialismo no Brasil (como no resto do mundo) é assim contraditória. Ao mesmo tempo em que estimulou as atividades e energias do país, e lhe forneceu elementos necessários ao seu desenvolvimento econômico, foi acumulando um passivo considerável e tornou cada vez mais perturbadora e onerosa a sua ação. Mas também, favorecendo aquele progresso, acumulou no Brasil os elementos com que o país contou e continua contando para sua definitiva libertação. O imperialismo é um suicida que marcha para sua consumação¹²⁹.

Recorrendo a uma matriz interpretativa distinta, Florestan Fernandes analisa o impacto do imperialismo na América Latina sob o prisma da luta de classes, procurando localizar as mudanças decorrentes da difusão das relações de produção capitalistas no continente¹³⁰. Convergingo com as linhas gerais do diagnóstico de Caio Prado Jr., que

¹²⁷ “Mas a par destes aspectos negativos do imperialismo, encontramos nele um lastro positivo. Ele representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do país. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos. O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até as vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional. Já me referi à sua contribuição no sentido de dotar o país de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes empresas industriais que sem ele não teria sido possível realizar. O ritmo da vida econômica brasileira, que está sem dúvida no nível do mundo moderno, é em grande parte reflexo da ação imperialista. E não foi apenas sua contribuição material que contou: com ela vieram o espírito de iniciativa, os padrões, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos que trouxeram assim para o Brasil alguns dos fatores essenciais com que contamos para o nosso progresso econômico.” PRADO JR., Caio *História Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 281.

¹²⁸ “É pois sob a ação de fatores contraditórios que evoluirá a nossa economia: por um lado assistiremos ao desenvolvimento daquele sistema, que atinge então um máximo de expressão com o largo incremento, sem paralelo no passado, de umas poucas atividades de grande vulto econômico, com exclusão de tudo mais. Mas doutro, veremos resultar daquele mesmo desenvolvimento os germes que evoluirão no sentido de comprometer a princípio, e afinal destruir (se bem que o processo não esteja ainda terminado nos dias que correm) a estrutura econômica tradicional do país.” PRADO JR., Caio *História Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 216-217.

¹²⁹ Ibidem, p. 281.

¹³⁰ Para além da diferença nas matrizes teóricas e no enfoque da problemática da formação, Florestan Fernandes, apesar das reconhecidas afinidades com a interpretação de Caio Prado Jr., critica sua análise sobre a formação do capital industrial no Brasil, acusando-o de superestimar o papel do capital mercantil no contexto da industrialização. FERNANDES, Florestan. Prefácio a: PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999. Plínio Sampaio Jr. comenta as insuficiências do esquema interpretativo de Caio Prado Jr. subjacente à mencionada discordância: “Desenvolvido para estudar movimentos de longa duração da economia, o aparelho conceitual de Caio Prado Jr. não é adequado para equacionar analiticamente os condicionamentos internos do desenvolvimento econômico. A insuficiência de seu instrumental teórico para pensar o processo de adaptação das economias subdesenvolvidas às oportunidades abertas pelo sistema capitalista mundial leva sua interpretação da evolução do capitalismo a incorrer em um viés empiricista. Daí a insuficiência de sua análise para explicar os mecanismos que dão uma certa estabilidade às economias dependentes e subdesenvolvidas. No nosso entendimento, tais

ressalta as permanências estruturais da condição colonial a despeito da emancipação política, ao mesmo tempo em que identifica uma mudança de qualidade no desenvolvimento latino-americano decorrente dos nexos com o capital internacional¹³¹, a ênfase da análise de Florestan Fernandes não recai sobre as contradições do movimento histórico, apesar de anotá-las, mas sim sobre a singularidade do processo de afirmação do capitalismo e as transformações sociais, políticas e culturais que acompanham a correspondente consolidação da ordem burguesa no continente¹³².

Abordando a progressiva diferenciação das sociedades latino-americanas ao longo do século XIX no plano da estratificação social, Florestan Fernandes identifica, na instauração dos requisitos para a reprodução capitalista no contexto do imperialismo, o início de processos orientados a consumir um padrão burguês de dominação social.

deficiências decorrem da falta de articulação teórica entre relações de produção, lutas de classes e incorporação do progresso técnico.” FERNANDES, Florestan. Prefácio a: PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 128. Partindo dos nexos entre o padrão de luta de classes e o processo de acumulação no capitalismo dependente, o instrumental analítico de Florestan Fernandes nos parece adequado para enfocar processos históricos concretos na América Latina, cuja dinâmica evidencia, precisamente, estas conexões.

¹³¹ Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes assumem como premissa que o desenvolvimento latino-americano é condicionado por determinações históricas singulares e, portanto, não repetirá a trajetória do capitalismo central. Ver: PRADO JR., Caio *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999; FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

¹³² A seguinte passagem, referida ao caso brasileiro, ilustra o ponto. Note-se que Florestan Fernandes endossa as premissas interpretativas de Caio Prado Jr., tais como a permanência do legado colonial, o salto de qualidade resultado do desenvolvimento capitalista a partir da emancipação, e as contradições do movimento histórico; no entanto, conduz a análise à sua problemática característica: a afirmação da ordem burguesa no capitalismo dependente. “Isso deixa claro que a substituição dos nexos de dependência vinculava-se a mecanismos reais de mudança econômica (embora tais mecanismos fossem, ao mesmo tempo, os meios pelos quais se concretizariam, historicamente, os novos laços de dependência).(...) Em tais circunstâncias, ao concretizar-se a dependência puramente econômica, também se concretizava, simultaneamente, a primeira etapa histórica do processo sociocultural por meio da qual ela seria superada e convertida no seu contrário. Chega-se, assim, a uma conclusão aparentemente contraditória. A autonomização política não resultou nem conduziu a nenhuma transformação econômica de natureza revolucionária. No entanto, onde ela se vinculou a transformações econômicas relativamente significativas e profundas, e se manifestavam mais fortemente os novos laços de dependência do País em relação ao exterior, ela iria ser a fonte de toda uma série de mudanças econômicas e, nesse sentido, o verdadeiro ponto de partida de maior liberdade e de maior independência na esfera econômica. A questão, aí, não é tanto do salto que se deu com a absorção sociocultural e econômica de novas técnicas, capitais e modelos de ação econômica. Está, antes, na mudança sofrida, internamente, pelo padrão civilizatório vigente. Este passou a organizar a vida econômica em novas bases, pelo menos nas áreas afetadas pelas atividades mercantis assinaladas, e sofreu uma diferenciação que permitia reduzir a distância histórico-cultural que existia entre o fluxo daquele padrão de civilização nas economias centrais e o seu fluxo em nossa economia. Pela primeira vez, emergia na cena histórica brasileira o verdadeiro palco do “burguês”: uma situação de mercado que exigia, econômica, social e politicamente, o “espírito burguês” e a “concepção burguesa do mundo”. E era por aí que o processo de modernização econômica, desencadeado pela substituição dos nexos de dependência, tenderia a negar-se e a superar-se. Com o correr do tempo, o “espírito burguês” e a “concepção burguesa do mundo” teriam de desprender-se de suas matrizes históricas, voltando-se para as potencialidades econômicas inerentes aos fatores internos da situação de mercado. Então, mesmo sob a influência persistente de tais nexos, eles estimulariam os agentes econômicos a valorizar formas de crescimento econômico análogas às que presidiram ao desenvolvimento do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos.” FLORESTAN, Fernandes. Rio de Janeiro: *A revolução burguesa no Brasil*. Zahar, 1975, p. 95-97.

Nesta perspectiva, o problema da formação nacional identifica-se com o caráter da afirmação do poder burguês. A disjuntiva coloca-se, nos termos empregados pelo sociólogo brasileiro, entre a superação da dupla articulação entre dependência externa e assimetria social, ou a consumação do capitalismo dependente como realidade histórica. Nas suas palavras, assim se apresentava o dilema para as sociedades latino-americanas naquela conjuntura:

Os princípios capitalistas de organização do comportamento econômico tendem a universalizar-se (isto é, deixam de ter vigência esporádica, parcial ou segmentar sobre alguns tipos de atividade de significado econômico) e, ao nível institucional, passam gradualmente a regular a estrutura, o funcionamento e a evolução da ordem econômica da sociedade nacional. Nessa fase, de profundas transformações (ocorridas com frequência de modo turbulento), é que se decide a possibilidade de um salto histórico na direção do capitalismo independente ou a fixação, a meio caminho, num regime social de produção capitalista dependente¹³³.

Diferente do processo original na Europa onde surgiu a partir de um movimento histórico autorreferido, Florestan Fernandes salienta em sua análise que, na periferia, este modo de produção recebe seu impulso dinâmico de uma ampliação das fronteiras do capital¹³⁴, estabelecendo padrões de organização e evolução da sociedade e do Estado prevalentes no capitalismo central sem, contudo, realizar as tendências autonomizadoras inerentes ao processo¹³⁵. Esta modalidade peculiar de incorporação civilizatória, nos marcos de uma redefinição das formas da hegemonia capitalista, seria um denominador comum da evolução dos países latino-americanos desde então:

¹³³ FLORESTAN, Fernandes. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 34.

¹³⁴ “As economias nacionais dependentes organizam-se basicamente em função de condições, oportunidades, e limitações impostas pelo mercado mundial e, através dele, pelas economias nacionais a que se articulam em posição heteronômica. Em conseqüência, o seu próprio crescimento econômico interno espelha, estrutural e dinamicamente, a natureza, a intensidade e a variação ou a flutuação dos interesses das economias nacionais a que se associam heteronomicamente.” FLORESTAN, Fernandes. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 38.

¹³⁵ “O que é essencial ter-se em mente é que, nas condições da América Latina, por causa de suas origens coloniais e das implicações da transição neocolonial, o “capitalismo moderno” nasce, consolida-se e evolui repetindo o típico de modo peculiar e criando a sua própria conexão histórica “particular”. A ordem social competitiva não deita suas raízes mais longínquas em um estamento burguês revolucionário; mas em estamentos senhoriais que pretendiam usar suas posições-chaves no controle da economia e de Nações-Estados emergentes, como fonte de privilegiamento do poder senhorial, realizando assim a integração horizontal de estruturas de poder estamentais (antes impedida pelas Coroas espanhola e portuguesa e pela administração colonial). A “condição burguesa” não foi o requisito, mas o produto imprevisto e quase inexorável dessa evolução. Ela não atirou os círculos sociais contra os “privilégios do antigo sistema” (no caso, o sistema colonial), mas sim contra o “jugo colonial”. Destruído esse jugo, definido ao nível da dominação jurídico-política e econômica metropolitana, todos os demais privilégios subsistiram.” FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 91.

Portanto, aí se configura uma modalidade típica de incorporação, que se distingue das formas de incorporação colonial e neocolonial; e que se funda no volume de similaridades estruturais e funcionais que a economia hegemônica, como um todo, pode transferir para a economia periférica, como um todo. As adaptações daí decorrentes é que passariam a regular o fluxo de processos econômicos, da modernização tecnológica e institucional etc., de um pólo a outro. Elas teriam de “nascer” e de “crescer” dentro das próprias economias periféricas, o que quer dizer que as referidas adaptações exigiam um certo “desenvolvimento capitalista prévio” dessas economias e potencialidades econômicas que assegurassem viabilidade global para tão complexa modalidade de transição econômica e cultural¹³⁶.

Na chave de leitura adotada por Florestan Fernandes, o estabelecimento das condições para este “desenvolvimento capitalista prévio” enseja mudanças econômicas e culturais que indicam a consumação da “transição neocolonial” em curso desde a independência, apontando para um novo horizonte histórico identificado com a afirmação do capitalismo¹³⁷. Embora seja um processo estimulado pelos nexos com o mercado mundial, a heteronomia entre os polos do capitalismo não significa um dinamismo unívoco do processo, mas, pelo contrário, é a conjugação de variáveis internas e externas segundo uma “racionalidade adaptativa” que caracterizará o desenvolvimento capitalista na América Latina. Traduzindo este processo em termos da dinâmica de classe, Florestan Fernandes identifica na consolidação das estruturas socioeconômicas da reprodução capitalista o desencadeamento histórico da revolução burguesa no continente.

Contudo, quando a revolução burguesa se torna estruturalmente irreversível, ela sedimenta um mundo capitalista inconfundível, que possui duas faces igualmente essenciais para a existência e a sobrevivência do capitalismo na América Latina. De um lado, os dinamismos econômicos que procedem de fora, da permanente incorporação ao espaço econômico, sociocultural, e político de

¹³⁶ FLORESTAN, Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 235.

¹³⁷ “Se a descrição apresentada é correta, o período de transição neocolonial oferece ao capitalismo comercial bases econômicas, institucionais e humanas de maturação interna. Dessa evolução resulta um padrão de desenvolvimento capitalista que, apesar de suas limitações intrínsecas, gera as condições estruturais e dinâmicas, simultaneamente a partir de fora e a partir de dentro (isto é, pelas influências das nações capitalistas centrais e do mercado mundial; e através das repercussões a curto e a longo prazo do crescimento econômico interno), para o aparecimento de uma economia capitalista competitiva, nucleada no setor urbano-comercial, mas com tendências a expandir-se na direção do campo (primeiro, graças à irradiação, disseminação e reintegração do mercado moderno; em seguida, pela universalização legal do trabalho livre e a emergência de um sistema de produção capitalista nas cidades-chaves, dotado de dinamismos que transcendem à economia urbana).” FLORESTAN, Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 240. Uma síntese da leitura histórica de Florestan Fernandes sobre a América Latina encontra-se no primeiro capítulo de: FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Nações capitalistas hegemônicas da Europa (e, mais tarde, dos Estados Unidos). Esses dinamismos não criam toda a evolução econômica, mas sem eles as transições apontadas não ocorreriam (pelo menos, não ocorreriam na forma indicada e segundo os ritmos históricos conhecidos). De outro lado, os dinamismos econômicos que nascem a partir de dentro, dos elementos auto-propelidos das economias latino-americanas mais avançadas. Esses dinamismos também não criam toda a evolução econômica, mas sem eles as realidades do mundo colonial e do mundo neocolonial ainda estariam presentes¹³⁸.

Assim como o desenvolvimento do capitalismo na América Latina é presidido por uma racionalidade singular, referida à particularidade do seu movimento histórico, a revolução burguesa não é entendida por Florestan Fernandes como a reprodução dos processos históricos europeus, em que o enfrentamento das estruturas do Antigo Regime conduziu à afirmação do capitalismo concorrencial, mas é tomada nas determinações gerais que caracterizam a consolidação da ordem burguesa na periferia. Nas suas palavras:

Isso nos leva à terceira questão. Se as classes dominantes das sociedades capitalistas subdesenvolvidas (ou seja, se suas burguesias) podem ou não realizar a revolução burguesa. A resposta a esta questão depende, naturalmente, do que se entenda por “revolução burguesa”. Se esta for definida historicamente e segundo o padrão do capitalismo auto-suficiente e autônomo, seria óbvio que não. Porém, se se admitir que “revolução burguesa” significa um certo estado de tensão, pelo qual a economia capitalista se diferencia e se reintegra, então todo sistema econômico capitalista comporta uma “revolução burguesa”. Em regra, ela coincide com a transição do capitalismo comercial e financeiro para o capitalismo industrial. Ora, essa passagem se dá nas economias capitalistas subdesenvolvidas e dependentes que possuem alguma vitalidade própria¹³⁹.

Assim, tomada nos seus traços estruturais dinâmicos essenciais, a revolução burguesa é compreendida como a transição da prevalência dos interesses e da dinâmica do capital comercial, para a consolidação de um padrão de dominação subordinado aos desígnios da burguesia industrial. Sua tarefa principal consiste em viabilizar a penetração das relações de produção capitalistas e sua reprodução em bases nacionais, ao mesmo tempo em que cria os requisitos sociais, políticos e culturais para a afirmação do poder burguês. Nesta perspectiva, embora não replique o conteúdo revolucionário dos processos originais europeus, constitui uma via para a consumação do capitalismo na periferia.

¹³⁸ FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 52-53.

¹³⁹ FLORESTAN, Fernandes. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 96.

No conjunto, justifica-se falar numa revolução burguesa apenas por dois motivos. De um lado, pelas transformações estruturais e dinâmicas inerentes à constituição e à consolidação de uma ordem social competitiva, que serve de base ao funcionamento conjugado de uma economia capitalista diferenciada, embora dependente, de um Estado fundado no direito positivo e numa democracia representativa. De outro lado, porque, apesar de tudo, o capitalismo dependente não exclui a correlação entre monopólio de poder econômico e monopólio de poder político pela mesma classe social. A burguesia constrói, nos seus interesses e em sua situação de classe, os fundamentos de sua dominação social e política sobre as demais classes¹⁴⁰.

Ao reduzir a revolução burguesa à consolidação dos elementos fundamentais da reprodução capitalista, Florestan Fernandes indica que, em linhas gerais, o estabelecimento da hegemonia burguesa é um processo que se impõe nos países do continente¹⁴¹, a despeito dos diferentes graus de desenvolvimento econômico e da ausência de propensões revolucionárias desta classe social¹⁴². Embora os traços fundamentais do dilema colocado pelo desenvolvimento capitalista sejam similares, sua expressão histórica será diversa, uma vez que o impacto do imperialismo foi desigual nas diferentes regiões, segundo múltiplas variáveis econômicas, sociais, políticas e culturais. Em suas determinações gerais, a resposta de cada circunstância está referida às possibilidades de irradiação dos dinamismos do setor exportador para o conjunto da sociedade, resultando em diferentes graus de integração econômica e diferenciação

¹⁴⁰ Ibidem, p. 99.

¹⁴¹ “Sob o capitalismo dependente, a Revolução Burguesa é difícil – mas é igualmente necessária, para possibilitar o desenvolvimento capitalista e a consolidação da dominação burguesa.” FLORESTAN, Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 214.

¹⁴² Nesse sentido, Florestan Fernandes comenta a respeito dos países com economias de enclave: “Esse processo (*de substituição da hegemonia oligárquica por um padrão compósito de hegemonia burguesa*) não ocorreu apenas nos países em que o clímax da revolução comercial coincidiu com processos definidos de integração do mercado em escala nacional. Também se desenvolveu nos países com economias de enclave. Inicialmente, as oligarquias tradicionais ou modernas, recompuseram seu poder de dominação aceitando formas de associação privilegiadas com outros grupos ou subgrupos das classes “altas” e dos setores intermediários, em regra constituídos por agentes econômicos estrangeiros, comerciantes, profissionais liberais etc.; em seguida, porém, o número de grupos e subgrupos aumentou, o mesmo acontecendo com o número de seus participantes. A presença estrangeira sofreu uma diferenciação, em várias direções, e uma intensificação na área do financiamento do crescimento comercial e da produção para o mercado interno. Ao mesmo tempo, os setores intermediários converteram-se em classes “médias”, escapando a vários controles oligárquicos ou adquirindo poder de barganha na arena política. Por isso, ao aburguesamento da oligarquia corresponde um processo mais amplo e complexo de aburguesamento das outras camadas sociais. O que importa ressaltar é que se constitui, de maneira relativamente rápida, uma espécie de hegemonia burguesa conglomerada, em que os interesses e a concepção do mundo ou do poder dos setores mais estáveis e consolidados aglutinaram a socialização econômica, sociocultural e política dos novos grupos e subgrupos”. FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 107. Há certa ambivalência entre esta citação e a identificação da revolução burguesa com a consumação do capitalismo industrial mencionada anteriormente, mas que não é problemática para os propósitos deste trabalho: o que importa enfatizar é a similaridade estrutural dos processos.

social que configuram um diapasão de situações entre a economia de enclave e os requisitos para uma incipiente industrialização¹⁴³.

Ao abordar as expressões históricas concretas, Florestan Fernandes identifica em um extremo as economias de enclave, que constituem “versões modernizadas do antigo sistema colonial ou do neocolonialismo transitório do início do século XIX”¹⁴⁴. Este padrão de dominação externa cristalizado sob a ascendente hegemonia dos Estados Unidos não está alicerçado em vínculos políticos, mas fundamenta-se em controles indiretos criados pelos mecanismos de mercado, determinando que apenas uma massa diminuta da riqueza produzida retenha-se no espaço econômico nacional, o que impõe limites rigorosos ao alcance e ao ritmo da descolonização. Nestas circunstâncias, as possibilidades de diversificação e autonomização da economia são significativamente constrangidas, inibindo de forma correspondente a diferenciação e expansão de um regime de classes, do que resulta um padrão de sociabilidade fortemente bipolarizado, óbice da integração nacional e da constituição do Estado. Nestes casos, a dominação imperialista tende a evidenciar-se, aguçando a sensibilidade social para a questão nacional. Exemplos desta situação são as ilhas caribenhas e o conjunto da América Central¹⁴⁵.

No outro polo, Florestan Fernandes observa sociedades em condições de absorver os requisitos estruturais e dinâmicos mínimos para promover, ainda que de maneira subordinada aos fluxos do setor exportador, uma incipiente acumulação de capital e o investimento industrial endógeno. Embora este processo não supere os

¹⁴³ “Dado o que a modernização representa, como modalidade de controle econômico, cultural e político, a superação da situação heteronômica que ela engendra depende, diretamente, do modo pelo qual as sociedades subdesenvolvidas reagem à absorção do capitalismo. Se a emancipação política corresponder a alguma automatização real e definitiva do controle interno do excedente econômico, gerado pelo setor exportador e pelo crescimento do mercado interno; se os recursos naturais existentes, o comércio, e, eventualmente, a indústria e os bancos puderem ser explorados por firmas autóctones ou, se forem estrangeiras, com larga participação de dirigentes locais e em associação com capitais nativos; se o volume da população for suficientemente grande, para atingir uma escala de uma dezena ou mais de milhões de habitantes e para aumentar com certa intensidade constante e em aceleração, suscetível de fazer face a alterações súbitas da divisão do trabalho social e a alimentar fortes processos de deslocamento espacial e de concentração demográfica e as perspectivas de urbanização relativamente acelerada fomentarem a difusão de novos padrões de vida, de trabalho e de consumo, estimulando a diferenciação da produção interna e a paulatina constituição de um mercado interno, diferenciado do mercado externo e mais ou menos independente de seus controles diretos; se as camadas dominantes nativas e suas elites dirigentes utilizarem o Estado nacional e seus meios de dominação política para transformar a expansão interna do capitalismo em fator de integração da economia nacional – a absorção de técnicas, instituições e valores capitalistas impõe-se, de maneira espontânea, como uma alternativa economicamente viável, politicamente desejável e socialmente construtiva.” FLORESTAN, Fernandes. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 33-34.

¹⁴⁴ FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 19.

¹⁴⁵ Ibidem.

marcos de dependência e assimetria social legados pela colônia, ele engendra as premissas para uma diversificação produtiva e a correspondente diferenciação na estratificação social, estimulando tendências germinais de autonomização nas diferentes esferas da existência. No plano da luta de classes, a formação embrionária de burguesias e do correspondente proletariado gera as condições para o desencadeamento histórico da revolução burguesa em países da América Latina como Argentina, México e Brasil¹⁴⁶.

Apesar das diferenças entre si, Florestan Fernandes identifica nos processos de mudança social desencadeados sob o impacto do imperialismo na segunda metade do século XIX vias de afirmação do poder burguês no continente. Ao sugerir que a revolução burguesa realiza-se na América Latina, embora com resultado diverso dos seus cogêneres originais, sua interpretação aponta para o caráter distintivo das burguesias dependentes, referido ao padrão de luta de classes que condiciona a evolução histórica destas sociedades¹⁴⁷. Nesta ótica, a singularidade dos processos no continente, onde a transição para o capitalismo parte de estruturas coloniais e com relativo atraso, é a dificuldade em conciliar desenvolvimento econômico e democracia social, nos marcos da soberania nacional. Florestan Fernandes resume as determinações comuns às diferentes realidades latino-americanas na seguinte passagem:

Assim, as diferentes transições da economia colonial para a economia nacional ou da escravidão e do capitalismo comercial para o capitalismo industrial sempre produzem três realidades estruturais diversas. Primeiro, a concentração de renda, do prestígio social e do poder nos estratos e nas unidades ecológicas ou sociais que possuem importância estratégica para o núcleo hegemônico de dominação externa. Segundo, a coexistência de estruturas econômicas, socioculturais e políticas em diferentes “épocas históricas”, mas interdependentes e igualmente necessárias para a articulação e a expansão de toda a economia, como uma base para a exploração externa e para a concentração interna da renda, do prestígio social e do poder (o que implica a existência permanente de uma exploração pré ou extracapitalista, descrita por alguns autores como “colonialismo interno”). Terceiro, a exclusão de uma ampla parcela da população nacional da ordem econômica, social e política existente, como um requisito estrutural e dinâmico da estabilidade e do crescimento de todo o sistema (...) O desafio latino-americano, portanto, não é tanto como produzir riqueza, mas como retê-la e distribuí-la, para criar pelo menos uma verdadeira economia capitalista moderna¹⁴⁸.

¹⁴⁶ FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 19.

¹⁴⁷ O padrão de luta de classes no capitalismo dependente é examinado por Florestan Fernandes em: *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª edição 1975; *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. Focalizando o caso brasileiro: FLORESTAN, Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

¹⁴⁸ FLORESTAN, Fernandes. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª edição 1975, p. 20.

Em síntese, no contexto de difusão das relações de produção capitalistas na América Latina, o problema da formação nacional se expressa como o dilema da revolução burguesa sob o imperialismo, em uma conjuntura na qual a afirmação do capitalismo autodeterminado revela-se como alternativa histórica para a superação do legado colonial. Diante de processos de transição para o capitalismo que combinam impulsos exógenos e endógenos, e não reproduzem o padrão revolucionário europeu, embora visem o estabelecimento do poder burguês, esta problemática assumirá uma expressão específica em cada país. Em Cuba, a libertação do nexos colonial exigiu uma guerra na qual as aspirações nacional e democrática confluem para superar a condição de economia de enclave. Na Argentina, o enfrentamento da *política criolla* é canalizado como uma pressão por reforma dentro da ordem, objetivando democratizar a sociedade platina. No México, a intolerância característica do *Porfiriato* provocou uma convergência entre a luta por liberdades civis e a demanda social reprimida, desembocando em uma prolongada guerra civil. Nos três casos, as pressões de sentido democrático-nacional desencadeadas foram contidas nos marcos de um padrão de luta de classes destinado a consolidar o capitalismo dependente como via de afirmação do poder burguês.

CAPÍTULO 2
FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS
PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: JOSÉ MARTÍ E A
INDEPENDÊNCIA CUBANA.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: JOSÉ MARTÍ E A INDEPENDÊNCIA CUBANA.

Após enunciarmos as determinações gerais do movimento da história latino-americana que permitem enquadrar as distintas situações concretas sob um dilema comum, abordaremos três projetos nacionais que emergiram no contexto da afirmação original do poder burguês no continente. Em consonância com o plano geral do trabalho, este é o momento no qual analisaremos a especificidade do pensamento e da estratégia política de três militantes radicais, cada qual referida à realidade em que atuaram, o que fundamentou a ação do partido que cada um deles conduziu.

A exposição de cada caso seguirá um movimento similar. Inicialmente, reconstituiremos as linhas fundamentais da formação social e econômica da realidade selecionada, com o objetivo de remeter o pensamento e a estratégia analisados à singularidade histórica em que estão inscritos. Objetivamente, nos deteremos sobre: a) a marca da colônia; b) a resposta à crise do Antigo Sistema Colonial; c) a inserção no mercado mundial; d) o impacto do imperialismo. A seguir, introduziremos a circunstância imediata em que concretiza-se a atuação do militante enfocado, para, então, examinarmos a característica do seu pensamento, plasmada em uma visão sobre a formação nacional, e sua estratégia política, expressa em um caminho para consumir a nação, encampado pelo partido que liderou. Concluiremos cada exposição referindo-nos ao desfecho histórico das situações enfrentadas, que enseja um balanço crítico em função dos objetivos que os militantes se colocaram e da problemática proposta por este trabalho.

1. CUBA

2.1) FORMAÇÃO CUBANA

a) A MARCA DA COLÔNIA

O extraordinário desenvolvimento de Cuba como colônia agrícola e principal produtora de açúcar para o mercado mundial será fenômeno relativamente tardio,

contemporâneo da própria crise do antigo sistema colonial¹⁴⁹. Nos primórdios da empresa castelhana, a ilha serviu principalmente como base de apoio para a exploração das terras continentais recém desveladas para a conquista¹⁵⁰. O ouro aluvião encontrado no Caribe esgotou-se rapidamente e a descoberta das minas no México e no Peru deslocou o fluxo imigratório e o esforço dos conquistadores na direção destas regiões. Neste contexto, a colonização inicial de Cuba obedeceu ao padrão espanhol, fundando-se vilas assentadas sobre a escravidão e a servidão indígena, processo que teve efeitos devastadores sobre a população aborígine, praticamente dizimada ainda no primeiro século da conquista¹⁵¹.

A necessidade de concentrar esforços diante da vastidão geográfica do império castelhano, no quadro da concorrência intrametropolitana, ensejou a sistematização do tráfico marítimo, com o objetivo de facilitar a defesa militar do comércio colonial, derivando no estabelecimento do sistema de frotas em 1543, que se tornaria efetivo em 1566. A situação privilegiada do porto de Havana determinou a sua eleição como última escala das viagens de regresso à península, onde reuniam-se os comboios carregados de metais preciosos e outras mercadorias americanas. Esta escolha foi favorecida não apenas pela localização geográfica, mas Havana amealhava condições naturais e sociais para responder aos requerimentos de infraestrutura e produção que o apoio à frota demandava¹⁵².

O dinamismo econômico gerado pelo atendimento às necessidades dos comboios converteu Cuba em uma espécie de colônia de serviços, situação singular em todo o Caribe espanhol, exceto o Panamá. A ilha mantinha-se através de aportes financeiros

¹⁴⁹ “Em termos de florescimento econômico e de modernização, o século 19 poderia ser chamado o século de ouro da era colonial em Cuba.” FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 50.

¹⁵⁰ “Em síntese, a ocupação de Cuba e a fundação de vilas na costa sul estão imersas no salto e assalto à *Tierra Firme*, e nas imprecisas mas tentadoras notícias de grandes riquezas no caminho para o oriente.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 34.

¹⁵¹ “A escravização, o choque psicológico, a desarticulação de sua organização social, a crise de seu mundo religioso, a ruptura de suas normas de comportamento e as enfermidades que traziam os conquistadores e seus animais reproduziram em Cuba a catástrofe demográfica que Velázquez tentou evitar.” Ibidem, p. 34. “Muitos conquistadores traziam em seus rostos as cicatrizes da varíola, e haviam passado pelas doenças habituais da infância européia, o que lhes valeu uma grande resistência a seus agentes patogênicos. As comunidades índio-cubanas, pelo contrário, dado seu isolamento e estágio produtivo, tinham muito pouca densidade populacional e não tinham comunicação com outros continentes, o que as mantinha num certo estado de virgindade imunológica.” Ibidem, p. 39.

¹⁵² “Cuba, e especificamente Havana, como já ressaltamos, foi se convertendo no centro de reunião de frotas, com o obrigatório suprimento de água, abastecimento para a viagem transatlântica, trabalhos de carenagem e reparação de navios, hospedagem para a população de passagem, custódia dos tesouros particulares ou reais em trânsito, vigilância das zonas marítimas de maior perigo e proteção diante de possíveis ataques inimigos.” Ibidem, p. 50.

oriundos das demais regiões do império na forma de *situados*, instrumento de partilha dos ônus de manutenção e defesa da frota mercantil¹⁵³. Assim, embora não produzisse riqueza, Havana afirmava-se como parte integrante dos mecanismos do exclusivo metropolitano, ocupando uma posição sintetizada por Moreno Fraginals nos seguintes termos: “Dito de maneira simples e objetiva: durante quase três séculos, Havana foi um enclave que não produzia dinheiro para a metrópole, **mas lhe valia dinheiro**”¹⁵⁴.

Além dos investimentos em infraestrutura, de comunicação e de defesa custeados pela extração mineira e das atividades produtivas estimuladas pelo abastecimento às tripulações, a localização de Havana no extremo da rota garantia-lhe os fretes mais baratos de todo o continente, uma vez que as frotas transportavam principalmente uma carga valiosíssima, mas de dimensões reduzidas. Como decorrência, o porto exercia também um papel reexportador de mercadorias de outras zonas americanas. No conjunto, os estímulos recíprocos gerados pela conjunção entre produção e serviços tornaram Havana a terceira cidade americana do império colonial espanhol.

As demais partes da ilha não partilhavam desta afluência. Em uma realidade em que as diferentes regiões comunicavam-se antes com o exterior do que entre si, a atividade econômica orientou-se para o contrabando, principalmente de charque e gado em pé, para abastecer as Antilhas açucareiras a partir do século XVII¹⁵⁵. Assim, Cuba não revela-se uma unidade, em uma circunstância na qual a referência de totalidade será, até meados do século XVIII, a metrópole espanhola.

De forma correspondente, a oligarquia havanesa identificará seus interesses fundamentais com a preservação do sistema colonial, do qual extrai suas possibilidades de realização econômica e ascensão social. Comandando um enclave próspero e relativamente diversificado¹⁵⁶, unida por múltiplos laços econômicos e sociais com a

¹⁵³ “Esses serviços permitiram um fluxo de ganhos monetários (os chamados *situados* com que a Espanha pagou os serviços prestados) que passaram às mãos de um grupo de povoadores que por sua vez investiram em recursos produtivos e acabaram constituindo uma oligarquia local enriquecida e poderosa.” Ibidem, p. 51.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 52 (grifo no original).

¹⁵⁵ “Desde o século 16 até o 18 as comunicações das principais vilas cubanas com o estrangeiro eram mais freqüentes e importantes do que as relações dessas mesmas vilas entre si e com Havana.” Ibidem, p. 141.

¹⁵⁶ Esta circunstância não justifica a aberrante premissa que fundamenta o contraste entre Cuba e Virginia realizado por Klein. “*This pattern of domestic urban growth and diversified small-farming agriculture that was established by the end of the sixteenth century would set the pattern for the Cuban economy until the twentieth century.*” KLEIN, Herbert. *Slavery in the Americas. A comparative study of Virginia and Cuba*. Chicago: Elephant Paperbacks, 1989, p. 147.

metrópole, a liderança insular conformou-se como um grupo social coeso e poderoso, dotado de relativa capacidade de iniciativa econômica e direção política¹⁵⁷.

Elo fundamental da dominação imperial, a oligarquia havanesa impôs aos demais estratos sociais o padrão de dominação típico da colonização ibérica, que Carrera Damas definiu como *cultura cativa criolla*: uma cultura dominante na relação com índios, negros, escravos e artesãos, mas dominada em relação à metrópole¹⁵⁸. Embora a dicotomia de castas característica da colonização continental não seja aplicável à realidade da ilha, onde dizimou-se a população aborígine, a presença africana colocou em termos diferentes o problema da segregação social, não obstante a difusão do trabalho livre entre os negros e sua inserção predominantemente urbana neste momento¹⁵⁹. A diferença da situação cubana em relação aos rígidos padrões de apartamento social e exploração do trabalho imperantes nas demais Antilhas radica na posição débil dos castelhanos no tráfico negreiro¹⁶⁰, que bloqueou as possibilidades iniciais de consolidação da *plantation*¹⁶¹. Esta realidade será subvertida em meados do século XVIII, quando estabelecem-se as bases da empresa agrícola que transformará as relações de produção e a cultura militar e marítima até então prevalentes.

O ponto de partida desta mudança foram os esforços do império por promover o desenvolvimento econômico americano nos quadros do sistema colonial com o intuito de melhorar a sua própria posição no concerto europeu, tendência acentuada com as

¹⁵⁷ “Institucionalizou-se assim um fechado grupo no topo da sociedade, uma oligarquia do dinheiro e do poder local, unida aos interesses imperiais por duplos laços, econômicos e familiares, com profunda consciência regional de parentesco, classe, etnia e grupo, e enérgica atuação em defesa dos assuntos comuns. Para a coroa essa oligarquia era indesejável e imprescindível.” MORENO FRAGINALS, op. cit., p. 76.

¹⁵⁸ A expressão foi cunhada pelo historiador venezuelano Germán Carrera Damas e é adotada por Moreno Fragnals, op. cit., p. 147. Sobre os padrões de sociabilidade resultantes: “Na cúpula, uma elite de brancos, ou considerados brancos, com riqueza e poder; abaixo, uma massa de brancos pobres não fidalgos, índios, negros e todas as mestiçagens possíveis entre eles. Ficavam assim definidas três normas de comportamento social: a dos fidalgos entre si; a dos fidalgos com os brancos não fidalgos e a dos brancos, fidalgos ou não, com índios, negros e mestiços.” Ibidem, p. 127.

¹⁵⁹ “*Pero lo que diferencia la distribución del esclavo en Cuba en comparación con las demás colonias, es sin duda su relativa abundancia y concentración en las ciudades.*” LE RIVEREND, Julio. *Historia económica de Cuba*. Barcelona: Ediciones Ariel, p. 157. “(...) a população negro-mulata, urbana, livre e escrava, teve uma espécie de relevância social, expressa em níveis de autonomia econômica e independência pessoal de decisão.” MORENO FRAGINALS, op. cit., p. 102.

¹⁶⁰ “Até o final do século 18, Cuba não conseguiu dispor de um sistema efetivo de importação de escravos, e por isso até então os engenhos tiveram um certo sabor de indústria doméstica rural (...)” Ibidem, p. 110.

¹⁶¹ O debate em torno à singularidade da *plantation* em relação a outras formas de exploração agrária no Novo Mundo foi inaugurado por: WOLF, Eric; MINTZ, Sidney. *Haciendas and plantations in Middle America and the Antilles*. Social and Economic Studies 6: 380-412 (1957). O tema foi aprofundado na coletânea: FLORESCANO, Enrique (org.) *Haciendas, latifundio y plantaciones en América Latina*. México: Siglo XXI, 1975.

reformas borbônicas¹⁶². No bojo deste processo, a coroa incentivou a produção de tabaco assentada na pequena produção independente e no trabalho livre em Cuba, estimulando com este objetivo a vinda de imigrantes espanhóis, em contraste com o padrão escravista dominante na Virgínia¹⁶³. Quando em 1739 criou-se a *Real Compañía de Comercio de La Habana*, estabelecendo o monopólio real sobre a comercialização do tabaco, os grandes capitais da oligarquia local viram-se privados da exploração desta atividade, redirecionando-se paulatinamente à produção açucareira¹⁶⁴, movimento que selaria uma identificação duradoura dos seus interesses com este ramo de negócios. Moreno Fragonal destaca este “contraponto” entre os papéis do tabaco e do açúcar na economia cubana¹⁶⁵:

A realidade foi que o tabaco, genuinamente cubano em sua origem índia, foi um negócio tipicamente peninsular, explorado e desenvolvido por interesses coloniais até o começo do século 20. E o açúcar, embora estrangeiro em sua origem árabe, foi desde o início em Cuba a base do poderio da oligarquia crioula: poderio econômico, mas também cultural no mais alto nível da América hispânica¹⁶⁶.

O êxito do negócio açucareiro alicerçado nos capitais locais motivou a gênese nos anos 1760, de um projeto da oligarquia havanesa convergente com a orientação geral das reformas borbônicas, visando tornar Cuba, à semelhança da ilha francesa de São Domingos, a primeira produtora mundial de açúcar e café. No meio século seguinte, este desígnio tornaria-se realidade.

¹⁶² “A diferencia de Portugal, donde la etapa pombalina marca un brusco y deliberado cambio de rumbo, en España la etapa de reformas por excelencia – la que va desde la toma de La Habana hasta la muerte del influyente ministro Gálvez, en 1787 – no supone sino la intensificación de una tendencia que se hacía sentir desde la instalación de la dinastía borbónica, al abrirse el siglo.” HALPERIN DONGHI, 1985, p. Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 50.

¹⁶³ “A diferencia de lo que sucede en las trece colonias inglesas de la América del Norte (o sea, en Virginia, actual estado de los Estados Unidos) donde el cultivo del tabaco se realiza sobre bases latifundiaras y con un gran empleo de esclavos, el cultivo en Cuba se realiza en pequeñas fincas y casi sin empleo de esclavos. La razón de estas diferencias puede radicar en el hecho de que el comercio del tabaco de Virginia se organiza desde el principio sobre bases masivas de tipo capitalista muy definido, mientras que en Cuba la producción primero se destina al consumo interno y va creciendo lentamente, a medida que aumenta el mercado exterior.” LE RIVEREND, op. cit., p. 144.

¹⁶⁴ “La reforma potencialmente más irritante no estaba inspirada por la preocupación de ampliar la economía de mercado, sino por la fiscal: era la implantación del estanco de tabaco, que regulava las áreas de producción de la hoja y reservaba a la Corona el monopolio de su compra y manufactura. Esta causó, sin embargo, menos controversia que en el continente, pese a que Cuba contaba con un grupo de productores de peso social considerable: la clara alternativa que les ofrecía el azúcar disuadía a los más poderosos de entre ellos de defender conflictivamente los lucros potenciales de un sistema no mercado por el monopolio podía ofrecerles en el ramo del tabaco.” HALPERIN DONGHI, op. cit. p. 53.

¹⁶⁵ A referência clássica deste contraponto é: ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

¹⁶⁶ MORENO FRAGINALS, op. cit., p. 118.

b) CUBA E A CRISE DO ANTIGO SISTEMA COLONIAL

Caso singular na América ibérica, a crise do antigo sistema colonial favoreceu em Cuba a floração tardia da *plantation* açucareira, desencadeando um processo em que a integração imediata aos fluxos mercantis do capitalismo ascendente viabilizou-se nos marcos de um rearranjo das estruturas de dominação colonial. Florestan Fernandes sintetiza nas seguintes palavras o alinhamento de interesses que resultou neste caminho peculiar:

A mencionada revolução dentro da ordem colonial só beneficiou aos espanhóis, aos estamentos privilegiados (ou mesmo, ultraprivilegiados) e aos interesses capitalistas externos. A possibilidade de modernizar a colonização e a possibilidade ainda mais importante para eles de levar a colonização até ao fundo casaram a modernidade de Cuba com um destino colonial¹⁶⁷.

A tomada de Havana pelos ingleses em 1762¹⁶⁸ no contexto das disputas intrametropolitanas pelo comando do comércio atlântico¹⁶⁹ é considerada o marco inicial deste processo. Nos onze meses em que durou a ocupação militar, a oligarquia havanesa vivenciou relações mercantis que subverteram os parâmetros do exclusivo metropolitano, revelando o potencial econômico latente da ilha. Ao aceder ao fornecimento de mão de obra escrava e aos canais de comercialização de açúcar e demais produtos provistos pelos mercadores ingleses, revelaram-se, aos olhos cubanos, as condições para a afirmação tardia da *plantation* na ilha¹⁷⁰.

¹⁶⁷ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 52.

¹⁶⁸ “Sem entrar nos detalhes em que abunda a história militar, basta consignar que a tomada de Havana pelos ingleses foi o feito da guerra de maior significado dos três primeiros séculos da colonização americana, pelo extraordinário volume de soldados mobilizados, pelos milhares de baixas em combate e pelas epidemias desencadeadas na luta. Na tomada de Havana, os ingleses empregaram mais de 50% de suas forças navais destacadas no Caribe e os espanhóis perderam mais de 20% de sua marinha.” MORENO FRAGINALS, op. cit., p. 154.

¹⁶⁹ A Guerra dos Sete Anos, que sinaliza a afirmação da hegemonia mundial inglesa, encerrou-se em 1763, apenas onze meses depois da tomada de Havana. Complexas disputas de poder, externas e internas (envolvendo o *lobby* açucareiro colonial inglês contrário à incorporação de zonas concorrentes), determinaram, no Tratado de Paris, a troca de Havana pela Flórida, ao mesmo tempo em que a Inglaterra devolveu à França as ilhas de Martinica, Guadalupe e Santa Lúcia, mas apoderava-se do Canadá, Dominica e Granada, além das ilhas neutras de San Vicente e Tobago. MORENO FRAGINALS, op. cit., capítulo 12.

¹⁷⁰ “Así, la importancia de la toma de La Habana por los ingleses para Cuba está en haber acelerado un proceso inevitable. Introduciendo no menos de 4000 esclavos, poniendo a producir toda la capacidad instalada, creando fuertes nexos económicos con las Trece Colonias norteamericanas, los ingleses rompieron en sólo un año el equilibrio productor cubano y aceleraron el tránsito hacia la plantación.”

O desfecho da Guerra dos Sete Anos explicita a debilidade espanhola, acelerando as reformas coloniais que iniciaram-se justamente em Cuba, onde a vulnerabilidade do império americano ficara evidente¹⁷¹. Em uma situação na qual as necessidades de defesa da ilha demandavam o estreitamento dos laços com a metrópole, reforçou-se a posição da oligarquia havanesa, uma vez que esta fidelização alicerçava-se não apenas na acumulação de riqueza, mas também no ascenso militar e em um progressivo enobrecimento da elite *criolla*, que assumia os padrões culturais da aristocracia espanhola. No plano mercantil, o poder insular não se mostrava disposto a retroceder no caminho entrevisto rumo à *plantation*, o que desencadeou um processo de renegociação das bases do pacto colonial, objetivando conciliar o empreendedorismo da oligarquia havanesa com a dominação colonial espanhola¹⁷². O cerne do problema era garantir a provisão do braço escravo e o acesso aos mercados consumidores de produtos tropicais, ambas condições que a metrópole espanhola, impossibilitada de atender por si, foi obrigada paulatinamente a ceder¹⁷³. Assim, unida em prol de uma remodelação da subordinação colonial que potencializasse a *plantation* açucareira, a sacarocracia cubana consolidou-se como grupo dotado de capacidade de iniciativa econômica e direção política, que conduziria a ilha em poucas décadas à liderança na produção mundial de açúcar e café¹⁷⁴. Moreno Fraginals salienta a singularidade do processo cubano no quadro antilhano: “*Al contrario de las colonias inglesas, francesas u holandesas, donde*

MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2 ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 36.

¹⁷¹ “*Aunque la sorpresa de La Habana lanzó a España en el camino de la reforma colonial, no la emprendió de modo sistemático y global. Cuba – donde la debilidad de la implantación española se había revelado tan dramáticamente – iba a ser la primera área tocada por el impulso renovador (...)*” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 52.

¹⁷² Medidas como a primeira etapa do livre comércio, o barateamento dos negros escravos, isenção da *alcabala* para os engenhos de fundação recente, a diminuição dos impostos de exportação etc., reforçadas pelo ascendente poder político-militar da oligarquia havanesa, foram fatores que impulsionaram a produção açucareira. MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 189.

¹⁷³ “Entre 1792 e 1818 sucedem-se numerosos documentos, ordens e decretos que permitem, proíbem, ampliam, restringem, modificam, o livre comércio de Cuba em relação ao açúcar e aos negros. É a legislação característica de um governo que perdeu a direção econômica e se debate entre poderosas forças contraditórias. Ainda mais: são disposições típicas de um poder político que conserva, teoricamente, a faculdade legislativa, mas que carece de força para tornar seu cumprimento obrigatório.” Ibidem, p. 205.

¹⁷⁴ “Há um amplo grupo de homens vivendo em Cuba nas décadas finais do século 18 e nas primeiras do 19 que integram uma geração (se geração quer dizer algo na história) impulsionada por uma forte vontade de mudança: dominadores cativos de seu próprio devir. Até agora temos nos referido a eles como **oligarquia havanesa**: a partir do último terço do século 18 preferimos chamá-los de **plantocracia** ou **sacarocracia**, não só porque a fabricação do açúcar e a produção de café foram suas bases econômicas essenciais de sustentação, mas também porque tanto a estrutura como a infra-estrutura de plantação que eles desenvolveram em seu nível máximo acabou por marcá-los indelevelmente.” Ibidem, p. 191.

el desarrollo azucarero provenia de una política estatal consciente, el azúcar cubano crecía desde el siglo XVII sobre la base de un esfuerzo autóctono de los propios colonos”¹⁷⁵.

O caráter burguês do empreendimento cubano foi limitado desde o início pelas estruturas do comércio internacional, do qual dependia para obter mão de obra e escoar sua produção, reproduzindo um padrão de relação colonial que tendeu a transferir, com o tempo, o controle da produção aos comerciantes¹⁷⁶. Este processo será retardado em Cuba por uma conjuntura excepcional de preços altos no bojo das comoções decorrentes da crise do antigo sistema colonial. O virtual desaparecimento de Saint Domingue do mercado internacional, principal produtor de açúcar e café no momento em que eclodiu a revolução francesa, foi o mais espetacular embora não tenha sido o único evento a repercutir na ilha. A independência das treze colônias norte-americanas obrigou-as a redirecionarem o comércio anteriormente realizado com as Antilhas inglesas, o que abriu novas possibilidades para a produção cubana. Por outro lado, a evolução das guerras napoleônicas isolou a península dos mercados coloniais, impondo o livre comércio como uma realidade nas terras americanas, em um contexto no qual o sucessivo desencadeamento das lutas emancipatórias no continente favoreceu uma atitude flexível da coroa em relação às ilhas do Caribe, únicos aliados potenciais no confronto¹⁷⁷.

O vigoroso impulso que a economia da ilha recebeu no apogeu da crise do antigo sistema colonial pode ser dimensionado pelo aumento dos seus habitantes, que

¹⁷⁵ MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 25.

¹⁷⁶ “*El sacarócrata cubano de fines del XVIII y principios del XIX se expresa en términos burgueses.*” Ibidem, p. 72. Esta percepção converge com o argumento geral de Genovese, que enfatiza a motivação capitalista do empreendimento havanês, embora o historiador estadunidense não atente para as particularidades do caso cubano, que tende a identificar com os processos do Caribe inglês e francês caracterizados pelo investimento metropolitano e o absenteísmo dos proprietários de engenho. “Em resumo: a ascensão do ingenio de açúcar em Cuba, no século XIX, representou a ascensão de uma nova classe de escravocratas capitalistas para os quais a escravidão era um expediente econômico. A escravidão cubana experimentou um processo de penetração burguesa correspondente ao do Caribe anglo-francês.” GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão*. Rio de Janeiro Pallas, 1976, p. 80. Moreno Friginals aponta as diferenças dentro da identidade geral burguesa: “*A diferencia de las islas inglesas o francesas del Caribe, los ingenios cubanos se levantaron sobre la base de inversiones nativas; y los propietarios, salvo rarísimas excepciones, jamás fueron absentistas. (...) Con espíritu de modernos empresarios, estuvieron al tanto del desarrollo tecnológico mundial, e incorporaron al complejo azucarero cubano, muy rápidamente, los equipos y adelantos capaces de aumentar la capacidad o rentabilidad de la industria.*” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2 ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 74.

¹⁷⁷ “*Desde 1792 la isla es una gran recepcionista de capitales de inversión. Los grandes comerciantes de Nueva España, los poderosos de Cádiz y Sevilla, los plutócratas en ciernes de Estados Unidos y los pocos azucareros haitianos que han logrado salvarse de la ruina, todos venen a impulsar el azúcar habanera.*” Ibidem, t. 1, p. 68.

quadruplicaram entre 1774 e 1827, passando de 171.000 para 704.000. A proporção de população escrava no período passou de 23% para 41%, refletindo o dinamismo da *plantation*¹⁷⁸. O avanço do açúcar induziu mudanças não somente na composição da população, mas também nos padrões de integração da ilha, impulsionando a conexão de regiões até então autônomas, progressivamente uniformizadas sob a égide da *plantation*¹⁷⁹:

*Hasta fines del siglo XVIII no existió una noción concreta de unidad insular. Cuba está constituida por núcleos sociales de características formales diferenciadas y una muy especial vida autónoma. Estos elementos típicos comienzan a desaparecer con la unidad que comunica el azúcar*¹⁸⁰.

A consolidação da grande plantação associada ao trabalho escravo e à renovação do pacto colonial, em um momento em que o sentido do movimento histórico apontava para a afirmação do capitalismo e a emancipação nacional, deve ser entendida à luz da tripla conjunção entre a impotência da oligarquia cubana, o atraso do capitalismo espanhol e o impasse na disputa entre Estados Unidos e Inglaterra pelo domínio do Caribe.

Ao identificar o desenvolvimento da ilha com a expansão da *plantation*, a sacarocracia selou o seu destino subordinado como classe, na medida em que dependeria irremediavelmente do poder metropolitano para assegurar o suprimento de escravos e afiançar a ordem social interna¹⁸¹. Por outro lado, o atraso relativo do capitalismo espanhol restringiu as possibilidades de renovação do laço colonial em moldes estritamente econômicos. Incapaz de proporcionar mercados relevantes, indústrias complementares, ou capital para investir¹⁸², a metrópole aferrou-se à

¹⁷⁸ HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 366.

¹⁷⁹ Do ponto de vista político, a ascensão do açúcar (e em menor medida do café) sobre o tabaco, representa o triunfo das forças sociais *criollas* adeptas do livre-comércio sobre o estatismo espanhol vinculado aos controles monopolistas. MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, capítulo 14.

¹⁸⁰ MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 148.

¹⁸¹ “O espectro da guerra servil aparece ainda mais claramente como um aspecto da questão de classe, pois logo se reduz a uma simples proposição: os escravocratas, considerados uma classe aparte da burguesia metropolitana, não podiam governar. Constituía, neste sentido, não uma classe dominante em absoluto, mas uma camada da classe dominante metropolitana.” GENOVESE, op. cit., p. 49.

¹⁸² “La metrópoli española, con mínimo consumo de productos coloniales, no puede ofrecer a Cuba un mercado preferencial de consideración. Sin refinerías ni amplio comercio internacional, no puede ejercer el papel metropolitano de procesador de materias primas y reexportador. Sin industrias, no puede abastecer a su colonia de productos manufacturados. Sin marina, no puede establecer el típico “privilegio de navegación”. Y finalmente (aunque no lo último), la falta de unidad de su sistema monetario y el nulo desarrollo de sus instituciones crediticias, determinan también que España carezca

manipulação das contradições que pressionavam o escravismo sob o capitalismo para sujeitar a sacarocracia¹⁸³.

Assim, em uma conjuntura em que o império encontrava-se ameaçado internamente pelas guerras de independência e externamente pela concorrência capitalista, a Espanha foi constrangida, em Cuba, a ceder os anéis para não perder os dedos. Os peninsulares permitiram uma margem de autonomia inédita para a oligarquia insular¹⁸⁴, relaxando o controle sobre o comércio dos produtos coloniais¹⁸⁵, em uma circunstância na qual a sua dominação assentaria-se principalmente em mecanismos políticos¹⁸⁶. Neste sentido, Moreno Fragonals afirma que: “Cuba ficou como uma colônia política da Espanha sem ser, no sentido da economia clássica, uma colônia econômica”¹⁸⁷.

Do ponto de vista do capital internacional, a renovação do laço colonial em termos que propiciaram a participação econômica de outros países nos negócios cubanos tornou a preservação da dominação espanhola um arranjo satisfatório, principalmente para a Inglaterra e os Estados Unidos. Receosa de provocar uma gravitação definitiva da ilha para a esfera de influência estadunidense, os ingleses combinaram a pressão política pela abolição da escravidão com a tolerância

de mecanismos financieros capaces de actuar como instrumentos de dominación.” MORENO FRAGONALS, Manuel. El Ingenio. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 130.

¹⁸³ “Sem aptidões para estabelecer uma exploração colonial ao modo capitalista, a Espanha optou por desenvolver uma política de força que era essencialmente anticapitalista, pois a possibilidade de sua aplicação residia em explorar as contradições escravistas como recurso de sobrevivência.” MORENO FRAGONALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 250.

¹⁸⁴ “Las carencias metropolitanas, anteriormente anotadas, y su convulsa situación interna y desastre imperial, proporcionaron a la sacarocracia criolla la posibilidad de organizar el cuadro institucional económico-político de más amplia autonomía que jamás haya tenido colonia alguna en el mundo.” MORENO FRAGONALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 130.

¹⁸⁵ “En síntesis, como hicieron con el azúcar y las mieles finales, también en el caso del ron o aguardiente de caña, la sacarocracia criolla y los propios comerciantes españoles en la Isla, se vieron obligados a buscar mercados distintos del metropolitano, y un transporte marítimo que no fuese la flota mercante de Indias.” Ibidem, t. 2, p. 105.

¹⁸⁶ O que se traduzia em vultuosos ganhos econômicos, principalmente através do tráfico negreiro arrebatado pelos mercadores peninsulares dos ingleses que liquidavam o seu negócio. “La posesión de una colonia tan rica como Cuba fue un factor positivo en la situación monetaria española. Por una parte, España percibía las grandes remisiones en efectivo que los comerciantes de la Isla hacían a las casas matrices, pues el comercio colonial cubano estaba dominado por empresas metropolitanas. Por otra parte, la hacienda española recibía, también en efectivo, la gran contribución de la colonia al presupuesto de la metrópoli. Y finalmente, la balanza comercial cubana, altamente excedentaria en su intercambio con los Estados Unidos y los principales mercados europeos, proveía a España de un saldo acreedor que le permitía compensar su crónico déficit.” Ibidem, t. 2, p. 145.

¹⁸⁷ MORENO FRAGONALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 199.

econômica¹⁸⁸. O resultado é que, embora a coroa espanhola endosse a proibição do tráfico em 1820¹⁸⁹, os escravos serão introduzidos ilegalmente na ilha em altas quantidades até a derrota sulista na guerra da secessão, fato que compromete definitivamente as estruturas do contrabando¹⁹⁰.

Em suma, a renovação do nexos colonial em Cuba viabilizou o desenvolvimento da *plantation* e a integração imediata da ilha aos dinamismos do mercado mundial. Enquadrado nos marcos da crise do antigo sistema colonial, o desenlace do processo cubano revela-se, na visão de Halperin Donghi, coerente com a dinâmica subjacente ao movimento que conduziu à independência na América continental¹⁹¹:

*Esta reliquia colonial ha realizado, en efecto, mejor que cualquiera de los países recientemente emancipados uno de los objetivos esenciales del proceso emancipador: la emancipación de su economía exportadora mediante la incorporación más directa al mercado atlántico. Esa situación paradójica es fruto del vigor que en su última floración conserva la plantación, y también del cumplimiento sólo parcial y desigual del programa independentista en el continente*¹⁹².

C) INSERÇÃO DE CUBA NO MERCADO MUNDIAL

O êxito espetacular do setor mercantil cubano, que na década de 1830 tornou-se líder mundial na exportação de açúcar, café, méis (melaço), aguardente e cobre,

¹⁸⁸ *En realidad los capitalistas británicos no tenían interés alguno en arruinar la producción algodonera de USA de la cual dependía la potente industria textil inglesa – la mayor del mundo en la época – ni tampoco deseaban liquidar su rico intercambio comercial con Cuba y Brasil.* MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 130.

¹⁸⁹ “Las grandes facilidades ofrecidas por las autoridades españolas a los negreros facilitaron esta introducción ya que aunque prohibida **de jure**, la trata quedó autorizada y aun protegida **de facto**.” Ibidem, t. 2, p. 275.

¹⁹⁰ “El libre comercio de esclavos africanos a Cuba se inicia en 1790: pero la trata de esclavos fue suprimida por Dinamarca en 1802, por Inglaterra en 1808, por Suecia en 1813, por Holanda y Francia en 1814 y por España en 1820. Es decir, el gran desarrollo esclavista cubano tiene lugar al mismo tiempo en que Europa desenvuelve una intensa campaña contra este tipo de comercio de hombres. Esto determinó que fueran más los esclavos que entraron en Cuba “de contrabando” que legalmente.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba- Puerto Rico- Santo Domingo (1860-1940)*. In: Idem. *La historia como arma*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 51.

¹⁹¹ Moreno Friginals sintetiza as razões da sacarocracia para renovar o pacto colonial: “Primeiro, porque no momento da independência americana, Cuba tem uma enorme população escrava, quase toda africana (os negros criollos estão em minoria), e a experiência colonial (Saint Domingue) tinha assinalado que uma guerra entre os senhores leva inevitavelmente a uma sublevação escrava e à ruína da riqueza baseada na escravidão. Segundo, porque sob o Antigo Regime a sacarocracia crioula era governo de fato, e portanto não tinha razões para exercer a violência.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 206.

¹⁹² HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 373.

colocando-se entre os primeiros em cera, mel de abelhas e tabaco¹⁹³, foi constrangido por contradições estruturais que afloraram no decorrer do século XIX, marcado por um longo processo agônico que reduziria uma economia exportadora relativamente diversificada, comandada por uma oligarquia dotada de iniciativa política e econômica, à condição de mera fornecedora do truste açucareiro estadunidense¹⁹⁴. Esta trajetória foi balizada pelos limites intrínsecos a um nexos colonial peculiar, que vinculava uma oligarquia escravista a uma metrópole impotente, em um contexto de afirmação da revolução industrial e de notável crescimento do capitalismo estadunidense, instigando a expansão da área de influência deste país.

Neste contexto, a iniciativa burguesa da oligarquia *criolla* esteve duplamente coibida pelos condicionamentos impostos pela *plantation*, uma vez que a dependência estrutural em relação ao polo comercial inibia as possibilidades de autonomização econômica, enquanto a perpetuação da escravidão bloqueava o alargamento do consumo interno¹⁹⁵. Cerceado o campo para a inovação tecnológica em função dos entraves à difusão do trabalho assalariado, a ampliação da capacidade produtiva da ilha confinou-se ao crescimento extensivo da plantação¹⁹⁶. Esta realidade acentuou a vulnerabilidade da sacarocracia em relação aos mercadores espanhóis, na medida em que a crescente perseguição ao tráfico tornava a provisão do braço negro mais incerta e cara,

¹⁹³ Nenhum destes produtos ameaçou a hegemonia do açúcar, que imprimiria uma marca indelével à sociedade cubana através do século. “*Bajo el doble impulso de una legislación especial y un dinámico setor empresarial, y apoyada en extraordinarias condiciones naturales (tierras de gran fertilidad, óptimo régimen de lluvias, grandes recursos forestales, etc.), se entiende por qué Cuba fue la primera productora mundial de azúcar desde 1829 a 1883.*” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2 ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 75.

¹⁹⁴ “*En síntesis, el periodo analizado es para el azúcar cubana el del tránsito de la pluralidad de mercados a un sólo mercado; de una relativa pluralidad de productos de exportación a una posición monoexportadora; del paso, en lo económico, del colonialismo subdesarrollado español a la órbita neocolonial norteamericana.*” Ibidem, t. 2, p. 172.

¹⁹⁵ Em consonância com o rechaço ao marxismo no âmbito acadêmico nos últimos decênios, emergiram diversas contestações à interpretação de Moreno Friginals. No Brasil, difundiu-se principalmente a leitura de Rebecca Scott, que contesta a incompatibilidade entre trabalho escravo e inovação tecnológica, enfatizando o papel da resistência escrava em detrimento das contradições estruturais em uma análise sobre o fim da escravidão em Cuba. SCOTT, Rebeca. *Emancipação Escrava em Cuba – a transição para o trabalho livre (1860-1899)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. Uma introdução ao debate em: SCHMIDT-NOWARA, Cristoper. Manuel Moreno Friginals: an Appreciation. *Hispanic American Historical Review*, v. 82, n. 1, p. 125-127, feb. 2002.

¹⁹⁶ “*Although total production increased faster than the number of mills (the average mill produced 30 tons in 1792, 46 tons in 1802, 90 tons in 1827, and 200 tons in 1850), no trend toward concentration was yet apparent. In fact, expansion was based primarily on the incorporation of new units of production.*” CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974, p. 38.

engendrando um movimento secular destinado a minar a base econômica de poder da oligarquia *criolla*¹⁹⁷.

Por outro lado, em uma conjuntura em que a abolição legal do trato escravo em 1820 agravou a sujeição do negócio açucareiro às possibilidades da coroa acobertar o tráfico, ao mesmo tempo em que a consumação da independência na América continental ensejou a concentração dos esforços peninsulares na exploração colonial do Caribe¹⁹⁸, recrudescu o empenho espanhol em recuperar as posições de força na política interna da ilha. Impossibilitada de responder às demandas tipicamente econômicas que o dinamismo da exportação agrícola colocava, a dominação espanhola baseou-se na reprodução estática da ordem e nos mecanismos de força em que assentava-se a espoliação colonial, como aponta Florestan Fernandes:

De fato, o vínculo colonial de Cuba com a Espanha repousava sobre processos estáticos (de reprodução da ordem existente) e numa relação parasitária insustentável entre a metrópole e a colônia. O sistema de poder colonial, fundado na dominação direta, perdera sua base econômica. Ele se sustentava na força militar, no apoio direto ou indireto que os interesses espanhóis recebiam de muitos hacendados e negociantes cubanos e na confiança dos estadunidenses na eficácia desses interesses para manter a estabilidade da ordem vigente¹⁹⁹.

O crescimento extensivo da *plantation* foi temporariamente viabilizado com a instalação progressiva da rede ferroviária a partir de 1837, que ampliou as áreas agricultáveis acentuando o processo de unificação da ilha sob a égide do açúcar²⁰⁰. No entanto, a convergência entre a intensificação da perseguição ao tráfico em um contexto

¹⁹⁷ “A tendência, irreversível, era a elevação contínua do preço do escravo (devida à perseguição internacional do tráfico e à crise no mercado fornecedor) e queda do preço unitário do café e do açúcar por causa da violenta expansão dos mercados produtores. E como o valor do escravo era o componente fundamental do capital investido em engenhos e cafezais, no longo prazo o negócio produtor passaria para as mãos dos comerciantes ibéricos.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: 2005, p. 247.

¹⁹⁸ “En esta etapa intermedia de 1815-1819 a 1838-1842, vamos a contemplar únicamente la lucha española por desmontar el utillaje económico-político-institucional levantado por la sacarocracia en el período anterior. Y de que modo la clase de comerciantes y funcionarios peninsulares se fueron apropiando de los nuevos márgenes de formación bruta de capital creado por una producción azucarera que ellos no fomentaban ni ayudaban a expandir.” MORENO FRAGINALS, Manuel. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p.133.

¹⁹⁹ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 58-59.

²⁰⁰ “A partir de 1837 se inicia en Cuba la más violenta expansión azucarera que conociera la historia. El ferrocarril a Güines marca un hito fundamental. La nueva tecnología de transporte rompe los límites territoriales impuestos a la manufactura haciendo posible la explotación altamente rentable de las tierras vírgenes del interior de la Isla.” MORENO FRAGINALS, Manuel. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 272.

de submissão espanhola à política inglesa²⁰¹ e a revolução tecnológica operada pela introdução dos aparelhos a vácuo no processamento do açúcar a partir dos anos 1840²⁰² colocou em situação crítica a reprodução da escravidão, desencadeando uma série de consequências elencadas por Moreno Fragonal:

*En general la situación determina o acelera cinco hechos al parecer independientes: el movimiento político de anexión a Estados Unidos, la ruina definitiva del café, el mejoramiento del nivel de vida de los esclavos, el acelerado proceso de mecanización azucarera y el inicio del comercio de chinos*²⁰³.

Do ponto de vista da força de trabalho, a escassez do braço escravo provocou a migração de trabalhadores dos cafezais aos engenhos, acelerando a decadência da produção cafeeira, ao mesmo tempo em que estimulou uma melhoria no tratamento aos cativos, com o intuito de favorecer o seu crescimento vegetativo²⁰⁴. Por outro lado, a mecanização produtiva estimulou a busca por trabalhadores chineses como alternativa de trabalho livre²⁰⁵.

No plano político, a proposta de anexação aos Estados Unidos não era uma novidade ideológica. Sua raiz estava na adesão intransigente à escravidão, que condicionou as fronteiras em que movimentou-se a política da sacarocracia desde a afirmação da *plantation*, oscilando entre o independentismo e o anexionismo aos Estados Unidos como respostas potenciais a qualquer iniciativa que ameaçasse a ordem escravista. Selada a opção colonial no início do século, esta ideologia evoluiu para o “anexionismo/reformismo”, segundo os termos empregados por Moreno Fragonal²⁰⁶, na medida em que a corrosão do escravismo levava a oligarquia insular a pressionar a

²⁰¹ “Así, una serie de factores contradictorios caracterizan el convulso desarrollo manufacturero de las décadas 1840 y 1850. En primer lugar, los sacarócratas viven varios años bajo el temor de una posible abolición de la esclavitud por parte del gobierno español – totalmente sometido a la política inglesa – y confrontan también la realidad de una eficaz persecución del comercio de negros por parte de la marina británica.” Ibidem, t. 1, p. 272.

²⁰² “No había posibilidad de adelantar con los viejos sistemas: Los trenes jamaquinos eran el pasado definitivo y sin retorno. Los aparatos al vacío, el futuro industrial incontenible. Al transformar el equipo básico del ingenio, invierten totalmente el sistema de producción. Esto no había pasado ni con el trapiche ni con la máquina a vapor que eran equipos secundarios. A partir de la década de 1840 y hasta la terrible crisis de los años 1880-1885, el panorama azucarero cubano es de trágica lucha visceral.” Ibidem, t. 1, p. 226.

²⁰³ Ibidem, t. 1, p. 273.

²⁰⁴ “El “buen tratamiento” era el síntoma más visible de la disolución de la esclavitud.” Ibidem, t. 2, p. 90.

²⁰⁵ “Todos los grandes ingenios mecanizados se fundan empleando al trabajo de los chinos.” Ibidem, t. 1, p. 221.

²⁰⁶ “O reformismo/anexionismo foi um ideário político colonialista, por quanto baseava sua eficácia na reunião de Cuba à Espanha ou numa mudança de metrópole.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba-Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 249.

coroa espanhola, “com o punhal da anexação no peito”, por reformas que perpetuassem seus privilégios nos negócios coloniais. Embora seja uma ideologia nascida na sacarocracia, sua influência estendeu-se aos setores médios brancos, em um contexto no qual os Estados Unidos despontavam como referência de modernidade para muitos na América Latina²⁰⁷. Do ponto de vista do Estado ianque, a anexação foi sempre contemplada como uma possibilidade concreta, ocasionando diversas ofertas de compra da possessão espanhola²⁰⁸. No entanto, ao final, prevaleceu a chamada política da “maçã madura”, prevendo que, com o tempo, Cuba naturalmente gravitaria para o seu campo hegemônico²⁰⁹.

Em suma, impotente para comandar os processos de inovação produtiva impostos pelo dinamismo do mercado mundial por dentro do laço colonial, seja por iniciativa própria ou através dos nexos com a metrópole ibérica, a sacarocracia reduziu progressivamente o seu papel econômico ao suprimento de matéria-prima para o truste açucareiro que conformou-se a partir dos anos 1860 nos Estados Unidos. Este movimento acentuou a crise nos setores vinculados à exportação do açúcar, que logo contagiaria outros estratos sociais, incendiando a ilha, quando eclode a Guerra dos Dez Anos em 1868²¹⁰.

²⁰⁷ “É um ideário político que respondia a interesses econômicos, mas que também tinha um profundo conteúdo ético e de progresso social; e distintos personagens da época o assumiram de forma diversa. Reduzir esse complexo mundo à afirmação da história tradicional pseudomarxista, por exemplo, de que anexando-se aos Estados Unidos os plantadores buscavam somente proteger a propriedade de seus escravos é uma simplificação grotesca e que exclui numerosos aspectos das explicações, entre os quais os múltiplos anexionistas sem escravos ou antiescravistas, antes e depois da Guerra da Secessão norte-americana.” Ibidem, p. 250.

²⁰⁸ “Several times in the nineteenth century the United States attempted to buy the island outright. James Polk offered U\$100 million for it in 1848, without effect. Six years later Franklin Pierce raised the purchase offer to U\$ 130 million, but with no greater success. The Grant administration also contemplated purchase, but nothing came of that project either. The United States thus reconciled itself to continued Spanish sovereignty over Cuba and, indeed, resolved to defend Spanish rule as an adequate if temporary substitute for annexation.” PÉREZ JR., Louis A. *The War of 1898. The United States and Cuba in: history and historiography*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998, p. 5.

²⁰⁹ “Na realidade, os Estados Unidos estavam convencidos da teoria da maçã, que ao amadurecer (Cuba) cairia inevitavelmente em sua órbita.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 256.

²¹⁰ “El proceso de desmoronamiento económico-moral de la sacarocracia criolla se ocultó tras un andamiaje ideológico deleznable, que en lo político puso de manifiesto la falta de fe en Cuba como nación, en lo social reveló la frustración de la clase como factor hegemónico, ya que se mostró incapaz de dirigir a la sociedad cubana hacia un destino superior, y en lo económico buscó la salvación de sus capitales invertidos en esclavos y tierras apelando a un hipócrita fervor agrícola, cerrando el paso a todo posible intento de desarrollo industrial y entregando a Cuba a la acción neocolonial de Estados Unidos.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 201.

d) CUBA E O IMPERIALISMO

O arco da vida de José Martí (1853-1895) corresponde ao período de transformações nas relações de produção do açúcar provocadas pelo impacto do imperialismo na ilha, desencadeando a crise da ordem escravista que desembocará nas guerras em que a afirmação da nacionalidade cubana se defrontará com os constrangimentos internos e externos colocados pela renovação dos nexos coloniais, que encaminham para a consolidação de uma economia de enclave. De acordo com Florestan Fernandes:

Ao aprofundar-se, a modernização da colonização forçou uma rearticulação com os espanhóis e a incorporação comercial e financeira de Cuba aos Estados Unidos. Em consequência, as contradições não contribuíram para intensificar ou fortalecer a primeira tentativa de revolução nacional, mas para impor a contenção conservadora e contra-revolucionária das forças vivas da sociedade colonial cubana²¹¹.

A partir da metade do século XIX, evidenciou-se a impossibilidade de expandir a atividade açucareira cubana nos moldes prevalentes, favorecendo tendências à concentração da produção impulsionadas por mudanças políticas e econômicas na conjuntura internacional²¹². Nos Estados Unidos, o desfecho da Guerra da Secessão (1861-1865) encerrou as possibilidades de contrabando escravo, ao mesmo tempo em que gerou as condições para consolidar o truste refinador, potencializando a sua intervenção organizada sobre a produção cubana²¹³. A tendência à modernização dos processos produtivos, acentuada pela concorrência crescente do açúcar de beterraba europeu²¹⁴, engendrou um processo de centralização que originaria as grandes *centrales*

²¹¹ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 62.

²¹² “By the 1860s the sugar industry had reached a point at which expansion under previous conditions of exploitation came to a halt.” CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974, p. 40.

²¹³ “Liquidada la manufatura azucarera de Luisiana (secessão) el negocio refinador cobró una importancia decisiva, convirtiéndose, durante varios lustros, en la primera industria de Estados Unidos. Esto originó una competencia a muerte entre las refinerías, que lleva a la constitución del trust del azúcar; y al mismo tiempo exigió un método “moderno”, es decir, imperialista de control de la fuente de materia prima. MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 195.

²¹⁴ “Tomando como base las mismas fechas empleadas a lo largo de este estudio, podemos indicar que en 1860, con una producción total de 352000 t, el azúcar de remolacha representa el 20 por 100 de la producción mundial. En 1890, con 3.700.000 t cubre el 50 por 100. Europa pasaba así de una situación de importadora neta de azúcar de caña a la de exportadora neta.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo (1860-1940)*. In: _____. *La*

industriais em substituição aos engenhos como unidades de processamento, transformando radicalmente as bases da produção do açúcar em Cuba. Nas palavras de Moreno Friginals: “*No es exagerado decir que, en el azúcar del Caribe, en 1890 todo es distinto a lo que existiera en 1860*”²¹⁵.

Impossibilitados de concorrer com a qualidade do refino industrial baseado no investimento intensivo em maquinaria e no trabalho assalariado, a produção de açúcar branco tornou-se antieconômica para os engenhos fundados no trabalho escravo. Neste contexto, a posição da sacarocracia cubana debilitou-se progressivamente, submetida a uma dupla pressão: por dentro, a oligarquia comercial e financeira espanhola²¹⁶ assumia a direção das usinas, enquanto, por fora, o truste açucareiro monopolizava o mercado consumidor, subordinando a produção da ilha aos seus desígnios através de práticas que subvertiam as bases da produção e da comercialização do açúcar no mercado mundial²¹⁷. Nesta circunstância, a anteriormente poderosa sacarocracia cubana concentrou-se na produção do açúcar *crudo*, matéria-prima para a indústria refinadora estadunidense, sinalizando um processo que, na visão de Moreno Friginals, revelava múltiplas implicações²¹⁸.

*Este hecho, nunca analizado por la historiografía tradicional cubana, es sumamente complejo y muestra cuatro de las vertientes de un mismo problema estructural: primero, la crisis de la esclavitud en Cuba; segundo, la liquidación definitiva de la antigua manufactura azucarera; tercero, la desaparición de la sacarocracia criolla como una de las clases rectoras de la sociedad cubana; y cuarto, el traspaso de la hegemonía colonial de Madrid a Washington*²¹⁹.

historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones. Barcelona: Crítica, 1999, p. 65.

²¹⁵ Ibidem, p. 56.

²¹⁶ “A principios del XIX Cuba era colonia española, pero dictaba las leyes azucareras: era, en cierta forma, metrópoli económica. Ahora, seguía siendo colonia política y era además colonia productora, simple suministradora de materias semielaboradas para los países altamente industrializados.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1986, t. 1, p. 255.

²¹⁷ “En síntesis, la moderna industria azucarera, con su intrincado complejo económico, su enorme volumen de producción con una calidad estándar internacional, se inserta en un mundo que desde los años sesenta está siendo comocionado, además, por el desarrollo del capitalismo monopolista mundial, la velocidad creciente del transporte de mercancías y las nuevas técnicas de obtención, procesamiento y transmisión de informaciones.(...) En los treinta años finales del siglo el mercado azucarero quedó concentrado en manos de unos pocos grupos refinadores y banqueros, que emplearon formas novísimas de dominio para someter a los productores de azúcar cruda y eliminar a los antiguos comerciantes”. MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo* (1860-1940). In: _____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 69-70.

²¹⁸ “Ahora, en 1860, para quienes no pueden industrializarse, el mejor negocio es atrasar.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 1, p. 255.

²¹⁹ Ibidem, t. 2, p.197.

Inscritas neste movimento da história cubana, as transformações impostas ao engenho aceleraram a ruína dos proprietários não incorporados ao fluxo modernizador que atingia a indústria açucareira do ocidente da ilha, gerando as condições da cisão intraoligárquica que está na raiz da eclosão da Guerra dos Dez Anos em 1868²²⁰. Detonado originalmente por proprietários decadentes da região oriental, o desenrolar do conflito sobrepôs à causa nacional motivações de classe e de raça, em uma conjuntura na qual era necessário promover a integração de negros e mulatos para fortalecer o exército²²¹ e o projeto político rebelde²²². O massivo envio de tropas²²³ e as táticas de terra arrasada empregadas pelos espanhóis não foram suficientes para derrotar os revoltosos²²⁴, mas a falta de unidade em suas fileiras diante de questões como a escravidão²²⁵ e o anexionismo dificultou o avanço da guerra às regiões central e ocidental da ilha, franqueando o impasse que levou à assinatura do pacto de Zanjón²²⁶. Conferindo o estatuto de província espanhola a Cuba sem outorgar-lhe a liberdade²²⁷, o pacto foi contestado imediatamente por setores do bando rebelde, provocando a continuação dos combates na chamada *Guerra Chiquita*, além de diversos levantes

²²⁰ “Es un hecho comprobado que en Cuba, en el año de 1863 sobre el 95 por 100 de las propiedades azucareras pesaban gravámenes hipotecarios. Ibidem, t. 2, p.75.

²²¹ “O movimento revolucionário demonstrou muito cedo que não era possível a luta armada sem a direção de militares experientes, a liberdade dos escravos e a incorporação de negros e mulatos.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 298.

²²² “Essa fusão social na base tornou possível a integração dos diversos objetivos perseguidos pelos distintos setores sociais participantes na luta. Reuniam-se num só feixe aspirações diferentes, tais como a liberdade política (nacional) que perseguiam os criollos brancos da sociedade dominante, a transformação econômica do país, a batalha contra a escravidão (que embora também fosse uma finalidade dos brancos tinha um peso infinitamente maior entre os negros), o combate à desigualdade e ao menosprezo (prioridade dos negros e mulatos livres), a exaltação dos valores pátrios (...)” Ibidem, p. 302.

²²³ “(...) 208.597 soldados, cifra mínima estimada.” Ibidem, p. 309.

²²⁴ Segundo Moreno Fragnals, a reação em Cuba foi conduzida pela oligarquia financeiro-comercial espanhola na ilha que já era mais poderosa do que os sacarocratas cubanos, e que foi responsável pelo início da luta pela restauração monárquica na península, “embora isso nunca apareça nas histórias da Espanha”, o que é revelador da força dos interesses coloniais na Espanha decimonônica. Ibidem, p. 293.

²²⁵ As conexões entre raça e identidade nacional no período entre a Guerra dos Dez Anos e a independência cubana são analisadas detalhadamente em: FERRER, Ada. *Insurgent Cuba: Race, Nation and Revolution*. The University of North Carolina Press, 1999.

²²⁶ “Alguém observou que, afinal, tratava-se de uma luta de duas impotências: a cubana para vencer a Espanha e a espanhola para derrotar Cuba. Isso, juntamente com um enorme cansaço de dez anos, o interesse norte-americano em obter a paz em Cuba e a inteligente atuação de Arsenio Martínez Campos que mediante concessões fez renascer o reformismo como opção política crioula, permitiriam a assinatura de uma paz, tensa como a guerra.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 312.

²²⁷ Fernández Retamar destaca um sintoma da radicalização popular da guerra: “La guerra la iniciaron patricios como Carlos Manuel de Céspedes, Francisco Vicente Aguilera e Ignacio Agramonte, que no sobrevivieron a la contienda; al terminarse esta primera etapa, protesta del pacto de paz un general como Maceo, mulato e hijo de campesinos medios”. FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Cuba Defendida*. La Habana: Letras Cubanas, p. 89.

armados de menor expressão nos anos seguintes²²⁸. Esta efervescência indicava que o cessar fogo era encarado por muitos como uma trégua, até que se reunissem as condições para retomar a luta armada.

Do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas, a destruição encetada pela guerra livrou campo para uma ulterior expansão da moderna produção açucareira, acentuando as tendências de centralização produtiva e desintegração do trabalho escravo²²⁹, que culminariam na década de 1880 na “*revolução industrial açucareira cubana*”²³⁰, sintentizada por Moreno Fragonal nos seguintes termos:

Em síntese, poderíamos dizer que nesses anos passa-se no açúcar do predomínio do capital/trabalho ao predomínio da máquina, da escravidão ao assalariado, do trabalhador negro no engenho ao trabalhador branco, do engenho como unidade global para uma especificidade funcional de um setor industrial e outro agrícola, da multiplicidade de fábricas (mais de mil) à concentração numas poucas unidades (menos de duzentos e cinquenta), da diversidade de mercados para o açúcar na década de 1860 a um único mercado (o dos Estados Unidos) e um único comprador (o Sugar Trust), da sacarocracia crioula a uma sacarocracia espanhola²³¹.

²²⁸ “Foi uma trégua que se viu interrompida por vários conflitos armados, rapidamente localizados e afogados em sangue. Por exemplo, em julho de 1883, o coronel do antigo exército independentista Ramón Leocadio Bonachea tentou um desembarque em Manzanillo, ao sul da região oriental de Cuba. Foi capturado e fuzilado junto a outros de seus companheiros. Dois anos mais tarde, em maio de 1885, desembarcou também na região oriental a expedição do oficial general Limbano Sánchez, com 16 antigos combatentes do exército independentista, numa nova tentativa de iniciar a guerra. Limbano Sánchez e Ramón González morreram nos primeiros encontros com as tropas espanholas; os demais expedicionários foram feitos prisioneiros, cinco deles fuzilados e os demais condenados à prisão perpétua. Em novembro de 1893 e 1894 registraram-se pequenos mas sintomáticos levantes independentistas nas localidades de Lajas e Ranchuelos, respectivamente. Em Oriente, foram detidos, por conspiração, os antigos oficiais generais Guillermo Moncada e Quintín Banderas. Mais tarde caía preso o coronel Garzón. Em Puerto Príncipe descobriu-se o envio de 200 rifles e 40.000 cartuchos, que o conspirador Enrique Loinaz tratou de introduzir clandestinamente.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 333.

²²⁹ “En ese sentido es bueno aclarar que la sangrienta guerra de los diez años reslutó, desde el punto de vista económico, beneficiosa para el desarrollo de la moderna industria azucarera. En efecto, la guerra que se libró fundamentalmente en la zona oriental de la Isla destruyó más de un centenar de manufacturas, todas ellas atrasadas tecnológicamente y poco productivas. Pero la zona de occidente, donde se asentaban los gigantes productores y estaba instalada el 80 por 100 de la capacidad productora de la Isla, no sufrió los embates de la guerra.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo (1860-1940)*. In: _____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 78.

²³⁰ “Por ejemplo, los llamados ingenios mecanizados “modernos” de 1860 disponen, como promedio, de unas 30-35 caballerías de caña (425-500 hectáreas); el ingenio central de 1895 muele 100-120 caballerías (1400-1600 hectáreas), y son comunes centrales con 150, 200 y más caballerías. Ese aumento en la capacidad de producción determinó un acelerado proceso de concentración. En Cuba, en 1860, hay 1318 unidades que producen unas 515000 toneladas de azúcar; en 1895 se han reducido a 250 unidades cuya producción alcanza los niveles de millón de toneladas.” Ibidem, p. 58-59.

²³¹ MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba – uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 309.

Impotente para comandar o processo de inovação tecnológica²³², a oligarquia cubana refugiou-se na etapa agrícola da produção açucareira, em um contexto no qual a centralização impunha uma separação entre a plantação da cana e o seu processamento industrial na usina central²³³. Do ângulo das relações de produção, a expansão ditada pela usina afetou o regime de terras na ilha, aguçando a concentração fundiária que originou latifúndios canavieiros²³⁴ marcados por padrões de trabalho herdados da escravidão²³⁵, a despeito da sua abolição oficial em 1881²³⁶. Na usina, a difusão do assalariamento combinava-se a modalidades extraeconômicas de extração do excedente, obstruindo a formação de uma classe operária moderna²³⁷. A principal concentração proletária cubana se dava no setor tabaqueiro na cidade de Havana, transferida progressivamente desde meados do século para a Flórida²³⁸, onde tornou-se uma importante base social do PRC (Partido Revolucionário Cubano) fundado por Martí²³⁹.

²³² “Naturalmente (...) un grupo de sacarócratas criollos realizaron un serio esfuerzo de industrialización. Y comenzaron a producir un azúcar blanca, de gran calidad, que no encontró mercado. Y aún más. Ni siquiera el azúcar blanca centrífuga Pol 96° (que hoy día es el crudo standard), producido por esos mismos ingenios cubanos industrializados, halló mercado en Estados Unidos. Es decir, el contexto del mercado mundial, conformado y dominado por los países metropolitanos, estructurado por los grandes refinadores de Europa y Estados Unidos, en función de sus intereses, no dejaba la posibilidad de que un país colonial y subdesarrollado como Cuba, pudiese invadirlo y controlarlo con azúcares de alta calidad.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986, t. 2, p. 198.

²³³ “La respuesta a esta situación, agravada por otros factores legales y sociales, fue establecer una separación de carácter empresarial entre la fabricación de azúcar (sector industrial) y el suministro de la caña (sector agrícola) (...) La antigua oligarquía criolla azucarera de Cuba y Puerto Rico, mayoritariamente desplazada de la fabricación de azúcar, quedará en muchos casos como propietaria de campos cañeros.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo (1860-1940)*. In: _____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 59-60.

²³⁴ “La concentración afectó jurídicamente el régimen de tenencia de tierras, planteando en Cuba y Puerto Rico la emergencia del latifundio azucarero (...)”. Ibidem, p. 59.

²³⁵ “En contraste con la modernidad del central, el sector agrícola siguió manteniendo los métodos obsoletos de siembra, cultivo y cosecha(...)”. Ibidem, p. 59.

²³⁶ “En realidad desde los años sesenta y mucho más aún en los setenta el término “esclavitud” encubre una multiplicidad de formas de explotación del trabajo.” Ibidem, p. 80.

²³⁷ “El central típico cubano de la década de 1890 tiene el control de las tiendas mixtas donde compran los trabajadores, los hoteles, casas o barracones que habitan de manera permanente o eventual, la barbería, la farmacia, la carnicería, la herrería y, a veces hasta la casa de juego y la de prostitución. Y en parte para autofinanciarse, y en parte para cerrar las tenazas económicas sobre toda la región, los centrales imponen además sus monedas privadas como medio de pago.” Ibidem, p. 60-61.

²³⁸ “Cuban producers pushed for negotiation of commercial treaties with the United States but the position of tobacco wholesalers and cigar makers was often against this. As political negotiation failed to guarantee access to that market, investment was reduced, while Cuban cultivators and manufacturers increasingly moved across to the United States”. MONTAUD, Inés Roldán de. *Spanish fiscal policies and Cuban tobacco during the 19th century*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, Cuban Studies, 2002. N. 33. ps. 65-6.

²³⁹ “By the early 1890s, Martí had discovered in Florida’s cigar worker’s clubs and juntas a wellspring of patriotic sentiment with a distinct affinity for his version of Cuba Libre. Clearly the most radical sectors of the expatriate centers in the United States, the proletarian communities of cigar workers in Key West, Tampa, Ocala and Jacksonville brought decades of labor militancy, political activism and an

Em síntese, o legado da guerra acelerou o processo destinado a erguer, sobre os escombros do escravismo, um enclave açucareiro na era do imperialismo. Em um contexto onde agravava-se a concentração da terra, a expulsão dos produtores independentes, o desemprego rural e urbano, a bandidagem e a imigração, a situação dos trabalhadores não apresentava melhoras significativas, apesar da abolição da escravidão. Substituído nas usinas pelo assalariado branco, condenado a trabalhar nos campos de cana ou a vegetar nas cidades, o negro confrontou-se com o legado servil e o preconceito generalizado que obstaculizavam sua integração na sociedade de classes²⁴⁰. Do ângulo da inserção no mercado mundial, a modernização produtiva sob a égide do capital monopolista solidificou a ascendência estadunidense sobre a economia cubana, baseada em sofisticados mecanismos imperialistas que prescindiam do investimento de capitais, estabelecendo um padrão de controle sobre o mercado do açúcar antilhano que prevalecerá até meados do século XX²⁴¹, como descreve Moreno Friginals:

*Ya en la década de 1880 estas tres islas (Cuba, Porto Rico e República Dominicana) venden sus azúcares casi exclusivamente a Estados Unidos, negocian con una sola firma dentro de ese mercado, dicha azúcar se transporta en barcos norteamericanos, el precio de venta lo fija la New York Produce Exchange, y los comerciante y hacendados reciben los informes de precios y estimados de producción que les ofrece Willet and Gray, en noticias divulgadas por la Associated Press, y transmitidas por la Western Union. Sin inversiones de capital se estaba produciendo la anexión económica de las tres islas: la anexión física, por la violencia, sería cuestión de unos años más tarde*²⁴².

Incapaz de endereçar a raiz dos problemas sociais e econômicos legados pelo confronto, a gestão espanhola no período entre-guerras (1878-1895) buscou ampliar a

enduring sense of cubanidad to the separatist cause. (...) The separatist movement directed in 1860s by separatist slaveowning Creole patricians, revived in the 1890s under the impetus of an expatriate proletariat." PÉREZ JR. Louis A. *Cuba between Empires (1878-1902)*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1983, p. 17.

²⁴⁰ De certa forma poder-se-ia dizer que os negros foram expulsos do setor fabril dos engenhos, colocando-se em seu lugar operários brancos. Muitos deles ficaram no setor agrícola, como escravos ou trabalhadores livres nos campos de cana. Muitos outros negros e negras passaram a integrar o lumpenproletariado das cidades. Numa contraditória situação que nunca tinha sido destacada, a desintegração do sistema escravista, unida ao processo legal de abolição, operou negativamente sobre esses negros aculturados na servidão. Sem a cultura do salário, acostumados desde seu nascimento ao trabalho bruto, extensivo, num regime que sempre lhes proporcionou comida, roupa e moradia; sem os valores e normas de comportamento da sociedade chamada livre, muitos ex-escravos não tiveram mecanismos sócio culturais para sobreviver no novo mundo de lobos no qual ingressavam, e que em certos aspectos podia ser tão desumano como aquele do qual saíam." MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, ps. 324-5.

²⁴¹ "Hacia 1890, el mundo comercial del azúcar presenta ya las mismas características que va a mantener hasta 1960." MORENO FRAGINALS, Manuel. *Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo (1860-1940)*. In: _____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 66.

²⁴² Ibidem, p. 83.

sua base de sustentação política, combinando uma política oficial de hispanização da sociedade cubana mediante o estímulo maciço da imigração, com esforços para cooptar os negros e mulatos²⁴³, nos marcos de um sistema político que tolerava a existência de dois partidos cujo denominador comum era a continuidade da dominação espanhola, em sua modalidade integrista (unionistas) ou reformista (autonomistas)²⁴⁴. Vedados os caminhos de oposição à ordem na política insular, os veteranos irreduzíveis da guerra buscaram o exílio, e o centro da conspiração revolucionária deslocou-se para os Estados Unidos.

O empenho do governo espanhol em acomodar as tensões da sociedade cubana foi irremediavelmente comprometido pela contradição entre a dominação colonial e a identidade de interesse entre os capitalistas peninsulares do açúcar e o truste das refinadoras estadunidenses. A ruptura da secular unidade ibérica diante dos interesses *criollos* evidenciou-se no movimento articulado pela sacarocracia diante da promulgação da *McKinley Bill* nos Estados Unidos²⁴⁵. Em uma situação em que o domínio sobre o mercado cubano franqueava a este país amplas condições para impor represálias, o governo espanhol cedeu às pressões internas e assinou um tratado de reciprocidade comercial que permitia a livre entrada do açúcar cubano no mercado estadunidense, selando, na prática, a anexação econômica de Cuba à nova potência em 1892.

O impacto do tratado foi imediato embora fugaz, repercutindo em toda a economia insular. A produção de açúcar passou de 632.000 tons em 1890 para 976.000 tons em 1892, ultrapassando pela primeira vez a marca de 1 milhão de toneladas em

²⁴³ MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc., 2005, capítulo 21.

²⁴⁴ Ao mesmo tempo em que aumentou as amarras fiscais sobre a ilha, responsabilizada pelos gastos da guerra, em uma atitude reveladora dos constrangimentos da reforma sob a dominação colonial. Ibidem.

²⁴⁵ Trata-se de um conjunto de tarifas regulamentando o comércio internacional dos Estados Unidos, que projetou-se para a América Latina no contexto da agressiva política externa conduzida por James Blaine, cujas intenções foram denunciadas por Martí durante a Conferência Panamericana em Washington (1889-90): “*The idea that trade with less developed areas would not create pressure to reduce domestic tariffs on manufactured products prompted James Blaine, Secretary of State during the Harrison administration, to include a measure to promote trade with Latin America in the McKinley tariff bill in 1890. Not coincidentally, Blaine was among the most prominent Republican advocates of protectionism (e.g., Gladstone and Blaine 1890). His plan for reciprocity agreements with Latin American states followed in the wake of the Pan-American conference over which he had presided a few months earlier, a meeting that was also directed at increasing United States trade with its southern neighbors. The reciprocity measure in the McKinley Tariff used the threat of punitive duties on sugar and a few other products to secure reciprocity agreements permitting American access to markets in countries that would have little cause to complain about high American tariffs on manufactured products.*” FORDHAM, Benjamin O. Fordham. *Protectionist Empire: Trade, Tariffs, and United States Foreign Policy, 1890-1914*. Disponível em: http://government.arts.cornell.edu/assets/psac/sp11/Fordham_PSAC_Mar11.pdf . Acesso em: 18/8/2011.

1894. Avolumaram-se os laços mercantis entre os dois países, reforçando a posição de Cuba como um dos principais parceiros dos Estados Unidos no período²⁴⁶: o total das exportações cubanas passou de U\$ 54 milhões em 1890 para U\$ 79 milhões em 1893, em um momento em que as exportações totais da América Latina para este país atingiam U\$ 111 milhões. Ao mesmo tempo, a ilha importava cerca de U\$ 24 milhões do vizinho do norte, respondendo por quase 2/5 das importações do conjunto do continente (U\$ 62 milhões). A crescente dependência cubana evidencia-se em dois números: no ano de 1894, quase 90% das suas exportações dirigiram-se aos Estados Unidos, enquanto 40% das importações de lá provieram²⁴⁷.

A dependência comercial cobrou o seu preço quando em 1894 os Estados Unidos rescindiram a concessão tarifária, desmontando as bases do acordo com a Espanha que expiraria neste mesmo ano, provocando uma crise que afetou a ilha inteira²⁴⁸. O receio de que a retaliação metropolitana desencadeasse uma guerra fiscal, comprometendo ainda mais o acesso do açúcar cubano ao mercado estadunidense, teve por efeito sublinhar o distanciamento dos interesses da sacarocracia insular do governo espanhol. Com a eclosão da guerra pela independência no ano seguinte, confrontados entre a fidelidade política à ordem colonial, que assegurava seus privilégios, e a desobstrução dos vínculos econômicos com os Estados Unidos, que viabilizava seus negócios, a oligarquia insular conspirará sob o fogo revolucionário para conciliar ambos.

No mesmo ano em que entraram em vigor as disposições decorrentes da *McKinley Bill* (1892) consagrando a anexação econômica de Cuba aos Estados Unidos, José Martí fundava no exílio o *Partido Revolucionario Cubano* (PRC).

²⁴⁶ “Há que se levar em conta que durante o século 19 Cuba foi sempre o segundo mercado fornecedor e o terceiro consumidor dos Estados Unidos.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 250.

²⁴⁷ PÉREZ JR., Louis A. *Cuba between Empires (1878-1902)*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1983, p. 30.

²⁴⁸ “The impact of the crisis of 1894, however, went far beyond the sugar system. No facet of Cuban society was unaffected. Merchants, traders and retailers who had substituted traditional commercial ties with their the Spanish suppliers in the metropolis for dealers in the United States faced ruin. Unemployment rose, commodity goods decreased, prices increased. The price of foodstuff from the United States, and upon which large sectors of the population had come to depend, soared. Government duties passed directly onto consumers and prices reached unprecedented heights. Higher duties led directly to increased prices. The restoration of colonial customs duties meant that henceforth Cubans would pay higher prices for vital foodstuff.” Ibidem, p. 33.

2.2) JOSÉ MARTÍ E A REVOLUÇÃO NACIONAL

Maturadas à sombra da Guerra dos Dez Anos, as premissas ideológicas e políticas do partido estão referidas às condições objetivas e subjetivas legadas pelo conflito. Seu ponto de partida é a percepção de que o movimento desencadeado pela guerra, ao acelerar a abolição da escravidão ensejando a integração incipiente dos diversos estratos sociais e raciais sob a égide do exército revolucionário, engendrou as condições elementares de formação da nacionalidade cubana²⁴⁹. José Martí será o principal intérprete deste processo, convergindo na estratégia revolucionária uma análise do sentido democratizador do movimento histórico com as lições propiciadas pelas dificuldades políticas de coordenação do esforço militar.

Martí não lutou na guerra. Detido em 1869 aos dezesseis anos sob acusação de inconfidência, foi condenado a seis anos de prisão, dos quais cumpriu cerca de um ano antes de ter sua pena comutada pelo exílio graças às gestões de seu pai, militar espanhol que servia ao reino na ilha. Sua vivência na Espanha, onde concluiu os estudos, coincidiu com a fugaz experiência liberal deste país na década de setenta. Se ao chegar à península Martí podia alimentar esperanças de reforma, provável motivação para publicar o panfleto de denúncia “*El Presidio Politico en Cuba*”²⁵⁰, o convívio direto com o ambiente político espanhol o desiludiria rapidamente, de modo que, ainda jovem, assume a convicção de que a guerra é o caminho necessário para a independência²⁵¹.

Impossibilitado de regressar a Cuba após finalizar seus estudos, Martí vive no México recém comovido pelas reformas liberais comandadas por Juárez, até o golpe que leva Porfírio Díaz ao poder em 1876, quando translada-se para a Guatemala. Acumula neste íterim experiências determinantes na formação da sua visão de unidade latino-americana. No final da guerra regressa à Cuba, mas é novamente preso e expulso da ilha. Depois de uma passagem pela Venezuela, estabelece-se a partir de 1881 em Nova Iorque, onde escreverá para diversos jornais do continente, exercerá atribuições diplomáticas para países que não o seu, e conspirará incansavelmente até o lançamento

²⁴⁹ “Nesse sentido, a Guerra dos Dez Anos foi fundamental porque derrubou ou, ao menos rompeu dentro do campo insurreto, a contradição de cor que havia mantido os cubanos divididos. A partir da superação da barreira de cor era possível chegar à plena identidade cubana.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc., 2005, p. 303.

²⁵⁰ Em: MARTÍ, José. *Obras Completas*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, Karisma Digital, 2001. 1 CD ROM.

²⁵¹ Ver o artigo: MARTÍ, José. *La República Española ante la Revolución Cubana, 1873*. In: _____. *Obras Completas*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, Karisma Digital, 2001. 1 CD ROM.

da expedição revolucionária em 1895. Vivendo nos Estados Unidos, Martí adquire uma fina percepção do expansionismo que preside a política deste país, ao tempo em que desenvolve um rechaço cultural ao capitalismo, lapidando de forma definitiva o ideário que fundamentará sua militância.

Autor de um vasto legado de reputado valor literário que inclui obras poéticas, teatro e um romance, na análise de seus artigos jornalísticos é possível localizar a radicalização definitiva de suas posições sociais, cotejando os escritos acerca do processo de julgamento dos anarquistas envolvidos em lutas sociais em Chicago em 1886²⁵². A partir deste ponto cristaliza-se seu ideário revolucionário, e Martí dedica-se obstinadamente à organização política e militar da guerra da independência.

Seu projeto político orientou-se aos estratos populares cubanos na ilha ou no exílio, integrando demandas de conteúdo democrático à questão nacional, enquanto costurava uma aliança entre os carismáticos chefes do exército da Guerra dos Dez Anos, subordinando o comando militar à direção política do PRC por ele fundado. Com notável habilidade, Martí conquistou a adesão do general dominicano Máximo Gomez e do herói mulato Antonio Maceo, reunindo as condições para a retomada da luta, que se efetivaria em 1895. O esforço político que liderou foi capaz de conceder unidade aos cubanos independentistas diante da guerra, logrando a massiva adesão dos setores populares, especialmente negros e mulatos, o apoio imediato de segmentos da sociedade *criolla* a despeito da sua herança ideológica reformista/anexionista, e a simpatia da população estadunidense, enfrentando o maior esforço militar jamais levado a efeito por uma potência colonial na América²⁵³.

No plano ideológico, consciente da vulnerabilidade cubana, Martí inscreveu a luta pela independência antilhana no dilema da formação da América Latina sob o imperialismo, afirmando a possibilidade e a necessidade de um projeto de modernidade alternativa que envolvesse o continente. Esta inédita elevação do estatuto civilizatório da cultura latino-americana fundamenta-se em uma positivação do legado e das

²⁵² “Si al principio Martí desaprueba la conducta violenta de los trabajadores, va modificando su criterio hasta llegar a escribir su extraordinario reportaje fechado el 13 de noviembre de 1887, en que ya se muestra plenamente identificado con la actitud de los trabajadores.” FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Martí en su (Tercer) Mundo. Martí en su (tercer) mundo*. Artigo em CD Rom, curso virtual *América Latina: Reflexiones y autoreflexiones*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

²⁵³ “220.285 soldados foram trazidos para Cuba, além dos mobilizados dentro do próprio território da Ilha. Foi este o maior exército que jamais cruzou o Atlântico até a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se propuseram a invadir a Europa.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha-Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 335.

potencialidades históricas do continente, cujo ponto de partida é a valorização da autoctonia.

a) VISÃO DE MARTÍ SOBRE A FORMAÇÃO CUBANA

Martí compreende a formação nacional cubana como a consumação da obra iniciada na Guerra dos Dez anos, quando o impasse sintetizado pelo pacto de Zanjón truncou a gesta emancipatória e o processo de integração social desencadeados. Na sua visão, a confluência de interesses entre diferentes estratos sociais e raciais unidos pela causa da independência produziu as condições subjetivas e objetivas para a maturação da nacionalidade cubana. Este processo conjuga uma dimensão democrática, envolvendo a integração do conjunto da população em bases relativamente homogêneas, e outra soberana, que implica emancipar-se do jugo espanhol sem gravitar para a condição de domínio estadunidense. Seu projeto político articula a revolução nacional a uma radicalização do legado democrático da Guerra dos Dez anos, premissa para a organização de um exército rebelde triunfante e o posterior estabelecimento da “*república moral*”²⁵⁴.

Consciente do risco que o expansionismo estadunidense representa para a independência antilhana, José Martí associa a causa cubana ao dilema da soberania continental, empreendendo um movimento ideológico que o conduz a questionar o próprio padrão civilizatório ocidental. Em oposição à política expansionista e à modernidade que testemunhou nos anos em que viveu nos Estados Unidos (1880-1895), Martí projeta um horizonte histórico e humanista original para a região que denominou *Nuestra América*²⁵⁵. A chave desta outra modernidade é a autoctonia, o que significa criar formas políticas, econômicas e culturais próprias, sintonizadas com o *espíritu* – maneira martiana de referir-se à identidade – destes povos. A premissa subjacente é a

²⁵⁴ Expressão com que Martí refere-se ao projeto republicano antilhano, consagrada no “*Manifiesto de Montecristi*”, que mencionaremos adiante.

²⁵⁵ A expressão “*nuestra América*” (em minúscula nos textos de Martí) não é uma criação do líder cubano: o termo já é empregado por Francisco de Miranda, precursor das lutas emancipacionistas no continente no começo do século XIX. Consultar a respeito: BOHÓRQUEZ MORÁN, Carmen L. *Francisco de Miranda. Precursor de las independencias de la América Latina*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003, p. 181-191. No entanto, é o fundador do PRC quem consagrou sua acepção corrente, em um contexto histórico de oposição ao expansionismo estadunidense. Ao longo da tese, empregaremos *Nuestra América* em maiúsculas para nos referirmos à especificidade do ideário martiano para o continente, que, como veremos, é mais do que uma designação geográfica ou política, pois sugere um padrão civilizatório original.

especificidade histórica da região, que emerge como uma cultura particular dotada de universalidade. A afirmação do estatuto civilizatório de *Nuestra América* está balizada por um duplo movimento da argumentação martiana: de um lado, uma valorização da cultura autóctone, assentada em uma visão não teleológica da história. De outro, uma crítica ao homem produzido pelo padrão civilizatório ocidental, fundamentada na superação da dicotomia civilização X barbárie. Da relação dialógica entre ambos vetores do pensamento martiano – sua visão de história e sua visão de homem – emerge uma crítica ao padrão civilizatório ocidental e um projeto de modernidade alternativa para *Nuestra América*, ancorado na noção do *equilibrio del mundo*²⁵⁶.

Embora seja admissível que o movimento ideológico profundo e original da reflexão martiana tivesse impacto secundário na mobilização para a guerra, é necessário detalhá-lo em toda a sua extensão para compreender as premissas do seu projeto político, bem como a repercussão posterior do seu legado, que transcendeu a causa da emancipação cubana para identificar-se com a utopia de uma América Latina unida. Ainda que a maioria dos cubanos a que se dirigiu provavelmente fosse indiferente aos meandros desta refinada construção ideológica, extraíndo a motivação para o seu engajamento de causas concretas, assim como a agitação americanista surtisse pouco efeito prático na solidariedade dos Estados continentais com a causa antilhana²⁵⁷, é preciso reconstituir as múltiplas dimensões do pensamento martiano para apreender a visão da formação cubana em todo o seu alcance, inscrita em um projeto civilizatório alternativo que apontava para a unidade latino-americana²⁵⁸.

²⁵⁶ Noção que exploraremos adiante.

²⁵⁷ Martí realizou esforços concretos para sensibilizar lideranças latino-americanas para a causa da unidade continental em diversos eventos internacionais que participou nos Estados Unidos. Por exemplo, em sua alocução conhecida como “*Madre América*”, dirigiu-se aos delegados hispano-americanos presentes à Conferência Internacional Americana convocada pelos Estados Unidos em 1889. Ver: MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 2, p. 420-427.

²⁵⁸ Pedro Pablo Rodríguez nos chamou a atenção para o debate em Cuba sobre a repercussão das ideias de Martí em seu tempo. Menciona evidências de uma compreensão profunda do ideário martiano, por exemplo, em um discurso realizado pelo prestigiado intelectual Enrique José Varona nos anos seguintes a morte do líder do PRC. No entanto, como observa o professor cubano, a compreensão de um ideário não significa a sua adesão. Neste sentido, lembremos que Varona escreve em 1898: “*Resulta de lo expuesto que la ocupación militar de Cuba por las fuerzas americanas, y el régimen que la acompaña son puramente transitorias. Es una situación de fuerza, por lo tanto accidental. Lo permanente es la libertad que hemos alcanzado, y el derecho a la independencia que se nos ha reconocido. Al asentar esto, como hecho fundamental, no tenemos por qué desconocer ni las obligaciones de gratitud en que estamos con respecto a los Estados Unidos, ni la responsabilidad moral que éstos han contraído ante el mundo, saliendo en cierto modo fiadores de que el pueblo cubano sabrá desarrollarse en paz y florecer a plena luz de la justicia y de la libertad.*” A leitura de Varona evoluiria nos anos seguintes, discursando em 1905 sobre o “*Imperialismo a luz de la sociología*”. Ver a antologia: MONTAL, Isabel; MIRANDA FRANCISCO, Olivia. *Pensamiento Cubano, siglo XIX*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2002, t. 2. De outro lado, a trajetória do general Máximo Gomez sugere uma influência martiana na sua ética

i. autoctonia

José Martí opera com a noção amadurecida em sua vivência internacional de que o continente abaixo do Rio Bravo possui uma identidade própria, sugerindo uma totalidade. Em um contexto de precários nexos econômicos entre os países da região, esta unidade vislumbra-se antes como a projeção de um ensejo político do que como uma realidade constatável, fundamentada na premissa de um passado histórico comum. *Nuestra América*, designação madura que Martí adota para esta região, é identificada como uma cultura dotada de uma especificidade expressiva da universalidade humana.

Ao defender o lugar destes povos como parte integrante e protagonista do concerto mundial de culturas, o pensamento de Martí assume a premissa humanista de uma identidade fundamental entre todos os homens. Para afirmar o lugar universal da cultura americana, em um contexto de dominância do discurso racista e eurocêntrico que emanava das potências europeias incidindo com vigor sobre a intelectualidade das regiões periféricas²⁵⁹, Martí procede a uma operação histórica de sentido duplo: afirmar o estatuto universal da cultura americana, ao mesmo tempo em que enquadra, como particular, a cultura ocidental.

A chave da historicidade da cultura americana é o conceito de *pueblo nuevo*. Nesta leitura, a empresa colonial teria interrompido a evolução natural das culturas nativas que, no entanto, não foram destruídas. Como resultado do contato trágico com o europeu, plasmou-se um povo que não é o aborígene nem o espanhol, mas um terceiro, cuja expressão plena está em vias de se retomar²⁶⁰. Esta possibilidade civilizatória latente, fruto do encontro de culturas produzido no Novo Mundo, não se traduz em uma visão positiva da conquista²⁶¹, mas enceta uma valorização deste processo histórico

revolucionária, fundamentando as posturas do general dominicano inclusive depois da guerra, quando recusa-se a assumir um posto político na ilha ocupada. Discutimos estes assuntos com Pedro Pablo Rodríguez e Yoel Cordoví Nuñez por ocasião do X Congreso Internacional de ADHILAC, Santo Domingo, junho de 2011.

²⁵⁹ A singularidade ideológica do processo cubano, em um contexto de ascendência do ideário racista europeu, é salientada por: FERRER, Ada. *Insurgent Cuba: Race, Nation and Revolution*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1999.

²⁶⁰ “*Interrumpida por la conquista la obra natural y majestuosa de la civilización americana, se creó con el advenimiento de los europeos un pueblo extraño, no español, porque la savia nueva rechaza el cuerpo viejo; no indígena, porque se ha sufrido la injerencia de una civilización devastadora, dos palabras que, siendo un antagonismo, constituyen un proceso; se creo un pueblo mestizo en la forma, que con la reconquista de su libertad, desenvuelve y restaura su alma propia.*” MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 1, p. 110. As citações de Martí serão extraídas desta obra, indicando-se respectivamente o tomo e a página, salvo exceções em que mencionaremos uma fonte alternativa.

²⁶¹ Martí sugere que a formação da própria Espanha também se interrompeu então, e deve ser retomada: “(...) *la nación española, que con su pueblo inerte en su organismo feudatario, vuelve, bajo el remedo*

consumado a partir de condições desfavoráveis: “*Y todo ese veneno lo hemos trocado en savia!*”²⁶².

Nuestra América surge como o desígnio de recobrar para o continente um lugar no concerto universal das culturas, retomando a marcha interrompida pela empresa colonial através da superação das limitações de um processo que, ao obstruir o curso histórico dos povos aborígenes, determinou a criação de um *pueblo nuevo* que exige uma atuação *criolla* consonante com a integração nativa para realizar-se. Esta afirmação do estatuto da cultura americana em Martí supõe uma visão humanista da diversidade dos povos²⁶³, assentada em universais comuns que indicam o fundamento democrático do seu projeto político: “*El hombre no tiene ningún derecho especial porque pertenezca a una raza o otra: dígase hombre, y ya se dicen todos los derechos*”²⁶⁴.

O humanismo radical²⁶⁵ que norteia a visão de mundo martiana exige a superação da dicotomia civilização X barbárie dominante no discurso sobre as relações entre os povos europeus e não europeus à época. Ao explicitar a natureza social desta relação, o cubano desmascara o caráter ideológico deste par conceitual:

(...) el pretexto de que la civilización, que es el nombre vulgar con que corre el estado actual del hombre europeo, tiene derecho natural de apoderarse de la tierra ajena perteneciente a la barbarie, que es le noble que los que desean la tierra ajena dan al estado actual de todo hombre que no es de Europa o de la América europea²⁶⁶.

Este movimento de mão dupla do pensamento martiano, salientando a condição universal da cultura americana enquanto confere estatuto particular à cultura europeia, abre caminho para uma valorização da autoctonia como chave do dilema da formação no continente. Embora semelhantes de um ponto de vista humanista, os problemas de

superficial de las formas políticas extranjeras, a la verdad, retrasada por siglos, de sus nacionalidades originales y diversas, fuente lenta y única de su reconstrucción, cegada en el arranque de la independencia contra el moro para alzar sobre ella la unidad que mantuvo, más que la misma religión triunfante, el botín deslumbrador de las Américas.” Ibidem, t. 3, p. 233.

²⁶² Ibidem, t. 2, p. 425. O texto conhecido como “*Nuestra América*” refere-se à questão na seguinte imagem: “*Sobre las hidras, fundamos.*” Ibidem, t. 2, p. 480.

²⁶³ “*Es una verdad extraordinaria: el gran espíritu universal tiene una faz particular en cada continente (...)*” Ibidem, t. 1, p. 110. “*El alma emana, igual y eterna, de los cuerpos diversos en forma y color.*” Ibidem, t. 2, p. 487.

²⁶⁴ Ibidem t. 2, p. 205.

²⁶⁵ “*(...) los hombres tienen las mismas penas, y la historia igual, y el mismo amor y que el mundo es un templo hermoso donde caben en paz los hombres todos de la tierra, porque todos han querido conocer la verdad, y han escrito en sus libros que es útil ser bueno, y han padecido y peleado por ser libres, libres en su tierra, libres en el pensamiento.*” Ibidem, t. 2, p. 340.

²⁶⁶ Ibidem, t. 1, p. 450.

cada povo revelam-se imbuídos de uma especificidade correspondente à sua história e à sua cultura, postulado que esvazia a noção de um modelo civilizatório²⁶⁷. Uma vez que as soluções devem partir do conhecimento da realidade própria, a referência a outras culturas é secundária para o enfrentamento dos problemas americanos, que devem buscar um caminho próprio, consoante com a natureza particular dos desafios colocados:

*La universalidad europea a de ceder a la universalidad americana. La historia de América, de los incas a acá, ha de enseñarse al dedillo aunque no se enseñen la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grécia es preferible a la Grecia que no es nuestra. No es más necesaria. Los políticos nacionales han de reemplazar a los políticos exóticos. Injértese en nuestras repúblicas el mundo; pero el tronco ha de ser el de nuestras repúblicas*²⁶⁸.

Como decorrência, Martí apresenta uma visão não teleológica da história, em que a realização de um povo consiste em afirmar a essência humana que lhe subjaz em potencial, sob a veste de uma cultura própria, através de um percurso histórico único. O sentido da história não reside em um padrão civilizatório específico, mas na realização da concepção de homem martiana, que está referida ao substrato cristão que informa a sua ética²⁶⁹: “(...) *hay pues, un sentido de la vida y de la historia, como hay una bondad última de todo lo creado* (...)”²⁷⁰.

No plano político, a primazia da autoctonia no humanismo martiano embasa o conteúdo democrático do seu projeto americano, uma vez que a maturação do *pueblo nuevo* passa pela integração do negro e do indígena como vetores constituintes desta formação histórica original. Martí recusa a discriminação racial porque descarta a naturalização da noção de raça²⁷¹, ao mesmo tempo em que reivindica o estatuto

²⁶⁷ “No hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza.” Ibidem, t. 2, p. 482.

²⁶⁸ Ibidem, t. 2, p. 483.

²⁶⁹ “Como en lo humano todo el progreso consiste acaso en volver al punto de que se partió, se está volviendo al Cristo, al Cristo crucificado, perdonador, cautivador (...)” Ibidem, t. 1, p. 340. Similarmente, a visão de história martiana não tem um motor que propulsione o progresso, mas sim uma vaga noção dialética que aparece naturalizada e imbuída de valores humanistas de inspiração cristã: “(...) porque con los pueblos sucede como con lo demás de la naturaleza, donde todo lo necesario se crea a la hora oportuna, de lo mismo que se le opone y contradice.” Ibidem, t. 2, p. 476.

²⁷⁰ Ibidem, t. 1, p. 341.

²⁷¹ “No hay odio de razas porque no hay razas.” Ibidem. tomo 2, p. 71. “Por sobre las razas, que no influyen más que en el carácter, está el espíritu esencial humano, que las confunde y unifica (...)” Ibidem. tomo 2, p. 486. René Depestre chama a atenção para o contato entre Martí e o intelectual haitiano Antenor Firmin, que publicaria em 1885 sua famosa defesa da igualdade racial, *De l'Égalité des Races Humaines*. DEPESTRE, René. Buenos días y adiós a la negritud. In: Laura López Morales. *Literatura Francófona*:

universal da cultura aborígene²⁷², selando a orientação integradora da aliança que propõe para a guerra cubana. Seu humanismo radical, que rechaça qualquer sentimento xenófobo em relação ao espanhol²⁷³, e ao estadunidense²⁷⁴, encontra síntese política na consigna adotada pelo PRC diante da guerra: “*con todos y para el bien de todos*”²⁷⁵.

A centralidade da autoctonia concede fundamento democrático ao projeto martiano ao mesmo tempo em que o assenta em uma visão não teleológica da história, inscrevendo a formação cubana sobre a realização do *pueblo nuevo*, identificado com uma utopia humanista para o continente que encontra na guerra da independência antilhana seu primeiro elo. Este horizonte civilizatório original está alicerçado em uma concepção alternativa da natureza humana que está na raiz do rechaço martiano à modernidade ocidental.

ii. *hombre natural*

O ideal de homem martiano está implícito no texto que dedicou ao filósofo e poeta estadunidense Ralph Waldo Emerson, personalidade com quem o pensador cubano sentiu maior identidade espiritual, e que reverenciou como modelo de vida²⁷⁶: “*En él (Emerson) fue enteramente digno el ser humano*”²⁷⁷. No artigo que escreveu por ocasião do falecimento de Emerson, Martí dialoga com sua vida e obra, sobretudo a

II. América. México: Fondo de Cultura Económico, 1996. De fato, os personagens conheceram-se no Cabo Haitiano em 1892. Ver: RAMIRO PÉREZ-CONCEPCIÓN, Hebert. Haiti en Martí. *Ciencia en su PC*, n. 4, p. 61-72, outubro-noviembre-diciembre, 2010, p. 61-72. Por outro lado, ao destacar a centralidade do antirracismo como elemento constitutivo da nacionalidade cubana, Ada Ferrer indica a presença deste tema nos escritos de outras figuras que, junto com Martí, colaboraram para forjar este ideário, como os jornalistas Juan Gualberto Gomez e Rafael Serra y Montalvo. FERRER, Ada. *Insurgent Cuba: Race, Nation and Revolution*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1999.

²⁷² “(...) los gobernadores, en las repúblicas de indios, aprenden indios (...)” Martí, op. cit., t. 3, p. 499.

²⁷³ “(...) la guerra no es contra el español sino contra la codicia e incapacidad de España (...)” Ibidem, t. 3, p. 69.

²⁷⁴ “Ni ha de suponerse, por antipatía de aldea, una maldad ingénita y fatal al pueblo rubio del continente (...)” Ibidem, t. 2, p. 487.

²⁷⁵ Ibidem, t. 3, p. 17.

²⁷⁶ “En Emerson, vio Martí articulados, como en una superación no polémica de Darwin (cuya teoría evolucionista se le tornó preocupación fundamental), lo visible con lo invisible, las ciencias con el espíritu. En toda la obra de Martí hallamos esa continua referencia, explícita o tácita, a un momento superior y sintetizador todavía no alcanzado por la historia humana – “cuando el ciclo de las ciencias esté completo”-, en el que las necesidades del cuerpo y las necesidades del alma, los valores de la razón y los valores de la esperanza, se compensen, articulen y equilibren. Por eso el hombre de su tiempo con el que, desde el punto de vista filosófico, sintió más afinidad, el trascendentalista Emerson, se convierte en el elogio de Martí en una ávida proyección visionaria del hombre total del futuro, mezclada a la descripción del modelo real que lo inspira. El anciano maravilloso a cuyos pies depuso simbólicamente su “espada de plata”, sin embargo, no podía ser su paradigma definitivo.” VITIER, Cintio. *La espiritualidad de José Martí*. In: _____. *Temas Martianos 2*. La Habana: Letras Cubanas, 2005. p. 233.

²⁷⁷ MARTÍ, José. Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, 1995, p. 72.

partir das ideias contidas no ensaio “*Nature*”²⁷⁸, que o leva a discutir as relações entre natureza e conhecimento; natureza e religião; natureza e arte (e estilo literário); natureza e mistério.

O ponto central é a noção de que existe uma analogia entre homem e natureza, na qual o universal se expressa no humano e o humano converge para o universal²⁷⁹. Esta correspondência se estende aos diversos campos de busca e expressão do homem, constituindo o substrato da verdadeira religião, da verdadeira ciência e da verdadeira arte. Sob este ângulo, as três atividades têm função análoga, na medida em que respondem a um desígnio de desvelamento do espírito, para o qual toda verdade converge. Assim, a relação entre homem e natureza não desemboca em uma interpretação naturalizadora da história, mas na concepção de uma identidade entre o humano e o divino mediada pela natureza, que pode servir de guia e suporte para a sua revelação. Nesta perspectiva, Martí comenta sobre Emerson: “*Se sumergió en la naturaleza, y surgió de ella radiante. Se sintió hombre, y Dios por serlo*”²⁸⁰. De acordo com este enfoque, a religião seria uma forma de acessar a unidade entre o homem e a natureza; a arte, de expressá-la; e a ciência, de constata-la.

A religião tem sua razão de ser subordinada à possibilidade de acesso direto à fonte da espiritualidade, que emana da relação do homem com o espírito, mediada pela

²⁷⁸ Obra que contém a essência sobre o transcendentalismo e a filosofia natural deste autor. Como o próprio Emerson resume a respeito: “*The transcendentalists adopts the whole connection of spiritual doctrine. He believes in miracle, in the perpetual openness of the human mind to new influx of light and power; he believes in inspiration, and in ecstasy. He wishes that the spiritual principle should be suffered to demonstrate itself to the end, in all possible applications to the state of man, without the admission of anything unspiritual; that is, any thing positive, dogmatic, personal. Thus the spiritual measure of inspiration is the depth of the thought, and never, who said it? And so he resists all attempts to palm other rules and measures on the spirit than its own.*” Explicando a origem do termo: “*It is well known to most of my audience that the Idealism of the present day acquired the name of Transcendental from the use of that term by Immanuel Kant, of Königsberg, who replied to the skeptical philosophy of Locke, which insisted that there was nothing in the intellect which was not previously in the experience of the senses, by showing that there was a very important class of ideas or imperative forms, which did not come by experience, but through which experience was acquired; that these were intuitions of the mind itself; and he denominated them Transcendental forms.*” EMERSON, Ralph Waldo. *The Transcendentalist*. In: _____. Stephen E. Whicher (ed.). *Selections from Ralph Waldo Emerson*. Cambridge: Riverside, 1960, p. 196-198.

²⁷⁹ “*Y mantiene que todo se parece a todo, que todo tiene el mismo objeto, que todo da en el hombre (...)*” MARTÍ, José. Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos, 1995, p. 80. Também: “*El Universo va en múltiples formas a dar en el hombre, como los radios al centro del círculo.*” Ibidem, p. 83; Ou: “*(...) la igualdad social no es más que el reconocimiento de la equidad visible de la naturaleza.*” MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 3, p. 69.

²⁸⁰ MARTÍ, José. Emerson. In: Ballón. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos, 1995, p. 83.

natureza²⁸¹. Para Martí, o fulcro da religião está em facultar a realização da dimensão transcendente da natureza humana, o que supõe um nexos entre humanidade e religiosidade, mas não entre natureza humana e religião²⁸².

Se a religião permite acessar o transcendente, a ciência seria uma forma de apreender a relação homológica que preside a harmonia universal²⁸³. Martí critica a ciência não por desnecessária, mas porque é lenta²⁸⁴: constata racionalmente aquilo que o espírito já pode saber por outras vias. Subjacente está uma compreensão do papel da ciência à serviço da revelação dos mistérios da natureza e não do desenvolvimento das forças produtivas – antes um desígnio espiritual do que um propósito material²⁸⁵.

A arte tem um papel análogo nas antípodas da ciência, referindo-se à homologia entre natureza e homem a partir do segundo polo. A arte verdadeira é aquela que permite ao homem revelar sua essência, encontrando correspondência na natureza – tanto quanto a ciência verdadeira é aquela que desvela a essência da natureza, permitindo situar suas correspondências com o homem. Nesta concepção está implícita a noção da arte como expressão de um processo de busca interior, que supõe uma procura de integração com a harmonia universal, materializada na natureza. Assim a arte, como o homem, deve apontar para o natural e, portanto, “*venir de sí*”: “*Sacar de sí el mensaje natural es la obra del artista*”²⁸⁶.

²⁸¹ “*Para él, no hay cirios como los astros, ni altares como lo montes, ni predicadores como las noches palpitantes y profundas.*” Ibidem, p. 78.

²⁸² “*(...) la religión falsa como dogma es eternamente verdadera como poesía - que son los dogmas religiosos sino la infancia de las verdades naturales.*” Idem. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 2, p. 113. Embora algumas passagens martianas sugiram uma leitura da religião como estruturante da sociabilidade, nos parece que, no conjunto, enfatiza-se na sua obra a espiritualidade como uma sensibilidade a ser desenvolvida para conectar a natureza humana a uma suposta harmonia universal. Trata-se de uma visão não dogmática da espiritualidade, que reporta-se a uma concepção de homem e não a uma doutrina religiosa, o que permite a Martí ser, simultaneamente, religioso e crítico contumaz da instituição eclesiástica.

²⁸³ “*Las ciencias confirman lo que el espíritu posee: la semejanza de todos los seres vivos; (...) El espíritu presente; las creencias ratifican.*” MARTÍ, José. Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos, 1995, p. 82.

²⁸⁴ “*No desdeña la ciencia por falsa, sino por lenta.*” Ibidem, p. 89.

²⁸⁵ “*Se esta en vísperas de un mundo nuevo. La ciencia se concilia con el espíritu (...)*” Idem. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 2, p. 243. Isto não significa que Martí despreze o progresso tecnológico: ao contrário, é entusiasta das inovações trazidas pela revolução industrial. Sua utopia para *Nuestra América* não é regressiva, mas subordina o avanço das forças produtivas ao desígnio precípua da realização do *hombre natural*. Sugestiva da sua visão de mundo peculiar, em um momento em que identificava-se progresso com as ferrovias em muitas partes do continente, é esta linha: “*(...) una tempestad es mas bella que una locomotora.*” Ibidem, t. 1, p. 337.

²⁸⁶ Ibidem, t. 3, p. 446. No artigo sobre Emerson, anota: “*El arte no es más que la naturaleza creada por el hombre.*” Idem. Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos. 1995, p. 83. Concepção idêntica aplica-se à poesia: “*(...) el poema esta en el hombre, el*

Em suma, Martí aborda as formas do conhecimento – de Deus, da natureza e do belo – sob o ângulo original da formação do *hombre natural*. Nesta perspectiva, o cerne do problema é o redescobrimento do indivíduo que deve ser reconectado à sua natureza, parte do harmonioso concerto universal: a religião aparece subordinada à liberdade; a ciência, ao espírito; e a arte, à natureza. Este reenquadramento do problema da realização do homem enseja em Martí um questionamento do padrão civilizatório ocidental.

O cerne desta crítica é o reconhecimento de uma dimensão transcendente da vida, que deve presidir a relação entre o homem e a natureza, desembocando em uma compreensão da realização humana que não está alicerçada nos pressupostos que informam a modernidade ocidental. É este o radical da afinidade entre Martí e Emerson. Nesta perspectiva, a natureza não é vista como matéria-prima a serviço do progresso, mas como portadora de uma função espiritual, que anima a existência. De modo correspondente, ao não voltar-se a esta busca do espírito, o homem frustra sua realização, que encontra na natureza apoio e guia para a revelação de si próprio: “*Y el hombre no se halla completo, ni se revela a sí mismo, ni ve lo invisible, sino en su íntima relación con la naturaleza*”²⁸⁷.

Em síntese, ao homem e à natureza é atribuído um sentido existencial que transcende a materialidade para convergir no espírito. Como decorrência, a visão de mundo martiana é animada por uma espiritualidade não dogmática, apontando analogias entre a natureza e o homem que vão além da dimensão material da existência, embora não a exclua, realizando-se no ideal do *hombre natural* – que não é o aborígene nem o *bon sauvage*, mas o homem moderno que integra as dimensões material e espiritual da existência. Levada às últimas consequências, a dimensão espiritual se afigura não apenas constitutiva da natureza humana, mas como o único recurso para acessar o mistério da existência, campo onde a racionalidade ocidental não tem palavra a dizer e o seu materialismo é inócuo, mas onde, para Martí, reside o sentido velado da vida²⁸⁸.

poema esta en la naturaleza” Idem. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 1, p. 344.

²⁸⁷ Idem. *Emerson*. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos. 1995, p. 83.

²⁸⁸ Uma dimensão mística perpassa a biografia martiana. Paradoxalmente, sua expressão é antes histórica do que transcendente. Dada a característica ética do pensamento martiano, sua força radica ultimamente no testemunho: quando a noção de *hombre natural* decola de seu fundamento transcendente para aterrisar na história, a entrega de Martí culmina com a sua morte no campo de batalha, pressentida com alegria. Ver seu *Diario de campaña*. Em: Idem. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales,

iii. modernidade alternativa e nação

A passagem entre a afinidade filosófica com o transcendentalismo para a proposta de uma modernidade alternativa é operada, em Martí, pela via de um radicalismo político permeado de valores cristãos que o distancia do filósofo estadunidense. O pensador cubano parte do preceito da primazia da ação em oposição ao saber livresco, também presente em Emerson, para pregar uma coerência entre o dizer e o fazer que resulta em uma singular ética militante de inspiração cristã, apontando para a centralidade do amor como critério, da qual deriva, inclusive, uma motivação ética suplementar para a causa cubana. Veremos que esta convergência entre motivos humanistas e projeto nacional indica relações entre o ideário martiano e o debate filosófico de matriz cristã em torno da construção de uma “*sophia cubana*”, que animou a vida intelectual na ilha desde o princípio do século XIX.

O desdém martiano pela cultura livresca face ao conhecimento empírico da realidade corresponde, do ponto de vista das relações humanas, à primazia da ação, consagrada no seu aforisma: “*la mejor manera de decír es hacer*”. A realização do *hombre natural* revela-se, em sua visão de mundo, como uma construção orgânica pautada pelo fazer, cujo raio de possibilidades está determinado pela circunstância histórica, na qual a vontade pessoal é subordinada às necessidades da conjuntura. Assim, embora um olhar superficial sobre o homem martiano possa salientar a dimensão individual da busca de si, a ênfase no papel da ação histórica para a realização do humano sugere nexos complexos entre homem e história - o *venir de sí* do indivíduo e do povo. Em outras palavras, é através da política que revela-se o *hombre natural*.

Mais além da afinidade entre a via para a afirmação do *hombre natural* e a autoctonia como caminho para a formação cubana, onde ambos devem *venir de sí*²⁸⁹, verifica-se umnexo objetivo: o *hombre natural* é o horizonte da guerra de independência no plano da individualidade, mas é também o seu agente. Ao reatar a conexão entre homem e natureza através da afirmação da individualidade, qualifica-se para estabelecer uma verdade, própria em todos os sentidos, não mais individual mas histórica, porque é expressão dos nexos entre um povo e sua história: verdade

2000, t. 3, p. 529. A dimensão mística de Martí se evidencia no sentido de sacrifício que permeia sua atividade militante, investida desde o panfleto *El presidio político en Cuba*, publicado aos 18 anos, de uma ética propensa ao amor e avessa ao ódio: “*Si yo odiara a alguien, me odiaría por ello a mí mismo.*” Ibidem, t. 1, p. 2. Registra em seu caderno de anotações: “(...) *soy un místico más: he padecido de amor.*” Apud: VITIER. Op. cit, p. 238.

²⁸⁹ “(...) *ni hombres, ni pueblos pueden rehuir la obra de desarrollarse por sí.*” MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 356.

apropriada porque vem de si. Desvelam-se os nexos entre o *hombre natural* e a autoctonia enunciados em *Nuestra América*: “*Viene el hombre natural indignado y fuerte y derriba la justicia acumulada en los libros (...)*”²⁹⁰.

Nesta perspectiva, a militância aparece como condição da realização do indivíduo, ao mesmo tempo em que o protagonismo do homem gera as condições para a afirmação de um povo²⁹¹. O homem faz a história, e a história faz o homem. Dos nexos entre realização do indivíduo e afirmação da história deriva o sentido missionário e de sacrifício que caracteriza a ética militante de Martí²⁹², na qual a opção patriótica aparece ao mesmo tempo como uma virtude cívica e uma modalidade de ascese. Do ângulo oposto, o desistimento de si é interpretado não somente como uma atitude evangélica mas como um quesito da militância, que inclui uma dimensão afetiva fundada no amor, fio condutor do seu humanismo: “*Todo hombre verdadero debe sentir en la mejilla el golpe dado a cualquier mejilla de hombre*”²⁹³.

A doação militante, encarada ao mesmo tempo como um dever político e um caminho de libertação interior²⁹⁴, aponta para a centralidade do amor como critério de percepção e discernimento da verdade, ponto culminante da crítica martiana à modernidade ocidental, explicitando a presença de motivos cristãos em seu pensamento. Por este caminho, seu questionamento vai além da individualidade e das formas de sociabilidade produzidas pelo mundo moderno, endereçando-se à própria racionalidade que preside a sua formação: “*Por el amor se ve, con el amor se ve. El amor es quien ve. Espíritu sin amor, no puede ver (...)*”²⁹⁵.

²⁹⁰ Ibidem, t. 2, p. 483. E no mesmo texto: “*Por eso el libro importado ha sido vencido en América por el hombre natural. Los hombres naturales han vencido a los letrados artificiales. El mestizo autóctono ha vencido al criollo exótico.*” Ibidem, t. 2, p. 482.

²⁹¹ Do homem no singular: remetemos às observações de Cintio Vitier sobre o lugar do herói na visão de mundo martiana, que, em nosso entender, incidem na sua leitura da história. A esse respeito, consultar os numerosos perfis biográficos que escreveu (Bolívar, San Martín, Paes, por exemplo), que contrastam com a escassez de artigos referidos diretamente a um episódio histórico (a guerra de Independência, por exemplo) ou às classes sociais, sugerindo que, na visão de Martí, os primeiros fornecem a chave para o segundo e não o contrário. VITIER, op. cit.

²⁹² “*La primer cualidad del patriotismo es el desistimiento de sí propio.*” Martí, op. cit., t. 3, p. 184. Daí a referência a Martí como um “apóstolo”, consagrada posteriormente, por exemplo, na biografia de: MAÑACH, Jorge. *Martí, El Apóstol*. La Habana: Editora Popular de Cuba y del Caribe, sem data.

²⁹³ Citado por Ernesto Che Guevara em um discurso a jovens e crianças por ocasião do aniversário de Martí, em 28 de janeiro de 1960. GUEVARA, Ernesto Che. José Martí.. In: HART, Armando et al. *Siete enfoques marxistas sobre José Martí*. La Habana: Política, 1978, p. 74.

²⁹⁴ Em síntese, a realização do *hombre natural* passa pelo engajamento pessoal como resposta aos problemas históricos que a conjuntura apresenta, motivado por um senso de dever para com o seu povo mas também de empatia universal com o sofrimento alheio. Esta doação aparece ao mesmo tempo como um dever político e um caminho de libertação interior em Martí.

²⁹⁵ MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 473.

Levada às últimas consequências, a centralidade do amor afirma uma modalidade não científica de apreensão do real. Ao assumir como fundamental a maneira como se olha e não o objeto do olhar, Martí estabelece a primazia de um critério subjetivo, subordinando o real a um princípio ético, qual seja: uma atitude amorosa. Se só quem ama, vê, isto significa que a verdade está subordinada ao amor. De acordo com as categorias da modernidade ocidental, um critério subjetivo (atitude amorosa) subordina a objetividade (a verdade).

Uma vez que Martí concede dimensão transcendente à vida, a formação do homem e da cultura deixa de ter como referência principal o acúmulo científico produzido pela modernidade ocidental. Embora sua importância não seja desdenhada, aparece subordinada às modalidades que permitem ao homem tomar contato com sua própria natureza. Sob esta perspectiva holística, não apenas a espiritualidade mas o sentimento emerge como dimensão fundamental na apreensão e expressão do conhecimento – do tipo de conhecimento que importa para a realização do *hombre natural*. Como decorrência, o pensador cubano sugere formas alternativas de percepção do real e de construção do saber, que partem de uma lógica inclusiva do sentimento: “(...) *el sentimiento es también un elemento de la ciencia*”²⁹⁶.

Subjacente a esta proposição está uma postura crítica da cultura ocidental e de suas formas de produção e reprodução do conhecimento, que em lugar de aproximar o homem dos assuntos importantes para a sua realização, o afastam²⁹⁷. Nos seus termos, em lugar do *hombre natural*, formam-se mascarados artificiais²⁹⁸. Segundo esta visão, esvaziar o homem deste entulho livresco é uma tarefa primordial para gerar as condições para que o conhecimento venha de si: “(...) *tiene que deshacerse para entrar verdaderamente en sí*”²⁹⁹.

²⁹⁶ Ibidem, t. 2, p. 473. Esta compreensão seguramente repercute na sua expressão literária madura, em que o recurso abundante à imagem, por exemplo, emerge como estratégia deliberada de comunicação, preenchendo os requisitos de uma expressão sincera, direta, própria e dirigida ao sentimento: “*Sólo lo genuino es fructifero. Sólo lo directo es poderoso.*” Ibidem, t. 1, p. 344. Exemplo acabado deste recurso às imagens é o ensaio *Nuestra América*. Cf.: VITIER, Cintio. Las imágenes en Nuestra América. In: MARTÍ, José. *Nuestra América – edición crítica*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2000.

²⁹⁷ “*So pretexto de completar al ser humano, lo interrumpen.*” Martí. Op. cit, t. 2, p. 337. E no artigo sobre Emerson: “*Para él, un árbol sabe más que un libro; y una estrella enseña más que una universidad.*” Idem. Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Cordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos.1995.

²⁹⁸ “*Así es la tierra ahora una vasta morada de enmascarados.*” MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 337.

²⁹⁹ Ibidem, t. 2, p. 337. Também: “(...) *el primer trabajo del hombre es reconquistarse.*” Ibidem, t. 1, p. 337. Este é um ponto central na admiração por Emerson, que, segundo Martí, “*anduvo por sí mismo*”, uma vez que “*se sacudió de los hombros todos esos mantos y de los ojos todas esas vendas, que los tiempos pasados echan sobre los hombres, y vivió faz a faz con la naturaleza (...)*” MARTÍ, José.

Implícito a este questionamento da razão ocidental está uma revalorização da subjetividade, sugerindo uma racionalidade presidida por uma outra lógica, em que o homem pensa com o coração e não só com a cabeça (“*el sentimiento es también un elemento de la ciencia*”), explica expandindo e não só recortando (“*Sus libros son sumas, no demostraciones*”), fala com imagens e não só palavras (o ensaio *Nuestra América*). A premissa comum destes desdobramentos é a subordinação da objetividade identificada com a racionalidade ocidental (ciência, demonstrações, palavras) à categorias subjetivas (sentimento, somas, imagens).

Encarada do ângulo da formação do homem e da cultura, esta revalorização da subjetividade mostra afinidades com o pensamento de Emerson, mas, quando estendida para o plano da história, enseja derivações originais³⁰⁰. Ao minar a primazia da objetividade, Martí estabelece uma premissa casuísta de enfrentamento do real, plena de consequências políticas³⁰¹. Assumindo como referência um critério ético, prevalecerá uma apreciação caso a caso dos impasses da política, evitando o recurso a padrões de interpretação da realidade pré-estabelecidos. Este movimento é a premissa fundamental para estabelecer: a centralidade da autoctonía no pensamento martiano, onde para cada realidade, uma solução; a democracia da sua estratégia política, que recusa toda forma de discriminação considerando os atores sociais casuisticamente, segundo critérios éticos que ignoram preconceitos de raça, etnia, nacionalidade ou classe; uma visão não teleológica da história.

Por fim, este reenquadramento da objetividade estabelece as premissas para uma visão da história na qual o *hombre natural* aparece não apenas como um fim, mas como um meio. Nesta leitura peculiar em que o sentido do movimento histórico aparece subordinado a preceitos éticos, meios e fins se sobrepõem, já que a afirmação do homem é, ao mesmo tempo, processo e ator histórico. Em uma visão da história de natureza ética, os fins não podem justificar os meios assim como a razão não legitima a ira: por isso, a guerra de independência tem que ser movida pelo amor, que, além de

Emerson. In: BALLÓN. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Cordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos, 1995, respectivamente, p. 79 e 64.

³⁰⁰ Onde Emerson propõe campanha eleitoral, desobediência civil ou reclusão na natureza, Martí prega revolução, guerra e aliança de todos.

³⁰¹ Indicamos uma convergência entre o pensamento de Martí e as investigações de Richard Morse sobre a especificidade da cultura ibero-americana em relação ao mundo anglo-saxão, expressa no contraste sugerido pelo intelectual estadunidense entre o pensamento probabilista e o demonstrativo. MORSE, Richard. *O espelho de próspero*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. Esta referência é tributária do diálogo com a professora Janice Theodoro.

canal de percepção e discernimento do verdadeiro, emerge como critério legítimo e primeiro da crítica, fundamento da ação: “*Amar: he aqui la crítica*”³⁰².

Assim, Martí adiciona às motivações políticas e econômicas da gesta emancipatória uma dimensão ética. Na sua leitura, a dominação metropolitana obsta a realização da natureza humana em ambos os polos do vínculo colonial, bloqueando a formação de Cuba como *pueblo nuevo* ao mesmo tempo em que perpetua o atraso em uma Espanha perdulária³⁰³. Diante desta realidade, o recurso às armas é justificado como caminho necessário à afirmação da dignidade, meta humanista do projeto revolucionário³⁰⁴. Nas suas palavras, a guerra é interpretada como: “(...) *la consecuencia inevitable de la negación continua, disimulada o descarada, de las condiciones necesarias para la felicidad de un pueblo que se resiste a corromperse y desordenarse en la miseria*”³⁰⁵.

Nesta perspectiva, a revolução cubana é encarada como veículo para, simultaneamente, desimpedir a natureza humana e viabilizar a afirmação de um povo. Na medida em que o ideário do *hombre natural*, assim como a consumação da formação cubana, implicam um projeto de modernidade alternativa referido à autoctonia, revelam-se os nexos entre a visão de homem martiana e a sua leitura da história, alicerçados na noção de que ambos devem “*venir de sí*”: “*Ni hombres ni pueblos pueden rehuir la obra de desarrollarse por sí (...)*”³⁰⁶.

Se a noção anteriormente abordada de que o conhecimento deve vir do espírito e não dos sentidos é comum ao transcendentalismo de Emerson, esta confluência ideológica entre projeto nacional e realização do homem tem raízes intelectuais na tradição crítica do pensamento cubano do século XIX, marcada por uma discussão

³⁰² MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000, t. 2, p. 367. “*Amor: es la primera ley de la política como de la naturaleza...*” Também: “(...) *la potencia unificadora del amor, que es la ley de la política como de la naturaleza (...)*” Ibidem, t. 2, p. 366-367.

³⁰³ “(...) *la nación Española inferior a Cuba en la aptitud para el trabajo moderno y el gobierno libre, y necesitada de cerrar la Isla, exuberante de fuerzas naturales y del carácter creador que las desata, a la producción de las grandes naciones para mantener, con el ahogo violento de un pueblo útil de América, el cercado único de la industria española, y los rendimientos con que paga Cuba las deudas de España en el continente, y sostiene en la holganza y el poder de las clases favorecidas e improductoras.*” Ibidem, t. 3, p. 579.

³⁰⁴ “(...) *por se en las cosas de mi patria me fuera dado preferir un bien a todos los demás (...)* ese sería el bien que yo prefiriera: yo quiero que la ley primera de nuestra república sea el culto de los cubanos a la dignidad plena del hombre.” Ibidem, t. 3, p. 9. Também: “(...) *su derecho de hombre es lo que buscan los cubanos en su independencia.*” Ibidem.

³⁰⁵ Ibidem. tomo 1, p. 344. Sobre a revolução: “*Revolución no es algo más que una de las formas de la evolución, que llega a ser indispensable en las horas de hostilidad esencial, para que en el choque subito se depuren y acomoden en condiciones definitivas de vida los factores opuestos que se desenvuelven en común.*” Ibidem, t. 2, p. 240.

³⁰⁶ Ibidem. t. 3, p. 358.

filosófica de tonalidade ética referenciada no cristianismo. Este debate foi inaugurado pelo religioso Felix Varela em princípios do século e encontrou em Jose de la Luz y Caballero seu principal continuador, de quem Rafael Mendive, o perceptor de Martí, foi discípulo. Varela conduziu no terreno das ideias um embate contra o escolasticismo em nome do método eletivo, ou seja, da possibilidade de escolher entre várias premissas aquelas que melhor se adequam a um objeto passível de entendimento. Por trás da disputa travada muitas vezes em termos religiosos, estava a proposta de criação de uma ciência cubana voltada para a compreensão do que se identificava como uma realidade própria e singular. As ideias do padre Varela germinaram um pensamento emancipatório que foi sufocado nos anos da guerra no continente, mas deixaram um fértil legado ideológico associando autoctonia, independência nacional e humanismo cristão³⁰⁷.

Este caminho intelectual foi continuado, entre outros, por José Luz y Caballero, que prosseguiu na tarefa definida como “(...) *crear una sophia cubana que fuera tan sophia y tan cubana como lo fue la grega para los griegos*”³⁰⁸. Olhando retrospectivamente a causa cubana, Martí considerou Luz y Caballero como o “*silencioso fundador*”³⁰⁹, e rendeu-lhe tributo mais de uma vez³¹⁰. Partindo desta herança intelectual, o fundador do PRC enraizará os temas do debate filosófico cubano

³⁰⁷ Percepção que não escapou à Coroa espanhola. Depois de ser deputado nas cortes, onde apresentou um projeto de abolição da escravidão, Varela radicalizou sua atuação em sentido emancipatório. Foi condenado à morte e viveu por décadas nos Estados Unidos, até o fim de sua vida. Teve sua obra proibida em Cuba em 1842, momento em que a contradição entre a escravidão e o imperativo da modernização produtiva sob base assalariada atinge seu pico, parcialmente contornado com o recurso ao imigrante chinês assalariado. Cf.: MONAL, Isabel; MIRANDA Olivia (Org.). *Pensamiento cubano – siglo XIX*. La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 2002.

³⁰⁸ Esta citação é atribuída por diversas fontes a José de la Luz y Caballero (por exemplo, RODRÍGUEZ, Alicia Conde. Ensayo Introductorio a: *La polemica filosofica cubana (1838-9)*. In: Eduardo Torres-Cuevas (director). *Orígenes del Pensamiento Cubano*. La Habana: Biblioteca Digital de Clasicos Cubanos, Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortíz, p. 4, 1 CD ROM), mas Eduardo Torres-Cuevas menciona que esta definição é do intelectual cubano Roberto Agramonte. TORRES-CUEVAS, Eduardo. *Historia del Pensamiento Cubano*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006, v. 1, t. 2, p. 92.

³⁰⁹ “*Él, el padre. Él, el silencioso fundador; él que a solas ardía y centelleava, y se sofocó el corazón con mano heroica, para dar tiempo a que se le criase de él la juventud con quien se habría de ganar la libertad que sólo brillaría sobre sus huesos; él, que antepuso la obra real a la ostentosa – y la gloria de su persona, culpable para hombre que se ve mayor empleo, preferió ponerse calladamente, sin que le sospechasen el mérito ojos mimios, de cimiento de la gloria patria; él que es uno de nuestras almas, y de su sepultura ha cundido por toda nuestra tierra, y la inunda aún con el fuego de su rebeldía y la salud de su caridad; él, que se resignó – para que Cuba fuese – a parecerle, en su tiempo y después, menos de lo que era (...) él, que de la peidada regó en vida, ha creado desde su sepulcro, entre los hijos más puros de Cuba, una religión natural y bella, que en sus formas se acomoda a la razón nueva del hombre, y él, el padre, es desconocido sin razón por los hijos que no tienen ojos con que verlo, y negado a veces por sus propios hijos.*” MARTÍ, José. *Obras Completas*. La Habana: Editorial Nacional Cubana, 1965, t. 3, p. 30.

³¹⁰ Martí declarou ter chorado a morte de dois homens que não conheceu: José Luz y Caballero e Abraham Lincoln.

na política revolucionária, radicalizando suas consequências e ampliando o seu alcance³¹¹.

Assim, a visão de mundo martiana tem como principais inspirações ideológicas o transcendentalismo emersoniano e a tradição filosófica cubana de raiz cristã, informando o horizonte civilizatório no qual se inscreve o seu projeto de formação nacional. É a partir dos nexos singulares que estabelece entre a visão de homem e a leitura da história, culminados no ideário de *Nuestra América*, que radicaliza-se o seu pensamento e prática política em relação a estas matrizes. De um lado, assenta o debate filosófico pregresso na conjuntura cubana imediata, extraindo consequências revolucionárias. De outro, concede dimensão social à realização humana apesar de sua natureza transcendente, afirmando uma ética de compromisso político de matiz cristã que aproxima-se de uma teologia da libertação *avant la lettre*³¹².

Em suma, a concepção de modernidade martiana parte de uma valorização da subjetividade, subordinando as formas do conhecimento à realização de um ideal humanista que assume como premissa uma natureza transcendente, afirmada através da ação política de orientação amorosa. O *hombre natural* é encarado, ao mesmo tempo, como ator e projeto de *Nuestra América*: ambos supõem uma afirmação na história referenciada na autoctonia, pois devem *venir de sí*. Implícita está uma crítica à civilização ocidental, apostando no protagonismo de um povo em condições de subverter os critérios da racionalidade prevalente para avançar uma ação histórica original, baseada em uma premissa casuísta e orientada por princípios éticos. Em uma palavra, Martí projeta em *Nuestra América* um homem novo capaz de construir uma outra história.

iv. outra história

O projeto de *Nuestra América* visualizado por Martí não se reduz a um bastião da soberania latino-americana, mas identifica no continente o potencial civilizatório

³¹¹ Sobre o pensamento cubano no século XIX: MONAL, Isabel; MIRANDA, Olivia (Org.). *Pensamiento cubano – siglo XIX*. La Habana, Ed. Ciencias Sociales, 2002; _____. *Filosofía e ideología de Cuba. Siglo XIX*. México: Panoramas de Nuestra América. UNAM, Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, 1994. TORRES-CUEVAS, Eduardo. *Historia del Pensamiento Cubano*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006, v. 1, t. 2. Também o CD ROM: TORRES-CUEVAS, Eduardo (director). *Orígenes del Pensamiento Cubano*. La Habana: Biblioteca Digital de Clasicos Cubanos, Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortíz, 1 CD ROM.

³¹² O *ethos* cristão levou comentaristas a considerarem Martí como um precursor da teologia da libertação. Cf. ARCE VALENTÍN, Reineiro. *Hacia el equilibrio del mundo. Fundamento ético de la espiritualidad u concepción del mundo en Martí*. Em: ARCE VALENTÍN et al. *Por el equilibrio del mundo*. La Habana: Anuario do Centro de Estudios Martianos, 2003.

para a realização da sua visão de homem explicitada na noção do *hombre natural*. Sua rejeição à modernidade ocidental está fundada no reconhecimento de um padrão de sociabilidade marcado pelo ódio inerente às relações de classe, em contradição com o desígnio amoroso que norteia a sua utopia humanista. Esta crítica está angulada por um viés ético em consonância com a sua visão de mundo, mas se enraíza na história quando aponta para a emancipação continental. Assim, no ideário de *Nuestra América* culmina a convergência entre a autoctonia como proposta política e o *hombre natural* como horizonte humanista. A chave desta conjunção é a noção de *carácter*, entendida como expressão da singularidade de cada formação histórica, evidenciada na oposição entre as duas Américas encetada pelo pensador cubano.

O ponto de partida político da reflexão civilizatória martiana é a nova situação dos Estados Unidos, que passam de cúmplices nas lutas pela independência à condição de ameaça à soberania dos países americanos, o que enseja um contraste entre o desenvolvimento histórico dos polos do continente. Martí enfrenta esta questão na alocução conhecida como *Madre América*, proferida diante dos delegados hispanoamericanos à Conferência Internacional Americana em 1889. Nesta ocasião, esboça um paralelo entre a formação dos Estados Unidos e de *Nuestra América*, sintetizado na seguinte linha: “*Del arado nació la América del Norte, y la Española, del perro de presa*”³¹³.

Vimos que a interpretação martiana da formação de *Nuestra América* está condensada na noção de *pueblo nuevo*: uma realidade histórica original gerada pelo encontro de culturas produzido no teatro americano, e que terá o mérito singular de converter o que foi “*desdicha histórica y un crimen natural*” em potencial civilizatório a se realizar: o veneno transformado em seiva³¹⁴. Na narrativa da formação dos Estados Unidos, Martí salienta a motivação de seus colonizadores, que vinham porque “*(...) preferían las cuevas independientes a la prosperidad servil.*” Uma vez na América, “*(...) en la casa hecha por sus manos vivían, señores y siervos de sí propios*”. Não ignora a escravidão³¹⁵, nem o massacre dos índios³¹⁶, mas enfatiza a liberdade e a

³¹³ MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 420-427. A ativa participação de Martí na conferência desde os preparativos ilustra seu empenho em dar concretude política à sua utopia para o continente. Nesta ocasião, atuou como representante uruguaio e teve papel decisivo juntamente com o representante argentino para frustrar as intenções da chancelaria estadunidense.

³¹⁴ Ibidem, t. 2, p. 425.

³¹⁵ “*(...) alguno trae en su barco una negrada que vender (...)*” Ibidem.

³¹⁶ “*Allá, por los bosques, el aventurero taciturno caza hombres y lobos, y no duerme bien sino cuando tiene de almohada un tronco recién caído o un indio muerto.*” Ibidem.

autonomia como marcas da colonização da América do Norte, reconhecida pela administração colonial³¹⁷. A outra face deste individualismo orgulhoso, que, quando contrariado, se rebela³¹⁸, é a ausência de solidariedade com os povos que enfrentam problemas similares, exemplificada com a omissão em relação às guerras de independência que estouraram na América Ibérica. Por isso, Martí não idealiza a república do norte: “*La libertad que triunfa es como él, señorial y sectaria (...)*”³¹⁹.

Ao abolir a escravidão anos mais tarde, a Guerra da Secessão corrigiu um desequilíbrio fundamental do país³²⁰, propiciando a reaparição de duas tendências contrapostas presentes desde a colonização, manifestas nas figuras do *peregrino* (“*que no consentía señor sobre él, ni criado bajo él*”) e do *aventurero* (“*sin más ley que su deseo, ni más límite que el de su brazo*”). Na visão de Martí, a tensão entre estes vetores marca a dinâmica da história estadunidense, pois são os “*factores que constituyeron la nación*”, sugerindo que a prevalência de uma ou outra tendência é um processo em aberto³²¹.

Subjacente a esta leitura está a noção de *carácter* como chave da interpretação martiana para a história de um povo³²². Ao contrário do que a palavra pode indicar, esta proposição não alude a uma suposta essência, mas remete a um processo de revelação ou não de potencialidades históricas e, neste sentido, está referido às características de uma formação histórica. Partindo de uma diferenciação do legado colonial que marca de modo contrastante as novas repúblicas independentes, Martí conclui que estes

³¹⁷ “*La autoridad era de todos, y la daban a quien querían dar. Sus ediles elegían, y sus gobernadores.*” Ibidem.

³¹⁸ “*(...) cuando el ingles, por darla de amo, les impone un tributo que ellas no quieren se imponer, el guante que le echaron al rostro las colonias fue el que el ingles mismo había puesto en sus manos.*” Ibidem.

³¹⁹ As citações deste trecho, assim como as subsequentes, são extraídas da alocução “*Madre América*”. MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 420-427.

³²⁰ “*(...) bambolea, egoísta e injusta, sobre los hombros de una raza esclava.*” Ibidem.

³²¹ Baseado em uma compreensão dinâmica do “*carácter*” de um povo, o pensador cubano elide generalizações e determinismos. Não obstante, sobretudo depois da experiência na Conferência Monetária das Repúblicas das Américas, a denúncia do expansionismo estadunidense se converterá em uma missão política, como se verá adiante.

³²² Na alocução “*Madre América*” a expressão não é empregada, mas aparece em diversas passagens, por exemplo: “*(...) que continuamos la revolución para fomentar y hacer imperar el carácter natural cubano* (...)” Ibidem, t. 3, p. 150. Ou: “*Y es de justicia, y de legítima ciencia social, reconocer que, en relación con las facilidades del uno y los obstáculos del otro, el carácter norteamericano ha descendido desde la independencia, y es hoy menos humano y viril, mientras que el hispanoamericano, a todas luces, es superior hoy, a pesar de sus confusiones y fatigas, a lo que era cuando empezó a surgir de la masa revuelta de clérigos logreros, imperitos ideólogos, e ignorantes o silvestres indios.*” Ibidem, t. 3, p. 352.

desdobramentos históricos geraram povos de *carácter* distinto, o que significa, em última análise, que apontam para padrões civilizatórios diversos³²³.

*En América hay dos pueblos y no más de dos, de alma muy diversa por los orígenes, antecedentes y costumbres, y sólo semejantes en la identidad fundamental humana. De un lado está nuestra América, y todos sus pueblos son de una naturaleza, y de cuna parecida o igual y de mezcla imperante. De la otra parte está la América que no es nuestra, cuya enemistad no es cuerdo ni viable fomentar, y de la que con el decoro firme y la sagaz independencia no es imposible, y es útil, ser amigo*³²⁴.

O reverso da diferenciação entre as duas Américas é o diagnóstico de uma semelhança fundamental entre os Estados Unidos e a Europa, que está na raiz do rechaço martiano ao padrão civilizatório ocidental. O cerne da questão é a prevalência do ódio de classes como padrão de conflito social, atribuído, segundo a visão do pensador cubano, ao *carácter* destes povos: no caso europeu, remete ao despotismo e à monarquia³²⁵, enquanto nos Estados Unidos trata-se de uma corrupção, na qual “(...) *el afán exclusivo por la riqueza pervierte el carácter*”³²⁶. Em ambos os casos, o ódio de classe não é associado ao padrão de estratificação social, mas é visto como expressão ética de uma construção histórica referenciada a um legado feudal, o que nos Estados Unidos supõe uma espécie de regressão histórica: “*crean un nuevo feudalismo*”³²⁷.

³²³ Em “*Nuestra América*”, constata: “(...) *diferencia de orígenes, metodos y intereses entre los dos factores continentales* (...)”. Apresentam-se três dimensões da diferenciação: *orígenes*, ou seja, o legado colonial; *metodos*, interpretados como as relações sociais em suas várias expressões políticas, culturais e econômicas, remetidas à autoctonia; *intereses*, sugerindo o próprio sentido da história.

³²⁴ Idem. *Obras Completas de José Martí*. La Habana: Centro de Estudios Marianos, Karisma Digital, 2001, t. 8, o. 35, 1 CD ROM.

³²⁵ “(...) *naciones donde la servidumbre rural y las castas de cincuenta siglos han puesto a los hombres en diferencias innecesarias y artificiales en Europa, o diversas y menos graves en América.*” Ibidem, t. 2, p. 104.

³²⁶ Ibidem, t. 2, p. 80.

³²⁷ A citação completa: “(...) *cuando se palpó que los inventos más útiles, puestos en ejercicio con abundancia ilimitada en el país más libre de la tierra, reproducen en pocos años la misma penuria, la misma desigualdad, las mismas acumulaciones de riqueza y de odio, los mismos sobresaltos y riesgos que en los pueblos de gobierno despótico o libertad inquieta se han acumulado con el concurso de los siglos; cuando se observó definitivamente que la maravilla de la mecánica, la exuberancia del suelo, la masa de población, la enseñanza pública, la tolerancia religiosa y la libertad política, combinadas en el sistema más amplio y viril imaginado por los hombres, crean un nuevo feudalismo en la tierra y en la industria, con todos los elementos de una guerra social, entonces se vio que la libertad política no basta a hacer a los hombres felices y hay un vicio de esencia en el sistema que con los elementos más favorables de libertad, población, tierra y trabajo, trae a los que viven en él a un estado de odio y desconfianza constante y creciente, y a la vez que permite la acumulación ilimitada en unas cuantas manos de la riqueza de carácter público, priva a la mayoría trabajadora de las condiciones de salud, fortuna y sosiego indispensables para sobrellevar la vida.*” Ibidem, t. 2, p. 76. No entanto, Martí não opina que “*las costumbres de la República engendran los mismos vicios de las monarquías privilegiadas y ociosas*”: a prática eleitoral facultaria aos Estados Unidos possibilidades únicas de reforma pacífica.

Em oposição aos países do capitalismo central, Martí identifica em *Nuestra América* a confluência das condições históricas e das possibilidades éticas favoráveis à construção de uma sociabilidade alternativa. Nesta perspectiva, a autoctonia não é um fim em si, mas uma via de afirmação da natureza humana, obstruída nos países onde prevalece o ódio de classes. Em outras palavras, Martí interpreta a autoctonia como caminho para afirmar o *carácter* do continente, identificado com a realização de um potencial civilizatório singular, mas de alcance universal, condensado no ideal do *hombre natural*. Enquadrada por este ângulo, a guerra cubana revela-se como uma causa nacional enganchada a um ideário universal, mediada pela realização de *Nuestra América* como uma utopia continental.

v. *equilibrio del mundo*

A crítica ao padrão civilizatório ocidental conflui com a causa da emancipação cubana para forjar o ideário de *Nuestra América* como projeto de unidade continental. Consciente da vulnerabilidade da posição insular, Martí inscreve a luta antilhana sobre o destino do continente, propondo a união urgente dos países latino-americanos como recurso defensivo face ao expansionismo estadunidense. Na ótica martiana, a causa da emancipação nas Antilhas tem relevância geopolítica mundial, na medida em que o seu triunfo servirá como um dique capaz de preservar a soberania dos países do continente, assegurando um equilíbrio nas relações internacionais, sintetizado na noção de *equilibrio del mundo*³²⁸.

Este otimismo inicial diminui à medida que Martí agudiza sua crítica à esta sociedade, reduzindo também o papel que atribui à imigração europeia como ataçadora do ódio de classes.

³²⁸ A busca do equilíbrio, assentada no pressuposto de que a essência humana (o *hombre natural*) é harmoniosa como a natureza, é o norte magnético do pensamento martiano em todas as suas dimensões. Do ponto de vista civilizatório, o leva a rechaçar o materialismo característico do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos em nome de um projeto de modernidade orientado pela busca do equilíbrio entre as dimensões material e espiritual da existência. Do ponto de vista da estratégia política, propõe para a guerra de independência uma aliança de classes referenciada em um projeto nacional de conteúdo democrático, sintetizado no lema: “*con todos y para el bien de todos*”. Do ponto de vista filosófico, determina seu rechaço ao positivismo, corrente de ideias dominante na América Latina no seu tempo e dotada, neste contexto, de um conteúdo progressista em muitos casos. Recusa seu materialismo sem abraçar o idealismo que seria sua contraposição, mas busca através da proposta de uma *filosofía de relación* embasar um sistema original que estaria no meio termo. Do ponto de vista geopolítico, é conduzido a projetar um papel nodal para as Antilhas no devir histórico contemporâneo através da noção, que veremos adiante, do *equilibrio del mundo*. Ver: ARCE VALENTÍN, Reinerio. Op. cit; GUADARRAMA GONZALEZ, Pablo. *Martí y el positivismo sui generis latinoamericano*. In: ARCE VALENTÍN et al. *Por el equilibrio del mundo*. La Habana: Anuario do Centro de Estudios Martianos, 2003. LE RIVEREND, Julio. *El historicismo martiano en la idea del equilibrio del mundo*. La Habana: Anuario del Centro de Estudios Martianos, n. 2, 1979.

Gestado e revelado por oposição aos Estados Unidos, o ideário de *Nuestra América* está alicerçado em um contraste cultural de raiz histórica, acentuado por uma sensibilidade em relação aos móveis da política estadunidense, cultivada no período em que Martí residiu neste país. O militante cubano constata precocemente a orientação pragmática da política externa ianque³²⁹ e desconfia de qualquer apoio para a guerra que se prepara. Pelo contrário, considera um dever prevenir-se contra toda movimentação de sentido anexionista³³⁰, tendência fortalecida diante da crescente penetração estadunidense nos negócios da ilha: *“Para que la isla sea norteamericana, no necesitamos hacer ningún esfuerzo, porque, si no aprovechamos el poco tiempo que nos queda para impedir que lo sea, por su propia descomposición vendrá a serlo”*³³¹.

Em uma circunstância na qual as bases em que se projeta a união continental são antes identitárias e culturais do que políticas e econômicas³³², o pensador cubano localiza no passado colonial as raízes de uma identidade comum, cujo devir aponta para um padrão civilizatório original. Objetivamente, observa que a percepção da unidade espiritual de *Nuestra América* é um processo recente e em plena evolução: *“Cansada del odio inútil (...) se impieza como sin saberlo, a probar el amor. Se ponen en pie los pueblos y se saludan. “Como somos?” se preguntan, y unos a otros se van diciendo cómo son”*³³³.

A conscientização sobre a especificidade americana enseja o descarte de padrões culturais alheios como solução para os seus problemas históricos, cuja chave está no

³²⁹ Em carta de 1889, afirma que o governo dos Estados Unidos não irá fazer nem dizer *“(...) cosa que en lo menor ponga en duda para lo futuro, o comprometo por respetos expresos anteriores, su título al dominio de la Isla.”* MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 375.

³³⁰ Martí expressa suas intenções concretas a este respeito no seguinte artigo: *“Y para ayudar al conocimiento de la realidad política de América, y acompañar o corregir, con la fuerza serena del hecho, el encomio inconsulto, –y, en lo excesivo, pernicioso– de la vida política y el carácter norteamericanos, Patria inaugura, en el número de hoy, una sección permanente de «Apuntes sobre los Estados Unidos», donde, estrictamente traducidos de los primeros diarios del país, y sin comentario ni mudanza de la redacción, se publiquen aquellos sucesos por donde se revelen, no el crimen o la falta accidental–y en todos los pueblos posibles–en que sólo el espíritu mezquino halla cebo y contento, sino aquellas calidades de constitución que, por su constancia y autoridad, demuestran las dos verdades útiles a nuestra América:–el carácter crudo, de-sigal y decadente de los Estados Unidos–y la existencia, en ellos continua, de todas las violencias, discordias, inmoralidades y desórdenes de que se culpa a los pueblos hispanoamericanos.”* Ibidem, t. 3, p. 352.

³³¹ Ibidem, t. 2, p. 375.

³³² É sob este ângulo que analisa a fracassada iniciativa bolivariana do começo do século XIX: *“Acaso, en su sueño de gloria, para la América y para sí, no vio que la unidad de espíritu, indispensable a la salvación y dicha de nuestros pueblos americanos, padecía, más que se ayudaba, con su unión en formas teóricas y artificiales que no se acomodaban sobre el seguro de la realidad (...) se revelaba el desacuerdo patente entre Bolívar, empeñado en unir bajo un gobierno central y distante los países de la revolución, y la evolución americana, nacida, con múltiples cabezas, del ansia del gobierno local y con la gente de la casa propia!”* Ibidem, t. 3, p. 282.

³³³ Ibidem, t. 3, p. 282.

desvelamento de uma realidade própria³³⁴, sintetizada na consigna: “*conocer es resolver*”³³⁵. No fundo desta redescoberta de si, revela-se uma atualização do problema da identidade americana em relação ao começo do século, onde o legado das guerras da independência esgotou seu papel progressista e o expansionismo estadunidense reclama um projeto alternativo de alcance continental e referência autóctone, alicerçado na integração popular e fundado em preceitos éticos. O líder cubano refere-se ao descompasso entre a modernidade ocidental e as tarefas históricas em aberto no continente na seguinte linha: “(...) *de que sirve tener a Darwin sobre la mesa, si tenemos todavía al mayoral en nuestras costumbres?*”³³⁶.

Ao conceder dimensão civilizatória ao problema da soberania americana, Martí fortalece os vínculos da causa antilhana com o destino do continente³³⁷, movimento lastreado na constatação de que o futuro de Cuba é indissociável da natureza dos nexos estabelecidos entre a América Latina e o imperialismo. Premido entre o colonialismo espanhol e o capitalismo ianque, o líder do PRC inscreve a luta pela independência no dilema da formação da América Latina, afirmando a possibilidade e a necessidade de um projeto de modernidade alternativa que envolva o continente. Nesta perspectiva, advoga a realização de uma segunda independência, que supere os resquícios do passado colonial ao mesmo tempo em que enfrente a hegemonia ianque, afirmando uma identidade própria através da integração do legado indígena e negro à obra espanhola (*pueblo nuevo*), em uma via culturalmente assertiva e socialmente democrática. No contexto da Conferencia Interamericana patrocinada pelo governo estadunidense em 1889, o líder cubano escreveu: “*De la tiranía de España supo salvarse la América española; y ahora, después de ver con ojos judiciales los antecedentes, causas y factores del convite, urge decir, porque es la verdad, que ha llegado para la América española la hora de declarar su segunda independencia*”³³⁸.

³³⁴ “*Eramos una visión, con el pecho de atleta, las manos de petimetre, y la frente de niño. Eramos una máscara (...)*” Ibidem, t. 2, p. 484.

³³⁵ Ibidem, t. 2, p. 483.

³³⁶ Ibidem, t. 2, p. 477. “*El problema de la independencia no es el cambio de formas, sino el cambio de espíritu.*” Ibidem, t. 2, p. 484.

³³⁷ “*Cuba y nuestra América son una en mi previsión y mi cariño.*” MARTÍ, José. Apud: MARINELLO, Juan. Prólogo a: MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005, p. XVIII.

³³⁸ Ibidem, t. 2, p. 379. A noção de uma “*segunda independencia*” não é uma formulação original de Martí, embora seja o cubano quem “consolida para siempre la expresión”, segundo Pinedo. Para a trajetória desta ideia, consultar: PINEDO, Javier. El concepto ***Segunda Independencia*** en la historia de las ideas en América Latina: Una Mirada desde el Bicentenario. Revista Atenea N° 502, II Semestre 2010, Concepción, p. 151-177.

Diante da encruzilhada histórica que anuncia uma nova modalidade de colonialismo³³⁹, a revelação da unidade latente à *Nuestra América* afigura-se como uma estratégia urgente de resistência ao expansionismo estadunidense, ao mesmo tempo em que é o resguardo imprescindível de um conteúdo civilizatório próprio e comum: “(...) *la salvación de nuestra América está en la acción una y compacta de sus repúblicas, en cuanto a sus relaciones con el mundo y al sentido y conjunto de su porvenir*”³⁴⁰. Ao associar-se à causa da soberania continental, a luta pela emancipação nas Antilhas vincula-se, na perspectiva martiana, a processos cruciais para o equilíbrio geopolítico mundial. Na sua visão, a concretização da hegemonia estadunidense no continente pode abortar a independência de Cuba e Porto Rico, frustrando a utopia nossamericana, ao mesmo tempo em que consolidaria um poder mundial concorrente ao europeu. Ao projetar o expansionismo estadunidense em toda a sua extensão, localizando-o na geopolítica mundial, Martí deságua na noção do *equilibrio del mundo*:

*La guerra de independencia de Cuba, nudo del haz de islas donde se ha de cruzar, en plazo de pocos años, el comercio de los continentes, es suceso de gran alcance humano, y servicio oportuno que el heroísmo juicioso de las Antillas presta a la firmeza y trato justo de las naciones americanas, y al equilibrio aún vacilante del mundo*³⁴¹.

A causa da Independência cubana adquire a plenitude do seu significado: o estabelecimento da *república moral* nas Antilhas é o primeiro elo para realizar o projeto de *Nuestra América*, utopia pautada por premissas éticas fundadas no amor, orientada à realização do *hombre natural*, dotada de um conteúdo civilizatório original de alcance universal e governada segundo uma lógica que a afasta da concorrência agressiva da geopolítica mundial. Nesta leitura, o êxito da guerra nas Antilhas é decisivo para o equilíbrio global, minando o expansionismo estadunidense ao mesmo tempo em que abre caminho para a unidade americana, pedra fundamental para um projeto civilizatório alternativo. Isto significa que Martí concede papel protagonista ao continente no plano político, e estatura universal ao potencial cultural de *Nuestra América* do ponto de vista humanista. Em uma palavra, Martí identifica o futuro da civilização com a afirmação do potencial histórico de *Nuestra América*.

³³⁹ “(...) *la intentona de llevar por América en los tiempos modernos la civilización ferrocarrilera, como Pizarro llevó la fé de la cruz* (...)” MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 391.

³⁴⁰ Ibidem, t. 2, p. 486.

³⁴¹ Ibidem, t. 3, p. 517.

b) MARTÍ E O CAMINHO PARA A FORMAÇÃO CUBANA

A formação política de José Martí é forjada no ambiente dos revolucionários intransigentes desacreditados das possibilidades de reforma do nexo colonial, que enxergam no Pacto de Zanjón apenas uma trégua até que se reúnam no exílio as condições para uma retomada da guerra. Sua militância parte do pressuposto de que o vínculo colonial é retrógrado e anacrônico, e a sua ruptura, inexorável. Nesta circunstância, o desafio que se coloca é ditar um rumo racional ao conflito, o que exige a formação de um partido que ordene o impulso bélico superando os limites do campo revolucionário nos confrontos anteriores. Com este objetivo, a estratégia organizativa do PRC propõe uma aliança de classes em torno a um projeto orientado a estabelecer as premissas sociais e econômicas da integração nacional. Embora os documentos do partido não detalhem as medidas programáticas vislumbradas para a ilha emancipada, os textos de seu líder revelam a marca das noções que referenciam sua visão de uma modernidade alternativa: a primazia da autoctonia, a realização do *hombre natural* e a afirmação do *equilibrio del mundo* como princípio universal. Em termos políticos, para além da projeção civilizatória e continental da utopia martiana, o caminho para a formação cubana impulsionado pelo PRC identifica-se com a revolução democrática nacional.

i. leitura da história

A constatação de que a emancipação da Espanha é justa e inevitável está ancorada em uma sensibilidade em relação ao movimento do século, identificando o avanço histórico com as conquistas associadas ao conteúdo republicano da Revolução Francesa, anunciando uma nova subjetividade que aponta para a emancipação do indivíduo³⁴². De forma geral, Martí interpreta o século XIX como um “*siglo nivelador y justiciero*”³⁴³.

³⁴² “(...) los hombres se preparan... a entrar en el goce de sí mismos y a ser rey de reyes”. Também: “(...) asístese como a una descentralización de la inteligencia (...)” Ibidem. t. 1, p. 337. O outro lado desta sensibilidade é a percepção do século como um tempo de aceleração e de mudança, onde à imprevisibilidade inerente ao devir histórico, associa-se uma instabilidade característica da modernidade ocidental. Este quadro é, ao mesmo tempo, substanciado e referido por uma visão não teleológica da história. “No hay obra permanente, porque las obras de los tiempos de reenquiciamiento y remolde son por esencia mudables e inquietas; no hay caminos constantes, vislúmbrense apenas los altares nuevos, grandes y abiertos como bosques.” Ibidem. t. 1, p. 339.

³⁴³ Ibidem, t. 2, p. 497.

Esta percepção do dinamismo da história contemporânea está na raiz do contraste entre as possibilidades da luta cubana em relação ao período das guerras de independência do começo do século. O ponto de inflexão é a Guerra dos Dez Anos, que o líder antilhano identifica como o episódio fundador da nacionalidade cubana. Ao pressionar pela superação do preconceito de cor e por uma aproximação dos distintos estratos sociais através das armas, a guerra desencadeou o processo de formação da nação: “(...) *entró la patria, por la acumulación de la guerra, en aquel estado de invención y aislamiento en que los pueblos descubren en sí y ejercitan la originalidad necesaria para juntar en condiciones reales los elementos vivos que crean la nación*”³⁴⁴.

A singularidade desta circunstância defronta a revolução nacional nas Antilhas com possibilidades históricas inéditas em relação à conjuntura das guerras da independência americana do começo do século, em que a emancipação antecedeu a formação da nação. Exposição sistemática desta visão encontramos no *Manifiesto de Montecristi*³⁴⁵, documento lançado por ocasião da retomada da guerra da independência em Cuba no ano de 1895. Neste manifesto, Martí elenca cinco aspectos que marcaram a conjuntura em que se deu a gesta emancipatória do começo do século:

La concentración de la cultura meramente literaria en las capitales; el erróneo apego de las repúblicas a las costumbres señoriales de la colonia; la creación de caudillos rivales consiguiente al trato receloso e imperfecto de las comarcas apartadas; la condición rudimentaria de la única industria, agrícola o ganadera; y el abandono y desdén de la fecunda raza indígena (...)

Para em seguida advertir sobre estes pontos: “(...) *no son, de ningún modo los problemas de la sociedad cubana*”³⁴⁶. Ao negar a identidade entre os cinco aspectos que destaca como característicos da América recém emancipada no *Manifiesto de Montecristi*, infere-se, por oposição, que Martí verifica em Cuba as condições para: um certo nível de difusão cultural, e que transcenda o livresco; superar o legado cultural da colônia; uma unidade que prescindia de caudilhos; um maior desenvolvimento e diversidade da base produtiva; a valorização e integração do indígena. Em outras

³⁴⁴ Ibidem. t. 2, p. 366. Esta percepção é endossada por historiadores contemporâneos: “(...) em síntese, poder-se ia dizer que a Guerra dos Dez Anos e a Guerra Chiquita foram como que o cadinho onde se fundiu a nacionalidade cubana.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 313.

³⁴⁵ MARTÍ, José; GÓMEZ, Máximo. *Manifiesto de Montecristi*. In: MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000. p. 511-518.

³⁴⁶ MARTÍ, op. cit., t. 3, p. 513.

palavras, vê os pressupostos para a consecução de um projeto nacional de característica culta, republicana, democrática, produtiva e autóctona. Em suma, identifica em Cuba os quesitos para a formação da nação.

A avaliação martiana da circunstância cubana está apoiada em diferenças de ordem objetiva e subjetiva em relação à América espanhola no começo do século. Do ponto de vista objetivo, observa um outro nível de integração social e desenvolvimento material, enquanto no plano subjetivo, opina que acumulou-se uma experiência de gestão política e econômica em bases próprias. Para ambos os fatores, a Guerra dos Dez Anos serviu como detonador e balão de ensaio.

(...) la capacidad de los cubanos, cultivada en diez años primeros de fusión sublime, y en las prácticas modernas del gobierno y el trabajo, para salvar la patria desde sua raíz de los desacomodos y tanteos, necesarios al principio del siglo, sin comunicaciones y sin preparación en las repúblicas feudales o teóricas de Hispano-América³⁴⁷.

Este contraste histórico não significa que o legado da luta pela emancipação americana no começo do século seja irrelevante para os processos que lhe sucedem, destinados, segundo a expressão poética do militante cubano, a escrever “a última estrofe do poema de 1810”³⁴⁸. Embora o tema não seja objeto de uma análise específica, o líder do PRC reitera, através de textos e discursos, dois aspectos que, na sua visão, foram determinantes para o êxito da gesta bolivariana: a participação popular massiva e o levante simultâneo das distintas partes do continente³⁴⁹, em uma circunstância em que os povos americanos contaram com seus próprios meios para realizar a independência. Embora reconheça a origem patricia dos eventos e critique a posterior contenção do potencial democrático do processo, Martí identifica no engajamento dos diferentes estratos sociais, unidos solidariamente contra a dominação metropolitana, a chave do triunfo americano, sugerindo que a luta nas Antilhas deve

³⁴⁷ Ibidem, p. 512.

³⁴⁸ MARTÍ, José. Fragmentos del discurso en el Club del Comercio pronunciado el 21 de marzo de 1881. In: _____. *Obras completas, edición crítica*, La Habana, 2003, t. 8, p. 40. Apud: RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *El poema de 1810. José Martí ante las independencias hispanoamericanas*. Anais eletrônicos da XII Conferência de SOLAR. Heredia, Costa Rica: 2010, p. 1.

³⁴⁹ “¿Qué sucede de pronto, que el mundo se para a oír, a maravillarse, a venerar? ¡De debajo de la capucha de Torquemada sale, ensangrentado y acero en mano, el continente redimido! Libres se declaran **los pueblos todos de América a la vez**. Surge Bolívar, con su cohorte de astros. Los volcanes, sacudiendo los flancos con estruendo, lo aclaman y publican. ¡A caballo **la América entera**! Y resuenan en la noche, con todas las estrellasescondidas, por llanos y por montes, los cascos redentores.” MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 424 (grifos nossos).

apoiar-se na mobilização popular e na unidade continental para triunfar. Martí expressa sua leitura sobre a emancipação, relacionando-a à formação de *Nuestra América*, na seguinte passagem:

*Bajo las sotanas de los canónigos y en la mente de los viajeros próceres venía de Francia y de Norteamérica el libro revolucionario, a avivar el descontento del criollo de decoro y letras, mandado desde allende a horca y tributo; y esa revolución de lo alto, más la levadura rebelde y en cierto modo democrática del español segundón y desheredado, iba a la par creciendo, con la cólera baja, la del gaucho y el roto y el cholo y el llanero, todos tocados en su punto de hombre: en el sordo oleaje, surcado de lágrimas el rostro inerme, vagaban con el consuelo de la guerra por el bosque las majadas de indígenas, como fuegos errantes sobre una colosal sepultura. La independencia de América venía de un siglo atrás sangrando:—ni de Rousseau ni de Washington viene nuestra América, sino de sí misma!*³⁵⁰

Em síntese, o líder cubano observa em Cuba no final do século XIX uma circunstância diferenciada do ponto de vista da realidade socioeconômica e do aparato cultural, propiciando à ilha as condições para superar os dois pontos centrais que frustraram a formação das repúblicas americanas independentes: a contenção das pressões de sentido democratizador³⁵¹ e a importação de modelos políticos e culturais estrangeiros³⁵². A decorrência destas limitações do projeto emancipatório foi que “(...) *la colonia continuó viviendo en la república*”³⁵³.

Outras são as possibilidades do momento histórico em que vive Martí. Uma vez que a Guerra dos Dez Anos gerou as condições para a aproximação dos diversos estratos sociais no cadinho da nacionalidade cubana e o trabalho político realizado pela

³⁵⁰ Ibidem, t. 3, p. 280.

³⁵¹ Em um discurso em homenagem a Simon Bolívar pronunciado na Sociedad Literaria Hispanoamericana em 28 de outubro de 1893, Martí comenta a respeito da obra do líder venezuelano: “(...) *no pudo, por tenerlo en lo redañó, ni venirle del hábito ni de la casta, conocer la fuerza moderadora del alma popular, de la pelea de todos en abierta lid, que salva, sin más ley que la libertad verdadera, a las repúblicas* (...)” MARTÍ, op. cit., t. 3, p. 282.

³⁵² No mesmo discurso anteriormente citado: “*Acaso, en su sueño de gloria, para la América y para sí, no vio que la unidad de espíritu, indispensable a la salvación y dicha de nuestros pueblos americanos, padecía, más que se ayudaba, con su unión en formas teóricas y artificiales que no se acomodaban sobre el seguro de la realidad.*” Ibidem.

³⁵³ Ibidem, t. 2, p. 484. Comentando a leitura que Martí faz das guerras de independência, Pedro Pablo Rodríguez escreve: “*Alrededor de dos ideas centrales se organiza el enjuiciamiento martiano acerca de este asunto (...) Estas ideas centrales son que las independencias no se hubieran alcanzado sin la participación masiva de los sectores populares en su favor y sin la acción unida de las fuerzas patrióticas del continente. Ambas constituirían, a su vez, ideas claves también en su criterio acerca de la revolución anticolonial que estaba pendiente en Cuba, tarea en la que se empeñó plenamente.*” RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *El poema de 1810. José Martí ante las independencias hispanoamericanas. El poema de 1810 José Martí ante las independencias hispanoamericanas*. Heredia, Costa Rica: Anais do X Congreso de Solar, 2010. CD-ROM, p. 2.

militância no exílio amadureceu o curso para soluções políticas próprias, o povo cubano reúne as condições objetivas e subjetivas para afirmar uma república que não seja *feudal* nem *teórica*³⁵⁴: um projeto nacional assentado na autoctonia, caminho da superação definitiva do legado colonial. O veículo concebido por Martí para converter este potencial da conjuntura cubana em uma revolução nacional será o PRC.

ii. partido

O ponto de partida da estratégia organizativa martiana é um diagnóstico dos obstáculos ao triunfo cubano na Guerra dos Dez Anos, atribuídos à falta de coesão no comando insurgente, que fomentou tendências desagregadoras associadas ao caudilhismo. Na sua visão, a unidade revolucionária deve fundamentar-se em um programa político, o que implica subordinação do comando militar à direção civil assumida por um partido fundado com este propósito. Consonante com este diagnóstico, Martí se dedicará incansavelmente à organização de um partido referenciado por um programa (ainda que vago), de base ampla e regimento participativo (embora de mando centralizado), que liderará desde a sua fundação em 1891 nos Estados Unidos até a sua morte. A dupla preocupação de dotar a guerra de uma direção orientada por princípios e um programa, e prevenir o caudilhismo através da permeabilidade da ação revolucionária ao influxo popular, baliza a fundação do PRC (Partido Revolucionario Cubano): “*La Revolución se salva. Le faltaba tesis y orden, y ya tiene una y otro. (...) Era ambiente la Revolución y hoy es plan*”³⁵⁵.

A concepção do PRC está assentada no legado democrático da Guerra dos Dez Anos, base objetiva da clivagem nacional que referenciará a aliança supraclassista proposta, servindo como fundamento histórico para a premissa ética “*con todos y para el bien de todos*”³⁵⁶, avessa a qualquer discriminação de cor, etnia ou nacionalidade na condução da guerra. Esta permeabilidade à participação popular, na estrutura partidária como nos campos de batalha, é vista como o principal antídoto ao caudilhismo que infesta o continente desde a gesta emancipatória do começo do século: “*(...) salvar a Cuba de los peligros de la autoridad personal y de las disensiones en que, por falta de*

³⁵⁴ Ver: MARTÍ, José; GÓMEZ, Máximo. . Manifiesto de Montecristi. In: José Martí. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000. p. 511-518.

³⁵⁵ MARTÍ, op. cit. , t. 3, p. 353.

³⁵⁶ Ibidem, t. 3, p. 8.

*la intervención popular y de los hábitos democráticos en su organización, cayeron las primeras repúblicas americanas*³⁵⁷.

Embora Martí avalie como inevitável a reabertura de um confronto justo e necessário, entende que o seu desfecho está sujeito à impressão de um rumo racional à luta, fruto de uma acertada direção revolucionária. Daí o empenho que dedicou à tarefa organizativa³⁵⁸, atribuindo ao partido a função de interpretar a realidade em que está inserido para propor ações sintonizadas com as tendências históricas e os anseios do povo que representa, afiançando a concórdia nacional: “*A su pueblo ha de ajustarse todo partido público, y no es la política más, o no ha de ser, que el arte de guiar, con sacrificio propio, los factores diversos u opuestos de un país (...)*”³⁵⁹.

Subjacente a esta concepção da política, interpretada como a conciliação dos opostos, está a leitura de que, em Cuba emancipada, prevalecerá o entendimento como padrão de resolução do conflito social. Nesta perspectiva, o horizonte político martiano é uma democracia fundada no equilíbrio entre as classes³⁶⁰, na qual a função do governo seria encontrar uma harmonia natural entre interesses divergentes³⁶¹, noção que remete à premissa de um equilíbrio universal, norte da visão de mundo martiana. Ao concretizar-se em *Nuestra América*, esta arte de governar fundada no amor como um princípio universal³⁶² traz implícito o desafio de originalidade que preside essa organização social recente: “*Gobernante, en un pueblo nuevo, quiere decir creador*”³⁶³.

Equilíbrio, amor e autoctonia são valores que orientam a visão de mundo martiana, marcando de maneira coerente o seu ideário político. Quando seu pensamento aterrissa nos desafios objetivos avançados pela realidade cubana, estes princípios se

³⁵⁷ Ibidem. t. 3, p. 114.

³⁵⁸ “*Y no es del caso preguntarse si la guerra es apetecible o no, puesto que ninguna alma piedosa la puede apetecer, sino ordenarla, de modo que con ella venga la paz republicana (...)*” Ibidem. t. 2, p. 365. Sob esta perspectiva, a guerra aparece positivada: “*(...) la guerra vendría a ser, en vez de un retrardo de su civilización, un período nuevo de la amalgama indispensable para juntar sus factores diversos en una república segura y útil.*” Ibidem.

³⁵⁹ Ibidem, t. 3, p. 359.

³⁶⁰ Como se deduz de uma anotação sua à margem de um livro: “*Democracia no es el gobierno de una parte del pueblo o una clase del pueblo sobre otra, porque eso es tiranía. Sino el gobierno de tanto el pueblo en equitativa representación y el equilibrio de las clases, de modo que siempre quede (ilegible) parte que la han de representar*”. Apud: BALLÓN, op. cit., p. 41.

³⁶¹ “*La política es el arte de combinar, para el bienestar creciente interior, los factores diversos u opuestos de un país (...)*”. Ibidem. t. 2, p. 499.

³⁶² “*(...) el gobierno de los hombres es la misión más alta del ser humano, y sólo debe fiarse a quien ame a los hombres y entienda su naturaleza.*” Ibidem, t. 2., p. 16.

³⁶³ Ibidem. t. 2, p. 482. Também: “*(...) el gobierno ha de nacer del país. El espíritu del gobierno ha de ser el del país. La forma del gobierno ha de avenirse a la constitución propia del país.*” Ibidem.

traduzem em um programa de conciliação de classes em torno de um projeto de nação fundado em referenciais culturais próprios.

iii. programa

A proposta de unidade nacional veiculada pelo PRC está referenciada em um programa de conteúdo democrático, capaz de aglutinar uma oligarquia marcada pela herança ideológica do anexionismo/reformismo a setores populares de escasso histórico de mobilização popular autônoma, em um contexto no qual o legado escravista impõe obstáculos suplementares à constituição das bases objetivas e subjetivas da nação. Nesta circunstância, o projeto martiano visa criar as condições para uma sociedade mais equilibrada do ponto de vista econômico, com o fim precípua de promover a realização histórica do *hombre natural*, referida à autoctonia. Pequena propriedade rural, democracia e salários justos resumem o seu programa social, assentado na premissa do equilíbrio entre as classes sociais.

Embora o programa do PRC não detalhe um projeto de governo a ser implementado, provavelmente em função da preocupação prioritária de somar forças em torno à questão nacional³⁶⁴, a análise de conjunto dos textos martianos permite vislumbrar os vetores fundamentais de um programa econômico. Segundo a detalhada análise de Almanza Alonso, esta proposta está alicerçada em cinco pontos: um projeto de sociedade agrícola baseada em pequenos produtores; uma indústria de bens naturais; o livre-comércio; uma produção diversificada; propaganda dos produtos americanos nos mercados mundiais³⁶⁵.

Em suas linhas gerais, o ideário econômico martiano pode ser interpretado como uma conjunção objetiva da sua visão de homem, condensada na noção do *hombre natural*, com a autoctonia como princípio basilar da afirmação nacional, projetados sobre a premissa geopolítica do *equilibrio del mundo*. O ponto de partida deste enquadramento é a constatação, nos seus escritos, de uma empatia com o homem do campo que remete à noção do *hombre natural*, substanciada na compreensão de que a intimidade com a natureza é um meio para aproximar o homem de sua própria

³⁶⁴ Indício desta preocupação de Martí em não repelir os proprietários e garantir a unidade nacional é uma carta em que comunica a um colaborador do periódico *Patria* a alteração mínima que fez em uma carta publicada, buscando suavizar seu conteúdo para que não apareça, nas palavras de Martí, “(...) *como si fuéramos enemigos de las clases cultas*”. Ibidem. t. 3, p. 394. Há diversas cartas lidando com tarefas organizativas para a guerra em que mencionam-se proprietários aliados da causa independentista.

³⁶⁵ Nos apoiamos em: ALMANZA ALONSO, Rafael. *En torno al pensamiento economico de José Martí*. La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1990.

essência³⁶⁶. Na perspectiva de Martí, este contato com a essência humana através do trabalho rural é um movimento do indivíduo, que supõe um campo para o desenvolvimento da individualidade incompatível com a propriedade coletiva da terra³⁶⁷. Como observa Almanza: “*El principio martiano del valor de la libre actividad creadora del individuo era incompatible con el estatismo y la regulamentación comunitarios*”³⁶⁸.

Portanto, encarada sob o prisma da visão de homem martiana, a pequena propriedade camponesa é uma alternativa econômica adequada, assim como na perspectiva da autoctonia a condição agrícola da base produtiva do continente não é vista como um elemento de atraso a ser superado, mas sim a sua orientação monoprodutora: a consigna é diversificar produtos³⁶⁹. De modo correspondente, quando enfrenta a questão do comércio exterior, Martí defende o livre-comércio, o que no contexto cubano significa elidir as restrições impostas pela Espanha e abrir-se ao intercâmbio igual com todas as nações: ou seja, diversificar mercados³⁷⁰. Assim, o eixo da sua preocupação no que concerne à inserção de Cuba no mercado mundial é a

³⁶⁶ “(...) y los campesinos (...) son la mejor masa nacional porque recibe de cerca y de lleno los efluvios y la amable correspondencia de la tierra. Las ciudades son la mente de las naciones; pero su corazón, donde se agolpa, está en los campos. MARTÍ. Ibidem. t. 1, p. 446. También: si no fuera por el niño del campo, que injerta luego su originalidad en la vida urbana, no habría en la vida urbana más que amarilleces y momias (...)” MARTÍ. Ibidem. t. 1, p. 315.

³⁶⁷ Este é um dos ângulos da crítica do pensador cubano às ideias socialistas e, ao mesmo tempo, seu ponto de convergência com as propostas políticas de Henry George e de empatia parcial com Herbert Spencer. O reformismo de Henry George (1839-1897) ataca a apropriação da renda da terra pelos grandes proprietários, sem condenar a propriedade em si. O que está por trás é uma crítica de aspectos do capitalismo que agravam a situação dos trabalhadores, sem questionar as relações de produção. A denúncia que Martí faz dos monopólios e do protecionismo comercial nos Estados Unidos está neste mesmo diapasão: ambos são injustos porque inflacionam de maneira artificial o custo de vida dos trabalhadores. Por exemplo: “*Jay Gould es gran monopolizador, y sobre la espalda del trabajador de la alegoría va representando el Monopolio: él lo representa bien, que ha centralizado en enormes compañías, empresas múltiples, las cuales impiden, con su inaudita riqueza y el poder social que con ella se asegura, el nacimiento de cualquier otra compañía de su género, y gravan con precios caprichosos, resultados de combinaciones y falseamiento inicuos, el costo natural de títulos y operaciones necesarios al comercio.*” MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 269. O líder cubano coincide com Herbert Spencer (1820-1903) em interpretar o Estado como uma ameaça à individualidade. No entanto, distancia-se enfaticamente da sua visão de homem, na qual a pobreza é naturalizada, relacionando-se a um demérito pessoal segundo o ponto de vista liberal. Martí associa o pensador inglês à evolução histórica do ocidente: daí a figura de imagem em “*Madre América*”: “(...) a nuestra América de hoy, heroica y trabajadora a la vez, franca y vigilante, con Spencer de un brazo y Bolívar de otro;” Ibidem, t. 2, p. 426.

³⁶⁸ ALMANZA ALONSO. Op. cit., p. 264.

³⁶⁹ O projeto econômico de Martí supõe, de maneira análoga ao que verificamos no plano da cultura, um estatuto universal aos produtos americanos, que devem ser produzidos com recurso preferencial às matérias-primas e tecnologias locais e, logo, promovidos e intercambiados em pé de igualdade no mercado mundial.

³⁷⁰ Este é um ponto central, uma vez que Martí visualiza para as Antilhas, em geral, e para Cuba, em particular, um futuro promissor, condicionado pela sua localização geográfica como ponto de convergência do comércio mundial: “(...) nudo del haz de islas donde se ha de cruzar, en plazo de pocos años, el comercio de los continentes (...)” MARTÍ, op. cit., t. 3, p. 517.

geração de receitas alfandegárias que viabilizem a sustentação do aparato estatal, refletindo um enfoque típico da América Latina decimonônica³⁷¹: “(...) *porque tomar sin derechos lo de los Estados Unidos, que elaboran, en sus talleres cosmopolitas, cuanto conoce y da el mundo, fuera como echar al mar de un puñado la renta principal de las aduanas(...)*”³⁷².

O cubano tem consciência de que esta abertura significa, nas circunstâncias, colocar-se sob a órbita mercantil estadunidense e joga com este trunfo programático para angariar a simpatia do vizinho do norte³⁷³. No entanto, isto não significa que Martí fosse alheio aos nexos entre dependência econômica e subordinação política. A partir da participação como delegado na Conferência Monetária Internacional, promovida pelos Estados Unidos no começo dos anos 1890 com a intenção de avançar um projeto de unidade monetária no continente, torna-se explícita em seu pensamento a natureza dos mecanismos de dominação neocolonial que se enunciavam: “(...) *quién dice unión económica, dice unión política. El pueblo que compra, manda. El pueblo que vende, sirve. Hay que equilibrar el comercio para asegurar la libertad*”³⁷⁴.

Na chave martiana, a soberania econômica aparece projetada para o futuro, vinculada à diversificação da base agrícola, ao estímulo de uma indústria de bens naturais e à multiplicação de parceiros comerciais. Na sua ótica, não é um aspecto fundamental e urgente da estratégia independentista, que procura neutralizar politicamente a agressividade estadunidense. Em última análise, o problema da dependência econômica aparece subordinado à emancipação política, enquanto a questão da divisão internacional do trabalho é remetida à noção de *equilibrio del mundo* que fundamenta a inserção geopolítica de *Nuestra América* no concerto mundial.

Em síntese, Martí interpreta a consumação do legado democrático da Guerra dos Dez Anos como a via para a conclusão da formação cubana, em que a unidade em torno ao ideal da independência apontou para a superação da heterogeneidade social e racial

³⁷¹ Almanza Alonso enfatiza que os conhecimentos de economia política de Martí são rudimentares. Com estas palavras circunscreve o alcance do pensamento econômico de Martí: “(...) *la reflexión de Martí sobre los asuntos económicos de mueve en general en el ambito de la circulación y en lo que se ha dado en llamar la macroeconomía. La esfera de la producción y el análisis microeconómico están prácticamente ausentes en él.*” ALMANZA ALONSO, op. cit., p. 437.

³⁷² MARTÍ, op. cit., t. 2, p. 388.

³⁷³ Por exemplo: “(...) *preferirían contribuir a la solidez de la libertad de Cuba, con la amistad sincera a su pueblo independiente que los ama y les abrirá sus licencias todas (...)*” Ibidem, t. 3, p. 583.

³⁷⁴ Ibidem, t. 2, p. 501. O ensaio “*Nuestra América*” é redigido e publicado pouco depois do encerramento desta malograda reunião.

na direção da integração nacional. Apoiado em uma sensibilidade em relação ao movimento da história mundial, o líder cubano identificou na circunstância antilhana novas oportunidades e desafios em relação à emancipação das colônias ibéricas no começo do século. De um lado, o acúmulo de condições objetivas e subjetivas para a formação da nacionalidade, precipitada pelo confronto recente, singulariza a luta cubana, invertendo a sua posição em relação às lutas na América continental, onde a emancipação precedeu a nação. De outro lado, a emergência do expansionismo estadunidense coloca aos povos antilhanos a necessidade inédita de lutar pela independência em duas frentes simultâneas. Compreendendo nas circunstâncias que a guerra é inevitável, o esforço martiano orienta-se obstinadamente à organização do PRC como instrumento capaz de conceder racionalidade ao processo, assimilando as lições do conflito anterior. Um programa de orientação democrática nacional e uma estrutura orgânica permeável ao influxo popular são os antídotos adotados contra o caudilhismo e a desunião, subordinando o mando militar à liderança civil. Esta estratégia seria irremediavelmente comprometida a partir da morte do seu líder máximo nas primeiras escaramuças em 1895, quando a dinâmica do confronto explicitaria contradições entre ideal nacional e identidade de classe que o projeto martiano buscou generosamente acomodar.

C) DESFECHO

Encarada do ângulo da formação nacional, o desfecho da guerra de independência (1895-1898) deve ser interpretado, segundo Florestan Fernandes, como “(...) *uma traição que é, simultaneamente, um fenômeno espanhol, cubano e estadunidense*”³⁷⁵.

Do ponto de vista cubano, a desconfiança em relação ao triunfo de um exército revolucionário radicalizado inibiu o apoio dos organismos civis encarregados de viabilizar a vitória militar, o *Consejo de Gobierno* e o PRC, abrindo brechas para uma simpatia com a intervenção estadunidense. Constituído no primeiro ano da guerra, o *Consejo de Gobierno* determinou-se a domesticar o comando militar, segundo a análise

³⁷⁵ FLORESTAN, Fernandes. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 53.

de Ramón de Armas³⁷⁶, em um contexto no qual a própria dinâmica do conflito face às impiedosas táticas das tropas espanholas mobilizou o massivo apoio popular³⁷⁷, sedimentando a base democrática do exército conduzido por líderes formados na Guerra dos Dez Anos. Esta preocupação³⁷⁸ limitou o controle do *Consejo* sobre as atividades do delegado que sucedeu a Martí no comando do PRC no exílio³⁷⁹, Tomas Estrada Palma³⁸⁰, quem desmontou as bases democráticas do partido e dirigiu-o para negociar uma saída envolvendo a intervenção estadunidense, ao mesmo tempo em que sabotava o suprimento de armamento e munições aos insurretos em combate³⁸¹.

Em uma situação na qual a principal liderança democrática tombou nos primeiros combates, o flanco revolucionário revelou-se vulnerável à progressiva penetração de uma oligarquia desacreditada da manutenção da dominação espanhola³⁸², mas que bandeava para o lado insurgente com a intenção de conter um processo que não podia controlar, pressionando por uma solução mediada pelos Estados Unidos para

³⁷⁶ “Murió, al nacer la república de Jimaguayú, el gobierno “sencillo y útil propugnado (por Martí), para dar en su lugar paso a un Consejo de Gobierno leguleyesco que aspira, como objetivo inmediato, a garantizarse la dirección hegemónica del curso de la revolución, y al control irrestricto de los elementos que se nuclean alrededor del cada vez más poderoso aparato militar.” ARMAS, Ramón de. *La revolución pospuesta*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002, p. 142.

³⁷⁷ Diante do apoio popular irrestricto à causa independentista, o governo espanhol encarregou Valeriano Weyler de comandar uma guerra sem limites humanitários, atingindo o conjunto da população civil, inclusive rural, recolhida em campos de concentração para prevenir o sustento das tropas insurretas. “Nessas condições, ganhar a guerra não era somente derrotar um exército inimigo, mas ainda desarticular a sociedade que o apoiava, isto é, a guerra tinha que ser travada em parte contra a população civil.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 338.

³⁷⁸ “Y rezuma, cada uno de sus actos, el temor a la vida y la acción independientes de las masas alzadas que son, de hecho, la verdadera fuerza de la revolución, y de los hombres que constituyen en el momento los tres pilares de la insurrección: los dos Maceo, y Máximo Gómez.” ARMAS, op. cit., p. 142.

³⁷⁹ “El propio Consejo de Gobierno ha intentado inútilmente poner la Delegación bajo su control.” Ibidem, p. 192.

³⁸⁰ “Este (Estrada Palma) encarnaba, para Martí y otros muchos revolucionarios cubanos, “la continuidad histórica, la honradez intelectual y el civilismo democrático”, según expresa Estrade. Era visto como la personificación del vínculo de la Guerra del 68 y la que convocara Martí, no sólo en una consideración generacional, sino también en un plano institucional, pues había sido presidente de la República en Armas, no había claudicado ante el enemigo ni aceptado en ningún momento los términos del Pacto de Zanjón.” HIDALGO PAZ, Ibrahim. *Cuba 1895-1898. Contradiciones y disoluciones*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004, p. 7.

³⁸¹ “La gestión de la Delegación cubana en Nueva York ha sido particularmente exitosa en lograr, desde muy temprano, la desvirtuación y el abandono de los motivos todos que determinaron el surgimiento y la propia existencia del Partido Revolucionario Cubano que se supone representa.” Ramón de Armas, op. cit., p. 188. Para um relato detalhado deste percurso, ver: HIDALGO PAZ, op. cit.

³⁸² Este movimento revela-se no conflito entre a posição dos líderes militares que pressionavam por uma interrupção da safra açucareira e as lideranças civis que negociavam a sua permissão (ou a preservação do patrimônio sacarocrata) mediante um tributo. “Sin abandonar las posiciones iniciales de republicanismo liberal y nacionalismo moderado, se han iniciado dentro del Gobierno de la revolución las concesiones a los productores azucareros cubanos. Y se han ampliado las excepciones a favor de los productores azucareros, contra las que han estado, desde el principio mismo de la guerra, jefes militares como Máximo Gómez.” ARMAS, op. cit., p. 185.

preservar os seus interesses de classe³⁸³. Neste quadro, configurava-se uma realidade em que, nas palavras de Armas, “*España había perdido la guerra. Pero en Cuba se estaba perdiendo la revolución*”³⁸⁴.

Ao consumir-se a intervenção estrangeira em 1898, a manipulação da cumplicidade com que as tropas cubanas acolheram o exército estadunidense³⁸⁵ somada à prepotência com que este governo procedeu às negociações de paz, em que foi excluída qualquer representação cubana, evidenciou a ingenuidade ideológica de muitos revolucionários³⁸⁶, ao mesmo tempo em que anunciou o papel subalterno reservado aos colaboradores locais no arranjo neocolonial que se desenhava. Quando a imposição da emenda Platt explicitou a natureza da intervenção, culminando esforços sistemáticos do governo estadunidense para frustrar a revolução cubana³⁸⁷, a liderança civil insular

³⁸³ “*La extensión de la revolución a toda la Isla dio impulso “al ingreso en la revolución de antiguos políticos autonomistas de provincias y de otros hombres de posición y de luces; y el propósito que tenían (los rebeldes) de darle un amplio sentido de atracción, desarmaron también desconfianzas...” que habían reprimido durante el primer año la incorporación de los mismos a la insurrección. Ello significó un considerable refuerzo de clase para los hombres del Gobierno civil, y posibilitó la ascensión – prevista y facilitada – de los nuevos ingresos a los mandos militares del Ejército Libertador.*” ARMAS, op. cit., p. 155.

³⁸⁴ Ibidem, p. 156. “*El Gobierno civil tiene, ahora, los flancos copados. Todos los caminos que lo alejan de la colaboración y el equilibrio con la tropa popular mayoritaria constituida en el Ejército mambí, lo acercan a la política antinacional de la burguesía azucarera y a la neocolonia que representa.*” Ibidem, p. 200.

³⁸⁵ “*In fact, Cubans played a decisive if largely unacknowledged role in the U.S. victory. They served as scouts, guides, and interpreters; they provided vital intelligence and information. But most of all, they engaged in military operations at critical moments of the campaign.*” PÉREZ JR. Louis A. *The war of 1898. The United States and Cuba in history and historiography*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988, p. 86.

³⁸⁶ “*Para valorar acertadamente las ideas de los cubanos a fines del siglo XIX, hemos de advertir la enorme confusión que primaba en las apreciaciones sobre la política de los Estados Unidos, considerada por la mayoría como el resultado conyuntural de la aplicación de un programa político opuesto a la causa antillana. Tales apreciaciones erróneas las advertimos en las posiciones coincidentes de los más diversos sectores y personalidades ante el triunfo del Partido Republicano en las elecciones del 3 de noviembre de 1896 (...) El optimismo de aquellos cubanos y el desconocimiento, común en la época, de las tendencias predominantes en la política expansionista yanqui, más allá de partidos y personalidades, los conducía a estas explicables confusiones.*” HIDALGO PAZ, op. cit., p. 164. O Consejo de Gobierno, na pessoa do seu presidente, Bartolomé Masó, recebeu a intervenção estadunidense como aliada: “*(...) todo auxilio y toda acción que nos preste, ya vengan de personas o entidades particulares o de la gran Nación que para esto debemos desde hoy considerar como nuestra amiga y nuestra aliada.*” Em: HIDALGO PAZ, op. cit., p. 257.

³⁸⁷ “*Both the Cleveland and McKinley administrations acted vigorously against Cuban efforts to support and supply the insurgency from the United States. (...) The U.S. government committed its full resources to interdict expeditions to the island. (...) Indeed, navy captain French Ensor Chawdwick acknowledged in his 1909 account of the war that “American ships were, in fact, doing the duty which should have been done by the Spanish navy on the Cuban coast.” (...) Between 1895 and 1896 U.S. authorities intercepted over half of the Cuban expeditions fitted in the United States. Of the seventy expeditions organized from the United States during the Cuban insurrection, only one-third reached the island.*” Louis A. Pérez Jr, op. cit., p. 15. “*La intervención fue – en ese sentido – una última etapa en la realización de una agresión prolongada, destinada a frustrar la potencialidad nacionalista de la revolución cubana.*” ARMAS, op. cit., p. 208.

deparou-se com a impotência que alimentou³⁸⁸: ao frear o empuxo democrático encarnado no exército rebelde, a camada dirigente atara suas próprias mãos³⁸⁹. Consumava-se o destino neocolonial.

Realizados os objetivos imediatos da ocupação, o exército invasor retirou-se em 1902 para retornar em 1906, respondendo à solicitação do então presidente Tomas Estrada Palma³⁹⁰, que invocava as prerrogativas da famigerada emenda constitucional. O recurso ao poder militar estrangeiro como árbitro da política nacional evidenciava a aliança da classe dominante com o imperialismo, assegurando as condições da sucessiva penetração do capital estadunidense na ilha em detrimento da soberania e da integração social esposada pelo projeto martiano³⁹¹. Ao frustrar a revolução nacional, a intervenção dos Estados Unidos consolidou em Cuba um regime neocolonial duradouro, comprometido com a reprodução de um enclave exportador primário³⁹² assentado na superexploração do trabalho, na desigualdade social e na repressão política³⁹³. Na síntese de Florestan Fernandes:

³⁸⁸ Diante das negociações com os Estados Unidos que desaguam na emenda Platt, os membros do Consejo de Gobierno, segundo Armas: “(...) *no aceptarán ninguna propuesta que no culmine en la independencia: no abandonarán el principio republicano al que muchos de ellos han dedicado treinta años de lucha y de manigua. No habrá traiciones. Y no habrá gestiones – vengan de donde vengan – que los lleven al abandono de sus posiciones. Les será impuesto.*” Ibidem, p. 204.

³⁸⁹ “España había perdido la guerra. Pero en Cuba se estaba perdiendo la revolución. (...) Sino incluso como revolución de una potencial burguesía nacional que, políticamente nacionalista, buscara sus propias formas de desarrollo capitalista – pero que fue perdiendo sus posiciones durante la guerra al combatir y reprimir los elementos más populares que podían, de alguna forma, significar la imposición de futuras concesiones.” Ibidem, p. 156-157. O Consejo de Gobierno e o PRC dissolveram-se pouco depois do final da guerra, e o exército retirou-se paulatinamente de cena.

³⁹⁰ Sobre Estrada Palma: “Era um homem formado na mentalidade reformista da década de 1860, que se incorporou às lutas de independência com toda carga de preconceitos, valores e estereótipos que sua época oferecia, e com uma grande fé nos Estados Unidos, país que considerava o berço e a salvaguarda da democracia.” MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 339.

³⁹¹ “There is no doubt, however, that the Platt Amendment imposed on the newly independent Cuban nation by its benefactor, the United States, was the most decisive factor in directing a strong flow of capital toward the island.” CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974, p. 44.

³⁹² “Es la etapa (1898-1925) del crecimiento de la economía dominada y, por ello, es al par la del aumento progresivo de la influencia de los intereses norteamericanos, o sea, que es un crecimiento para una creciente supeditación. La base del proceso es el aumento de la exportación, y, por ende, de la producción de azúcar.” LE RIVEREND, Julio. *Historia económica de Cuba*. Barcelona: Ediciones Ariel, p. 227.

³⁹³ A intervenção em Cuba é parte da estratégia de subordinação do Caribe ao capital estadunidense no período: “En 1900, la producción azucarera de Cuba, Puerto Rico y República Dominicana – en conjunto – totalizó 430.000 t, representando aproximadamente el 4 por 100 de la producción mundial. A partir de este año la industria azucarera cubana creció a una tasa anual del 14,2 por 100, la puertorriqueña al 14,3 por 100, y la dominicana al 8,2 por 100 hasta 1920 en que alcanzan la cifra total de 4.533.119 t equivale al 29,3 por 100 del azúcar producida en el mundo. Aunque es necesario aclarar que la posición estadística de este último año de 1920 estaba distorsionada por la crisis de la industria europea provocada por la primera guerra mundial. Este proceso de crecimiento tuvo una base común el impulso dado por las respectivas intervenciones militares norteamericanas.” MORENO FRAGINALS,

Como a revolução nacional abortou, não houve propriamente uma transição para uma situação de desenvolvimento capitalista nacional e dependente. O que apareceu e persistiu, por mais de meio século, foi um desenvolvimento capitalista semicolonial ou, para usar termos precisos, um desenvolvimento capitalista neocolonial (extra e antinacional, sob vários aspectos; e prolongado, quanto à duração)³⁹⁴.

d) BALANÇO

A consumação de uma modalidade neocolonial de desenvolvimento capitalista em Cuba explicitou os nexos de classe que uniam o capital estadunidense à classe dominante cubana, às expensas da própria nação. Embora muitos tenham se dedicado sinceramente à causa nacional, o temor à radicalização popular franqueou as condições para um desfecho do conflito favorável àqueles que, como Tomas Estrada Palma, identificavam-se ideológica, política e economicamente com a tutela estadunidense, contrariando o projeto original do PRC. Neste sentido, o desenlace da guerra evidenciou o alcance e os limites da atuação revolucionária do dirigente máximo do partido, referidas às possibilidades históricas da circunstância em que militou.

A percepção do risco que a expansão estadunidense representava para a independência cubana colocou Martí diante do desafio de calibrar a unidade nacional não apenas contra a Espanha mas também diante dos Estados Unidos, questão delicada em uma circunstância na qual à força ideológica do reformismo/anexionismo somava-se a admiração sincera do *american way of life*, traduzida em simpatia difusa pelas propostas anexionistas. Em um contexto em que a acanhada base produtiva e a dependência mercantil constrangiam a emergência de atores sociais identificados com a autodeterminação econômica, o líder cubano deslocou o enfoque para um questionamento do próprio padrão civilizatório ocidental, assentado em uma rejeição cultural ao capitalismo, que desenvolveu nos anos em que viveu nos Estados Unidos (1880-1895).

Manuel. Plantaciones en el Caribe: el caso Cuba – Puerto Rico – Santo Domingo (1860-1940). In: _____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 87.

³⁹⁴ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 66.

O fundamento do seu rechaço à modernidade ocidental é uma crítica ao homem moderno, ancorada em uma visão transcendente da existência, que o conduz a uma valorização do potencial civilizatório da região que denominou *Nuestra América*, em que Martí identifica as condições para realizar o ideal humanista sintetizado na noção do *hombre natural*. Nesta perspectiva, o militante cubano associa a emancipação latino-americana à construção de um padrão civilizatório original. A chave desta conjunção é a autoctonia, interpretada como via para a formação continental, uma vez que a realização do potencial histórico da cultura americana implica, simultaneamente, uma estratégia para o equilíbrio geopolítico mundial, através do breque ao expansionismo estadunidense, e um projeto de homem novo. Assim, a unidade continental revela-se, ao mesmo tempo, como condição política para preservar a soberania e horizonte utópico de uma proposta humanista inovadora.

Ao inscrever a luta pela independência das ilhas em uma totalidade maior, Martí visualizou com clarividência a encruzilhada que se colocava para o continente. Esta projeção da causa nacional sobre o destino latino-americano está assentada em uma sensível percepção de afinidades culturais referenciadas em um passado colonial comum, que se atualiza face ao dilema histórico presente. Diante do imperialismo, Martí indica que a unidade latino-americana deve se consumir através da iniciativa dos países envolvidos, caso contrário, o continente será unificado negativamente como área de influência estadunidense.

Se a chave interpretativa martiana captou o dilema latino-americano em todo o seu alcance, por outro lado, o seu referencial analítico revelou-se insuficiente para identificar os nexos entre este movimento da história e a dinâmica do capitalismo. Embora sua percepção do imperialismo e a apreciação negativa sobre a sociabilidade moderna apontem para uma visão crítica do capitalismo, o ângulo específico da sua abordagem não conduziu a um questionamento deste modo de produção³⁹⁵.

O cerne da crítica martiana à modernidade ocidental é o rechaço a um padrão de sociabilidade marcado pelo ódio inerente às relações de classe, em oposição à racionalidade amorosa que preside o ideal do *hombre natural*. Martí atribui este ódio ao caráter dos povos, que, como vimos, é expressão ética de uma construção histórica: no

³⁹⁵ “José Martí no penetró el resorte determinante del fenómeno imperialista, pero sí su naturaleza opresora y su magnitud continental. Nadie como él definió, por la conciencia de estas dos notas primordiales, la necesidad, presente y futura, de derrotarlo con la cerrada unidad de sus víctimas. De la unión –clamaba Martí– depende nuestra vida.” MARINELLO, Juan. Prólogo a: MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005, p. XIII.

caso europeu, remete ao despotismo e à monarquia, enquanto nos Estados Unidos trata-se de uma corrupção. Uma vez que o ponto de partida da sua crítica são os valores que norteiam a sociabilidade entre os homens e não as relações de classe, infere-se que é possível estabelecer relações sociais que não sejam presididas pelo ódio nos marcos deste modo de produção. Em outras palavras, é viável a um povo, para o qual convergem condições históricas e possibilidades éticas favoráveis, afirmar uma sociabilidade alternativa no capitalismo³⁹⁶. Martí idealiza em *Nuestra América* este potencial civilizatório.

Esta chave interpretativa, alicerçada em uma leitura da história pautada pela autoctonia e em uma visão de homem sintetizada na noção do *hombre natural*, explica a rejeição de Martí ao socialismo como um programa político, bem como aos métodos de luta com ele identificados³⁹⁷. Em consonância com a visão prevalente em seu tempo, o líder cubano associa o socialismo com a propriedade coletiva e a presença estatal. Avaliando estas proposições da perspectiva do seu humanismo, Martí rechaça-as como contraditórias com a afirmação da individualidade implícita na noção do *hombre natural*, revelando que, na sua ótica, a referência principal da mudança social é a

³⁹⁶ Martí não estabelece nexos entre as relações de produção capitalistas e a sua sociabilidade em geral. As relações entre a propriedade privada dos meios de produção, a mercantilização do trabalho e as formas de sociabilidade resultantes escapam à problemática martiana: em uma palavra, o problema do fetiche lhe é alheio. O outro ângulo a partir do qual é possível criticar a propriedade privada do ponto de vista do materialismo histórico é como óbice ao desenvolvimento das forças produtivas. Como a visão de progresso martiana não é alinhavada por este eixo, o resultado é que, de um lado, não se produz uma teleologia e, de outro, não se encontra em sua obra uma crítica à propriedade privada ou ao capitalismo como modo de produção.

³⁹⁷ Uma leitura atenta da referência feita por Martí a Karl Marx por ocasião do seu falecimento em 1883, evidencia o contraste entre o pensamento martiano e o materialismo histórico. No conjunto da nota, o cubano empatiza com a causa esposada por Marx, mas não com seus métodos: “*Como se puso del lado de los débiles, merece honor.*” Nesta sentença, que abre o comentário, explicita-se a diferença de enfoque em relação aos trabalhadores, que vai determinar o grau de identidade entre ambos pensadores. Se para Marx a classe trabalhadora é protagonista em potencial da revolução mundial, Martí a vê como o lado fraco (*débiles*) a ser amparado no conflito social. Nesta diferença radica uma empatia, mas também uma distância: Marx merece ser honrado, o que não significa tomá-lo como referência política ou teórica. A diferença na abordagem entre os pensadores é explícita em outra passagem de Martí: “*El trabajo embellece. (...) De manejar las fuerzas de la naturaleza, les viene ser hermosos como ellas.*” Ao enfocar a relação do homem com o seu trabalho, a referência do pensador cubano é a realização do *hombre natural*, onde, para Marx, coloca-se o problema da formação da consciência de classe. Nesta chave, embora partilhe da indignação causada pela exploração que desumaniza o trabalhador, e não recuse a violência revolucionária como um princípio, o cubano avalia as derivações políticas do pensamento marxista como apressadas, sombrias, inviáveis e prematuras: “*Pero anduvo de prisa, y un tanto en la sombra, sin ver que no nacen viables, ni de seno de pueblo en la historia, ni de seno de mujer en el hogar, los hijos que no han tenido gestación natural y laboriosa.*” A premissa subjacente é precisamente oposta ao materialismo histórico, que identifica na conjuntura europeia a maturidade da revolução operária. Assim, onde Martí vê uma cesárea prematura, Marx alerta que estourou a bolsa: o capitalismo está prenhe do comunismo, e a violência é a parteira da história. MARTÍ, José. Carta de Nova Iorque, 29 mar.1883 (Publicado en *La Nación*, Buenos Aires, 13 y 16 de mayo de 1883) In: _____. *Obras Completas de José Martí*. La Habana: Centro de Estudios Marianos, Karisma Digital, 2001. V. 9, p. 384-397, 1 CD ROM.

formação do indivíduo, que não aparece determinada imediatamente pela condição de classe. O dirigente do PRC resume sua apreciação sobre o ideário socialista nas seguintes palavras:

*De todo eso, por supuesto, sólo se puede considerar el buen deseo, y la verdad de los dolores punzantes que por serlo tanto llevan los planes de reforma a tal exceso. En esos planes falta el espacio preciso para el crecimiento irrepresible de la naturaleza humana, que es la base de todo sistema social posible, porque un conjunto de hombres, sólo por transición y descanso puede ser distinto de como el hombre es: lo innatural, aun cuando sea lo perfecto, no vive largo tiempo*³⁹⁸.

Do ponto de vista dos métodos de luta, o líder cubano recusa como violentas as formas de pressão social identificadas com o socialismo, fundamentadas na premissa da luta de classes. Considerando-se que Martí não era um pacifista por princípio, morrendo em combate em Cuba, este rechaço está referido a uma associação que faz entre as táticas socialistas e o ódio de classes prevalente nas sociedades onde ele se enraíza. Ao vincular a pertinência do socialismo à noção do caráter de um povo, o militante cubano dissocia padrão de luta de classes e relações de produção capitalistas, premissa para encarar o socialismo como uma doutrina estrangeira à realidade cubana. Referindo-se ao socialismo em seu país, escreve em carta um ano antes de morrer:

*Dos peligros tiene la idea socialista, como tantas otras: el de las lecturas extranjerizas, confusas e incompletas, y el de la soberbia y rabia disimulada de los ambiciosos, que para ir levantándose en el mundo empiezan por fingirse, para tener hombros en que alzarse, frenéticos defensores de los desamparados (...)*³⁹⁹.

³⁹⁸ MARTÍ, José. Crônica publicada no Anuário do Centro de Estudios Martianos, n. 3, 1980, p. 36-43. Apud: ALMANZA ALONSO, op. cit., p. 255.

³⁹⁹ MARTÍ, José. Carta a Fermín Valdés Domínguez de maio de 1894. Apud: ALMANZA ALONSO, op. cit. p. 379. O pensador cubano teve oportunidade de aprofundar seu contato com o socialismo depois da nota sobre Marx. Em seu trabalho *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*, José Ballón analisou o exemplar lido e anotado pelo cubano entre 1884 e 1887 do livro *El socialismo contemporáneo* de John Rae. Como diz o título, a obra faz um apanhado das teorias e da atividade socialista na Europa e nos Estados Unidos do século XIX, inclusive em 70 páginas que, segundo Ballón, “*expone de manera completa y sistemática la doctrina de Karl Marx*”. E, no entanto, esta não é uma das partes anotadas por Martí, que se concentra no capítulo introdutório, no apartado sobre Lassale e no oitavo capítulo intitulado “*El socialismo y la cuestión social*”. O material analisado por Ballón aponta, por exemplo, que o cubano sublinhou diversas passagens que se referem à relação entre socialismo e Estado, o que permite inferir que o pensador cubano estava familiarizado com o problema do Estado, embora não seja uma problemática enfocada por seu pensamento e estratégia revolucionários. BALLÓN, José. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Cordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos, 1995. Almanza endossa o argumento de que, houvesse interesse, Martí poderia aprofundar seu conhecimento da obra de Marx: “*Ya desde la década del setenta algunos de los trabajos de Marx, incluido El capital, podían obtenerse en Estados Unidos, y aunque el primer volumen de su*

A crítica martiana à modernidade ocidental e ao socialismo evidencia que a chave para a resolução do conflito social é, na sua visão, antes ética do que econômica. Ao focalizar o homem produzido pela sociabilidade capitalista e não as relações de produção que o engendram, revela-se uma analogia entre o seu pensamento econômico, restrito à esfera da circulação, e a sua crítica à modernidade ocidental, que não penetra no modo de produção. Nesta ótica, as contradições entre as classes sociais no capitalismo e os dinamismos econômicos subjacentes ao imperialismo são relevados a um segundo plano, expressão de uma subordinação da economia à ética que informa o seu humanismo. O ideário condensado em *Nuestra América*, inovador como horizonte de modernidade embora reformista como modo de produção, emerge assentado em uma visão da história na qual a dinâmica da luta de classes está subordinada à noção do *equilíbrio del mundo*; as relações de produção capitalistas estão subordinadas ao caráter de um povo; o desenvolvimento das forças produtivas está subordinado à autoctonia; e o movimento da história está subordinado ao ideal do *hombre natural*.

Alicerçado na percepção de afinidades históricas referidas a um passado colonial comum, o instrumental que fundamenta a análise martiana revelou-se fecundo para apreender a ameaça imperialista e o dilema histórico que o continente enfrentava em toda a sua extensão. Captou a especificidade de *Nuestra América* no contraste com o Ocidente e projetou-lhe um devir alternativo, mas foi insuficiente para diagnosticar suas semelhanças, radicadas na generalização de relações de produção capitalistas. Para isso, seria necessário um repertório de economia política que não coadunava com o ângulo da abordagem histórica martiana e, possivelmente, não encontrava lastro na realidade cubana, em que a difusão incipiente do assalariamento limitava a diferenciação da esfera econômica. Este limite aparece inscrito na própria história e tem consequências decisivas do ponto de vista da apreensão dos nexos entre imperialismo e luta de classes, que se explicitam no desfecho da guerra da independência.

obra monumental no apareció en inglés hasta 1887, entre 1876 y 1878 se publicaron resúmenes en ese idioma en *The Socialist* y *el Labor Standard*.” ALMANZA ALONSO, op. cit., p. 242.

CAPÍTULO 3
FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS
PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: JUAN B. JUSTO E A
REFORMA ARGENTINA.

CAPÍTULO 3

FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: JUAN B. JUSTO E A REFORMA ARGENTINA.

3.1) FORMAÇÃO ARGENTINA

a) A MARCA DA COLÔNIA

Integrada politicamente ao Vice-Reino do Peru que tinha em Lima a sua sede, o território que compreende a Argentina contemporânea foi região marginal da empresa colonial castelhana. Desprovida de metais preciosos, a sua ocupação e exploração esteve vinculada aos impulsos econômicos derivados da atividade mineira no Alto Peru, o que se desdobrou na preocupação geopolítica em preservar a posse castelhana sobre o acesso atlântico através do Rio da Prata, objeto de permanente disputa intra-metropolitana⁴⁰⁰. Assadourian resume o móvel da colonização argentina nas seguintes palavras:

*(...) debemos entender la conquista argentina como el resultado de la necesidad de ampliar las fronteras y anexar territorios que serán a la vez proveedores y contrafuertes para el desarrollo y la seguridad del Perú, que por su producción argentífera es una pieza vital del Imperio*⁴⁰¹.

A conquista articulará o desígnio imperial com a ambição do colonizador espanhol nesta região, resultando na fundação de cidades interioranas assentadas na exploração do trabalho indígena orientadas para a produção de gêneros necessários ao abastecimento da economia andina. Deste modo, no povoamento do interior argentino confluem a demanda agrícola, pecuária e manufatureira da região mineira, a localização de indígenas passíveis de serem submetidos e o interesse geopolítico da Coroa em

⁴⁰⁰ “(...) la función estratégica del territorio como flanco protector del Perú y vía de acceso a Potosí cobraba sentido ante el peligro del asentamiento portugués y luego ante las posibles invasiones de ingleses y holandeses.” ASSADOURIAN, C. S.; BEATO, C.; CHIARAMONTE, J. C. *Argentina: de la conquista a la independencia*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, 1986, p. 25.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 39. O Chaco e a Patagônia são territórios relegados pelos colonizadores. Ibidem, p. 51

preservar o território e estabelecer rotas comerciais vinculando o Alto Peru ao Atlântico e ao Chile⁴⁰².

Na faixa litorânea do território, margeando o Rio da Prata até desaguar no Atlântico, o desenvolvimento comercial dos portos foi severamente constrangido pela vigência do sistema de porto único, determinando que as conexões entre o Peru e a península se fizessem via Pacífico através do Panamá. Como decorrência, até as vésperas da independência a região litorânea foi relativamente menos povoada e economicamente dinâmica do que o interior. Neste contexto de restrição legal ao comércio atlântico, o contrabando floresceu em Buenos Aires, movimentado principalmente por escravos africanos trazidos pelos portugueses⁴⁰³. Esta situação colocava as autoridades coloniais face a um permanente dilema, posto que a repressão ao tráfico poderia alimentar uma simpatia pelos lusitanos, ameaçando a própria soberania castelhana sobre o território platino. Em suma, a modesta vitalidade da região argentina durante o período colonial aparece como a resultante de duas pressões exógenas, ambas impotentes para romper com cenário de ermidão e dispersão populacional que a caracterizava:

*En ese sentido hay que destacar el hecho de que la economía de las provincias rioplatenses estaba muy vinculada con la navegación del Atlántico; en consecuencia, las vicisitudes de la ruta atlántica tuvieron, al igual que las del Alto Perú, hondo significado para el Río de la Plata*⁴⁰⁴.

Diante desta realidade, enquanto prevaleceram os estímulos oriundos da mineração peruana, o *Interior* revelou-se mais dinâmico e densamente ocupado do que o *Litoral*, mas quando o interesse imperial reorientou-se no século XVIII na direção do Atlântico, engendraram-se as condições para a inversão da situação⁴⁰⁵.

⁴⁰² “Las ciudades argentinas, esos “puntos microscópicos” de cuarenta o cincuenta familias concentran la presencia española en pequeños focos diseminados en un espacio enorme y aun mal controlado. Fuera de las ciudades está la zona repartida a los encomenderos, pero ello no implica una presencia continua, y entre un emplazamiento urbano y otro prodrá haver 40, 50, o más leguas sin un poblado. Es el saldo de una conquista discontinua, con un empuje colonizador incapaz de cubrir la totalidad del territorio y que se dispersa en trechos y parcelas entre los cuales quedaba la tierra desierta.” Ibidem, p. 49.

⁴⁰³ VILLALOBOS R., Sergio. *Comercio y contrabando en el río de la Plata y Chile*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

⁴⁰⁴ ASSADOURIAN et al., op. cit., p.154.

⁴⁰⁵ “Al crearse el Virreinato (1776) el Litoral, pese a su ya acentuado progreso, continuaba siendo una de las regiones más atrasadas de las que integraron la nueva división administrativa del Imperio hispano. El Interior lo superaba tanto por su riqueza como por su población.” Ibidem, p. 317.

b) EMANCIPAÇÃO ARGENTINA

O estabelecimento do Vice-Reino do Prata em 1776 sediado em Buenos Aires é expressão do empenho do Império espanhol em reorientar a economia colonial no sentido atlântico, condizente com a estratégia de fomentar atividades econômicas alternativas à mineração, em um contexto de fermentação da revolução industrial na Europa⁴⁰⁶.

*El proceso de independización de Buenos Aires con respecto a Lima, que en la creación del Virreinato encuentra un jalón decisivo, es una manifestación del paulatino traslado del centro de gravedad económico de la costa del Pacífico a la del Atlántico, promovido por las circunstancias generales de la época*⁴⁰⁷.

O efeito das inovações administrativas implementadas, somado à progressiva liberalização do tráfico atlântico no contexto das reformas borbônicas⁴⁰⁸, confluíram para que Buenos Aires se convertesse no centro de gravitação política e econômica de uma extensa região paulatinamente subtraída aos mercados de Lima⁴⁰⁹. O

⁴⁰⁶ Sobre este contexto: “Por eso, el ascenso del litoral rioplatense, que culmina en el Virreinato, data, en realidad, del fin de la guerra de sucesión de España, del proceso abierto por los Tratados de Utrecht (...) La corona española se vio, entonces, impulsada a diversas medidas tendientes a contrarrestar los efectos de su derrota en la guerra de sucesión. Desde entonces, España va desgranando una serie de medidas de política económica que, aunque proyectadas en función de su estrategia ante la amenaza del avance inglés y lusitano, redundarían en beneficio de las colonias. La nueva política de cierta liberalización del comercio hispanocolonial tiende, durante el siglo XVIII, junto a diversas empresas bélicas de similares propósitos, a detener el creciente predominio inglés, propendiendo al desarrollo de las industrias peninsulares y a su primacía en el comercio de Indias: el proyecto para galeones y flotas del Perú y Nueva España y para navíos de registro, la fundación de Montevideo en 1723, la supresión del sistema de flotas y galeones en 1740, con la consiguiente animación de la navegación comercial por el Cabo de Hornos, en perjuicio de Lima y en beneficio para el Río de la Plata, son tantos pasos sucesivos de dicha política de la monarquía borbónica.” Ibidem, p. 311.

⁴⁰⁷ Ibidem, p. 292.

⁴⁰⁸ “Enquanto o Chile quase não é atingido pelas transformações estruturais do império na segunda metade do século XVIII, o Rio da Prata – juntamente com a Venezuela e as Antilhas – são as regiões mais profundamente atingidas. Por motivos sobretudo políticos (necessidade de antepor uma barreira ao avanço português), a Coroa dá resolutivo apoio a um processo já em curso: a orientação para o Atlântico da economia de Tucumán, de Cuyo, do Alto Peru e do Chile. Trata-se de uma contribuição decisiva ao desenvolvimento de Buenos Aires, que, desde 1714, era centro de importações de escravos para todo o sul do império, e, a partir de 1776, capital do vice-reinado (e, portanto, capital administrativa do Alto Peru); um conjunto de provimentos regulando o seu comércio garante, além das vantagens derivadas da localização geográfica, o domínio sobre a sua retaguarda econômica, até o Pacífico e o Típacaca. O desenvolvimento da cidade é rápido, aumenta a sua população e, de uma aldeia com casas de barro, transforma-se numa cópia ultramarina de uma cidade provinciana da Andaluzia.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1989, p. 24.

⁴⁰⁹ “A medida que Buenos Aires fue teniendo mayor oportunidad de desplegar sus posibilidades de desarrollo fue ejerciendo cada vez mayor atracción sobre el interior. Los comerciantes provincianos colocaban sus productos en Buenos Aires proveyéndose así de metálico, o bien de productos manufacturados extranjeros. Todo este engranaje comercial fue sustrayendo de la órbita peruana a

estabelecimento do livre-comércio teve conseqüências desiguais para as diferentes regiões do novo Vice-Reino. A economia do interior sofreu um duplo baque, diante da concorrência da importação agrícola e dos manufaturados europeus⁴¹⁰. De outro lado, a conexão comercial direta com a Europa estimulou, no conjunto do mundo colonial atlântico, a produção mercantil de exportação. Neste contexto, a indústria do couro bovino deslanchou na região do Prata, atividade que, a partir de meados do século XVIII, deixaria de basear-se no gado *cimarrón* para concentrar-se nas *estancias*, projetando-se como o núcleo dinâmico da economia do Litoral⁴¹¹:

*Resumiendo, puede afirmarse que en el litoral del virreinato de Buenos Aires tuvo gran desarrollo la producción derivada de ganadería – cueros, sebos, tasajo, carne salada –, que alcanzó cifras impresionantes de exportación, hasta consituir el fenómeno económico más importante de aquella región y uno de los más destacados de todo el extremo meridional*⁴¹².

Assim, no momento em que se precipitou a crise que conduziria à independência, o litoral do Vice-reino do Prata atravessava uma conjuntura de crescimento econômico, alicerçado de um lado no dinamismo do comércio atlântico, e de outro, na exportação de couros, fruto do desenvolvimento pecuário da região, caminhando para superar a população e a vitalidade econômica do interior.

Pese a preocupação permanente das autoridades imperiais com a segurança da região do Prata⁴¹³, tropas inglesas tomaram Buenos Aires no contexto das guerras napoleônicas em 1806, em um prelúdio da crise que conduziria às guerras de independência. A ocupação estrangeira foi repelida pela organização armada local, fato

Tucumán y Paraguay, y otro tanto aconteció con la zona de Cuyo, desprendida de Chile, de quien dependía políticamente". ASSADOURIAN et al., op. cit., p. 178. "El papel intermediario entre la Península, que es decir también Europa, y una vasta zona de influencia que alcanza hasta Quito, es la base de la creciente prosperidad del puerto de Buenos Aires, donde una clase de ricos comerciantes consolida su riqueza y su creciente poderío en la sociedad". Ibidem, p. 319.

⁴¹⁰ "(...) todavía, os produtos agrícolas sofrem um golpe muito duro logo após 1778, com a aproximação econômica da metrópole; o trigo e o vinho do Levante espanhol expulsaram de Buenos Aires os produtos de Cuyo." HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 25

⁴¹¹ "Gracias a eso, Buenos Aires abandonará su función de mero intermediario entre los productos del interior y Europa, pasando a constituirse en exportador de productos propios. ASSADOURIAN et al., op. cit., p. 178.

⁴¹² Continua: "(...) En cambio, la modesta producción agrícola de las provincias interiores del virreinato – azúcar, algodón, tabaco, arroz, vino y aguardiente – decayó con la competencia extranjera, e igualmente la industria de aquellas provincias y de Chile." VILLALOBOS R., op. cit., p. 109.

⁴¹³ "Cabe notar que toda la política de la Corona, tanto antes como luego de la creación de Virreinato, tendió a proporcionar a las autoridades de Buenos Aires los medios económicos y administrativos necesarios para apoyar sus objetivos militares en la región." Assadourian et al., op. cit., p. 291.

prenhe de conseqüências futuras⁴¹⁴: quando se desencadeou a crise imperial dois anos depois, os portenhos não somente estariam mobilizados e armados, mas tinham maior consciência de seu isolamento e dos meios com que contavam para enfrentar a situação. O Prata seria a única região do império a não sofrer uma restauração do poder ibérico durante o processo emancipatório.

O alinhamento de forças sociais do processo argentino seguiu o padrão continental, onde a independência demorou a cristalizar-se como objetivo político e as consignas democráticas encontraram como limite a conservação dos padrões de dominação de classe⁴¹⁵. A mobilização popular, significativa na região platina, concedeu lastro decisivo para a ascensão das novas lideranças revolucionárias, como destaca Halperin Donghi: *“Es la reivindicación del derecho de todos los americanos la que transforma a los que han estado en desventaja en las rivalidades internas a la élite colonial en jefes de lo que serán nuevas naciones.”*⁴¹⁶

No plano geopolítico, à medida em que evoluiu a guerra, a escassa integração do território que constituía o Vice-reino do Prata refletiu-se na precariedade das instituições conformadas para preservar esta unidade política, vulnerável às tendências de fragmentação territorial e ruralização do poder que marcariam os primórdios da Argentina independente. Centro político da região sublevada, Buenos Aires revelou-se incapaz de assegurar pelas armas a fidelidade do Alto-Peru, defendido por tropas realistas, e do Paraguai, determinado a estabelecer sua autonomia. Entretanto, o principal desafio político ao seu projeto de poder emergiu na Banda Oriental, onde a liderança de Artigas apontava para uma federação conseqüente com o ideário democrático que animava a revolução. Foi necessário dar carta branca aos portugueses para derrotar militarmente os orientais, legando uma situação volátil na fronteira fluvial, que ensejaria sucessivos conflitos até a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Em um cenário onde as pressões centrífugas de dispersão do poder não encontraram uma via institucional coerente como alternativa à limitada hegemonia de

⁴¹⁴ “La fragilidad misma del orden colonial se ve bruscamente revelada por esa peripecia;” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Revolución y Guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1979, p. 136.

⁴¹⁵ “La amenaza de ampliación permanente del sector plenamente incorporado a la actividad política es eludida con sorprendente facilidad, fundamentalmente porque la movilización de los sectores populares, cuyo carácter masivo la ha hecho impresionante, es a la vez muy superficial (...)” Ibidem, p. 176.

⁴¹⁶ Ibidem.

Buenos Aires⁴¹⁷, a consolidação da independência desembocou, segundo a análise de Halperin Donghi, em uma tendência à ruralização do poder e à barbarização da sociedade⁴¹⁸, evocando um novo padrão de relações políticas face à impotência do Estado: “*A la espera de la solución final que la reconstrucción del estado central ofrecerá algún día, lo que nace bajo el estímulo doble de la ruralización y la ausencia de un marco institucional (...) es un nuevo estilo político.*”⁴¹⁹ Este novo estilo está alicerçado na ascensão dos proprietários rurais, correspondendo a um rearranjo das relações econômicas e políticas em curso desde o final do século XVIII, quando a abertura mercantil deslocou para mãos inglesas o domínio dos negócios comerciais, ao mesmo tempo em que a expansão pecuária projetou os fazendeiros como novos donos do poder⁴²⁰:

(...) en cuarenta años aparentemente vacíos de realizaciones económicas se pasará de la hegemonía mercantil a la terrateniente, de la importación de productos de lujo a la de artículos de consumo perecedero de masas, de una exportación dominada por el metal precioso a otra marcada por el predominio aun más exclusivo de los productos pecuarios⁴²¹.

O caudilhismo será o padrão político característico desta sociedade rústica e esparsamente povoada, na qual o vínculo de trabalho entre fazendeiro e peão, marcado por relações clientelistas, incide em diferentes esferas da sociabilidade⁴²². Do ponto de

⁴¹⁷ “(...) el paisaje político que emerge de los derrumbes de 1820 parece marcado más bien por la extrema fragmentación y diversidad que por la presencia de fuertes oposiciones entre un pequeño número de grandes bloques regionales.” Ibidem, p. 338

⁴¹⁸ “En Buenos Aires, del mismo modo que en el interior, la crisis de 1820 ha revelado las bases rurales en que debe apoyarse ahora todo poder político, pero esa ruralización de las bases del poder no es sino un aspecto de la que afecta a áreas más amplias de la vida nacional, y que parece consolidar la barbarización en que se veía ya en 1810 una de las consecuencias de los cambios que la revolución debía necesariamente introducir.” Ibidem, p. 378

⁴¹⁹ Ibidem, p. 379. O limite objetivo desta dispersão do poder é a manutenção dos nexos imprescindíveis para a reprodução da economia regional. “El aislamiento político no puede llegar a extremos incompatibles con el mantenimiento de esa articulación interregional, que puede ser distinta en sus características de la vigente en la última etapa colonial, pero que sigue siendo indispensable para la supervivencia misma de las economías regionales”. Ibidem.

⁴²⁰ “Pero la prosperidad ganadera no sólo afecta a la campaña; de ella depende cada vez más la de la ciudad cuyo comercio canaliza sus frutos. Y, entre ciudad y campaña, una clase terrateniente dotada desde el comienzo con fuertes raíces urbanas y enriquecida a partir de 1820 con nuevos reclutas provenientes de las clases altas de la ciudad es ahora – ya sin ninguna duda – la primera de la provincia: comparte el poder económico con los exportadores-importadores predominantemente extranjeros de los que no la separa ningún conflicto fundamental de intereses;” Ibidem, p. 120.

⁴²¹ Ibidem, p. 75.

⁴²² Na visão de John Lynch, esta relação é seminal para entender a Argentina recém emancipada: “The relation of patron and client was the essential link. The landowner wanted labour, loyalty and service in peace and war. The peon wanted subsistence and security. The estanciero, therefore, was a protector,

vista dos trabalhadores, em uma realidade onde a principal atividade econômica requeria mão de obra reduzida e esparsa⁴²³ e o acesso à terra foi bloqueado pela intervenção estatal em favor dos grandes proprietários⁴²⁴, a insubordinação popular manifestou-se principalmente através de ações individuais que contestavam a teia de submissão orquestrada pelo clientelismo⁴²⁵. No plano das classes dominantes, o poder dos caudilhos associou-se às pressões por autonomia regional, assentadas em

possessor of sufficient power to defend his dependants against marauding Indians, recruiting sergeants and rival hordes. He was also a provider, who developed and defended local resources and could give employment, food and shelter. By supplying what was needed and exploiting what was offered, a hacendado recruited a peonada. This primitive political structure, founded on individual power, raised upon personal loyalties, cemented by the authority of patron and the dependence of the peon, was finally built into the state and became the model of caudillismo." LYNCH, John. *The River Plate Republics*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Spanish America after Independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 329. Uma historiografia recente, marcada por temas relacionados à história cultural, tem questionado esta visão, avançando uma crítica resumida na seguinte passagem: "*En suma, analizar las formas de ascenso al poder de los caudillos significa hoy rediscutir dos de las imágenes estereotipadas que nos legó la historiografía: por un lado, la caracterización de las zonas rurales como espacios sin orden social y sin instituciones; por otro lado, la asimilación del vínculo caudillo-milicias al vínculo estanciero-peón, es decir, la tesis según la cual las relaciones clientelísticas en la política fueron engendradas por relaciones igualmente clientelísticas dentro de la estancia. Según se vio, las nuevas perspectivas parecen indicar, en relación al primer punto, que los caudillos sustentaron su poder – es decir, movilizaron recursos, milicias y electores – sobre un conjunto de complejas relaciones basadas, en parte, en antiguos derechos consuetudinarios y formales. Con respecto a la segunda imagen, la pérdida de certidumbre acerca de la existencia de una estrecha correlación entre milicias del caudillo y peones del estanciero hace necesario pensar en el caudillismo como un sistema más estable que una mera asociación de propietarios feudatarios.*" GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo. Introducción a: _____. *Caudillismos rioplatenses – nuevas miradas a un viejo problema*. 2. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005, p. 28. Ainda que a leitura de Lynch simplifique as complexidades desta sociedade, entendemos que as relações de trabalho na estância marcam a sociabilidade argentina naquele contexto. Por outro lado, os trabalhos que privilegiam uma abordagem cultural, criticando diretamente a Lynch, entre outros, arriscam-se a subestimar as contradições de classe inerentes ao caudilhismo.

⁴²³ Neste contexto, o novo país produziu uma legislação orientada a disciplinar o trabalho e prevenir a marginalidade social. "*Puesto al servicio de la economía privada, el estado se asigna una tarea más vasta de lo que parecería a primera vista; el retorno de la paz no devuelve a los sectores sociales marginales al aislamiento del que habían gozado en tiempos coloniales. Si ahora no se los requiere para la guerra, se los necesita para las tareas de paz; (...) No sólo los marginales, también la fuerza de trabajo requiere ser disciplinada (...)*" HALPERIN DONGHI, Tulio. *Revolución y Guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1979, ps. 357-8.

⁴²⁴ A concentração fundiária tem seu marco institucional republicano (mesmo que não intencional) nas leis decretadas por Rivadavia nos anos 20 que proibem a alienação da terra pública adotando o sistema de enfiteusis, de inspiração romana. Posteriormente, Rosas comercializará (ou cederá) estas terras. Ver: ODDONE, Jacinto. *La burguesia terrateniente*. Buenos Aires: Libera, 1967.

⁴²⁵ "*Argentina did not possess a middle sector of commerce or industry, and there was no great concentration of peasants. The popular classes, superior in numbers, were heterogeneous in composition and divided into disparate groups, peons on estancias, wage labourers, small farmers or tenants, marginal gauchos and delinquents. The subordinate condition of the lower sectors, their poor expectations and their isolation in the immense plains, combined to prevent the formation of an autonomous political movement from below.*" LYNCH. Op. cit., p. 329. Em nossa visão, os trabalhos que enfatizam as motivações dos setores populares para aderirem a um caudilho, contrapondo-se à uma leitura que supõe a sua manipulação, não invalidam este quadro geral, em que verificam-se múltiplos constrangimentos para a organização autônoma dos trabalhadores. Exemplos destes trabalhos encontram-se na citada compilação de Goldman e Salvatore. Consultar também: FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.

instituições anteriores à guerra de independência, para afirmar relações políticas que obstavam a consolidação do Estado nacional⁴²⁶.

Em suma, a Argentina legada pelo passado colonial revela-se uma sociedade de escassa diferenciação produtiva e rígida polarização social, marcada por relações de trabalho permeadas pelo clientelismo nos quadros do caudilhismo⁴²⁷, cuja ocupação está concentrada em focos esparsos sobre um imenso território ainda inexplorado pela economia mercantil, povoado por indígenas⁴²⁸. Na crua síntese de John Lynch: “A estrutura da sociedade era simples e sua escala, pequena. A Argentina, uma terra cheia de gado, estava vazia de pessoas e seu território de um milhão de milhas quadradas continha, em 1820, uma população em torno a um terço da Londres contemporânea.”⁴²⁹,

c) INSERÇÃO ARGENTINA NO MERCADO MUNDIAL

Embora a república platina experimentasse níveis modestos de crescimento nos decênios sucessivos à emancipação, em meados do século XIX havia indícios de uma relativa estagnação econômica⁴³⁰, que será superada nos marcos do movimento

⁴²⁶ “A la caída del poder central en 1820, el ex Virreinato no se encontró ante un vacío institucional. Lejos de ello, los años 1820 y 1830 asistieron a un proceso de construcción, sobre la base de la ciudad-provincia – la única unidad político-social relevante en el período -, de Estados autónomos como punto de partida para una organización político-institucional del país. El conjunto de normas fiscales, legislativas y políticas que las provincias se otorgaron, luego de fracasados los primeros intentos de constituir un Estado rioplatense, dan testimonio de los esfuerzos por parte de las elites locales por consolidar, mas allá de la voluntad de los caudillos, espacios soberanos de poder. Tendencias hacia el reforzamiento de las autonomías provinciales convivieron así - al menos, durante la primera mitad del siglo XIX – con la tendencia hacia la preservación de un ‘orden nacional’, el que luego serviría de base para la conformación del Estado nacional argentino.” GOLDMAN & SALVATORE, op. cit., p. 22.

⁴²⁷ Mesmo um autor que critica diretamente a Lynch, reconhece a marca do clientelismo nas relações de trabalho no campo: “La relación con los caudillos también podía estar formada por intercambios materiales de más largo plazo, como la protección y otras formas cotidianas de clientelismo, y por la identificación cultural, personal y partidaria entre los gauchos y los caudillos.” FUENTE, Ariel de la. “‘Gauchos’, ‘Montoneros’ y ‘Montoneras’” In: GOLDMAN & SALVATORE, op. cit., p. 288.

⁴²⁸ “Sólo el 10% de las tierras de la provincia de Buenos Aires, el distrito más rico y productivo de toda la región pampeana, estaba en manos españolas y criollas en 1810: por lo tanto, no había lugar para la constitución de una economía campesina por la simple razón de que los ocupantes físicos de ese suelo eran tribus fundamentalmente nómadas que no habían desarrollado la agricultura y no era posible entonces someterlas y apropiarse de su trabajo por la vía del tributo. Esta situación contrasta flagrantemente con la observada en otras regiones de América Latina (...)” BORÓN, Atilio; PEGORARO, Juan. *Luchas sociales en el agro argentino*. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (Org.). *Historia Política de los campesinos latinoamericanos*. México: Siglo XXI, 1985, v. 4, p. 157.

⁴²⁹ LYNCH, op. cit., p. 325 (tradução nossa). No original: “The structure of society was simple and its scale was small. Argentina, a land full of cattle, was empty of people, and its one million square miles of territory contained in 1820 a population about one-third that of contemporary London.”

⁴³⁰ “In 1848, toward the end of the Rosas period, exports remained at the level of the 1820s. ... Relative stagnation was manifest in another manner: the fall in the rate of growth of the population, which from

expansivo do mercado mundial. Ao exponenciar a demanda internacional por produtos primários, a evolução do capitalismo concorrencial potencializou o dinamismo do setor exportador das economias periféricas, processo destinado a transformar a fisionomia argentina na segunda metade do século: “*La intensidad de la integración de la Argentina en la expansiva economía mundial desde mediados del siglo XIX, revolucionó en pocas décadas la fisonomía social, política y económica del país.*”⁴³¹,”

O motor do crescimento argentino será a conjunção entre a demanda ascendente do mercado mundial por produtos agropecuários e as potencialidades naturais e sociais favoráveis para a ocupação e exploração econômica do território nacional⁴³², espécie de “fronteira aberta” para o desenvolvimento capitalista⁴³³. Constatadas as condições naturais propícias para a expansão mercantil, foi preciso consolidar as premissas políticas e sociais que viabilizaram a integração do país aos fluxos capital internacional.

A estabilidade política avançou notavelmente a partir da reunificação nacional sob a égide portenha alcançada em 1862, franqueando as condições para que os governos sucessores equacionassem a relação entre Buenos Aires e as demais províncias, assentando as bases políticas do Estado nacional⁴³⁴. Como parte do arranjo que afixou a vitória de Bartolomeu Mitre (1862), nacionalizaram-se as receitas alfandegárias auferidas pelo porto de Buenos Aires, responsável por cerca de 4/5 da renda pública à época⁴³⁵, dirimindo a principal questão material subjacente às disputas entre federalismo e unitarismo, em um prenúncio da federalização da cidade consumada

1820 to 1850 was below the levels reached in the second decade of the nineteenth century.” CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974, p. 121. “Al comienzo de la segunda mitad del siglo XIX la ganadería se desarrollaba todavía en condiciones primitivas y la agricultura era prácticamente insignificante. Pero a partir de entonces se producen mejoras tecnológicas sustanciales y la expansión sostenida del capital utilizado en la producción.” FERRER, Aldo. *La economía argentina*. Buenos Aires: FCE, 1970, p. 117.

⁴³¹ Ibidem, p. 91.

⁴³² “La expansión de las exportaciones fue posible, según se apuntó antes, por dos motivos principales. El primero fue la fuerte expansión de la demanda mundial de productos agropecuarios de clima templado resultante de la integración creciente de la economía mundial a partir de mediados del siglo XIX. El segundo, que el país disponía de enormes extensiones de tierras fértiles en su zona pampeana, no explotadas o sólo parcialmente utilizadas.” Ibidem, p. 106.

⁴³³ “(...) la incorporación de la economía argentina a la expansiva economía mundial a partir de la segunda mitad del siglo XIX constituye uno de los casos típicos de integración de un “espacio abierto” a la economía internacional.” Ibidem, p. 140.

⁴³⁴ “Entre 1862 y 1880 transcurre el período clave de la historia argentina. Tres personalidades disímiles se sucedieron en el ejercicio de la presidencia: Mitre de 1862 a 1868, Sarmiento de 1868 a 1874 y Avellaneda de 1874 a 1880. Acaso eran distintos los intereses y las ideas que representaban: distintos eran también sus temperamentos; pero tuvieron objetivos comunes y análoga tenacidad para alcanzarlos: por eso triunfó la política nacional que proyectaron, cuyos rasgos conformarían la vida del país durante muchas décadas.” ROMERO, José Luis. *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 2001, p. 97.

⁴³⁵ FERRER, op. cit., p. 109.

em 1880. No plano militar, a consolidação da unidade supunha o desmonte das forças regionais e a reorganização do exército nacional, logo empenhado na custosa e impopular Guerra da Tríplice Aliança, último conflito a ameaçar significativamente a integridade territorial argentina. Consolidadas, com o desenlace do processo, as fronteiras nacionais e a centralização militar, nos anos seguintes suprimiram-se as últimas expressões do caudilhismo a contestar o poder estatal, ao mesmo tempo em que procedeu-se a um ulterior avanço sobre o território indígena, motivado pela pressão em incorporar novas terras à exploração mercantil.

Subordinada à racionalidade da exportação agropecuária, esta expansão das terras integradas à economia nacional não ensejou uma democratização do seu acesso, mas pelo contrário, acentuou a consolidação da grande propriedade territorial⁴³⁶. Analisando a província de Santa Fé, um dos principais focos de expansão econômica e colonização, onde entre 1858 e 1869 a população passou de 41.261 habitantes para 89.117 enquanto a província quadruplicou o seu território, Gallo anotou: “(...) *este proceso de expansión territorial se vio acompañado por un acelerado traspaso de tierras de propiedad del Estado a manos privadas, para cuyo fin se legisló copiosamente durante ese período (c. 1852 a c.1870).*”⁴³⁷ Embora ensaie-se o cultivo de cereais na província através da colonização agrícola, atividade que impulsionará as transformações econômicas nos decênios seguintes, neste momento é o crescimento da demanda internacional de produtos pecuários, principalmente por lã ovina⁴³⁸, que puxa o aumento das exportações⁴³⁹. A vitalidade do setor agropecuário incide no volume das importações⁴⁴⁰, resultando em um significativo incremento no volume do comércio exterior, que será ainda maior a partir do deslanche da exportação de trigo no final do século: “*El comercio exterior, que en 1861 tenía un volumen total de 37 millones de*

⁴³⁶ Os autores chamam a atenção para o contraste com a expansão da fronteira nos Estados Unidos, onde o contemporâneo *Homestead Act* (1862) estabeleceu um padrão radicalmente diverso de ocupação territorial. Ver: FERRER, Aldo; GALLO, Ezequiel; BORÓN, Atilio & PEGORARO, Juan - obras citadas.

⁴³⁷ GALLO, Ezequiel. *La Pampa Gringa*. Buenos Aires: Edhasa, 2004, p. 31.

⁴³⁸ “*On the pampas between Buenos Aires and the River Salado sheep were beginning to drive cattle from the land; from 1840 estancia after estancia passed into the hands of the sheep farmers.* Lynch. Op. cit., p. 349. “*The large purchases of land by foreigners, the multiplication of sheep, the appearance of more sophisticated consumer trends, all were signs of a new Argentina.*” Ibidem, p. 350.

⁴³⁹ “*Wool represented 10.8 per cent of exports in 1837, rose to 12,5 per cent in 1848, and reached 33,7 per cent in 1859.*” CORTÉS CONDE, Roberto. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 329.

⁴⁴⁰ “*Between 1860 and 1880 the total value of imports from Europe doubled, comprising mainly textiles, hardware and machinery from Britain, and luxury goods from the continent.*” Lynch, op. cit., p. 350.

*pesos, ascendió a 104 millones en 1880, sin que todavía hubiera alcanzado a tener sino escasísima importancia en la exportación de cereales(...)*⁴⁴¹”.

O fortalecimento dos setores econômicos orientados à exportação primária acentuou o distanciamento da região litorânea e do porto de Buenos Aires em relação ao interior do país, excluído dos benefícios desta modalidade de crescimento⁴⁴². Como decorrência, o processo de afirmação do Estado nacional, ao mesmo tempo em que estabeleceu instituições imprescindíveis à unidade do país, como um poder judiciário nacional, um banco nacional, um sistema de correios e uma imprensa⁴⁴³, além de impulsionar a construção de ferrovias⁴⁴⁴, revelou-se incapaz de promover uma articulação regional condizente com o desenvolvimento relativamente homogêneo da nação. De modo correspondente, o aprofundamento dos vínculos de dependência econômica com o mercado mundial ensejou a reprodução de padrões de exploração do trabalho, privilégio social e exclusivismo político que obstaram a democratização social, evidenciada na impossibilidade de combinar a expansão das fronteiras com a popularização do acesso à terra. Em suma, nos decênios anteriores a 1880 consolidaram-se as premissas para viabilizar a plena inserção do território argentino no movimento expansivo da economia mundial, consumando-se um padrão de desenvolvimento em que modernização dissociou-se de integração regional e democratização social, como resumiu Lynch: “Modernização significava crescimento através de exportações do setor rural, investimento em una nova infraestruturua e imigração.”⁴⁴⁵,

⁴⁴¹ ROMERO, op. cit., p. 106.

⁴⁴² “Argentina ofrecía cuando comienza la etapa de la economía primaria exportadora, una enorme disponibilidad de tierras fértiles en la zona pampeana y una muy escasa población para un aprovechamiento adecuado de la misma. El arribo de contingentes inmigratorios, la puesta en producción de nuevas tierras, la incorporación de capitales extranjeros y nacionales a los ferrocarriles y a la actividad agrícola, la mejora de las normas técnicas de producción, posibilitaron un aumento vertiginoso de la producción agropecuaria. La política de libertad de importaciones determinó, sin embargo, la exclusión del Interior de los efectos dinámicos de la expansión de las exportaciones agropecuarias de la zona pampeana.” FERRER, op. cit., p. 149.

⁴⁴³ “In spite of provincial traditions and caudillo resistance, central power and national organization survived and took root. They were assisted by the growth of institutions with an Argentine dimension, the press, the postal service, the National Bank, the railway system. But two particular agencies promoted national identity and unity – federal justice and the national army.” LYNCH, op. cit., p. 354.

⁴⁴⁴ “Durante los dieciocho años que preceden a 1880 se construyeron 2516 kilómetros de vías férreas.” Romero, op. cit., p. 107.

⁴⁴⁵ Lynch, op. cit., p. 355 (tradução nossa). “Nevertheless, in the 1870, the country with a basically pastoral economy, still had vast tracts of land, much of which was not utilized, lying beyond the “frontier”. Population was sparse, the railway network was rudimentary, port facilities were inadequate and capital was scarce” CORTÉS CONDE. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 329.

d) ARGENTINA E O IMPERIALISMO

A consumação da unidade nacional argentina associou-se à expansão do mercado mundial no contexto de afirmação do capital monopolista, para engendrar um período de crescimento espetacular, culminando o processo que forjou a Argentina moderna. Do ponto de vista interno, o fim da Guerra da Tríplice Aliança, a progressiva subordinação dos caudilhos e o avanço militar sobre território indígena consumaram as premissas geopolíticas para afirmar o Estado nacional. O pacto federativo consolidou-se com a federalização da cidade de Buenos Aires e a costura de uma imbricada rede política de alcance nacional, forte o bastante para controlar os poderes locais, mas suficientemente flexível para incorporar governadores provinciais a uma estrutura política mais vasta. Conformaram-se assim, simultaneamente, uma camada dirigente e um arranjo político capazes de gerir o Estado através de mecanismos que prescindiam das ameaças seccionistas, mantendo as divergências no âmbito intraelitista, o que resultou em um nível de estabilidade institucional inédito⁴⁴⁶. Do ângulo das relações com o mercado mundial, o processo de exportação de capitais e a acentuação da divisão internacional do trabalho inerentes ao movimento do capital monopolista, geraram as condições para o extraordinário crescimento econômico experimentado através de décadas sucessivos, singularizando este período da história argentina:

A característica proeminente do período 1880-1912, com a exceção dos anos 1890-5, foi o rápido crescimento econômico. Todos os indicadores apontam para um crescimento anual médio superior a 5 por cento ao longo destas três décadas, o que distingue este período de qualquer outro na história argentina⁴⁴⁷.

O ritmo da expansão econômica argentina na virada do século (XIX-XX) pode ser aquilatado através de alguns dados. No período entre 1860 e 1913 a Argentina recebeu cerca de 8,5% dos investimentos dos países exportadores de capital no mundo,

⁴⁴⁶ Para uma descrição pormenorizada dos mecanismos políticos que sustentavam esta ordem conservadora, que incluíam sucessivas intervenções federais, ver o detalhado estudo de: BOTANA, Natalio. *El Orden Conservador*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977.

⁴⁴⁷ CORTÉS CONDE, Roberto. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: Leslie Bethell (Ed.) *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 355 (tradução nossa). No original: “The outstanding feature of the period 1880-1912, with the exception of the years 1890-5, was rapid economic growth. All the indicators point to an average annual growth rate of more than 5 per cent over the three decades, which distinguishes this period from any other in Argentine history”.

correspondente a 1/3 do que aplicou-se na América Latina (42% do investimento do Reino Unido na região). Entre 1880 e 1910 o valor das exportações nacionais multiplicou-se por seis, enquanto o intercâmbio comercial subiu de 104 milhões em 1880 a 724 milhões *pesos oro* em 1910. Indício significativo da penetração mercantil do território, a rede ferroviária que, em 1890, contava com 2313 quilômetros de extensão, dez anos depois registrava 9254 quilômetros, alcançando em 1904, 19.430 quilômetros.

A expansão do negócio exportador estimulou uma progressiva penetração do capital internacional na economia nacional. O Estado argentino acedia a créditos internacionais ao menos desde a Guerra da Tríplice Aliança⁴⁴⁸, mas a partir dos anos 1880 o recurso ao capital estrangeiro multiplicou-se, potencializando o investimento público ou privado em uma diversidade de setores, principalmente relacionados ao transporte, infra-estrutura e construção⁴⁴⁹. Como decorrência, a dívida externa nacional disparou⁴⁵⁰. Alicerçado na exportação primária e no investimento internacional, este padrão de crescimento econômico acentuava duplamente a vulnerabilidade argentina aos movimentos do mercado mundial, como salienta Ferrer:

*El nivel de actividad económica en los países industrializados condicionaba así, simultáneamente, los principales factores del desenvolvimiento económico de Argentina: las exportaciones y la radicación de capitales extranjeros. Se comprende, pues, que el nivel de ocupación e ingresos en la Argentina, tanto como la situación del balance de pagos y de las finanzas públicas, era sumamente vulnerable a los cambios producidos en el ciclo económico de los países industrializados*⁴⁵¹.

⁴⁴⁸ “Na Argentina, onde os ingressos governamentais provêm tradicionalmente das tarifas alfandegárias ligadas ao comércio do ultramar, foram os empréstimos europeus que tornaram possível ao governo vencer a resistência das províncias; o montante dos empréstimos – observava um ministro das finanças, por volta do final dos anos 70 – exatamente o custo das guerras civis e da guerra com o Paraguai, que desempenhara também um papel na afirmação do governo central.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 127.

⁴⁴⁹ “However, contrary to what is generally thought, expansion in this decade (1880) was not fuelled chiefly by the arable and stock-raising export sectors, but by investment in transport, public works, and private building. Thanks to the great inflow of direct and indirect foreign investment, funds were obtained to import capital goods which were transformed into thousands of kilometers of rail track and into important public works.” Cortés Conde. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 344.

⁴⁵⁰ *The enormous external debt incurred in this period – it rose from 100 million pesos to 300 million in 1892 – was another determining factor in this crisis*. Ibidem, p. 346.

⁴⁵¹ FERRER, op. cit., p.122. “La economía argentina fue, pues, durante toda etapa (1860-1930) un sistema plenamente abierto a la influencia de los factores externos”. Ibidem, p. 130

O principal setor afetado pela expansão econômica foi a agricultura: em um período de vinte anos, entre 1875 e 1895, a Argentina passou de importadora de trigo à terceira exportadora mundial do produto⁴⁵². O total da superfície cultivada aumentou notavelmente, saltando de 580.000 hectares para 24.000.000 hectares entre 1872 e 1915. Alterou-se consideravelmente a relação entre as exportações agrícolas, que em 1870 representavam menos de 1% do total, e os produtos pecuários, que respondiam por cerca de 95% dos negócios: no começo do século, a participação dos setores já era equivalente, proporção que se manteve nos decênios sucessivos.

Do ponto de vista da ocupação do território, a ameaça indígena sucumbiu diante de uma expansão agrícola apoiada no poder do Estado e na penetração ferroviária, que abria milhões de hectares para a colonização, atraindo o trabalhador expulso do campo europeu⁴⁵³, em um contexto em que a imigração era facilitada por uma redução nos custos da travessia atlântica decorrente de avanços tecnológicos⁴⁵⁴. Na expressão de José Luis Romero, a Argentina entrou na sua “*era aluvial*”⁴⁵⁵: a população do país quadruplicou em pouco mais de uma geração, passando de 1.830.214 em 1869, a 7.885.237 em 1914, momento em que cerca de ¼ dos habitantes do país eram estrangeiros⁴⁵⁶. De um saldo aproximado de 3.300.000 imigrantes, calcula-se que 90% radicaram-se na zona pampeana⁴⁵⁷, expressão do magnetismo da economia de exportação.

⁴⁵² “En el corto período de tiempo transcurrido entre 1875 y 1895 la Argentina abandonó su condición de país importador de trigo para convertirse en el tercer exportador mundial de ese producto.” GALLO, op. cit. p.160.

⁴⁵³ Sobre as relações entre a imigração européia no século XIX e as transformações capitalistas no campo, ver: CARMAGNANI, Marcello. *Las migraciones europeas en su área de origen*. In: LEANDER, Birgitta (Org.) *Europa, Asia y África en América Latina y el Caribe*. México: Siglo XXI, 1989.

⁴⁵⁴ “(...) durante la década del ochenta se observaron cambios que sólo pueden ser calificados de espectaculares. Para entonces los indios ya habían sido definitivamente derrotados y cientos de miles de hectáreas fueron colonizadas, mientras que en las que ya asentadas desaparecieron los temores provocados por las invasiones indígenas. El boom ferrocarrilero y la inmigración aliviaron considerablemente los problemas que traían aparejados los altos costos de transporte y la escasez de mano de obra. Al mismo tiempo, una reducción apreciable en los costos de la navegación ultramarina acercaba a las colonias a los poderosos mercados europeos. Asimismo, aparecieron instituciones crediticias, especialmente en la segunda mitad de la década, que volcaron una parte de sus fondos hacia el sector agrícola. Los años ochenta fueron, en consecuencia, la edad de oro de la colonización agrícola, y la Argentina, y muy especialmente los campos de Santa Fe, comenzó a ser percibida como la nueva tierra de promisión para millares de inmigrantes europeos.” GALLO, op. cit. p. 65.

⁴⁵⁵ ROMERO, José Luis. *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 2001, p. 97.

⁴⁵⁶ Na região pampeana, que concentrou o fluxo de imigrantes, passou de 929.030 em 1869 para 2.625.452 em 1895. GALLO, Ezequiel. *La Pampa Gringa*. Edhasa, 2004. Outra consequência foi a consolidação da preponderância econômica e demográfica do litoral sobre o interior no período, onde 1869 habitava 49% da população total e em 1895, 63,5%. Ver: José Panettieri. *Los Trabajadores*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982. Também: Luis Alberto Romero y Lilia Ana Bertoni. *Movimientos migratorios en el cono sur*. In: LEANDER, op. cit..

⁴⁵⁷ FERRER, op. cit., p. 107.

Diante da concorrência no mercado mundial, a agricultura pampeana afirmou-se desde o princípio sobre bases capitalistas, recorrendo à inovação tecnológica de espécies e máquinas, tanto mais viável na escala produtiva em que se assentava a exploração agrária argentina:

*No son las ventajas "naturales" las claves de la hegemonía pampeana en los mercados cerealeros del mundo: la pampa desplaza a la producción inglesa en su propio terreno, la agricultura más avanzada del mundo con la mayor cercanía al mercado, los rendimientos más altos y salarios rurales tradicionalmente bajos*⁴⁵⁸.

Do ponto de vista das relações de trabalho, o sistema de arrendamento foi dominante, sobretudo onde se estabelecia o imigrante⁴⁵⁹. Modalidade precária de posse fundiária, sem vínculos de origem atávica com a terra, sua pauta de reivindicação social se orientou desde o princípio por melhores condições de trabalho – principalmente maior estabilidade nos contratos de arrendamento - e condições mais favoráveis de comercialização dos produtos. Em um contexto de assentamento relativamente tardio do trabalhador no campo, desde o início sob a égide de relações capitalistas de produção, a questão agrária na Argentina adquire característica singular, prevalecendo demandas típicas do pequeno produtor rural face à irrelevância da luta pela propriedade da terra⁴⁶⁰. Explica-se assim que os trabalhadores rurais argentinos:

*(...) logran canalizar institucionalmente sus demandas y darse formas "urbanas" de organización corporativa; esto es así justamente porque no son campesinos sino pequeños productores capitalistas, que se desenvuelven según las reglas del juego de una economía burguesa y que producen sus mercancías fundamentalmente para un mercado mundial, plenamente dominado y organizado por el capital imperialista*⁴⁶¹.

⁴⁵⁸ SARTELLI, Eduardo: *Ríos de oro y gigantes de acero. Tecnología y clases sociales en la región pampeana*, Debate, en Razón y Revolución nro. 3, invierno de 1997, reedición electrónica.

⁴⁵⁹ "(...) aspiración frustrada que fue la colonización argentina, desde el momento en que comenzó a tergiversarse el sistema llamado colonias a latifundios que subdividían en lotes para arrendarlos a inmigrantes sin tierra." PANETTIERI, op. cit., p.27.

⁴⁶⁰ "Pero en las vastas extensiones que constituyen el corazón de la economía agraria argentina las relaciones sociales capitalistas se impusieron tempranamente sin tener que afrontar la pesada herencia de supeditar, en un sentido social, político y económico, a un amplio conglomerado de pequeños productores independientes." Atílio Boron & Juan Pegoraro, op. cit., p. 155. "En efecto, si la historia de las luchas sociales de América Latina está inseparablemente unida a la crónica sangrienta de las revueltas del campesinado, en la Argentina aquéllas son páginas escritas por otras fuerzas sociales y en donde resulta conspicua la ausencia de los campesinos". Ibidem, p. 151.

⁴⁶¹ Ibidem, p. 196.

Nesta realidade, a figura do *chacarero* substituíra o freqüentemente idealizado *gaucho*, marginalizado na nova formação social, assim como o índio. Isso não significa que a extensão do cultivo de cereais ocorresse às expensas da pecuária, pois a criação de gado prosperava simultaneamente, dividindo muitas vezes a mesma propriedade com o negócio agrícola⁴⁶². Tomado em seu conjunto, o pampa argentino atravessou decênios de expansão produtiva a partir do final do século XIX, cujo dinamismo é expresso pelo fenômeno dos *golondrinas* (andorinhas), trabalhadores italianos que cruzavam sazonalmente o Atlântico para trabalhar na época de colheita⁴⁶³.

No entanto, as características do desenvolvimento capitalista do campo argentino impediram que esta imigração massiva se convertesse em uma ocupação efetiva do território nacional. Os entraves para o acesso à propriedade da terra⁴⁶⁴, conjugados à elevada produtividade por trabalhador empregado nas atividades fundamentais, em uma realidade na qual a pecuária requeria pouca mão-de-obra e a agricultura mecanizada concentrava a demanda por braços no período de colheita, reduziram as possibilidades de fixação dos imigrantes no campo. Neste contexto,

⁴⁶² “At the end of the nineteenth century and during the first two decades of the twentieth, a new wave of agricultural expansion occurred in lands which had already been either totally or partially given to cattle raising. One of the features of this process is that it did not lead to arable farming replacing cattle raising; rather, the two complemented each other. The result was that on cattle ranches certain areas were set aside for grain production and let out to tenant farmers, whose numbers thus greatly increased during the period from 1885 to 1914.” CORTÉS CONDE, Roberto. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 332.

⁴⁶³ As investigações de Eduardo Sartelli mostram que havia uma intensa migração interna durante as safras – de trabalhadores provenientes do campo como da cidade – e que muitos *golondrinas* ficavam mais tempo no país. Eduardo Sartelli. *Procesos de trabajo y desarrollo capitalista en la agricultura. La región pampeana, 1870-1940*. Em: Razón y Revolución, n° 6, otoño de 2000.

⁴⁶⁴ A concentração fundiária tem seu marco institucional republicano (mesmo que não intencional), nas leis decretadas por Rivadavia nos anos 1820, que proibem a alienação da terra pública adotando o sistema de enfiteusis, de inspiração romana. Ver: ODDONE, Jacinto. *La burguesía terrateniente*. Buenos Aires: Ed. Libera, 1967. Roberto Cortés Conde relativiza as travas para o acesso à terra, matizando a leitura consagrada por autores como Oddone e Sergio Bagú: “The opinions of those who have supported this thesis could be summed up as follows: in order to increase earnings from the rent of land the large landowners restricted the supply of land by keeping it off the market; then they left the land they monopolized uncultivated. But in fact the situation was far more complex; the purchase and sale of land was far more fluid than supposed; and the size of estates, as well as the system of tenancy, was linked to other circumstances related to the particular pattern of agricultural and pastoral development in the region. In fact, it happened that whereas towards the end of the century large amounts of land were becoming available as the railways created new links to the markets, there were still not enough farmers prepared to work it. There was therefore, no limited resource nor an unsatisfied demand for land. In contrast, during the second decade of the twentieth century, with twenty million hectares under cultivation, new farmers would compete with the old for the best land in a situation where there was no possibility of incorporating new land suitable for agriculture”. Cortés Conde. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 333.

significativos contingentes de trabalhadores dirigiram-se para as cidades⁴⁶⁵, frustrando o povoamento do “deserto” argentino acalentado por intelectuais e políticos nacionais ao longo do século XIX⁴⁶⁶: “(...) *a imigração massiva, que começou como um movimento para ocupar o deserto, terminou inchando as cidades.*”⁴⁶⁷ Como resultado deste movimento, a Argentina foi o primeiro país do continente onde a população urbana ultrapassou a rural, transitando de 29% em 1869 para 53% em 1914. As principais cidades do país expandiram-se no período, no litoral como no interior, embora nenhuma como Buenos Aires, que saltou de 181.838 habitantes em 1869 para 1.575.814 in 1914. Neste mesmo lapso de tempo, a parcela da população vivendo no litoral passou de 48% para 72%, consolidando a primazia econômica da região em relação ao interior do país⁴⁶⁸.

A alta produtividade por trabalhador nos pampas determinou um nível de salários elevado em relação ao campo europeu, o que por sua vez, pressionou positivamente os rendimentos do trabalhador urbano no país⁴⁶⁹. Embora provavelmente seja exagerado afirmar que o crescimento econômico atingiu igualmente a todos os estratos sociais⁴⁷⁰, há indícios de uma significativa melhora na condição de vida dos trabalhadores na Argentina no período, a despeito das crises intermitentes:

Admitindo que ocorreram importantes flutuações ao longo destes 30 anos, os salários reais aumentaram na Argentina durante este período (1870-1910). No final deste período, um trabalhador podia adquirir

⁴⁶⁵ “*Las causas de esta relativa diversificación de la estructura ocupacional y la importancia minoritaria de la ocupación en el sector agropecuario frente a la mano de obra ocupada en la manufactura y los servicios obedece a los siguientes hechos fundamentales: la elevada producción por hombre ocupado en el sector agropecuario y la concentración de la propiedad territorial.*” FERRER, op. cit., p. 140.

⁴⁶⁶ Consultar a respeito: HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Prometeo libros, Buenos Aires, 2005.

⁴⁶⁷ GALLO, Ezequiel. *Argentina: society and politics, 1880-1916*. In: BETHELL, Leslie (Org.) *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, (tradução nossa). No original: “(...) *mass immigration, which began as a drive to fill the desert, ended by swelling the towns.*”

⁴⁶⁸ CORTÉS CONDE, Roberto. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Org.) *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 333.

⁴⁶⁹ FERRER, op. cit., p. 147. O mesmo autor aponta efeitos da concentração fundiária que contrariam esta tendência: “*Por el otro lado, la concentración de la propiedad territorial repercutió en el nivel de remuneraciones del trabajo en las actividades urbanas. Su influencia se ejerció de dos maneras principales: primero, aumentó la oferta de mano de obra disponible para los empleos urbanos con su consiguiente efecto depresivo sobre el nivel de salarios; segundo, fijó un bajo nivel de remuneraciones alternativas en las actividades rurales debido a la falta de acceso a la tierra.*” Ibidem, p. 135.

⁴⁷⁰ “*The changes in people’s relative social position affected all strata of local society with equal intensity.*” CORTÉS CONDE, Roberto. *The growth of the Argentine economy c.1870-1914*. In: BETHELL, Leslie (Org.) *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 366.

um terço a mais de bens e serviços do que o seu equivalente cerca de três décadas mais cedo⁴⁷¹.

O dinamismo do setor exportador fomentou um desenvolvimento embrionário do mercado interno, estimulando a atividade econômica em zonas do interior que forneciam gêneros para o consumo litorâneo. O fim das alfândegas internas e a progressiva extensão ferroviária consolidou a integração das regiões do país como um mercado nacional, sob a égide de Buenos Aires⁴⁷². Embora a racionalidade da economia exportadora seja contrária ao protecionismo industrial, a própria intensidade do crescimento incentivou a evolução de manufaturas⁴⁷³ e serviços⁴⁷⁴, resultando em uma diferenciação econômica que incidiu na complexidade do padrão de estratificação social. Assim, a polarização entre proprietários e não-proprietários rurais que marcava a sociedade argentina desde a emancipação foi modificando-se, na medida em que emergiam estratos médios na cidade como no campo⁴⁷⁵, consequência do desenvolvimento do comércio, dos serviços públicos, das profissões liberais e do empreendedorismo rural. Ao mesmo tempo, os avanços da construção civil, da manufatura e do assalariamento rural, além da extensão ferroviária e portuária⁴⁷⁶,

⁴⁷¹ Ibidem, p. 340 (tradução nossa). No original: "Allowing for important fluctuations which occurred over the 30 years, real wages in Argentina increased during this period (1870-1910). Towards the end of the period, a worker could acquire a third more goods and services than his equivalent some three decades previously."

⁴⁷² "El ferrocarril integró a todas las regiones argentinas en el mercado nacional y este hecho provocó la desarticulación definitiva de las viejas economías cerradas y autosuficientes. Pero, al mismo tiempo, abrió en algunas de ellas posibilidades de desarrollo que, si no llegaron a compensar la pérdida de importancia relativa del Interior, provocaron el surgimiento de actividades expansivas y destinadas a la satisfacción de la demanda interna que ahora es, auténticamente, la demanda nacional. Éste es el caso del desarrollo de la caña de azúcar en Tucumán y Jujuy, de los viñedos en Cuyo, de la producción de frutas en el Alto Valle del Río Negro, del algodón en Chaco y Formosa y de la yerba mate en Misiones." FERRER, op. cit., p. 150.

⁴⁷³ "La formación del mercado nacional consumió la subordinación del Interior al tiempo que abrió algunas posibilidades de desarrollo en algunas provincias, en líneas de producción orientadas hacia el mercado interno." Ibidem, p. 149.

⁴⁷⁴ "Se trataba entonces, de una economía cuyo nexo con el mercado internacional se hallaba en un agro extensivo pero cuyo dinamismo era tal que podía generar excedentes en grado suficiente como para estimular el acentuado desarrollo de la industria, el comercio y los transportes. A consecuencia de esto la fuerza de trabajo se concentró en ocupaciones no rurales, siendo su resultado que ya en vísperas de la primera guerra mundial la población de la Argentina fuese predominantemente urbana." BORÓN & PEGORARO, op. cit., p. 177.

⁴⁷⁵ "All these figures point to a very marked process of upward mobility, which reached its greatest extent in the urban areas and the cereal-growing region. One consequence of this process of social mobility was the great expansion of the middle sectors of society." CORTÉS CONDE, op. cit., p. 366.

⁴⁷⁶ "The labour movement of that period had two principal centers: first, the big ports, at that time true emporia of labor, in which the most varied activities and occupations were closely interconnected. Later, the network of transport and related industries which grew up around the principal railway centres became the second centre". GALLO. Op. Cit., p. 370.

sinalizavam para a constituição de uma classe operária, sugerindo novos horizontes de organização dos trabalhadores.

Assim, se as transformações encetadas pelo dinamismo do setor exportador não alteraram a estrutura da concentração fundiária nem a natureza dependente dos nexos da economia argentina com o mercado mundial, acarretaram mudanças substantivas no padrão de estratificação social, que exigiam inovações correspondentes no plano político. A emergência de novos atores sociais, resultado da diferenciação econômica, pressionava pela superação das formas da política tradicional, apontando para modalidades mais modernas e democráticas. Em outras palavras, o padrão de dominação oligárquico, que Juan B. Justo batizou como “*política criolla*”, entrava em contradição com a sociedade gestada sob o seu próprio comando:

Los hombres del régimen del ochenta marcharon por este camino. Conservaron las instituciones de la república restrictiva; abrieron con pasión las puertas a la inmigración, al capital y a la cultura universal. Defendieron un orden político conservador; alentaron el desarrollo de una sociedad más igualitaria. (...) Montaran una máquina productora de decisiones públicas para transformar el contorno y el mismo se volvió, luego, en contra de aquella, portando una amenaza de desborde. Al principio, los fundadores tuvieron que lidiar con un espacio disgregado; después, cuando el espacio adoptaba una fisonomía más unificada, vieron crecer valores antagónicos – los de la sociedad y los de la política – sin puentes de comunicación que pudieran vincularlos⁴⁷⁷.

Este desajuste entre a modernização das relações econômicas e o atraso das formas políticas na Argentina do final do século XIX – ou dito em chave marxista, esta contradição entre infraestrutura e superestrutura -, está na raiz dos movimentos golpistas

⁴⁷⁷ A passagem completa: “*Esta es la contradicción que de manera explícita proponía la fórmula alberdiana: la tradición y el orden quedaban reservados a la política; el progreso y la democratización social, a los cambios que debían sobrevenir la sociedad civil. Los hombres del régimen del ochenta marcharon por este camino. Conservaron las instituciones de la república restrictiva; abrieron con pasión las puertas a la inmigración, al capital y a la cultura universal. Defendieron un orden político conservador; alentaron el desarrollo de una sociedad más igualitaria. Todavía reforzaron este propósito y pusieron en práctica una ley de educación común, de formidable ambición para su época, que creaba nuevas oportunidades de ascenso social. Afirmaron el poder del Estado, al mismo tiempo que no establecieron la legitimidad de las instituciones. Montaran una máquina productora de decisiones públicas para transformar el contorno y el mismo se volvió, luego, en contra de aquella, portando una amenaza de desborde. Al principio, los fundadores tuvieron que lidiar con un espacio disgregado; después, cuando el espacio adoptaba una fisonomía más unificada, vieron crecer valores antagónicos – los de la sociedad y los de la política – sin puentes de comunicación que pudieran vincularlos.*” BOTANA, Natalio. *El Orden Conservador*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977, p. 223.

que sacudiram o país na esteira da crise econômica do início dos anos 1890⁴⁷⁸, delineando o contexto em que formam-se, contemporaneamente, a *Unión Cívica Radical* e o *Partido Socialista* como instrumentos concorrentes neste processo de renovação.

3.2) JUAN B. JUSTO E A REFORMA SOCIALISTA

O radicalismo argentino originou-se de uma defecção no interior da classe dominante, congregando distintas facções da província de Buenos Aires fiéis à tradição política do autonomismo e excluídas dos cargos públicos e do acesso ao clientelismo estatal, que se levantou contra o presidente Juárez Celman em 1890. Assim, o movimento teve origem patricia, atraindo sobretudo estudantes rebeldes da *aristocracia criolla*. Não havia um corte de classe no radicalismo, que contava com proeminentes proprietários de terra na sua direção. A novidade aportada era antes tática: apostava na mobilização da população urbana a seu favor, sem dispensar o concurso de militares que deveriam concretizar o golpe.

Este recurso à violência, quando se materializou, não foi apoiado por ao menos um dos dirigentes da *Unión Cívica de la Juventud*, organização germinal do radicalismo argentino. Nascido em 1865 no bairro de San Telmo em Buenos Aires, Juan B. Justo ingressou em 1876 no Colegio Nacional de Buenos Aires⁴⁷⁹ graças ao apoio incondicional de sua mãe, mas contrariando a vontade paterna, que desejava encaminhá-lo às atividades agrícolas, como ele próprio⁴⁸⁰. Em seguida, cursou medicina,

⁴⁷⁸ Sobre o levante em 1890: “*La crisis económica que desencadenó el ímpetu transformador del gobierno de Juárez, los viejos antagonismos que permanecían latentes desde hacía ya diez largos años y los desmembramientos parciales que aquejaron al autonomismo, convergieron, todos ellos, en una coalición opositora donde participaron fuerzas políticas de diferente signo: el partido liberal de tradición mitrista; los dirigentes alejados del tronco autonomista con motivo de las elecciones del 86; la Unión Católica de Estrada, Goyena y otros que se había organizado en tiempos de las querellas originadas por las leyes laicas; y, por fin, un grupo de antiguos militantes, fieles a la tradición populista del autonomismo bonarense, donde sobresalían Leandro N. Alem e Hipólito Yrigoyen. A ellos se sumaron sectores juveniles que fundaron la Unión Cívica de la Juventud y dieron nombre al nuevo agrupamiento.*” Ibidem, p.164-5. Embora derrotado, o movimento golpista derrubou o presidente Juárez Celman, substituído por Carlos Pellegrini.

⁴⁷⁹ Vinculada aos jesuítas, a escola viveu um período de abertura e renovação sob a direção de Amadeo Jacques, exilado por Napoleão III e convidado pelo presidente Bartolomé Mitre para dirigir a instituição. Embora o educador francês fosse falecido quando Justo ingressou na escola, seu projeto mantinha-se como referência pedagógica.

⁴⁸⁰ “(...) su abuelo paterno era dueño de la mayor refinería de maíz dle país y su madre poseía propiedades en la ciudad de Buenos Aires, pero la situación económica familiar se fue volviendo

graduando-se com distinção, o que lhe valeu uma viagem de estudos à Europa em 1888⁴⁸¹. Durante esta experiência tomou contato com as tradições socialistas do velho mundo, inclusive com a obra de Karl Marx⁴⁸², aguçando sua sensibilidade para a questão social⁴⁸³. De volta a Buenos Aires em 1890, começou a trabalhar como médico e a lecionar Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina. Neste período vinculou-se à *Unión Cívica de la Juventud*, mas se opôs à tentativa de golpe com apoio militar realizada neste mesmo ano, atuando apenas como médico em atendimento aos feridos nos combates⁴⁸⁴.

A subversão radical não era a única expressão das mudanças sociais em curso naquele momento no país: através dos anos 80 registraram-se 48 greves, metade das quais movida por aumento de salários, sintoma de uma combatividade crescente dos

desfavorable a medida que el niño y sus hermanos crecieron.” TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, p. 365.

⁴⁸¹ “En 1888, recibió su título de doctor en medicina con notas sobresalientes. Su tesis de graduación, que contó con la tutoría del doctor Ignacio Pirovano, se titulaba: “Aneurismas arteriales quirúrgicos” y fue calificada por el decano de la facultad de medicina, Dr. Avelino González, como “el estudio más acabado y perfecto que puede hacerse sobre el tema”. El doctor Justo era un gran investigador y un innovador. Introdujo en nuestro país las prácticas antisépticas en las operaciones quirúrgicas y el uso de la cocaína como anestésico. Por sus investigaciones, la Facultad de Medicina lo premió con la medalla de oro, y le otorgó, además, con un viaje de estudios por las principales capitales europeas. Tenía apenas 23 años.” PIGNA, Felipe. *Biografía de Juan B. Justo*. Em: <<http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/j/justo.php>> disponível no site [elhistoriador.com.ar](http://www.elhistoriador.com.ar).> Acesso em: 28/8/2007.

⁴⁸² Outras leituras de Justo nos anos seguintes: “En 1893 lee a Marx en la versión de *Das Kapital* que en 1892 se ha editado en Hamburgo, y a Adam Smith en su *Nature and causes of the wealth of nations*, A Spencer lo ha leído ya. En 1888 ha leído en francés la *Introducción a las ciencias sociales*. Al año siguiente, en francés también, *Los primeros principios*. Dos años después, en edición española, los *Estudios políticos y sociales* (...) En el año en que ha leído *Das Kapital* se detiene en los *Principles of Ethic* y *Principles of Sociology* spencerianos. Los *Cours de Philosophie positive* los lee en 1892 al tiempo que *L’Avenir de la Science* de Renán. El 88 ha buscado a Montesquieu en *L’Esprit des Lois*; el 90 a Tocqueville en *De la Democratie en Amérique*; el 91 a Taine en *Philosophie de l’art*. El 94 leerá *Political Economy* de J. R. McCulloch y *The evolution of modern capitalism* de John A. Hobson. El 95, los *Principles* de David Ricardo.” CÚNEO, Dardo. *Juan B. Justo y las luchas sociales en la Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1997, p. 74.

⁴⁸³ Escreve em uma carta: “Hubo una época en mi vida en que pasaba el día en el hospital con los enfermo, los lisiados, los inválidos, las víctimas variadas de la miseria, de la explotación. ¿Valía la pena empeñarse tanto en conservar esas vidas, fatalmente condenadas a un vil sufrimiento? Gradualmente comprendí que había mucho de estéril e indigno en mi tarea, que aquello tenía algo de fanático y unilateral. ¿No era más humano ocuparse de evitar en lo posible tanto sufrimiento y tanta degradación? Y pronto encontré en el movimiento obrero el ambiente propicio a mis nuevas y fervientes aspiraciones”. In: PIGNA, op. cit.

⁴⁸⁴ Posteriormente, diria: “Toda mi experiencia juvenil – recordará en 1920 – me llevó a mirar con odio y repugnancia la intromisión de la fuerza militar en la política y a convencerme de que lo fundamental era promover corrientes de opinión que prescindieran por completo del elemento militar. En Europa había seguido de cerca la aventura cesarista del famoso general Boulanger, que fracasó miserablemente”. Em: CÚNEO, op. cit., p. 53. Este pacifismo de Justo não é circunstancial: seria um dos elementos que o aproximaria de Jean Jaurès quando se conheceram no congresso da II Internacional em Copenhague em 1910 e que resultaria no convite, aceito pelo francês, para que visitasse a Argentina e proferisse uma série de conferências, depois publicadas. JAURÉS, Jean. *Conferencias. Pronunciadas en Buenos Aires por el socialista francés*. Prólogo de Juan B. Justo. Buenos Aires: La Vanguardia, 1911.

trabalhadores. Dentre os setores organizados, encontravam-se pedreiros, gesseiros, padeiros, ferroviários, estivadores e carpinteiros⁴⁸⁵. Nesta conjuntura, na qual o enfrentamento da política *criolla* corria em paralelo a uma notável vitalização da organização trabalhadora, a sensibilidade política de Justo orientou-se para o ambiente proletário e à militância socialista⁴⁸⁶, afastando-se da *Unión Cívica* por discordâncias de método, programa, forma de organização e orientação de classe⁴⁸⁷. Germinados em um mesmo contexto e em oposição à mesma política oligárquica, radicais e socialistas afirmariam-se como organizações concorrentes nos decênios seguintes⁴⁸⁸.

Apesar do desenvolvimento capitalista relativamente recente da Argentina, a pregação socialista lastreava-se na acelerada expansão econômica em curso⁴⁸⁹, em uma circunstância em que a imigração transatlântica impulsionava a difusão do ideário

⁴⁸⁵ GODIO, Godio. *História del Movimiento Obrero Latinoamericano*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1979.

⁴⁸⁶ Retrospectivamente, Justo descreve com as seguintes palavras a sua conversão: “*Hubo una época en mi vida cuando salía todas las mañanas del hospital, después de pasar media jornada entre los enfermos, los lisiados, los inválidos, las víctimas variadas de la miseria, de la fatiga, de la explotación y del alcohol. Y cuando se hubo apagado algo en mí el orgullo del artífice que opera en carne de hombre, del obrero cuya materia prima son los tejidos humano, cierto día, al retirarme fatigado, empecé a preguntarme si aquella lucha contra la enfermedad y la muerte que absorbía todas mis fuerzas era la mejor, lo más inteligentemente humano que podía yo hacer (...) Valía la pena empeñarse tanto en conservar esas vidas fatalmente condenadas a un vil sufrimiento? Gradualmente comprendí que había mucho de estéril e indigno en mi tarea, que aquella atención al cuidado de cuerpos humanos lisiados y doloridos tenía en sí algo de fanático y unilateral. No era más humano ocuparse de evitar en lo posible tanto sufrimiento y tanta degradación? T como conseguirlo sin iluminar la mente del pueblo todo, sin nutrirlo con la verdad científica, sin educarla para más altas formas de convivencia social? Y la obra humana, la obra necesaria, se me presentó entonces como un infinita siembra de ideas, com un inmenso germinar de costumbres, que acabaran con el dolor estéril y dieran a cada ser humano una vida digna de ser vivida. Y pronto encontré en el movimiento obrero el ambiente propicio a mis nuevas y mas fervientes aspiraciones.*” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 273.

⁴⁸⁷ Estas diferenças serão detalhadas adiante neste trabalho.

⁴⁸⁸ A *Unión Cívica Radical* é constituída em 1891 a partir da divisão provocada pela adesão da ala mitrista da *Unión Cívica* ao governo. A facção mitrista fica conhecida como *Unión Cívica Nacional* e a ala radical toma este nome a partir da declaração de Leandro Alem contrária ao acordo com o governo “*yo no acepto acuerdos, soy radical en contra del acuerdo, soy radical intransigente*”. Ver: BOTANA, Natalio & GALLO, Ezequiel. Introdução a: _____ (Org.). *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

⁴⁸⁹ O primeiro editorial do periódico socialista “La Vanguardia”, datado de 7 de abril de 1894, iniciava-se com as seguintes linhas: “*Este país se transforma. A la llanura abierta e indivisa con el aspecto y en cierta medida las funciones de una propiedad común, han sucedido los campos cercados, que pronto abarcarán toda la superficie utilizable. La gran agricultura se desarrolla donde hace veinte años eran cultivadas por sus dueños unas pocas chacras. El ferrocarril ha muerto a las carretas. Los grandes puertos han suprimido la mayor parte del cabotaje. El Mercado Central de Frutos reemplaza a las antiguas barracas. Hasta la industria con ser tan rudimentaria, sufre una modificación idéntica. En Buenos Aires las fábricas de calzado y de sombreros, las grandes herrerías y carpinterías suprimen la mayor parte de los pequeños talleres de esos ramos; en Tucumán el trapiche desaparece ante los grandes ingenios de azúcar, y en Santa Fe se multiplican los molinos de cilindros, donde nunca había habido ni tahonas. Junto con esas grandes creaciones del capital, que se ha enseñoreado del país, se han producido en la sociedad argentina los caracteres de toda sociedad capitalista.*” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 21.

progressista europeu no continente⁴⁹⁰ e o anarquismo disputava com o socialismo a adesão ideológica dos trabalhadores mais combativos, como ocorria no Velho Mundo. Assim, quando em Paris reuniu-se o Congresso Socialista Internacional em 1889, grupos operários no país responderam ao seu chamado, lançando a campanha pela jornada de 8 horas diárias de trabalho. No ano seguinte, realizou-se em Buenos Aires a primeira celebração do 1º de maio, mobilizada pelo clube alemão Vorwärts, congregando cerca de 3.000 pessoas no Prado Español. Neste mesmo ano, sob a liderança do imigrante alemão Germán Avé Lallemant⁴⁹¹, iniciou-se a publicação do periódico *El Obrero*. É neste contexto, no qual a ascensão da organização e reivindicação dos trabalhadores conflui com a fissura nos padrões de mando da política *criolla*, que aparecerá em 1894 o periódico *La Vanguardia*⁴⁹² editado por Juan B. Justo, núcleo a partir do qual se constituirá o *Partido Socialista* em 1896⁴⁹³.

⁴⁹⁰ “La historia del socialismo latinoamericano en el siglo XIX, tal como se ha producido, empieza con inmigrantes de Europa después de 1848 y entra en su segunda etapa con la llegada de más refugiados socialistas y anarquistas después de la Comuna de París de 1871.” G. D. H. Cole. *Historia del pensamiento socialista. La segunda internacional (1889-1914)*. México: FCE, 1974, Vol. IV, 1ª parte, p. 275.

⁴⁹¹ Engenheiro metalúrgico e mineiro, é na Argentina que Lallemant se aproxima do marxismo, por correspondência direta ou por obras de difusão, quando já tem mais de 50 anos idade. Instalado na remota San Luis, “*presenta ante todo la figura de un sabio, un economista, un científico, un filósofo, cuya ruptura con el medio social parece ser el resultado de una decisión ético-científica*.” Secretário da recém-criada Unión Cívica Popular (depois Unión Cívica Radical), em 1890 se muda para Buenos Aires onde funda o periódico *El Obrero* e realiza o “*primer escorzo de una interpretación marxista de la formación social argentina*”. TARCUS, op. cit., p. 227. Suas análises convergirão com as de Justo em muitos aspectos, mas diferem em um ponto fundamental: enquanto o socialista portenho sempre identificou na União Cívica uma continuidade da *política criolla*, Avé Lallemant projetava nos radicais a possibilidade de cumprir uma etapa capitalista que deveria anteceder ao comunismo no país. PLA, Alberto J. *Orígenes del Partido Socialista Argentino*. Buenos Aires: Cuadernos del Sur, 4.

⁴⁹² A partir de 1896, Justo assinou o periódico do Partido Socialista alemão *Die Neue Zeit*, dirigido por Kautsky, reproduzindo frequentemente artigos estrangeiros em *La Vanguardia*. “*El inmediato contacto de Justo con ese material ejemplifica su grado de acercamiento al debate socialista mundial*.” FRANZÉ, Javier. *El concepto de política en Juan B. Justo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993, t. 1, p. 19. Característico é o depoimento do correligionário Enrique Dickman sobre o nome do jornal: “*Me contaba el doctor Justo que él había pasado su más tierna infancia en la frontera de los indios, entre Tapalqué y Las Flores, en un fortín llamado “La Vanguardia”, que era una avanzada de la civilización opuesta a la barbarie; y como la empresa periodista que se iba comenzar empezaba también en la frontera política de los indios, llamó a nuestro diario La Vanguardia, como símbolo de un nuevo fortín de civilización*.” Apud: TARCUS, op. cit., p. 308.

⁴⁹³ “*Hay una disputa sorda entre los memorialistas y historiadores del socialismo argentino por la fecha de fundación de su partido: algunos lo hacen nacer tempranamente, en diciembre de 1892; otros se remiten a abril de 1894, fecha de aprobación del primer Programa del Partido Socialista; otros a octubre de 1895, fecha de la Convención del Partido Socialista Obrero Internacional y otros, finalmente – como Oddone, autor de la interpretación canónica -. establecen como fecha constitutiva junio de 1896. En verdad, la formación del Partido Socialista de la Argentina es el resultado de un proceso de convergencia y potenciación recíproca entre distintos grupos que comienza a fines de 1892, con la formación de la Agrupación Socialista de Buenos Aires y concluye en junio de 1896, con el llamado Congreso Constituyente del Partido Socialista Obrero Argentino*.” TARCUS, op. cit., p. 342.

Principal liderança política e ideológica do partido desde a fundação até a sua morte (1928), Justo imprimirá, através de uma trajetória incansável e intransigente nos seus princípios, a marca fundadora do socialismo argentino. Como figura pública, dirigiu a organização que elegeu o primeiro deputado e o primeiro senador socialista das Américas⁴⁹⁴, ocupando também pessoalmente diversos postos parlamentares⁴⁹⁵. Além da atuação na política nacional, Justo vinculou-se ativamente à II Internacional Socialista, participando como delegado de congressos em Copenhague em 1910 e em Berna e Amsterdã em 1919.

No plano intelectual, o socialista argentino é autor da primeira tradução de “O Capital” de Karl Marx para o castelhano, publicada em 1898. Além dos diversos panfletos que escreveu, realizou no livro “*Teoría y Practica de la Historia*” (1909) um esforço pioneiro de análise sistemática dos problemas históricos desde uma perspectiva democrática na América Latina. Nesta obra estão consignadas as premissas que fundamentam a sua interpretação do sentido do movimento histórico, que servirão como referência ideológica da atuação do Partido Socialista durante o lapso de vida da sua figura dominante.

a) VISÃO DE JUSTO SOBRE A FORMAÇÃO ARGENTINA

Juan B. Justo inscreve a formação argentina nos marcos de um processo de integração propulsado pelo desenvolvimento técnico-econômico em escala mundial, destinado a dissolver a cooperação forçada como relação de trabalho prevalente no capitalismo, estabelecendo progressivamente, em seu lugar, a livre cooperação e o socialismo. Seu pensamento está marcado pelo evolucionismo característico de correntes ideológicas do século XIX que procuram uma convergência entre biologia e história, ao mesmo tempo em que informa-se por uma leitura da história difundida pelo materialismo histórico, assim como pelo seu vocabulário. No plano da tradição política nacional, Justo revela-se tributário do legado de Domingos Faustino Sarmiento (1811-

⁴⁹⁴ Respectivamente, Alfredo Palacios em 1904 e Enrique del Valle Iberlucea em 1913.

⁴⁹⁵ Neste mesmo ano sua esposa falece no parto do sétimo filho e Justo muda-se para a casa da mãe, que assumirá o cuidado das crianças. Justo voltará a se casar com Alicia Moreau, uma descendente de exilados da Comuna de Paris em 1920, com quem terá três filhos.

1888)⁴⁹⁶, de quem adota os aspectos democráticos relacionados à reforma agrária e aos direitos políticos dos imigrantes, mas também a dicotomia civilização X barbárie, identificando a formação da nação com a plena incorporação ao padrão civilizatório ocidental. Forjada no ambiente de expansão econômica e acelerada transformação do país, a visão de Justo da formação argentina está imbuída de uma crença no poder civilizatório do progresso que marca a política platina coeva e conduz a um eclipse da questão nacional como problema histórico.

i. enquadramento científico

Juan B. Justo organiza as premissas ideológicas que fundamentam os primeiros decênios de militância socialista argentina no livro *Teoría y Practica de la Historia*, publicado em 1909. Nesta obra, o pensador portenho ensaia uma interpretação do sentido do movimento histórico universal, detendo-se nos elementos políticos e econômicos que determinariam a evolução do capitalismo em direção ao socialismo. Ao centrar sua análise nas condições e instrumentos da luta política contemporânea na Europa, Justo deixa implícito que tem como horizonte para a Argentina a sua incorporação ao padrão civilizatório do capitalismo central, integrando-se a um processo histórico que, na sua visão, conduzirá ao socialismo.

Seu pensamento está assentado na premissa humanista de que todo ser humano e suas respectivas sociedades partilham de um substrato comum. Nesta perspectiva, o sentido da história seria diluir as diferenças sociais afirmando a unidade da humanidade⁴⁹⁷, afiançada pela primazia da razão sobre o instinto, o que, na chave de Justo, significa o triunfo da história sobre a biologia.

Em consonância com a preocupação científicista em voga na virada do século XIX, o primeiro movimento do livro é estabelecer as relações entre biologia e história. Sua proposição fundamental é que a história tem uma base biológica, lastreada em um suposto movimento de expansão da matéria que encontra referência elementar no protoplasma, mas que, no caso humano, revela uma peculiaridade: a tendência

⁴⁹⁶ Há uma volumosa bibliografia sobre Sarmiento e seu lugar no pensamento argentino do século XIX. Limitamo-nos a apontar três obras úteis para os propósitos deste trabalho: HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2005. SCHUMWAY, Nicolas. *La invención de la Argentina. Historia de una idea*. Buenos Aires: Emecé, 2002; WEINBERG, Félix. *Las ideas sociales de Sarmiento*. Buenos Aires: Eudeba, 1988.

⁴⁹⁷ “Concebimos que los habitantes de la Tierra lleguen algún día a formar un solo conglomerado, lo que está ya realizado en parte por el comercio universal”. JUSTO, Juan B. *Teoría y Practica de la Historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 23.

expansiva da espécie expressa-se antes através do progresso da técnica do que pela evolução natural. Como decorrência, as leis da evolução humana transcendem o domínio da biologia para situar-se no campo da história⁴⁹⁸, abrindo, como possibilidade, subordinar um processo natural aos desígnios da razão⁴⁹⁹: “(...) *el cuerpo del hombre evoluciona mucho menos que su técnica, sus medios y métodos de trabajo. Hemos adquirido el poder de salvar rápidamente grandes distancias sin que para ello hayamos echado alas ni se hayan modificado la estructura ni las funciones de nuestras piernas*”⁵⁰⁰.

A chave da simultânea subordinação e diferenciação da história em relação à biologia é o trabalho humano. Na visão de Justo, ao mesmo tempo em que é movido pela necessidade biológica de produção e reprodução da espécie, o trabalho encontra sua expressão por excelência no desenvolvimento da técnica⁵⁰¹, configurando um domínio do conhecimento à parte⁵⁰². A constituição deste mundo “*técnico-económico*” seria uma singularidade da espécie humana, pedra fundamental da diferenciação entre biologia e história: “*La Historia empieza cuándo y dónde sobre el mundo físico-biológico, en que entran también los hombres, se desarrolla el mundo técnico-económico, en que entran también las cosas*”⁵⁰³.

O próprio ponto de partida do progresso técnico, identificado por Justo com o aumento da população, aponta para o terreno da biologia, ainda que seu argumento adicione uma preocupação sociológica, enfatizando a necessidade de aliar população e técnica, caso contrário: “(...) *mayor población significa necesariamente mayor*

⁴⁹⁸ “*Todo lo que sucede sigue un orden regular – ley – Como podría substraerse la evolución humana al orden que descubrimos en el desarrollo entero del Universo?*” Ibidem, p. 7. “*Las leyes de la vida son las leyes más generales de la Historia.*” Ibidem, p. 14.

⁴⁹⁹ “*Con el conocimiento de las leyes de la Historia, pierde ésta su carácter a la vez rutinario y catastrófico, para convertirse en un desarrollo ordenado, en una práctica calculada y metódica.*” Ibidem, p. 27.

⁵⁰⁰ Ibidem, p. 28.

⁵⁰¹ “(...) *este trabajo intencional, que en sus variadísimas formas y aplicaciones adapta el ambiente físico-biológico a nuestras necesidades, es lo que llamamos técnica.*” Ibidem, p. 56.

⁵⁰² “(...) *sobre el ambiente físico-biológico le superpone el mundo técnico-económico.*” Ibidem, p. 54.

⁵⁰³ O desenvolvimento técnico é, em última análise, referido ao darwinismo: “*Inmensa superioridad para la lucha por la vida dan al hombre la técnica y la cooperación.*” Ibidem, p. 28. Assim como a premissa metodológica do materialismo histórico que menciona: “*La producción y reproducción de la vida real es, en última instancia, el elemento determinante de la Historia*”, ha dicho Engels, fórmula que podemos aceptar como expresión del fundamento biológico de las sociedades humanas.” Ibidem, p. 27. No entanto, Justo rejeita enfaticamente “raça” como critério sociológico, embora possa admiti-la como categoria científica, ainda que insatisfatória: “*Para tal etnólogo no hay más que 2 razas humanas, para tal otro, ellas son por lo menos 63! No se puede basar nada sólido sobre arenas tan movedizas.*” Ibidem, p. 25. “*Desconfiemos de toda doctrina política basada en las diferencias de sangre, uno de los últimos disfraces científicos de que se han revestido los defensores del privilegio.*” Ibidem, p. 26. Refuta igualmente o preconceito étnico: “*Es por inferioridad étnica que se extinguen el fuerte iroqués y el noble araucano, mientras sobreviven las poblaciones indígenas de México y del Perú?*” Ibidem, p. 26.

miseria”⁵⁰⁴. Esta centralidade da demografia remete a um motivo recorrente no pensamento argentino através do século XIX⁵⁰⁵ que, embora reapareça casada a uma apropriação da técnica⁵⁰⁶, revela um traço característico da fundamentação teórica do pensador socialista: a indiferenciação entre natureza e história, conduzindo à percepção de que o capitalismo contradiz a natureza. Esta noção está subjacente à sua leitura da propriedade privada como óbice da realização do homem de um ponto de vista orgânico, ou seja, da produção e reprodução da espécie⁵⁰⁷: “(...) *este dominio exclusivo de cierta clase de personas sobre el medio físico-biológico y los útiles y materiales de trabajo trastorna las condiciones de la lucha por la vida*”⁵⁰⁸.

Em suma, apesar do cientificismo que caracteriza a argumentação de Justo, a constatação de que, na espécie humana, a ação da biologia subordina-se à história⁵⁰⁹ mitiga qualquer espécie de determinismo, abrindo o campo para a luta política, invocada para restabelecer, através da afirmação da razão, a harmonia entre biologia e história⁵¹⁰. Nesta perspectiva, a miséria é um problema social que será superado quando o povo estiver apto a lutar pela vida, reorganizando as relações de trabalho para livrar-se de toda forma de opressão⁵¹¹.

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 58.

⁵⁰⁵ Ver a respeito: HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto Argentino*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

⁵⁰⁶ É possível contrastar Justo com Juan Bautista Alberdi, autor da consagrada máxima: “*gobernar es poblar*”. Em Justo: “*No hay desarrollo posible de la técnica sin inteligencia despierta; no basta para el progreso en el trabajo el aumento de la población.*” JUSTO, Juan B, op. cit., p. 57. A projeção de Alberdi para a Argentina é delineada em: ALBERDI, Juan Bautista. *Bases. Puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Colección Claridad, sem data.

⁵⁰⁷ “(...) *proletarios tienen que afrontar la lucha por la existencia en condiciones muy desventajosas y no alcanzan, en general, sino a una vida corta y un desarrollo individual incompleto.*” Ibidem, p. 28.

⁵⁰⁸ “*Como creer que el crecimiento de las sociedades humanas sólo está limitado por los medios de subsistencia, cuando vemos en ellas el único ejemplo de parasitismo social que nos ofrece el mundo vivo?*” Ibidem, p. 36. Para comprovar seu ponto de vista, Justo arrola uma série de dados explicitando os nexos entre distribuição da riqueza e reprodução social, abordando desde a condição das moradias dos trabalhadores até sua dieta, da taxa de natalidade entre os ricos até a prostituição, exercício que conduz, *en passant*, a uma demolidora crítica das teses malthusianas.

⁵⁰⁹ “*Encontramos, pues, condicionada la acción de los principios biológicos en la especie humana por las actividades intencionales del hombre (...)*” E mais adiante: “(...) *no reflejan sino mediata e indirectamente las leyes de la biología; La riqueza es inquietadora de vida sino por la inconsciencia con que la acumulamos y manejamos.*” Ibidem, p. 50.

⁵¹⁰ “*Más allá de su mayor o menor contribución a la práctica médica y partidaria, de sus afanes para resolver la cuestión agraria, cabe destacar, frente a quienes han afirmado lo contrario, su alejamiento de las posturas hegemónicas en cuanto a concepción de las ciencias y del científico, la técnica, la economía, la historiografía o las razas.*” BIAGINI, Hugo. *Juan B. Justo ante la condición humana*. Versión digital revisada en 2004. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/argentina/justo.htm>> Acesso em: 30/07/2007.

⁵¹¹ “*En último término, toda miseria colectiva puede ser explicada por la incapacidad del pueblo para la lucha colectiva por la vida, para aumentar sus medios de subsistencia en proporción a las crecientes necesidades, organizando el trabajo de modo productivo y librándose de toda expoliación nacional o extranjera.*” JUSTO, Juan B, op. cit., p. 41

ii. movimento da história

Tributário da tradição do pensamento argentino marcada pela dicotomia entre civilização e barbárie⁵¹², Justo identifica o progresso nacional com a inserção do país no movimento da história ocidental, cujo motor é o desenvolvimento das forças produtivas comandado pelos países do capitalismo central. A valorização da técnica como parâmetro e motor do desenvolvimento civilizatório está, segundo a percepção do próprio socialista argentino, na base da sua afinidade intelectual com a obra de Karl Marx, que enfatiza a centralidade das relações de produção para a interpretação histórica⁵¹³: “(...) *el fundamento técnico de la evolución humana ha sido descubierto por Marx en la historia moderna (...)*”⁵¹⁴.

Adotando uma leitura da história de inspiração marxista, em que o desenvolvimento técnico faz a mediação entre história e biologia, Justo matiza a contradição entre capitalismo e natureza face às tendências de expansão e unificação da economia mundial inerentes à evolução deste modo de produção. Na sua perspectiva, a difusão da técnica é um processo horizontal, apontando para uma aproximação entre os homens, através de um movimento de integração econômica que tende a borrar as fronteiras nacionais, estabelecendo a integração mundial, baseada em supostos racionais que ensejam o aproveitamento das potencialidades produtivas de cada região. Como consequência, Justo interpreta a divisão internacional do trabalho como um elemento de progresso, extensão do processo histórico de especialização do trabalho que está na raiz do desenvolvimento técnico, consoante com os pressupostos biológicos da história:

⁵¹² A similaridade da matriz ideológica de Justo e Sarmiento, principal referência sobre a oposição entre civilização e barbárie no pensamento argentino, evidencia-se na interpretação sobre o lugar do *gaucho* na formação argentina: “*Los gauchos defendían el terreno que pisaban; luchaban a su modo por la libertad. Su resistencia sin embargo, fracasó. Por que fracasó? Porque eran de una incapacidad economica completa; su insurrección, puramente instintiva, no tendía más que a dejar las cosas como estaban, a un imposible “statu quo”, que les permitierase seguir viviendo como habían vivido hasta entonces. Su triunfo hubiera significado el estancamiento económico del país, su aislamiento del resto del mundo, revolucionado ya entonces por el vapor y la electricidad. Si los gauchos hubieran vencido a la burguesía argentina, este país hubiera sido por algún tiempo un gran Paraguay, para ser conquistado después por alguna burguesía extranjera más poderosa a la que les hubiera sido imposible resistir. (...) De todo ese movimiento del pueblo no quedó nada, ni siquiera la gloria, porque el pueblo no va a levantar más en este país el pendón de las montoneras del año 20, como en Europa ningún partido obrero cuenta en sus percursores a los obreros que destruían las máquinas. Clase bárbara y débil, el paisanaje tenía que sucumbir, y sucumbió, por más decisión y valor que pusiera en la lucha.*” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 38.

⁵¹³ “*Ante todo, Justo ve en Marx el primer teorizador, sobre bases científicas, del rol determinante que desempeña la actividad laborativa en la historia.*” DOTTI, Jorge. *Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas, Juan B. Justo*. Buenos Aires: Puntosur, 1990, p. 111.

⁵¹⁴ JUSTO, Juan B. *Teoría y Practica de la Historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 60.

“*Si la división del trabajo en la manufactura condujo a la invención de las máquinas, a que no conducirá la división del trabajo en el mundo?*”⁵¹⁵.

Ao analisar os efeitos específicos no capitalismo da tendência geral à expansão e ao desenvolvimento técnico, Justo observa resultados diversos na indústria e na agricultura. No setor industrial, identifica e simpatiza com o movimento de concentração e centralização produtiva, salientando os aspectos de desenvolvimento técnico promovidos pelo capital monopolista, embora não ignore os riscos que este poder crescente representa do ponto de vista do consumo: “*Unificandola, esos sindicatos simplifican la administración y permiten el mayor desarrollo posible a las capacidades técnico-económicas de que disponen*”⁵¹⁶.

No campo, o socialista argentino endossa a polêmica interpretação de Bernstein contrária a Kautsky (autores que cita)⁵¹⁷, entendendo que o desenvolvimento técnico não conduz à concentração da terra, mas, pelo contrário, à sua repartição⁵¹⁸. O fundamento desta tendência residiria na especificidade da produção agrícola, em que o ritmo sazonal das atividades obstaculizaria a intensificação e a especialização do trabalho. Mais importante, os custos com transporte dentro da área produtiva revelariam-se contraproducentes a partir de certa escala, tornando a subdivisão da propriedade uma alternativa mais racional. Assim, ao contrário da indústria, a intensificação da produção agrícola requer, segundo esta leitura, a divisão da propriedade fundiária: “*(...) mientras no sepamos producir nuestro alimento por procedimientos químicos, para la necesaria intensificación del cultivo la producción agrícola se descentralizará cada vez más*”⁵¹⁹. Inviabilizada a centralização da produção, Justo apoia a organização de cooperativas de distribuição e de consumo no campo, que jogam um papel correspondente aos grandes monopólios industriais na constituição de

⁵¹⁵ Ibidem, p. 75. Assim, Justo localiza na propriedade privada um óbice à nutrição e reprodução do homem, mas não ao desenvolvimento das forças produtivas.

⁵¹⁶ Ibidem, p. 99.

⁵¹⁷ Para as visões destes autores, consultar: BERNSTEIN, Eduard. *Textos sobre el Revisionismo: la actualidad de Eduard Bernstein*. México: Editorial Nueva Imagen, 1982. KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

⁵¹⁸ “*Parece, pues, que en toda Europa la unidad agrícola tiende a reducirse en superficie y a ocupar un número de brazos menor.*” JUSTO, Juan B, op. cit., p. 104.

⁵¹⁹ Ibidem, p. 110. A visão otimista que tem da divisão internacional do trabalho leva Justo a harmonizar a expulsão camponesa e a crescente urbanização em curso no continente europeu com a imigração e o processo de desenvolvimento do campo argentino. Em última análise, a tendência a aumentar a população ocupada na produção agrícola prevalece. “*Pero que disminuya proporcionalmente en Europa la población agrícola, no significa que en el mundo una porción creciente de los hombres deje los trabajos del suelo, ni mucho menos que la población no agrícola seguirá siempre proporcionalmente en incremento.*” Ibidem, p. 108.

relações econômicas mais eficazes: *“Las sociedades de campesinos para la producción, la compra o la venta tienden a constituir grandes federaciones nacionales, cuyo poder es comparable al de los grandes sindicatos”*⁵²⁰.

O desenvolvimento da atividade bancária, das comunicações e do comércio também será visto sob a ótica da integração econômica, sobretudo como aceleradores da circulação. O imperativo do progresso preside a interpretação histórica de Justo, justificando até mesmo a guerra: *“Abriendo el camino para otras relaciones, más altas, entre los pueblos (...) ha sido la guerra un gran factor de progreso histórico y de pacificación (...)”*⁵²¹.

Esta identificação do progresso histórico com o desenvolvimento técnico-econômico se traduz em uma referência ao centro do capitalismo como padrão civilizatório. Isto significa que Justo aborda a formação argentina como um capítulo da história universal que se unifica sob o capitalismo, sistema que realiza a tendência de expansão e integração inerente ao fundamento biológico da espécie humana. Em um horizonte onde o destino da humanidade aproxima-se cada vez mais, dissolvendo eventuais diferenças pretéritas, o sentido da história argentina e as potencialidades da sua luta política não residem na sua especificidade, mas, antes, na conexão com as forças históricas que impulsionam este movimento.

*Si no fuera así, si la aceleración del movimiento histórico no se hiciera sentir en todas partes, pronto aparecerían entre las varias secciones de la Humanidad diferencias tan grandes como las que hoy separan a los pueblos que podemos llamar respectivamente civilizados y bárbaros (...) que ofrecerían nuevo campo a la violencia*⁵²².

⁵²⁰ Ibidem, p. 112. Embora mencione nesta passagem a produção, veremos adiante que Justo tem em mente sobretudo a distribuição e o consumo. *“Los campesinos se asocian para beneficiar, acondicionar y vender sus productos, para adquirir semillas, máquinas y abonos, para asegurarse mutuamente las cosechas y el ganado y aplicar sus ahorros en instituciones rurales de crédito.”* Ibidem, p. 111. Em suma: *“A pesar de las particularidades de su técnica, la agricultura entra, pues, de lleno en la gran evolución moderna que extiende, robustece, multiplica y enreda los lazos económicos que unen a los hombres.”* Ibidem, p. 112.

⁵²¹ *“La democracia obrera no admite más guerras que las defensivas contra un bárbaro enemigo exterior y las conducentes a abrir nuevas zonas del medio físicobiológico a la acción inteligente del hombre.”* Ibidem, p. 486. Novamente, a coincidência com Sarmiento se evidencia na postura diante da população aborígene: *“(...) vamos a reprocharnos el haber quitado a los caciques indios el dominio de la Pampa?”* Ibidem, p. 136.

⁵²² Ibidem, p. 136.

Em suma, para Justo a expansão ocidental tende a absorver, por bem ou por mal, os bolsões de atraso em nome de um padrão civilizatório comum. Na medida em que aponta para a realização do socialismo, a adesão a este movimento é interpretada não somente como uma estratégia de desenvolvimento econômico, mas como uma via para a democratização da sociedade argentina. Como consequência programática deste enfoque, Justo será um defensor intransigente do livre-comércio e sua ideologia se revelará desprovida de qualquer conteúdo nacionalista, subordinando o patriotismo à identidade de classe⁵²³. Assim, o projeto do socialismo argentino não será referido à autoctonia, mas se balizará pela preocupação fundamental de engatar o vagão argentino na locomotiva civilizatória ocidental⁵²⁴: *“Dudemos, pues, de nuestra civilización. Ante el rápido progreso de otros pueblos, tenemos que ya o en cualquier momento, ella no sea sino un grado relativo de barbarie”*⁵²⁵.

b) CAMINHO SOCIALISTA PARA A FORMAÇÃO ARGENTINA

Um programa de democratização radical da sociedade argentina que tem como horizonte a superação do capitalismo singulariza Juan B. Justo na trajetória do pensamento nacional, em que foi pioneiro em projetar a questão social sob a ótica do protagonismo popular. Esta contribuição é reconhecida por um reputado filósofo deste país: *“Al incorporar a nuestro acervo la idea de la justicia social, se ha superado por*

⁵²³ *“Pero hay entre los hombres demasiadas diferencias reales, para que necesitemos buscar en el patriotismo diferencias ficticias, que, por otra parte, no pueden conducir al progreso, sino al retroceso. Y hoy menos que nunca, y un socialista menos que nadie, puede buscar el progreso en el juego de las preocupaciones patrióticas, cuando en el mundo entero civilizado está planteada la lucha de clases, la lucha entre los poseedores y los desposeídos, diferencia y contraste frente a los cuales desaparecen las distinciones de frontera, de lengua o de raza, lucha en que se unen los trabajadores del mundo entero, y de la cual tiene que resultar en primer término el progreso social.”* JUSTO, Juan B. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933, p. 106.

⁵²⁴ Depois de enunciar as elementares do programa do partido, Justo assinala: *“Esas reformas son las que necesita el país en general para seguir el camino trazado por las naciones más adelantadas, para ser económicamente próspero y políticamente libre, para atraer la buena inmigración y poblarse.”* (grifo nosso). JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 173.

⁵²⁵ Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 139. Esta visão leva Justo, que em outros momentos tem uma visão crítica da intervenção estadunidense na América Latina, a uma avaliação da Guerra de Independência Cubana oposta a Martí: *“Trabados cubanos y españoles en sangrienta y destructiva guerra, la intervención de los Estados Unidos hubiera sido buena ocasión de darle término.”* Ibidem, p. 138.

primera vez la ideología alberdiana y se ha renovado el contenido del pensamiento argentino”⁵²⁶.

A despeito da adoção das linhas gerais da leitura da história e do vocabulário marxista, o foco do programa socialista será o combate ao privilégio, identificado como a raiz das contradições de classe no capitalismo. Como decorrência desta interpretação, o partido orientará sua política a uma dilatação da democracia argentina, traduzida em uma agenda de reformas dentro da ordem, objetivando viabilizar o acesso à terra, à educação e aos postos de direção do trabalho, ao mesmo tempo em que busca universalizar a participação política e assegurar um conjunto de direitos para o trabalhador no campo e na cidade. Sua hipótese é que o nivelamento das possibilidades de integração econômica, social e cultural do conjunto da população diluirá as contradições de classe, apontando para uma via pacífica de superação do capitalismo consonante com o reformismo de setores da II Internacional.

Em uma palavra, Justo propõe um programa de integração democrática da sociedade argentina como caminho para incorporá-la à marcha da civilização ocidental que, na sua visão, avança rumo ao socialismo. Ao projetar a formação argentina sobre o movimento de integração da história mundial conducente à livre cooperação, Justo estabelece o fundamento ideológico para uma defesa irredutível do livre-comércio, expressão do ocultamento da questão nacional no seu horizonte político.

i. luta de classes

Juan B. Justo partilha com Karl Marx a premissa de que não existe imparcialidade na investigação intelectual, considerando o ponto de vista da classe trabalhadora mais próximo da crítica científica porque não está comprometido com a reprodução da ordem⁵²⁷. No entanto, esta empatia ideológica, ainda que somada ao recurso à Marx como autoridade histórica, não se traduz em uma adesão metodológica. Justo afasta-se conscientemente do pensador alemão recusando a dialética como a chave

⁵²⁶ KORN, Alejandro. Apud: CÚNEO, Dardo, op. cit., p. 464. Sobre a ideologia alberdiana mencionada na citação, ver nota anterior neste trabalho.

⁵²⁷ Esta noção já está subjacente às primeiras páginas do livro quando, ao reafirmar sua posição intelectual, Justo critica a presunção de imparcialidade característica do positivismo. Afirma que, em uma sociedade de classes, assumir o partido dos trabalhadores, mais do que um desígnio ético, é um imperativo científico: “*Para llegar a la verdad histórica preciso es querer descubrirla en toda su desnudez, militar del lado donde no hay privilegios que disimular ni defender*”. Também: “*Si queremos, pues, llegar a la verdad, tomemos parte activa en el movimiento social, no ocultando sino proclamando nuestros intereses y sentimientos. Estaremos así en mejor situación para ver las cosas, y desearemos aún más verlas bien, para triunfar*.” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 68.

para a interpretação das contradições do capitalismo. Esta opção está influenciada por considerações políticas, uma vez que o socialista argentino, acompanhando os debates teóricos no seio da social-democracia alemã, entendia que este tipo de divergência retardaria a evolução do nascente movimento argentino. Como consequência, valoriza o materialismo histórico como contribuição científica porque fundamenta a interpretação histórica na economia, mas adota o realismo ingênuo como postura filosófica, recusando a distinção marxista entre aparência e essência dos fenômenos sociais em nome de uma abordagem que privilegia o “*sentido común como método del pueblo*”⁵²⁸, acreditando assim, ao mesmo tempo, evitar o dissenso e favorecer a democratização do conhecimento crítico⁵²⁹.

Ao rechaçar o método dialético, Justo desarma as implicações políticas da contradição entre capital e trabalho intrínseca à crítica de Marx, abrindo-se para uma via reformista ao socialismo, em consonância com o revisionismo em curso na II Internacional⁵³⁰. Segundo este enfoque, o arsenal conceitual marxista é esvaziado da sua

⁵²⁸ JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 66.

⁵²⁹ “Justo rechaza la idea de método entendido como una serie de preceptos abstractos y externos a la actividad científica efectiva. Más bien, la metodología se identifica con la práctica investigativa con proyección social. (...) Pero nos parece evidente que su interés en defender esta suerte de plebeyismo metafísico es político. El temor justiano es que la “filosofía” pueda operar con efectos letárgicos y, peor aun, divisionistas en el partido obrero (como cree que acontece entre los alemanes), mientras que las masas no necesitan de esas disquiciones bizantinas para ponerse en movimiento. Cuanto más clara y asequible sea la teoría que las inspire (lo que significa: cuanto más rápidamente acceden a la comprensión de las verdades básicas del socialismo), más fáciles de superar serán los obstáculos que surgen en el camino hacia esa meta.” DOTTI, op. cit., p. 104 e 106.

⁵³⁰ José Aricó, intelectual argentino pioneiro na investigação das relações entre marxismo e América Latina, apontou a incongruência em exigir uma ortodoxia marxista de quem nunca a professou, identificando em Justo antes um caso de contemporaneidade do que de derivação em relação ao revisionismo da II Internacional. José Aricó. *La hipótesis de Justo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. A atuação de Bernstein está presidida por uma preocupação com a ortodoxia marxista completamente alheia a Justo. O objetivo de Bernstein é fundamentar teoricamente um curso reformista para a social-democracia alemã. Apoia-se na vasta tradição intelectual europeia; dirige-se ao poderoso SPD, que organiza o numeroso proletariado industrial de uma das economias mais dinâmicas do capitalismo central; seu ambiente intelectual são os debates no seio da II Internacional e seus contendentes, militantes do calibre de Kautsky, Rosa Luxemburgo e Lênin. É completamente outro o caso argentino: partindo de uma ínfima tradição organizativa popular e uma escassa tradição de pensamento radical local, o socialista argentino procura fundamentar uma ação política orientada a sintonizar o curso da história argentina no movimento da história universal. Com esta finalidade, recorre à produção intelectual europeia mais progressista do seu tempo, que conjuga aos aspectos democráticos da tradição sarmentina para convergir em uma leitura pioneira dos problemas nacionais. Sua base é o recém-formado Partido Socialista, que busca organizar o míngua proletariado urbano de origem imigrante em uma economia agroexportadora dependente. Seus interlocutores, à parte figuras que acabam isoladas como Ingenieros ou Ugarte, são o anarquismo e o radicalismo. Assim, o reformismo de Justo é dotado de um conteúdo progressista que o revisionismo de Bernstein não apresenta. Está situado em uma circunstância de escasso legado de organização e luta social, o que enseja certo lastro para ilusões reformistas que, em outras partes, a experiência acumulada ajuda a dissipar, possibilidade tanto mais plausível considerado o ritmo relativo de transformações que testemunha a Argentina, em poucas décadas lançada da condição secundária no interior do sistema colonial a um polo dinâmico da economia mundial.

perspectiva estrutural e reduzido a um papel retórico de denúncia dos abusos na relação entre proprietários e trabalhadores, movimento ideológico que encontra correspondência no diagnóstico que o socialista argentino faz do capitalismo e do caminho para a sua superação.

As decorrências desta opção evidenciam-se quando Justo descarta o conceito de mais-valia como *“una ingeniosa alegoría con que Marx ha puesto en evidencia la explotación capitalista”*⁵³¹. Ao recusar a mercantilização do trabalho, identificada por Marx como o ponto de partida do fetiche que caracteriza as relações sociais presididas pelo capital, esvazia-se no ideário do socialismo argentino o lastro objetivo da ideologia: *“Pero ni el salariado es en realidad un contrato, ni la fuerza humana del trabajo una mercancía (...)”*⁵³². Subjacente está a premissa de que a mercantilização do trabalho não é intrínseca ao capitalismo, e o obstáculo ao cálculo do valor do trabalho produtivo não é o fetiche, que pode ser dissipado, mas a complexidade das relações econômicas modernas. Nesta ótica, a remuneração integral do trabalho produtivo é concebida como um objetivo viável e legítimo dentro do capitalismo. Em outras palavras, existe um salário justo, uma vez que a mais-valia é apenas uma alegoria para explicitar excessos: *“Todo hace suponer y esperar que este movimiento abarcará capas cada día más profundas de la población, hasta extenderse a toda ella, y que las necesidades del productor tenderán a acercarse cada vez más al producto íntegro de su trabajo”*⁵³³.

Esta análise dilui o antagonismo estrutural entre capital e trabalho, vislumbrando uma relação de complementaridade entre o trabalho produtivo e o trabalho de direção técnica e econômica⁵³⁴, ou, nos termos que Justo adotará posteriormente, entre o

⁵³¹ JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 233.

⁵³² Ibidem, p. 234.

⁵³³ Ibidem, p. 237. *“Al extenderse y complicarse dentro de cada sociedad y en el mundo entero las relaciones económicas, multiplicanse los factores que el productor asalariado debe tener en cuenta para apreciar el resultado de su propia labor. No basta en manera alguna que cuente el número de horas que trabaja, ni el número de piezas que de sus manos salen hechas o a media hacer; necesita conocer cuánto trabajo anterior al suyo está incorporado ya a sus medios de producción y a sus materias primas; cuanta labor habrá aún que agregar a su producto antes de que llegue concluido a manos del consumidor; tiene que mirar no sólo cómo trabaja él mismo, sino también cómo trabajan los productores del mismo ramo, en su propio país y en aquellos otros con que éste comercia; debe considerar cuáles son las exigencias y posibilidades de vida de los trabajadores que hacen lo mismo en otras partes, y descubrir en ello motivos para elevar o moderar sus propias exigencias; no puede ignorar el grado de aceptación que su producto encuentra en el mercado, su precio, que sólo es remunerativo cuando la oferta no excede a la demanda; ha de averiguar la ganancia de su patrón.”* Ibidem, p. 256.

⁵³⁴ Esta aproximação de interesses chega ao ponto de inverter o móvel da inovação técnica diagnosticado por Marx: Justo afirma que a pressão dos trabalhadores por salários mais altos é o que torna mais racional ao empresário inovar, o que beneficia potencialmente o trabalhador na medida em que a maior

trabalho técnico e o econômico⁵³⁵. Nesta perspectiva, a remuneração superior do trabalho de direção é considerada justa por sua natureza racional, condizente com o sentido da evolução humana. O problema seriam as distorções associadas à propriedade privada dos meios de produção, tornando o acesso às funções diretoras do trabalho um privilégio de classe, assegurado pelo monopólio das possibilidades de educação. Como consequência, o foco do socialismo de Justo não será a abolição das classes sociais, mas sim dos privilégios que restringem o acesso às funções diretoras do trabalho: *“Y al valorar debidamente el trabajo de dirección técnico-económica, más se exalta el productor asalariado en su protesta contra el parasitismo y la explotación, mayor es su empeño en quitar a esta altísima función social todo su carácter de privilegio”*⁵³⁶.

Do ponto de vista do capital, Justo identifica no próprio movimento de valorização a possibilidade de uma gradual solução das fricções de classe, lastreada no desenvolvimento das forças produtivas. Segundo o socialista argentino, as tendências gerais de elevação da renda do solo e do salário urbano combinam-se em uma dinâmica progressista que, ao pressionar pela inovação tecnológica, acelera o desenvolvimento técnico-econômico conduzindo a uma espécie de depuração do capitalismo, na medida em que os lucros produzidos são gerados cada vez mais pela mais-valia relativa e não pela mais-valia absoluta, ou seja: na sua ótica, resultam mais do trabalho das máquinas e menos da exploração dos homens⁵³⁷.

Al desarrollar la resistencia obrera a la explotación, ya no se trata simplemente para el empresario de extraer de sus empleados, según la costumbre, cierta cantidad de trabajo no pago; necesita cada vez más mejorar constantemente los medios y procedimientos del trabajo, para hacerlo más productivo; sus ganancias consisten de más en más en lo que Marx ha llamado supervalía relativa, en

produtividade viabiliza um aumento dos salários. *“La resignación de los trabajadores a un salario inferior retarda, pues, el progreso técnico. E adiante: Para que el aumento de la productividad del trabajo se traduzca en el incremento de los salarios con independencia de las necesidades o conveniencias del capital, necesario es que el progreso técnico-económico sea comprendido por el trabajador.”* Ibidem, p. 256.

⁵³⁵ *“Que es en efecto, la acción económica? En que consiste? En la organización de los hombres a los fines de la técnica, entendida esta como el proceso material entero de la producción por el trabajo humano. La economía es la dirección del trabajo en la proporción exacta y oportuna requerida por las necesidades sociales.”* JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 343.

⁵³⁶ Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 256. Adiante, na mesma passagem: *“(…) reconocerá el alto valor del trabajo de dirección técnica, que guía nuestra acción intencional sobre el medio físico-biológico, y el de dirección económica, que combina y organiza los esfuerzos de los hombres en esa acción.”*

⁵³⁷ Justo também compartilha o argumento de Bernstein de que a difusão das sociedades anônimas estaria aumentando o número de proprietários entre os trabalhadores.

*oposición a la superválía absoluta, resultado de la explotación rutinaria y tradicional. (...) Al acelerarse el progreso histórico, las ganancias de los empresarios tienden a formarse cada vez más de esos nuevos valores creados por la mayor productividad del trabajo, al mismo tiempo que bajan y tienden a desaparecer las ganancias tradicionales y rutinarias del capital*⁵³⁸.

Em suma, na perspectiva de Justo o núcleo da questão social são os privilégios que vinculam a hierarquização das funções do trabalho à reprodução de uma situação de exploração. Em consonância com esta leitura, o programa socialista endereçará todo privilégio engendrado pelo capitalismo, visando democratizar o acesso e o exercício das funções diretoras da produção. Nas palavras do seu líder: *“O problema está em como transferir para o povo essa função de direção hoje monopolizada pela classe privilegiada dos proprietários, da qual saem, ou na qual desejam ingressar todos os chefes da indústria”*⁵³⁹.

No campo, a modalidade de privilégio por excelência no capitalismo é a renda da terra, que Justo criticará nos marcos de um amplo programa agrário orientado a desenvolver a produção nacional, ao mesmo tempo em que reivindica melhores condições de trabalho para a população rural⁵⁴⁰. O enfoque socialista da questão é enunciado nas primeiras linhas deste programa: *“El gran problema de la economía nacional es el mejor aprovechamiento del suelo para la producción de alimentos y materia prima”*⁵⁴¹. Alinhado a esta perspectiva, Justo identificará uma oposição entre os interesses do empresário rural e do latifundiário rentista, em que os privilégios do

⁵³⁸ A passagem inicia-se assim: *“Al acelerarse el progreso histórico, las ganancias de los empresarios tienden a formarse cada vez más de esos nuevos valores creados por la mayor productividad del trabajo, al mismo tiempo que bajan y tienden a desaparecer las ganancias tradicionales y rutinarias del capital (...)”* Ibidem, p. 306. Na visão de Justo, este movimento pode absolver a formação de fortunas: *“En los países de rápido progreso técnico-económico, donde los valores creados cada año aumentan más que la población, parte de esos valores puede acumularse en forma de grandes fortunas, sin que mermen por eso, y aun aumentando, los medios de vida y desarrollo del pueblo.”* Ibidem, p. 317.

⁵³⁹ JUSTO, Juan B. *Socialismo e organização política*. Instituto Teotônio Vilela, Brasília, 1998, p. 95.

⁵⁴⁰ Este programa será analisado adiante. JUSTO, Juan B. *El Programa Socialista del Campo*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1915. Ao abordar o problema da renda da terra, Justo torna a incorrer na indiferenciação dos conceitos marxistas, tratando a questão basicamente do ângulo da renda diferencial, desconsiderando o privilégio implícito à renda absoluta. Na prática, acaba aproximando-se de Ricardo, a quem menciona. Identifica uma tendência mundial ao aumento da renda da terra já que, à medida que os solos são ocupados, aumenta a população e se intensifica o cultivo, situação que só pode ser contornada com a abolição da propriedade privada. Do ponto de vista teórico, esta indiferenciação pode ser entendida como um desdobramento da ausência de uma teoria do valor marxista que constatamos anteriormente.

⁵⁴¹ JUSTO, Juan B. *El Programa Socialista del Campo*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1915, p. 4.

segundo devem ser combatidos porque obstam o desenvolvimento capitalista no campo, lesando igualmente empresários e trabalhadores⁵⁴².

A manipulação do crédito e dos juros é vista como outra modalidade de privilégio, considerada mais branda por Justo porque implica em uma solidariedade de interesses entre devedor e credor, uma vez que o capital só é remunerado quando bem aplicado, ou seja, se for investido em um empreendimento economicamente exitoso⁵⁴³. Ao contrário do que ocorre com a renda da terra, o socialista argentino visualiza uma tendência histórica ao rebaixamento dos juros⁵⁴⁴. Na sua ótica, o denominador comum entre as formas de privilégio no campo e na cidade é que estas estão associadas à propriedade privada, o que estaria na raiz da anarquia e das crises periódicas⁵⁴⁵ que caracterizam a produção social no capitalismo:

*En el mundo capitalista quien tiene dinero o lo consigue prestado es dueño de hacerse empresario. Sin necesidad de dar prueba de su aptitud, pónese el capitalista a dirigir el esfuerzo de los hombres en un sentido cualquiera, a tuerto o a derechas, al azar de su información y de sus inclinaciones y relaciones personales. De ahí la anarquía y el desorden reinantes en la economía en general*⁵⁴⁶.

Diante desta análise, Justo conclui que a degeneração econômica, moral e social a que estão sujeitos os homens no capitalismo é resultado de uma incompatibilidade entre o progresso técnico e a cooperação forçada sob a égide burguesa. Dito em chave

⁵⁴² “Contra todos los impuestos que gravan la producción agrícola y ganadera, debemos estar al lado de los empresarios, que evidentemente podrán tratar mejor a los obreros y pagar más altos salarios cuando se yejan libres de las trabas que el fisco pone hoy a su industria. En el fondo de esta cuestión está latente un conflicto entre los empresarios ganaderos y agrícolas y los terratenientes, conflicto que si no se ha planteado ya abiertamente es porque muchos propietarios son al mismo tiempo criadores. (...) El Partido Socialista debe sostener también a los empresarios rurales en su carácter de arrendatarios, contra los señores del suelo.” Ibidem, p. 17-18.

⁵⁴³ “(...) interés no es un privilegio tan puro y absoluto como la renta del suelo.” Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 298.

⁵⁴⁴ Justo passa ao largo do problema da crescente prevalência do capital financeiro teorizado por contemporâneos, inclusive no campo do socialismo. Por outro lado, o pensador argentino intui os nexos entre juros e exploração do trabalho, embora não opere com a teoria do valor marxista. “*El capital produce interés porque su posesión permite obtener ganancias a expensas del trabajador*”. Ibidem, p. 300.

⁵⁴⁵ “Estamos en cambio entregados a merced de los apetitos y caprichos del capital, y, por su obra, cada diez, quince o veinte años, la tierra se cubre de ruinas (...).” Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 329.

⁵⁴⁶ Ibidem, p. 322. “Esse trabalho de organização e de economia do trabalho técnico que procura dirigi-lo para satisfazer as necesidades humanas se faz, no mundo capitalista, de modo desordenado e anárquico, sob o impulso do lucro, refletindo a inspiração mais ou menos certa e arbitraria dos donos do capital.” Idem. *Socialismo e organização política*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998, p. 95.

marxista, o socialista argentino diagnostica uma contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção⁵⁴⁷. Em um contexto em que a burguesia é incapaz de liderar o ulterior progresso histórico⁵⁴⁸, a transição para outro modo de produção, no qual a propriedade privada seja substituída pela propriedade coletiva e a cooperação forçada dê lugar à cooperação livre, emerge como um imperativo da racionalidade humana e um desígnio do movimento histórico:

*Grandes son, pues las aberraciones de la sociedad moderna. La esterilidad acompaña en ella a la riqueza. A la par del rápido progreso técnico va un tremendo desorden en el trabajo. La economía establece mil vínculos entre los hombres; pero esta trabazón resulta de la guerra de todos contra todos. Viven en paz las diferentes unidades políticas, mas su solidaridad es tan débil que en el Rio de la Plata se anuncia como una buena nueva la pérdida de cosechas en Norteamérica (...) El monopolio, última consecuencia del individualismo burgués, supedita la población entera como productora y consumidora, a unos cuantos magnates. Por su misma proporción, la propiedad privada de los medios de producción queda reducida al absurdo. Y a abolirla tiende el movimiento histórico, implantando en su lugar la propiedad colectiva, que dará nuevo vigor a los pueblos, regularizará el progreso técnico, y hará las relaciones económicas tan conscientes y equitativas como los hombres seamos capaces en la cooperación libre*⁵⁴⁹.

ii. via ao socialismo

O sentido do desenvolvimento histórico não é, segundo a interpretação de Justo, a implosão violenta das relações entre trabalho técnico e econômico, mas sua gradual e contínua associação conducente ao socialismo, sinteticamente definido como a “conquista de los poderes públicos para la apropiación colectiva de los medios de trabajo”⁵⁵⁰. A chave desta evolução seria a transição da cooperação forçada sob o capitalismo para a cooperação livre, que caracterizaria o socialismo. Posto que esta não

⁵⁴⁷ “Las nuevas fuerzas productivas, resultantes de nuestra compenetración con el medio físico biológico y de la extensión de la cooperación entre los hombres, manifiestan así con violencia que la clase burguesa ya no es por sí sola capaz de manejarlas, patentizan que el progreso técnico-económico a que hemos llegado es incompatible con el carácter forzado de la cooperación.” Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 150.

⁵⁴⁸ “La burguesía es por sí sola incapaz de dirigir la evolución histórica; lo prueban las crisis, la desocupación, los monopolios resultantes de la desenfrenada competencia, los cierres, las huelgas, conflictos comparables a rebeliones de esclavos y destructivos como éstas.” Ibidem, p. 457.

⁵⁴⁹ Ibidem, p. 339.

⁵⁵⁰ Para uma definição mais completa: “En efecto, el socialismo es la lucha por la defensa y para la elevación del pueblo trabajador, que, guiado por la ciencia, tiende a realizar una libre e inteligente sociedad humana, basada en la propiedad colectiva de los medios de producción.” Idem. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 176.

é uma passagem abrupta, o partido estimulará toda iniciativa que promova a experiência da cooperação livre como instrumento pedagógico e vivência imediata do socialismo. Nesta perspectiva, Justo jamais apostará em uma tomada violenta do poder, mas na lenta tessitura de uma consciência e no fortalecimento generalizado dos ideais socialistas, que se expressam principalmente através da ocupação de espaços políticos e na promoção do cooperativismo: “(...) *la conquista de los poderes públicos no es más que uno de los medios para establecer la propiedad colectiva de los medios de trabajo, y que la cooperación libre, la acción económica de los trabajadores es también desde ya una manera bien poderosa de establecerla*”⁵⁵¹.

Em consonância com esta visão, a militância de Justo se ocupará de três modalidades da organização e luta dos trabalhadores: sindicato, cooperativa e partido. Assume como premissa que a luta de classes, motor do progresso social, é um componente positivo do dinamismo histórico, impulsionando tendências mais elevadas de evolução humana: “*Por encima de la satisfacción de las apremiantes necesidades del pueblo, ella (luta de classe) tiende a la consecución de las más altas aspiraciones sociales de orden y progreso*”⁵⁵².

Na chave evolutiva de Justo, a organização sindical, que tem na greve sua arma principal, é vista como a manifestação mais primitiva das potencialidades construtivas da luta de classes⁵⁵³. Seu papel seria promover um avanço preliminar da organização social, gerando condições favoráveis a modalidades de entendimento mais racionais entre os antagonistas, materializadas no acordo coletivo: “*Cuando fuertes organizaciones obreras y patronales se encuentran así frente a frente, está preparado el terreno para que el modo normal de entenderse trabajadores y empresarios sea el tracto colectivo*”⁵⁵⁴.

⁵⁵¹ Idem. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933, p. 13.

⁵⁵² Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 342. “(...) *antagonismo de clase: doloroso pero saludable desgarramiento interno*.” Ibidem, p. 341.

⁵⁵³ “*El gremialismo proletario es la forma inicial, casi instintiva, de la moderna lucha de clases, y en ese sentido su forma fundamental*.” Ibidem, p. 343. Nas escassas linhas que dedica neste livro à América Latina e à Argentina verifica que, na cidade, o proletariado “(...) *carece hasta ahora de la educación necesaria para darse una fuerte organización*.” E, em crítica velada ao anarquismo, afirma: “*Su conciencia histórica (...) todavía bastante estrecha para dejarla dominar por prejuicios de secta, y posponer la obra tranquila y metódica de todos los momentos a la declamación de violencia y el ergotismo de escuela*.” Ibidem, p. 378. Em relação ao campo: “*No hay aún ni asomos de organización entre los obreros del campo (...)*” Ibidem, p. 379.

⁵⁵⁴ Ibidem, p. 394.

Na visão de Justo, o efeito do acordo coletivo é duplo: de um lado, eleva o padrão de vida da classe trabalhadora, ao reduzir os privilégios patronais⁵⁵⁵. De outro, obriga os trabalhadores engajados na negociação a familiarizarem-se com as condições econômicas da produção, valorizando as funções técnico-econômicas exercidas pelos patrões⁵⁵⁶. Nesta perspectiva, o dinamismo da luta de classes tende a diluir as contradições em lugar de acirrâ-las. Em última instância: “(...) *el tracto colectivo transforma a tal punto las condiciones de su lucha que puede decirse que la niega*”⁵⁵⁷.

Em paralelo, Justo prevê a incorporação daqueles que realizam trabalho intelectual à organização dos trabalhadores, favorecendo uma aproximação entre trabalho técnico e econômico, que aponta para a abolição do privilégio⁵⁵⁸. Segundo o seu enfoque, o sentido do processo histórico é a organização e unificação da totalidade dos trabalhadores, em consonância com o movimento econômico de centralização e desenvolvimento da produção, desencadeando uma tendência irresistível de humanização do trabalho⁵⁵⁹.

Na visão de Justo, a crescente especialização inerente a este movimento de integração do trabalho em escala mundial não conduz à alienação⁵⁶⁰, pois deve ser compensada por uma educação que estimule a iniciativa e a criatividade necessárias à

⁵⁵⁵ “(...) *en la practica del trato colectivo los obreros desarrollan su capacidad económica (...) y en cuanto conduce a la elevación de los trabajadores y a la reducción de los privilegios del capital.*” Ibidem, p. 396.

⁵⁵⁶ “*Cuando los trabajadores están todos agremiados y se establecen órganos permanentes de aplicación de las regalías convenidas con los patrones, la clase obrera aprende a manejar calculadamente según el estado del mercado de la materia prima y del producto, según el grado de perfección técnica de cada fábrica, reconociendo explícitamente la importancia de la función técnico-económica de los patrones.*” Ibidem, p. 396-397.

⁵⁵⁷ Ibidem, p. 398. A identificação de interesses entre trabalhador e patrão chega a ponto de justificar, na visão de Justo, o envolvimento dos trabalhadores na concorrência intracapitalista: “(...) *el trabajador tiene que pagar para encontrar los patrones más capaces (...)*” Ibidem.

⁵⁵⁸ “*Y simultaneamente se ensanchará el concepto de clase trabajadora, al ser atraídos a ella y recibidos en su seno con abierta y franca solidaridad los gremios superiores, que trabajan más con la cabeza que con los músculos.*” Ibidem, p. 402. “*A medida que estas categorías de trabajadores se incorporen al movimiento gremial, más cerca estará la clase obrera de librarse del parasitismo de la clase propietaria.*” Ibidem, p. 403.

⁵⁵⁹ “*Y al asimilarse esas fuerzas productivas, más altas porque exigen una educación que sólo puede darse con provecho a individuos ventajosamente dotados, la clase trabajadora perderá tanto en homogeneidad como en prejuicios (...)* Y el pueblo productor, definitivamente unificado al reconocer su propia diversificación, exigirá con más fuerza que nunca para cada obrero condiciones dignas y humanas de trabajo.” Ibidem, p. 403.

⁵⁶⁰ “*Es interesante asimismo observar que la concepción justiana del socialismo como forma superior de convivencia democrática reposa también en una argumentación que se desplaza a contramano de las elaboraciones hegelianizantes (algo posteriores, ciertamente) sobre la “alienación” del trabajador en la sociedad industrial, en la línea del Lukacs del ’22. Para Justo, la mecanización y parcialización de la actividad laborativa, con la conexas simplificación de las operaciones, es lo que más favorece al obrero moderno en términos de organización, de instrucción cívica y política y, en general, de conciencia de clase.*” DOTTI, op. cit., p. 85.

constante readaptação do trabalhador diante do ritmo da inovação tecnológica. Ao contrário, entende que a vinculação coletiva no ambiente industrial, somada à simplificação dos processos de trabalho, abre espaço para uma ulterior compreensão das relações sociais.

*Y la técnica parcelaria del trabajador moderno, que apenas ocupa su mente, le deja capacidad para comprender las relaciones económicas y políticas, cada vez más vastas y complejas. El desarrollo de la conciencia histórica de los productores acompaña el desmenuzamiento de su capacidad técnica*⁵⁶¹.

Nesta perspectiva a luta de classes, embora aceita como motor do progresso social, revela-se marginal para a formação da consciência histórica dos trabalhadores. A passagem da reivindicação por melhores condições de trabalho para uma crítica da propriedade privada revela-se essencialmente como uma racionalização de sentimentos de injustiça, evidenciada na seguinte descrição:

*Pronto, sin embargo, la constante tensión de espíritu propia de la inseguridad de su situación y el cuadro cambiante de la civilización moderna lo elevan a cuestiones más remotas y más vastas. Siente entonces su situación de clase desposeída como una permanente injusticia, plantéase el problema de su emancipación; y viendo en la propiedad individual de los medios del trabajo colectivo la causa de su servidumbre, sorprende la necesidad de establecer la propiedad colectiva, para concluir con la explotación del hombre por el hombre*⁵⁶².

Esta abordagem ao problema da formação da consciência de classe é uma expressão da forma como o socialista argentino encara a dimensão subjetiva dos processos sociais. De modo geral, a esfera da cultura revela-se subordinada ao desenvolvimento técnico-econômico⁵⁶³ em seu pensamento, que não preocupa-se com uma apreensão refinada dos nexos entre relações de produção e ideologia⁵⁶⁴. De um ângulo civilizatório, as expressões culturais aparecem enquadradas na chave da

⁵⁶¹ “A la creciente inestabilidad de la aptitud técnica especial de cada uno debe corresponder, como compensación necesaria, una educación que haga elástica y flúida la capacidad productiva de cada hombre (...). JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 79. “Y la técnica parcelaria del trabajador moderno, que apenas ocupa su mente, le deja capacidad para comprender las relaciones económicas y políticas, cada vez más vastas y complejas.” Ibidem, p. 458.

⁵⁶² Ibidem, p. 342.

⁵⁶³ “(...) nacen ciencia y el arte subordinados a la técnica y la economía.” Ibidem, p. 342.

⁵⁶⁴ Por exemplo: “(...) la religión es la impostura que se agrega o substituye a la fuerza para mantener la obediencia a las clases sometidas.” Ibidem, p. 497.

afirmação da história sobre a biologia, em que manifestações baseadas em uma postura passiva do homem, como a religião e a arte elitista, devem ser superadas por novas formas de subjetividade, que impliquem uma postura ativa em relação à sua produção e veiculação:

Más pasivo que en la política y la economía ha sido hasta ahora en ellas el pueblo trabajador. La religión, la ciencia, el arte, casi no han existido para las masas sino como ocupaciones extrañas, de hombres de otra clase, cuya obra ignoraban, o recibían concluida como un beneficio, o sufrían como un perjuicio. Al elevarse la cultura del pueblo trabajador y nacer sus aspiraciones a un estado social superior, critica él los dogmas y los símbolos aderezados por la clase dominante, comienza a crearlos por sí mismo, desarrolla su sentido de la belleza y su facultad de investigación⁵⁶⁵.

Em consonância com essas premissas ideológicas, o processo de formação da consciência de classe é reduzido, em Justo, a um problema pedagógico dotado de duas dimensões, uma prática – o cooperativismo – e outra ilustrada – a literatura científica socialista. Esta “prática” é visualizada como uma formação técnica, em que o cooperativismo e a gestão pública ensejam antes uma aprendizagem gerencial do que política, enquanto a “ilustração” é concebida como um processo imediato, avesso às complexidades teóricas diante de uma realidade autoexplicativa⁵⁶⁶. Isto significa que estas dimensões pouco se comunicam: a teoria não está organicamente vinculada à prática e vice-versa, assim como a consciência crítica não será decorrência da luta. Como resultado, a formação dos trabalhadores como “classe para si” não é, na perspectiva de Justo, produto de um antagonismo estrutural na relação capital *versus* trabalho, revelando-se como a dimensão social do processo de integração econômica mundial. A passagem da cooperação forçada para a cooperação livre emerge como a expressão correspondente ao desenvolvimento técnico-econômico inerente ao movimento da história, apontando para a liberdade como um valor universal.

A marginalidade da luta de classes como via da conscientização operária desemboca em uma opção por instrumentos políticos que priorizam a conciliação e a pedagogia como método de mudança social. Justo desconfiará da greve e de outras formas de aberto enfrentamento de classe, postura que limitará consideravelmente a

⁵⁶⁵ Ibidem, p. 496.

⁵⁶⁶ “Para Justo, el socialismo no tenía necesidad de fundamentarse en base filosófica alguna ni la concepción científica de la historia necesitaba aprender nada del “materialismo dialéctico”.” TARCUS, op. cit., p. 381.

penetração dos socialistas no movimento sindical argentino, dominado, então, pelos anarquistas. A estratégia socialista relega a ação sindical a um segundo plano⁵⁶⁷, orientando suas energias principais para o cooperativismo e a ocupação de espaços no Estado através do partido⁵⁶⁸, conforme enuncia seu líder:

*Pero la huelga es una forma de lucha rudimentaria, es una acción negativa, pasiva; en la huelga sólo los obreros se unen para no hacer. Por eso sus resultados son tan escasos, y obtenidos a costa de tantos sacrificios. Sólo en el esfuerzo activo, sólo en la lucha política y en la asociación cooperativa, puede adquirir la clase obrera los conocimientos y la disciplina que le hacen falta para llegar a la emancipación*⁵⁶⁹.

Justo interpreta o cooperativismo como “(...) ante todo uno de los métodos de la emancipación obrera”⁵⁷⁰. Divulgador convicto do movimento, seu foco na prática serão as cooperativas de consumo observando que, na experiência histórica, as cooperativas de produção dificilmente viabilizam-se, degenerando-se frequentemente em empresas capitalistas para sobreviverem⁵⁷¹. Também chama a atenção para o fato de que o fim da

⁵⁶⁷ “No hace adelantar un paso su educación técnico-económica, si bien puede dar impulso a su educación política.” JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 455.

⁵⁶⁸ Justo identifica uma evolução histórica nas formas de luta dos trabalhadores, inspirando sua proposta para a Argentina na realidade da Bélgica em particular (país que conheceu): “Poco haríamos si nos diéramos el mismo punto de partida que tuvieron los ideales socialista de Europa. Para ver como ha evolucionado el movimiento obrero, lo mejor es comparar el de Inglaterra, Alemania y Bélgica. En la primera empezó como movimiento gremial, y así se conserva siendo esto una de las causas de su estancamiento y de su atraso; en Alemania predominó el carácter político del movimiento, y en esa forma ha adquirido su grande desarrollo; en Bélgica donde empezó después, al carácter gremial y político, se agrega desde un principio el elemento cooperativo, y en esta forma llega a adquirir una importancia relativa mayor que en cualquier otra parte. Debemos buscar nuestro modelo en las formas más recientes adoptadas por el movimiento obrero, y las ideas socialistas, en un país virgen de ideas, tomarán así una importancia principal si no decisiva.” Ibidem, p. 30-31.

⁵⁶⁹ Ibidem, p. 33. “Y mucho más que la política pesa en los destinos del mundo la acción técnico-económica de los hombres – entrar también colectivamente en la acción técnico-económica con fines propios, por su propia iniciativa y su propia cuenta. Es lo que hace en la cooperación libre y en la administración de servicios públicos, que lo educan como clase productora autónoma y ofrecen a las aptitudes de sus individuos más capaces vastísima aplicación.” Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 402.

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 405.

⁵⁷¹ Justo dedicou-se pessoalmente a uma cooperativa: “El Hogar Obrero se fundó el 30 de julio de 1905 por iniciativa de Juan B. Justo, Nicolás Repetto y otros ciudadanos vinculados con el socialismo argentino. Contra la creencia generalizada, no nació como cooperativa de consumo sino con el propósito de contribuir a la solución del problema de la vivienda obrera. El primer préstamo se otorgó en 1907 y tres años después se registraban 130 casas construidas. Sin abandonar este rubro, en 1913 comenzaron a crecer paulatinamente las actividades con la incorporación de una sección de consumo: alimentos, tienda, mercería, zapatería, librería, carbón y sastrería. Como los aportes de los socios resultaban insuficientes para operar en tantos rubros se apeló al ahorro de los asociados. Con ello se logró cumplir un objetivo ideológico - orientar los ahorros del pueblo en beneficio del mismo sector y no con criterio capitalista - a la vez que se halló una fuente de financiamiento conveniente para ambas partes: para la cooperativa por su menor costo y para los depositantes por los beneficios derivados de su condición de asociados.” Este mesmo texto faz um breve relato do espetacular crescimento posterior da cooperativa,

propriedade privada não deve ser confundida com a coletivização, que, na sua opinião, significa somente a pulverização de um privilégio⁵⁷².

Na visão do socialista argentino, a força da cooperativa de consumo reside no seu potencial associativo, que, na cidade como no campo, poderia contrapor-se ao monopólio capitalista⁵⁷³. Sua proposta é reforçar a posição dos trabalhadores através da associação para o consumo, que serviria como um instrumento de defesa contra o lucro excessivo, fruto da desigualdade inerente ao encontro entre o produtor monopolista e o consumidor individual no mercado. Novamente, revela-se que o seu foco não são as relações de produção, mas o enfrentamento de um privilégio. O entusiasmo do líder argentino pelo potencial do cooperativismo como modalidade sutil e eficaz de transformação econômica ecoa ao socialismo utópico europeu da primeira metade do século XIX⁵⁷⁴: “(...) *sin establecer nuevos dogmas, sin crear nuevos símbolos, sin*

até a sua quebra nos anos 90: “*Como el Titanic, al que según los entendidos ni Dios podía hundir, la Cooperativa El Hogar Obrero aparentaba ser una institución a prueba de cualquier desastre. Basta con repasar sus números de finales de 1990 para ratificar ese pensamiento: era la primera empresa privada, ocupaba el sexto lugar en el ranking de las empresas de comercio y servicios después de cinco empresas públicas hoy privatizadas (YPF, ENTEL, SEGBA, Gas del Estado y Ferrocarriles Argentinos), daba trabajo a más de 13.500 personas, tenía la mayor cadena de comercialización de productos para el consumo familiar (con más de 300 locales) y a través de sus planes de vivienda familiar había construido numerosos barrios y otorgado millares de créditos personales. Era un inmenso emporio socioeconómico que atendía las necesidades de casi dos millones de asociados. Como al Titanic, a El Hogar Obrero le bastó chocar con un iceberg (léase el contexto hiperinflacionario de la época y la imprevista aparición del Plan Bonex a fines de 1989, como más adelante explicaremos) para que su estructura aparentemente inquebrantable hiciera agua por todos lados y se fuera a pique con la mayoría de los pasajeros a bordo (léase ahorristas). Se trató de una auténtica tragedia que dejó en la ruina a miles de familias, las que habían confiado sus depósitos a una entidad segura y responsable. Una primera lectura de lo ocurrido nos permite concluir que la cooperativa fue la primera gran víctima de la década menemista (después la sucederían muchas otras), ya que entre otros desplantes la gestión del riojano le negó un préstamo puente de 20 millones de dólares que quizá hubieran evitado el colapso sobreviniente.*” BENINI, Marcelo. *El fin de la inocencia*. 2001. Disponível em: <<http://www.eho.org.ar/Eho18001.htm>> Acesso em: 28/06/2011, grifos no original.

⁵⁷² “Toda forma de propiedad es en principio un privilegio, en detrimento de la clase productora en general. (...) Si fuera posible un ferrocarril de los ferrocarrileros, dejaría por eso de ser un monopolio?” JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 420-421. Esta compreensão embasará a crítica de Justo à coletivização dos meios de produção na Revolução Russa: “...trataríase siempre de un privilegio o monopolio, idéntico a la propiedad privada, aunque distribuido entre mayor número de personas y conducente a los mismos conflictos.” Idem. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires, Ed. La Vanguardia, 1933.

⁵⁷³ “A los enormes bloques de capital privado opone la aglomeración de sinnúmero de pequeñísimos haberes, reforzada por la voluntad solidaria de la masa consumidora.” Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 429.

⁵⁷⁴ “La necesidad del progreso técnico y la aspiración de los trabajadores a la independencia económica conducen paralelamente al Socialismo. El obrero de un gran molino moderno o de una gran destillería no puede pensar en independizarse estableciend una tahona o un pequeño alambique, ni los empleados de un ferrocarril aspirar a tener, cada uno, un carruaje o un carro para competir con la vía férrea. Lo que esos obreros piensan, o deben pensar, para ser libres, es hacerse dueños del molino, de la destillería, del ferrocarril. Y la dependencia recíproca de las diversas ramas de la producción, así como el espíritu de solidaridad, tan activo ya en las filas trabajadoras, hacen que la evolución de la propiedad de los medios de producción, se conciba como la substitución de los propietarios particulares, parasitarios y

*desdeñar ninguno de los vulgares medios de acción que le ofrece el mundo capitalista, la cooperación libre está creando un mundo económico nuevo (...)*⁵⁷⁵.

Subjacente à adesão de Justo ao cooperativismo está uma crença na evolução gradual e pacífica do capitalismo ao socialismo, que tem como correspondente político a organização de partidos defensores do interesse da classe trabalhadora, no marco de uma democracia ancorada no sufrágio universal⁵⁷⁶. Nesta perspectiva, o socialista argentino constata uma evolução entre a greve como forma violenta de reivindicação social e o voto como modalidade pacífica de expressão da vontade popular : “(...) *la huelga general es el equivalente moderno de la antigua insurrección, la manifestación más fuerte de la voluntad del proletariado, cuando éste no puede o no sabe exteriorizar su energía en forma más eficaz*”⁵⁷⁷.

Justo entende que a evolução histórica aponta para a organização de partidos identificados com o interesse dos trabalhadores, sua progressiva conquista do poder político e a paulatina socialização dos meios de produção⁵⁷⁸. Embora levante objeções sobre a democracia na América Latina⁵⁷⁹, duvidando da lisura dos pleitos na Argentina,

explotadores, por la comunidad laboriosa entera para instituir una gran república cooperativa, donde, ejercitando todos en el trabajo sus más altas aptitudes, cada uno disponga del producto de su trabajo.” Idem. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 195, grifo nosso.

⁵⁷⁵ Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 430. Esta fé o conduz a uma leitura ingênua do cooperativismo em chave marxista, segundo a qual, por não ambicionar o lucro, a cooperativa opera com valores de uso e não mercadorias: “(...) *hay productos, pero no mercancías, la acción económica del pueblo busca de inmediato el valor de uso, reúne la sencillez y la ingenuidad de la economía primitiva a la exactitud y la fuerza de la moderna.*” Daí o discernimento que faz entre as modalidades cooperativas. Para o consumo funcionaria porque “*La acumulación cooperativa es con fines de uso, no con fines de ganancia.*” Mas, para a produção, “*fracasa o degenera cuando pretende introducir para la venta en el mercado abierto para el cambio.*” Ibidem. Do ponto de vista teórico, Justo aborda o problema da mercadoria e do seu valor pela esfera do consumo e não da produção: o caráter do valor está determinado pela finalidade do consumo – para uso – e não pelas relações de produção que a geraram – para a troca. Explicita-se novamente a ausência da teoria do valor marxista.

⁵⁷⁶ “*Mediante el voto, deja de ser servil una clase que gobierna.*” Ibidem, p. 458. Em *Teoría y Práctica*, está implícito um debate crítico com os anarquistas e seus métodos como pano de fundo dos três capítulos que abordam os instrumentos políticos da classe trabalhadora.

⁵⁷⁷ “*En cuanto el progreso histórico obedece a leyes y decretos, todo progreso es pacíficamente posible mediante el sufragio universal.*” E adiante agrega sobre a greve geral: “*Nunca vista hasta ahora en los países de gobierno más democrático (...)*” Ibidem, p. 458.

⁵⁷⁸ “*Los países moderno tienen todos, pues, su partido obrero.*” E adiante: “(...) *sus fines, que consisten ante todo en la defensa y elevación de los que viven de un salario. (...) organización internacional del proletariado en partido de clase para la conquista del poder político y la socialización de los medios de producción.*” Ibidem, p. 462.

⁵⁷⁹ “*Grandes son los obstáculos a la acción política normal del pueblo trabajador en los países americanos de lengua española: la ignorancia y la falta de educación societaria, las relaciones casi feudales entre los pobladores y los señores del suelo en grande parte del continente, la influencia perniciosa de la política criolla de las oligarquías que embrutece y corrompen al pueblo con su ejemplo, la inmigración de los pueblos más atrasados de Europa.*” Ibidem, p. 469.

onde “*nadie cree en la verdad de las elecciones*”, sua aposta política para o país será, não obstante, a *democracia obrera* e o seu instrumento o Partido Socialista⁵⁸⁰.

iii. plataforma socialista

O Partido Socialista será a organização criada e comandada por Juan B. Justo com a finalidade de concretizar uma política coerente com as premissas ideológicas que fundamentam a sua interpretação da história na Argentina⁵⁸¹. Desde a sua fundação em 1896 até a morte de seu líder indiscutível em 1928, a atuação do partido gravitará em torno a alguns temas fundamentais: a superação da *política criolla* através de uma reforma política que amplie o contingente eleitoral e conceda a cidadania aos estrangeiros; a extensão e consolidação dos direitos trabalhistas; um programa de reforma para o campo; mudanças no sistema tributário e monetário visando proteger o poder de consumo dos trabalhadores; a defesa do livre-comércio amparada por uma crítica ao privilégio econômico e ao patriotismo vulgar, nos marcos da sua leitura singular do movimento da história. Além desta agenda política nacional, Justo e os socialistas envolveram-se em iniciativas diversas, como a fundação da *Biblioteca Obrera* e da *Sociedad Luz*⁵⁸², voltadas para a formação política, e o empreendimento cooperativista “*Hogar Obrero*”. Sintonizada às demandas da classe operária mundial de seu tempo, a plataforma fundamental do partido foi explicitada desde o seu manifesto original, redigido em 1896:

⁵⁸⁰ Fundado originalmente com a denominação Partido Socialista Obrero de Argentina em 1896, o partido será conhecido simplesmente como Partido Socialista desde inícios do século XX.

⁵⁸¹ Cumpre assinalar o diagnóstico que o próprio Justo faz, em 1898, do desafio político colocado na circunstância em que surge o Partido Socialista no país: “*Coincidiendo con una época de activo desarrollo económico, este estancamiento de nuestra vida política llama especialmente la atención; pero es bien explicable si se atiende a la complejidad del proceso de la historia, que hace posible, por épocas, la disociación de sus elementos. Ya hemos visgto que las cosas necesitan ser prácticamente comprendidas para qmwue influyan en un sentido progresivo como factores históricos. En los últimos treinta años nuestro progreso económico ha sido inmenso: la raza de los ganados argentinos ha mejorado, la gran agricultura se ha radicado en el país, se ha construído una extensa red de ferrocarriles, se han cavado puertos, nuestro comercio ha tomado un gran vuelo, han inmigrado al país millones de hombres y capitales extranjeros. Pero nos falta la conciencia de los efectos de todos esos cambios sobre la sociedad argentina, y por eso nuestra política no progresa.*” Idem. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 169.

⁵⁸² Fundada em 1899 no bairro da Boca, elencava dentre as suas finalidades: “*difundir en el pueblo las nociones y los métodos de la ciencia*”; “*educar sus facultades de expresión hablada escrita y artística*”; “*sostener una biblioteca pública, con una sección especializada en cooperativismo y ciencias económicas, sociales y políticas*”. O edifício foi recentemente restaurado, abrigando uma “*Universidad Popular*” até os dias de hoje. ROMERO, Ricardo. *Sociedad Luz. Universidad Popular Socialista en Argentina*. <<http://www.suite101.net/content/sociedad-luz-universidad-popular-socialista-en-argentina-a35645>>. 2011. Acesso em: 28/6/2011.

*El Partido Socialista Obrero sostiene la jornada legal de ocho horas, la prohibición del trabajo de los niños menores de catorce años, y el salario igual para las mujeres y los hombres cuando hagan un trabajo igual, medidas tendientes a mantener el precio de la mano de obra, a asegurar a los trabajadores el reposo necesario, a moderar la infame explotación de que son víctimas las mujeres, y a hacer posible la educación de los niños. El Partido Socialista pide la abolición de todas las gabelas llamadas impuestos indirectos, que pesan sobre el pueblo. Pide que los gastos del Estado salgan de las cajas de los capitalistas, en forma de impuesto directo sobre la renta. Pide que se establezca por la ley la responsabilidad de los patrones en los accidentes de trabajo, para que las víctimas de esos accidentes no tengan que pedir limosna, ni dejen sus familias en la miseria, como premio de sus esfuerzos. Pide la instrucción laica y obligatoria para todos los niños hasta cumplir los catorce años. Como reformas políticas el Partido Socialista lucha por el sufragio universal y la representación de las minorías, en todas las elecciones nacionales, provinciales y municipales. Quiere la separación de la Iglesia y del Estado, en homenaje a la libertad de conciencia, y para no privar a los católicos del gusto de costear ellos solos el culto en que ellos solos creen. Tales son las reformas inmediatas más importantes porque combate nuestro partido*⁵⁸³.

Poucos anos depois da sua fundação, o partido revelou através de uma conferência ditada por Justo, intitulada “*El Programa Socialista del Campo*”, a incorporação da questão agrária à sua pauta social. O horizonte deste programa é a democratização do acesso à terra, criando uma camada de produtores rurais inspirada no modelo neozelandês, em que o Estado conserva a propriedade dos terrenos e cede ou arrenda a sua exploração. O partido não pregou a expropriação direta dos latifúndios, mas advogava um imposto progressivo com o objetivo de acelerar a tendência histórica de divisão das unidades produtivas⁵⁸⁴. Elevar as condições de trabalho do produtor rural e penalizar a renda da terra são os pilares da proposta, orientada ao desenvolvimento capitalista do campo.

Nuestro plan para fomentar la división del suelo debe ser sencillo: por una parte, levantar al trabajador del campo, dignificando su situación, y librar el capital agrícola y ganadero de toda traba a su actividad; así se formarán los hombres con las aptitudes y los medios para constituir una numerosa clase de productores autónomos mejor situados que los de hoy. Y, al mismo tiempo, hay que transformar el

⁵⁸³ Partido Socialista. Primer Manifiesto Electoral (1896). In: BOTANA, Natalio & GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997, p. 316-317.

⁵⁸⁴ Após a Primeira Guerra e o triunfo da Revolução Russa, ainda sustenta: “*La nacionalización del suelo será en todas partes y por muchísimo tiempo incompatible con las formas efectivas del trabajo agrícola, mientras que la reforma que proponemos es inmediata y gradualmente realizable, simplemente por medio del impuesto.*” JUSTO, Juan B. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933. p. 46.

*sistema de impuestos, para que éstos, en lugar de pesar sobre la vida y el trabajo, graven el privilegio en su forma patente y controlable de renta de la tierra*⁵⁸⁵.

Como deixa claro o programa, seu norte é conciliar progresso econômico e integração social nos marcos do projeto socialista para o país. Em consonância com as premissas desta política, Justo elucida que o foco dos trabalhadores deve ser o combate à renda da terra como um privilégio que obsta o desenvolvimento do campo argentino. Esta posição supõe uma distinção entre o latifundiário rentista e o empresário rural, em que está subjacente a valorização do trabalho de direção econômica realizado pelo segundo, sugerindo a sua aliança com os trabalhadores:

*En su áspero roce diario con el patrón, los obreros ignoran u olvidan que éste no es en manera alguna el prototipo del parásito social; él arriesga al menos su capital en la producción, organiza el trabajo, trabaja mucho a veces, sufre las fatigas y penas del mando, y, en general, no consume demasiado. Que lejos del taller y del campo están, entretanto, el rentista y el parásito oficial, devorando en calma el producto del trabajo ajeno! En su forma primitiva y gremial, la lucha de clases se sostiene directa y exclusivamente entre patrones y obreros; pero en su forma desarrollada de acción política, debe a veces dirigirse a que el parasitismo burocrático y la renta no absorban lo que necesita el empresario para la remuneración del trabajo*⁵⁸⁶.

Avaliando como prematuras algumas propostas desejáveis para o campo argentino, como a limitação da jornada de trabalho ou a expropriação indenizada dos latifúndios⁵⁸⁷, os socialistas defendem, de imediato, medidas destinadas a elevar o padrão de vida do trabalhador rural, assalariado ou arrendatário: aumento de salários, abolição de impostos sobre o consumo, regulamentação do trabalho, proibição do pagamento com vale⁵⁸⁸. À exceção do último ponto, estas propostas são comuns aos

⁵⁸⁵ JUSTO, Juan B. *El Programa Socialista del Campo. Conferencia dada el 21 de abril de 1901 en el salón Vorwaerts de Buenos Aires*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1915, p. 28.

⁵⁸⁶ Ibidem, p. 17-18.

⁵⁸⁷ “*Tales son, a mi juicio, las reformas que por ahora conviene sostener. Cuando el país tenga gobiernos realmente elegidos y vigilados por el pueblo, será el momento de pedir la expropiación de los latifundios por el precio de la tasación de la contribución directa, para venderlos en lotes menores al precio de costo, más los gastos de mensura y administración.*” Ibidem, p. 29. Evidencia-se a moderação da proposta socialista, que, mesmo na hipótese de um governo favorável, prevê uma reforma agrária baseada em mecanismos de mercado.

⁵⁸⁸ “*Esas cuestiones de moneda, de impuestos, de regulamentación del trabajo y del alojamiento, y la prohibición de pagar los salarios con vales a cobrar en las casas de negocio, lo que casi siempre es una forma disimulada del “truck-system”, con todos sus cicios e inconvenientes para el trabajador, son los temas políticos que más pueden interesar a los obreros del campo.*” Ibidem, p. 13.

trabalhadores urbanos e estão referidas a um projeto nacional que visa a equilibrar a correlação de forças entre capital e trabalho como caminho para a democratização da sociedade argentina⁵⁸⁹. Abordando especificamente a realidade vivida pelos arrendatários, o foco do programa é garantir estabilidade legal aos contratos, rompendo com a lógica de rapina que caracteriza a ocupação e exploração do campo, e, na opinião de Justo, faz com que o país se assemelhe a “*un gran campamiento en que la población no tiene sosiego ni arraigo*”⁵⁹⁰:

*Para que la pampa se pueble de árboles y casas habitables, es necesario que la ley favorezca a los arrendatarios, asegurándoles el goce de su trabajo; que les garantice el usufructo de la casa, como les asegura la cosecha del año; que los propietarios paguen a los arrendatarios las mejoras que éstos dejan en los campos*⁵⁹¹.

Visto em seu conjunto, o programa para o campo inscreve-se nos marcos gerais de um projeto socialista que objetiva integrar a população através do trabalho, ao mesmo tempo em que estimula o progresso econômico, propondo uma via democrática de desenvolvimento do capitalismo argentino⁵⁹². Esta integração dos trabalhadores tem uma dimensão econômica e outra política, na medida em que os socialistas, em consonância com o projeto sarmentino, defendem a concessão de direitos políticos aos estrangeiros, além do sufrágio universal. Esta não é uma bandeira desinteressada, uma vez que os trabalhadores imigrantes constituem uma potencial base eleitoral para o partido.

⁵⁸⁹ “Para hacer una política rural oportuna y práctica, sin estancarse en vaguedades ni perderse en incoherencias, el Partido Socialista necesita aplicar su más amplio sentido político, guiándose siempre por su objetivo inmediato y principal: la defensa y la elevación del trabajador asalariado.” Ibidem, p. 5.

⁵⁹⁰ “La ley argentina no permite arriendos para más de diez años; parece calculada para un pueblo de especuladores de tierra y hace del país un gran campamiento en que la población no tiene sosiego ni arraigo.” Ibidem, p. 20.

⁵⁹¹ Ibidem, p. 21.

⁵⁹² “Se está formando en este país, y es de desear para la democracia y el progreso que su desarrollo sea rápido, una clase de agricultores y criadores que, en campo propio o arrendado, producen en moderada escala.” Ibidem, p. 13. Observa-se novamente uma notável convergência com o ideário sarmentino, que extraiu várias de suas propostas para a Argentina da observação dos Estados Unidos. SARMIENTO, Domingos Faustino. *Viajes*. 2. ed. Madrid: ALLCA XX, 1996. Justo refere-se à legislação agrária estadunidense como um modelo inspirador. Programa del campo, p. 30. Cabe observar que, assim como Sarmiento, Justo empreendeu em 1895 uma viagem de estudos a esse país, que resultou em uma série de artigos revelando que o socialista argentino partilhava da admiração em relação ao desenvolvimento material dos Estados Unidos, embora desprezasse o seu nível cultural, fundamentalmente pela baixa aderência das ideias socialistas, e criticasse a sua política em termos como: “La historia de un gran pueblo no puede seguir siendo el deplorable cuadro de mentira, anarquía y corrupción que ofrece hoy la sociedad americana.” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 123.

Em termos ideológicos, esta abertura política dos socialistas aos trabalhadores estrangeiros enseja uma visão crítica do patriotismo⁵⁹³, valorizando a mistura de nacionalidades que, através da imigração, confluem para formar o povo argentino⁵⁹⁴. De modo geral, no discurso socialista a unidade nacional aparece subordinada à identidade de classe⁵⁹⁵, evidenciada na recorrente denúncia de expressões nacionalistas que mascaram relações de dominação⁵⁹⁶, denunciadas como “patriotismo vulgar”, sugerindo que o verdadeiro patriotismo implica uma convergência entre a integração nacional e o internacionalismo socialista.

*Todas esas formas de patriotismo activo, antagonicas con nuestro intereses nos inducen a pensar y creer firmemente que el provenir de nuestro país y del internacionalismo está en que cada pueblo tenga una creciente preocupación colectiva de su propio desarrollo histórico, y es lo que hacemos los socialistas argentinos, forma de patriotismo la más conducente y fecunda*⁵⁹⁷.

No plano econômico, a defesa intransigente do livre-comércio pode ser interpretada como uma expressão desta subordinação ideológica do interesse nacional às contradições de classe. Na perspectiva de Justo, o protecionismo implica um privilégio econômico que lesa os trabalhadores porque incide no seu custo de vida, além de contrariar o sentido da história conducente à integração mundial. A apologia ao livre-

⁵⁹³ Justo denuncia a irracionalidade que alimenta o patriotismo: “De cualquier color, la bandera no sirve sino para sugestionar y arrastrar inconscientes. Para qué ese color, que habla a los sentidos y excita los instintos de los hombres, sino porque no se quiere hablar a su inteligencia?” Idem. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933, p. 237. Seu descaso dos símbolos pátrios provocou diversas polêmicas no congresso enquanto exerceu mandato parlamentar, que seguramente contribuíram para a propaganda socialista. Ver os relatos na obra supracitada.

⁵⁹⁴ “Y precisamente porque no excluimos a nadie, porque no tenemos odio ni prejuicios de raza, garantimos a todos los trabajadores del país, mediante la ley, contra los excesos de explotación a que da lugar la incapacidad proletaria para organizarse y defenderse. Y así ha de formarse un pueblo argentino, vigoroso y progresivo, para el cual la salud y la libertad no sean meras palabras, sino realidades conquistadas por su esfuerzo.” Ibidem, p. 121.

⁵⁹⁵ “Pero hay entre los hombres demasiadas diferencias reales, para que necesitemos buscar en el patriotismo diferencias ficticias, que, por otra parte, no pueden conducir al progreso, sino al retroceso. Y hoy menos que nunca, y un socialista menos que nadie, puede buscar el progreso en el juego de las preocupaciones patrióticas, cuando en el mundo entero civilizado está planteada la lucha de clases, la lucha entre los poseedores y los desposeídos, diferencia y contraste frente a los cuales desaparecen las distinciones de frontera, de lengua o de raza, lucha en que se unen los trabajadores del mundo entero, y de la cual tiene que resultar en primer término el progreso social.” Ibidem, p. 106.

⁵⁹⁶ “El desarrollo en el mundo no europeo de un movimiento político obrero que lleve la política obrera internacional a su verdadero terreno contribuirá a debilitar aquellos estrechos nacionalismos y a acelerar la revolución de Europa hacia su necesaria política. A pesar de su poder, los Estados Unidos no parecen ser los que más contribuyen a esa obra. (...) La misma afirmación hecha por Wilson del derecho absoluto de cualquier pueblo a la autonomía, cuando la interdependencia entre las naciones es y debe ser cada vez mayor, contradice no solamente la moderna teoría histórica, sino también la política de los Estados Unidos en Puerto Rico, en Filipinas, en Centro América y en Cuba.” Ibidem, p. 183-184.

⁵⁹⁷ Ibidem, p. 81.

comércio, identificado como um postulado do progresso, está referida à base econômica da história que o socialista argentino absorveu de Marx, induzindo-o a analisar a independência argentina e mesmo a Primeira Guerra Mundial a partir deste prisma⁵⁹⁸. Na sua visão, existem nexos imediatos entre o protecionismo econômico e o nacionalismo, acobertando a contradição entre as classes sociais que desconhece fronteiras. Como decorrência desta leitura, o socialismo argentino assume uma singular confluência entre defesa do livre-comércio e internacionalismo⁵⁹⁹.

*Somos internacionales, con lo que queremos decir que comprendemos como una realidad fundamental del mundo moderno, y como una necesidad cada vez más fuerte de la vida colectiva universal la vinculación práctica de los pueblos entre sí para satisfacer recíprocamente sus necesidades mediante las corrientes del comercio, cooperación internacional que aun cuando se haga a impulso de los intereses del capital, es necesaria, aun para la masa popular que la realiza sin comprenderla; cooperación internacional que queremos sea cada día más amplia y más completa, más consciente y más libre*⁶⁰⁰.

O apoio incondicional ao livre-comércio não significa que Justo seja indiferente à presença do capital internacional na economia nacional. Em sua atuação parlamentar, o socialista argentino favoreceu o estabelecimento de algum nível de controle do Estado sobre as empresas estrangeiras em nome do interesse nacional⁶⁰¹. Na sua ótica, a

⁵⁹⁸ Analisando a adesão dos socialistas europeus à Guerra Mundial, Justo escreve: “*Por intereses estrechos de gremio y perjuicios de partido contra la libertad de comercio internacional, principio de origen burgués, se ha cultivado la peor forma de solidaridad entre los patrones y obreros, las basada en la titulada protección aduanera, que mancomuna a los empresarios y trabajadores de cada ramo, no sólo contra los empresarios y trabajadores del mismo ramo en el extranjero, sino también contra los otros trabajadores del propio pueblo. En Francia los socialistas no han hecho nada importante contra la amuralla aduanera que lo separaba de los otros pueblos. En Alemania, había en el seno del Partido Socialista fuertes corrientes de proteccionismo agrario e industrial. No se encuentra una palabra sobre la libertad de comercio en las larags declaraciones de los congresos socialistas internacionales sobre la guerra y los medios de evitarla. Las relaciones economicas de los pueblos eran completamente ignoradas en esas fórmulas inspiradas por el “materialismo histórico”. Se decía en ellas que el militarismo era engendrado por el capitalismo en busca de nuevos mercados, pero no se sugería la necesidad de quitar esa razón de ser al militarismo abriendo todos los mercados a la libre circulación del capital internacional.*” Ibidem, p. 129.

⁵⁹⁹ Esta confluência se explicita nas proposições da delegação argentina no Congresso Socialista Internacional de Berna e Amsterdã realizado após a Grande Guerra: “*Lo que nos importa sobre todo, desde el punto de vista socialista, es dar a la paz bases sanas y durables, en el desarrollo del comercio internacional, y comenzar de inmediato la reducción gradual de los derechos de aduana hasta su extinción total en un plazo máximo de veinte años.*” Ibidem, p. 21.

⁶⁰⁰ Ibidem, p. 90.

⁶⁰¹ “*Qué se les pediría a esas empresas? Se les pide que tengan un directorio en la Argentina para evitar y resolver los conflictos con el personal. Se les pide que en caso de producido el conflicto, y no pudiéndose poner de acuerdo, se atengan a la opinión del árbitro nombrado por el Poder Ejecutivo, porque sería inconcebible que se autorizase a las empresa a mantener su resistencia a exigencias*

natureza dos negócios multinacionais representa um agravante à exploração capitalista, na medida em que os lucros repatriados deixam de estimular, ainda que minimamente, a atividade econômica nacional: “*El ausentismo es siempre una agravación del capitalismo*”⁶⁰². No entanto, sua crítica está enquadrada por uma visão segundo a qual o investimento estrangeiro é necessário e inevitável para promover o crescimento econômico do país. Face à inaptidão da burguesia *criolla*, o desenvolvimento argentino está atrelado, na visão de Justo, ao dinamismo do capital internacional:

*En realidad, la entrada de grandes masas de capital extranjero es necesaria e inevitable. En Europa el dinero gana un interés bajísimo, aquí uno relativamente alto. Las grandes empresas de construcción, que es necesario realizar para completar la explotación del país y del pueblo trabajador que lo habita, no pueden ser hechas por la clase rica criolla, disipada e inepta. Y no solo los ferrocarriles, los puertos, las obras de salubridad, las aguas corrientes, el alumbrado público, los tranvías, etc. etc. pertenecen a empresas extranjeras, o lo que es equivalente, han sido hechos con dinero tomado en préstamo del extranjero, sino que hasta el suelo va cayendo en sus manos. Para que este país se desarrolle, es necesario que así suceda. El capital extranjero va a acelerar la evolución económica del país; y con mayor fuerza aun va a acelerar su evolución política y social*⁶⁰³.

Interpretada como um agravante da exploração capitalista, a crítica de Justo ao capital internacional está referida fundamentalmente à contradição entre as classes sociais e não à formação da nação, de maneira análoga ao que ocorre no plano ideológico em relação à sua visão sobre o patriotismo. Paradoxalmente, a chave para a integração nacional no socialismo argentino supõe o acordo entre as classes, resolvendo as contradições sociais através do dilatamento das instituições democráticas vigentes.

legítimas de los trabajadores, causando con ello perjuicios enormes a toda la economía nacional. Por fin se les pide que informen a los argentinos cuáles son los detalles de su vida interna, qué operaciones efectúan, qué dividendos producen, y cuáles son los negocios de esas empresas que realizan sus ganancias con el trabajo de obreros y empleados argentinos. Todo esto, señores, me parece del mejor nacionalismo.” Ibidem, p. 76-77.

⁶⁰² “*Si hay un profundo antagonismo entre los capitalistas y los proletarios que habitan un mismo país, lo hay más profundo aun cuando los señores del capital están a distancia. La clase rica del país es para el pueblo un motivo de miseria, porque le quita una gran parte del producto de su trabajo. Pero ese despojo es en cierta medida atenuado, porque el capitalista aquí establecido gasta aquí también la mayor parte de sus rentas. La satisfacción de su vanidad, y de sus apetitos de lujo, da ocupación a muchos. Ese trabajo es casi siempre inútil y humillante, pero al menos proporcional al que lo hace medios de vida. Con el capital extranjero no es así. Los millones que van anualmente a Europa como dividendo e intereses de las empresas y del capital extranjero, no contribuyen más a sostener el pueblo argentino, que si lo quemaran o fueran arrojados al mar. El ausentismo es siempre una agravación del capitalismo.” Ibidem, p. 188.*

⁶⁰³ Ibidem, p. 187.

Neste sentido, as classes são convidadas a amadurecer o seu papel político, realizando as potencialidades integradoras da institucionalidade corrente: capitalistas devem aceitar a modernização política; os trabalhadores devem protagonizá-la; e os imigrantes precisam assumir seus laços com o país adotivo. Justo sintetiza nestas palavras o caminho vislumbrado para a formação argentina:

El pueblo argentino está muy al principio de su evolución, y en su desarrollo han de influir muy poderosamente todas las verdades que desde ahora entren en juego. Si esto fuera generalmente comprendido y aplicado en la prensa y en la política, pronto seríamos capaces de lo que ahora nos parece imposible. La clase capitalista dejaría de dividirse en partidos personales y formaría partidos económicos que representarían los diversos intereses de las distintas clases de propietarios. El pueblo trabajador comprendería que, excepto abstenerse, lo peor que puede hacer en política es vender su voto, y buscaría más que hoy en la unión y la acción colectiva el mejoramiento de su situación. Los extranjeros se darían cuenta de la necesidad y del deber en que están de tomar parte en la política del país, y contribuirían a hacerla impersonal y científica. Y todos sabrían que el bienestar general depende del orden y el progreso; que arriba de los intereses particulares y momentáneos hay intereses permanentes y generales que respetar. El país prosperaría y tendríamos menos que admirar en los demás pueblos⁶⁰⁴.

Progressista em seu propósito original de democratizar a sociedade argentina, a plataforma socialista revela contradições que fundamentam as diversas polêmicas de que foi objeto a liderança de Justo desde a fundação do partido: denuncia a fraude eleitoral mas aposta na eleição; critica o capital internacional mas estimula o livre-comércio; na cidade como no campo, se opõe à exploração de classe mas valoriza o trabalho de direção dos capitalistas; constata a inaptidão da burguesia *criolla* mas desconfia da liderança dos trabalhadores argentinos. Em síntese, defende o desenvolvimento capitalista da economia agroexportadora, mas como via para a realização do socialismo mundial.

iv. a hipótese de Justo

Justo inscreve a formação nacional argentina nos marcos de um projeto de reforma gradual do capitalismo, cujo método é o exercício imediato de uma prática de

⁶⁰⁴ Ibidem, p. 198.

sentido pedagógico que desdobra-se em duas dimensões, econômica e política, visando qualificar a classe trabalhadora, sem exclusão dos demais estratos sociais⁶⁰⁵, para o socialismo⁶⁰⁶. Para desenvolver as aptidões de direção técnico-econômica, o cooperativismo; para as aptidões políticas, a experiência parlamentar partidária e a gestão pública a partir do Estado. Esta proposta assenta-se em uma desconfiança em relação às possibilidades de autonomia imediata da classe trabalhadora: *“No tiene aún la clase trabajadora la capacidad técnico-económica que le permitirá suprimir las empresas privadas, ni la política para formar un Estado plenamente democrático”*⁶⁰⁷.

Assim, a via ao socialismo vislumbrada pelo líder argentino encerra um paradoxo: promovida por um partido de trabalhadores, busca incluir a todos sem distinção de classe, procurando diluir a clivagem social através da abolição dos privilégios, acreditando em uma vitória da razão sobre as determinações de classe que resistem à mudança. Em outras palavras, prevê o recurso às instituições do Estado capitalista para construir um consenso em torno de um projeto de classe que, em última análise, as nega⁶⁰⁸: *“La política obrera tiene a crear una “sociedad de hombres que quieran libremente”, que reconozcan todos y respeten de tan buen grado las leyes sociales como la técnica respeta las leyes de la física. No habrá entonces necesidad de votarlas”*⁶⁰⁹.

⁶⁰⁵ Justo conclui sua nota introdutória e dedicatória do livro *Teoría y práctica* com as seguintes palavras: *“Hecho para el pueblo, quisiera, sin embargo, este libro ser leído por personas de toda condición. Machiavelli escribiendo para los príncipes enseñó al pueblo; cuanto más no enseñaríamos a los príncipes los que escribimos para el pueblo, si se dignaran a leernos!”* Idem. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969.

⁶⁰⁶ No entanto, como destaca Halperin Donghi, os vínculos entre projeto nacional e realização do socialismo não se explicitam com clareza: *“Ya cuando Justo se esforzaba por perfilar una imagen precisa de la transición al socialismo, la evocación de esa transformación revolucionaria era más frecuentemente proyectada hacia un horizonte tan remoto y esfumado que se hacía difícil concluir si se la ubicaba en un futuro histórico, o se la invocaba como un mito movilizador, o se la reducía al legado acumulativo de una larga etapa de reformas sociales.”* HALPERIN DONGHI, Tulio. Introdução a: *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2. ed. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 145.

⁶⁰⁷ JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969, p. 488.

⁶⁰⁸ Esta contradição é intuída na conclusão de *“Teoría y práctica”*, quando Justo aborda os métodos e fins da política obrera: depois de recusar sistematicamente a violência e criticar com decisão a proposta socialista de ditadura do proletariado, justifica sua proposta com argumentos afins: *“La política obrera es la coerción para la libertad; se vale transitoria y excepcionalmente de la fuerza para abolir las formas inveteradas y generales de coerción.”* Ibidem, p. 494.

⁶⁰⁹ *“Lejos de querer imponer sus mandatos por la sugestión o la violencia, la democracia obrera da a sus exposiciones de motivos la más amplia difusión, prepara el entendimiento de cada uno para las nuevas reglas de orden y progreso social (...)”* Ibidem, p. 494. A premissa é que, em uma sociedade de homens livres, há um padrão comportamental e de opinião que permite o estabelecimento de leis sociais regulares como nas ciências naturais, revelando novamente o fundamento humanista do pensamento de Justo. Embora o argentino relativize esta premissa: *“(...) todas las leyes son fisico-intelectuales, naturales y humanas. No estan escritas en el mundo sino para ser descifradas por nuestra clave y sólo existen en el sentido y el alcance de esta clave. De ahí su necesidad, de ahí su relatividad.”* Ibidem, p. 515.

O caminho para a formação da nação vislumbrado por Justo projeta uma evolução na correlação de forças entre as classes sociais a partir da democratização da política sem alterar o padrão de inserção da economia argentina no mercado mundial. O Partido Socialista pressionará para estabelecer marcos institucionais que superem a *política criolla*, viabilizando o encaminhamento do conflito social através de uma dinâmica parlamentar democrática, interpretada como a via para realizar uma reforma social capaz de garantir direitos sociais aos trabalhadores na cidade e no campo, ao mesmo tempo em que afiança o crescimento da economia agroexportadora no âmbito do livre-comércio. Em termos ideológicos, esta proposta supõe uma relativa autonomização das esferas da existência, evidente na estratégia reformista do partido, que assume a compatibilidade entre distribuição econômica e exportação agropecuária; democratização política e Estado capitalista; ataque aos privilégios e paz social⁶¹⁰.

Do ângulo da luta de classes, Justo crê encontrar no combate ao privilégio e na potencialidade da educação brechas que viabilizam a reforma por dentro do capitalismo. Sua premissa é que a igualdade de oportunidades e a primazia da razão são universais que assentam um espaço de consenso entre as classes, fundamento de um projeto social comum. Este diagnóstico minimiza os nexos entre privilégio e reprodução social (a propriedade dos meios de produção e as funções diretivas no capitalismo)⁶¹¹, bem como entre gestão política e direção econômica, identificando um ponto de convergência entre o imperativo racional que fundamenta o socialismo e a reprodução capitalista – em outras palavras, entre o interesse dos trabalhadores e da burguesia. Nesta ótica, a irracionalidade identificada com o privilégio não é constitutiva do capitalismo, mas uma

⁶¹⁰ Ao situar neste descolamento a raiz de uma abertura positiva para a luta democrática pelo socialismo, Dotti apenas revela a sua identidade com os pressupostos reformistas de Justo. “*La desatención a este último aspecto (al de la dialéctica burgeois/ citoyen, o del mundo donde reinan “la libertad, la igualdad, la propiedad y Bentham”), tiene el saludable efecto de permitirle a Justo recuperar lo político en clave socialdemócrata. Con esta idea queremos indicar la ausencia en Justo de ese momento esencial en la constitución del pensamiento de Marx que es la interpretación del nexo entre economía y política a partir del módulo hegeliano de la dialéctica, “enderezada” y presuntamente rectificadora. (...) Justo presenta una estructuración diversa de lo económico y de lo político, lo cual le permite reconocer (aunque no siempre sin ambigüedades) la – digamos- autonomía de las figuras jurídico-políticas y, en consecuencia, proponer unívocamente una lucha democrática por el socialismo, a partir de la convicción de que los valores de la justicia y equidad – encarnados en el derecho – no son funcionales, sino atípicos a la lógica del capitalismo. De ello se sigue la valorización de la acción parlamentaria, del cooperativismo y de la práctica del partido en términos democráticos, que no podrán no entrar en colisión con lo que, luego, será la vía “leninista” al socialismo.*” DOTTI, op. cit., p. 118-119. Tarcus, discípulo de Aricó (cujas interpretações comentaremos adiante), baseia sua apreciação sobre Justo no trabalho de Dotti.

⁶¹¹ Por exemplo: “*La propiedad es una simple relación jurídica que nuevas leyes pueden cambiar. Lo importante es que el pueblo aprenda a dirigirse por sí mismo, educándose en la práctica de la solidaridad inteligente.*” JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires. La Vanguardia, 1947, p. 53.

impureza que a todos interessa remover, configurando um espaço de diálogo entre as classes sociais no qual assenta-se o seu projeto de nação.

A implicação teórica deste raciocínio político é que Justo subordina os condicionantes de classe aos universais da igualdade e da razão. Na sua análise, a argamassa que liga horizontalmente a sociedade – entre as diferentes classes sociais – e verticalmente – entre as distintas esferas da existência – são os universais humanistas, e não a luta de classes. Esta leitura é congruente com a rejeição da dialética como método, desarmando as consequências intelectuais e políticas das contradições do capitalismo do ponto de vista do materialismo histórico. No plano da teoria, o deslocamento da luta de classes como eixo da crítica esvaziou o caráter social dos nexos entre as esferas da existência. No plano político, desvinculou violência de classe e capitalismo, premissa de todo projeto reformista.

c) DESFECHO

Os limites encontrados pelo projeto do Partido Socialista sob o comando de Juan B. Justo evidenciam-se no contraste com a trajetória do radicalismo, movimento que se tornaria seu principal concorrente no começo do século XX. O surgimento dos dois partidos está referenciado à contradição estrutural entre a diferenciação social decorrente do crescimento econômico argentino e as práticas restritivas da *política criolla*. Ambas organizações apresentam-se como partidos orgânicos, movidos por um programa e não por interesses pessoais, orientados por uma direção e não por um caudilho e, neste sentido, identificam-se como portadores de uma renovação política. E, no entanto, as respostas concretas que constroem no cenário político argentino situam-se nas antípodas das possibilidades abertas.

A UCR assumiu como tática a abstenção eleitoral até a lei Sáenz Peña em 1912, enquanto o PS, apesar de denunciar o caráter fraudulento dos pleitos⁶¹², sempre optou pela participação. Do ponto de vista programático, os documentos da UCR expressam, em um linguajar carregado de adjetivos, uma crítica moralizadora do sistema político

⁶¹² “Porque esa elección no ha sido solamente el fraude estúpido y mezquino, en que caudillejos y rufianes reclutan desgraciados seres inconscientes, que llevan como majada de ovejas a servir de instrumento para elevar a los Pro-Hombres, sino el más grosero e infames de los atentados (...)” CÚNEO, Dardo, op. cit., p. 187.

vigente⁶¹³, sem avançar um programa social e econômico concreto⁶¹⁴. Já os programas do PS seguem uma estrutura coerente, que infalivelmente encaminha uma série de propostas concretas, englobando desde reivindicações trabalhistas (como a jornada de 8 horas, proibição do trabalho infantil, salário igual para homens e mulheres) às políticas econômicas, sociais e culturais (como o livre-comércio, a abolição de impostos, sufrágio universal, ensino laico, a separação de Igreja e Estado)⁶¹⁵. Como consequência, enquanto os socialistas assumiram como postura a defesa dos interesses da classe trabalhadora⁶¹⁶, os radicais identificaram-se com os interesses da Nação⁶¹⁷.

⁶¹³ Como exemplo, destacamos um trecho do “*manifiesto revolucionario*” emitido pela organização por ocasião do frustrado golpe de Estado impetrado em 1905. “*Sustanciar aquí las causas que determinan esta suprema resolución sería suponer que la Nación no está compenetrada de ellas. Son tan profundas, que si no han tronchado su porvenir, han malogrado su vitalidad en uno de los períodos de mayor autoridad y de más franca expansión. La moral y el carácter, esos atributos con que Dios ha iluminado el Universo revelando al hombre que sobre su frente lleva un rayo de divinidad, parece que ya no inspiraran ni fortificaran el espíritu de la Nación, cuando los gobernantes pueden inferirle los agravios que es penoso constatar una vez más al reproducir el esfuerzo reivindicatorio. La personalidad moral de la Nación ha sido reducida. Debíamos haber asumido ya una significación doblemente importante en el escenario del mundo y estamos aún confundidos entre las repúblicas subalternas e inorgánicas de América. Expuestos a sufrir las consecuencias de las sociedades que por no desenvolverse paralelamente al deber y al progreso se ven forzadas a buscar su regeneración en la crisis de las dolorosas conmociones.*” Unión Cívica Radical. *Manifiesto Revolucionario* (1905). In: BOTANA, Natalio & GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997, p. 661-662.

⁶¹⁴ “*Estos elementos notorios de manejo y manipulación desde arriba también eran evidentes en el carácter amorfo de la ideología radical, la cual estaba modulada de modo de inspirar en los grupos urbanos la adhesión a una redistribución mínima de la riqueza, en vez de inspirarles el anhelo de un cambio novedoso y constructivo: exigía una diferente estructura institucional, la canalización de los favores oficiales en dirección de las clases medias urbanas, mayor sensibilidad por las inquietudes de los consumidores, pero preservando el sistema social que había surgido de la economía primario-exportadora. Dada la relevancia de los terratenientes dentro del partido, no es de sorprender que el radicalismo no se transformara jamás en un defensor de la reforma agraria o la industrialización.*” ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001, p. 67.

⁶¹⁵ O contraste entre ambos pode ser constatado a partir dos documentos reunidos em: BOTANA, Natalio & GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997. Na introdução, os autores escrevem: “*Mientras el Partido Socialista proponía una plataforma minuciosa y detallada, y se inclinaba, no sin juicios críticos, ante la legalidad vigente, la Unión Cívica Radical de la provincia de Buenos Aires dejaba de lado la enunciación concreta de proyectos acerca de la sociedad deseable, salvo los referentes a la reparación ética de la política, y recurría resueltamente al instrumento revolucionario en el terreno de los medios.*” Ibidem, p. 55.

⁶¹⁶ “*Fundamentalmente distinto de los otros partidos, el Partido Socialista Obrero no dice luchar por puro patriotismo, sino por sus intereses legítimos; no pretende representar los intereses de todo el mundo, sino los del pueblo trabajador, contra la clase capitalista opresora y parásita; no hace creer al pueblo que puede llegar al bienestar y la libertad de un momento a otro, pero le asegura el triunfo si se decide a una lucha perseverante y tenaz; no espera nada del fraude ni de la violencia, pero todo de la inteligencia y de la educación populares.*” Partido Socialista. *Primer Manifiesto Electoral* (1895). In: BOTANA & GALLO, op. cit., p. 316.

⁶¹⁷ “*La Unión Cívica Radical es la Nación misma, bregando hace veintiséis años para libertarse de gobernantes usurpadores y regresivos.*” Manifiesto de la Unión Cívica Radical al pueblo de la República (30-3-1916). In: HALPERIN DONGHI, Tulio (introdução e seleção). *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. - 2ª ed. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 559. “*Esta identificación de la política con un movimiento nacional, encarnado en un partido y un hombre, concebía el sufragio universal como el único medio legítimo para revelar esa orgánica manifestación patriótica. El sufragio universal era así el*

Os díspares nexos avançados entre programa e base social impactaram a proposta organizativa de cada um dos partidos. Enquanto os socialistas optaram por uma estrutura menor e programaticamente coesa⁶¹⁸, o radicalismo tecerá uma rede de contatos através do país, baseada em um discurso moralista e vago, destinado à incorporação massiva⁶¹⁹. Entrado o século XX, o programa do Partido Socialista se dirigirá fundamentalmente aos trabalhadores urbanos incentivando a nacionalização dos imigrantes, frequentemente operários privados de direitos políticos, enquanto a UCR orientará o seu discurso aos filhos dos imigrantes, embrião de uma classe média gestada no bojo da diferenciação econômica. A opção eleitoral, a objetividade do discurso e do programa, a coesão partidária e a base de classe diferenciam, desde a sua gênese, o *Partido Socialista* da *Unión Cívica Radical*. Forjados contemporaneamente, sua atuação ganhou corpo no contexto de uma notável expansão econômica no início do século XX, na qual a formação incipiente de uma classe operária e a proliferação de estratos médios aguçavam as pressões por uma renovação política.

O primeiro decênio do século XX testemunhou uma vigorosa ascensão do protesto social na Argentina, sob a influência preponderante do anarquismo. Neste período, multiplicou-se a sindicalização de trabalhadores, conformando as primeiras centrais sindicais. Em 1901 foi fundada a FOA – *Federación Obrera Argentina*⁶²⁰, de inspiração anarquista, e, dois anos depois, constituiu-se a UGT - *Unión General de Trabajadores*, inicialmente de orientação socialista, mas posteriormente influída pelo sindicalismo revolucionário. Apesar das distintas tentativas de unificação verificadas a partir de 1906, serão raros os momentos em que a ação de ambas as organizações confluirá com a política do Partido Socialista⁶²¹. De modo geral, a relutância dos socialistas argentinos em aderir ao confronto como método de reivindicação social e as ressalvas com relação ao recurso à greve decretaram a dominância das correntes

instrumento que daría a luz el verdadero regeneracionismo argentino. La causa del radicalismo según Yrigoyen era la de “la nación misma”. Esta perspectiva se situaba en las antípodas de la que defendía Juan B. Justo desde el Partido Socialista. Participacionista en los actos electorales, como hemos visto, desde fines de los noventa, la justificación teórica del sufragio universal que enarbolaban los socialistas procuraba incorporar al régimen político a una clase social formada por intereses económicos.” BOTANA & GALLO, op. cit., p. 119.

⁶¹⁸ A coesão ideológica do partido teve como contrapartida cinco cisões no período de vida de Juan B. Justo, uma das quais resultaria na constituição do Partido Comunista Argentino. Ver: PLA, op. cit. p. 59, nota 23.

⁶¹⁹ As ambiguidades características do discurso ideológico são analisadas em: CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁶²⁰ Durante um congresso em 1904 se agregará o termo “regional” à sua denominação, que passará a ser FORA, visando salientar seu caráter internacionalista.

⁶²¹ A ocasião mais notável será na greve geral de 1909.

anarquistas no interior dos sindicatos. A presença de divulgadores eminentes do movimento no país, como Errico Malatesta entre 1885-89⁶²² e Pietro Gori posteriormente, a difusão destas ideias nos países de origem dos imigrantes mediterrâneos, a popularidade deste ideário entre camponeses desgarrados e junto aos trabalhadores que produzem em base artesanal são outros fatores que reforçam a posição do anarquismo na Argentina no período.

A despeito das vacilações socialistas, a expansão da economia agroexportadora impulsionou uma intensificação da organização sindical e do movimento grevista. Em 1902, verificou-se a primeira greve geral do país. Dois anos depois estalou novamente o confronto, desta vez apoiado pelos socialistas, que voltaram a somar forças em 1909 por ocasião de uma greve geral vitoriosa⁶²³. A resposta estatal à mobilização popular foi, neste contexto, sempre repressiva⁶²⁴. Os eventos de 1902 motivaram a aprovação da *ley de residencia*, cancelando a expulsão de todo estrangeiro considerado subversivo. Esta lei seria complementada em 1910 com a *ley de defensa social*, que, além de autorizar o encarceramento dos trabalhadores nativos suspeitos, estabelecia uma graduação crescente de punições por crimes políticos, chegando à pena de morte⁶²⁵.

A intolerância com o protesto social encontrava correspondência política em um sistema eleitoral caracterizado por restrições censitárias, manipulação clientelista do eleitorado, mecanismos de sanção dos candidatos e a pura fraude⁶²⁶. A estreita margem para a contestação dentro da ordem era intuída pelos dirigentes do radicalismo, que, desde a fundação da *Unión Cívica* nos anos noventa, boicotaram sistematicamente as eleições, ao mesmo tempo em que realizaram sucessivas tentativas golpistas em conluio com setores militares para tomar o governo. Apesar da derrota fragorosa da última conspiração no início de 1905, o partido engatou, a partir de então, um processo de

⁶²² “En los cuatro años de permanencia en el país, Malatesta desarrolló una intensa labor de propaganda, fundando *La Question Sociale*, en español e italiano, y contribuyó además a organizar, conjuntamente con Héctor Mattei, el gremio de panaderos en 1887.” PANETTIERI, op. cit., p. 128.

⁶²³ As estatísticas divergem: Segundo Godio, em 1902 registram-se 29 greves e, entre 1906-9, outras 105. Panettieri apresenta estatísticas policiais que somente na capital federal contabilizam respectivamente: 1907: 231 greves mobilizando 169.017 trabalhadores; 1908: 118 e 11.561; 1909: 138 e 4.762; 1910: 298 e 18.806. Independentemente dos números, é inegável a vitalidade do protesto social no período. Ver obras citadas.

⁶²⁴ Na interpretação de Rock: “Dado que no existía un nexo ocupacional entre la élite y los inmigrantes urbanos, el sistema político argentino se inclinó a la represión, la restricción y la oligarquía.” ROCK, op. cit., p. 28.

⁶²⁵ Sua sanção ocorreu no contexto da repressão implacável ao movimento grevista, que levou o anarquista russo Simón Radowitzky a assassinar como retaliação o comandante das forças estatais: coronel Falcón. O texto da *Ley de Residencia* encontra-se em: CAMPO, Hugo del. *Los orígenes del movimiento obrero argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1973, p. 314.

⁶²⁶ Cf.: BOTANA, Natalio. *El Orden Conservador*. Editorial Sudamericana, 1977.

acentuado crescimento, cujo motor eram as transformações na estrutura social decorrentes da expansão econômica, como observou um comentador: *“El crecimiento del radicalismo de comienzos del siglo XX estuvo estrechamente ligado al proceso de estratificación social que concentró los grupos dirigentes de alta jerarquía en las clases medias urbanas dedicadas a actividades terciarias”*⁶²⁷.

Nesta conjuntura, a base social do partido gravitou em direção às classes médias urbanas, sem deixar contudo, de ser comandado pelos proprietários de terra⁶²⁸. Consequentemente, seu conteúdo programático persistiu nebuloso, resumindo-se a ataques moralistas acompanhados da demanda por um governo representativo⁶²⁹. No plano organizativo, projetava-se a liderança de Hipólito Yrigoyen, que, cultivando um estilo político baseado na negociação cara a cara e na tessitura de lealdades pessoais, costura um novo tipo de amálgama político, agrupando núcleos regionais em uma estrutura nacional sob o seu comando. Assim, o radicalismo adquiria as características orgânicas de um movimento de massas nacional sem romper com a sua orientação ideológica de origem: *“De este modo, el radicalismo se desarrolló menos como un partido, en el sentido estricto de la palabra, que como un movimiento de masas que fundaba su fuerza en una serie de actitudes emocionales”*⁶³⁰.

Ao contrário dos radicais, o Partido Socialista comandado por Juan B. Justo apresentou-se regularmente às disputas eleitorais. Em 1904, Alfredo Palacios elegeu-se como o primeiro deputado socialista das Américas⁶³¹ e, no ano seguinte, o periódico *La Vanguardia* editado pelo partido passou a ser vendido nas ruas com tiragem diária, testemunho do crescente prestígio da organização⁶³². Embora impotentes para ocupar

⁶²⁷ ROCK, op. cit., p. 61.

⁶²⁸ *“En 1891, se había iniciado como un retoño, en buena medida, de las facciones terratenientes; desde 1905 había penetrado en los grupos de clase media urbanos; luego de 1912 se convirtió en un vasto partido popular que abarcaba muchas regiones del país. Pero lo cierto es que estaba en gran parte dominado por los propietarios de tierras, conservando así su carácter inicial de la década del noventa: era un movimiento de masas manejado por grupos de alta posición social más que un movimiento de origen popular que operara impulsado por las presiones de las bases.”* Ibidem, p. 71.

⁶²⁹ Ibidem, p. 62.

⁶³⁰ Ibidem, p. 67.

⁶³¹ Figura proeminente do socialismo argentino ao longo do século, Palacios nunca completou um mandato: sua primeira experiência foi abreviada quando o Congresso foi fechado pelo presidente José Figueroa Alcorta em 1908. Eleito novamente, renunciou ao ser expulso do partido em 1915 por envolver-se em um duelo, o que estava proibido pelos estatutos socialistas. Voltaria ao partido em 1928. Eleito senador em 1931 e reeleito em 1935, o golpe de Estado de junho de 1943 interrompeu seu mandato. Reeito na década seguinte, sua atuação é abreviada novamente por um golpe de Estado, que derrubou o presidente Arturo Frondizi em 1962. Finalmente, seu último mandato parlamentar é interrompido pela sua morte em 1965.

⁶³² A militância parlamentar socialista no período não foi em vão: *“El joven diputado socialista obtendrá de esa Cámara la aprobación de cinco leyes: descanso dominical, supresión de medidores de água en los*

um espaço hegemônico no poder público, os socialistas atuavam com energia e constância em defesa do interesse dos trabalhadores, apesar do contexto repressivo adverso. Em um artigo escrito em 1910, Justo mostrava-se otimista em relação às perspectivas do socialismo no país, elencando entre as suas realizações diversas conquistas trabalhistas, a agitação em prol da naturalização dos imigrantes, o apoio às greves, a eleição de um deputado, um diário em atividade, além de inúmeras iniciativas no campo da educação popular e a fundação de uma cooperativa habitacional⁶³³. No conjunto, avaliava que o enraizamento do socialismo e a nacionalização da organização operária eram indícios positivos de que o processo civilizatório avançava na Argentina:

Como resultado dos novos costumes e das novas idéias propagadas entre os trabalhadores do país, vemos a melhor adaptação ao nosso meio do trabalhador braçal estrangeiro, assim como a adequação

*conventillos, protección del trabajo de mujeres y menores, escención de pago de patente a las cooperativas obreras, impuesto a la herencia.” CÚNEO, op. cit., p. 279. Na prática, a fiscalização do cumprimento da lei foi frouxa. Houve ainda a discussão de um projeto amplo de legislação trabalhista no parlamento, que acabou rechaçado pelos próprios sindicatos e partidos progressistas. De todo modo, em 1907 criou-se o *Departamento Nacional del Trabajo*, reconhecendo-se, assim, a necessidade improrrogável de lidar com a chamada “questão social”.*

⁶³³ “Não cabe estudar aqui, em detalhe, a obra da nova organização durante os últimos quinze anos. Basta recordar a agitação contra as infames leyes de conchabos que vigoravam nas províncias setentrionais, movimento eficazmente apoiado por ‘La Nación’ e que triunfou; as manifestações de Primeiro de Maio, a primeira delas feita nas ruas, publicamente, em 1897; a manifestação dos desocupados, nesse mesmo ano; o comício e a petição com 10 mil assinaturas para que fossem incluídos, no último projeto de reforma da Constituição, a independência do Estado com respeito a todas as igrejas e seitas religiosas; a jornada de oito horas para os servidores do Estado; a naturalização dos estrangeiros mediante a simples inscrição no registro civil; o manifesto do grupo socialista do parlamento italiano, exortando os italianos que viviam na Argentina a se naturalizarem; os congressos anuais ou bienais do Partido, celebrados ora na capital ora em outras cidades como La Plata, Rosario e Junin; a propaganda contra a lei monetária de 1899; as manifestações em favor da paz com o Chile e o apoio ao tratado que pôs fim às divergências com esse país; a petição apresentada em 1891, com milhares de assinaturas, para que fosse possível proceder à naturalização diante dos juízes de paz; o comício dos desempregados desse mesmo ano, no qual se pediu a criação de um departamento do trabalho; a assembléia popular de protesto contra a atitude do governo e a lei de residência, quando terminou o estado de sítio, em fins de 1902, lei aplicada então pela primeira vez contra o movimento operário; o triunfo do candidato socialista, Doutor Alfredo L. Palacios, na eleição de 1904, feita por circunscrições; sua atuação parlamentar brilhante e eficaz, da qual resultaram principalmente o imposto sobre as heranças, para fins de educação comum, a lei do descanso dominical e a regulamentação do trabalho feminino e infantil; a transformação do semanário socialista em diário, em setembro de 1905; a atividade eleitoral operária em 1908, quando o voto socialista só perdeu na capital devido à compra de votos e às artimanhas do governo; as greves gerais de 1904 e 1909, a primeira apoiada e a segunda iniciada pelo Partido Socialista, importantes movimentos da classe trabalhadora em protesto contra atos do governo. Tanta atividade no campo acidentado e perigoso da luta sindical e política não impediu que tenham surgido, simultaneamente, no mundo operário argentino, instituições de natureza econômica e educativa. A assistência mútua e o cooperativismo para conseguir moradia e bens de consumo se estendem sobre bases muito firmes. Multiplicam-se as escolas e centros de estudo; não há, em Buenos Aires, conferências científicas populares mais concorridas do que as celebradas no centros sociais operários. As bibliotecas proletárias se contam em dezenas e reúnem milhares de volumes. A literatura socialista e proletária escrita ou traduzida no país já é importante.” JUSTO, Juan B. *Socialismo e organização política*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998, p. 46.

*cada vez mais completa do nosso meio ao trabalhador estrangeiro – um movimento duplo que nos aproxima dos países cultos*⁶³⁴.

Ironicamente, este artigo não foi publicado na edição comemorativa do Centenário da Independência no jornal *La Nación* a que se destinava, em função do estado de sítio decretado dias antes. Também não pôde ser aproveitado pelo diário do partido, que teve sua gráfica depredada⁶³⁵. Esta situação não era excepcional, já que a confluência entre a ascensão do movimento operário influído pelo anarquismo, a pressão política socialista e a permanente conspiração radical colocava o país em um estado latente de convulsão social. Nicolás Repetto, colega socialista de Juan B. Justo, resume a crescente agitação destes anos:

*Durante el período de gobierno de Quintana- Figueroa Alcorta, transcurrido desde octubre de 1904 a octubre de 1910, estallaron cinco huelgas generales y una bomba de tiempo en la platea del teatro Colón; se decretó cuatro veces el estado de sitio, una de las cuales fué a causa del motín radical del mes de febrero del año 1905; se sancionó la ley de defensa social; se perpetraron cuatro matanzas de obreros y se empastelaron “La Vanguardia” y algunos otros periódicos obreros*⁶³⁶.

Semelhante efervescência indicava a necessidade de reformar o sistema político para preservar o negócio exportador, generalizando-se a percepção de que o desajuste entre a modernização econômica e as arcaicas formas da *política criolla* colocava em risco a própria ordem. É neste contexto que aprovou-se em 1912 o conjunto de reformas eleitorais conhecidas como lei Sáenz Peña⁶³⁷, nome do presidente que as sancionou

⁶³⁴ “Ao completar nossos primeiros cem anos de vida independente, a classe trabalhadora argentina mostra saúde e força nas suas aspirações e conquistas. A jornada geral de trabalho nas cidades foi reduzida para 8 ou 10 horas; nos últimos anos, os salários nominais subiram mais do que os preços, com exceção do preço da terra; os sindicatos mais fortes impuseram aos patrões uma certa responsabilidade pelos acidentes de trabalho, aumentou o respeito pelo trabalhador, foram publicadas algumas leis protetoras do trabalho braçal e de seus familiares, ainda que pro forma; nas cidades, a classe trabalhadora se veste melhor, embora ainda sejam muitos os homens sem camisa, usando um lenço em lugar de colarinho; a moradia, pequena e caríssima, é motivo das queixas mais justas. Além da própria organização de luta, a crescente cultura popular se revela no maior respeito pela mulher, na propaganda operária contra o álcool, no surgimento e florescimento de uma imprensa barata e em tentativas embrionárias de criação artística.” JUSTO, Juan B. *Socialismo e organização política*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998, p. 50.

⁶³⁵ Ver a apresentação do artigo em: Ibidem, p. 27.

⁶³⁶ REPETTO, Nicolás. *Mi paso por la política*. Buenos Aires: Santiago Rueda Editor, p. 106.

⁶³⁷ “La ley 8.871, como es sabido, establece un nuevo régimen electoral de sufragio universal masculino, secreto y obligatorio para mayores de 18 años, con asignación de dos terceras partes de cargos por

pouco antes de falecer. O cálculo social que motivou a medida foi sintetizado em um comentário do próprio Justo: “(...) *és más cómodo hacer una nueva ley de elecciones que reprimir una huelga general a cada seis meses*”⁶³⁸.

Embora a reforma eleitoral aponte para uma abertura política ao ampliar o contingente de votantes, na prática as possibilidades de mudança enfrentavam múltiplos constrangimentos, como, por exemplo, mecanismos que limitavam o alcance da universalização do sufrágio (como a proibição do voto aos estrangeiros), ou entraves legais à renovação das instâncias representativas, principalmente o Senado. Em última instância, o sistema organizava-se de forma a garantir a preservação da ordem através do voto conservador do campo⁶³⁹, em um contexto em que a emergente figura do líder popular de corte carismático reivindicava a autoridade clientelista em que assentava-se a política tradicional.

Embora haja controvérsia sobre a intenção original e o principal beneficiário da Lei Sáenz Peña⁶⁴⁰, entendemos que a reforma eleitoral produziu uma renovação dos quadros políticos sem alterar a estrutura social do país, respondendo de forma exitosa ao

elegir a la lista que obtenga mayor cantidad de votos y el tercio restante a la que le siga (técnicamente, el sistema de voto restringido o limitado). Quedan excluidos del derecho a voto las mujeres y los extranjeros de ambos sexos, como también aquellos varones argentinos comprendidos por razones de incapacidad (dementes, sordomudos), de estado y condición (eclesiásticos, militares, policías, presos, mendigos) y/o indignidad (diez casos, entre ellos el de los dueños de prostíbulos). La ley no se aplica en los Territorios Nacionales, cuyos habitantes varones argentinos mayores de 18 años no tienen derecho a voto en las elecciones nacionales.” ANSALDI, Waldo. *La trunca transición del régimen oligárquico al régimen democrático*. Em: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 18.

⁶³⁸ Citado em: REPETTO, op. cit., p. 125.

⁶³⁹ “*Mientras se mantuviese esa geografía electoral, que protegía celosamente a las viejas circunscripciones electorales, el campo conservador equilibraba el peso de la ciudad liberal o socialista.*” BOTANA, op. cit., p. 256.

⁶⁴⁰ Para Rock, a intenção original da lei era dupla: isolar e desencorajar o golpismo dos radicais e principalmente enfraquecer os socialistas, pois o veto ao voto estrangeiro configurava, na prática, uma discriminação de classe: “*La ley Sáenz Peña apenas abrió el sistema político a los grupos propietarios nativos de clase media y a la minoría de trabajadores que eran oriundos del país. El nuevo sistema constituía una concesión mínima tendiente a restaurar la estabilidad política y resguardar los intereses de la élite.*” ROCK. Op. cit, p. 50. Sartelli tem outra opinião: “*Sin embargo, el principal beneficiario de la ley Sáenz Peña fue el Partido Socialista: si en 1896 sacó 134 votos y 204 en 1902, hasta 1912 no cuenta como fuerza política aunque con 1257 votos haya obtenido el primer diputado socialista de América en 1904. Todavía en 1908 no alcanzaba a los 8.000 votos. Pero la llegada del sufragio universal le reporta dos nuevos diputados (con 35 y 23.000 votos cada uno) y tres más en 1913 (con 48.000). En 1920 sus 86.420 votos lo colocan en posición de fuerza política de primera magnitud en la capital del país, donde tiene a Del Valle Iberlucea en el senado desde 1913 (...)*” SARTELLI, Eduardo. *Celeste, blanco y rojo. Democracia, nacionalismo y clase obrera en la crisis hegemónica. Razón y Revolución*, Buenos Aires, n. 2, 1996. O próprio Justo consigna sua visão da reforma eleitoral nas seguintes palavras, proferidas por ocasião do falecimento de seu autor: “*(...) creemos que el señor presidente de la República, doctor Sáenz Peña, supo comprender en su hora una gran necesidad pública. Actuó en un momento de la historia argentina en que el problema fundamental de era el de la realidad del sufragio, el de la verdad del sufragio universal (...) consiguió hacer del parlamento argentino, un verdadero parlamento moderno. Fue, evidentemente, un civilizador.*” Apud: REPETTO, op. cit., p. 349.

desígnio de uma reforma conservadora. Ainda que o Partido Socialista observe um significativo crescimento no período, chegando a dominar o colégio eleitoral da capital federal⁶⁴¹, o maior ganhador político foi, indubitavelmente, o radicalismo. Ao recorrer a um novo tipo de amálgama político, fusionando grupos regionais em uma organização nacional que canalizava as esperanças populares para uma nova espécie de caudilho eleitoral, a UCR transcendeu exitosamente as fronteiras bonarenses, abandonando o abstencionismo depois de sucessivos golpes frustrados para eleger Hipólito Yrigoyen presidente da República em 1916, inaugurando uma era de ininterrupto domínio político que se estenderia até o golpe militar de 1930.

Entendemos que o triunfo radical sinaliza a derrota das forças sociais que militaram para conciliar abertura política com democratização social na Argentina do começo do século XX e encontraram no Partido Socialista seu principal portador⁶⁴². Apesar do espaço político ocupado e das conquistas da classe trabalhadora no período, o partido será impotente para realizar a integração entre as classes sociais a que aspirava. Neste sentido, a concretização da reforma consumou a superação da *política criolla*, ao mesmo tempo em que frustrou o projeto nacional esposado pelos socialistas.

A despeito desta constatação, que lastreia a rivalidade inconciliável entre socialistas e radicais ao longo de sucessivos governos, Justo sempre avaliou positivamente a reforma, interpretando com otimismo o curso da história argentina coeva⁶⁴³. Subjacente à sua apreciação, revela-se uma leitura do Estado como árbitro do

⁶⁴¹ O Partido Socialista jamais logrou uma penetração significativa fora da Capital Federal, onde até meados dos anos 20 disputou a liderança dos votos.

⁶⁴² A reconstituição da gênese do radicalismo empreendida por Rock permite entrever o seu caráter conservador, que se evidencia diante da agudização dos conflitos sociais durante a presidência de Yrigoyen, quando a repressão ao protesto operário explicitou os limites da postura supraclassista pregada pela ideologia radical (Ver ROCK, op. cit.). “*En contrapartida, el radicalismo era capaz de ganar para su causa la adhesión de trabajadores, aun cuando el denominado “obrerismo” de Yrigoyen muestra su contracara en aquellas situaciones en las que la movilización social se intensifica o radicaliza y/o en aquellas en las cuales la ptoresta obrear aparenta superar las posibilidades de control por las fuerzas policiales: en esos casos, la acción del gobierno fue decisivamente represora. Así ocurrión en 1917 (huelga de trabajadores de la carne y petroleros), 1919 (helga metalúrgica, que lleva a la Semana Trágica), 1919-1921 (huelgas de los obreors de fábricas y obrajes de La Forestal, en Chaco y Santa Fe), 1920-1921 (huelga de los trabajadores rurales patagónicos), 1917-1922 y 1928 (huelgas de los obreros rurales pampeanos.*” ANSALDI, op. cit., p. 35. A minuciosa reconstituição de Bayer dos eventos na Patagonia revela com clareza as ambiguidades do radicalismo. BAYER, Osvaldo. *La Patagonia Rebelde*. 2. ed., Buenos Aires: Booket, 2007, 4 tomos.

⁶⁴³ “*El avance del Partido Socialista prueba que, a lo menos en la zona más culta del país, somos ya una democracia de verdad, la que hoy no se concibe sino como una democracia social.*” JUSTO, Juan B. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933, p. 123. Também: “*Ciudadanos: La política argentina pasa por un momento de revolución pacífica. Es preciso que ésta se extienda y se afirme.*” Ibidem, p. 124.

conflito social, visão que transcende o círculo socialista⁶⁴⁴ e, em última análise, converge com o papel que os radicais atribuíam a si mesmos. O contraste entre as acanhadas mudanças sociais e a significativa ascensão eleitoral socialista a partir da Lei Saenz Peña sugere que o partido acomodou-se no nicho político encontrado⁶⁴⁵, exercendo um papel de oposição parlamentar moderada aos radicais, funcional à reprodução da ordem. Esta percepção é reforçada pela impermeabilidade da política socialista, de um lado, à evolução do contexto argentino, no qual evidenciavam-se os limites de uma estratégia baseada na reforma política e na disputa parlamentar, e, de outro lado, ao impacto causado pela Revolução Russa⁶⁴⁶ no movimento socialista

⁶⁴⁴ Segundo a interpretação de Halperin Donghi, esta é uma percepção amplamente difundida e que prevaleceu no movimento operário à época, inclusive anarquista: *“El movimiento obrero se transforma así una más entre las fuerzas sociales que reconocen en el Estado al árbitro destinado a adjudicar en los conflictos en que se enfrentan. Ya durante el ocaso de la República posible no habían faltado quienes desde el Estado mismo lo habían proclamado dispuesto a asumir esa función y no habían sido pocos luego los que habían confiado en que la instauración de la República verdadera dotaría por fin a es Estado de la autoridad y la vocación necesarias para desempeñar esa tarea de modo digno de una democracia moderna; es decir, no sólo a través de una serie de decisiones puntuales en respuesta a situaciones también puntuales, sino mediante una labor legislativa que diera respuesta más sistemática a los grandes dilemas que dividían a los distintos sectores de la sociedad argentina.”* HALPERIN DONGHI, Tulio. Introdução a: *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2ª ed. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 153.

⁶⁴⁵ Reagindo ao golpe de Primo de Rivera na Espanha contra os “*políticos profesionales*”, Justo se refere à questão nos seguintes termos: *“Yo entiendo por políticos profesionales, no a los hombres que están durante toda su vida en la política porque creo que la política es una actividad normal de todos los hombres, y creo también que haya hombres que por sus aficiones particulares, por sus dotes personales, por circunstancias de su vida, se ven conducidos a estar más o menos permanentemente en la arena política. No creo que sean políticos profesionales los legisladores electos y reelectos muchas veces, siempre que voten en cada caso de acuerdo con lo que piensan. Pero me pregunto: en cuántos casos los legisladores votan, no por lo que ellos sienten o piensan, sino porque entienden que es una buena práctica profesional la de servir de vehículo a clamores más o menos ruidosos que se imponen a la atención pública y a la atención especial de los legisladores, difundidos en buena parte por la prensa, tan cargada de tareas, por la prensa venal, por la prensa cuyos artículos son a veces inspirados por una suma de dinero? Esa es, a mi juicio, la línea que divide a los políticos de los políticos profesionales.”* JUSTO, Juan B. *Quienes són los políticos profesionales*. (Camara de Diputados, Diario de Sesiones, 26-9-1923). In: HALPERIN DONGHI, Tulio, op. cit., p. 482.

⁶⁴⁶ A rigidez das premissas adotadas por Justo se evidencia na forma como interpreta as notícias sobre a revolução russa em curso, reforçando suas próprias concepções. Um exemplo notável: após citar Trotsky e seu empenho em colocar todos os elementos técnicos e humanos acessíveis a serviço da Revolução Bolchevique em um contexto de economia de guerra, Justo conclui: *“Lo que la revolución rusa ha demostrado es lo que ya se sabía o podía suponerse: lo indispensable para la sociedad del trabajo técnico y económico superior.”* Esta constatação endossa a estratégia do socialista argentino: *“Esta debe ser una nueva y grande afirmación de la Internacional Socialista: el movimiento obrero revolucionario necesita y debe incorporar el personal técnico superior y el personal administrativo a la clase trabajadora, tanto en el campo gremial como en el político. No ha de haber interrupción, sino acuerdo creciente y seguro en las relaciones de los trabajadores de todo grado y categoría. Las capacidades técnicas superiores y las capacidades económicas indispensables para el mantenimiento de la vida social y muchos más para su progreso, no ha de buscarlas el proletariado, llegado el caso, en las filas enemigas. Ha de formularlas y desarrollarlas desde ya dentro de su propio campo de acción socialista, en: a) los servicios y la administración municipales; b) los servicios y la administración del Estado; c) la cooperación libre, con sus establecimientos de producción cada vez más numerosos e importantes.”* JUSTO, Juan B. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933, p. 38-40.

mundial⁶⁴⁷. Diante desta realidade, ainda que o Partido Socialista amplie seu espaço parlamentar no decênio seguinte e logre subsistir como organização através do século XX, o sentido progressista da sua crítica esvaziou-se, superado por novas alternativas políticas e ideológicas que configuravam-se no país⁶⁴⁸ e no mundo⁶⁴⁹.

d) BALANÇO

A atuação de Juan B. Justo à frente do Partido Socialista esteve sujeita a polêmicas no seio da esquerda argentina desde os seus primórdios. Posteriormente à sua morte, foi interpretado em função de leituras específicas referidas a projetos socialistas para o país de distintos matizes. Neste tópico, abordaremos a análise do intelectual cordobês José Aricó (1931-1991) escrita no começo dos anos 1980 envolvendo uma interpretação sobre o padrão de luta de classes na Argentina que se projeta do contexto

⁶⁴⁷ O contraste com o militante chileno Luis Emilio Recabarren (1876-1924) evidencia o imobilismo que caracterizou a trajetória de Juan B. Justo e seu partido. Iniciando-se na política através do *Partido Demócrata*, Recabarren foi perseguido e preso diversas vezes em seu país, radicando-se na Argentina no começo do século XX, onde filiou-se ao Partido Socialista. Retornando ao Chile, fundou em 1912 o Partido Obrero Socialista. A análise de seus escritos políticos no período revela significativas convergências com as ideias de Juan B. Justo, sugerindo uma influência notável do socialista argentino. No entanto, Recabarren continuou sua evolução política e, em 1918, participou da fundação do Partido Comunista na Argentina, retornando ao Chile para estabelecer o partido no país nos anos seguintes. Seus escritos, então, revelam uma radicalização significativa, indício de sua permanente evolução política. Ver: RECABARREN, Luis Emilio. Recopiladores: Ximena Cruzat e Eduardo Devés. *Escritos de prensa*. Santiago: Nuestra America e Terranova Editores, 1987. Miguel Silva. *Recabarren y el socialismo*. Santiago: Artes Graficas, 1992. Julio Pinto V. *Desgarros y utopías en la pampa salitrera. La consolidación de la identidad obrera en tiempos de la cuestión social (1890-1923)*. Santiago: Lom, 2007.

⁶⁴⁸ “Sin duda, el partido que recibió el mayor impacto (da Revolución Russa) fue el Socialista, que en dos años sufrió dos escisiones importantes. En 1918 se produjo la salida de los que fundarían el Partido Socialista Internacional, que más tarde se convertiría en Partido Comunista. Es cierto que en este caso el eje de la ruptura fue la nueva orientación del Comité Ejecutivo y del grupo parlamentario frente a la guerra, que al abandonar el neutralismo que el partido había adoptado en 1914 y que la cuestión de la Revolución Rusa fue un ingrediente secundario en ese momento. Pero de todas maneras, las divergencias, al estar centradas en la cuestión de la guerra mundial, se concetaban con los acontecimientos en Rusia y con la política internacional del partido en general. En 1921 se produciría una segunda escisión, la de los “terceristas”, partidarios de la incorporación del PS a la III Internacional. En este caso sí, la Revolución Rusa estuvo en el centro de los debates. Los escindidos, que no fueron todos los que sostuvieron perdidosamente la tesis de integrar la nueva organización mundial, pasaron a las filas del Partido Comunista Argentino.” FALCÓN, Ricardo. *Militantes, intelectuales e ideas políticas*. In: _____ (Dir.). *Nueva Historia Argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

⁶⁴⁹ Justo vinculou-se ativamente à II Internacional Socialista, participando como delegado em Copenhague em 1910 e em Berna e Amsterdã em 1919. Na volta desta última viagem ditou uma série de conferências sobre a Revolução Russa, nas quais, apesar da simpatia manifesta pela revolução, estabelece uma distância nítida em relação ao processo argentino, reafirmando como sua principal referência os países de colonização recente, como Austrália, Nova Zelândia e os Estados Unidos. Em 1924 foi eleito senador, cargo que ocupou até o seu falecimento em 1928, aos 67 anos.

em que viveu Justo para a realidade em que militou Aricó. A seguir, nos referiremos a duas polêmicas coevas que, em nossa opinião, iluminam as limitações ideológicas do pensamento de Justo: as diferenças políticas que culminam na expulsão de Manuel Ugarte (1875-1951) do partido em 1913, e a polêmica sustentada com o socialista italiano Enrico Ferri (1856-1929) por ocasião de sua visita ao país em 1908. Através do exame crítico destes debates, pretendemos contribuir para um balanço político e ideológico do legado do socialista argentino.

José Aricó localiza a raiz do fracasso socialista em afirmar-se como uma alternativa hegemônica na Argentina do começo do século XX nos pressupostos teóricos adotados por seu principal ideólogo. Na sua visão, a premissa filosófica oriunda do realismo ingênuo, que assume uma transparência entre os fenômenos da realidade e o conhecimento, conduziria Justo a identificar o processo de modernização com a própria constituição do ator social do socialismo, o que, em última análise, derivaria em nexos entre progresso e socialismo. Como decorrência deste enfoque, a modernização seria interpretada, no plano subjetivo, como a superação de formas de pensamento não científicas, da religião ao anarquismo, em nome da afirmação do socialismo científico. Na sua dimensão objetiva, a formação dos trabalhadores socialistas seria entendida como o processo de apropriação progressiva das capacidades técnicas e diretivas de gestão econômica e política⁶⁵⁰.

Nesta identificação entre progresso e socialismo como movimento e desígnio da história universal radicaria a ausência da dimensão nacional no projeto do socialismo argentino. Segundo Aricó, ao estabelecer-se no pensamento de Justo uma estreita relação de continuidade entre história e política, seriam desproblematizados os nexos entre realização nacional e hipótese socialista⁶⁵¹. A consequência seria a ausência entre os socialistas argentinos de uma perspectiva de conquista do poder, apesar da compreensão do papel de direção de classe exercido pelo partido:

⁶⁵⁰ Como vimos, o problema da *praxis*, enfocada pelo materialismo histórico como uma dialética entre teoria e ação necessária à formação da consciência crítica em uma sociedade na qual aparência e essência não coincidem, é reduzido a uma pedagogia imediata que tem uma dimensão ideológica e outra produtiva. Na visão de Justo, esta facilidade é tanto maior em um país virgem de ideias como a Argentina, onde os trabalhadores têm menos resquícios ideológicos a superar. Por outro lado, Avé Lallemant via na rarefeita tradição intelectual argentina não uma virtude, mas simplesmente um elemento de atraso.

⁶⁵¹ “Al transformar el segundo de los términos en la plena consumación del primero, Justo hace emerger la necesidad de una resolución socialista de las propias raíces de la historia nacional, aunque al precio, como veremos, de desconocer el carácter profundamente disruptivo, y por tanto discontinuo, de la revolución socialista.” ARICÓ, José. *La hipótesis de Justo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999, p. 85.

*Enfatizando correctamente la importancia trascendental de la lucha política, contribuía a hacer del proletariado una fuerza activa en la renovación de la sociedad argentina, pero la visible ausencia en su programa de una estrategia de poder conducía inexorablemente a encerrar la lucha obrera en el estrecho marco de una pura acción defensiva*⁶⁵².

Consequência política desta suposta continuidade entre modernidade e socialismo será a inabilidade dos socialistas em aproximar-se dos movimentos populares de ascendência diversa, anarquista ou radical, identificados sumariamente com o atraso⁶⁵³. Segundo Aricó, passa despercebido por Justo que estas ideologias encontram lastro na morfologia irregular da formação social argentina, que o socialista argentino tende a enxergar de forma homogênea⁶⁵⁴. Ao interpretar como resquícios do passado elementos que indicam uma maior complexidade da estratificação social, Justo superestimaria a capacidade depuradora do capitalismo⁶⁵⁵. Disto resulta, na interpretação de Aricó, uma impossibilidade de articular democracia e socialismo.

Assim, se o Partido Socialista captou a importância de superar o “*vago cosmopolitismo prepolítico*”⁶⁵⁶ que caracterizava a militância argentina até este momento, não compreendeu que a modernização pela qual pressionava produzia uma estratificação social que, dadas as características da formação socioeconômica argentina, distava de ser homogênea. Isto produziu um sectarismo, aliás recíproco, que acentuou as dificuldades do socialismo para relacionar-se, ou para impor-se, aos movimentos aderidos às ideologias concorrentes do anarquismo e do radicalismo. Como consequência, a autonomia dos trabalhadores arduamente defendida por Justo tendeu ao isolamento corporativo, reforçado por uma incapacidade de definir satisfatoriamente o problema das alianças políticas.

⁶⁵² Ibidem, p. 93.

⁶⁵³ “El bloque eventual de las clases subalternas era de hecho fragmentado en dos sectores antagónicos y en relación de competencia según un abstracto criterio de modernidad que dejaba fuera un reconocimiento acertado de la naturaleza real del conflicto de clases.” Ibidem, p. 117.

⁶⁵⁴ “Al sobredimensiona el grado de homogeneidad capitalista de la formación económico-social argentina y la virginidad política e ideológica de las clases populares, Justo se ve impulsado por la propia lógica de su razonamiento a simplificar los términos de la lucha de clases.” Ibidem, p. 120.

⁶⁵⁵ “El atraso, los parasitismos, las sedimentaciones pasivas no constituyen (para Justo) elementos inseparables de la morfología de lo “nuevo”, sino apenas expresiones de lo viejo que una inteligente política transformadora debe transformar.” Ibidem, p. 116.

⁶⁵⁶ Que não se confunde com o internacionalismo classista. Nas palavras de Gramsci: “(...) el concepto de revolucionario y de internacionalista, en el sentido moderno de la palabra, es correlativo con el concepto preciso de Estado y clase social;” Citado por ARICÓ, op. cit., p. 123.

Compartilhamos as linhas gerais do raciocínio de Aricó, mas não a conclusão política que extrai, assentada na premissa de que havia espaço para uma radicalização democrática do primeiro governo radical e, portanto, para a reforma do capitalismo argentino⁶⁵⁷. Esta interpretação subestima o caráter de classe do radicalismo, remetendo para o terreno da política a impotência socialista que, em nossa opinião, está referenciada nos constrangimentos estruturais para a superação do padrão de luta de classe herdado da colônia. Sob este prisma, o problema das alianças políticas colocado por Aricó é um aspecto do desafio mais amplo de mobilizar as classes sociais em nome de um projeto de dilatação da democracia argentina. Neste sentido, a estratégia de reforma socialista revelou-se insuficiente para conquistar a hegemonia sobre a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que foi ineficaz para sedimentar uma área de consenso social junto às classes dominantes. De um lado, ao apostarem no diálogo como caminho para as conquistas sociais, os socialistas limitaram sua ascendência sobre um operariado que, na prática, sofria com a intolerância política no país, aspirando a modalidades mais contundentes de pressão do que o voto. Por outro lado, ao acreditarem no interesse das classes dominantes pela democratização social, os socialistas deixaram-se envolver por uma reforma política que estava desenhada para contê-la.

No plano estrutural, o fracasso do reformismo socialista é, em nossa visão, expressão dos constrangimentos enfrentados por um projeto que buscou conciliar reforma política e democratização social nos marcos da economia exportadora primária. A proposta de superar a assimetria social legada pela colônia sem rever a inserção argentina no mercado mundial está assentada na crença de que a modernização

⁶⁵⁷ Segundo Aricó, a consequência histórica mais grave desta postura se evidenciou durante a crise social que atravessou o governo radical em 1919, quando os preconceitos socialistas impediram uma leitura que enxergasse nos esforços do presidente Yrigoyen a intenção sincera de consolidar os fundamentos de uma democracia avançada. *“Porque fue precisamente durante esa crisis cuando la intuición de una dirección de progreso que poseyó siempre a Yrigoyen mostró una capacidad inesperada para entrever la posibilidad de una resolución de la crisis que abriendo-se a las reformas sociales fundara en éstas las bases para la instauración de un sólido régimen de democracia avanzada.”* Neste momento crítico, explicitam-se os limites da teoria e prática de Justo, em que seu *“socialismo aristocratizante”* conduz ao deslocamento para o plano formal de toda política objetiva de aliança de classe e de qualquer projeto de conquista do poder. *“Alejados como estuvieron de toda perspectiva de poder, no alcanzaron a vislumbrar hasta qué punto la crisis social y la disponibilidad de Yrigoyen los colocaba objetivamente ante una responsabilidad dirigente que sólo pudieron eludir, porque la consolidación de una democracia de tendencias radicales y sociales, tan pregonada por ellos, estaba colocada en un plano formal y no práctico.”* Ibidem, p. 118. Mais além dos limites intrínsecos da proposta de Justo, esta passagem evidencia a premissa interpretativa do próprio Aricó, assentada em uma leitura da história argentina de matriz gramsciana, que aponta como desafio precípua dos socialistas o estabelecimento de um projeto social alternativo que dispute a hegemonia sobre a classe trabalhadora como estratégia política de sentido transformador.

econômica levaria automaticamente à democratização social, prescindindo da mediação do Estado nacional. Referenciada no esquema teórico de Justo, a diluição da luta de classes e do confronto intranacional inerentes à expansão capitalista em nome de um humanismo universal gerou como consequência o eclipse da nação como objetivo histórico e do Estado como problema político. Os nexos entre a ausência da dimensão nacional e a carência de uma estratégia de conquista do poder no projeto socialista têm raízes políticas na incompreensão do fenômeno do imperialismo.

Esta ausência evidenciou-se na relação atritosa entre o partido e Manuel Ugarte, pioneiro na denúncia de um imperialismo estadunidense na Argentina, defensor da unidade latino-americana e da autodeterminação econômica do país⁶⁵⁸. Embora seu anti-imperialismo não esteja fundado em nexos claros entre a economia e a política⁶⁵⁹, resultando um nacionalismo que, ao diluir a questão social e o protagonismo popular⁶⁶⁰, obscurece o lugar do internacionalismo e a dinâmica da luta de classes no espaço

⁶⁵⁸ “(...) *la argentina será industrial o no cumplirá sus destinos*”. UGARTE, Manuel Ugarte. *La nación latinoamericana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987, p. 139. E no programa publicado em 1916: “(...) *fomentaremos las iniciativas argentinas (...) subrayando el nacionalismo político con el nacionalismo económico haciendo que las iniciativas que nacen, evolucionan y quedan en el país sustituyan por fin a las fuerzas económicas que vienen del extranjero y vuelven a él, llevándose gran parte de nuestra riqueza*.” Ibidem. Sobre a trajetória e o pensamento de Ugarte, consultar, além da obra já citada: GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte y la lucha por la unidad latinoamericana*. Buenos Aires: Corregidor, 2001; ÁNGEL BARRIOS, Miguel. *El latinoamericanismo en el pensamiento de Manuel Ugarte*. Buenos Aires: Biblos, 2007.

⁶⁵⁹ Mais especificamente, entre imperialismo e luta de classes. Ugarte alerta para a modalidade econômica de colonialismo, que dispensa a ocupação direta, mas não estabelece os nexos entre a pressão política dos Estados Unidos e os interesses corporativos que seu estado representa. Por exemplo, critica: “(...) *el censurable expansionismo político que ha acompañado en estos últimos tiempos la legítima influencia comercial de EUA*”. UGARTE, op. cit., p. 81.

⁶⁶⁰ O lugar subordinado (mas não ausente) da questão social evidencia-se no programa publicado na primeira edição do jornal *La Patria* em 1916, em que não há, por exemplo, referência explícita ao campo argentino. UGARTE, op. cit., p. 135. Halperin Donghi contrasta a ideologia de Ugarte com a de Alfredo Palacios nos seguintes termos: “(...) *mientras este (Palacios) abrazaba con igual fervor nacionalismo y socialismo, Ugarte subrayaba la incompatibilidad entre la exigencia de lealtad prioritaria a la nación y a la clase*.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 114.

nacional⁶⁶¹, seu projeto para a Argentina contém os pontos nodais para uma revolução democrática burguesa como via para a formação nacional⁶⁶².

Filiado ao Partido Socialista desde 1903, suas diferenças ideológicas culminaram em uma polêmica nas páginas de *La Vanguardia*, detonada por um artigo em que insinuava-se um sentido progressista na cisão provocada pelos Estados Unidos na Colômbia, que está na origem da criação do Estado do Panamá. A consequência dos atritos foi a expulsão de Ugarte do partido em 1913, levando-o a um progressivo isolamento político, agravado pela opção em viver fora do país⁶⁶³. A despeito de vicissitudes de temperamento e habilidade política pessoal⁶⁶⁴, a baixa incidência que suas propostas tiveram na Argentina do começo do século pode ser interpretada como um testemunho da força ideológica que gozava a “ilusão do progresso” neste contexto, transcendendo o campo socialista e envolvendo todo o debate político nacional⁶⁶⁵. Neste

⁶⁶¹ Identifica uma relação de dominação entre as nações: “*Así como en la vida nacional hay clases, en la vida internacional hay naciones*” (Ibidem, p. 11) - mas não os nexos entre Estado e luta de classes no seu interior. Daí que apoie o voto dos socialistas alemães pelo crédito de guerra, por exemplo. Segundo Halperin Donghi: “*Sin duda, el eco cada vez más escaso que encuentra la prédica de Ugarte se vincula en parte a que en ésta sobrevive demasiado de una problemática ya definida en el marco de la Francia del Segundo Imperio, para la cual la clave del drama latinoamericano debía buscarse menos en la gravitación del imperialismo que en la rivalidad ancestral entre pueblos anglosajones y latinos, a la vez que de una visión del sistema mundial y del equilibrio entre las grandes potencias que no se había renovado desde la preguerra.*” HALPERIN DONGHI, Tulio. Introdução a: *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2. ed. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 113-114.

⁶⁶² “*Lo que verdaderamente urge es regular el trabajo, explotar y poner en circulación los productos naturales y extender la civilización hasta los más lejanos territorios.*” UGARTE, op. cit. p. 210.

⁶⁶³ Ao romper com o Partido Socialista, Ugarte denunciou o que avaliava como um extremismo de sua prática, sintetizando sua diferença com o partido em 4 pontos, que defendia, referidos a um projeto nacional: exército, religião, propriedade e pátria. O deputado Alfredo Palacios também notabilizou-se por associar nacionalismo e socialismo, defendendo a presença da bandeira argentina junto ao estandarte vermelho, e foi expulso do partido em 1915. Embora o motivo declarado desta medida seja o envolvimento em um duelo com um parlamentar radical, é sintomático que Palacios, que será influenciado nos anos 20 pela difusão do ideário de unidade latino-americana, regresse ao Partido em 1928, quando morre Justo.

⁶⁶⁴ Halperin Donghi enxerga no egocentrismo “*casi un rasgo generacional*”, contrastando Ugarte e Palacios deste ponto de vista: “*Ugarte despliega también él (como Palacios) un egocentrismo que es casi un rasgo generacional (aflora igualmente en Ingenieros, en Lugones, en Rojas), pero éste asume modalidades opuestas a las que harían de Palacios una notabilidad americana, mientras su trayectoria de agitador por la causa de la Patria Grande ingresaba en una curva cada vez más abruptamente descendente.*” HALPERIN DONGHI, Tulio. Introdução a: *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2ª ed. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 113.

⁶⁶⁵ A defesa da unidade latino-americana preconizada por Ugarte será impulsionada no país (e no continente) a partir da luta pela reforma universitária iniciada em Córdoba em 1918. Portantiero aponta que o desencanto com o Ocidente na esteira da Grande Guerra confluiu com o impacto da Revolução Mexicana para motivar um questionamento civilizatório, expresso no caráter continental da ideologia do movimento, cujo manifesto inaugural falava em uma “*hora americana*”. Do ponto de vista do legado político, no entanto, sua repercussão será reduzida na Argentina em comparação com o Peru, país onde a Guerra do Pacífico já explicara no século XIX as limitações de uma modernização dependente. Assim, enquanto no país andino eclodiu um fértil debate sobre os nexos entre imperialismo e revolução nacional, protagonizado por Haya de la Torre, Mariátegui e o cubano Julio Antonio Mella, e que deriva na

contexto, a visão dos socialistas aparece subordinada aos constrangimentos ideológicos impostos pela expansão econômica que, como observa Aricó, deslocavam a um ponto cego da política argentina as limitações implícitas a um padrão de desenvolvimento dependente⁶⁶⁶:

*En tal sentido, vale la pena recordar que salvo en las fantasmagóricas recreaciones de estas corrientes “nacionales”, no existió en la Argentina anterior a los años treinta ningún grupo que opusiera un programa de desarrollo económico alternativo, y fundado en el predominio industrial, al impuesto por el bloque oligárquico-imperialista*⁶⁶⁷.

Do ponto de vista das relações de classe, ao ofuscar a natureza dependente do capitalismo argentino, esta visão ideológica do progresso subestimava a articulação entre expansão econômica e um padrão de exploração do trabalho oriundo do passado colonial. Em outras palavras, revelava a face moderna ocultando o atraso do desenvolvimento argentino.

Este é o substrato da crítica realizada pelo socialista italiano Enrico Ferri por ocasião de sua visita à Buenos Aires em 1908. A despeito do dogmatismo e do eurocentrismo que marcam a sua leitura da realidade argentina, Ferri apontou para a singularidade do país quando comparado ao capitalismo europeu, o que, no seu esquema de ressonância positivista, expressa-se na centralidade da atividade agroprecuária, levando-o a concluir que o socialismo argentino era uma “flor artificial”⁶⁶⁸.

fundação da APRA e do PC peruano, na Argentina sua repercussão ideológica não incidiu decisivamente na pauta política, mas influenciou a fundação da *Unión Latinoamericana* sob a liderança de José Ingenieros, de atuação restrita ao ambiente intelectual. Ver a respeito: PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina. 1918-1930. El proceso de la reforma universitaria*. México: Siglo XXI, 1978.

⁶⁶⁶ A força e a persistência deste substrato ideológico evidenciam-se em Aníbal Ponce (1898-1938), outro pioneiro na difusão do materialismo histórico na Argentina. Nascido em 1898, compartilhou muitas das premissas de Justo – como a admiração por Sarmiento; a Europa como padrão civilizatório e a ausência de uma dimensão latino-americana em sua reflexão; a identificação do radicalismo com a política *criolla*, do *gaucho* com o atraso e uma imagem da Argentina vista pelas lentes de Buenos Aires. Há indícios de que Ponce orientava-se a questionar parcialmente estas posições nos anos 1930, mas morreu prematuramente. TERÁN, Oscar. *Anibal Ponce. El marxismo sin nación?* México: *Cuadernos de Pasado y Presente*, n. 98, 1983. Terán enfatiza as relações entre o pensamento de Ponce e os movimentos da III Internacional, mas, surpreendentemente, não se refere à ideologia do socialismo vernáculo e a Justo.

⁶⁶⁷ ARICÓ, op. cit., p. 107.

⁶⁶⁸ FERRI, Enrico. El Partido Socialista Argentino. In: JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1947, p. 236-240. A expressão é empregada por Justo para sintetizar a visão do socialista italiano, que considera que o socialismo argentino cumpre a função de um partido “radical positivo” no “sentido europeo de la palabra” ou seja: como as agremiações que existem na

A polêmica enfureceu Justo, que redigiu uma resposta elaborada denunciando os destemperos do socialista italiano. No entanto, ao abordar concretamente a relação entre socialismo e sociedade agrária em sua réplica, o líder local apenas enunciou que estas dificuldades não eram peculiaridade argentina, sendo maiores na Europa. Em seguida, deslocou o debate da teoria para o presente, afirmando que a parte mais viva do marxismo seria a luta de classes, o que significa estabelecer as conquistas objetivas da classe trabalhadora como critério prevalente da razão política sobre qualquer dogma.

Por trás do tom emotivo da polêmica, evidencia-se um contraste no olhar dos contendentes: enquanto o italiano focalizava a Argentina rural, Justo dirigia-se à cidade, revelando mais do que uma debilidade ideológica, uma limitação orgânica na trajetória do partido. Se é verdade que o Partido Socialista argentino elaborou um programa para o campo e seu líder estava familiarizado com esta realidade e seus problemas, sua prática política sempre concentrou-se nas cidades e, especificamente, na capital federal. Em termos teóricos, este enraizamento urbano não foi balanceado por uma problematização da relação entre trabalhadores rurais e urbanos, ou entre campo e cidade, no contexto de uma estratégia de tomada de poder. Assim, a polêmica com Ferri revela indiretamente a outra face da ideologia do progresso na qual está subsumida a visão política de Justo: enxergou a Argentina sob o prisma da cidade, assim como encarou o país como parte do capitalismo central. Ao concentrar seu olhar na intersecção entre o desenvolvimento argentino e o capitalismo central, plasmado em Buenos Aires, subestimou as especificidades cá e lá: daqui, excluiu o atraso e o rural e, de lá, o imperialismo.

Em síntese, a trajetória do Partido Socialista argentino até os anos 1920 revela os rígidos limites para o aprofundamento da democracia nos marcos da economia exportadora primária. A extraordinária expansão econômica do começo do século provocou a urbanização do país e uma elevação do padrão de vida dos trabalhadores, mas foi incapaz de superar a precária integração regional e social legada pela colônia, para promover uma distribuição relativamente equitativa dos frutos do crescimento entre as diferentes regiões e estratos sociais do país. No plano da luta de classes, o impacto limitado do esforço socialista evidenciou, de um lado, a estreita margem de negociação das classes dominantes, restringindo a mudança ao mínimo necessário para reproduzir as estruturas da acumulação capitalista. E, de outro lado, explicitou a

França e na Itália, lideradas por Clemenceau e Sacchi. Para Ferri, este papel não é preenchido pela UCR, definida como um partido do “*mundo da luna*”. Ibidem, p. 239.

impotência das classes trabalhadoras para avançar um projeto de integração nacional baseado na dilatação democrática das instituições da ordem. Em uma circunstância na qual a reforma arrancada envolveu a incorporação dos socialistas como oposição parlamentar, a cooptação mostrou-se como um recurso alternativo para neutralizar o potencial subversivo do protesto operário em ascensão. Assim, a experiência socialista revela a vulnerabilidade teórica e política da dissociação entre integração e soberania na Argentina no começo do século, explicitando os constrangimentos enfrentados para a democratização da sociedade quando o crescimento econômico projeta-se fora do esquadro da revolução nacional.

CAPÍTULO 4
FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS
PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: RICARDO FLORES MAGÓN
E A REVOLUÇÃO MEXICANA.

CAPÍTULO 4

FORMAÇÃO NACIONAL NA AMÉRICA LATINA NOS PRIMÓRDIOS DO IMPERIALISMO: RICARDO FLORES MAGÓN E A REVOLUÇÃO MEXICANA.

4.1) FORMAÇÃO MEXICANA

a) A MARCA DA COLÔNIA

A descoberta das minas de prata em Potosí (1545) no Vice-Reino do Peru e em Zacatecas (1546) no Vice-reino da Nova Espanha, dirigiu o esforço colonial castelhano para a exploração mineira destas regiões, segundo o desígnio original da empresa ultramarina nos marcos de uma política mercantilista⁶⁶⁹. Neste contexto, o México abandonou a situação de estação avançada do empreendedorismo castelhano para afirmar-se como um dos pólos nucleares do Império colonial espanhol, condição sustentada até a crise que desembocaria na independência.

Além do rico potencial mineral, o altiplano andino e a meseta central mexicana revelaram-se regiões intensamente ocupadas e exploradas desde séculos antes das viagens de Colombo, abrigando organizações políticas, sociais e econômicas relativamente desenvolvidas no contexto americano. Nestas regiões, o Império colonial assentou-se sobre estruturas de organização do trabalho já existentes, aliando-se freqüentemente a lideranças locais para estabelecer um padrão de exploração econômica articulado ao exclusivo metropolitano, vinculando o principal da riqueza produzida na exploração mineira e no trabalho agrícola, ao processo de acumulação originária em curso no continente europeu. Sob o prisma mercantil que movia a colonização, homogenizava-se a diversidade das culturas autóctones, como observa uma especialista: “*Desde el punto de vista de la sociedad colonial, la sociedad indígena se uniformó en un solo nivel: los tributarios.*”⁶⁷⁰,

No México, os primeiros decênios da conquista tiveram um impacto devastador sobre a população aborígene, causando uma mortandade considerada por alguns autores,

⁶⁶⁹ Sobre o mercantilismo, consultar o trabalho pioneiro de: HECKSHER, Eli. *La Epoca Mercantilista*. México: FCE, 1943.

⁶⁷⁰ TOSCANO, Alejandra. El siglo de la conquista. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976, t. 1, p. 348.

como a maior crise demográfica da história moderna⁶⁷¹. Esta situação precipitou, a partir de meados do século XVI, uma intervenção de duplo sentido da Coroa, visando ao mesmo tempo subordinar o poder dos *encomenderos* e estancar a dizimação da população aborígine, tencionando retomar as rédeas sobre a empresa colonial⁶⁷², inicialmente baseada na iniciativa individual dos conquistadores. Confrontada com o dilema de conciliar o recurso à mão de obra indígena com a sua proteção, a Coroa determinou o esvaziamento progressivo da instituição da *encomienda*, sem no entanto, abalar os fundamentos da exploração do trabalho indígena⁶⁷³.

O morticínio indígena corroborou os efeitos da crise metropolitana no século XVII sobre o Vice-reino da Nova Espanha⁶⁷⁴, onde o estancamento da produção mineira⁶⁷⁵ e a intermitência dos vínculos mercantis com a península produziram as condições para um relativo fechamento da economia colonial sobre si mesma⁶⁷⁶. Neste contexto, conformou-se a *hacienda* como instituição característica da ocupação e exploração do campo mexicano⁶⁷⁷, articulando a concentração fundiária para a criação

⁶⁷¹ “*Aunque no se han podido medir las dimensiones de la crisis demográfica que siguió a la conquista, sabemos que la población de Nueva España no alcanzó sus niveles prehispánicos hasta la segunda mitad del siglo XVIII.*” COSÍO VILLEGAS, Daniel. *Historia Mínima de México*. México: Colegio de México, 1973, p. 64. Estima-se um decréscimo de 25,3 mi 1519 para 1,0 mi 1605, o que configuraria “*la mayor crisis demografica de la historia moderna.*” TOSCANO, op. cit., p. 350.

⁶⁷² “*El segundo periodo del siglo de la conquista se caracterizará precisamente por la tendencia opuesta, o sea a un aumento de la función real en la toma de decisiones, un mayor control de los abusos de los conquistadores y el surgimiento de una política deliberada de protección legal al indígena.*” COSÍO VILLEGAS, Daniel. *Historia Mínima de México*. México: Colegio de México, 1973, p. 49.

⁶⁷³ “*Gracias a una poderosa burocracia de legistas, puesta al servicio de una política admirablemente constante, la encomienda acabó por quedar reducida, en la práctica, al derecho de cobrar un tributo fijo, y mientras tanto se iban suprimiendo poco a poco los repartimientos o servicios de trabajo impuestos por los conquistadores a las comunidades indígenas.*” LIRA, Andrés; MURO, Luis. *El siglo de la integración*. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976, t. 1, p. 374.

⁶⁷⁴ “*Además, las investigaciones sobre el comercio y la minería indicaban que la crisis del XVII era más bien una crisis metropolitana y no particular de la Nueva España.*” FLORESCANO, Enrique; SÁNCHEZ, Isabel Gil. *La época de las reformas borbónicas y el crecimiento económico (1750-1808)*. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976, t. 1, p. 476. Sobre a crise europeia consultar: BRAUDEL, Fernand; SPOONER, Frank. *Prices in Europe from 1450 to 1750*. In: RICH, E. E., WILSON, C.H. *The Cambridge Economic History of Europe. The Economy of Expanding Europe in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Cambridge, 1967. v. 4.

⁶⁷⁵ “*Entre 1650 y 1750, la minería de Nueva España pasa por un periodo de estancamiento.*” LIRA & MURO, op. cit., p. 424.

⁶⁷⁶ “*A mitad del XVII, la producción de plata se reduce tanto, que la economía de Nueva España se repliega dentro de sus fronteras, y en este territorio se localizan economías autosuficientes, cerradas al tráfico marítimo con la metrópoli.*” LIRA; MURO. *Ibidem*, p. 424

⁶⁷⁷ Existe uma intensa polêmica sobre a formação e desenvolvimento da *hacienda* mexicana, cujo ponto de partida é a obra de Chevalier, publicada originalmente nos anos 1950: CHEVALIER, François. *La formación de los latifundios en México*. México: FCE, 1985. “*Es entonces cuando se determina los rasgos de la gran propiedad, que tiende hacia las formas semifeudales típicas de esta colonización muy extensiva y esencialmente continental (...) es decir sin comunicaciones fáciles con el exterior: funciones locales de justicia acaparadas por los señores, prisiones privadas de las haciendas para los esclavos y*

pecuária com modalidades extra-econômicas de coerção ao trabalho, em uma realidade em que o poder dos proprietários rurais gozava de autonomia em relação ao Estado espanhol⁶⁷⁸.

A prevalência das minas, da *hacienda* ou da agricultura comunitária sinalizam desde o início da colonização mexicana para padrões de exploração e ocupação do território diversos em função dos estímulos econômicos regionais, resultando em distintos padrões de sociabilidade subordinados às determinações gerais da empresa colonial. Em linhas gerais, para além do eixo mercantil constituído pela capital no altiplano e sua conexão com o porto marítimo de Veracruz, que concentra os nervos burocráticos e econômicos da administração castelhana, perfilam-se realidades

también para los peones indios; a menudo tropas personales de los propietarios, quienes llevan el título de 'capitán' y se encargan de perseguir a los bandidos, de combatir a los indios nómadas del norte o los desembarco de los piratas." CHEVALIER, François. *La gran propiedad en México*. In: _____. *La formación de los latifundios en México*. FCE, México, 1985, p. 502. Obras posteriores questionam, entre outros aspectos, esta visão da *hacienda* como uma unidade produtiva isolada ou semi-feudal, como sugere o autor francês. Uma aproximação ao debate encontra-se em: VAN YOUNG, Eric. *Mexican Rural History Since Chevalier: The Historiography of the Colonial Hacienda*. Latin American Research Review, Vol. 18, No. 3 (1983), pp. 5-61. Este autor escreve: "*To anticipate my conclusions a bit, even if one takes the most catholic and nonrigorous view of the matter, the range of observed variation in the nature of agro-social units called haciendas was enormous during the colonial and early national periods. Furthermore, if in order to cast the theoretical net as widely as possible, one charts each of the major variables along a continuum ranging from "little" at one end to "much" at the other, instead of looking for their presence or absence, the category of "hacienda" is likely to become so broad as to be nearly meaningless. What does this polymorphism suggest? For one thing, it suggests that the Mexican hacienda may have been an effect rather than a cause, its historical role that of a dependent rather than an independent variable, and that we have been studying rural history the wrong way around. Indeed, several authors (Chevalier 1966; Frank 1979) have asserted that the Spanish American hacienda was a child of the New World—a cultural and economic response to specific conditions encountered there by Europeans—rather than a form transferred intact from the Old World. If this assumption is correct, as the abundant research increasingly indicates, then much of the debate, revisionism, and sturm und drang over the nature of the hacienda has been misplaced. We will never fully understand Mexican agrarian history until we shift our focus outward from the hacienda to encompass other elements in the countryside and look carefully at rural economy and society as a system in which the rural estate was only one important part.*" Ibidem, p. 14-15.

⁶⁷⁸ A definição da *hacienda* é motivo de controvérsia, assim como a *plantation*: "*One would think that sharper definitions would be the first recognizable product of a rapidly growing field of research such as colonial Mexican rural history, yet sharp definitions have been the first victims of recent investigations. The most basic piece in the conceptual arsenal, the model of the hacienda, has been damaged almost irreparably. It is probably easier to say what a hacienda was not than to say what it was. It was not a capitalist family farm, like those found in many areas of the Western world today; nor was it a communal or cooperative enterprise like an intact Indian village; nor was it based upon peasant or subsistence agriculture, although in its most underutilized form it might appear to be similar to all of these. If one shifts from trying to define the hacienda in terms of a style of production to trying to define it in terms of a limited number of major variables presumably common to all instances, the problem becomes more difficult.*" Ibidem, p.14. Consultar a respeito: WOLF, Eric; MINTZ, Sidney. *Haciendas and plantations in Middle America and the Antilles*. Social and Economic Studies 6: 380-412 (1957); FLORESCANO, Enrique (Org.). *Haciendas, latifundio y plantaciones en América Latina*. México: Siglo XXI, 1975.

sócioeconômicas distintas entre o norte, onde imperam a mineração e a pecuária, e o centro-sul da colônia, dominado pela atividade agrícola⁶⁷⁹.

Ao norte do Vice-Reino, a localização das minas não coincidiu com concentrações indígenas, gerando um problema crônico de mão de obra que fomentou um regime de assalariamento precoce em relação ao resto da colônia, resultando em uma sociedade de fronteira caracterizada por maiores possibilidades de mobilidade social e integração cultural. Na região centro-sul, onde assentava-se o principal contingente aborígene, prevaleceram as relações de produção típicas da comunidade indígena, ainda que a expansão da *hacienda* e da economia de mercado ameaçasse progressivamente a sua autonomia através dos séculos. O contraste entre as relações de produção dominantes em cada região gerou padrões de sociabilidade distintos, como observa uma estudiosa do assunto:

Los indígenas del centro tendrán que mantenerse siendo indígenas, pues así conviene al funcionamiento equilibrado de la sociedad colonial. (...) En el norte el indígena gozará de mayor libertad de movimiento, se urbanizará más fácilmente. Los frenos a la aculturación no existen de hecho en el vasto norte. Ahí se desarrollará una sociedad más hispanizada. Ahí nacerá la futura sociedad de mestizos y criollos. Diferencias regionales que se harán más patentes al correr de los años recibieron su semilla durante el siglo XVI⁶⁸⁰.

Constrangimentos econômicos, culturais e jurídicos estabeleceram rígidos limites à integração da sociedade colonial mexicana onde alcançava a administração castelhana. De um lado, a necessidade de proteger o indígena produziu um ordenamento político que, ao discernir entre a *República de Indios* e a *República de Españoles*, transformou os primeiros na condição de tutelados do Império, sujeitos a uma série de restrições que limitavam sua circulação, possibilidades de trabalho e acesso à

⁶⁷⁹ “Pero si las estancias dedicadas a la cría de ganado han formado los marcos inmensos de las haciendas en la mayor parte de México, sobre todo hacia el norte y las costas casi desiertas de habitantes, desde el principio por lo contrario, la agricultura tuvo su asiento en las regiones privilegiadas y bien pobladas de indios sedentarios del centro y del sur.” CHEVALIER, op. cit., p. 501.

⁶⁸⁰ TOSCANO, op. cit., p. 365. “Todo lo anterior muestra las enormes diferencias que existen desde el siglo XVI entre la sociedad colonial que se desarrolla en el centro del país y la de las tierras que se extienden más allá de la frontera de indios sedentarios. Una es una sociedad agrícola que aprovecha una mano de obra indígena concentrada y jerarquizada. La otra es una sociedad abierta, de minería, de ganadería extensiva, que carece de población estable y mantiene la movilidad permanente de la penetración de la frontera.” Ibidem.

educação⁶⁸¹. De outro lado, a miscigenação étnica provocou um corpo de discriminações jurídicas em torno à categorização de casta, em que a própria imprecisão da noção colaborava para preservar um estrito apartamento entre os estratos sociais⁶⁸². Assim, o caráter ideológico dos parâmetros de estratificação interna revelava-se funcional à reprodução das estruturas em que assentava-se a exploração colonial, como observam Florescano e Sánchez:

*Lo importante es que mediante estos sistemas de estratificación interna la élite colonial pudo cooptar y absorber a individuos y grupos de los estratos bajos, quienes adoptaban sus valores y aspiraciones, sin que por ello se quebrantaran las bases de la profunda estratificación que articulaba al sistema. Ésta fue una de las herencias más duraderas que dejó este sistema a la república posterior*⁶⁸³.

Tomadas no seu conjunto, as normas políticas e jurídicas que balizavam o rígido padrão de estratificação da sociedade mexicana sedimentaram os condicionamentos econômicos impostos pela racionalidade mercantil, assentada na reprodução das assimetrias que sustentava o negócio colonial⁶⁸⁴.

b) EMANCIPAÇÃO MEXICANA

No início do século XIX o Vice-Reino da Nova Espanha era o núcleo dinâmico do Império espanhol na América, concentrando quase a metade dos súditos americanos⁶⁸⁵ e aportando cerca de três quartos das receitas coloniais. A riqueza

⁶⁸¹ ZAVALA, Silvio. *La colonización española en América*. México: SEP Setentas, 1972.

⁶⁸² “Aunque étnica y ocupacionalmente es difícil delimitar los varios grupos de castas, la sociedad colonial encontró un medio legal para identificarlos y asignarles lugar. Mediante leyes especiales que especificaban su calidad y la inscripción en las listas de tributo y los registros parroquiales, las castas fueron marcadas desde su nacimiento con una nota infamante que declaraba su baja condición y les impedía ejercer cualquier cargo público, ascender a la categoría de maestros en los gremios, disfrutar de los derechos que gozaban los criollos y españoles y de las defensas que protegían a los indios”. FLORESCANO & SÁNCHEZ, op. cit., p.537.

⁶⁸³ FLORESCANO & SÁNCHEZ, op. cit., p. 539.

⁶⁸⁴ “Esta sociedad desigual en la distribución de sus habitantes, en las formas de poblamiento, en la composición étnica y situación económica y social de los diversos grupos que la formaban, utilizó todas esas desigualdades para crear un cuerpo altamente estratificado. La estratificación vertical ya descrita (españoles, criollos, castas e indios) se acompaña de otra igualmente rígida en el nivel económico y social del individuo.” Ibidem, p. 539.

⁶⁸⁵ “Casi la mitad (população das Índias espanholas) se agolpa en la Nueva España, que ha vivido en el nuevo siglo un ascenso, por el que descuella má que nunca dentro del sistema imperial español.”

mexicana estava baseada na vigorosa retomada da exploração mineira a partir de meados do século XVIII, que converteu a região na maior produtora de prata mundial⁶⁸⁶. As reformas borbônicas implementadas pela Coroa estimularam o crescimento da produção mineira em curso⁶⁸⁷, ao mesmo tempo em que cercearam o desenvolvimento de outras atividades e limitaram o protagonismo político *criollo*, aguçando as contradições do sistema colonial no Vice-reino da Nova Espanha⁶⁸⁸: “*Todo esto quiere decir que las reformas ideadas por los Borbones alcanzaron su doble cometido: por una parte, incrementaron la aportación económica de la colonia a la metrópoli, y por otra, hicieron a aquella más dependiente de ésta.*”⁶⁸⁹

Ao reforçar os setores vinculados aos fluxos do sistema colonial, a gestão borbônica reafirmou os padrões de ocupação e exploração do território prevalentes nos séculos iniciais da empresa castelhana. A retomada do povoamento do norte casada ao desenvolvimento agrícola motivado pela expansão mineira, sobretudo na região central de *El Bajío*⁶⁹⁰, foram insuficientes para alterar os padrões de ocupação ancestrais⁶⁹¹ ou reverter as tendências de heterogeneidade regional⁶⁹². No conjunto, persistiu a falta de

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 36.

⁶⁸⁶ “(...) hacia 1800 aportaba el 66 por ciento de la producción mundial 557 A principios del siglo XIX, la Nueva España suministraba a la metrópoli las tres cuartas partes del total de sus ingresos de las colonias.” FLORESCANO & SÁNCHEZ, op. cit., p. 598.

⁶⁸⁷ “La visita lo mostrará decidido en las vías de las reformas: establecimiento de milicias regladas, del estanco de tabaco; fomento de la minería mediante la reducción de un 25 por 100 del precio del mercurio necesario para la amalgama, y provisto por la Corona a los mineros (en 1776 el precio del mercurio será llevado a la mitad del originario), y también gracias a la gestión directa de la producción de pólvora, que logra aumentar el volumen producido y reducir su precio; por último, algunas exenciones impositivas ad-hominem para quienes abrían nuevas explotaciones mineras.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 54.

⁶⁸⁸ “Con todo, si consideramos los objetivos que se fijaron los Borbones para llevar a cabo las reformas económicas antes mencionadas, esta política tuvo un éxito notable, como lo muestran las siguientes cifras. Mientras que en 1765 el ingreso de Nueva España apenas ascendía a 6.130.314 pesos, en 1782 se triplicó (...) Por sectores, el crecimiento de la economía novohispana fue igualmente espectacular, aunque se manifestó con mayor fuerza en los ramos más ligados a la economía peninsular.” FLORESCANO & SÁNCHEZ, op. cit., p. 519.

⁶⁸⁹ Ibidem, p. 519. “Durante esos años se ensaya la reforma política y administrativa más radical que emprendió España en sus colonias y ocurre el auge económico más importante que registra la Nueva España, con la consecuencia de que la sociedad colonial padece desajustes y desgarramientos internos, se abre a las ideas que recorren las metrópolis y busca nuevas formas de expresión a los intereses sociales, económicos, políticos u culturales creados.” Ibidem, p. 473.

⁶⁹⁰ “No es azar que el área de El Bajío y Michoacán, que experimentó el mayor crecimiento económico, concentro el número más alto de criollos y albergó a los focos más avanzados de renovación intelectual, haya sido la matriz de la insurrección que encabezó Hidalgo.” VILLORO, Luis. *La revolución de independencia*. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de México, 1976, t. 1, p. 589.

⁶⁹¹ “En otras palabras, el prolongado asentamiento español había modificado muy poco el antiguo patrón prehispánico de distribución de la población.” FLORESCANO & SÁNCHEZ, op. cit., p. 524.

⁶⁹² “Estos cambios acentúan la heterogeneidad entre el México centro-septentrional y el meridional. En aquél, la comunidad agrícola es menos predominante; paralelamente el equilibrio étnico está menos

integração entre as diferentes regiões do Vice-Reino, articuladas fundamentalmente pelo vínculo metropolitano comum, mediado pela capital mexicana⁶⁹³.

Embora o crescimento mexicano fosse impotente para subverter o sentido exógeno da economia colonial, seu dinamismo contagiou setores voltados para o mercado interno, favorecidos por um consistente aumento da população, que mais do que dobrou na segunda metade do século XVIII⁶⁹⁴: “*El aumento de la población, el florecimiento de las ciudades y los centros mineros y manufactureros, así como la mejoría de las vías de comunicación, crearon una demanda de productos agrícolas que favoreció fundamentalmente a los hacendados.*”⁶⁹⁵

A expansão produtiva do campo mexicano⁶⁹⁶ provocou a ascensão econômica de um setor menos comprometido com os nexos metropolitanos e relativamente ausente das estruturas do poder político colonial, monopolizado neste contexto pelos grandes comerciantes e os funcionários peninsulares. O desajuste entre os interesses da Coroa e uma parcela de seus súditos novo-hispanos explicitou-se quando o aguçamento dos conflitos europeus motivou medidas ampliando a participação colonial no esforço bélico espanhol, política que contribuiu para alienar o apoio dos setores desvinculados do tráfico ultramarino, ao mesmo tempo em que comprometeu a unidade daqueles que o sustentavam no Vice-reino⁶⁹⁷.

abrumadoramente dominado por los indios, aunque, aún en 1750, éstos forman la mayoría en el Bajío, el área más afectada por el avance minero y agrícola.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 38.

⁶⁹³ “Una característica notable de estas zonas de poblamiento diferenciado era su débil comunicación entre sí y su dependencia del centro del país.” Ibidem, p. 38.

⁶⁹⁴ “Já Humboldt observara que a agricultura e a pecuária produziam, ano mais ano menos, trinta milhões de pesos contra os vinte e dois ou vinte e quatro da mineração.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989, p. 18. “*El aumento de la población, el florecimiento de las ciudades y los centros mineros y manufactureros, así como la mejoría de las vías de comunicación, crearon una demanda de productos agrícolas que favoreció fundamentalmente a los hacendados.*” SEMO, Enrique. *Historia Mexicana – economía y lucha de clases*. México: Era, 1985, p. 189.

⁶⁹⁵ SEMO, op. cit., p. 85.

⁶⁹⁶ “*Diversas leyes que al parecer fueron aplicadas, reglamentan el trabajo de los trabajadores agrícolas, fijan sus derechos, como también los deberes de los empleados (...) No hay duda que la hacienda tradicional del siglo XVII y de la primera mitad del siglo XVIII fue profundamente transformada hacia el fin de la época colonial, al menos en las zonas más pobladas y más ricas. Una población que aumenta rápidamente, intercambios mucho más activos, un poder central fuerte e “ilustrado” tienden visiblemente a hacer estallar las viejas estructuras semif feudales de las grandes propiedades.*” CHEVALIER. Idem, p.507.

⁶⁹⁷ “*Las medidas contra la omnipotencia del clero, la expulsión de los jesuitas (1767) y los ataques contra los fueros eclesiásticos agriaron considerablemente las relaciones entre Corona e Iglesia. Las leyes de libertad de comercio, que fueron debilitando el poder monopólico del Consulado de la ciudad de México, el retiro de concesiones tales como la administración de la alcabala y, más grave aún, la apertura de nuevos consulados en Veracruz y Guadalajara produjeron pleitos y choques permanentes entre la administración y los grandes comerciantes. En vísperas de la revolución, burocracia, Iglesia y*

No plano social, a expansão econômica do campo mexicano incrementou a demanda mercantil fundiária, pressionando por um avanço sobre as terras comunitárias indígenas⁶⁹⁸. Este movimento agravou o problema da falta de trabalho, em um contexto em que a mineração requeria pouca mão de obra e a cidade mostrava-se incapaz de absorver o intenso fluxo migratório⁶⁹⁹. O descompasso entre a prosperidade do setor mercantil e o desamparo a que estava legada a subsistência popular, acentuado pela fome nos anos de fracas colheitas, motivou a participação camponesa nas lutas pela emancipação nacional, fenômeno de intensidade singular no continente americano⁷⁰⁰. Como indica Katz, as raízes do conspícuo protagonismo político do trabalhador rural mexicano remetem ao período colonial, projetando-se ao longo da história republicana: *“Lo que ante todo distingue a los campesinos mexicanos no es tanto el numero de sus levantamientos como su grado de participación en las revoluciones nacionales. El papel de los campesinos durante la Conquista, el movimiento de Independencia o la Revolución de 1910-1920 (...) es único.”*⁷⁰¹

Como em outras partes do continente, a guerra pela independência mexicana eclodiu em um contexto de acirramento do conflito europeu⁷⁰², mas diferentemente de

comerciantes estaban muy lejos de estar sólidamente coesionados. La Corona había debilitado el apoyo de sus aliados tradicionales, sin haber ganado el de las nuevas clases emergentes.” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 191

⁶⁹⁸ A expansão da capital (mais de cento e trinta mil habitantes em 1800) e das zonas mineradoras ampliam os setores da economia de mercado, mas a maior expansão demográfica verifica-se no setor do autoconsumo, cuja participação no controle da terra diminuía, em função do aumento das culturas para a exportação.

⁶⁹⁹ *“Pero el problema más grave a principios del siglo XIX era el crecimiento desmesurado de la plebe en las ciudades. En los ultimos decenios del siglo anterior ocurrió un notable crecimiento demográfico que, aunado a la desocupación creciente en el campo y al aumento de fuentes de empleo en las ciudades, engendró una plebe enorme que en vano buscaba trabajo.(...) Esta plebe era caldo de cultivo para cualquier explosión violenta.”* VILLORO, op. cit., p. 603.

⁷⁰⁰ *“New Spain provided the most striking instance of popular appeal by insurrectionary leaders. The Mexico City coup of September 1808 by the Spanish party prevented any move towards autonomy or, subsequently, independence based on the capital city municipality. The contrast with the principal South American cities was striking. In Caracas, Buenos Aires, Santa Fe de Bogota, and Santiago de Chile between April and September 8 10, American separatists swiftly displaced the peninsular authorities. They were able to do so through effective subversion of the colonial militias. These bodies then formed the nucleus of patriot armies for the defence of the newly formed states.49 This option was not available in New Spain. Instead, the discovery of the Queretaro conspiracy by the royal authorities obliged the dissident priest, Father Miguel Hidalgo, one of the leaders, to appeal to the popular classes from his parish in Dolores (Guanajuato) on 16 September 1810. This direct appeal reflected the failure in Mexico of the South American model.”* HAMNETT, Brian R. *Process and Pattern: A Re-Examination of the Ibero-American Independence Movements, 1808-1826*. Journal of Latin American Studies, Vol. 29, No. 2 (May, 1997), p. 310.

⁷⁰¹ KATZ, Friederich. *Revuelta, Rebelión y Revolución – la lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, p. 23.

⁷⁰² *“La gran explosión que precipita al país a la época moderna tiene como antecedente esos tres procesos (...): un rapidísimo crecimiento económico que desconjunta las estructuras sociales forjadas a través de un siglo de lento reacomodo y hace más evidentes las desigualdades existentes; una*

outras regiões, a reação intransigente dos setores ligados ao poder peninsular no coração do Império americano fechou qualquer possibilidade de mudança dentro da ordem, extremando posições desde os primeiros momentos do conflito. Como resultado, os setores proclives à reforma do laço colonial penderam à uma aliança popular, detonando um processo que logo fugiria ao seu controle, como observa Villoro: “*Así, la represión contra los intentos de reforma, al obligar a los reformistas de clase media a aliarse con las clases trabajadoras, recurso que en años pasados parecía innecesario, dará al nuevo intento de independencia un sesgo diferente al de las demás colonias americanas.*”⁷⁰³,

A dinâmica das lutas que sucederam-se provocou uma clivagem de classe, em que os setores ameaçados pela subversão social convergiram para derrotar aqueles identificados com as demandas populares⁷⁰⁴. Como decorrência, a consumação relativamente tardia da independência mexicana (1821) realizou-se sob o signo da contenção da revolução⁷⁰⁵: “*La proclamación de la independencia en 1821 no reanuda la revolución; por el contrario, sólo es posible en el momento en que ésta parece aplastada.*”⁷⁰⁶ Nesta perspectiva, os avanços sociais consignados pela nova constituição adotada, que aboliu a distinção de castas e o tributo indígena, aparecem

inflexibilidad casi total de la fábrica política y social para dar cabida a los nuevos grupos y absorber las contradicciones y expectativas creadas por el proceso anterior; y una difusión también acelerada de las ideas de la modernidad que le darán fundamento a los grupos marginados para proyectar y racionalizar sus reivindicaciones.” FLORESCANO Y SÁNCHEZ. Op.cit., p. 589.

⁷⁰³ VILLORO, op. cit., p. 613. “*En todo caso, en la Nueva España el conflicto que en otras partes va a madurar lentamente entra pronto en su crisis resolutive. Los partidarios de la conservación de un pacto colonial tan inmodificado como las circunstancias lo permitiesen ganan la primera escaramuza y limitan gravemente las posibilidades del alineamiento rival antes de que éste alcance siquiera a organizarse; aunque dos años después su supremacía fuese desafiada, siguió pesando en el curso atormentado que México iba a seguir hasta alcanzar su independencia.*” HALPERIN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985, p. 117.

⁷⁰⁴ “*La guerra entre los que tienen y los que no tienen, en que la revolución mexicana se ha convertido contra los deseos de sus dirigentes, no sólo les revela con brutal claridad cuáles son sus solidaridades básicas dentro del orden social mexicano, sino que atenúa los motivos de su insatisfacción. 149 Su fracaso se había debido a la unidad que había suscitado en su contra entre todos los privilegiados e México (...) pero se debía también a que no había suscitado una solidaridad igual entre los desposeídos.*” Ibidem, p. 146

⁷⁰⁵ Esta interpretação tem sido matizada ou questionada por trabalhos recentes, revisados brevemente em: BREÑA, Roberto. *La consumación de la independencia de México: donde quedó el liberalismo?* Revista Internacional de Filosofía Política, n.16, dezembro 2000.

⁷⁰⁶ “*Se trata de un episodio en que una fracción del partido contrarrevolucionario – los grupos criollos de la oligarquía – suplanta a la otra, los europeos. Aun así, el cambio operado en la composición del poder es importante.*” VILLORO, op. cit., p. 640.

neutralizados por constrangimentos socioeconômicos, conservando a assimetria característica da ordem colonial no país recém emancipado⁷⁰⁷.

C) INSERÇÃO MEXICANA NO MERCADO MUNDIAL E REFORMA LIBERAL

Confrontada com o legado econômico e político da guerra da independência, a república mexicana revelou-se impotente para defender a soberania territorial diante do permanente assédio militar de diversas potências estrangeiras nos seus primeiros decênios de existência. Como registra Zoraida Vázquez:

*(...) en las tres primeras décadas, la nación tuvo que hacer frente a las amenazas externas: las de España, que se materializaron en el intento de invasión en 1829; la guerra de independencia de Texas que no puede considerarse un problema interno por el apoyo abierto que recibió de Estados Unidos; la guerra con Francia de 1838, y la invasión norteamericana del 47. Con excepción de la primera (...) las otras significaron verdaderas calamidades*⁷⁰⁸.

Em uma realidade em que a destruição infligida pela guerra contribuiu para condenar o país à estagnação⁷⁰⁹, agravada pela militarização que alimentava tendências centrífugas contrárias à afirmação do Estado nacional⁷¹⁰, a nova república foi presa fácil do expansionismo estadunidense, que subtraiu parte substantiva do seu território. As guerras internacionais e interstícias decretavam um ciclo vicioso, no qual as apremiantes necessidades bélicas esgotavam os poucos recursos arrecadados por um Estado precário, administrando uma economia incipiente em um território escassamente integrado⁷¹¹.

⁷⁰⁷ No campo, os efeitos do novo regime revelam uma ambiguidade: “(...) los peones indios, colocados en un plano de igualdad jurídica con los otros ciudadanos, pierden el beneficio de importantes leyes protectoras, y la servidumbre por deudas se generaliza nuevamente.” CHEVALIER, op. cit., p. 508.

⁷⁰⁸ ZORAIDA VÁZQUEZ, Josefina. *Los primeros tropezos*. In: Cosío Villegas, Daniel. (coordinador). *Historia General de México*. México: El Colegio de México, 1976, t. 2, p.803.

⁷⁰⁹ “From a yearly average production of over 20 million pesos before the war of independence which fell to 10 million pesos in 1822, there was a gradual increase thereafter, reaching almost 20 million pesos a year again in 1848-50 (...)” BAZANT, Jan. *From Independence to the Liberal Republic, 1821-1867*. Em: BETHELL, Leslie (Org.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 27.

⁷¹⁰ “Las milicias consideradas como una solución para tener un órgano de defensa sin crear un ejército fuerte, resultaron inadecuadas porque al no poderse utilizar fuera de los límites estatales sirvieron tan sólo para fortalecer la posición de los gobernadores frente al gobierno nacional”. ZORAIDA VÁZQUEZ. Op. cit., p. 788.

⁷¹¹ Neste contexto, os esforços de desenvolvimento de uma indústria nacional desenhado por Lucas Alamán fracassaram não somente pelas raquíticas dimensões do mercado de tecidos mexicano, mas porque o estado se viu constrangido a redirecionar os poucos recursos disponíveis para capitalizar o Banco de Avío por exemplo, a outras prioridades. Ver o terceiro tomo de: REYES HERÓLES, Jesus. *El liberalismo mexicano*. 2. ed. México: FCE, 1974, 3 tomos.

Como consequência, prevalecia uma situação de endividamento crônico do erário mexicano⁷¹², o que dificultava a negociação de novos empréstimos nas praças internacionais e desencorajava o investimento estrangeiro, desalentado pela instabilidade social em um contexto em que somavam-se levantes camponeses, ataques de indígenas e expedições filibusteiras às recorrentes guerras⁷¹³.

A traumática experiência dos primeiros decênios independentes, quando a república mostrou-se incapaz de converter as milícias regionais em uma força articulada disposta a defender o território mexicano, aliada à instabilidade crônica que obstaculizava o desenvolvimento econômico, colocaram o problema da construção do Estado e da integração nacional como uma questão de sobrevivência. Para além do risco da fragmentação, onipresente na América independente, pairava a possibilidade de um virtual desaparecimento do novo país⁷¹⁴. Neste contexto, a luta pelas reformas liberais desencadeada nos anos 1850, que engatou na guerra contra o invasor francês no decênio seguinte, teve um significado transcendente para a afirmação nacional em todas as esferas, como observa López Camara: *“Nuestro país se salvó, en gran medida, por la correlación de fuerzas internacionales de aquella época, pero principalmente por la dinámica interna de las contradicciones del país, que transformó la lucha popular*

⁷¹² “Es indudable que todos los gobiernos nacionales fracasaron rotundamente en su labor hacendaria. Los obstaculos fueron muchos: la discordia social, la falta de comunicaciones efectivas, el lastre de una deuda inicial y la obligación de aumentarla debido a la constante necesidad de defensa, la interpretación de la soberanía estatal y la carencia de verdaderos servidores públicos.” ZORAIDA VÁZQUEZ. Op. cit, p. 777.

⁷¹³ Assim é descrito o panorama encontrado pelo presidente Mariano Arista ao assumir o cargo em 1851, entre a paz com os Estados Unidos (48) e as primeiras leis da Reforma (55) : *“Tehuantepec amenazado por el presidente de Estados Unidos Millard Fillmore, Sonora, invadida por Gaston Raousset de Boulbon, ayudado por aventureros franceses y norteamericanos en conexión con una empresa minera de Arizona. Chihuahua a punto de sublevarse contra la Federación e invadida por tribus nómadas comanches y apaches; Tamaulipas asediado por José María Canales alentaban el propósito de escindir una nueva porción del territorio y crear la República de Sierra Madre dentro del estado de Tamaulipas para anexarla a Estados Unidos. Mazatlán levantado en armas en contra de las disposiciones fiscales de las autoridades estatales. Durango invadido por grupos indígenas nómadas, Yucatán sin apagar el rescoldo de la guerra de castas, Michóacan perturbado por el cuartelazo de Piedad Cabadas, enderezado en contra del gobernador Melchor Ocampo por la legislatura reformista que impuso la libertad religiosa, atacando las obvenciones parroquiales y preparando atrevidos sistemas de nacionalización de la propiedad estancada.”* DÍAZ, Lilia. *El liberalismo militante*. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. *Historia General de Mexico*. México: El Colegio de Mexico, 1976, t. 2, p. 823.

⁷¹⁴ “The liberals who came to power in 1855, 34 years after Mexico’s independence from Spain, had hoped to give Mexico the productivity and stability of its northern neighbour, the United States. Having seen their country lose almost half of its territory to the United States in the recent Mexican-American War (1846-8), they feared that without a measure of both economic growth and political stability the very existence of Mexico as an independent nation-state would be in jeopardy.” KATZ, Friederich. *The Liberal Republic and the Porfiriato, 1867-1910*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 49

*contra una de las grandes herencias de la Colonia, en un proceso de identificación nacional (...)*⁷¹⁵”.

A importância ideológica da Reforma está lastreada nas transformações materiais que desencadeou, assentando as bases para a unificação política e econômica do país. O ponto de partida em um país marcado pelo legado colonial e dilacerado pela recorrente guerra estrangeira, não era auspicioso:

*La extensión considerable de su territorio, la escasa población, la carencia de comunicaciones y transportes, el retraso económico y los violentos contrastes sociales, así como la formación natural de estrictos intereses locales, muy alejados los unos de los otros, hacían de México una entidad política que tenía mucho de ficción*⁷¹⁶.

Neste contexto, o enfrentamento desencadeado contra a Igreja, única instituição de alcance efetivamente nacional, e os setores solidários à ordem por ela representada, amalgamou os descontentes com a situação em torno a uma luta que, ao final, identificou-se com a própria causa da nação. O empenho em desamortizar os bens eclesiásticos, que desembocou na sua posterior nacionalização, objetivava subtrair o esteio econômico de uma organização percebida como parte do legado colonial, nos marcos de um projeto de modernização das relações de produção no campo baseado no estabelecimento da propriedade individual da terra, contemplando medidas como o deslinde e venda das terras públicas, e a desamortização e fracionamento das terras comunais indígenas. Como contrapartida social, a agenda liberal propunha uma política de inspiração estadunidense, prevendo o fomento à imigração, à pequena propriedade e ao trabalho livre, sempre referidos ao respeito às liberdades individuais. Do ponto de vista do investimento econômico, pretendia-se atrair o capital estrangeiro para fomentar a indústria e as comunicações, principalmente ferroviárias, visando suprimir as barreiras estruturais e legais (impostos internos) à constituição de um mercado nacional. A estratégia geopolítica subjacente ao projeto liberal era desenvolver e articular o território como recurso para preservar a sua integridade⁷¹⁷.

⁷¹⁵ LÓPEZ CÁMARA, Francisco. *La estructura económica y social de México en la época de la reforma*. 6ª edição. México: Siglo XXI, p.6.

⁷¹⁶ Ibidem, p. 5.

⁷¹⁷ “The liberal policies attempted to fulfill two basic objectives: 1. To put an end to the isolation of numerous local markets through the formation of a national market. This measure required the elimination of legal obstacles (interstate customs duties) as well as the establishment of a modern (less expansive) transportation system. 2. To modify the country’s landholding system through the partial incorporation into the market of unproductive church lands and small Indian communes”. CORTÉS

*Desde los tres poderes la intelectualidad liberal Mexicana resolvió que para homogeneizar a México y ponerlo a la altura de las grandes naciones del mundo contemporáneo se necesitaba, en el orden político, la práctica de la Constitución liberal de 1857, la pacificación del país, el debilitamiento de los profesionales de la violencia y la vigorización de la hacienda pública; en el orden social, la inmigración, el parvifundio, y las libertades de asociación y trabajo; en el orden económico, la hechura de caminos, la atracción de capital extranjero, el ejercicio de nuevas siembras y métodos de labranza, el desarrollo de la manufactura (...)*⁷¹⁸.

Quando nos anos 1860, em reação à reforma, os opositores do liberalismo aliaram-se ao exército invasor francês para defender o II Império mexicano⁷¹⁹, produziram-se as condições para uma identificação entre o projeto de modernização liberal e a afirmação da nação, ou na síntese de Reyes Heróles: “(...) *supervivencia nacional y progreso se hermanaron*.”⁷²⁰ O eventual triunfo liberal, que culminou no fuzilamento do imperador Habsburgo em 1867, teve profundas repercussões ideológicas na história mexicana. Deste momento até a eclosão da revolução (1910), a reivindicação do legado liberal seria unânime entre aqueles que buscaram identificar-se com o interesse da nação.

A despeito do êxito ideológico incontestável da Reforma, seu programa encontrou múltiplos obstáculos para concretizar-se: focos de insubordinação de natureza variada abundavam através do território⁷²¹, inviabilizando o ensejado exercício pleno

CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974, ps. 79-80.

⁷¹⁸ “(...)y la conversión de México en un puente mercantil entre Europa y el remoto oriente; y en el orden de la cultura las libertades de credo y prensa, el exterminio de lo indígena, la educación que daría “a todo México un tesoro nacional común” y el nacionalismo en las letras y en las artes.” Luis González. *El liberalismo triunfante*. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel (Coord.). *Historia General de Mexico*. México: El Colegio de Mexico, 1976, p. 908-909.

⁷¹⁹ A breve experiência de Agustín Iturbide no contexto da independência mexicana (1822-3) é considerada como o I Império Mexicano.

⁷²⁰ “Los grupos directores liberales tenían una fe en marcha y así ocurrió que nacionalidad y liberalismo fueron una misma cosa y supervivencia nacional y progreso se hermanaron. La Intervención viene a confirmar la identidad de origen entre liberalismo y nacionalidad.” REYES HERÓLES, op. cit. t. 2., p. 454.

⁷²¹ Um olhar panorâmico dos conflitos durante o governo Juárez: “En 1867 hubo que ahogar en sangre las asonadas de Ascensión Gomez y Jesús Betangos en el Estado de Hidalgo; del aguerrido Vicente Jiménez en los breñales del sur; de un general Urrutia en Jalisco; del general Miguel Negrete en la sierra de Puebla, y de Marcelino Vila faña en las llanuras de Yucatán. En 1868 se peleó contra sendas rebeliones de Gálvez y Castro en las cercanías de la capital; de Ángel Martínez, Adolfo Palacios, Jesús Toledo y Jorge García Granados en Sinaloa; de Aureliano Rivera en Tierra Quemada; de Honorato Domínguez en Huatusco; de Paulino Noriega en Hidalgo; de Felipe Mendoza en Perote; de Jesús Chávez en Tlaxcala, y de Juan Francisco Lucas en Xochiapulco. En 1869 hubo necesidad de someter al orden

das liberdades⁷²²; a reforma agrária frustrava-se, em uma realidade em que o despojo das terras indígenas associava-se a uma maior concentração da propriedade; a imigração e a atração do capital estrangeiro não vingavam; no campo cultural, a hegemonia católica parecia não ceder, apesar dos esforços de laicização empreendidos pelo Estado. Em uma palavra, López Camara avalia que os liberais “(...) *subestimaron la enormidad y anchura de las tradiciones necesitadas de demolición*.”⁷²³

O programa da reforma liberal encontraria em Porfírio Díaz um agente capaz de conciliar o desígnio de desenvolvimento econômico com as exigências de conservação da ordem social.

d) **PORFIRIATO E IMPERIALISMO**

A conjunção entre a expansão da demanda mundial por produtos primários e a estabilidade institucional alcançada sob a égide de Porfírio Díaz (1876-1911)⁷²⁴ projetou o México em um período de acelerado crescimento econômico que estenderia-se até a revolução⁷²⁵. A afirmação do Estado mexicano esteve associada ao papel que assumiu como mediador entre os negócios do capital internacional e os requisitos sociais e políticos necessários para a sua penetração. Em um momento em que dissipou-se a ameaça estrangeira às fronteiras, os caudilhos regionais foram apaziguados por uma conjunção entre a submissão militar⁷²⁶ e a possibilidade de participação minoritária nos

por segunda vez al incorregible poblano Miguel Negrete, y por primera, a Desiderio Díaz en Tlacotalpan; a Francisco Díaz y Pedro Martínez en San Luís Potosí; a unos revoltosos anónimos en Coeneo, Michoacán; al rebelde crónico de Zacatecas, el ilustre cacique Trinidad García de la Cadena; a Juan Servín de la Mora, en Zamora; a Francisco Araujo en Laguna de Mojica, y a Jesús Toledo en Aguascalientes. En 1870 hubo que topar a balazos contra los cabecillas rebeldes Rosario Aragón y Eduardo Arce en Morelos; Francisco Cortés Castillo en Orizaba; Amado Guadarrama en Jalisco y Plácido Vega en Sinaloa. En 1871, los Díaz (Porfirio y Felix) iniciaron la vasta revuelta de la Noria y promovieron la rebelión número tres de Negrete. En 1872 fue sofocada la revuelta de los Díaz.” GONZÁLEZ, op. cit., ps.917-918.

⁷²² “Durante 49 meses de los 112 que duró la República Restaurada estuvieron suspendidas las garantías individuales, rebajada la libertad personal y vigorizado el poder ejecutivo.” Ibidem, p. 917

⁷²³ LÓPEZ CÁMARA, op. cit., p. 6.

⁷²⁴ Durante este período, Porfírio Díaz não comandou diretamente o Estado entre 1880-1884, momento em que ainda vislumbrava-se uma alternância no poder e a presidência foi exercida por Manuel González.

⁷²⁵ “La mayor necesidad de bienes primarios de los principales países europeos y de Estados Unidos abrió a México insospechadas posibilidades como abastecedor. Por eso, sus exportaciones no tardaron en alcanzar un ritmo de crecimiento más rápido que el promedio mundial: su monto, en efecto, pasó entre 1877-78 y 1910-11 de 40 millones y medio de pesos a casi 288, es decir, se sextuplicó(...)” COSÍO VILLEGAS, Daniel. *Historia Moderna de México. El Porfiriato. Vida económica*. México: Hermes, 1965, 2 tomos, p. 635-6.

⁷²⁶ Em 1896 pela primeira vez na sua história, o Estado mexicano equilibrou suas finanças graças à gestão do ministro José Yves Limantour, o que facilitou o poder de barganha do país no mercado de empréstimos internacionais: “With such solid financial banking Díaz was in a good position to tighten

negócios abertos⁷²⁷, engendrando uma racionalidade política em que o investimento internacional e a *Pax Porfiriana* se retroalimentavam⁷²⁸.

Em um primeiro momento, o governo mexicano recorreu ao capital internacional visando estabelecer os requisitos estruturais básicos para que, em seguida, o investimento externo direto afluísse em grandes proporções⁷²⁹. O fluxo de capital estrangeiro para o país, que havia sido mínimo antes de 1880⁷³⁰, atingiu entre 1884 e 1900 a cifra de U\$ 1.200 milhões, impulsionando um crescimento do produto nacional bruto a uma taxa anual de cerca de 8%. Entre 1900 e 1910 o capital internacional investido triplicou, alcançando cerca de U\$ 3 bilhões⁷³¹. A penetração estrangeira consumou o caráter dependente da expansão mexicana, acentuando sua vulnerabilidade às crises mundiais. Estima-se que no começo do século, o capital internacional controlava 90% dos empreendimentos de mineração, eletricidade, petróleo e bancos. Dentre os interessados em fazer negócios no país destacava-se o progressivo investimento estadunidense, que em menos de vinte anos saltou de cerca de U\$ 30 milhões (1883) para U\$ 501.6 milhões (1902), ultrapassando U\$ 1 bilhão quando estourou a revolução no final de 1910⁷³². Durante o *Porfiriato*, o México assumiu a condição de praça preferencial da exportação de capital deste país, como destaca Cosío Villegas:

the reins on the more mutinous and independent-minded groups within the country." KATZ, Friederich. *The Liberal Republic and the Porfiriato, 1867-1910*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 82.

⁷²⁷ "The consolidation of the dictatorship was closely tied to two process: the achievement of internal stability (the *Pax Porfiriana*) and the emergence of an effective and powerful Mexican state." Ibidem, p. 81.

⁷²⁸ "On the whole the strenghtening of the Porfirian state cost large segments of both the traditional upper and middle class much of the political power they had hitherto exercised. In return, they partook of the fruits of Mexico's rapid economic growth." Ibidem, p. 87

⁷²⁹ "In the initial phase, prior to the expansion of the market, when the country lacked a modern economy, railroads, transportation, industries, and so forth, adequate incentives for the investment of foreign capital were absent (...) In such a situation only a government capable of guaranteeing solvency and respect for obligations that had been contracted could channel investments. (...) In the second phase, through market expansion and an infrastructure of transportation and communications which were assured lower costs of production, the basic prerequisites were met, and the market offered sufficient incentives for the direct flow of capital investments in activities which now offered even greater expectations of profit." CORTÉS CONDE, op. cit., ps. 101-3.

⁷³⁰ GONZÁLEZ, op. cit., p. 940.

⁷³¹ Dados extraídos de: KATZ, Friederich. *The Liberal Republic and the Porfiriato*. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Mexico since Independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; GONZÁLEZ. Op. cit. CARR, Barry. *El movimiento obrero y la política en México, 1910-1929*. México: Era, 1981.

⁷³² "In 1883 North American investments in Mexico were estimated at 30 million dollars. In less than twenty years they rose to 501.6 million (1902), and in the brief nine-year period ending in 1911 they doubled and reached 1.057.0 million dollars." CORTÉS CONDE. op. cit., p. 100. A maneira que Díaz, como outros governantes mexicanos, encontrou para contrabalancear a influência dos Estados Unidos foi buscar atrair e facilitar o investimento europeu. Ver: KATZ, Friederich. *La guerra secreta en México*. México: Era, 1982.

*México, sin embargo, significaba para Europa una zona de importancia bastante secundaria, que apenas absorbió el 5.5% de sus inversiones externas, y el 29 de las que colocó en América Latina. En cambio, para el capital norteamericano fue el campo principal de inversión: de todas las que había hecho en el extranjero hasta 1911, le correspondió a México el 45.5%*⁷³³.

A expansão das estradas de ferro foi condição necessária para potenciar a exploração mercantil do território mexicano. Quando Díaz assumiu o poder (1876), a rede ferroviária nacional resumia-se ao recém inaugurado caminho México-Veracruz. Na virada do século (XIX-XX) estenderia-se por 14 mil quilômetros, atingindo 24 mil quilômetros dez anos depois. Os caminhos de ferro multiplicaram as possibilidades de extração mineral no norte do país, onde ligavam-se às ferrovias dos Estados Unidos, mas também abriram novos horizontes de produção mercantil para outras regiões, impulsionando uma tendência geral de diversificação das exportações, como registra Cortés Conde: “*Em 1877-1878 somente a prata respondia por 60 por cento do valor total das exportações. Ao redor de 1910-1911, foi reduzida a 33 por cento; cânhamo, café, açúcar, borracha e gado cresceram de importância nas exportações do país.*”⁷³⁴

A integração de amplas frações do território aos fluxos do mercado mundial transformou a fisionomia mexicana sem alterar substantivamente a heterogeneidade que a caracterizava⁷³⁵. Nas províncias ao sul do país, a economia orientava-se para a produção de gêneros agrícolas de exportação (principalmente sisal, café e borracha), prevalecendo a grande propriedade baseada em relações de trabalho precárias, padrão que inibia a diversificação econômica e a integração social. No norte, que atraía a maior parte do investimento estrangeiro, o dinamismo da economia também residia no setor exportador, mas a relativa diversificação das mercadorias (metais como prata,

⁷³³ COSÍO VILLEGAS, Daniel. *Historia Moderna de México. El Porfiriato: vida económica..* Hermes, México, 1965, p. 637.

⁷³⁴ CORTÉS CONDE, op. cit. p. 90 (tradução nossa). No original: “*In 1877-1878 silver alone accounted for 60 percent of the value of all exports. By 1910-1911 it was reduced to 33 percent; hemp, coffee, sugar, rubber, and livestock rose in importance in the country's exports.*” Embora a tradução literal mais adequada da palavra “*hemp*” no contexto seja “cânhamo”, optamos por “sisal”, entendendo que o autor refere-se à notável exportação de *henequén* no Yucatán nesta época, uma fibra semelhante ao sisal mas cuja tradução precisa em inglês seria *agave fiber*.

⁷³⁵ “*The railroad spurred a modification in the relative importance of various regions. The northern zone, one of the first areas traversed by the railroads and enjoying greater proximity to the United States market and new centers of production such as Torreón, acquired a particular importance, whereas other more traditional zones – Zacatecas, Pachuca, Guanajuato – declined.*” CORTÉS CONDE. op. cit., p. 88.

cobre, alumínio, além da pecuária, gêneros agrícolas e madeira), envolvia um importante segmento da produção dirigida ao mercado interno, estimulando uma incipiente atividade industrial⁷³⁶. Visto no seu conjunto, a exportação de gêneros primários nos marcos da expansão do mercado mundial ensejou uma diversificação da pauta exportadora e uma modernização das relações de produção: “A especialização induzida pela demanda estrangeira não levou a uma maior dependência em relação a um produto ou gênero agrícola, mas a uma maior diversificação da produção que, por sua vez, ajudou a modernizar a estrutura produtiva.”⁷³⁷

Em consonância com a disparidade regional, esta modernização da estrutura produtiva estimulada durante o *Porfiriato* gerou resultados desiguais do ângulo das relações de trabalho. No campo manufatureiro, a unificação do mercado nacional e o investimento estrangeiro estimularam o desenvolvimento de indústrias leves, sobretudo têxteis, estabelecendo-se grandes unidades nas regiões de Orizaba e Puebla, no México Central. No entanto, a proletarianização que acompanhou esta expansão industrial⁷³⁸ não significou uma eficaz organização dos trabalhadores. De maneira geral, a administração de Díaz recorreu a uma combinação de cooptação e repressão na relação com os operários⁷³⁹, mesmo padrão empregado para lidar com caudilhos regionais e com o

⁷³⁶ “In contrast to the south-east, the north had a much more diversified economy. It exported a large variety of minerals; copper, tin, and silver as well as commodities such as chick peas, cattle and lumber. A much more important segment of the northern economy, in contrast to that of the south-east, was geared toward production for the domestic market. 80 (...) In relation to the rest of the economy, industrial development was more important in the north than in most other parts of Mexico.” Ibidem, p. 80.

⁷³⁷ Ibidem, p. 82 (tradução nossa). No original: “The specialization induced by foreign demand did not lead to a greater dependence on one product or on one crop, but to a greater diversification of production that, in turn, aided the modernization of the productive structure.”

⁷³⁸ De 1877 a 1910 a produção industrial quadruplicou (principalmente nos ramos de mineração e têxtil) e a produção agrícola para exportação aumentou 750%. Ibidem.

⁷³⁹ “En los años del porfiriismo, en 1881 y 1885, cuando los mineros comienzan a utilizar el nuevo medio de lucha: la huelga. La primera se produjo en “Pinos Altos”, Chihuahua (...) Al día siguiente un piquete de soldados fusiló a cuatro obreros acusados de ser los dirigentes de la huelga. Ellos fueron las primeras víctimas del movimiento obrero en América.” CRAGNOLINO, Silvia Cragolino. *Rebelión obrera en México – La huelga de Cananea*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1973, p. 430. Sobre os esforços de cooptação e contra-organização de Díaz: “The government provided extensive financial aid to the TRUE Círculo y Congreso for the development of agrarian cooperatives. (...) The government declaration rendering cooperatives illegal represented one of the hardest blows struck against the anarchist campaign for cooperativism in the nineteenth century. (...)”. Assim, observando a cena em meados dos anos 80, um autor afirma: “The Díaz regime had gained nearly complete control over the labor movement.” HART, John. *Anarchism and the Mexican working class (1860-1931)*. Austin: University of Texas Press, 1971, p. 80. “Sin embargo, sería erróneo pensar que la represión fue la única reacción de Díaz al problema obrero. Com ya se ha señalado, en los círculos oficiales había una conciencia considerable de la utilidad de cultivar el apoyo de las nacientes organizaciones de la clase trabajadora.” CARR, op. cit., p. 31. A despeito das estratégias do regime, o protesto operário não foi silenciado: “En México, a pesar de la severa represión que el régimen de Díaz dirigió contra las clases trabajadoras, hubo un mínimo de 250 huelgas entre 1876 y 1910. Algunos tipos de organización obrera

exército. Os trabalhadores contavam com uma exígua tradição organizativa de cunho mutualista recém desenvolvida no período da Reforma, condizente com o predomínio da produção artesanal, e não articularam, neste contexto, instrumentos eficientes de reivindicação autônoma. A tática *porfirista* teve êxito em conter o protesto urbano ao menos até 1906, quando a greve dos mineiros de Cananea e os efeitos da crise econômica do ano seguinte estimulariam um outro nível de combatividade e organização operária.

No campo, o sentido das transformações impulsionadas variou regionalmente. Na península do Yucatán no extremo sul do país, a explosão da demanda internacional por sisal provocou um ressurgimento de relações de trabalho afins à escravidão, incluindo o comércio de mão de obra indígena iaque rebelada, cancelado pelo governo⁷⁴⁰. Nas regiões menos populosas ao norte, os nexos com o mercado mundial pressionaram pela abolição das relações de *peonaje*, baseadas no endividamento permanente dos trabalhadores, generalizando-se o assalariamento⁷⁴¹. Em que pesem as disparidades regionais, Katz assinala dois efeitos gerais deste processo de penetração mercantil: uma diminuição substancial do poder aquisitivo dos trabalhadores rurais entre 1876 e 1910, ainda que a sua importância deva ser relativizada, dadas as formas alternativas de remuneração prevalentes. Em segundo lugar, um notável aceleração da atividade das companhias que operavam o deslinde das terras indígenas e públicas desde a Reforma, de modo que, no ocaso do *Porfiriato*, mais de 95% das aldeias

consiguieron existir, sobre todo entre los trabajadores ferroviarios, pero el gobierno reprimió generalmente a las que daban muestras de una militancia significativa o, incluso, a las que iban mucho más allá de las funciones mutualistas. La violencia del Estado era mitigada a veces por gestos paternalistas e intentos de cooptación, así como por el arbitraje especial del régimen en algunas disputas. Sin embargo, el gobierno Díaz sabía ser implacable al atacar a sus enemigos y emprendió una campaña de represión especialmente inflexible contra los militantes asociados con Ricardo Flores Magón.” HALL, Michael; SPALDING JR., Hobart. La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina (1880-1930). In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina (c. 1870- c.1930)*. Barcelona: Crítica, 1991, p. 309.

⁷⁴⁰ Denunciados internacionalmente nos famosos artigos do socialista estadunidense John Kenneth Turner, a partir de 1908, que deram origem ao livro *Barbarous Mexico*. Depois de entrevistar-se com Ricardo Flores Magón na prisão nos Estados Unidos, Turner visitou o México em companhia do liberal Lázaro Gutiérrez de Lara. Pretendendo ser um capitalista disposto a investir, teve amplo acesso *in loco* aos meandros da exploração do trabalho em diferentes regiões do país. TURNER, John Keneth. *México Bárbaro*. México: Costa-amic editor, sem data.

⁷⁴¹ KATZ, Friederich. *La servidumbre agraria en México en la época porfiriana*. Octava reimpressão. México: Era, 2002. “*Hemos visto las razones de esas divergencias: el aislamiento geográfico y la falta de industrias en el sur propició el aumento del peonaje por endeudamiento, mientras que en el norte la proximidad con los Estados Unidos y la creciente demanda de brazos en las minas y la industria debilitaron el peonaje. Resulta mucho más difícil evaluar el desarrollo en el centro de México, pues operaban fuerzas contrarias que o debilitaban o reforzaban el peonaje por endeudamiento.*” Ibidem, p. 49.

comunais tinham perdido suas terras⁷⁴². Em suma, verifica-se um maciço despojo de pequenas propriedades e terras indígenas, o empobrecimento crescente dos camponeses e a sua proletarização como contrapartida da proliferação de latifúndios, inclusive estrangeiros, freqüentemente ligados à agricultura de exportação, quando são produtivos. Os efeitos desta transformação radical estão intimamente vinculados à explosão revolucionária do campo a partir de 1910⁷⁴³.

Embora no plano econômico verifique-se uma continuidade entre o desígnio da reforma e a modernização realizada pelo *Porfiriato*, a chamada “pacificação” que lhe serviu de alicerce assentou-se na mutilação da dimensão social e política do programa liberal. A longevidade do regime esteve calcada na conjunção do extraordinário desenvolvimento do capitalismo estadunidense, que desdobrou-se em um crescente interesse em explorar negócios em território mexicano, combinada com a determinação inflexível do ditador em silenciar qualquer foco de distúrbio social, seja de caráter caudilhesco, étnico ou de classe. Neste contexto o progresso, entendido como o desenvolvimento das forças produtivas movido pelo capital estrangeiro, afirmou-se como razão de Estado às expensas do conteúdo social e político original do ideário *juarista*.

Esta torção das premissas liberais foi acompanhada por um movimento correspondente no plano ideológico, analisado minuciosamente por Leopoldo Zea⁷⁴⁴. O filósofo mexicano identifica na ascendente influência do positivismo de Spencer em lugar de Comte, as raízes ideológicas de uma reinterpretação do significado histórico da Reforma, entendida não mais como o início da era positiva (e portanto conclusiva) segundo o referencial comtiano, mas como momento da passagem da era militar para industrial, nos marcos do esquema de Spencer. Segundo esta leitura, os novos tempos

⁷⁴² “Esas compañías debían deslindar las tierras baldías y traer colonos extranjeros par que las trabajaran; y como compensación por los gastos (...) se les adjudicaría la tercera parte de las tierras deslindadas. De 1881 a 1889, las compañías de que se trata deslindaron 32.200.000 hectáreas. (...) Todavía de 1890 a 1906, año en que fueron disueltas las compañías, deslindaron 16.800.000 hectáreas, quedándose con la mayor parte los socios de tan lucrativo negocio (...) Claro está que no había en México la asombrosa cantidad de terrenos baldíos que deslindaron (...) 49.000.000 de hectáreas, la cuarta parte de todo el territorio mexicano. Cometieron toda clase de arbitrariedades y despojos, en particular tratándose de pequeños propietarios y de pueblos indígenas (...)” SILVA HERZOG, Jesus. *Breve Historia de la Revolución Mexicana*. México: FCE, t. 1, p. 18-19. También: KATZ, Friederich. *Revolución, rebelión y revolución. La lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990, 2 tomos.

⁷⁴³ “El ejemplo más conocido de este proceso es la revolución del cultivo de la caña de azúcar, que convirtió al estado de Morelos en una gran fábrica agrícola, destruyendo muchas comunidades indígenas y creando una gran masa de campesinos sin tierra.” CARR, op. cit., p.14. Morelos é a província onde eclodiu o zapatismo.

⁷⁴⁴ ZEA, Leopoldo. *El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia*. México: FCE, 1993.

inaugurados pela Reforma não deveriam ser negados, mas superados através do estabelecimento da ordem, encarada como condição para o exercício da liberdade em um contexto em que, depois de dez anos de “anarquia”, destruía-se em nome da liberdade o único meio que poderia viabilizá-la: a própria sociedade. Assim, segundo Zea, as idéias de combate dos liberais mexicanos foram substituídas durante o *Porfiriato* por idéias de ordem.

Os *científicos*, como ficou conhecido o estreito grupo de colaboradores, beneficiários e ideólogos mais próximos do regime, consideravam-se herdeiros do partido liberal da reforma, mas dotados da possibilidade de atuar racionalmente. Avaliando a sociedade mexicana como imatura para o exercício pleno da liberdade, defendiam a necessidade de uma tutela por eles exercida, calcada no princípio basilar da manutenção da ordem, intepretado como condição para o progresso e para a consolidação paulatina da liberdade. Esposavam como premissa filosófica que o demonstrável precisa ser aceito por todos, o que no campo do pensamento limava o terreno para a especulação, e no plano político restringia qualquer dissidência, uma vez constatada a relação entre paz e progresso, afirmada como ideologia da nação. Na ótica dos *científicos*, liberdade é não obstaculizar a ordem, derivando no corolário ideológico que sustentou o *Porfiriato*, sintetizado por Zea nas seguintes palavras: “*Esta es la tesis de los sostenedores del Porfirismo: no deberá hacerse oposición alguna a un gobierno cuyo fin es la realización de la paz; ninguna oposición a una dictadura encaminada a realizar el progreso.*”⁷⁴⁵ Nesta perspectiva, toleravam-se a liberdade religiosa e de consciência, porque não lidavam com verdades demonstráveis, mas restringia-se a liberdade social, porque apontava contra a ordem e portanto, para a anarquia.

Em suma, o êxito de Porfírio Díaz em manter-se no poder ao longo de três decênios deve ser creditado à confluência de fatores históricos que fizeram da centralização despótica ao custo das liberdades políticas em um contexto de afluência do capital estrangeiro, uma alternativa desejável diante de um passado recente no qual a anomia social ameaçava a própria subsistência nacional. Neste contexto, a modernização superficial dissimulava um acirramento das contradições sociais e políticas que a rigidez do regime encetava. A crônica convencional do desabamento do *Porfiriato*, que deságua na revolução, toma como ponto de partida a reunião convocada

⁷⁴⁵ Ibidem, p. 168.

pelo *Círculo Liberal Ponciano Arriaga* na cidade de San Luis Potosí em 1901⁷⁴⁶, início da articulação do Partido Liberal Mexicano, que em pouco tempo seria liderado por Ricardo Flores Magón.

4.2) FLORES MAGÓN E A REVOLUÇÃO MEXICANA

Ricardo Flores Magón nasceu em 1874 no vilarejo de Santo Antonio Eloxochitlán, Oaxaca, província natal de Benito Juárez e Porfirio Díaz. Ainda criança mudou-se para a Cidade do México⁷⁴⁷, onde teve com seus irmãos acesso à melhor educação disponível⁷⁴⁸. Finalizado o colégio, ingressou na Escola Nacional de Jurisprudência, mas teve dificuldades em concluí-la e não exerceu a advocacia, dedicando-se a trabalhos variados até definir sua vocação jornalística⁷⁴⁹.

Nos dias em que o engenheiro Camilo Arriaga, homem de posses e sobrinho neto de um eminente político da Reforma, convocou grupos liberais de todo o país para

⁷⁴⁶ Exemplo paradigmático é: SILVA HERZOG, Jesus. *Breve Historia de la Revolución Mexicana*. México: FCE, 1997, 2 tomos.

⁷⁴⁷ Portanto, Ricardo Flores Magón conviveu pouco com a cultura comunitária indígena, fortemente arraigada na região onde nasceu. Um autor que procura uma conexão entre seu projeto político posterior e a tradição comunal aborígene atribui essa influência a seu pai: “*Los escasos años que vive Ricardo en Eloxochitlán no hubieran sido tal vez bastantes para producir en él una huella indelebr si Teodoro, preso en la nostalgia de un retorno inalcanzable al paisaje idílico de la sierra nativa, no la ahondara con el relato conmovido y reiterado de un estilo de vida rouseauniano que contrasta trágicamente con las penalidades de la lucha por la existencia en el mundo complejo e ininteligible de la urbe.*” AGUIRRE BELTRÁN, Gonzalo. *Ricardo Flores Magón*. In: _____. *Obra Antropológica*, vol XV – *contribuciones al estudio del pensamiento social mexicano*. México: FCE, 1990, p. 98.

⁷⁴⁸ Foram matriculados na *Escuela Nacional Superior No 1* e depois na *Escuela Nacional Preparatoria*, recém-fundada por Gabino Barreda, intelectual referente do positivismo mexicano. Em uma carta que escreve em 1899, orientando a formação de seu irmão mais novo, sugere: “*La Historia General de Justo Sierra es una obra muy completa y enseña a filosofar en la Historia. Es lo más importante de la Historia, su Filosofía.*” Como se sabe, Justo Sierra é, neste momento, referência precípua do positivismo mexicano. FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón. 16 ago. 1899. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2001. V. 1. p. 58. Especificaremos o prenome dos irmãos Flores Magón nos casos em que Enrique for citado.

⁷⁴⁹ A primeira atividade política notável em que se envolverá são as manifestações estudantis contra a segunda reeleição de Díaz em 1892: foi preso momentaneamente com seu irmão Jesús e encarcerado no infame presídio de Belén. Pouco depois, estreou no jornalismo político e, como membro do *Centro Antirreeleccionista*, ajudou a editar o jornal *El Demócrata*, em pouco tempo suprimido pelo regime. Os anos seguintes foram de dificuldade econômica para os Flores Magón, agravada com a morte do pai em abril de 1893 e a prisão de Jesús até agosto deste ano. Diferente de seu irmão, Ricardo teve problemas em concluir a Escola Nacional de Jurisprudência, reprovando diversas vezes nos exames até definir sua vocação jornalística, revelada em uma carta a seu irmão mais novo Enrique em 1899: “*(...) el papel es para mí un ídolo y creo que no en un lejano tiempo sea mi arma muy grande: el periódico.*” FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón, 23 jul. 1899. In: _____. *Regeneración (1900-1901) primera parte*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2003, V. 3, p. 51.

um congresso em San Luis Potosí em fevereiro de 1901, Ricardo Flores Magón editava o recém-fundado *Regeneración*⁷⁵⁰. Nos anos seguintes, o destino deste periódico se confundiria com a sua trajetória pessoal e com a sorte política do Partido Liberal Mexicano. Em seu momento original, *Regeneración* apresentava-se como um “*periódico jurídico independiente*”, propondo-se a criticar, nos marcos da legalidade vigente, os abusos e a venalidade do regime no plano jurídico⁷⁵¹. Compareceram ao conclave liberal 56 delegados de 14 entidades, dando início a um processo orientado à articular um partido de oposição liberal a Porfírio Díaz, de perspectiva legalista e anticlerical⁷⁵². Nas palavras de seus organizadores, o propósito do encontro era decidir sobre: “(*...*) *los medios para llevar a la práctica la unificación, solidaridad y fuerza del Partido Liberal, a fin de contener los avances del clericalismo y conseguir dentro del orden y de la ley la vigencia efectiva de las Leyes de la Reforma*”⁷⁵³.

⁷⁵⁰ O jornal é fundado em 7 de agosto de 1900 por Ricardo, seu irmão mais velho Jesús e Antonio Horcasitas. A publicação conhecerá quatro épocas e diversas sedes, no desafio permanente de burlar a censura e a perseguição a seus editores. Publicado inicialmente na cidade do México (1900-1901), seguirá seus editores no exílio, sendo publicado nos Estados Unidos sucessivamente nas cidades de San Antonio, Texas (1904-5), Saint Louis Missouri, Missouri (1905-1906) e Los Angeles, Califórnia (1910-1918). Entre 1907 e 1908 o mesmo grupo político publicará um jornal com o nome de *Revolución* na cidade de Los Angeles. Nas três ocasiões em que sua publicação foi retomada, a numeração dos exemplares de *Regeneración* foi reiniciada a partir do número 1.

⁷⁵¹ Como anuncia no número de estreia: “*Nuestro vigor juvenil y nuestro patriotismo nos induce a buscar un remedio y al efecto, señalar, denunciar todos aquellos actos de los funcionarios judiciales que no se acomoden a los preceptos de la ley escrita (...)*” FLORES MAGÓN, Ricardo. *Obras completas*. Jacinto Barrera Bassols (Introducción, compilación y notas). México: Conaculta, 2001, v. 3, p. 70. As citações a Ricardo Flores Magón são extraídas, preferencialmente, dos cinco primeiros tomos de suas obras completas. Alternativamente, recorreremos à compilação de Armando Bartra e à versão digital completa do periódico *Regeneración*. Os artigos publicados em *Regeneración* nem sempre são assinados, mas Ricardo Flores Magón responsabilizava-se pela produção ou supervisionava seu conteúdo não assinado, e, frequentemente, é possível identificar sua autoria, como faz Bartra: BARTRA, Armando. *Regeneración, 1900-1918. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a 1918 através de su periódico de combate*. México: Era, 1977; BARRERA BASSOLS, Jacinto (Coord.). *Versión digital del periódico Regeneración, 1900-1918*. México: Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), 2007, 1 CD ROM.

⁷⁵² Ricardo Flores Magón compareceu como delegado pelo *Comité Liberal de Estudiantes de San Luis Potosí*, em um momento em que Horcasitas já deixara o jornal, que, desde dezembro, identificava-se como um “*periódico independiente de combate*”. Além de participar do congresso, tomou contato com a reputada biblioteca de Camilo Arriaga, provida de títulos socialistas e anarquistas europeus, embora haja indicações de uma familiaridade anterior com esta literatura. Na cronologia introdutória ao tomo 3 das *Obras completas*, possivelmente a mais detalhada e atualizada reconstituição dos primeiros anos de Ricardo Flores Magón, há a seguinte entrada no ano de 1896: “*A decir de su hermano Jesús, comienza un “periodo borrascoso” en la vida de Ricardo Flores Magón. Entre sus lecturas de esa época están “La conquista del pan”, de Pedro Kropotkin, y “Las grandes mentiras de la civilización”, de Max Nordeau.*” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 3, p. 49.

⁷⁵³ Apud: COCKROFT, James D. *Precursores Intelectuales de la Revolución Mexicana*. México: SEP/ Siglo XXI, 1985, p. 90.

Os círculos liberais proliferaram pelo país e *Regeneración* tornou-se uma espécie de órgão oficial do partido, publicando seus comunicados e documentos⁷⁵⁴. Diante da repressão desencadeada pelo governo⁷⁵⁵, a posição de seus militantes radicalizou-se, de modo que, no manifesto lançado à nação em março daquele ano, desafiavam a ditadura propondo uma candidatura alternativa à presidência em 1904, além de mencionarem a necessidade de reformas sociais⁷⁵⁶. De modo correspondente, a denúncia de cunho jurídico veiculada por *Regeneración* converteu-se em um combate aberto ao regime, enfatizando especialmente a oposição à figura do general Bernardo Reyes, apontado como possível sucessor ao idoso ditador. Como consequência desta guinada, depois de diversos meses publicado com seus editores na prisão, em outubro daquele ano o jornal foi fechado, encerrando a sua primeira época⁷⁵⁷.

Posto em liberdade, Ricardo Flores Magón persiste em seus ataques ao regime, do que resulta uma nova ordem de prisão emitida contra os irmãos Flores Magón e seus colaboradores próximos: no final de 1902, passam 34 dias incomunicáveis no presídio de Santiago de Tlatelolco. Em janeiro do ano seguinte Arriaga foi solto e, logo depois, o próprio Ricardo. Imediatamente reorganizou-se o *Club Liberal Ponciano Arriaga* na capital, atuando como uma junta diretiva do movimento liberal. Permanecem irredutíveis em seu questionamento ao regime e estendem uma faixa no prédio, onde instalou-se o jornal recentemente reaberto, com os dizeres da manchete daquela edição: “*La Constitución ha muerto*”.

No manifesto publicado pouco depois, evidencia-se uma tensão interna no partido, que se acentuará progressivamente, entre o marco constitucional liberal⁷⁵⁸ e

⁷⁵⁴ Embora Flores Magón tenha suscitado polêmica no congresso declarando que “*la administración de Díaz es una cueva de ladrones*”, na prática passou a atuar na Cidade do México em estreita aliança com o núcleo *potosino*. Em abril daquele ano, fundou-se na capital a *Asociación Liberal Reformista*, à qual aderiram os irmãos Flores Magón.

⁷⁵⁵ Em abril de 1902, dois meses após o encontro dos liberais, foi suprimido o clube liberal de Lampazos, Nuevo León; em maio Ricardo e Jesús Flores Magón foram presos e, pouco depois, o próprio Camilo Arriaga.

⁷⁵⁶ A convocatória para o segundo congresso lançada no final do ano – que não chegou a realizar-se devido à repressão – já mencionava a necessidade de reformas sociais e agrária. No quinto ponto da convocatória, lê-se: “*Medios prácticos y legales para favorecer y mejorar la condición de los trabajadores en las fincas de campo y para resolver el problema agrario y del agio.*” MANIFIESTO del Club Liberal Ponciano Arriaga. 27 de fevereiro de 1903. Disponível em: <http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/historia/programa/21.html>. Acesso em: 18 ago. 2008.

⁷⁵⁷ Depois de dez meses encarcerados, Ricardo e Jesús Flores Magón foram soltos em março de 1902 e se apartaram politicamente de forma definitiva: o irmão mais velho seguiu uma exitosa carreira como advogado, enquanto Ricardo, que conta com a adesão do caçula Enrique, imediatamente retomou o combate, arrendando o conhecido jornal *El hijo del Ahuizote*, famoso por suas caricaturas satíricas.

⁷⁵⁸ “*Sin la dictadura que desde hace años nos oprime, el pueblo hubiera entrado en el ejercicio de sus deberes y de sus derechos y la Constitución se hubiera ido reformando a su favor.*” Ibidem.

uma radicalização no teor da denúncia social. Neste documento, encontra-se um amplo leque de denúncias, abarcando desde as condições de trabalho no infame *Valle Nacional* até a concentração fundiária, o despojo indígena e mesmo os trustes econômicos⁷⁵⁹, ao mesmo tempo em que reafirma-se o marco legal como referência para a luta. O desajuste entre a radicalidade do diagnóstico apresentado e a moderação do seu encaminhamento – “*No os llamamos a la revolución; os llamamos a salvar a la Patria*” – expressa uma diferenciação no seio da direção liberal, na qual a autoridade ainda prevalente de Camilo Arriaga, fundador e mecenas do partido, era desafiada por posições de radicalidade crescente⁷⁶⁰.

No entanto, aos olhos da ditadura são todos inimigos. Um mês depois de publicado o manifesto, a polícia invadiu a redação do jornal e prendeu quem encontrou no local, inclusive os irmãos Flores Magón, novamente retidos incomunicados durante um mês e meio na prisão de Belén⁷⁶¹. Os correligionários que escaparam esforçaram-se para manter o jornal ativo, mudando seu nome diversas vezes com a intenção de driblar a censura: “*El Padre del Ahuizote*”, “*El Nieto del Ahuizote*”, “*El Bisneto del Ahuizote*”. No entanto, em junho deste ano (1903), a Suprema Corte ratificou a proibição de circular qualquer periódico contendo escritos de Ricardo Flores Magón, sob ameaça de uma pena de 2 anos de prisão e multa de 5.000 pesos, além da confiscação dos equipamentos de impressão⁷⁶². Vedado todo espaço para a oposição política dentro da legalidade, quando deixa o cárcere em outubro deste ano, Ricardo

⁷⁵⁹ Junto com a tirania, o clero e o militarismo, o capital é mencionado na conclusão do manifesto: “*Sobre las vejaciones de la tiranía, sobre la intriga del clero, sobre la absorción del capital y del militarismo, surja el edificio grandioso de la fraternidad, de la democracia y del engrandecimiento nacionales.*” Ibidem.

⁷⁶⁰ Esta diferença se expressa na discussão, registrada em ata, sobre a conveniência de fundar-se ou não clubes *antirreeleccionistas*, nos quais Arriaga e Díaz Soto alinham-se contra a posição de Santiago de la Hoz, Juan Sarabia e Ricardo Flores Magón. Ver: ACTA de una reunión del club liberal Ponciano Arriaga. In: BARTRA. *Regeneración (1900-1918): la corriente más radical de la revolución mexicana a través de su periódico de combate*. México: Era, 1977, p. 153.

⁷⁶¹ “*Once I was young, I was kept for several weeks in a dark dungeon, so dark that I could not see my own hands. The dungeon was unpaved, and a layer of mud from three to four inches thick composed the floor, while the walls oozed a turbid fluid which prevented from drying up the expectorations, countless, careless, former occupants had negligently flung upon them. From the ceiling enormous ... overhung, in which black, horrid spiders lurked.(...) In my horrible dwelling I could stand the slimy touch of the walls, the recollection of which makes me now shudder (...).*” FLORES MAGÓN. Carta a Philip B. Grosser, 13 abr.1922. In:_____. op. cit., v. 2, p. 371.

⁷⁶² ALBRO, Ward S. *Always a Rebel – Ricardo Flores Magón and the Mexican Revolution*. Austin: Texas Christian University Press, 1992, p. 21.

Flores Magón opta por exilar-se nos Estados Unidos, junto a alguns colaboradores mais próximos. Jamais retornará ao México⁷⁶³.

Estabelecidos no outro lado da fronteira, Flores Magón e seus correligionários dedicam-se a articular uma ação revolucionária com o objetivo de derrubar Porfírio Díaz. Este trabalho terá uma dimensão ideológica, que se plasma na elaboração do Programa do Partido Liberal em 1906, e outra organizativa, traduzida na estruturação do partido e na preparação para o levante. A seguir, examinaremos as premissas do pensamento de Ricardo Flores Magón que fundamentam este projeto de Revolução Mexicana amadurecido pelo PLM no exílio. Depois analisaremos a sua fortuna política, estabelecendo o referencial ideológico e político para interpretar a radicalização magonista que culminará no manifesto anticapitalista lançado em meio à luta armada em 1911.

a) VISÃO DE MAGÓN SOBRE A FORMAÇÃO MEXICANA

Ricardo Flores Magón entende a formação mexicana como um aprofundamento da obra da Reforma Liberal avançada no século anterior, que, por sua vez, é interpretada como uma continuação da gesta emancipatória. O fio condutor deste processo é a dilatação da noção de liberdade, que evolui através do ideário magonista desde a aceção original reformista, identificada com os direitos civis, até a noção do *derecho de vivir*, afirmando a igualdade social como eixo de um projeto revolucionário sintonizado com o sentido do movimento histórico inaugurado pela Revolução Francesa. Confrontado com a necessidade de lutar contra a ditadura ao mesmo tempo em que advoga a integração nacional, o líder liberal adota a consigna *juarista* de que “*es mejor hacer en una revolución lo que tendría que hacerse en dos*”⁷⁶⁴, dotando a luta *antiporfirista* de um conteúdo social.

No plano da estratégia, a política magonista está presidida por uma racionalidade que conjuga a permeabilidade às potencialidades da conjuntura mexicana a uma

⁷⁶³ Sem nenhum centavo, estabeleceu-se inicialmente na cidade fronteira de Laredo no Texas, mas a ameaça permanente da polícia mexicana o convenceu a internar-se em San Antonio. Procedeu imediatamente a gestões para viabilizar a reaparição de *Regeneración*, que se concretizou em novembro de 1904. Um atentado à faca, em que foi defendido por seu irmão Enrique, o forçou a transladar-se para Saint Louis, Missouri, no interior do país, onde o jornal seria editado a partir de fevereiro de 1905.

⁷⁶⁴ FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 269.

sensibilidade ao sentido da história universal. Embora a permanente repressão, no México como no exílio, e o contato com o movimento operário estadunidense corroborem uma radicalização ideológica de Flores Magón e seus colaboradores, uma avaliação realista do acúmulo político dos trabalhadores mexicanos orienta a política liberal para um projeto de revolução democrática nacional nos marcos do capitalismo, segundo as diretrizes do seu programa de 1906, referência precípua da política magonista até a sua derrota militar no contexto da revolução.

i. enquadramento ideológico

Tomada a decisão de promover a revolução a partir do exílio, Flores Magón distancia-se do legalismo que caracteriza a reivindicação do liberalismo mexicano do século XIX, perfilando-se o que podemos qualificar como um pensamento distintivamente magonista⁷⁶⁵, marcado pela progressiva incorporação da temática social e por um correspondente direcionamento da sua prédica aos trabalhadores. Este movimento ideológico encontra expressão política em um projeto baseado na democratização política, na integração social e na constituição de um espaço econômico nacional, apontando para a consumação da formação mexicana segundo o ideário plasmado no programa liberal de 1906. Não obstante a radicalização posterior das consignas magonistas, nossa hipótese é que seu pensamento preservará uma coerência fundamental, lastreada na herança ideológica do liberalismo mexicano conjugada a uma visão de mundo de inspiração positivista, em que o tema da liberdade articulará uma convergência entre natureza humana e história, cujas decorrências políticas se explicitarão no curso do processo revolucionário.

O pensamento magonista está assentado na premissa de que existe uma natureza humana, e que ela é boa e livre⁷⁶⁶. Na sua visão, esta natureza tem sua expressão deturpada e seu curso obstruído por opressões de raízes históricas, que devem ser superadas. Assim, a liberdade natural é bloqueada por instituições sociais que precisam ser removidas para que a essência humana possa ressurgir. Esta será a linha fundamental do ideal humanista de Flores Magón, que transparece nesta carta:

⁷⁶⁵ Embora Ricardo Flores Magón e seus partidários identifiquem-se como liberais, genuínos seguidores da tradição juarista, e não como “magonistas”, o termo delimita com maior precisão a especificidade das ideias veiculadas pelo partido e seu líder a partir de então.

⁷⁶⁶ Sobretudo na última fase de *Regeneración*, esta noção será enriquecida pela percepção, encontrada em Kropotkin, da solidariedade como princípio natural da convivência humana, contestando uma naturalização da competição em voga, consonante com o princípio darwinista do “*survival of the fittest*”. KROPOTKIN, Piotr. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Ya sueño con un pueblo, no de sabios, ni de lubreras o notabilidades, sino simplemente de hombres. No considero como tales a los seres abyectos y cobardes, saturados de supersticiones que forman las tiranías y los frailes, para tener bestias a su servicio. El hombre debe de ser libre de cuerpo y de espíritu⁷⁶⁷.

Este enquadramento do problema, salientando a natureza social do problema da liberdade, aponta para uma positivação do conflito e, em última análise, da própria violência, encarada como componente previsível de toda ação dirigida contra as forças conservadoras que se opõem ao livre fluxo da evolução humana:

Si en su marcha evolutiva no se viera el pueblo detenido por obstáculos, no habría choques, esto es, no habría revoluciones; más como siempre hay intereses nacidos de la opresión, y de ella viven y medran, esos intereses se oponen a la libre evolución del pueblo y entonces estalla la revolución⁷⁶⁸.

Assim, os interlocutores dos magonistas serão, de antemão, os setores que se opõem aos interesses nascidos da opressão e vinculados à preservação da ordem. Na sua perspectiva, o desafio fundamental é romper com a apatia que caracteriza os homens, em um contexto em que a educação é monopolizada pelo clero e a esmagadora rotina de trabalho não permite espaço para a conscientização nem a organização populares⁷⁶⁹. Segundo Flores Magón, existe uma correspondência entre a indiferença política dos mexicanos e a opressão a que estão sujeitos: “*La tiranía durará el tiempo que dure la apatía en desaparecer*”⁷⁷⁰. Neste contexto, cabe a uma minoria consciente promover, através da propaganda sistemática difundida por meios de comunicação como *Regeneración*, o despertar daqueles destinados ao combate. Subjacente à estratégia

⁷⁶⁷ FLORES MAGÓN. Carta a Silvina R. de Trejo, 22 jul. 1905. In: _____. op. cit., v. 1, p. 114.

⁷⁶⁸ LA REVOLUCIÓN DE GUATEMALA. *Regeneración*. Número 12, 15 jul. 1906. Versão digital em CD ROM. Este artigo não está assinado, como ocorre com diversos textos que citaremos. Embora em muitos casos seja reconhecível a escrita de Ricardo Flores Magón, optaremos por referir-nos ao jornal, sem explicitar sua autoria.

⁷⁶⁹ “*Muradas las conciencias por la falta de instrucción; cerrados los horizontes por la falta de justicia, el pueblo marcha a su destino trágico empujado por la férrea mano del que juró redimirlo.*” FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 228. “*Ya hemos explicado otras veces que la inferioridad social del proletariado y del pobre en general hace completamente ilusoria la libertad política, esto es, no gozar de ella. La ignorancia y la miseria inhabilitan al hombre para pensar y emitir sus pensamientos, y aun cuando lograrse pensar y emitir sus pensamientos, serían estos de una inferioridad intelectual tan marcada que su influencia sería nula por la imposibilidad de hacerlos preponderar sobre la brillante argumentación de los hombres instruidos.*” FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 248.

⁷⁷⁰ FLORES MAGÓN, op. cit. v. 5, p. 260.

subversiva do magonismo, que dedicou-se infatigavelmente ao periodismo de combate⁷⁷¹, está a percepção de que a formação da consciência de classe é fundamentalmente um processo de ilustração dos trabalhadores⁷⁷². Esta crença no poder da razão deriva em uma valorização do papel da liderança revolucionária, a quem cabe instigar e dirigir o instinto da massa inconsciente.

*Pero si este movimiento espontáneo, producido por el instinto de la propia conservación, es inconsciente para la masa obrera mexicana, en general no lo es para una minoría selecta de la clase trabajadora de nuestro país, verdadero núcleo del gran organismo que resolverá el problema social en un porvenir cercano*⁷⁷³.

Em linhas gerais, o pensamento magonista evoluirá dentro deste enquadramento básico: o fluxo da natureza humana encontra-se obstruído por constrangimentos sociais que devem ser removidos a partir da ação revolucionária iniciada por trabalhadores ilustrados, para que a vida possa recuperar sua espontaneidade e o curso da história seu sentido natural. A referência central da sua progressiva radicalização será o conteúdo da noção de liberdade: entendida em sua expressão meramente política na primeira fase de *Regeneración*, da crescente incorporação da temática social envolverá a noção de liberdade econômica, inicialmente vinculada às conquistas políticas de maneira associada e subalterna, mas que se diferenciará na medida em que se radicaliza o processo, até se afirmar como foco do projeto liberal na sua última fase. Os documentos que balizam esta evolução são o programa promulgado pela Junta Organizadora do Partido Liberal no exílio em 1906 e o manifesto difundido em setembro de 1911, quase um ano depois da eclosão da revolução. No plano político, estes anos correspondem àqueles em que o magonismo atingiu maior poder de convocatória e consolidou-se como a liderança da oposição radical ao *Porfiriato*⁷⁷⁴.

⁷⁷¹ “El grupo de Regeneración concibe al periódico como estructurador ideológico, político y orgánico de una corriente revolucionaria de masas, como la forma fundamental de propaganda, agitación y organización colectivas.” BARTRA, op. cit., p. 16.

⁷⁷² “Entre las masas ignaras hay cerebros colosales que no necesitan más que un rayo de luz para brillar.” FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 227. “Haga usted la luz en los cerebros de los humildes, de los que sufren sin darse cuenta de sus sufrimientos como pobres bestias azoradas. El día en que una buena parte de nuestros conciudadanos comprendan de dónde proviene la miseria y la abyección que se nota en México, ese día será el último del tirano.” Ibidem, v. 5, p. 82.

⁷⁷³ FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 246.

⁷⁷⁴ “Visto en conjunto, el periodo comprendido entre 1906 y 1912 se caracterizó por el auge y la expansión de las redes organizativas, en las que se hicieron patentes, además de algunos patrones de asentamiento territorial (dejando ver cuáles eran las regiones en las que el movimiento encontró una respuesta más consistente), las modificaciones en cuanto a las posiciones políticas de los interlocutores

ii. programa do PLM de 1906

O programa promulgado pela Junta Liberal em 1º de julho de 1906 é um documento célebre na análise posterior da Revolução Mexicana, considerado por muitos autores como o antecedente ideológico por excelência da constituição de 1917⁷⁷⁵. Seu projeto consoma a progressiva associação entre o legado liberal do século anterior e a demanda por reformas sociais, anunciada desde a convocatória ao segundo congresso liberal em 1902 e presente nos debates da 2ª época de *Regeneración*, em que se diferenciam *dos tiranías*: a política e a econômica⁷⁷⁶. Embora provavelmente não tenha sido redigido por Flores Magón⁷⁷⁷, servirá como referência precípua de toda ação subsequente do partido até a revolução.

O programa apresenta, hierarquizados nesta sequência, uma costura dos temas clássicos do liberalismo mexicano, como a demanda por liberdades civis e consignas anticlericais, com uma detalhada agenda de reformas sociais visando integrar os trabalhadores urbanos e rurais. Com este objetivo, avança uma série de propostas destinadas a melhorar as condições de trabalho na indústria e um projeto de reforma agrária centrado na desapropriação do latifúndio improdutivo. O programa contempla ainda propostas de cunho nacionalista (como limitações à propriedade e ao emprego de estrangeiros), uma reforma tributária, a proteção da “*raza indígena*” e o estabelecimento de “*lazos de unión con los países latinoamericanos*”. Em suma, é um projeto nacional orientado à afirmação do capitalismo autodeterminado baseado na integração da população através do trabalho. Na sua exposição inicial, lemos:

del órgano magonista (como una muestra de las necesidades de la dirigencia), la transformación de los referentes políticos e ideológicos tanto de las agrupaciones como de la propia Junta Organizadora, y el funcionamiento de relaciones de solidaridad con organizaciones vinculadas al radicalismo norteamericano y al anarquismo internacional.” TORRE, Alejandro de la. Las agrupaciones políticas consignadas en *Regeneración*, 1900-1918. Distribución geográfica de una extensa red de solidaridades políticas. In: BARRERA BASSOLS, Jacinto (Coord.). *Versión digital del periódico Regeneración, 1900-1918*. México: Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), 2007. 1 CD-ROM, p. 116.

⁷⁷⁵ Interpretação consagrada pela obra de SILVA HERZOG, op, cit.

⁷⁷⁶ “*En nuestra tierra existen las dos tiranías apuntadas y a ellas se debe que tanto los gobernantes y las autoridades abusen por medio de la fuerza, como que los ricos señores de la tierra, de la industria, etcétera, abusen también mermando los beneficios de los hombres de trabajo (...)*” FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 248.

⁷⁷⁷ “*Este programa lleno de conceptos progresistas, reflejaba horas interminable de discussion, no solamente en los Estados Unidos y el Canadá, sino también durante nos años pasados en confraternidad, en las oficinas de Regeneración y de El hijo del Ahuizote, en los hogares, en las calles de la capital, en fondas, y en las celdas de Belem. (...) Según Villareal Ricardo escribió la exposición de motives y Juan Sarabia las secciones sobre Política y Trabajo, pero puede ser que eso no sea muy exacto.*” TURNER, Ethel Duffy. *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*. México: Comisión Editorial Nacional, 1984, p. 93.

Cuando los millones de parias que hoy vegetan en el hambre y la desnudez coman menos mal, usen ropa y calzado y dejen de tener petate todo por ajuar, la demanda de mil géneros y objetos que hoy es insignificante aumentará en proporciones colosales, y la industria, la agricultura, el comercio, todo será materialmente empujado a desarrollarse en una escala que jamás alcanzaría mientras subsistieran las actuales condiciones de miseria general⁷⁷⁸.

O programa liberal apresenta um projeto democrático nacional que identifica-se como continuador da tradição liberal mexicana na medida em que reivindica a atualização histórica do conteúdo da liberdade: o que antes era entendido principalmente como demandas cívicas agora incorpora direitos sociais. Em um artigo em que comenta o debate promovido pelo partido em torno de um esboço do programa, antes da sua redação final, Flores Magón enfatiza a associação entre liberdade e democracia, escrevendo sob o pseudônimo de Anakreón:

Por el estilo son los demás artículos del proyecto del programa; todos tienden a hacer más efectiva la libertad, y si en virtud de esa libertad que beneficia a la inmensa mayoría de mexicanos sufren lesiones los “derechos” de unos cuantos mimados de la fortuna, o de los frailes, o se aminora el poder del gobierno, no debemos detenernos en aprobarlos⁷⁷⁹.

A defesa do programa liberal de 1906, orientado à integração nacional nos moldes capitalistas, não significa, entretanto, que este seja o horizonte histórico definitivo da Junta:

No creemos que el Programa del Partido Liberal sea la última palabra en materia de conquistas del oprimido sobre el opresor (...) pero sí consideramos que con ese programa, cuando lo pongamos en práctica, se liberará la ascensión del pueblo mexicano a la altura de

⁷⁷⁸ Plan del Partido Liberal. In: DÍAZ, Lilia. *Planes políticos y otros documentos. Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana*. Prólogo de Manuel González Ramírez. 1ª reimpressão. México: FCE, 1974.

⁷⁷⁹ FLORES MAGÓN, op. cit. v. 5, p. 326. Em outro artigo, explicita a relação entre o conteúdo social do programa e o capitalismo: “Es necesario, por lo tanto, sujetar el capitalismo en cierto modo para que respiren con menos dificultades las clases laboriosas e intelectuales de nuestra sociedad.” Ibidem, v. 5, p. 254.

*bienestar y de libertad con que sueñan todos los espíritus justos, todas las almas grandes*⁷⁸⁰.

Em suma, os magonistas identificam na realização do programa liberal de 1906 um caminho para concluir a formação da nação mexicana, interpretada como passo possível e necessário na longa evolução histórica em direção à igualdade entre os homens. Ao converter seu ideário humanista em uma estratégia política para o México sob Porfírio Díaz, Flores Magón subordina a dimensão utópica do seu pensamento a uma avaliação da potencialidade da conjuntura mexicana. Relacionando a realidade nacional ao sentido do movimento da história, situa o projeto liberal como uma *“primera piedra del gran edificio de la igualdad y la fraternidad”*⁷⁸¹.

iii. sensibilidade histórica

A consciência do caráter provisório do programa liberal está referenciada em uma percepção sobre o curso gradual e permanente da mudança histórica. Esta sensibilidade remete a uma visão de progresso que, por trás da inspiração naturalista informando seus termos, revela uma substância humanista característica do ideário de Flores Magón:

*Todo evoluciona en la naturaleza, todo tiende á perfeccionarse, a avanzar, y es temerario pretender que una sociedad permanezca estacionaria. Los pueblos tienen cada vez nuevas necesidades, nuevas aspiraciones, y la realización de esas necesidades y esas aspiraciones, constituye el progreso*⁷⁸².

Esta ênfase na dimensão social da evolução histórica é consoante com a crítica liberal à noção de progresso propagada durante o *Porfiriato*, que circulava em *Regeneración* desde os tempos do clube Ponciano Arriaga. Diante de um regime que abraçou a ideologia positivista, esposando o progresso como eixo da sua propaganda, entendido como o desenvolvimento das forças produtivas que encontra máxima expressão na construção de ferrovias, os liberais estabeleceram uma distinção:

⁷⁸⁰ Ibidem, v. 5, p. 297. Em outra parte: *“Trabajar menos horas y alimentarse mejor debe ser la conquista inmediata del pueblo obrero. Hay que unirse para obtener esa conquista que debe ser considerada como uno de tantos escalones que conducen a la liberación.”* Ibidem, v. 5, p. 304.

⁷⁸¹ Ibidem, v. 5, p. 291.

⁷⁸² LA REVOLUCIÓN DE GUATEMALA. *Regeneración*. Número 12, 15 jul. 1906. Versão digital em CD ROM.

qualificaram esta modalidade de modernização como “progresso material”, que não negaram, ao mesmo tempo em que denunciaram o seu caráter excludente:

*Por otra parte, ese progreso es material, (...) y nada significan por el hecho de que el Gobierno no se ha preocupado por la justicia, la instrucción popular y el respeto alas instituciones. Los monumentos grandiosos, ricos palacios, etc. no significan bienestar popular*⁷⁸³.

O questionamento do progresso propalado pelo regime se tornaria mais direto com a radicalização dos liberais: “*En efecto; hay fábricas, hay minas riquísimas, hay ferrocarriles y telégrafos. Hay hasta suntuosos palacios... pero todo eso es nuestro progreso? (...) Pero si hay todo eso, por qué somos tan pobres?*”⁷⁸⁴. Como desdobramento deste discernimento entre crescimento econômico e integração social, o desenvolvimento das forças produtivas será um tema secundário no projeto magonista, voltado para a democratização da sociedade. Em uma circunstância na qual a desilusão com o progresso material pressiona a temática social para o centro da agenda, seu foco será a modernização das relações de produção. Nesta perspectiva, Flores Magón dirigirá cada vez mais o seu discurso aos trabalhadores mexicanos residentes no país ou na fronteira⁷⁸⁵ convocando-os a protagonizar o processo⁷⁸⁶. Esta postura causará o progressivo distanciamento dos segmentos *antiporfiristas* das classes dominantes em relação às atividades da Junta⁷⁸⁷, não obstante o interesse liberal em conformar uma ampla aliança democrática⁷⁸⁸.

⁷⁸³ REGENERACIÓN, número 35, 23/4/1901. Versão digital em CD ROM.

⁷⁸⁴ ANAKREÓN (Ricardo Flores Magón). *El Colmillo Publico*, 11 jan. 1906. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 232.

⁷⁸⁵ “*Pensemos bien el asunto de la organización en Estados Unidos porque no dudo que será la mayor fuerza con que cuente el Partido Liberal.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio Villareal Márquez, 6 jun. 1906, In:_____. op. cit., v.1, p. 170.

⁷⁸⁶ Olhando a trajetória de *Regeneración* no seu conjunto, entre 1900 e 1918: “*Como pudo notarse, se trató una trayectoria llena de contrastes en la que no puede pasarse por alto la traslación del espacio social de los adherentes al PLM, inicialmente centrado en las elites, hacia sectores conformados principalmente por trabajadores de origen mexicano en los Estados Unidos.*” TORRE, op. cit., p. 116.

⁷⁸⁷ A ruptura com Ponciano Arriaga é publicizada em outubro de 1905, quando, em artigo publicado em “*El Colmillo Publico*”, Flores Magón o chama de traidor. Isto influencia o afastamento de Madero na sequência: em setembro de 1906 o caudilho de Coahuila negará armas e ajuda ao líder insurrecional liberal Prisciliano Silva. Ver a respeito: COCKROFT, op. cit.

⁷⁸⁸ Cumpre enfatizar que, se bem Ricardo Flores Magón assuma sua filiação anarquista em carta do ano de 1908, no plano da mobilização política é absoluta a fidelidade magonista ao programa liberal de 1906 até a explosão revolucionária no final de 1910, ou mais precisamente até o manifesto de setembro de 1911. Seu horizonte é o capitalismo autodeterminado como escala para utopias futuras. Por exemplo, neste artigo de 1911: “*Las reivindicaciones del Partido Liberal son muy amplias y van muy lejos, pero se conforma con obtener para el pueblo en el próximo movimiento armado: pan, instrucción y bienestar para todos,—hombres y mujeres,—por medio de la toma de posesión de la tierra, de la reducción "de las horas de trabajo y el aumento de los salarios- Estos bienes, por sí solos, tendrán el poder de conquistar con más facilidad otros; y después otros más. El progreso de la humanidad no tiene límites (...).*”

Este direcionamento da prédica liberal aos trabalhadores é reforçado por uma sensibilidade para o movimento da história que referencia a racionalidade política de Flores Magón, determinando que, na sua ótica, a revolução mexicana deve afinar-se com o sentido da história universal. Embora nos seus escritos deste período não haja propriamente uma teleologia, predominando as referências históricas de propósito ilustrativo, respondendo aos desafios imediatos colocados pela ação política em detrimento de análises aprofundadas, revela-se a intenção de sintonizar os problemas nacionais com o sentido da história contemporânea, que, na sua leitura, aponta para a afirmação concreta da igualdade entre os homens: “*La desigualdad social murió en teoría al morir la metafísica por la rebeldía del pensamiento. Es necesario que muera en la práctica. A este fin encaminan sus esfuerzos todos los hombres libres de la tierra*”⁷⁸⁹.

Nesta perspectiva, o desafio da época em que viveu seria continuar a obra da Revolução Francesa, materializando no plano econômico as conquistas da humanidade estabelecidas na esfera do pensamento⁷⁹⁰. Flores Magón avalia que este próximo ato da história mundial será protagonizado pela classe trabalhadora. Daí a persistência com que prega a sua intervenção consciente no processo mexicano, visualizando um caminho para, ao mesmo tempo, superar os limites da rebelião política e avançar uma revolução sintonizada com o sentido da história universal:

*Obreros, amigos míos, escuchad: es preciso, es urgente que llevéis a la revolución que se acerca la conciencia de la época; es preciso, es urgente que encarnéis la pugna magna del espíritu del siglo. De lo contrario, la revolución que con cariño vemos incubarse en nada diferirá de las ya casi olvidadas revueltas fomentadas por la burguesía (...)*⁷⁹¹.

JUNTA organizadora del Partido Liberal Mexicano. *Regeneración*, número 19, 7 jan. 1911. Versão digital em CD ROM.

⁷⁸⁹ FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 182.

⁷⁹⁰ “*La revolución francesa conquistó el derecho de pensar, pero nó conquistó el derecho de vivir, y a tomar este derecho se disponen los hombres concientes de todos los países y de todas las razas.*” Ibidem, p. 182.

⁷⁹¹ FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 230. Neste mesmo ano, prevê: “*No por su educación, sino por las circunstancias especiales en que se encuentra el pueblo mexicano, es probable que sea nuestra raza la primera en el mundo que dé un paso franco en la vía de la reforma social.*” Ibidem, p. 244.

É neste contexto que Flores Magón refere-se, repetidas vezes, à consigna *juarista*: “*es mejor hacer en una revolución lo que tendría que hacerse en dos*”⁷⁹². No âmbito da história universal, o dilema é identificado com a continuidade da obra desencadeada pela Revolução Francesa, enquanto na esfera nacional significa prosseguir o movimento iniciado pela independência e aprofundado com a Reforma, e que está prestes a evoluir mais um passo através da revolução que se prepara⁷⁹³. Na perspectiva liberal, o desafio substancia-se em uma ação que articule a superação da tirania a uma mudança social em benefício dos trabalhadores, atualizando a herança liberal progressista do século anterior: “(...) *seguimos la obra de Juárez, simplemente cambiando la táctica, pues mientras él creyó que la Ley podría redimir al trabajador, nosotros creemos que la Ley es impotente para ello, y que es necesario el hecho*”⁷⁹⁴.

Ao propor o *aggiornamento* do pensamento radical mexicano, avançando a centralidade da questão do trabalho como via de superação do atraso no país, Flores Magón pretende sintonizar os problemas nacionais ao dilema da história universal contemporânea, qual seja, materializar o preceito intelectualmente aceito da igualdade entre os homens. Nesta perspectiva, o diagnóstico revolucionário e o programa da Junta Liberal situam-se na conjunção entre as possibilidades e os limites da conjuntura mexicana com as grandes questões do tempo: diante da ausência de espaço para a reforma dentro da ordem, considera-se necessário realizar uma revolução nacional que promova a integração da classe trabalhadora, gerando as condições para o seu progressivo protagonismo em sintonia com o movimento geral da história.

⁷⁹² FLORES MAGÓN. In: BARTRA, op. cit., p. 269.

⁷⁹³ “*En cambio la Revolución de Ayutla que fue una verdadera revolución, nos dejó la revolución y abrió nuevos campos a la felicidad del país con la promulgación de las Leyes de Reforma. Una revolución como ésta es la que necesita México, pero todavía más amplia en sus miras, con horizontes todavía más extensos.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio e Francisco Villareal Márquez. 17 nov. 1905. In: _____, op. cit., v. 1, p. 133.

⁷⁹⁴ FLORES MAGÓN. Carta a Luis Rivas Iruz, 3 jun.1911 In: _____, op. cit., v. 1, p. 593. Visto da ótica da relação com o legado *juarista*, a evolução dos escritos de Flores Magón serve como um termômetro do seu itinerário ideológico: em um primeiro momento propõe-se a restaurar a Constituição de 1857; depois, a atualizar a sua herança enfatizando a dimensão econômica da liberdade; por fim, orienta-se à sua superação através da expropriação dos bens de produção. O legado *juarista* é permanentemente reivindicado, mesmo quando os liberais assumem uma posição de enfrentamento com a propriedade privada, marco legal óbvio da Constituição de 57. “*Los liberales radicales vamos a expropiar a la clase poseedora (...) teniendo entendido que solamente de ese modo se puede lograr lo que Juárez quería: que el hombre aproveche el producto de su trabajo, y no parte de ese producto.*” FLORES MAGÓN. La obra de Juárez. *Regeneración*. Número 40, 3 jun.1911. Versão digital em CD ROM. Apenas com o artigo de 1914, intitulado “*Muera la constitución!*”, a crítica ao liberalismo *juarista* é extremada, denunciando-se os limites de qualquer constituição. FLORES MAGÓN. *Muera la constitución. Regeneración*. Número 178, 28 fev.1914. Versão digital em CD ROM.

iv. *derecho de vivir*

Enquanto no plano político a confluência entre a análise da conjuntura e o sentido da história desemboca na ação e no programa da Junta Liberal, articulados a partir do exílio, no terreno das ideias é a noção do *derecho de vivir*, avançada entre a 3ª e a 4ª época de *Regeneración* (a partir de 1906), que cristalizará a evolução do pensamento social magonista, colocando a igualdade no centro do seu projeto para o México:

*La igualdad social, que es el sueño generoso de todos los hombres emancipados, se conseguirá conquistando el derecho de vivir, y ese derecho consiste en la facultad que todo ser humano tiene de aprovechar los progresos alcanzados por la ciencia y por la industria en la producción de todo lo que hace agradable la existencia y es útil al desarrollo integral de la raza humana*⁷⁹⁵.

O ponto de partida deste movimento do pensamento magonista é a noção liberal de que existe uma convergência entre natureza humana e liberdade, de modo que a obstrução às liberdades civis imposta pela tirania bloqueia, a um tempo, a realização do homem e a evolução da história. A progressiva inclusão da temática social enseja uma diferenciação nesta obstrução, desdobrada em duas tiranias: a política e a econômica, agravadas por uma terceira de natureza ideológica, qual seja, a hegemonia cultural da Igreja. Como resultado, revela-se um gradativo alargamento da concepção de liberdade no discurso magonista, em que a liberdade política é entendida como condição necessária, mas insuficiente, para a realização da liberdade econômica, identificada com a integração por meio do trabalho. Finalmente, na noção do *derecho de vivir*, confirma-se uma inversão, uma vez que a liberdade econômica, entendida como a afirmação das condições materiais de produção e reprodução da espécie, é interpretada como uma premissa da genuína liberdade: “*Lo que el pueblo necesita para gozar de libertades es su emancipación económica, base inmovible de la verdadera libertad*”⁷⁹⁶.

Na medida em que a emancipação econômica é identificada com a própria realização da vida, insinua-se uma aproximação ideológica entre vida e liberdade que,

⁷⁹⁵ FLORES MAGÓN. La guerra social. *Regeneración*. Número 24, 11/2/1911. Versão digital em CD ROM.

⁷⁹⁶ FLORES MAGÓN. Libertad política. *Regeneración*, 12/11/1910. In: BARTRA, op. cit., p. 251, Também: “*El Partido Liberal Mexicano trabaja por conquistar libertades para el pueblo considerando como 1a base de todas las libertades - la libertad económica.*” JUNTA organizadora del Partido Liberal Mexicano. Op. cit.

na última época de *Regeneración*, força ao máximo a confluência entre natureza humana e sentido da história:

El derecho de rebelión es sagrado porque su ejercicio es indispensable para romper los obstáculos que se oponen al derecho de vivir. Rebeldía, grita la mariposa al romper el capullo que la aprisiona; rebeldía, grita el grano en el surco al agrietar la tierra para recibir los rayos del sol; rebeldía, grita el tierno ser humano al desgarrar las entrañas maternas; rebeldía, grita el pueblo cuándo se pone de pie para aplastar á tiranos y explotadores⁷⁹⁷.

Em síntese, a política de Ricardo Flores Magón à frente da Junta Liberal está informada por uma interpretação do movimento da história que aponta para a realização da liberdade constitutiva da natureza humana, em suas múltiplas dimensões: política, cultural e econômica. Esta leitura supõe um sentido na evolução do homem e da história, embora não observe-se uma teleologia em seu pensamento, entendida como um modelo civilizatório ou um padrão de desenvolvimento histórico a ser seguido. Por outro lado, veremos que o objetivo de modernizar as relações de trabalho no México enseja uma inspiração nos países do capitalismo central. Como desdobramento desta concepção, a violência e a revolução são entendidas como recursos legítimos para desobstruir o curso da história, que evoluirá segundo um ritmo e um tempo referido às variáveis objetivas e subjetivas de cada momento. O resultado é um amplo campo de possibilidades para a atuação política, que deve sintonizar-se não apenas com o movimento da história universal, mas com os limites e oportunidades que cada conjuntura específica apresenta.

b) CAMINHO MAGONISTA PARA A FORMAÇÃO MEXICANA

A adoção do exílio por Ricardo Flores Magón e outros líderes liberais em 1904 significou o reconhecimento da impossibilidade de enfrentar o regime liderado por Díaz nos marcos da legalidade. Embora seja difícil determinar de modo peremptório que a decisão de seguir para os Estados Unidos foi tomada em conjunto com a resolução de

⁷⁹⁷ FLORES MAGÓN. El derecho de rebelión. *Regeneración*. Número 2, 10 set. 1910. Versão digital em CD ROM.

promover a luta armada⁷⁹⁸, é evidente a partir de meados de 1905 que Flores Magón e seu grupo assumem de modo consistente a tarefa de organizar o Partido Liberal para uma ação revolucionária⁷⁹⁹, caminho que alienará o setor moderado do partido, começando por Arriaga, além de desencadear uma perseguição política internacional implacável. Apesar da radicalização ulterior decorrente das lutas no exílio, a estratégia liberal para a formação nacional está presidida por uma racionalidade que subordina convicções ideológicas pessoais a uma leitura realista das potencialidades históricas, que determinará uma fidelidade absoluta ao programa de 1906 até os primeiros meses da revolução.

i. Junta Liberal no exílio

Uma vez estabelecidos nos Estados Unidos, os liberais retomaram imediatamente o combate ao *Porfiriato*, reiniciando em novembro de 1904 a publicação de *Regeneración*. A tentativa frustrada dos opositores ao regime de disputar eleições para governador no ano seguinte em Coahuila, província natal de Francisco Madero, evidenciou publicamente o fechamento dos espaços políticos para um enfrentamento dentro da ordem, oferecendo a ocasião propícia para a publicação, pouco depois, dos cinco pontos que constituíram as *Bases para la unificación del Partido Liberal Mexicano*⁸⁰⁰.

⁷⁹⁸ Como nota Torres Parés, é comum atribuir a radicalização magonista ao contato de seus líderes com o movimento operário dos Estados Unidos, em particular com os anarquistas Emma Goldman e Florencio Bazzora. A raiz desta interpretação estaria no livro de Barrera Fuentes de 1955 que provavelmente magnifica a menção deste contato feito na introdução redigida por Librado Rivera para a biografia que Diego Abad Santillán escreveu sobre Ricardo Flores Magón. No entanto, segundo este mesmo autor, o depoimento de Enrique Flores Magón colhido por Samuel Kaplan indica que a decisão teria sido tomada no México. Em nossa investigação observamos que não há uma mudança significativa no conteúdo dos artigos escritos em 1904 (sob pseudônimos ou para *Regeneración* a partir de novembro), e que a resolução de transpor os marcos da legalidade se explicita em meados de 1905, como mostraremos a seguir. Como tivemos acesso a apenas uma carta publicada de Ricardo Flores Magón neste ínterim (já que a maioria das cartas publicadas é correspondência interceptada pelo governo mexicano, prática sistemática a partir de 1905), é possível afirmar que a resolução se explicitou neste período, independentemente de quando foi formada. TORRES PARÉS, Javier. *La revolución sin frontera: El Partido Liberal Mexicano y las relaciones entre el Movimiento Obrero de México y el de Estados Unidos, 1900-1923*. México: UNAM, 1990, p. 34.

⁷⁹⁹ Dentre os temas presentes observa-se a articulação de um complô para assassinar Bernardo Reyes, a busca de um químico para ajudar na explosão de centrais de força e a preocupação em conquistar a adesão de setores do exército. Ver cartas em: FLORES MAGÓN, In: _____. op. cit., v. 1, p. 192, 264 e 210, entre outras.

⁸⁰⁰ “Tras los fracasos de la lucha electoral en estos tres estados (Coahuila, Oaxaca e Yucatán), *Regeneración* dejó de lado sus vínculos con agrupaciones partidarias de la oposición al régimen por medio de las urnas, al tiempo que las alianzas estratégicas con las elites regionales se vieron sensiblemente disminuidas.” TORRE, op. cit., p. 29. Mais adiante: “Habrá que destacar que en el periodo que va de febrero a agosto de 1906 se alcanzan a percibir algunas modificaciones en el tipo de agrupaciones que el periódico registra. Por ejemplo, además de que los grupos manifestaban una

De acordo com este documento, o trabalho de organização liberal é concebido em duas frentes, uma pública e outra clandestina⁸⁰¹. Esta divisão prevê que as atividades de propaganda e denúncia serão conduzidas pela *Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano*, constituída no exílio com esta finalidade, seguindo a liderança de Ricardo Flores Magón. Nesta circunstância, *Regeneración* torna-se seu órgão oficial⁸⁰². Por outro lado, a nucleação de base deve ser levada a cabo por militantes empenhados em constituir “*agrupaciones secretas que estarán en comunicación con la Junta*”, que, por sua vez, compromete-se a guardar “*absoluto secreto sobre los nombres de los adeptos. No comunicará entre sí a las distintas agrupaciones o personas afiliadas (...)*”⁸⁰³.

Embora o texto do documento não explicity a organização para a luta armada, o manifesto que precede as *Bases* encaminha esta conclusão: “*No consideramos factible en las presentes condiciones, una lucha publica y abierta, y los medios que vamos á ofrecer para combatir al despotismo de un modo eficaz y seguro, son los que consideramos como los únicos posibles*”⁸⁰⁴. Em uma carta escrita nestes mesmos dias, Flores Magón reafirma a determinação de proceder à organização revolucionária⁸⁰⁵, ao mesmo tempo em que clareia o seu propósito: “*No debemos buscar la caída del tirano actual para colocar en su lugar a otro tirano, sino que debemos procurar el derrumbamiento del sistema opresor (...)*”⁸⁰⁶.

A repressão à convocação liberal não tardou. Poucas semanas depois de publicados o manifesto e as bases, Flores Magón foi preso pela primeira vez nos

adhesión formal al PLM, veremos que los clubes políticos ya no figuran principalmente en relación a coyunturas electorales específicas o alrededor de redes organizativas agrupadas en torno a sociedades mutualistas, sino que empezamos a encontrar grupos independientes de agricultores y organizaciones obreras de tipo sindical.” Ibidem, p. 32.

⁸⁰¹ “*A nosotros nos parece que debemos hacer trabajos secretos para ir preparando la revolución, para ir la organizando, y eso es precisamente lo que estamos haciendo. En publico no excitamos al pueblo a las armas, porque vemos que sería peligroso hacerlo, no para nosotros, sino para nuestros correligionarios, porque al saber el gobierno que descubiertamente hacemos trabajos revolucionarios, sería interceptada la correspondencia que viene para nosotros, y nuestros amigos serían asesinados en México. Ven ustedes que es preciso obrar con cautela.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Marquez, 5 dez. 1905. In: _____. op. cit. v. 1, p. 143.

⁸⁰² Segundo o documento, a Junta se propõe a lutar “*por todos los medios contra la dictadura de Porfirio Díaz.*” BASES para la unificación del Partido Liberal Mexicano. In: BARTRA. Op. cit., p. 172.

⁸⁰³ Ibidem, p. 172.

⁸⁰⁴ JUNTA organizadora del Partido Liberal Mexicano. Manifiesto. *Regeneración*. Número 48, 30 set. 1905. Versão digital em CD ROM.

⁸⁰⁵ “*Pensamos como ustedes, el único remedio a los males del pueblo está en la revolución, pero una revolución no se improvisa. Es obra de paciencia y continuada propaganda.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio Y Francisco Villareal Marquez, 8 out. 1905. In: _____. op. cit., v. 1, p. 134-135.

⁸⁰⁶ Continua a passagem: “*cayendo naturalmente el tirano pero implantar un sistema que garantice mejor la felicidad de los mexicanos.*” Ibidem, v. 1, p. 135.

Estados Unidos, junto com seus colaboradores mais próximos, em uma ação certamente instigada pelo governo de seu país natal⁸⁰⁷. Documentos revelam que, um mês antes de consumir-se a operação, o governo mexicano dera os primeiros passos para interceptar sistematicamente a correspondência dos redatores de *Regeneración*, prática que se perpetuaria nos anos seguintes⁸⁰⁸. Nesta época, estima-se em vinte mil os assinantes do jornal, entre residentes no México e nos Estados Unidos.

Ricardo Flores Magón foi solto em janeiro de 1906⁸⁰⁹ e, no mês seguinte, iniciou-se a 3ª época de *Regeneración*. A análise da correspondência de seu líder mostra que, neste momento, a Junta Liberal retomou febrilmente os trabalhos, buscando, de um lado, difundir a nucleação liberal através do jornal e, de outro, acelerar a conspiração secreta, organizando o levante armado: “*Fue preciso predicar por algún tiempo; ahora se hace necesario obrar*”⁸¹⁰.

Partindo de uma estratégia que devota importância fundamental ao potencial de difusão ideológica e mobilização orgânica de um jornal, a atividade da Junta orienta-se primordialmente aos trabalhadores urbanos, geralmente mais letrados e geograficamente concentrados. Com o intuito de fomentar a organização operária, o partido envia militantes às zonas de concentração industrial, envolvendo-se com as principais lutas trabalhistas que fermentavam⁸¹¹. São notórios os vínculos da Junta Liberal com os

⁸⁰⁷ O pretexto é uma acusação de difamação movida pelo político oaxaqueño Manuel Esperón de la Flor.

⁸⁰⁸ “*El gobierno mexicano inició la interceptación esporádica de la correspondencia de los redactores de Regeneración aun antes de que éstos optaran por el exilio en diciembre de 1903. Pero el primer paso para sistematizar esa práctica se dió en los primeros días de septiembre de 1905, cuando la Administración General de Correos de México emitió una circular en la que pedía a sus oficinas de Correspondencia Foránea retener tanto los envíos a la ciudad de Saint Louis dirigidos al presidente de la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano, Ricardo Flores Magón, como los ejemplares del periódico provenientes de aquella población. (...) Tanto la retención de la correspondencia como la del periódico constituía una flagrante violación, por parte de la oficina postal de México, de los tratados internacionales vigentes.*” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 1, p. 23.

⁸⁰⁹ Após o pagamento de fiança, graças a uma campanha movida pelo periódico aliado “*El Colmillo Público*”.

⁸¹⁰ FLORES MAGÓN. Carta a Heliodoro Olea, 28, maio, 1906. In: _____. op. cit., v. 1, p. 143.

⁸¹¹ “*De ahí la decisión de Ricardo Flores Magón y demás dirigentes de la Junta de seleccionar y enviar a un puñado de aguerridos aunque noveles activistas a Cananea y Río Blanco.*” HERNÁNDEZ PADILLA, Salvador. Itinerarios del magonismo en la Revolución Mexicana. *Revista Contrahistorias – la otra mirada de Clio*. N. 4, ano 2005, p. 22. “*Aunque se sigue discutiendo sobre cuál fue la influencia real del PLM entre los trabajadores mexicanos, militantes vinculados a la organización desempeñaron papeles importantes en los dos conflictos laborales más significativos de las postrimerías del período de Díaz. El primero de ellos estalló en una gran mina de cobre de propiedad norteamericana en Cananea, en el estado de Sonora. Los trabajadores mexicanos de la mina estaban muy molestos porque eran objeto de varias formas de discriminación, especialmente en el terreno salarial, ya que les pagaban mucho menos que a los extranjeros. En 1906, influenciados hasta cierto punto por organizadores del PLM, los trabajadores se declararon en huelga para pedir un aumento salarial y la reducción de la jornada de trabajo. (...) Más adelante, en aquel mismo año, los trabajadores de la industria textil de Puebla fueron a la huelga contra la imposición de nuevas y severas normas laborales en las fábricas. Al final, la huelga*

líderes da greve dos mineiros de Cananea em junho de 1906, marco da ascensão do protesto operário sob o *Porfiriato*⁸¹², assim como com as greves na região têxtil de Orizaba iniciadas em dezembro deste mesmo ano, centralizadas na fábrica de Río Blanco⁸¹³.

Apesar do envolvimento com as lutas operárias, o foco da conspiração liberal será a organização do levante armado, objetivo visível na correspondência de Ricardo Flores Magón a partir de 1905. A estratégia consiste em combinar a ação de pequenos grupos diretamente armados pela Junta em pontos fronteiriços do território estadunidense, com o levante simultâneo dos núcleos em contato com a organização espalhados pelo México⁸¹⁴. A expectativa é que a iniciativa de uma miríade de grupos dispersos dificulte a repressão por um tempo suficiente para que a chama revolucionária incendeie o tecido social mexicano, como descreve nesta carta:

Si la mitad y aun la tercera parte de los grupos que hay cumple levantándose, la revolución estará asegurada aunque se haya comenzado con los grupos miserablemente armados, que siendo varios los grupos rebeldes y extensa la república, no podrán ser aplastados en un día por los esclavos de la dictadura, y cada día de

provocó un cierre patronal a escala nacional, y el propio Díaz tuvo que arbitrar en la disputa. Muchos trabajadores, no obstante, rechazaron el resultado del arbitraje y algunos organizaron una revuelta virtual en la fábrica textil de Río Blanco, cerca de Orizaba, el 7 de enero de 1907. Organizadores que simpatizaban con el PLM habían actuado en la región de Orizaba durante el año anterior, aunque en el momento de la rebelión la mayoría de ellos ya habían sido encarcelados u obligados a abandonar la región. El régimen, como hemos visto, sofocó la insurrección de Río Blanco con gran violencia.” HALL; SPALDING JR, op. cit., p. 309.

⁸¹² Três meses antes da explosão da greve, Flores Magón escrevia a Esteban Baca Calderón e a Manuel Diéguez: “*Si bien es cierto que Cananea no es el único punto en que los correligionarios se organizan con el fin de obtener la libertad y el bienestar del pueblo, es undudable, por otra parte, que ustedes son necesarísimos en ese punto para los trabajos del Partido Liberal. Ustedes son allí los jefes más inteligentes y más abnegados del Partido, y pueden calcularse los males que la organización recibiría si fueran despedido de sus trabajos.*” Reprimida a greve, ambos foram encarcerados no notório presídio de San Juan de Ulúa, e só foram soltos no bojo da Revolução. Baca Calderón chegou a ser deputado constituinte e senador por Jalisco, e Diéguez, governador de Jalisco. FLORES MAGÓN, op. cit., v. 1, p. 157.

⁸¹³ Sobre o conflito em Orizaba: “*Entre los dirigentes del Gran Círculo de Obreros Libres, promotor de las huelgas, se encontraban José Neyra, Juan Olivares, Porfirio Meneses y Anastacio Guerrero, todos ellos miembros del PLM.*” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 1, nota 95, p. 234. Ver também: HERNANDEZ PADILLA, Salvador. *El magonismo, historia de una pasión libertaria. 1900-1922*. México: Era, 1996.

⁸¹⁴ “*Nuestra idea es ésta. Que usted o cualquiera de los amigos de Laredo recorran los estados de Texas, California, etcetera, donde hay mexicanos. Se apersonará con los mexicanos correligionarios que le recomendamos para hablar del asunto, a fin de que estén listos para que, cuando se les indique, estén con su gente en determinado lugar de la frontera, unos por Brownsville, otros por Laredo, otros por Del Río, otros por Eagle Pass, otros por El Paso, otros por Waco, Texas. (...) Bien se pueden concentrar con sigilo (...) bien armadas y dispuestos a todo, para que en un momento por los seis puntos se internen (...) al mismo tiempo se levantarán en Oaxaca, en Veracruz, en Tamaulipas, en Hidalgo, en San Luis Potosí, en Zacatecas.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio Villareal Márquez, 16 jun. 1906. In: _____. op. cit., v. 1, p. 143.

*vida para un grupo significa aumento de personal, aumento de armas, y adquisición de recursos de todo género, con la circunstancia, además, de que alentados los valientes en todas partes, surgirán nuevos levantamientos secundando a los bravos que prendieron la mecha*⁸¹⁵.

Implícito a esta proposta está o diagnóstico de uma conjuntura revolucionária, na qual a ação corajosa de núcleos pioneiros deflagrará a insubordinação geral latente, que se propagará segundo um padrão espontâneo que a Junta não pretende comandar. Responsável por sintonizar a iniciativa dos núcleos, trabalho feito com a maior discrição, a Junta pretende delegar a direção militar da luta aos chefes locais⁸¹⁶. De modo correspondente, os liberais não advogam o comando político do processo pós-revolucionário⁸¹⁷. A seus olhos, esta questão é relativizada face ao imperativo de concretizar as conquistas através da ação popular imediata, motivado por uma desconfiança em relação ao poder neutralizador de qualquer institucionalidade⁸¹⁸.

No entanto, esta valorização da ação direta e local não se traduz em espontaneísmo. Flores Magón concebe a empresa revolucionária como uma ação política que exige método e organização, referenciada em um programa sintonizado com a potencialidade do momento histórico. A preocupação em dotar a iniciativa insurgente de uma racionalidade recorre na correspondência que trata dos preparativos

⁸¹⁵ FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón, 7 jul. 1908. In: _____. op. cit., v. 5, p. 460. Sobre a preparação para o levante de 1906: “*Todo es comenzar, pero comenzar del modo indicado para que el gobierno se sorprenda al ver que por diferentes lugares de la frontera hay revolucionarios y se encuentren en la necesidad de dividir sus fuerzas, que no serán bastantes para sofocar el movimiento porque al mismo tiempo se levantarán en Oaxaca, en Veracruz, en Tamaulipas en Hidalgo, en San Luis Potosí, en Zacatecas. No quiero decir que los estados en masa se levantarán, pero sí en un lugar de cada estado de esos (...)*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio Villareal Márquez, 16 jun. 1906. In: _____. op. cit., v. 5, p. 169.

⁸¹⁶ “*Todo eso se hará, pero y cuando se hayan roto las hostilidades; cuando el pueblo esté em armas y se sepa definitivamente con qué grupos cuenta el partido, y será hecho, no por la Junta, sino por los mismos jefes de los diferentes grupos que se pondrán de acuerdo entre si.*” FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 297.

⁸¹⁷ “*Dice usted que desean saber quién será el presidente de la república. Cuestión esa que no puede resolverse porque la elección de presidente la hará el pueblo, al triunfar el movimiento, según se dice en el Programa del Partido Liberal (...)*”. FLORES MAGÓN. Carta a Loreto Martínez, 17 maio, 1907. In: _____. op. cit., v. 1, p. 309.

⁸¹⁸ “*(...) si triunfa la revolución, se reúne un congreso encargado de reducir a leyes los ideales que hicieron al pueblo tomar las armas y batirse.*” Esta despreocupação está assentada também em uma crença no poder da autogestão dos trabalhadores: “*Hay que tener en cuenta que no contando los trabajadores con moneda para pagarse un salario diario con que comprar lo que necesiten para vivir, es preciso que ellos mismos establezcan una comisión de estadística que llevará un registro de los recursos con que cuenta cada región dominada por la revolución, así como de las necesidades de los habitantes laboriosos de las mismas regiones. Teniendo ese registro los trabajadores se cambiarán mutuamente sus productos y habrá tal exceso de producción, que podrán facilmente sin sacrificio mantener a los soldados de la revolución.*” FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón y Práxedes Guerrero, 13 jun. 1908. In: _____. op. cit., v. 1, p. 462.

para o levante armado entre 1905 e 1908, juntamente com a obsessão em angariar fundos para prover os rebeldes de armas:

*Creemos que antes de la acción es preciso que los ánimos estén exaltados y eso es lo que se está logrando, pero para que la acción sea benéfica, es preciso que haya método (...) Se necesita un Programa al cual se adhiera un buen numero de hombres de acción (...)*⁸¹⁹.

A reivindicação do método como premissa do êxito revolucionário está referida a uma leitura da história que distingue claramente entre uma rebelião política limitada a derrocar a ditadura e a revolução social⁸²⁰. A raiz da diferença, na visão de Flores Magón, está na racionalidade do ator revolucionário, o que supõe uma direção da ira popular consequente com os objetivos políticos estabelecidos: *“Hay muchos odios acumulados, como les digo a ustedes. Pero ahora es preciso disipar esos odios, encauzarlos, dirigirlos, para que no se desborden sin método y sin dirección”*⁸²¹. A racionalidade que deve presidir a organização revolucionária está assentada em um apurado sentido da política, apontando para a submissão dos impulsos insurrecionais ao ritmo da mudança social, o que implica consideração realista das condições objetivas e subjetivas da luta. Assim, a preparação revolucionária adequada deve prevalecer sobre a impaciência ou o imprevisto, condicionando o tempo da revolução: *“Debemos calmadamente organizar la revolución”*⁸²².

⁸¹⁹ Ibidem, v. 5, p. 137.

⁸²⁰ “La revolución del porvenir tiene que ser no solamente política sino social, porque de lo contrario recaeremos en otra tiranía tal vez más espantosa que la que ahora nos agobia.” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez, 8 out. 1905. In: _____. op. cit. v.1, p. 130.

⁸²¹ Ibidem. Também: “La revuelta de Madero no puede llamarse revolución. El movimiento del Partido Liberal mexicano sí es una verdadera revolución. Por qué? Es facil decirlo; las masas inconscientes que han tomado el fusil para luchar en las filas maderistas han sido empujadas por la desesperación. Los compañeros que combaten en las filas liberals han ido a la lucha convencidos de que es un acto de justicia expropiar la tierra a los ricos para entregársela a los pobres. La desesperación podrá formar caudillos y futuros tiranos, la convicción ilustrada, la consciencia de la finalidad social de la lucha, la certeza de que se lucha contra la clase capitalista, no puede formar tiranos (...)” FLORES MAGÓN. El rebaño inconsciente se agita bajo el látigo de la verdad. *Regeneración*, 4 mar. 1911. Versão digital completa.

⁸²² FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez. 5 dez.1905. In: _____. op. cit., v. 1, p. 142. “Debemos tomar como ejemplo la revolución rusa. Para prepararla fue necesaria la organización, y habrán visto ustedes que a pesar de haber tenido una admirable organización (...) ha sido preciso aplazar el levantamiento armado para cuando el pueblo adquiriera las armas.” Ibidem, p. 143. Refere-se à revolução russa ocorrida naquele ano (1905). Outro exemplo: “Pensamos como ustedes, el único remedio a los males del pueblo está en la revolución, pero una revolución no se improvisa. Es obra de paciencia y continuada propaganda. Los franceses para destruir la Bastilla, necesitaron cien años de propaganda revolucionaria.” Ibidem, p. 132.

Seguindo estes princípios, o partido levou a cabo duas tentativas insurrecionais em 1906⁸²³ e 1908⁸²⁴, ambas frustradas pela repressão preventiva da ditadura. O governo mexicano orquestrou, nestes anos, uma operação massiva de perseguição aos liberais, em conluio com o governo dos Estados Unidos⁸²⁵. Dentre as providências tomadas, a famigerada agência de detetives Furlong foi colocada na lista de pagamento do Estado mexicano, com a missão de rastrear e prender a liderança liberal, o que provocou a sua fuga para o Canadá (março 1906)⁸²⁶. Em agosto de 1907, Ricardo Flores Magón foi finalmente capturado na Califórnia. Ao provocar um escândalo público no momento da detenção, conseguiu evitar sua extradição ou sequestro, práticas que

⁸²³ Em setembro a Junta divulgou uma *Proclama a la Nación*, explicitando pela primeira vez o chamado à luta armada. Neste mesmo mês, dois grupos se levantaram por iniciativa própria: na cidade fronteiriça de Jiménez as escaramuças duraram semanas. Já na região sul de Veracruz e Tabasco, o desenvolvimento da agricultura de exportação estimulado pela penetração ferroviária aguçara uma disputa agrária que colocava camponeses e indígenas em pé de guerra. Como resultado, o conflito adquiriu contornos comuns a muitos dos embates que estourariam no bojo da Revolução e, atravessando altos e baixos, subsistiria através dos anos revolucionários. Ver: AZAOLA GARRIDO, Elena. *Rebelión y derrota del magonismo agrario*. México: FCE, 1982.

⁸²⁴ A segunda tentativa insurrecional foi agendada para 25 de junho de 1908: estimava-se entre 40 e 64 os grupos mobilizados, dos quais apenas 30 estavam armados. Novamente a interceptação da correspondência e as prisões efetuadas na véspera foram eficazes, mas, desta vez, não impediram o início do levante: destacamentos liberais atravessaram a fronteira e atacaram os vilarejos de Viesca, em Coahuila, e Las Vacas e Palomas, em Chihuahua. As ações foram sufocadas em pouco tempo, com um saldo de dezenas de mortos e presos.

⁸²⁵ Como consequência da conspiração liberal entre junho e outubro de 1906, o governo mexicano na pessoa de um de seus principais quadros, o governador de Chihuahua Enrique Creel, chegou à conclusão de que, para submeter os liberais, era necessário estabelecer um trabalho repressivo de longo prazo. Depois de reuniões entre Creel, o vice-presidente Ramón Corral e o general Díaz na cidade do México, entre 1º e 15 de dezembro deste ano, foi orquestrado o projeto repressivo, que previa: “*La creación y puesta en funcionamiento de un aparato diplomático-policiaco, aprovechando los servicios de los cónsules mexicanos en las ciudades fronterizas, reforzado por agentes secretos de agencias como la del señor Furlong y policías secretos mexicanos contratados para trabajos específicos, así como por autoridades norteamericanas, locales y federales, dispuestas a prestar sus servicios al gobierno mexicano a cambio de regalos sustanciosos. Ese aparato se encargaría no sólo de recopilar la información necesaria sobre todo lo relacionado con los “revoltosos”, sino que ejercería acciones punitivas, por medios legales e ilegales (secuestros, cateos, violación de correspondencia, etcétera), en contra de los miembros del PLM. Finalmente, esas acciones gozarían de la cobertura que les proporcionaría una intensa campaña diplomática al más alto nivel en Washington, con vistas a que las autoridades de la Casa Blanca sancionaran los golpes dados por los agentes al servicio del gobierno mexicano en ese país, con el objetivo final de obligarlas, por esa vía, a asumir como propia la tarea de desmembrar la organización liberal.*” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 1, p. 35. Com esta finalidade, Creel é nomeado embaixador extraordinário e plenipotenciário nos Estados Unidos. Seus esforços incluíram uma viagem até o Canadá seguindo o rastro dos liberais, que foi abortada por um telegrama de Furlong avisando da prisão iminente dos líderes. Creel tomou o primeiro trem para Los Angeles, onde trabalhou incansavelmente até ter garantida a condenação dos revoltosos pela justiça dos Estados Unidos. A partir deste momento, o aparato persecutório pôde ser relaxado.

⁸²⁶ Os líderes da Junta então fogem para o Canadá em março de 1906, para onde seguem agentes secretos. *Regeneración* está fechado desde setembro de 1906, embora a atividade periodística seja retomada em junho do ano seguinte através da publicação de *Revolución* em Los Angeles, sob a direção de Modesto Díaz. Uma recompensa de US\$ 25 mil é oferecida pela captura de Ricardo Flores Magón, o que finalmente ocorre em agosto de 1907 pela ação do famigerado detetive Furlong. As acusações iniciais são refutadas na justiça, mas outros processos *ad hoc* são imediatamente avançados e Flores Magón não recobrará a liberdade até agosto de 1910.

vitimaram outros liberais naqueles tempos. No entanto, recobriria a liberdade somente em agosto de 1910, já nas vésperas da eclosão revolucionária.

ii. fontes da radicalização liberal

A experiência revelou que, ao contrário do que poderiam esperar, a mudança para os Estados Unidos não apaziguou a perseguição política sofrida pelos liberais mexicanos. Confrontados com uma relação promíscua entre governos mancomunados na repressão a todo radicalismo político, o exílio teve como efeito aprofundar e ampliar o alcance da reflexão magonista, enraizando sua crítica social na contradição entre o capital e o trabalho, ao mesmo tempo em que projetou uma dimensão internacionalista à sua causa. Apesar deste movimento ideológico, o horizonte político do PLM permanecerá referenciado pelo programa de 1906, uma vez que a racionalidade que norteia a liderança de Flores Magón pauta-se, de um lado, por um diagnóstico da realidade mexicana, da sua história e do seu padrão de luta de classes e, de outro, por uma sensibilidade em relação ao sentido da história universal. Ambos os vetores podem ser adequadamente analisados sem o recurso a categorias exteriores à experiência política e ideológica dos líderes liberais⁸²⁷.

Apesar do contato que teve com a literatura progressista mundial antes de exilar-se nos Estados Unidos, é neste país que Flores Magón tem oportunidade de relacionar-

⁸²⁷ Na bibliografia sobre o magonismo é comum atribuir sua derrota política à progressiva adesão de Ricardo Flores Magón e seus colaboradores mais próximos ao anarquismo. Existe polêmica quanto à datação e as origens desta filiação. Se nos artigos escritos a partir de 1906 é notável que os liberais se dirigem cada vez mais diretamente aos trabalhadores e focalizam sua denúncia em temas relacionados ao trabalho, nos documentos a que tivemos acesso é somente em uma carta datada de junho de 1908, nas vésperas da insurreição programada para aquele mês, que Flores Magón assume uma filiação anarquista, ao mesmo tempo em que justifica o rótulo liberal: “*Ningun partido liberal en el mundo tiene las tendencias anticapitalistas de que está próximo a revolucionar en México, y eso se ha conseguido sin decir que somos anarquistas, y no lo habríamos logrado ni aunque nos hubiéramos titulado no ya anarquistas como somos, sino simplemente socialistas. Todo es, pues, cuestión de táctica.*” FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón, 7 jul. 1908. In: _____. op. cit. v. 5, p. 464. A outra fonte para seguir o percurso ideológico de Ricardo Flores Magón é o depoimento daqueles que conviveram com ele. Como seu testemunho de vida foi logo reivindicado pelos anarquistas, e diversos de seus apoiadores fiéis cultivaram uma simpatia com o anarquismo, é plausível a intenção de lhe atribuir uma precoce conversão. A reivindicação seminal é: ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Ricardo Flores Magón. El Apóstol de la Revolución Social Mexicana*. México: CEHSMO, 1978. Também: TURNER, Ethel Duffy. *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*. México: Comisión Editorial Nacional, 1984, p. 93.

Ver ainda os testemunhos de correligionários, sobretudo Nicolas T. Bernal, recolhidos em: URIOSTEGUI MIRANDA, Pindaro. *Testimonio del proceso revolucionario de México*. México: Argirín, 1970. A natureza interessada destes depoimentos ou mesmo as vicissitudes a que está submetida a memória de cada pessoa limita a confiança nestas fontes, que devem ser cruzadas com outras. Em nossa opinião, esta questão não é fundamental para apreciar a atividade política de Ricardo Flores Magón à frente da Junta Liberal no período anterior à Revolução Mexicana pelos motivos que expomos neste trabalho.

se de maneira orgânica com um movimento operário influído pelas correntes contestatórias de matriz europeia, dentre as quais contam-se as diferentes facções anarquistas⁸²⁸. Este convívio incide na trajetória ideológica do magonismo, que incorporará progressivamente o tema da luta de classes ao seu projeto de revolução mexicana. Em um contexto de ascenso da organização dos trabalhadores nos Estados Unidos, verifica-se uma convergência entre a radicalização dos liberais mexicanos e a dinâmica do movimento operário deste país. Os magonistas aproximaram-se principalmente da IWW (International Workers of the World), organização que incluía uma base de trabalhadores de origem mexicana, estabelecendo uma relação fértil e, às vezes, difícil, intensificada na última época de *Regeneración* (a partir de 1910)⁸²⁹. Esta afinidade materializou-se sobretudo através da luta pela liberdade de expressão, causa comum entre as organizações populares naquela conjuntura⁸³⁰. Assim, à medida que recrudescia a perseguição aos mexicanos no exílio, os liberais empenharam-se em mobilizar a opinião pública estadunidense em sua defesa, dirigindo-se particularmente à classe trabalhadora⁸³¹. No *Manifiesto al pueblo americano*, divulgado em inglês em dezembro de 1907, afirmam:

⁸²⁸ No período formativo dos irmãos Flores Magón a experiência acumulada das lutas operárias no México é baixa, a difusão das ideias de inspiração socialista é restrita e, neste contexto, a tradição anarquista é exígua. “*En general, en México había menos conocimiento del desarrollo del pensamiento socialista europeo que en muchos otros países latinoamericanos.*” Em parte, este fato é atribuído ao reduzido nível de imigração de trabalhadores europeus ao México, principais difusores das ideias socialistas no continente. Ver: CARR, op. cit.

⁸²⁹ Nas páginas de *Revolución*, sucessor de *Regeneración* publicado a partir de 1907, nota-se: “(…) el registro de los primeros contactos con organizaciones sindicales norteamericanas como la International Workers of the World y la Western Federation of Miners, con un fuerte arraigo en el sur de California, así como con el Partido Socialista estadounidense. El contacto con esta esfera política será el inicio de una larga (y a veces tensa) relación entre el radicalismo de la costa oeste de los Estados Unidos y el Partido Liberal Mexicano, que se hará patente de 1910 en adelante.” TORRE, op. cit..

⁸³⁰ A solidariedade atingirá seu ponto culminante em 1909. Ver: TORRES PARÉS, op. cit..

⁸³¹ No número 9 de *Revolución* (27/7/1907), quando é anunciada *La vuelta de Sarabia* (seqüestrado no Arizona dia 1º de julho), publica-se pela primeira vez uma nota em inglês que será recorrente deste momento em diante, resumindo as aspirações reformistas do partido, intitulada: *What the Liberal Party stands for?* No número seguinte, aparece o artigo: *Son bandidos los miembros de la Western Federation of miners?*, revelando uma orientação classista solidária, que aponta para o internacionalismo. Na edição 14, de 14/09/1907, é publicada uma resolução do *Partido Socialista Internacional* dos Estados Unidos em solidariedade aos liberais no exílio. Quando são presos os líderes da Junta no final deste mês, esta solidariedade é mobilizada: “*Por el hecho de haber sido detenidos en los Estados Unidos, nuestros compañeros Magón, Villareal y Rivera, inculcados por falsas acusaciones tramadas cobardemente por los porfiristas que en todas las grades ciudades de la Unión se han celebrado reuniones públicas de obreros protestando enérgicamente del atropello cometido contra nuestros amigos, y para consolidar dichos actos, se reunieron los comités de las uniones locales, pidiendo al comité de las federaciones nacionales que se hagan suyas la infamia cometida contra los revolucionarios mexicanos, como así mismo se han enviado mensajes pidiendo solidaridad á los grandes centros obreros de París, Londres y Bruselas (...)*” REVOLUCIÓN. Número 16, 5 out. 1907. Versão digital em CD ROM.

*Somos revolucionarios pero no del tipo tristemente clásico en la infortunada América Latina. Mantenemos, vivimos y trabajamos por altos ideales y nobles fines, y es por esta razón que los magnates del poder político y económico de los Estados Unidos y de ambas repúblicas están interesados en nuestro exterminio*⁸³².

Esta denúncia dos nexos de classe que substanciam a relação entre os governos de ambos os países é indício de uma evolução da política magonista, que terá dois desdobramentos: de um lado, o investimento na solidariedade operária internacional⁸³³, e, de outro, o direcionamento da pregação liberal aos trabalhadores mexicanos, que aparece crescentemente informada pelo vocabulário da luta de classes⁸³⁴, convocando abertamente à luta armada⁸³⁵. Embora esta radicalização da leitura liberal se explicita no exílio, há evidências de que as raízes do projeto revolucionário magonista estão diretamente referidas à experiência de luta no contexto do *Porfiriato*. A rudeza persecutória que vitimou os liberais desde cedo aguçou em Flores Magón uma sensibilidade para o padrão de luta de classes mexicano, moldando sua convicção sobre os limites da reforma dentro da ordem que fundamenta a decisão revolucionária:

⁸³² Após uma breve menção à repressão *porfirista* no México, o panfleto faz um exaustivo apanhado da perseguição que vitima os liberais no exílio, acusando o governo dos Estados Unidos de “mexicanizar” seus procedimentos, estabelecendo um perigoso precedente que pode se voltar contra seus próprios cidadãos. Em sua parte conclusiva, o documento aponta para o fundamento de classe em que está assentada a perseguição internacional. Apud: TORRES PARES, op. cit., p. 79. Na edição eletrônica deste número de *Revolución* perdeu-se a última página do manifesto.

⁸³³ “Si, esclavo mexicano, la lucha entablada en nuestra tierra entre opresores y oprimidos, se va formalizando cada día más, y gracias á las estúpidas maquinaciones de nuestros enemigos, para perseguirnos, ello ha dado un resultado contra producente para sus malvados planes, ya que han sido los causantes para que se divulgaran sus hazañas por todo el orbe entero, consiguiendo que caiga la maldición de los obreros de todos los países sobre la cabeza de nuestros verdugos.” REVOLUCIÓN, 5 out. 1907. Versão digital em CD ROM. Orientação que se explicita na carta em que assume filiação anarquista e discorre sobre um eventual governo revolucionário: “Deberemos cultivar relaciones internacionales, pero no con los gobiernos sino con las organizaciones obreras de todo el mundo ya sean simplemente trade-unionistas, socialistas o anarquistas.” FLORES MAGÓN, Ricardo. Carta a Enrique Flores Magón e Práxedes Guerrero, 13 jul.1908. In: _____. op. cit., v. 1, p. 467.

⁸³⁴ Ricardo Flores Magón preso desde agosto de 1907, *Revolución* é fechado no número seguinte à publicação do *Manifiesto al pueblo americano*, em janeiro de 1908. Neste ano, Flores Magón publica alguns artigos sob o pseudônimo de Netzahuapilli. No artigo “*Esclavos, luchad!*”, publicado em *Libertad y Trabajo* (6/6/1908), refere-se à origem da propriedade da terra em termos similares a Engels e conclui: “Desde entonces, los despojados para poder vivir, tuvieron que trabajar para provecho de los despojadores; los robados quedaron al servicio de los ladrones, primero como esclavos, más tarde como siervos y hoy como obreros.” Em “*Los reptiles*”, denuncia abertamente o governo dos Estados Unidos na pessoa de seu presidente e do seu procurador geral, o que era evitado até então. FLORES MAGÓN. Op. cit., v. 5, p. 360 e 365.

⁸³⁵ A seguinte nota recorre a partir de então no jornal: “Cada rebelde debe apresurarse a comprar su fusil Winchester y parque 30x30 en cantidad suficiente para cubrir las exigencias de una campaña activa y prolongada.”

*Nunca hemos soñado con una evolución pacífica. Los intereses actualmente existentes se opondrán desesperadamente a toda libertad y a toda justicia, y esa oposición de los elementos conservadores, al chocar con los principios liberales que sostenemos, producirá indefectiblemente la revolución*⁸³⁶.

Ao longo dos seus escritos, a estratificação social mexicana é apresentada de forma cada vez mais rígida, até descrever, na véspera revolucionária, uma sociedade virtualmente polarizada:

*México es el país de los inmensamente pobres y de los inmensamente ricos. Casi puede decirse que en México no hay término medio entre las dos clases sociales: la alta y la baja, la poseedora y la no poseedora; hay, sencillamente, pobres y ricos*⁸³⁷.

Este contraste econômico gera, na visão de Ricardo Flores Magón, uma apartamento entre as classes que configura um padrão étnico de diferenciação social, resultando em uma relação marcada pelo ódio e o desprezo entre os polos sociais⁸³⁸. A consequência prevista é um padrão violento de resolução do conflito social: “*No hay que hacerse la ilusión de que la revolución del porvenir no va a ensangrentar demasiado al país. Desgraciadamente eso sucederá*”⁸³⁹. Assim, é possível argumentar que a trajetória revolucionária dos liberais no exílio está referida ao padrão de luta de classes mexicano e à intransigência política do regime, que motiva uma radicalização

⁸³⁶ FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez, 5 dez.1905. In: _____. op. cit., v. 1, p. 142. “*Todos aquellos que en el medio opresos han medrado y encuentran en él manera de vivir y de prosperar, serán los que se opongan tenazmente a la acción popular. Todas las fortunas adquiridas por los tiranos se defenderán desesperadamente; todos los derechos adquiridos durante el despotismo se resistirán a ceder al pueblo los privilegios adquiridos en la época funesta.*” FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez, 8 out.1905. In: _____. op. cit., v. 5, p. 134.

⁸³⁷ FLORES MAGÓN. En pos de la libertad. Disertación leída en la sesión del Grupo Regeneración la noche del domingo 30 de octubre de 1910. In: BARTRA, op. cit., p. 244-245.

⁸³⁸ “*Estos contrastes tan notables (...) alimentan y robustecen dos sentimientos: uno, de desprecio infinito de la clase rica y ilustrada por la clase trabajadora, y otro de odio amargo de la clase pobre por la clase dominadora, a la vez que la notable diferencia entre las dos clases va marcando en cada una de ellas caracteres étnicos distintos, al grado que casi puede decirse que la familia mexicana está compuesta de dos razas diferentes (...) No es, por lo tanto, el del pan, un problema exclusivo de México; pero sí podemos asegurar que en ninguna parte como en México presenta dicho problema caracteres más crueles, aspectostan brutales, que hacen pensar seriamente en un recurso formidable como el de la revolución, para evitar que el problema se resuelva en el envilecimiento, y mas tarde en la extinción definitiva de una raza, por el hambre y la tiranía.*” REVOLUCIÓN. Número 4, 22 jun. 1907. Versão digital em CD ROM.

⁸³⁹ FLORES MAGÓN. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez, 8 out. 1905. In: _____. op. cit., v. 5, p. 134.

dos meios e fins da luta liberal, informada pelo contato com as correntes progressistas da luta operária nos Estados Unidos.

O ceticismo em relação ao espaço para a reforma nos marcos do *Porfiriato* era contrabalanceado, na estratégia magonista, por uma avaliação pessimista sobre as possibilidades de ação política dos trabalhadores mexicanos. A exitosa combinação de cooptação e repressão realizada pelo regime em um contexto de acelerado crescimento econômico, minimizou os nexos de continuidade entre as lutas trabalhistas desencadeadas no contexto da Reforma, ainda fortemente marcadas pela tradição mutualista, e o desabrochar das lutas operárias segundo um padrão moderno no século XX, condenando os trabalhadores mexicanos a um incipiente acúmulo político e ideológico, reconhecido pela liderança liberal⁸⁴⁰. Nesta circunstância, o objetivo classista assumido pela Junta nos artigos anteriores à revolução é superar as marcas do atraso nas relações de trabalho mexicanas, seja no campo, de onde provém a maior parte do contingente operário, seja na cidade, onde persiste o legado mutualista. A proposta é elevar o potencial da reivindicação trabalhadora a patamares mínimos de organicidade e combatividade, viabilizando a conquista de direitos elementares como condição para o fortalecimento de classe: “*Lo que ahora sé pretende es cortar de raíz los abusos de que ha venido siendo víctima el trabajador, y ponerlo en condiciones de luchar contra el capital sin que su posición sea en absoluto desventajosa*”⁸⁴¹.

⁸⁴⁰ É significativo observar a coincidência de uma escassez de referências em relação ao último decênio do século XIX tanto em obras que se referem às origens do movimento operário mexicano como nas biografias sobre Ricardo Flores Magón. Este relativo silêncio é quebrado em ambos os casos pela articulação liberal iniciada em 1901. Tivemos acesso limitado à bibliografia mais recente sobre a história do movimento operário mexicano. As seguintes obras exemplificam o notável hiato entre o *Gran Círculo de Obreros de México*, fundado em 1872, e o congresso do Partido Liberal em 1901, preenchido com uma ou outra greve no meio. CARR, Barry. *El movimiento obrero y la política en México, 1910-1929*. México: Era, 1981. HART, John. *Anarchism and the Mexican working class (1860-1931)*. Austin: University of Texas Press, 1971. Este autor usa critérios problemáticos para reconstruir uma tradição anarquista mexicana, reivindicando como tal autores que, na obra precursora de Gastón García Cantú, aparecem referidos ao socialismo e que, por vezes, se identificam como tal. Para além do complicado problema da heterodoxia dos pensadores latino-americanos e a compulsão a rotulá-los, questão que transcende as fronteiras do pensamento socialista e do século XIX, e é negligenciada nesta obra, importa para os nossos propósitos indicar que mesmo um autor propenso a identificar influências anarquistas em personagens e movimentos heterodoxos acusa este hiato ideológico no final do século XIX. “*The Díaz regime, because of its early successes, acted something like a filter against the full transmission of the Mexican anarchist tradition. As a result, the twentieth century Mexican anarchists turned not to their nineteenth century predecessors, but to Proudhon, Bakunin, and Kropotkin.*” HART, op. cit., p. 87. GARCÍA CANTÚ, Gastón. *El socialismo en México, siglo XIX*. México: Era, 1969.

⁸⁴¹ Continua o artigo: “*Si se dejara al obrero en las condiciones en que hoy está, difícilmente lograría mejorar pues la negra miseria en que vive continuaría obligándolo a aceptar todas las condiciones del explotador. En cambio garantizándole menos horas de trabajo y un salario superior al que hoy gana la generalidad, se le aligera el yugo y se le pone en aptitud de luchar por mejores conquistas, de unirse y organizarse y fortalecerse para arrancar al capital nuevas y mejores condiciones.*” REGENERACIÓN. Número 13, 1 ago. 1906. Versão digital em CD ROM. No artigo publicado em Revolución n. 8,

No conjunto, Flores Magón, percebe os trabalhadores mexicanos como uma classe atrasada⁸⁴², com escasso acúmulo de lutas e assombrada por uma miríade de resquícios ideológicos de origem colonial e pré-capitalista, que vão da naturalização da desigualdade ao catolicismo⁸⁴³. Nesta perspectiva, o propósito imediato da luta de classes no México é a superação do legado *porfirista*, e seu horizonte político, o capitalismo autodeterminado, referenciado no padrão de vida alcançado pelos trabalhadores no vizinho Estados Unidos:

*Es preciso que dejen de creer que su situación miserable se debe a la fatalidad y que si sufren se debe a que no les tocó en suerte nacer en telas de seda. El que trabaja tiene derecho a que le pague bien, a que no se le robe en las tiendas de raya, a ocupar un lugar decente en la sociedad. Nuestros obreros deben tomar ejemplo de los obreros yanquis que han sabido hacerse respetar, por lo que gozan un bienestar con que aquí no se sueña*⁸⁴⁴.

Em suma, a partir da constituição da Junta Liberal no exílio, Flores Magón comandou o partido baseado no diagnóstico da ausência de espaço para a reforma dentro da ordem, em uma sociedade marcada por um padrão de sociabilidade análogo à segregação étnica, condenando os trabalhadores a um patamar primitivo e inarticulado de reivindicação social. A convivência com o movimento operário estadunidense ampliou a consciência de classe dos líderes da Junta, e a denúncia magonista dos

(20/07/1907), quando estreia a consigna *Tierra y Libertad*, se escreve: “No podemos instituir nuestra sociedad sobre la base de la igualdad económica porque nos falta educación; no podemos enarbolar como regla de conducta la sentencia de Proudhon: “la propiedad es el robo;” pero sí podemos contribuir al mejoramiento del proletariado y a ponerlo en aptitud de que más tarde destruya al monstruo de la explotación y se emancipe por completo.” REVOLUCIÓN. Número 8, 20 jul. 1907. Versão digital completa.

⁸⁴² Isto se evidencia no teor didático dos seus artigos. À medida que os temas sociais ganham preponderância na prédica magonista, revela-se uma preocupação recorrente em despertar o trabalhador mexicano para a percepção elementar dos seus direitos, reiterando incansavelmente a igualdade entre os homens como primeiro passo para a consciência da sua condição oprimida. “Aunque os parezca extraordinario, también tenéis derecho a la felicidad. La sangre que anima vuestras carnes mal vestidas es la misma que anima a los hombres elegantes que os tienen a cierta distancia con los extremos de sus bastones.” ANAKREÓN (Ricardo Flores Magón). Agrupaos, proletarios. *El Colmillo Público*. 28/01/1906. In: FLORES MAGÓN, op. cit. v. 5, p. 222. Outro exemplo: “Ah, si supieses que todos vosotros, hombres y mujeres que no conocéis más que el lado negro de la vida, tenéis tanto derecho a la felicidad como los que pesan sobre el pueblo, otra cosa sería de la patria!” Ibidem, p. 225.

⁸⁴³ “Porfirio Díaz ha mostrado siempre decidido empeño por conseguir que el proletario mexicano se considere a sí mismo inferior en mentalidad, moralidad y habilidad técnica y hasta en resistencia física a su hermano el trabajador europeo y norteamericano. (...) Esto, naturalmente, ha retrasado la evolución del proletariado mexicano (...)” Ibidem, v. 5, p. 247.

⁸⁴⁴ ANAKREÓN (Ricardo Flores Magón). El programa del partido liberal. *El colmillo Público*. 11 mar. 1906. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 5, p. 254.

dilemas mexicanos incorporou o vocabulário da luta social contemporânea. Nesta circunstância, a ação do PLM esteve calcada em um trabalho incessante de propaganda, dirigido fundamentalmente aos trabalhadores urbanos, com o objetivo de mobilizar grupos dispostos a engajar-se em uma insurreição armada para derrocar Porfirio Díaz, estabelecendo as condições para implantar um programa orientado a integrar o povo mexicano por meio do trabalho como via para afirmar o desenvolvimento capitalista em bases nacionais, visto como escala para utopias futuras. Assim, a despeito da radicalização ideológica de muitos de seus membros, a Junta Liberal no exílio subordinou as convicções pessoais ao cálculo das potencialidades políticas franqueadas pela conjuntura⁸⁴⁵, cultivando a possibilidade de aliança com os setores anti-porfiristas das classes dominantes até a ruptura irreversível nos campos de batalha.

c) DESFECHO

Objetivando evidenciar a relação entre a derrota militar das forças liberais e a sua radicalização política no contexto da Revolução Mexicana, cotejaremos os acontecimentos fundamentais do processo em seus momentos iniciais, com a evolução das consignas magonistas registrada no periódico *Regeneración*, para então referir-nos brevemente ao ocaso do movimento, acelerado pela perseguição contínua sofrida nos Estados Unidos até a morte de seu principal líder.

A recalcitrância de Porfirio Díaz em consumir a alternância no poder com que havia se comprometido desde princípios de 1908, inclusive diante da imprensa internacional⁸⁴⁶, motivou uma radicalização da oposição política ao regime, instigando os primeiros enfrentamentos armados que logo desembocariam na revolução. A mecha é acesa a partir da repressão governamental à campanha *antireeleccionista* em sua hora decisiva, quando aproximam-se as eleições previstas para junho de 1910. Preso nas vésperas do pleito, seu líder máximo, Francisco Madero, foge para os Estados Unidos,

⁸⁴⁵ Mesmo posteriormente, quando a revolução se radicaliza e a Junta reorienta suas consignas na direção da expropriação da propriedade privada, a definição ideológica aparece subordinada ao conteúdo da luta: “*Es por el llamado pueblo bajo por el que lucho. Que esto sea socialismo, que esto sea anarquismo, no me importan las denominaciones.*” FLORES MAGÓN. Carta a Luis Rivas Iruiz, 3 jun, 1911. In: _____. op. cit., v. 1, p. 592. Também: “*Nuestros clubes no se llaman socialistas pero lo son.*” FLORES MAGÓN. Carta a María Tavalera, 1908. Ibidem, p. 494. Ou a correspondência com o dirigente sindical Eugene Debs (6/4/1911): “*We are not concerned with “isms”. We are practical people, engaged in a most sternly practical task – the recovery of their natural inheritance by the disenherited.*” FLORES MAGÓN. Ibidem, p. 557.

⁸⁴⁶ Consultar a respeito a entrevista de Díaz a Creelman, em: SILVA HERZOG, op. cit., v. 1, p. 127.

de onde lança o *Plan de San Luis de Potosí*, convocando um levante nacional para o dia 20 de novembro de 1910⁸⁴⁷.

Desde os Estados Unidos, os líderes da Junta Liberal acompanham com atenção a crescente efervescência da conjuntura mexicana. Diante do chamado de Madero às armas, os magonistas assumem como linha política contribuir para derrocar o ditador, estabelecendo relações cordiais porém sem submeter-se aos *antirreleccionistas*. Fora da prisão desde agosto deste ano, Flores Magón assume à frente de *Regeneración*, de volta às gráficas no mês seguinte, a tarefa de discernir entre o escopo do levante maderista e o programa liberal⁸⁴⁸: “*El Partido Liberal lucha por obtener la libertad política y la libertad económica para todos los mexicanos (...) Este Programa es bien distinto del Programa del Partido Anti-reeleccionista*”⁸⁴⁹.

Como se sabe, em um primeiro momento, a convocação ao levante armado realizada por Madero a partir dos Estados Unidos provocou uma resposta irregular e pouco promissora em território mexicano⁸⁵⁰. Do lado dos magonistas, decididos a aproveitar a agitação e somar forças ao levante sem abrir mão da sua autonomia, a Junta reconhece que os núcleos ainda não estavam prontos para tomar as armas, embora incentive os preparativos com esta finalidade⁸⁵¹.

A explosão do confronto em Chihuahua no fim de 1910, que rapidamente transbordou o controle da junta maderista, estimulou outros levantes que logo

⁸⁴⁷ Centrado na consigna “*sufragio efectivo y no reelección*”, o documento faz escassa referência às questões sociais, embora mencione no seu artigo terceiro a necessidade de reverter o despojo agrário causado pela atuação excessiva das companhias deslindadoras. FABELA, Isidro (Dir.). *Documentos Históricos de la Revolución Mexicana*. Tomo I: Revolución y Régimen Maderista. México: FCE, 1954. p. 33.

⁸⁴⁸ “(...) *a partir de entonces contaba con siete columnas y con una página en inglés destinada a nuevos lectores de habla inglesa que anteriormente no habían sido considerados; pero acaso la transformación más importante fue que desde el comienzo de la cuarta época los artículos aparecían calzados por la firma de su autor, como un síntoma de la independencia de criterios en la redacción del periódico.*” TORRE, op. cit.

⁸⁴⁹ EL PARTIDO LIBERAL Y EL ANTI-REELECCIONISTA. *Regeneración*, número 10, 5 nov. 1910. Versão digital em CD ROM. Também: “*El Partido Liberal quiere libertad política, libertad económica por medio de la entrega al pueblo de las tierras que dententan los grandes terratenientes, el alza de los salarios y la disminución de las horas de trabajo (...) El Partido Antireeleccionista solo quiere la libertad política(...)*” Ibidem.

⁸⁵⁰ No número 14 de *Regeneración*, de 3/12/1910, resume-se a percepção da situação e da tática liberal na conjuntura: “*El Partido Liberal no estaba listo para entrar en campaña; pero si el movimiento hubiera durado unas três cuatro semanas más, los liberales abríamos tomado parte en lá lucha, no como maderistas ni para elevar a Francisco I. Madero a la Presidencia de la República, sino como libertários que aprovechan los trastornos públicos durante los cuales el principio de autoridad se debilita, para propagar por medio de la acagandas, sus principios reivindicadores.*” FLORES MAGÓN. El Partido Liberal y la Revolución de Madero. *Regeneración*. Número 14, 3 dez. 1910. Versão digital em CD ROM.

⁸⁵¹ Nas vésperas do ano novo, *Regeneración* publica: “*La Junta trabaja con toda actividad por completar la organización de los grupos que han de rebelarse en México en un momento dado.*” FLORES MAGÓN. Adelante, Adelante. *Regeneración*. Número 17, 24 dez. 1910. Versão digital em CD ROM.

incendiariam o país⁸⁵². Diversos grupos liberais se alçaram em armas nesta região, mas sofreram uma perda importante quando seu principal dirigente, Práxedes Guerrero⁸⁵³, perdeu a vida na tomada do povoado de Janos em 30 de dezembro. Impelida pelas circunstâncias, a Junta publicou na semana seguinte suas *Instrucciones Generales a los Revolucionarios*, exortando os grupos liberais ainda não sublevados a aderir imediatamente à luta.

Nesse cenário, Madero relutou em atravessar a fronteira mexicana e encarar o confronto em uma região que não era reduto seu para liderar politicamente uma guerra que não comandava: Pascual Orozco e Pancho Villa emergiam como lideranças indiscutíveis, mas de subordinação duvidosa. Empurrado por uma ordem de prisão emitida nos Estados Unidos, Madero retornou ao México em fevereiro de 1911 e precisou usar de toda habilidade para costurar sua liderança sobre os grupos rebelados. Esta manobra teve como premissa a cooptação ou o desbaratamento dos grupos levantados sob a bandeira liberal⁸⁵⁴. O primeiro a ser preso foi Prisciliano Silva, líder de um núcleo rebelde no povoado tomado de Guadalupe, para onde já se dirigira Madero. Silva recusou-se a reconhecer o mando maderista⁸⁵⁵, ainda que antes tivesse atendido a um apelo de cooperação militar. Como resposta, em 25 de fevereiro de 1911, o *Regeneración* denuncia Madero como traidor, fechando as possibilidades de colaboração na luta⁸⁵⁶.

⁸⁵² Na bibliografia da crônica dos eventos, o livro de Alan Knight faz um esforço de amearhar a miríade de episódios e motivações regionais, étnicas e de classe que compuseram o processo revolucionário em um país escassamente integrado e dá uma boa idéia da sua complexidade, embora de outro lado careça de um referencial interpretativo capaz de conferir sentido ao conjunto impressionante de informações que reúne. KNIGHT, Alan. *The Mexican Revolution*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990, 2 tomos. Para uma síntese dos debates sobre o caráter da revolução, ver do mesmo autor: KNIGHT, Alan. *Interpretaciones recientes de la Revolución Mexicana*. Revista *Secuencia*, México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, núm. 13, ene.-abr. 1989, p. 23-43.

⁸⁵³ Nascido em 1882 procedente de uma família de fazendeiros, Guerrero renunciou a sua origem e trabalhou desde 1900 como operário no México e nos Estados Unidos, tornando-se uma das principais lideranças revolucionárias liberais no exílio. Sua participação nas ações militares foi desaprovada pela Junta, que prezava sua liderança política.

⁸⁵⁴ “It was when he attempted to deal with the Magonistas that Madero also felt the limits of his authority over his subordinates. When he ordered Orozco to either force the dissidents to join his army or to disarm them, Orozco refused, and it seemed at first that there was no one else to whom Madero could turn to impose his authority.” KATZ, Friederich. *The life and times of Pancho Villa*. Stanford: Stanford University Press, 1998, p. 97.

⁸⁵⁵ O número 25, de 18/2/1911 publica uma carta de Prisciliano Silva desde o front onde se lê: “Le escribo desde el campo de la lucha por la igualdad social, por la que tanto he sufrido con mi pobre familia a la cual he sacrificado su fortuna y su porvenir, por dedicarme exclusivamente a la lucha desde tanto tiempo atrás como Ud. sabe; pero no importa: lo principal para mí es cumplir con mi deber como soldado de la Revolución Social.” SILVA, Prisciliano. Carta enviada desde o Campo de Operaciones del Ejército Liberal, Guadalupe, 11 feb. 1911. In: *Regeneración*. 18 feb. 1911. Versão digital em CD ROM.

⁸⁵⁶ Como decorrência, o texto das “instrucciones generales a los revolucionarios” é alterado. No ponto 11, onde se lia: “La causa del Partido Liberal es distinta de la causa maderista, por ser la liberal la

Para prosseguir na delicada tarefa de neutralização dos liberais, Madero se viu impossibilitado de recorrer a Orozco, principal liderança militar então, mas que tinha vínculos pregressos com os magonistas e já se recusara a desarmá-los⁸⁵⁷. O cumprimento dessa missão selaria a fidelidade de Villa, que até então não tinha atuação política, a Madero⁸⁵⁸. Em contrapartida, despertou-se o ódio dos liberais pelo caudilho de Durango, o que teve conseqüências dramáticas para o alinhamento de forças no futuro do processo: somente em 1916, passado o ápice do impulso revolucionário, os magonistas deixariam de tratar Villa como um bandido⁸⁵⁹.

A ruptura da possibilidade de aliança supra-classista com o setor anti-porfirista das classes dominantes representado pelo maderismo, aliada à generalização do enfrentamento no campo protagonizado pela miríade de forças populares, resultaram em uma guinada ideológica nas páginas de *Regeneración*: a denúncia social é dirigida cada vez mais diretamente contra a propriedade privada e o capitalismo⁸⁶⁰, respondendo, de

causa de los pobres; pero en caso dado, ya sea para la resistencia como para el ataque, pueden combinarse ambas fuerzas y permanecer combinadas por todo el tiempo que dure tal necesidad.” Agora se escreve: “*En ningún caso deberán combinarse las fuerzas liberales con las fuerzas maderistas.*” FLORES MAGÓN et. al. Instrucciones generales a los revolucionarios. *Regeneración*. 25 fev. 1911. Versão digital em CD ROM.

⁸⁵⁷ Poucos meses depois Orozco comandaria uma rebelião contra Madero, já presidente, mas com o apoio do famigerado clã Creel –Terrazas. Seria derrotado por Villa. Segundo Katz, “*he had sided with the villagers in 1910 and with the oligarchy in 1912, with the consistent aim of increasing his own power.*” KATZ, op. cit., p.143. Embora este mesmo autor e outros afirmem uma adesão inicial dos magonistas a Orozco, nas páginas de *Regeneración* não há evidências disso. Menciona uma visita de Juan Sarabia seis dias depois de iniciada a revolta: “*Sarabia was impressed and extended to the movement a kind of official party blessing by stating that ‘the present armed movement... is clearly liberal in nature’*”. Ibidem, p. 141. No entanto, desde a sua libertação da prisão em junho de 1910, Juan Sarabia aderiu à corrente liberal moderada dissidente dos magonistas, que defendeu um apoio crítico a Madero.

⁸⁵⁸ “*The other reason for Villa’s readiness to obey Madero’s order to disarm the Magonistas was that, unlike Orozco and most other military leaders of the Maderista movement in Chihuahua, he had never been involved in radical politics before 1910. All those who had in one way or the other fought against Creel and Terrazas before 1910 had established some kind of cooperation with the Magonistas and were reluctant to proceed against their erstwhile allies. In the long run, Villa’s attack on the Magonistas would initiate the opposition of many Mexican and later US radicals to Villa.*” Ibidem, p. 101. Este mesmo autor anota que a aura aristocrata de Madero e sua liderança de tipo caudilhesco foram determinantes para ganhar a admiração e a fidelidade de Villa, e certamente de outros chefes populares.

⁸⁵⁹ Apesar da falta de uma visão nacional articulada dos problemas mexicanos e da característica volátil e pouco democrática dos seus procedimentos, é indiscutível o caráter anti-oligárquico que assume a luta de Pancho Villa no transcorrer da Revolução, quando se converte no principal líder militar da facção radical. No entanto, a sua relutância em promover a reforma agrária imediata, segundo Katz porque arriscaria desmobilizar seu exército, operava segundo a lógica da guerra de fronteira típica do norte onde a terra é o prêmio pela vitória, certamente colaborou para manter o distanciamento dos liberais que pregavam a expropriação no ato, como praticado pelos zapatistas, que no entanto jamais constituíram um exército com a mobilidade e o profissionalismo das tropas villistas. Ver: KATZ, op. cit.

⁸⁶⁰ Uma busca por palavras na versão digitalizada de *Regeneración* confirma esta afirmação: a consigna *Tierra y Libertad* se generaliza a partir de março de 1911, número 26; o termo *expropiación*, a partir do número 29; *propiedad individual* observa-se a partir do número 33, de abril; proletario, embora ocorra anteriormente, se afirma como tratamento vocativo; *propiedad privada* se generaliza a partir do número

um lado, a uma aceleração do processo revolucionário e, de outro, ao desígnio de diferenciação em relação ao maderismo, cujo prestígio cresce à despeito dos seus propósitos sociais acanhados. Constrangido a posicionar-se em relação às negociações de Madero com Díaz, Flores Magón expressa pela primeira vez com clareza o desígnio de expropriação imediata das forças produtivas – e não só da terra: “*La Junta contestó que no ha tomado parte en ésas negociaciones ni está por la paz, a menos que se acepten todas las demandas del Partido Liberal Mexicano comenzando por la expropiación de la tierra y de los útiles de trabajo para que tome posesión de todo ello el pueblo (...)*”⁸⁶¹.

A trajetória de Madero chega a seu ápice em maio de 1911, quando as forças combinadas de Villa e Orozco tomam Ciudad Juárez a despeito de ordens contrárias do seu líder político, precipitando a queda de Porfirio Díaz e a assinatura do tratado de paz nesta cidade⁸⁶². O ditador deixa o país rumo ao exílio francês, e no começo de junho Madero entra triunfante na Cidade do México. O partido *Antireeleccionista* convoca eleições para outubro, entende que a revolução está encerrada e assume a tarefa de concluir a pacificação do país: “*Madero tinha considerado Porfirio Díaz como seu inimigo primordial, e desde que Díaz se foi, ele sentiu que poderia então direcionar suas energias para combater os revolucionários radicais.*”⁸⁶³.

Embora as forças identificadas com os liberais não fossem o contingente radical mais beligerante em uma circunstância onde os zapatistas, por exemplo, já estavam rebelados em Morelos, o novo presidente não poupou esforços para submetê-los, recorrendo à cooptação ou ao esmagamento. Menos de uma semana depois da entrada triunfal de Madero na capital, a Junta Liberal recebeu na Califórnia a visita de Juan Sarabia, mártir liberal recém egresso do infame presídio de San Juan de Ulúa, e Jesus Flores Magón, irmão mais velho do líder liberal. Sua missão, que não teve sucesso, era conseguir a adesão dos magonistas ao novo regime. A intransigência da Junta foi

50, agosto 1911, conjuntamente com *comunismo*; *capitalismo* recorre a partir do número 20. REGENERACIÓN. Versão digital em CD ROM.

⁸⁶¹ NO QUEREMOS UNA PAZ INFAME. *Regeneración*. 1 abr. 1911. Versão digital em CD ROM. O artigo inicia-se com as seguintes palavras: “*NO QUEREMOS UNA PAZ INFAME. La Prensa Unida preguntó –hoy (31 de Marzo) a la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano si habia tomado parte en las conferencias de paz celebradas entre representantes de Porfirio Díaz y de Francisco I. Madero*”. E segue a citação acima.

⁸⁶² “(...) this victory was the result of a conscious act of insubordination to Madero on the part of Orozco and Villa (...)” KATZ, op. cit., p. 111.

⁸⁶³ Ibidem, p. 130. No original: “*Madero had considered Porfirio Díaz as his primary enemy, and once Díaz was gone, he felt he could now turn his energies toward combating the radical revolutionaries.*”

premiada com a prisão de seus líderes, Ricardo Flores Magón inclusive, pela polícia dos Estados Unidos no dia seguinte, sob acusação de infringir as leis de neutralidade⁸⁶⁴.

Um mês depois, o conjunto de liberais que romperam com a Junta no exílio e optaram pelo apoio crítico a Madero organizaram a dissidência através da *Junta Iniciadora de la Reorganización del Partido Liberal* na Cidade do México⁸⁶⁵, dando início à publicação de um periódico de vida curta, também chamado *Regeneración*⁸⁶⁶. Esse movimento corresponde à ruptura dos socialistas dos Estados Unidos com os magonistas pelo mesmo motivo⁸⁶⁷, inaugurando a uma polêmica acerca do caráter da Revolução Mexicana⁸⁶⁸.

Onde a cooptação foi insuficiente para submeter os focos de rebeldia, Madero não vacilou em empregar o exército federal na sua repressão. Do lado magonista, embora em muitos casos seja difícil precisar a filiação partidária dos bandos levantados, é plausível que durante 1911 houvesse grupos identificados com o liberalismo em armas em todo o país⁸⁶⁹.

No entanto, a ação mais espetacular impulsionada pela Junta acontecia no remoto território de Baja California, na fronteira com os Estados Unidos na costa oeste. Ali, uma força estimada em 220 homens, liderada por mexicanos e integrada por radicais e simpatizantes de múltiplas nacionalidades, muitos deles filiados à IWW (*Industrial Workers of the World*), lançou um assalto no final de janeiro de 1911 e

⁸⁶⁴ É solto mediante o pagamento de alta fiança alguns dias depois. A falta de dinheiro posterga a libertação dos demais membros da Junta.

⁸⁶⁵ Entre os líderes da cisão estão Juan Sarabia, Díaz Soto y Gama e Camilo Arriaga.

⁸⁶⁶ Muitos quadros liberais dissidentes desenvolverão uma intensa atividade política nos anos seguintes, principalmente no interior do movimento operário mexicano, que transcenderá o período revolucionário. Alguns se juntarão ao zapatismo enquanto outros seguirão carreira política, participando da Assembléia Constituinte em 1917 e/ou assumindo cargos públicos nos governos sucessivos. Um grupo de dissidentes se aproximou do pequeno recém formado Partido Socialista, desenvolvendo atividades significativas no movimento operário mexicano e participando da fundação da *Casa del Obrero Mundial*. Parte do PS desaguaria na fundação do Partido Comunista Mexicano em 1919. Ver: TORRES PARÉS, op. cit., p. 139-142.

⁸⁶⁷ “*La escisión entre los socialistas del PLM y el grupo magonista coincide con el recrudecimiento del choque entre los socialistas norteamericanos y la IWW.*” Ibidem, p. 135.

⁸⁶⁸ Segundo Javier Torres Parés, toma curso um caloroso debate internacional cuja questão de fundo é avaliar se o povo mexicano tem condições de produzir uma revolução progressista, considerando seu suposto atraso civilizatório. Flores Magón intervém neste debate e explicita suas posições no artigo: FLORES MAGÓN. El Pueblo Mexicano es apto para el comunismo. *Regeneración*, 2 set. 1911. Versão digital em CD ROM.

⁸⁶⁹ “*El PLM mantuvo frentes de lucha durante 1911 en casi todo el país. Chihuahua, como hemos hecho notar, fue uno de los terrenos de acción armada más importantes por lo menos hasta agosto de 1911, en forma simultánea a los acontecimientos de Baja California. En los primeros meses de este año, a través de pequeños grupos armados, mantuvo presencia en Sonora, Coahuila y Tamaulipas en la zona fronteriza; Sinaloa, Durango y San Luis Potosí en la región norteña; Tabasco y Yucatán en el sur. Otros grupos liberales se insurreccionaron en estos meses en Oaxaca y Morelos.*” TORRES PARÉS, op. cit., p. 93.

tomou a cidade de Mexicali. Em fevereiro seria tomada Algodones, em março Tecate e em maio, nos mesmos dias do assalto a Ciudad Juarez em Chihuahua, Tijuana. Ao que tudo indica, a intenção dos liberais era estabelecer uma espécie de território livre que pudesse servir de base e retaguarda para a expansão do movimento armado⁸⁷⁰. Mas o projeto não vai adiante: abalado por dissidências internas, deserções para o maderismo e uma campanha difamatória bi-nacional que acusa propósitos filibusteiros à iniciativa, a região é gradualmente recuperada a partir de 22 de junho quando as forças federais, respondendo agora a Francisco Madero, retomam Tijuana com o apoio explícito do governo dos Estados Unidos, que permite o deslocamento de tropas através do seu território⁸⁷¹.

Simultaneamente à derrota militar, a esperança dos magonistas se deslocou para o movimento operário, que, dando vazão à represadas reivindicações dos trabalhadores urbanos, estava em vigoroso ascenso em todo o país desde a queda da ditadura⁸⁷². Os magonistas estimulam entusiasticamente as greves, insistindo na necessidade de transcender a sua modalidade pacífica limitada a frear a produção, e partir para a expropriação dos meios de produção com o objetivo de consolidar a liberdade econômica. O caráter econômico da revolução em curso é defendido na manchete da edição de 8 de julho: “*La Revolución economica en México – la huelga general en casi todo el país*”⁸⁷³.

⁸⁷⁰ “*La Baja California es un país muy bello y muy rico; pero muy poco poblado. Necesita colonización. Las tierras del norte de la península, que son las que están bajo el dominio de las fuerzas liberales, son espléndidas! y una buena porción de ellas están perfectamente bien regadas por un excelente canal. Esas tierras producen dos cosechas al año de maíz, y son muy buenas para producir algodón, remolacha, toda claeo de pasturas y de vegetales. En suma, esas tierras lo producen todo. Para dar vida a esa interesante porción de México y para poner en práctica los ideales-redentores del Partido Liberal Mexicano, es necesario poblarla. Mas como la colonización, no puede hacerse de un golpe, porque el Partido Liberal Mexicano no cuenta con fondos para transportar a aquellas tierras a las familias desosas de poblarlas, y de hacer una vida libre y feliz, sin amos ni tiranos, la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano ha dispuesto lanzar esta convocatoria, para que los compañeros vayan reuniendo dinero con qué pagar sus pasajes y marchen á la Baja, California a tomar posesión de la tierra. Las fuerzas liberales protegerán á nuestros compañeros.*” FLORES MAGÓN et al. A tomar posesión de la tierra. *Regeneración*. 20 maio 1911. Versão digital em CD ROM.

⁸⁷¹ Neste mesmo período, os maderistas acordam uma trégua com os zapatistas em Morelos, rompida em agosto quando o general Huerta ataca e aniquila as forças desarmadas de Zapata. Como se sabe, esse exército federal não foi desmontado por Madero e dará o golpe liderado pelo próprio Huerta, que culminará no assassinato do Madero em fevereiro de 1913. A rede de espionagem internacional montada por Creel também foi utilizada por Madero. Ver: RAAT, Dirk. *Los revoltosos. Rebeldes mexicanos en los Estados Unidos (1903-1923)*. México: FCE, 1993.

⁸⁷² “*Al propagarse por la República la noticia de la rebelión maderista, se formó de modo inmediato una gran variedad de sindicatos y agrupaciones obreras cuya ideología iba desde el mutualismo tradicional hasta el anarcosindicalismo.*” CARR, op. cit., p. 45. “*En junio de 1911 se inició una ola de huelgas que barrió todo el país, exigiéndose grandes aumentos de salarios, la reducción de la jornada de trabajo y la abolición de algunas prácticas administrativas hostiles a los obreros.*” Ibidem.

⁸⁷³ REGENERACIÓN. Número 4, 8 jul. 1911. Versão digital em CD ROM.

Ao apontar para a dimensão econômica da revolução, os magonistas enfatizam a tendência ao enfrentamento direto e imediato do capitalismo. Com isso, o alcance do processo mexicano transcenderia as fronteiras nacionais, assumindo a vanguarda mundial no enfrentamento do capital. A causa mexicana pertence então à classe trabalhadora mundial⁸⁷⁴. Nessa circunstância, Flores Magón intensifica a mobilização da solidariedade internacional de classe⁸⁷⁵ e é levado a desafiar teoricamente a leitura dos socialistas dos Estados Unidos, os quais, em sintonia com os liberais dissidentes que apóiam o maderismo, entendem que a revolução mexicana está encerrada. Nessa tarefa, Flores Magón precisa enfrentar o etnocentrismo do movimento operário internacional e provar que o povo mexicano rebelado, apesar do atraso civilizatório a que a ditadura o confinou, está em condições de proceder à luta anticapitalista. Em outras palavras, precisa enfrentar o desafio teórico de fundamentar a revolução em um país agrário, tornando positiva a especificidade mexicana.

Esta tarefa é realizada através de um duplo movimento. De um lado, Magón reafirma a natureza anti-autoritária dos homens em geral e dos mexicanos em particular, dadas as circunstâncias repressoras em que vivem⁸⁷⁶. Consequência desta aproximação entre rebeldia e natureza humana é a afirmação da primazia da ação sobre a liderança e a ilustração: “*Para la toma de posesión de la tierra y de los instrumentos de trabajo en México no se ha necesitado de "leaders," de "amigos" de la clase trabajadora, ni han hecho falta - "decretos paternos", "leyes sabias" ni nada de eso. La acción lo ha hecho y lo está haciendo todo*”⁸⁷⁷. Este movimento contradiz a visão liberal prevalente

⁸⁷⁴ “It is not as a Mexican that I appeal to you and your meeting. It is one of the world-wide army of the disinherited, whose cause is always and everywhere the same.” FLORES MAGÓN. Carta a Mr. M. H. Woolman, Secretary, New York Mexican Revolution Conference, 2 fev. 1911. In: _____. op. cit., v. 1, p. 599.

⁸⁷⁵ “La referencias a estos grupos figuran mayoritariamente en columnas destinadas a promover la solidaridad internacional con la causa del PLM, y parece ser que esta promoción fue bastante eficaz, pues durante este lapso se consignaron 50 agrupaciones internacionales (17 en 1911 y 34 en 1912). El país en el que encontramos la mayor cantidad de grupos solidarios es Argentina (15), seguido de España (11), Uruguay (10) y Cuba (...) Paralelamente, se evidenció el aumento de vínculos solidarios con organizaciones sindicales de la unión americana y con agrupaciones anarquistas hispanoamericanas sobre todo entre 1911 y 191.” TORRE, op. cit.

⁸⁷⁶ “El pueblo mexicano odia, por instinto a la Autoridad y a la burguesía.” FLORES MAGÓN. El pueblo mexicano es apto para el comunismo. *Regeneración*. Número 53, 2 set. 1911. Versão digital em CD ROM. Em uma carta dirigida à secretaria do International Anarchist Congress em 1913, lê-se: “Other points, such as the innate hostility of Mexicans to centralized government, militarism, clerical rule and so forth, should make powerful appeal to na International Anarchist Congress.” FLORES MAGÓN. Carta a International Anarchist Congress, sem data. In: _____. op. cit., v. 1, p. 636.

⁸⁷⁷ FLORES MAGÓN. El pueblo mexicano es apto para el comunismo. *Regeneración*. Número 53, 2 set. 1911. Versão digital em CD ROM.

nos anos pré-revolucionários, segundo a qual o partido deveria cumprir um papel fundamental para canalizar as energias rebeldes latentes.

De outro lado, Magón procede a uma valorização do legado indígena para a formação mexicana: ao identificar uma prática comunista nas formas pré-colombianas de organização da produção no campo mexicano, ele recusa a associação de índios e camponeses com o atraso, apontando um potencial progressista nos modos de vida ancestrais⁸⁷⁸. Por trás desta reivindicação política está um movimento ideológico de aproximação entre a natureza humana e o comunismo⁸⁷⁹. Diante destes argumentos, a conclusão se impõe: “*Se ve, pues, que el pueblo mexicano es apto para llegar al comunismo, porque lo ha practicado, al menos en parte, desde hace siglos*”⁸⁸⁰.

Esta posição se cristaliza no manifesto publicado pela Junta Liberal em 23 de setembro de 1911, o qual procura superar o programa de 1906, propondo o enfrentamento imediato da propriedade privada⁸⁸¹.

*La Junta Organizadora del Partido Liberal mexicano ve con simpatía vuestros esfuerzos para poner en práctica los altos ideales de emancipación política, económica y social, cuyo império sobre la tierra ponderá fin a esa ya bastante larga contienda del hombre contra el hombre, que tiene su origen en la desigualdad de fortunas que nace del principio de la propiedad privada*⁸⁸².

A radicalização programática da Junta corresponde à progressiva frustração da liderança militar liberal. Diante da impotência em conduzir o movimento no seu primeiro ano, confrontada com a ascensão de Madero, a generalização da guerra

⁸⁷⁸ “*Los indios practican el comunismo. Hasta hace poca más de treinta años, no solamente nuestros hermanos, Indios, sino los mestizos y criollos también, de las agrupaciones rurales, practicaban el comunismo.*” Ibidem.

⁸⁷⁹ Esta associação entre natureza humana e comunismo é patente em uma carta da prisão de 1921: “*El estudio de los pueblos primitivos, los esquimales por ejemplo, y mychos otros entre los cuales no há hecho su aparición la llamada civilización, demuestra que viven prácticamente en anarquía y por lo tanto, son libres y felices, no habiendo sido pervertido su sentido de justicia por los móviles ‘mío’ y ‘tuyo’.*” FLORES MAGÓN. Carta a Nicolás T. Bernal, 2 jun. 1921. In: _____. op. cit.. v. 2, p. 209.

⁸⁸⁰ FLORES MAGÓN. El pueblo mexicano es apto para el comunismo. *Regeneración*. Número 53, 2 set. 1911. Versão digital em CD ROM.

⁸⁸¹ Só a partir deste momento o foco da denúncia magonista se deslocará para a propriedade privada. Uma rápida busca por palavras realizada na versão digitalizada de *Regeneración* confirma esta afirmação: as ocorrências da expressão *propiedad privada* se generalizam a partir do número 50 da 4a época (agosto 1911); *expropiación*, a partir do número 29; *propiedad individual* ocorre no número 33, abril de 1911. O lema *Tierra y libertad* é assumido a partir do número 26. REGENERACIÓN. Versão digital em CD ROM.

⁸⁸² MANIFIESTO DEL 23 DE SEPTIEMBRE DE 1911. *Regeneración*, número 56, 23 set. 1911. Versão digital em CD ROM.

camponesa e as hesitações e contradições do movimento urbano, a Junta não revigora esforços no sentido de constituir uma direção política nacional alternativa ao maderismo e seus congêneres. Em vez disso, centra progressivamente suas esperanças na realização instintiva das aspirações anticapitalistas dos trabalhadores: “*El pueblo mexicano odia, por instinto a la Autoridad y a la burguesía*”⁸⁸³. Nessa perspectiva, o êxito da luta depende não de uma direção eficaz, mas da emancipação de individualidades oprimidas. É o indivíduo consciente, e não o partido, que se opõe à massa passiva, dependente da ação de um chefe: “*No hay que ser masa: hay que ser conjunto de individualidades pensantes*.”⁸⁸⁴ Assim como a rebeldia é individualizada, a implementação da sociedade sem autoridade é fragmentada, delegada à miríade de focos de insubordinação espalhados pelo país, que procedem de forma imediata à sua realização.

É nesta perspectiva que se entende a relutância de Flores Magón em transladar-se para território revolucionário. Vista do ângulo da inexorabilidade da revolução, certamente favorecido pela sequência dos eventos onde sucessivos governos tombaram⁸⁸⁵, Flores Magón enxerga no processo mexicano um capítulo extraordinário do enfrentamento mundial entre o trabalho e o capital, atribuindo papel fundamental à solidariedade internacional das classes trabalhadoras, a qual tem como papel precípua frear o intervencionismo dos Estados Unidos, principal ameaça ao fluxo espontâneo da insurreição⁸⁸⁶. Avalia que o melhor serviço que pode prestar à causa não é a sua condução, que de todo modo não é factível postular, mas auxiliar na proteção necessária para que os acontecimentos sigam seu curso⁸⁸⁷. Daí a recusa da Junta em transladar as oficinas de *Regeneración* para Morelos, a convite de Zapata⁸⁸⁸.

⁸⁸³ FLORES MAGÓN. Op. cit., v. 1, p. 636.

⁸⁸⁴ FLORES MAGÓN. Los jefes. *Regeneración*. 15 jun. 1912. Versão digital em CD ROM.

⁸⁸⁵ “*La Revolución se prolongará durante varios años. Muchos gobernantes se sucederán uno a outro en el curso de unos cuantos meses hasta que la Revolución Social haya acumulado suficiente fuerza para triunfar.*” FLORES MAGÓN. Carta de 16 out. 1911. In: _____. op. cit., v. 1 p. 620. Três anos depois: “*(...) así como cayeron Díaz, Madero y Huerta, caerá Carranza y continuaran cayendo en rápida sucesión, todos los gobernantes de México, porque ninguno de ellos podrá dar al pueblo lo que necesita: pan.*” FLORES MAGÓN. Muera la propiedad individual. *Regeneración*. 11 nov. 1914. In: BARTRA, op. cit., p. 350.

⁸⁸⁶ A manchete da edição de *Regeneración* em 11/3/1911 já denuncia a presença de tropas dos Estados Unidos na fronteira com os dizeres: “*Atila a las puertas de Roma.*” E o subtítulo: “*nuestro problema es el vuestro*”. REGENERACIÓN. Versão digital em CD ROM. “*El PLM se proponía a crear una corriente política lo suficientemente fuerte para oponerse a la amenaza imperialista y poner en jaque a la intervención norteamericana, apoyándose básicamente en la movilización del conjunto del movimiento obrero estadounidense y de los sectores ant imperialistas de aquella sociedad.*” TORRES PARÉS, op. cit., p. 83.

⁸⁸⁷ Torres Parés aponta que no começo da revolução havia focos liberais por todo o país e que os Estados Unidos seriam a melhor base para coordenar os grupos: “*Estos críticos desconocían la existencia de frentes de lucha en distintas partes de México y la necesidad de mantener tanto la actividad*

No entanto, esta opção deve ser vista à luz da derrota militar inicial dos liberais, uma vez que fazia parte dos planos originais da Junta transladar-se a território mexicano⁸⁸⁹. Além disso, Flores Magón não alimentava ilusões acerca das possibilidades de mobilização do povo dos Estados Unidos⁸⁹⁰, e logo se defrontou com a incompreensão de correligionários no próprio movimento anarquista internacional⁸⁹¹. Nesse contexto, a inflexão do seu pensamento aparece como uma resposta ideológica coerente diante dos constrangimentos apresentados pela conjuntura⁸⁹².

antiintervencionista como la solidaridad del conjunto del movimiento obrero estadounidense con el esfuerzo revolucionario.” TORRES PARÉS, op. cit., p. 9. Também é necessário notar as limitações físicas do próprio Flores Magón, avesso à atividades físicas e portador de um problema crônico de visão que o tornou praticamente cego no final da vida.

⁸⁸⁸ A ruptura de Zapata com Madero favoreceu uma intensificação da relação com os liberais a partir de 1912: um enviado magonista de nome José Guerra sugeriu mudar o lema “*Justicia, Libertad y Ley*” para “*Tierra y Libertad*”, adotado pelos guerrilheiros camponeses. *Regeneración* publicou manifestos zapatistas e os defendeu em polêmicas internacionais. Flores Magón menciona o convite a trasladar-se em um artigo em 1915: “*La gran fábrica de papel de San Rafael, de la que eran accionistas principales Porfirio Díaz, José Sánchez Ramos y otros ‘científicos’, se encuentra em poder de los zapatistas, y Emiliano Zapata ofreció a Antonio de P. Araujo poner a disposición de Regeneración todo el papel que se necesitara, em caso de que el periódico se publicase en territorio controlado por las fuerzas surianas.*” FLORES MAGÓN. *Contra el Zapatismo. Regeneración*. Número 209, 23 out.1915. In: BARTRA, op. cit., p. 360.

⁸⁸⁹ “*La Junta iba a trasladarse a territorio mexicano para encauzar el movimiento revolucionarlo por lasenda de las reivindicaciones del proletariado; se hicieron los preparativos para la marcha, creyendo que era seria la insurrección maderista, y, casi ya en camino, se supo que el movimiento había fracasado en su cuna.*” FLORES MAGÓN. *La Junta Liberal Mexicana y la Revolución de Madero. Regeneración*. Número 14, 3 dez. 1910. Versão digital em CD ROM.

⁸⁹⁰ Flores Magón expressa com frequência opiniões devastadoras sobre o povo dos Estados Unidos: “*No he visto pueblo más Imbécil en la tierra que el pueblo americano en general. El pueblo americano se distingue entre todos los pueblos de la tierra por su egoísmo, por su estrecho y brutal patriotismo, por su odio hacia toda persona que no pertenezca á la raza anglosajona, por su fanatismo religioso, por su vulgaridad y por su estupidez.*” FLORES MAGÓN. *La barbarie en los Estados Unidos. Regeneración*, 5 ago. 1911. Versão digital em CD ROM. Sobre os trabalhadores: “*(...)el pueblo americano, y aun los trabajadores organizados de este infumable país, no son susceptibles de agitarse la nación se militariza a pasos de gigante, y a pesar de todo, el paquidermo anglosajón no se excita, no se indigna, no vibra. Si con sus miserias domésticas no se agitan los americanos, ¿podemos esperar que les importen las nuestras?*” Ibidem.

⁸⁹¹ Embora Flores Magón tenha enfrentado a incompreensão de anarquistas europeus: “*En el número de 2 de marzo de 1912, Les temps Nouveaux publica un artículo de R. Fremont en que se desprestigia la obra del Partido Liberal mexicano y se niega la existencia de una revolución social en México, censurando Regeneración por haber tenido palabras de benevolencia con Zapata, que no era anarquista. En otros diversos periódicos anarquistas se combatía también a Flores Magón y a sus amigos, presentándolos bajo colores bastante ambiguos.*” ABAD DE SANTILLÁN, op. cit., p. 94. De outro lado, Kropotkin foi simpático à revolução mexicana e à causa liberal.

⁸⁹² Flores Magón não teria motivos para superestimar a simpatia do operariado internacional e muito menos do povo dos Estados Unidos com o movimento mexicano, embora possa ter sobrevalorizado a sua força: a Junta viveu e denunciou problemas como o racismo, a xenofobia e o chauvinismo, que não estavam ausentes dos debates ideológicos em torno ao caráter do processo mexicano. Nesta carta de 1908: “*La agrupación de Chicago (seguramente la National Refugees League) no nos defiende ni es para otra cosa que para defender los amos. Nosotros somos pobres mexicanos. Somos revolucionarios y nuestros ideales son avanzadíssimos: pues somos mexicanos. Esa es nuestra falta. Nuestra piel no es blanca y no todos son capaces de comprender que también debajo de una piel oscura hay nervios, hay corazón y hay cerebro.*” FLORES MAGÓN. Carta a María Tavalera, apud TORRES PARÉS, op. cit., p. 116.

Do ponto de vista político, a sensibilização da solidariedade internacional contra o intervencionismo estadunidense ganha uma importância central para os magonistas. Paradoxalmente, Flores Magón, que sempre advogou a primazia da ação, dirigirá suas principais energias nos anos culminantes da luta revolucionária à mobilização de uma solidariedade internacional recalcitrante e de eficácia duvidosa para os levantados em armas, revelando um distanciamento em relação ao teatro efetivo da revolução⁸⁹³.

A abordagem da questão é feita pelo líder liberal sob o ângulo a partir do qual sempre denunciou a ascendente participação econômica dos Estados Unidos no México: embora refira-se à ação dos monopólios, à cooperação entre os Estados na repressão à oposição, à exploração dos trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos e à relação deste país com a situação dos trabalhadores nacionais⁸⁹⁴, Flores Magón nunca articulou tais problemas em uma visão estrutural dos nexos entre imperialismo e dependência. Sua denúncia da penetração do capital estadunidense esteve sempre relacionada ao risco concreto da invasão militar: *“Muchos creían inofensiva la invasión del capital americano, sin sospechar que cada dólar invertido en nuestro país está apoyado por una bayoneta sajona pronta a derramar sangre mexicana al primer síntoma de peligro.”*⁸⁹⁵,

A internacionalização do enfoque revolucionário, que corresponde à radicalização anticapitalista do discurso magonista, provoca o recrudescimento da perseguição política das autoridades dos Estados Unidos. Além do crescente

⁸⁹³ A relação entre a impotência política dos magonistas e seu crescente envolvimento em debates no seio do movimento operário internacionalista nos anos culminantes da revolução é somente indicada aqui, como sugestão para futuras pesquisas. Como exemplo dos esforços de Flores Magón e sua eficácia duvidosa, consultar a carta que enviou ao secretário do Congresso Internacional Anarquista em Londres: *“We wish, through you, to invite officially the forthcoming International Anarchist Congress 1 to take a DEFINITE stand on the question of the Mexican Revolution. We wish the Congress to say bluntly that the Mexican peon, in taking back his natural inheritance, the land, and in expelling the land monopolists -as in the case of [Luis] Terrazas and others far too numerous to mention- has done what the disinherited of all countrys MUST do, as the first step toward the conquest of the bread and economic freedom. Other points, such as the innate hostility of Mexicans to centralized government, militarism, clerical rule and so forth, should make powerful appeal to an International Anarchist Congress. However, we do not care to emphasize them, because their consideration might lead to loon and vain discussion. But on the land question, and on te action taken by the Mexican peons, we want a strong and most precisely-worded endorsement. If your Congress feels that it cannot give such endorsement, it should do the other thing, repudiating the Mexican Revolution in the most decided terms and denouncing it as a mere war of capitalists, politicians and bandits.”* FLORES MAGÓN, Ricardo et al. *Carta ao International Anarchist Congress*, [19--] Disponível em: <<http://www.archivomagon.net/ObrasCompletas/Correspondencia/Cor352.html>>. Acesso em 28 ago 2011. O mencionado congresso nunca aconteceu.

⁸⁹⁴ *“A lo largo de la frontera sur, los miserables salarios que los exiliados mexicanos están forzados a aceptar hacen bajar los niveles del trabajo norteamericano. Repetimos una vez más: ‘nuestra causa es la suya.’”* FLORES MAGÓN. Op. cit., v. 5, p. 554.

⁸⁹⁵ Ibidem., v. 1, p. 339.

envolvimento deste país com o conflito mexicano, a convergência da propaganda liberal com o radicalismo dos trabalhadores nacionais leva o governo dos Estados Unidos a assumir a perseguição liberal por conta própria. Como resultado, Flores Magón é preso duas vezes em 1911 por períodos curtos, e no ano seguinte é condenado por violação das leis de neutralidade em função do episódio da Baja California, ficando encarcerado até janeiro de 1914⁸⁹⁶.

Neste meio tempo o comandante liberal Jesús Maria Rangel, preso pelas tropas maderistas em 1911, obteve a liberdade com a derrubada de Madero em fevereiro de 1913. Logo depois de entrevistar-se com Zapata com o objetivo de coordenar esforços militares⁸⁹⁷, rumou ao Texas onde organizou uma pequena milícia que foi surpreendida por forças dos Estados Unidos antes de atravessar a fronteira. Os liberais capturados foram sentenciados a altíssimas penas, o que gerou uma vigorosa embora infrutífera campanha em favor da libertação dos “mártires do Texas”⁸⁹⁸. Foi a última tentativa de uma iniciativa militar explicitamente sob a bandeira liberal. Embora em junho de 1914, em um momento em que Ricardo Flores Magón está novamente fora da prisão, os liberais enumerem um conjunto de forças em batalha⁸⁹⁹, é difícil saber a quem elas realmente obedeciam, sendo improvável que fossem fiéis a qualquer comando unificado⁹⁰⁰.

⁸⁹⁶ “Enrique y RFM, Librado Rivera y Anselmo Figueroa fueron arrestados el 14 de junio de 1911 en las oficinas de Regeneración en Los Ángeles, Cal., por agentes federales. Fueron enviados a la cárcel del condado acusados de violar las leyes de neutralidad por su participación en la campaña del PLM en Baja California. Se les fijó una fianza de 2500 dólares. Ese mismo día RFM salió bajo caución. Los demás permanecieron presos. RFM regresó a prisión el 10 de julio y volvió a ser liberado, esta vez con Librado Rivera, el 18 de ese mismo mês. Enrique Flores Magón y Anselmo L. Figueroa obtuvieron su libertad hasta el 6 de septiembre del mismo año. El juicio se inició el 14 de abril de 1912, y el 25 de julio fueron sentenciados a un año y cuatro meses de prisión en la penitenciaría de Mc Neil Island, a la que fueron trasladados el 4 de julio.” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, Op. cit., v. 1, p. 606, nota 229.

⁸⁹⁷ “Fue Rangel a quien Zapata Le propuso por primera vez que Ricardo Flores Magón se trasladara a Morelos (...) En esta primera ocasión Rangel tuvo que declinar el ofrecimiento pues Ricardo se encontraba recluido en la prisión de Mc Neil.” BARTRA, op. cit., p. 52.

⁸⁹⁸ “Siguió un monstruoso proceso, y los supervivientes de la frustrada expedición fueron condenados a la mayor parte de ellos a elevadísimas penas de veinticinco a noventa y nueve años de presidio”. ABAD DE SANTILLÁN, op. cit., p. 100. Apesar da campanha internacional, do fim da Guerra Mundial e da Revolução Mexicana, os liberais permaneceram presos até 1926.

⁸⁹⁹ Ver artigo: FLORES MAGÓN, Enrique. La agonía del constitucionalismo. *Regeneración*. Número 193, 27 jun. 1914. Versão digital em CD ROM.

⁹⁰⁰ Torres Parés descreve os esforços conduzidos por Jesus Rangel. Em seguida pondera: “El balance de la situación de las fuerzas liberales realizado por Ricardo Flores Magón en junio de 1914 no necesariamente representa un recuento exacto de su capacidad militar. Es en realidad una valoración de carácter político (...)” TORRES PARÉS, op. cit., p. 185. Em outro lugar, este autor sugere: “(...) pertinente abordar la crítica del pensamiento magonista desde la perspectiva de su función política, es decir, entendida como un “fermento”, como una “incitación a la acción”, y no solo desde el punto de vista de la precisión de sus datos.” Embora seja evidente que o pensamento magonista obedeça ao

Ainda que o poder de mobilização magonista decline definitivamente a partir de 1914⁹⁰¹, o acirramento da perseguição aos movimentos de esquerda nos Estados Unidos diante da Grande Guerra e da revolução bolchevique atingiu os líderes liberais⁹⁰². Magón é preso novamente em fevereiro de 1916 por seis meses, junto com seu irmão Enrique. Em 1918, é condenado por violação às leis de espionagem em função de um manifesto que assinara⁹⁰³, o que lhe impõe uma sentença de 20 anos de prisão e multa de US\$ 5000. Com 45 anos, a saúde comprometida por múltiplas complicações que certamente se agravariam no cárcere, quase cego, o líder liberal interpretou corretamente esta sentença como uma prisão perpétua⁹⁰⁴.

imperativo da ação política, a sua evolução segue uma coerência interna lastreada em uma visão de mundo própria e na avaliação da conjuntura, que deve ser explicitada para que se proceda à crítica, sem necessidade de recorrer a uma explicação apoiada em Georges Sorel (1847-1922), como sugere Torres Parés.

⁹⁰¹ “(...) *la contracción de la red de agrupaciones vinculadas al magonismo registradas en Regeneración fue el rasgo característico a partir de 1914.*” TORRE, Op. cit.

⁹⁰² O refluxo do ímpeto popular da revolução não arrefeceu o otimismo dos artigos em *Regeneración*, compensado por uma crescente esperança na radicalização da conjuntura mundial. Neste período, Magón reforça a orientação pedagógica dos seus escritos: publica curtas parábolas destinadas aos trabalhadores e elabora duas peças de teatro.

⁹⁰³ Como escreve Ricardo Flores Magón, com razão: “*El Manifiesto no aludia en lo más mínimo a las políticas del gobierno norteamericano durante la reciente guerra ni tampoco respaldaba ni justificaba sus enemigos.*” O tom generalista do manifesto é dado na primeira linha: “*El reloj de la historia está próximo a señalar, con su aguja inexorable, el instante en que ha de producir la muerte de esta sociedad que agoniza.*” FLORES MAGÓN, Ricardo; RIVERA, Librado. La junta organizadora del Partido Liberal Mexicano a los miembros del partido, a los anarquistas de todo el mundo y a los trabajadores en general. In: BARTRA, op. cit., p. 435. “*Ambos (Librado Rivera, co-signatário do manifesto, condenado a 15 anos) fueron procesados en mayo de 1918 por violación del Acta de Espionaje (1917), (publicar falsos testimonios tendientes a interferir con el triunfo militar o naval de las fuerzas de Estados Unidos; por el Acta del Enemigo (1916) “usar el correo para transmitir material sobre política del gobierno, sin haber entregado la traducción correspondiente al agente del correo”, y por la violación de la enmienda 1911 al Código Criminal de los Estados Unidos: “enviar por correo material indecente”. Todos los cargos se establecieron por la publicación y distribución del manifiesto.*” BARRERA BASSOLS. In: FLORES MAGÓN, op. cit., v. 1, p. 662, nota 252.

⁹⁰⁴ “*Yo marchó contento a sufrir el castigo, porque mi martirio es una parte de la fuerza que ha de derribar el edificio que nos oprime a todos.*” FLORES MAGÓN. Carta a Raul Palma, 6 ago. 1918. In: _____. op. cit. v. 1, p. 660. Suas cartas deste período revelam sua convicção ideológica inquebrantável, tingida de um crescente lirismo: “*Para poder apreciar la belleza y evitar ser discordante de la armonía universal, el Hombre tiene que ser libre. Así, y solo así, podrá el Hombre aportar su nota propia al concierto majestuoso de Vida.*” _____. Carta a Ellen White, 14 dez. 1920. In: _____. op. cit., v. 2, p. 76. Outra passagem: “*Hermanos: no hay amo en el espacio infinito; y la única ley que ahí impera es la ley del amor recíproco y de la ayuda mutua (...) Hermanos, os exhorto a convertirlos en estrellas y planetas, en cometas y en lunas!*” _____. Carta a Ellen White, 14 fev. 1922. In: _____. op. cit., v. 2, p. 331. A esta aproximação entre homem e natureza corresponde uma convergência entre natureza e história: “*Tengo una gran fe en el progreso, porque el progreso es una ley natural, y siendo así, el mismo tiene que afirmarse. No hay poder capaz de estrangularlo.*” _____. Carta a Gus Teltsch, 1, mar. 1920. In: _____. op. cit., p. 29. O que deriva na inexorabilidade da revolução: “*(...) siendo la revolución mundial inevitable, nadie podrá detenerla ni evitarla (...).*” _____. Carta a Harry Weinberg, 5 ago. 1920. In: _____. op. cit., v. 2, p. 43.

Morreu em novembro de 1921, provavelmente assassinado na prisão⁹⁰⁵. Seu corpo foi imediatamente solicitado pelo congresso mexicano, ineficaz até então para pressionar pela sua libertação em vida⁹⁰⁶, e trazido para o país por intermédio dos trabalhadores ferroviários. Sua figura começava a ser reivindicada ideologicamente pelo Estado, em uma operação de incorporação e neutralização ideológica dos adeptos irreduzíveis da causa popular na revolução mexicana derrotada⁹⁰⁷.

d) BALANÇO

A implacável perseguição engendrada pela ditadura contra os liberais mexicanos no país e no exílio limitou o êxito de suas tentativas de liderar a revolta anti-porfirista. Quando a luta armada afinal desencadeou-se, logo ficou evidente a incompatibilidade entre o conteúdo democrático da revolução defendida pelos liberais e a luta política empreendida pelo maderismo. Uma vez derrubada a ditadura, as forças triunfantes voltaram-se para a contenção dos setores populares, segundo um padrão que prevaleceria ao longo do processo. As sucessivas derrotas das tentativas de conter a pressão popular revolucionária são testemunho da formidável energia política mobilizada, ao mesmo tempo que explicitam a rigidez dos constrangimentos sob os quais operava a classe dominante, dividida e incapaz de integrar as demandas sociais como caminho para a paz nacional. Diante desta disjuntiva, o magonismo radicalizou suas consignas, explicitando uma permeabilidade ideológica que permitiu novas

⁹⁰⁵ “*Por sus cartas sabemos que Ricardo estaba enfermo la mayor parte del tiempo con catarros, de reumatismo, de diabetis y quizá de tuberculosis. Nunca menciono que estuviera afectado del corazón (causa atribuída no laudo médico) se suponía que estaba perfectamente sano. (...) Pero en la mañana del 21 de noviembre, Librado Rivera vió el cadáver de su querido camarada en una Camilla del hospital y observó la cara de Ricardo, hasta el cuello, estaba amoratada y que su expresión de angustia denotaba que había luchado con todas sus fuerzas antes de morir. Librado Rivera, que había sido ayudante em el hospital de la penitenciaría de Arizona, de pleno no creía que Ricardo hubiera muerto de um ataque al corazón, pues creyó haber visto unas huellas muy raras en su cuello.*” TURNER, Ethel Duffy. *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*. México: Comisión Editorial Nacional, 1984, p. 342. Outro preso mexicano de nome José Martínez tampouco acreditou na versão do ataque cardíaco: dias depois, matou o chefe dos carcereiros acusado do crime com uma arma branca, e foi morto em seguida.

⁹⁰⁶ Enquanto esteve preso, declinou oferta do governo dos Estados Unidos para ser libertado mediante uma confissão de arrependimento, ao mesmo tempo em que viu a justiça negar sistematicamente qualquer atenuante à sua condição carcerária, apesar da piora dramática do seu estado de saúde. Recusou também uma pensão vitalícia oferecida pelo governo mexicano recém egresso da revolução.

⁹⁰⁷ Flores Magón foi sepultado no *Panteon Francés* (cemitério no sul da capital). Em 1937 o governo Cárdenas, principal responsável pela reivindicação de Pancho Villa, iniciou gestão para trasladar seus restos mortais para a *Rotonda de los Hombres Ilustres*, no *Panteón de Dolores*.

respostas teóricas ao movimento da conjuntura, de modo a revelar-se, ao mesmo tempo, como virtude e debilidade política.

A resposta magonista à prova revolucionária revelou uma fina sensibilidade para a dinâmica da luta de classes no México. Na medida em que se evidenciou a intransigência social das classes dominantes e o potencial subversivo da luta no campo, Flores Magón assumiu o desafio de fundamentar a revolução anticapitalista em um país agrário. Sua argumentação segue um duplo movimento: por um lado, valoriza a tendência anti-autoritária, que interpreta como instintiva aos homens; por outro lado, reivindica o legado das instituições indígenas para a formação mexicana, identificando-as com um passado comunista de potencial progressista.

A consequência deste movimento teórico é um rebaixamento do imperativo da direção política em nome de uma valorização da iniciativa instintiva das massas, em oposição à racionalidade política anteriormente afirmada por Flores Magón. Nessa perspectiva, a função da minoria consciente se dilui diante do espetáculo irresistível do fluxo da ação humana liberado. Uma vez removidos os impedimentos históricos de caráter autoritário, a natureza humana, boa e solidária, se imporá⁹⁰⁸.

Na raiz do esvaziamento das mediações entre natureza e história está uma correspondência entre instinto e liberdade, plena de consequências políticas: a noção de que a remoção dos entraves históricos conduz ao fluxo da natureza humana, prescinde da centralização do poder em qualquer modalidade, visto como contraditório à liberdade natural, instintiva como a solidariedade⁹⁰⁹. Daí a ausência de uma teoria da transição, do Estado, e de um trabalho de direção revolucionária⁹¹⁰.

⁹⁰⁸ Esta convergência entre natureza e história que se explicita no curso da revolução e conduz à subordinação do movimento à ação, aponta para uma influência positivista na visão de mundo magonista, no sentido de uma tendência a naturalizar as dinâmicas sociais e os processos da história em oposição a uma abordagem dialética destes fenômenos. “Marx considerava a sociedade irracional e, por isso, errada, enquanto continuasse a ser governada por leis objetivas inexoráveis. Para ele o progresso equivalia à destruição destas leis, e isto seria um ato a ser consumado pelo homem no seu livre desenvolvimento. A teoria positivista da sociedade seguia a tendência oposta: as leis da sociedade recebiam progressivamente a forma de leis objetivas naturais. “Os homens são meros instrumentos diante das leis onipotentes do progresso, e são incapazes de mudar ou dirigir seu curso”. A divinização do progresso em uma lei natural independente foi completada pela filosofia positivista de Comte.” MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 302. A marca do positivismo na formação de Flores Magón é enfatizada por Blanquel: “*Flores Magón se formó pues en el positivismo, es decir, en el cuerpo de ideas que adaptadas a la realidad mexicana, fuero en soporte de la cultura y también, en buena parte, del quehacer social y político del México porfiriano.*” BLANQUEL, Eduardo. Op. cit., p. 23. Evidentemente, o líder liberal não comunga do sentido político do pensamento positivista, situando-se nas antípodas de qualquer apologia da ordem.

⁹⁰⁹ No manifesto de 23 de setembro de 1911, se escreve: “*Los habitantes de cada región en que tal acto de suprema justicia se lleva a cabo no tienen otra cosa que hacer que ponerse de acuerdo para que todos los efectos que se hallen en las tiendas, almacenes, graneros, etcétera, sean conducidos a un lugar de*

Como resultado, à medida em que o Partido Liberal é derrotado militarmente ao tempo em que a revolução camponesa experimenta um ascenso fulminante, em lugar de requalificar os desafios da vanguarda revolucionária, Flores Magón interpreta positivamente as possibilidades da ação espontânea. Paradoxalmente, no momento em que a revolução ascende, o partido tem debilitadas suas possibilidades organizativas. Isso se deve primordialmente à derrota militar, mas é reforçado pela avaliação de que a revolução deve prescindir de chefes, o que, em nome da superestimação dos impulsos revolucionários, encolhe o terreno da ação política dirigida. Em uma palavra, a política cede terreno para a natureza.

Do ponto de vista do pensamento histórico, este encolhimento da política tem por consequência um acento na inexorabilidade da revolução mundial. Ao enfatizar os vínculos do processo mexicano com o movimento da história universal, que estaria destinado a superar o capitalismo, seu enfoque da revolução passa a ter uma angulação mundial, assentado em uma teleologia antes ausente, quando seus artigos estavam rigorosamente enquadrados pelo dinamismo da conjuntura mexicana imediata. Ao estreitamento do pensamento político corresponde um alargamento da teleologia histórica.

Em suma, quando a revolução é detonada, observa-se um encolhimento do espaço e da necessidade de atuação política em nome de uma prevalência das determinações da natureza: o instinto e a teleologia entram no lugar da vanguarda e do partido. A consequência programática é a ausência de um projeto nacional mediado pelo Estado e a aposta no enfrentamento direto e localizado da propriedade privada: o horizonte magonista é o de uma federação supranacional de produtores solidários. Seu

fácil acceso para todos, donde hombres y mujeres de buena voluntad practicarán un minucioso inventario de todo que se haya recogido, para calcular la duración de esas existencias, teniéndose en cuenta las necesidades y el número de los habitantes que tienen que hacer uso de ellas, desde el momento de la expropiación hasta que en el campo se levanten las primeras cosechas, y en las demás industrias se produzcan los primeros efectos.” MANIFIESTO del 23 de septiembre de 1911. *Regeneración*, número 56, 23 set. 1911. Versão digital em CD-ROM.

⁹¹⁰“Sin embargo, la problemática del pensamiento anarquista se hace patente cuando se analiza la conceptualización del tránsito desde la realidad sojuzgada del presente al futuro de libertad. Como este futuro es un futuro de relaciones sociales sin ninguna institucionalización y sin autoridad, el anarquista no puede pensar el tránsito al futuro en términos mediatizados; entre el presente y el futuro hay un abismo sin ningún puente institucional.” HINKELAMMERT, Franz. *Crítica de la razón utópica*. 1984. Disponível em: <www.pensamientocritico.info/libros>. Acesso em: 26/6/2009. De outro lado, o maderismo e os exércitos sucessivos que combateram reivindicando o seu legado não sofreram essa limitação, balizando a sua ação pelo mínimo denominador comum entre a reforma política e a contenção da rebeldia popular, o que lhes permitiu concessões demagógicas e alianças espúrias funcionais em nome de um projeto de poder. A liderança de tipo caudilhesco se mostrou eficaz para gerar coesão política e motivar a adesão popular.

projeto conjuga diretamente o local, que remete ao passado das tradições comunais indígenas, com as tendências anti-capitalistas do proletariado mundial: “*Flores Magón, sin abandonar El siglo XIX, se incorporo de lleno en el siglo XX.*”⁹¹¹

Ao abandonar o projeto nacional em nome de uma naturalização do curso da história, ancorado em uma valorização dos instintos populares desencadeados pela revolução, minimizando a importância das tarefas organizativas e de direção, os magonistas inadvertidamente reforçaram a principal debilidade do campo popular na revolução: sua incapacidade de superar o regionalismo em nome de um projeto de nação, em meio a uma guerra camponesa prolongada⁹¹².

Esta carência se evidenciou de forma dramática em dezembro de 1914, quando o chamado Exército Constitucionalista liderado por Venustiano Carranza estava acuadao em Veracruz e o movimento popular atingiu seu ápice, emblematicamente registrado na fotografia de Pancho Villa sentado ao lado de Emiliano Zapata na cadeira presidencial. O triunfo momentâneo em armas, no entanto, não se traduziu na consumação da reivindicação dos de baixo. Na raiz desse fracasso encontram-se a impossibilidade dos zapatistas de avançarem para além das comunas agrárias de Morelos, bem como a incapacidade de Villa de superar uma visão regionalista, marcada pelo ódio às oligarquias, a resistência à centralização e o desprezo pela democracia. Apesar das limitações militares que derrotariam a *División Del Norte* no ano seguinte, do ponto de vista político, as forças villistas e zapatistas se revelaram incapazes de articular uma alternativa sólida de poder nacional, e o governo estabelecido a partir da convenção de Aguascalientes rapidamente naufragou. A ausência no plano ideológico de um projeto nacional definido correspondeu em termos políticos à incapacidade de constituir uma alternativa de poder autônoma e viável de alcance nacional⁹¹³.

⁹¹¹ TORRES PARÉS. Op. cit., p. 173.

⁹¹² Na visão de Bartra, neste contexto o desafio enfrentado pelo PLM a partir de 1911 seria “*organizar y dirigir el campesinato, no como um partido distinto sino como la fuerza mayoritaria del propio partido proletário... Ante una revolución que no podía resolverse más que como una guerra popular y prolongada en el campo, la única alternativa viable era del tipo de la que implantó, muchos años después, el Partido Comunista Chino.*” BARTRA. In: GILLY, op. cit. p. 107.

⁹¹³ O “*Programa de reformas político-sociales de la revolución aprobado por la soberana convención revolucionaria*” divulgado pelos zapatistas desde Morelos em 18 de abril de 1916 é um notável esforço para responder a este desafio em um momento em que o campo popular já perdera a iniciativa revolucionária. PROGRAMA de reformas político-sociales de la revolución aprobado por la soberana convención revolucionaria. In: DÍAZ, op. cit., ps. 123-8.

O magonismo foi incapaz política e ideologicamente de contribuir para superar esta lacuna. Por outro lado, a falta de rigidez teórica⁹¹⁴ de um pensamento que advogava a primazia da ação⁹¹⁵ favoreceu uma sensibilidade avessa a todo dogmatismo e atenta aos movimentos da conjuntura, o que possibilitou a Flores Magón manter à frente de *Regeneración* uma crítica vigorosa e lúcida tanto antes quanto durante o processo revolucionário, denunciando as manobras contra-revolucionárias até a extinção final do periódico em 1918. Esta sensibilidade permitiu ao líder liberal reconhecer o protagonismo camponês no processo, apoiá-lo entusiasticamente e ser com ele derrotado.

⁹¹⁴ Exemplo desta falta de rigor que pode conduzir à superficialidade em um artigo de 1916: “*Estando la tierra en poder le los trabajadores, quedan todas las industrias en poder de ellos. Los edificios son contruidos con materiales extraídos de la tierra; las fábricas, los talleres, las fundiciones, pueden funcionar únicamente por las materias que de la tierra se extraen o se la hacen producir; y si esto es así, si la tierra produce todo lo que se necesita para la alimentación del hombre, de los animales útiles y la materia prima, para la industria, la posesión de la tierra debe ser el objetivo de todos nuestros esfuerzos.*” FLORES MAGÓN. In: Bartra. Op. cit., p. 380.

⁹¹⁵ Isto é em parte consequência de uma carreira dedicada à agitação política e ao periodismo de combate, que legou pouco tempo ao aprofundamento de questões teóricas: a primazia da ação sobre a teoria foi vivida na prática. Assim, é somente na última época de *Regeneración* que se observa um empenho sistemático em relacionar a conjuntura mexicana com a dinâmica da história mundial contemporânea, o que está vinculado com a evolução da política magonista em direção ao enfrentamento anti-capitalista. Tampouco verifica-se um esforço em deter-se sobre os problemas da história mexicana, recortada segundo uma perspectiva que vê na ação do PLM a continuidade da gesta libertadora iniciada com a independência e prosseguida pela Reforma. A análise histórica está sempre subordinada às exigências da política, que volta à tona quando Flores Magón se depara com o desafio de justificar a revolução no atraso.

COMPARAÇÕES

COMPARAÇÕES

Concluiremos esta tese baseada na metodologia da história comparada explorando as convergências e as singularidades dos casos estudados, buscando alternadamente referi-los a aspectos estruturais da história latino-americana ou salientar as especificidades nacionais que se evidenciam, como parte de um esforço teórico necessário para pensar o problema da formação nacional no continente, tanto naquele período como na atualidade. Seguindo o caminho sugerido por Marc Bloch, uma vez descritas as curvas da evolução de fenômenos que apresentam certas analogias entre si, trataremos agora de: “(...) *encontrar as semelhanças e diferenças e na medida do possível, explicar umas e outras*”.

Inscritos no movimento histórico de afirmação do poder burguês nos marcos da problemática da formação nacional, os projetos políticos analisados neste trabalho revelam diferentes caminhos por meio dos quais expressou-se a pressão popular por democratização radical na América Latina nos primórdios do imperialismo. A identificação de um denominador comum, que justifica a comparação, não anula as notáveis diferenças observadas, em múltiplos níveis, a partir do contraste encetado. No plano ideológico, o pensamento de Martí revela uma densidade que o singulariza não somente em relação aos demais autores analisados, mas na própria história do pensamento latino-americano. Do ponto de vista político, subjacente ao reformismo de Justo observa-se uma desconfiança em relação à autonomia da classe trabalhadora que o distancia de Martí e Magón, cuja estratégia política apoia-se objetivamente no protagonismo popular, sem a mediação eleitoral que sujeitou a organização argentina à cooptação. Nesta perspectiva, embora seja visível que a democratização social por que pressionavam os socialistas argentinos foi frustrada, é imprudente emitir um juízo inequívoco sobre a sorte da organização, uma vez que, expressando o ponto de vista do seu partido, o próprio Justo jamais avaliou negativamente as consequências da reforma argentina, enquanto Magón percebeu com clareza a derrota do campo popular na Revolução Mexicana, e o desfecho da guerra da independência cubana contrariou o projeto esposado por Martí.

Não obstante o notável contraste entre a militância revolucionária de Martí e Magón com o reformismo moderado de Justo, entendemos que o Partido Socialista foi a principal expressão política vinculada ao interesse dos trabalhadores argentinos naquele

momento histórico. Para os nossos objetivos, as discrepâncias entre estas diferentes expressões da política radical, referidas a um movimento histórico comum, enriquecem o alcance da pesquisa, ao sugerir um quadro das referências ideológicas e políticas que informavam as origens do pensamento e do ativismo radical no continente neste contexto. Analogamente, as singularidades da conjuntura nacional enfrentada por cada projeto, marcadas alternativamente pela revolução, contrarrevolução ou reforma, revelam diferentes vias de afirmação do poder burguês na América Latina, em que a recorrência de constrangimentos obstando a associação entre desenvolvimento econômico e integração social sugere a prevalência de um padrão de luta de classes comum, que inviabiliza a formação da nação sob a égide burguesa. No conjunto, a análise comparativa dos casos enfocados sugere as balizas históricas que referenciavam, nos termos de Lukács, a máxima consciência possível no campo da militância democrática na totalidade histórica em que estavam inscritos.

Em consonância com o movimento da tese realizado quando apreciamos individualmente os casos selecionados, a conclusão partirá da dimensão ideológica do problema da formação expressa no pensamento dos militantes, para, então, analisar os projetos políticos que defenderam e os respectivos desfechos. No primeiro tópico, identificaremos o substrato ideológico comum à visão da formação avançada pelos autores, para depois explorar a diversidade de seus pensamentos e o alcance do seu legado. No segundo tópico, realizaremos o percurso inverso, partindo da especificidade de cada estratégia política para constataremos a recorrência de um padrão de luta de classes, no qual o caráter da burguesia e as limitações para a autonomia da classe trabalhadora colocam a formação da nação no continente diante de um impasse desde os primórdios do imperialismo.

Assumindo-se que o desenlace histórico não alterou substantivamente as relações de privilégio de classe e o padrão de inserção econômica no mercado mundial, a dinâmica das três situações enfocadas indica nexos indissociáveis entre revolução democrática e revolução nacional no continente. A perpetuação dos vínculos de origem colonial sob a égide do desenvolvimento capitalista, consequência do desfecho dos processos analisados, reatualiza o dilema da formação nacional sob o imperialismo, aguçando as contradições inerentes ao movimento histórico analisado por Caio Prado

Jr⁹¹⁶. Do ponto de vista da luta de classes, a frustração destes projetos nacionais pioneiros, baseados em uma aliança de classes sob a hegemonia burguesa, sugere a afirmação do capitalismo dependente como via da revolução burguesa na América Latina, segundo o referencial analítico de Florestan Fernandes⁹¹⁷. Nesta perspectiva, a trajetória dos projetos políticos abordados ilumina a profundidade histórica e a rigidez dos constrangimentos de classe que bloqueiam a conclusão da formação da nação sob o imperialismo. Vislumbra-se um dilema originário, em que os impasses experienciados pela via democrática nacional evidenciam limites objetivos e subjetivos para conciliar desenvolvimento, democracia e soberania nos marcos da hegemonia burguesa.

1. VISÕES DA FORMAÇÃO

O contraste entre a visão da formação dos autores revela projetos que partilham de uma orientação política e um substrato ideológico similares, referenciados no movimento da história latino-americana em que estão inscritos, cuja especificidade remete à expressão nacional do dilema que vivenciaram. Confrontados com o impacto do imperialismo sobre realidades marcadas pelo legado colonial, a natureza singular da formação americana impõe aos militantes o desafio de discernir entre os aspectos comuns e as particularidades do desenvolvimento nacional em relação ao padrão civilizatório dos países centrais, em uma circunstância na qual fatores objetivos e subjetivos obstam esta diferenciação. Partindo deste patamar ideológico comum, a especificidade da conjuntura, da formação socioeconômica e das referências intelectuais

⁹¹⁶ Caio Prado Jr. enuncia o problema em uma referência à realidade brasileira que pode ser estendida aos casos estudados: “Em primeiro lugar, o imperialismo atua como um poderoso fator de exploração da riqueza nacional; não é outro seu objetivo que acaparar em proveito próprio a mais-valia do trabalho brasileiro a seu alcance. Nisto ele age como qualquer outra forma de capital, e não tem aí nada de particularmente interessante. Mas o que o distingue é que tal exploração não se faz em benefício de uma classe brasileira, uma burguesia indígena (a não ser grupos insignificantes ligados ao capital financeiro, e tão internacionais quanto ele), mas de classes e interesses completamente estranhos ao país. Isto é muito importante, porque neste processo não é apenas a classe trabalhadora que se desfalca, mas o país em conjunto que vê escoar para fora de suas fronteiras a melhor parcela de suas riquezas e recursos. As contradições da exploração capitalista tomam assim caráter muito mais agudo e extremo.” PRADO JR. Caio. *História Econômica do Brasil*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1967, p. 278-9.

⁹¹⁷ “Desse ângulo, a redução do campo de atuação histórica da burguesia exprime uma realidade específica, a partir da qual a dominação burguesa aparece como conexão histórica não da “revolução nacional e democrática”, mas do capitalismo dependente e do tipo de transformação capitalista que ele supõe. Ao fechar o espaço político aberto à mudança social construtiva, a burguesia garante-se o único caminho que permite conciliar a sua existência e florescimento com a continuidade e expansão do capitalismo dependente.” FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 214.

conformará abordagens contrastantes do problema, em que o ângulo particular adotado por cada autor repercutirá na universalidade do seu pensamento e na incidência posterior do seu legado.

a) FUNDAMENTO COMUM: INDIFERENCIAÇÃO IDEOLÓGICA

i. Natureza humana e história

O fundamento ideológico comum dos pensadores analisados é a premissa humanista de que o sentido da história é a realização de uma natureza humana, o que aponta para uma convergência entre natureza e história. Em Martí, o sentido da história é a afirmação do *hombre natural*, em uma abordagem na qual processo histórico e individuação do sujeito aparecem entrelaçados. Em Justo, a formulação de uma base biológica da história evidencia uma indissociação analítica que resultará na percepção de uma contradição entre capitalismo e natureza. Em Magón, a confluência entre natureza humana e liberdade será o eixo de uma visão segundo a qual a tirania e depois a propriedade privada obstruem a um tempo a realização do homem e a evolução da história.

Assim, a noção do *hombre natural*, a base biológica da história e a liberdade econômica articulam para cada autor uma interpretação da história a uma concepção de homem, movimento que faculta uma relativa naturalização da história às expensas da política. Esta brecha se evidencia quando Martí revela uma crença de matiz espiritual na virtude da história em detrimento das suas contradições objetivas; Justo absolutiza a razão, substituindo os condicionantes de classe por universais humanistas; e Magón imediatiza os processos históricos e sociais, idealizando o potencial da espontaneidade revolucionária.

Do ponto de vista político, a convergência entre natureza humana e sentido da história esvazia o problema da ideologia, vinculando a ação política primordialmente à natureza humana e não a interesses de classe. Nesta perspectiva, o caminho da sensibilização militante passará pela reconexão com a natureza humana obstruída por uma situação de opressão: uma tarefa fundamentalmente ética em Martí, pedagógica em Justo e iluminista em Magón. Nos três casos, a referência do processo de formação do ator da transformação social não é o dinamismo da luta de classes mas o humanismo universal, e a formação da consciência crítica é entendida como um processo de sintonia natural e imediata com o humano. O desafio é desobstruir a conexão do ator social com

a natureza humana, liberando o curso para a evolução da história: viabilizar o fluxo natural da essência humana em Martí, a realização orgânica elementar em Justo e o exercício da liberdade e da solidariedade em Magón. Coerentemente, a unidade social do processo emancipatório é o indivíduo em Martí e em Magón, e, ainda que Justo maneje as classes sociais como categorias, a diluição de todo antagonismo operada por seu humanismo remete ao oposto da individualidade, que é o homem como espécie.

Em última análise, a convergência entre natureza e história expressa-se como uma tendência a aceitar os fenômenos na sua evidência aparente e uma propensão política a conceber os processos sociais e históricos como imediatos. Como decorrência, nenhum dos autores operou uma crítica penetrante das contradições do capitalismo, nem abordou o Estado ou a transição revolucionária como problema político. Se assumirmos que a mediação entre história e natureza, no plano totalizante do modo de produção, é feita pela economia, este traço ideológico remete ao incipiente desenvolvimento das relações de produção capitalistas nas sociedades analisadas, o que inibiu a diferenciação da esfera econômica, limitando a evidenciação dos problemas colocados pela afirmação do capitalismo. Neste contexto, a matriz ideológica que conforma o pensamento dos autores revela-se oposta à noção da práxis aceita pelo materialismo histórico, que entende a história como um processo ilimitado de dupla transformação das relações do homem com o meio, que forja a sua própria natureza⁹¹⁸.

ii. Formação e totalidade

Além dos limites impostos pelo desenvolvimento capitalista incipiente, a própria natureza da problemática da formação implica um obstáculo ideológico suplementar à percepção da especificidade da América Latina, uma vez que o pensamento dos autores está inscrito em um processo histórico de diferenciação entre o passado colonial, quando a colônia ainda formava uma unidade com a metrópole, e a consumação da nação, dotada de relativa autonomia política, cultural e econômica. Um olhar retrospectivo sugere uma progressiva evidenciação das dimensões política, cultural, social e econômica da questão nacional. Nas guerras de independência desencadeadas

⁹¹⁸ Segundo esta perspectiva, não existiria uma essência humana imanente, mas é a sua natureza prática e histórica, como ser que se produz socialmente, que a define. É esta consciência da produção e da autoprodução como características constitutivas da natureza humana que está na raiz da unidade entre teoria e prática que fundamenta a problemática da formação da consciência de classe e da superação do capitalismo do ponto de vista do materialismo histórico. SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Clacso e Expressão Popular, 2007.

durante a crise do antigo sistema colonial, a soberania é percebida sobretudo como um problema político, que envolve uma dimensão cultural quando Bolívar defende instituições adequadas à realidade continental. A necessidade de consumir a unidade nacional salienta uma dimensão cultural do problema através do século XIX, na medida em que a construção das nacionalidades enseja a afirmação de referências culturais e históricas próprias, convergentes com o processo de consolidação do Estado nacional⁹¹⁹.

Os autores analisados neste trabalho situam-se na passagem entre uma percepção política e cultural da especificidade continental e a apreensão dos dinamismos sociais e econômicos que conformam uma realidade própria, na qual a aspiração por soberania e integração nacional opõe-se ao movimento do imperialismo. Neste contexto, afloram projetos de democratização radical das sociedades americanas, mas a indiferenciação da esfera econômica somada à natureza contraditória da problemática da formação inibe a apreensão dos nexos entre as esferas da existência e sua relação com o capital internacional. Como decorrência, a autodeterminação econômica não é percebida como uma dimensão fundamental do problema da integração nacional e a formação da nação emerge como uma questão política (associada à soberania em Martí, à democracia eleitoral em Justo e ao restabelecimento das liberdades políticas em Magón), cultural (relacionada respectivamente à autoctonia, à democratização do ensino, à separação entre Estado e igreja e à reivindicação do legado indígena) e social (integração da população por meio do trabalho). Não obstante, a leitura que os autores fazem do capitalismo e a percepção sobre o imperialismo conformarão a ideologia subjacente a seus projetos nacionais, determinando o modo como enfocam o problema do controle sobre o ritmo e o tempo da inovação social.

Ao fundamentar sua crítica da modernidade ocidental em pressupostos humanistas referidos à particularidade cultural dos processos históricos, Martí estabeleceu as premissas para vislumbrar a América Latina como uma totalidade, ao mesmo tempo em que dissociou o rechaço a uma sociabilidade marcada pela luta de classes, dos dinamismos socioeconômicos da reprodução capitalista. Assim, sua aguda percepção do expansionismo estadunidense, como expressão do imperialismo, o leva a

⁹¹⁹ A respeito da progressiva diferenciação das esferas política, cultural, social e econômica através de um processo histórico que evidenciou a especificidade da formação latino-americana, consultar: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de Nuestra América*. Buenos Aires: Clacso, 2005; Javier Pinedo, op. cit.; ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1976. Idem. (compilador). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. FCE, México, 1995, 3 volumes.

defender a unidade continental como condição para estabelecer um padrão civilizatório autorreferido, sem problematizar imediatamente o capitalismo como modo de produção.

Embora oriente a sua interpretação da história na direção da superação do capitalismo, Juan B. Justo não observa contradições fundamentais que pressionem por um caminho revolucionário, mas, ao contrário, aposta na prevalência dos dinamismos políticos e econômicos conducentes ao estabelecimento gradual da livre cooperação. Nas antípodas de Martí, o socialista argentino combina uma crítica ao privilégio inerente à classificação capitalista com uma visão entusiástica do potencial civilizatório associado ao desenvolvimento das forças produtivas, que o leva a identificar o progresso americano com a diluição da sua especificidade histórica, diante do movimento irresistível de propagação de uma cultura superior. Nesta perspectiva, a autodeterminação não é problematizada, eludindo a percepção crítica do imperialismo e da nação como problema.

Flores Magón costurou uma percepção das contradições sociais do capitalismo à consciência de diversos aspectos da subordinação mexicana em relação aos Estados Unidos em um projeto de integração nacional assentado na articulação entre democratização e soberania. A implacável perseguição política que sofreu apurou sua sensibilidade para o padrão de luta de classes mexicano, ao mesmo tempo em que provocou a constatação imediata da solidariedade internacional de classe em ambos os polos do conflito social, resultando em uma progressiva radicalização do seu ideário. Apesar de observar os riscos do expansionismo ianque para a soberania mexicana, sua crítica não aborda os mecanismos do imperialismo que reforçam os nexos entre dependência e assimetria. Durante a revolução, direcionará sua denúncia basicamente a prevenir uma invasão militar estadunidense, enquanto a dimensão socioeconômica da autodeterminação será pulverizada na utopia da livre associação.

Nos três casos enfocados, uma relativa indiferenciação das esferas da existência marca as condições de produção do pensamento, limitando as possibilidades de análise política do econômico, que permitiriam articular os problemas nacionais ao movimento do capital internacional como uma totalidade. Como consequência, o foco dos autores abordados oscila entre a especificidade latino-americana no plano da história ocidental e o seu denominador comum, o desenvolvimento capitalista mundial: Martí salienta a singularidade cultural do continente; Justo acentua a tendência à integração econômica mundial; e Magón denuncia as contradições de classe, no México como nos Estados

Unidos. Esta sobreposição entre o específico e o comum é um indício do processo simultâneo de articulação e diferenciação do capitalismo em sua modalidade dependente na América Latina naquele período.

b) ESPECIFICIDADE: ORIGENS DO PENSAMENTO RADICAL

i. Morfologia da formação

Os projetos políticos enfocados neste trabalho orientam-se na direção da formação nacional, nos marcos de uma aliança de classes fundada na integração do conjunto da população através do trabalho. Partindo de realidades distintas mas marcadas pela persistência do legado colonial, a singularidade da incorporação de cada país aos fluxos do mercado mundial no imperialismo condicionou a estratégia política e marcará o ângulo da reflexão de cada autor. Ávidos leitores que viveram no exterior, voluntariamente ou não, os três militantes partem de uma tradição política endógena que conjugam com fontes do pensamento universal para elaborar projetos de democratização radical referenciados em uma leitura do sentido da história mundial.

José Martí conjuga a tradição filosófica cubana de matriz cristã com a filosofia transcendentalista de Emerson para construir um pensamento político de expressão ética fundado na autoctonia, projetando em *Nuestra América* o desígnio de uma modernidade alternativa à ocidental. A consciência da vulnerabilidade cubana encaminha a reflexão martiana rumo a uma totalidade maior, inscrevendo a luta antilhana no dilema da América Latina diante do imperialismo. O ensejo de fundamentar a unidade cubana e continental em uma circunstância de precários nexos econômicos e políticos desloca a sua reflexão para o plano da cultura, no qual o pensador cubano busca as raízes de uma identidade que se projeta em uma utopia humanista de conteúdo universal.

Juan B. Justo combina aspectos do pensamento sarmentino com um sólido conhecimento do socialismo europeu para costurar uma leitura da história de matiz evolucionista e pretensão científica, fonte de um projeto político que visa a engatar o vagão argentino na locomotiva da história ocidental, que caminha para a realização socialista. A ilusão do progresso na Argentina em que viveu induz a uma aposta no desenvolvimento técnico e econômico como um processo destinado a diluir o antagonismo de classe e a promover a integração das nações sob a égide da livre

cooperação. Em uma circunstância em que o crescimento econômico opera transformações velozes no país, a democratização social se afigura como consequência de um processo racional de integração na economia mundial e progressiva participação política popular.

Ricardo Flores Magón parte do legado ideológico do liberalismo mexicano do século XIX para incorporar progressivamente a temática social à agenda liberal, produzindo um ideário político orientado à integração nacional como passo para utopias futuras. Em uma circunstância em que a modernização *porfirista* aguçou as contradições sociais e a repressão política bloqueou a contestação dentro da ordem, os magonistas alargaram o conteúdo da noção de liberdade para incluir sua dimensão econômica, refletida em um discurso crescentemente informado pela linguagem da luta de classes. A repressão no exílio e o contato com o movimento operário estadunidense ampliaram a consciência de classe magonista, dotando-a de uma perspectiva internacionalista explicitada ao longo da Revolução Mexicana.

Contrastando o ângulo pelo qual os autores encaram os problemas nacionais, constatamos que a concretude da ameaça à soberania cubana sensibilizou Martí para a dimensão cultural do dilema americano, em um contexto de precária unidade econômica e política; na Argentina, as possibilidades de integração facultadas pelo crescimento econômico ensejaram um enfoque político da democratização social alicerçado em uma fé no desenvolvimento da civilização ocidental; no México, a pressão sobre as formas tradicionais de vida e a intolerância com a reivindicação política explicitaram as contradições sociais da modernização em curso, no país de maior tradição de levante popular no continente. Em síntese, no plano ideológico os problemas nacionais se expressam primeiramente através da cultura em Martí; da política em Justo; das contradições sociais em Magón. Observado no seu conjunto, o leque de suas preocupações compõe uma morfologia dos temas culturais, políticos e sociais que informarão a reflexão sobre os dilemas do continente, articulados a partir da esfera econômica por esforços posteriores referidos à problemática da formação nacional.

ii. Horizonte civilizatório

Atuando e produzindo no período anterior à consolidação da III Internacional, o contraste entre as fontes ideológicas dos projetos analisados evidencia um ecletismo na busca de referenciais teóricos, às vezes contraditórios entre si. Martí inspira-se em uma

filosofia transcendentalista e na tradição de pensamento nacional de raiz cristã, enquanto Justo e Magón, que maturam politicamente alguns anos mais tarde, apoiam-se em correntes europeias materialistas e no legado político endógeno de corte anticlerical. Por outro lado, enquanto a chave da política martiana é a autoctonia e o liberal mexicano reivindica o potencial comunista do legado nativo, o socialista argentino identifica o aborígene com a barbárie, pregando uma adesão irrestrita aos valores da civilização ocidental. O desprezo de Justo pelo potencial civilizatório americano contrasta com a defesa mexicana realizada por Magón no curso da revolução e a fé martiana no potencial humanista da cultura americana. Esta postura de Justo está lastreada na falta de uma percepção crítica do imperialismo, preocupação fundamental na política dos líderes cubano e mexicano.

O ideal civilizatório incide na leitura do movimento histórico subjacente aos projetos enfocados. Enquanto a referência precípua à autoctonia projeta um horizonte civilizatório próprio e original em Martí, a fé no ocidente aponta para um padrão de desenvolvimento histórico a ser almejado pelo socialismo argentino. No caso de Magón, a primazia da política cede terreno para a teleologia somente quando a derrota militar dos liberais resulta em uma aposta na espontaneidade revolucionária. O horizonte utópico diverso dos projetos expressa a sua referência civilizatória ao mesmo tempo em que testemunha a pluralidade de matrizes ideológicas que os inspira: *Nuestra América* como uma proposta de modernidade alternativa em Martí, a livre cooperação no socialismo em Justo, e uma federação de livres produtores em Magón.

Do ponto de vista do temperamento ideológico, o esforço intelectual que embasa a reflexão de Justo se traduziu em uma inflexibilidade ideológica que contrasta com a permeabilidade à conjuntura característica de Flores Magón, em que o pensamento subordinou-se visivelmente às exigências da prática. Em Martí, um espírito aberto conjugou influências ecléticas para realizar uma densa reflexão original, que, uma vez maturada, sustentou um trabalho político obstinado pela causa. A relação que os pensadores tiveram com o materialismo histórico ilumina, de outro ângulo, sua verve intelectual. Enquanto Martí recusou o socialismo como uma doutrina referenciada em uma realidade exógena, Justo defendeu ardorosamente sua validade para a circunstância argentina mas rechaçou o método dialético, postura coerente com a prática reformista que adotou. Já Magón passou ao largo do problema de uma adesão teórica, embora demonstre simpatia política por Marx, assim como os demais.

iii. Legado

Assim como alimentaram-se das tradições de pensamento endógeno, o legado político e ideológico dos autores analisados fecundou a militância futura em seus países e, em alguns casos, projetou-se através do continente. Embora a vitalidade desta herança esteja associada a desdobramentos históricos que escapam à influência direta dos seus protagonistas, é possível apontar conexões que evidenciam seu papel precursor de correntes da política e do pensamento radical na América Latina, salientando o caráter renovador destas trajetórias em relação às referências nativas que os inspiraram. Endereçando conjunturas específicas e submetidos a influências intelectuais contrastantes, o ângulo particular através do qual abordaram os dilemas do seu tempo diferenciou a repercussão posterior do seu legado.

Ao enfrentar simultaneamente o colonialismo espanhol e o expansionismo estadunidense, Martí projetou a formação cubana nos marcos do dilema latino-americano sob o imperialismo. A frustração do processo emancipatório naquele contexto perpetuou a vigência do seu ideário nacional, inspirando sucessivas gerações de militantes na ilha. Reconhecido por Fidel Castro como o autor intelectual do assalto ao quartel Moncada em 1953, Martí é uma referência nuclear para a Revolução Cubana triunfante em 1959, desde a constituição do *Movimiento 26 de Julio* até os dias de hoje.

O alcance crítico da reflexão de Juan B. Justo é limitado pela força do mito do crescimento econômico na Argentina contemporânea, que, alimentado por uma fé no desenvolvimento das forças produtivas mundiais, obscureceu os nexos entre imperialismo e padrão de luta de classes, conduzindo a um eclipse da nação como problema histórico. A pretensão científica do socialismo argentino embotou sua reflexão de uma rigidez impermeável à evolução da conjuntura nacional e internacional. Não obstante, o pioneirismo político e a estatura intelectual de Justo estabeleceram a marca fundadora de uma das tradições socialistas mais sólidas do continente.

Por outro lado, a permeabilidade aos influxos da luta social marcou a evolução do pensamento de Ricardo Flores Magón, evidenciando ao mesmo tempo sua força e sua debilidade: o líder mexicano foi capaz de uma penetrante leitura da conjuntura que se radicalizava, mas as respostas políticas que avançou estiveram marcadas por uma ausência de mediações que revelou-se impotente para endereçar o problema da

centralização do poder, núcleo da vulnerabilidade do campo popular na revolução. A despeito do empenho em integrar sua imagem a uma versão da história afirmada pelo Estado pós-revolucionário, o legado magonista é reivindicado até os dias de hoje por atores políticos identificados com os setores derrotados na Revolução Mexicana – como o EZLN (*Ejército Zapatista de Liberación Nacional*) –, transcendendo a esfera dos círculos anarquistas. Em sua circunstância imediata, o magonismo influenciou diretamente Augusto Cesar Sandino (1895-1934) durante sua estadia mexicana nos anos 1920, incorporado como referência fundamental ao seu pensamento, juntamente com a teosofia⁹²⁰.

Dentre os autores analisados neste trabalho, a projeção transcendente do legado de José Martí enseja um detalhamento da singularidade do seu pensamento. Embora o triunfo da Revolução Cubana de 1959 proporcione um estímulo suplementar à divulgação da sua obra, é a originalidade e a densidade dos temas abordados que lastreiam a sua relevância até os dias de hoje. Ao voltar-se para a autoctonia como contraponto necessário a uma crítica do padrão civilizatório ocidental, Martí buscou no passado colonial o ponto de partida de uma reflexão sobre a identidade continental, que o conduziu a uma valorização pioneira do potencial político e humanístico da formação da América Latina. A centralidade do legado colonial o diferencia dos demais autores enfocados neste trabalho, mas é a elevação radical do estatuto civilizatório da cultura americana que torna sua reflexão original no contexto continental. Ao combinar a reivindicação da autoctonia como via para a soberania nos marcos de um horizonte civilizatório inovador diante do imperialismo, com a espiritualidade peculiar que informa o seu compromisso militante, Martí conjugou um elenco de temas nucleares para a política radical latino-americana no século que se abria: autoctonia e civilização, anti-imperialismo e unidade continental, humanismo e anticapitalismo, mística e revolução. Consideradas a amplitude do seu escopo e a profundidade da sua reflexão, é possível identificar pontos de contato, diretos ou não, com uma diversidade de correntes ideológicas e políticas no campo democrático, o que justifica o seu lugar como referência central do pensamento latino-americano desde então⁹²¹.

⁹²⁰ HODGES, Donald C. *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*. Austin: University of Texas Press, 1986.

⁹²¹ Citaremos dois exemplos de influência direta: combinando o amor como móvel revolucionário a uma postura estoica de autossuperação e entrega à causa, Che Guevara reconhece os pontos de contato da sua ética militante com Martí, de quem toma uma frase que, no seu entender, deve sintetizar o espírito dos revolucionários: “*Todo hombre verdadero debe sentir en la mejilla el golpe dado a cualquier mejilla de hombre*”. GUEVARA, op. cit, p. 74. As indagações em torno à existência de uma filosofia latino-

2. CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO NACIONAL

Partindo do desígnio comum de democratizar as sociedades nas quais estão inseridos, os projetos nacionais analisados revelam uma diversidade ideológica e estratégica condizente com a especificidade dos contextos históricos a que se referem, cuja eficácia é atestada pelo êxito em incidir no desencadeamento dos processos que objetivaram. A frustração do seu potencial democrático indica que, para além da especificidade teórica e política de cada proposta e contexto, os projetos em tela não encontraram bases objetivas para afirmarem-se plenamente, prevalecendo um padrão de luta de classes em que o comprometimento da burguesia com a reprodução do privilégio e da dependência determina uma racionalidade política orientada a prevenir a integração dos trabalhadores, bloqueando a consumação da nação pela via burguesa desde os primórdios da sua constituição como classe no continente.

a) ESPECIFICIDADE: ESTRATÉGIA

A estratégia política dos militantes enfocados remete à especificidade do desafio histórico colocado pela formação social e econômica a que estão referidos: em Cuba, o imperativo da soberania subordina as contradições de classe, colocando a revolução nacional como horizonte imediato; na Argentina, onde a integração econômica com o mercado mundial produz uma dinâmica favorável à mobilidade social, a reforma política é vislumbrada como um caminho para a democratização social; no México, a convergência entre os desafios de liberdade política, integração democrática e soberania aponta a revolução social como via para a nação.

americana, como aspecto do problema maior da possibilidade de uma cultura latino-americana no capitalismo dependente, estimuladas de forma incisiva a partir da obra de Leopoldo Zea, tomam José Martí como referência imediata. ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. Madrid: Castilla, 1957; *A filosofia americana como filosofia*. São Paulo: Pensieri, 1995. O pensamento de Martí também revela uma afinidade temática com autores e projetos políticos que não o tomam como referência. Por exemplo, a necessidade de superar o mimetismo cultural que caracteriza a herança colonial estabelecendo as bases para um padrão de desenvolvimento referido a uma realidade própria, reaparece de forma independente na obra de Celso Furtado, e nas recentes constituições da Bolívia (2007) e do Equador (2008), que projetam um horizonte civilizatório alternativo assentado na afirmação de valores indígenas antagônicos à sociabilidade capitalista, sintetizados na noção do *Sumak Kawsay*. Cf.: FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. DÁVALOS, Pablo. *Reflexiones sobre el sumak kawsay (el buen vivir) y las teorías del desarrollo*. 2008. Disponível em: <<http://alainet.org/active/25617&lang=es>> Acesso em: 18 ago. 2010.

Este contraste entre os caminhos projetados não deve sugerir uma equidistância política, uma vez que a adoção da via revolucionária por Martí e Magón sinaliza distinções significativas em relação a Justo. Vista do ângulo da estratégia política, o outro lado da impotência civilizatória americana assumida pelo socialista argentino, referida a uma obliteração do imperialismo na sua problemática, é uma dubiedade em relação à autonomia da classe trabalhadora, que o conduz a entrever múltiplas mediações no processo de mudança social (a educação técnico-econômica através do cooperativismo; a aprendizagem política através do parlamento e da gestão do Estado), enquanto no ideário de Martí e Magón a revolução deve ser, imediatamente, protagonizada pelo povo. Assim, a via reformista avançada por Justo, no país onde a classe operária encontrava-se mais desenvolvida, está fundada em um desprezo pelo potencial histórico do continente, uma desconsideração do fenômeno imperialista e uma desconfiança em relação à classe trabalhadora, que o distanciam da política revolucionária esposada por Martí e Magón.

A radicalidade da estratégia adotada pelas organizações fundadas nos contextos analisados, determinou a resposta política do Estado a que opuseram-se. A intransigência revolucionária do PRC em Cuba e do PLM no México desencadeou uma perseguição implacável aos seus militantes, condenados à prisão, ao exílio, e muitas vezes à morte, enquanto a permeabilidade do socialismo argentino à institucionalidade vigente sujeitou-o à cooptação, tolerado como oposição moderada no parlamento nacional. A relação das organizações com os processos históricos em que se envolveram é ilustrada pela constatação de que apenas o *Partido Socialista* integrou-se à ordem resultante das mudanças por que pressionou, sobrevivendo ao seu fundador, enquanto o *Partido Revolucionario Cubano* e o *Partido Liberal Mexicano* extinguiram-se com a derrota de seus respectivos projetos, na guerra da independência cubana e na Revolução Mexicana.

b) FUNDAMENTO COMUM: PADRÃO DE LUTA DE CLASSES

i. Contenção democrática

Enquadrados do ângulo da formação nacional, os projetos políticos analisados neste trabalho frustraram-se no seu propósito original de democratização social.

Orientados pela preocupação comum de estabelecer um relativo equilíbrio entre as classes, assentando as bases de uma nação socialmente integrada, economicamente moderna e politicamente democrática, nos três casos, o conteúdo democrático dos processos desencadeados foi bloqueado: a independência cubana se deu nos marcos de uma dominação neocolonial; a reforma argentina restringiu-se à dimensão eleitoral; e a contenção da Revolução Mexicana freou a democratização social. Embora as respectivas sociedades tenham mudado através destes processos, observa-se uma tendência comum a delimitar o alcance da transformação à esfera política, indicando que, entre uma incipiente classe operária e uma burguesia avessa à integração nacional, os projetos não encontraram base social para afirmarem-se plenamente.

No caso cubano, o desafio da emancipação colonial agravado pela ascensão estadunidense ensejou uma aliança de classe em torno do objetivo primordial da independência. Sua estratégia estava balizada, de um lado, no legado da Guerra dos Dez Anos, que gerou condições favoráveis para superar as travas objetivas e subjetivas à integração nacional legadas pela escravidão, e, de outro, pelo risco que a progressiva penetração do capital estadunidense representava para a soberania da ilha. Detonada a guerra, as hesitações do *Consejo de Gobierno* em cancelar a radicalização democrática ensaiada pelo exército revolucionário nos campos de batalha abriu a brecha para os setores antipopulares conspirarem no exílio por uma solução mediada pela intervenção contrarrevolucionária do exército dos Estados Unidos.

Na Argentina, o extraordinário crescimento econômico motivado pela integração do território aos fluxos do mercado mundial aguçou as contradições da política *criolla*, colocando no horizonte a luta por uma dilatação democrática dentro da ordem. A estratégia socialista estava referenciada, de um lado, na relativa mobilidade social lastreada na expansão econômica que propiciava avanços da organização popular e, de outro, no mito do crescimento econômico, que obliterava o fenômeno do imperialismo favorecendo soluções conciliatórias fora do esquadro nacional, orientadas à integração no mercado mundial e à reforma social. Quando a Lei Saenz Peña apoiada por Juan B. Justo conduziu ao triunfo eleitoral dos radicais, consumou-se o caráter socialmente conservador do processo reformista, que envolveu os próprios socialistas como coadjuvantes da disputa parlamentar.

No México, a oposição ao *Porfiriato* estimulou uma aliança de classe voltada para a derrubada de um regime que não deixava espaço para a contestação dentro da

ordem. A estratégia magonista esteve condicionada, de um lado, pelo escasso acúmulo organizativo dos trabalhadores mexicanos e, de outro, pela necessidade de integrar as reformas sociais à luta pela liberdade política. Quando eclodiu a revolução, o empenho das tropas maderistas em reprimir os setores identificados com as demandas populares rompeu qualquer possibilidade de entendimento com os magonistas, sinalizando um padrão de contenção das forças democráticas que prevaleceria até o final do confronto.

Contrastando os três processos, observamos que a expansão do capital monopolista desencadeou transformações que exigiram mudanças nos padrões de dominação de classe, pressionadas por uma difusão das relações mercantis que impulsionou um novo patamar de organização e reivindicação popular. Neste contexto, emergiram projetos pioneiros de integração nacional alicerçados no protagonismo dos trabalhadores, encampados por partidos que incidiram nas respectivas conjunturas objetivando dotar os processos em curso de um sentido democratizador. Para além das especificidades de cada país, as situações enfocadas revelam uma dinâmica recorrente, na qual a cisão no padrão de dominação das classes dominantes favorece uma aliança conjuntural entre setores da burguesia, que pressionavam por mudanças, e as aspirações populares, em função de objetivos comuns: a independência cubana, a superação da política *criolla* e o fim do *Porfiriato*. No entanto, a realização destes propósitos iniciais corresponde a uma gravitação do campo burguês a uma posição de resistência irreduzível ao interesse dos trabalhadores, explicitando os constrangimentos para conciliar desenvolvimento, democracia e soberania nos marcos da afirmação do poder burguês no continente.

ii. Caráter da burguesia

A análise da intervenção política das classes dominantes nos processos nacionais enfocados revela uma intransigência diante da pressão popular que contrasta com uma relativa anuência face à participação estrangeira, indício dos nexos indissociáveis entre revolução democrática e revolução nacional no continente.

Em Cuba, a desconfiança em relação ao protagonismo popular somada à genuína admiração pelo *american way of life* combinaram-se para selar o desfecho contrarrevolucionário do processo. Do ponto de vista burguês, evidenciou-se que a crítica ao colonialismo espanhol era antes um assunto mercantil, em que a independência foi encarada como um meio subordinado à finalidade de viabilizar a

reprodução dos negócios e a perpetuação dos privilégios e não como uma oportunidade para consumir a integração nacional.

No caso argentino, os setores da classe dominante que endossaram a reforma encararam a dilatação da participação política como uma necessidade incontornável diante das mudanças no padrão de estratificação social. A cessão de espaço político foi arquitetada como recurso para conter a pressão democrática, em um contexto no qual a ascensão do protesto operário atingia níveis intoleráveis. Neste contexto, o triunfo do radicalismo significou a superação da política *criolla*, consumando uma política de massas conservadora, avessa a qualquer esforço de integração social ainda que nos marcos da economia exportadora primária.

No México, o setor anti-Porfirista da burguesia circunscreveu sua luta ao restabelecimento das liberdades políticas e civis identificadas com o legado da reforma *juarista*. Uma vez derrubado o ditador, sucessivos presidentes dedicaram-se a encerrar o conflito reprimindo a reivindicação popular, o que estendeu a guerra civil por quase uma década. Mesmo confrontados com uma situação extrema, em que as forças populares ocuparam a capital do país e seus líderes sentaram-se na cadeira presidencial, a política burguesa não considerou a reforma social como um meio para solucionar o conflito.

A reação burguesa ao desafio levantado pelas iniciativas políticas analisadas indica um padrão de luta de classes no qual prevalece a intolerância com o conflito como forma legítima de reivindicação social. Entre a determinação de esmagar os liberais mexicanos e o sutil movimento de cooptação do socialismo argentino, os revolucionários cubanos defrontaram-se com uma combinação de ambos: face à impossibilidade de frear o movimento revolucionário que crescia, a despeito da repressão impiedosa das tropas espanholas, a classe dominante insular bandeou para o lado revolucionário, pretendendo conter um processo que não podia controlar.

Do ponto de vista nacional, os processos revelam uma orientação comum da política burguesa, que objetivou modernizar a sociedade nos aspectos necessários para desobstruir o avanço dos negócios, mantendo seus privilégios de classe. Mesmo em Cuba e no México, onde a ameaça estadunidense à soberania era mais evidente, a via burguesa sancionou o crescimento apoiado no capital internacional, calcado na superexploração do trabalho e dos recursos naturais. Como resultado, ao subordinar a integração nacional ao imperativo da expansão econômica em realidades nas quais a

lógica mercantil está alicerçada na reprodução dos nexos entre dependência e assimetria social, a política burguesa comprometeu-se, nos casos analisados, com a perpetuação do legado colonial.

iii. Autonomia da classe trabalhadora

A outra face do dilema colocado pelo padrão de luta de classes observado nas conjunturas abordadas são os óbices enfrentados pela classe trabalhadora para protagonizar um projeto político autônomo em relação à burguesia. De modo geral, a pressão popular em que se apoia a ação dos partidos enfocados logra detonar os processos de mudança social, mas é impotente para convertê-los em uma democratização radical, consequente com os seus interesses de classe.

A participação popular revelou-se o motor da guerra da independência cubana, em um processo em que o apoio à causa tornou-se praticamente unânime diante das táticas repressivas empregadas pelo exército espanhol. No entanto, o protagonismo militar dos trabalhadores não se traduziu em uma liderança política autônoma, em um contexto em que o recente legado da escravidão e a débil diversificação da economia restringiam a organização de classe e o principal apoio operário provinha dos tabaqueiros organizados nos Estados Unidos. O elo político entre as aspirações democráticas do povo cubano e o apoio burguês à causa da independência personificava-se na liderança de José Martí. A sua morte explicitou a fragilidade desta articulação, quando, apesar do compromisso revolucionário dos generais, o exército rebelde tornou-se refém das vacilações na condução política do processo, motivadas pela desconfiança no protagonismo popular, aliada à ilusão sobre as intenções estadunidenses.

No caso argentino, a pressão da classe trabalhadora provocou a reforma política, mas foi insuficiente para convertê-la em uma reforma social. Como expressão partidária de classe, os socialistas tiveram êxito em inaugurar a representação operária na política nacional e contribuíram para colocar a questão social na agenda do Estado. Por outro lado, ao ignorar os nexos entre dilatação da democracia e nação, mostraram uma debilidade ideológica que traduziu-se em uma vulnerabilidade política. Inábeis para penetrar no setor mais combativo do proletariado identificado com o anarquismo ou para ganhar as classes médias eleitoras do radicalismo, a integração dos socialistas

como beneficiários menores da reforma política sugere uma cooptação, esvaziando o seu papel progressista a partir da consolidação da III Internacional.

Herdeira de um legado de cooptação e repressão, a crise do *Porfiriato* abriu novos horizontes para a embrionária classe operária no México. As greves e os levantes frustrados foram fundamentais para precipitar a queda do regime, mas é a insurreição rural generalizada que ditará o ritmo e o tempo da revolução desencadeada. Não obstante as vitórias militares extraordinárias, o campo popular revelou-se incapaz de responder ao problema da centralização do poder e de articular um projeto nacional que incorporasse suas reivindicações de classe. Apesar da lucidez e da intransigência com que assistiram à evolução dos acontecimentos, os magonistas partilharam desta impotência, reduzindo a sua participação no ápice do confronto a uma espécie de consciência crítica do interesse popular. O resultado deste impasse foi a frustração do conteúdo democrático da revolução com a tomada do Estado pela burguesia anti-Porfirista após uma longa guerra civil.

Aproximando os três autores em uma perspectiva de classe, verificamos projetos radicais de democratização social que apoiam-se em alianças com a burguesia para realizarem-se. Na medida em que a evolução das respectivas conjunturas evidencia os estreitos limites da mudança burguesa, explicita-se a vulnerabilidade do campo popular, uma vez que os trabalhadores são impotentes para conduzir politicamente a independência em Cuba, a reforma na Argentina e em responder ao desafio de centralização do poder na Revolução Mexicana. Em uma circunstância na qual a difusão incipiente das relações de produção capitalistas constrange a afirmação da autonomia política da classe trabalhadora e a emergência de uma crítica ao capitalismo como uma totalidade, a atuação e o pensamento dos militantes analisados revelam-se como uma espécie de “máxima consciência possível” na conjuntura em que estão inscritos.

Nesta perspectiva, a análise de suas trajetórias sugere um quadro das referências ideológicas e políticas que demarcavam o campo da militância democrática no continente neste contexto histórico. No plano ideológico, subjacente ao pensamento dos autores, observamos uma convergência entre natureza e história, sugestiva de uma indiferenciação das esferas da existência que obsta a apreensão das relações entre o particular e o universal nos marcos de uma totalidade histórica. No plano político, suas aspirações democráticas deparam-se com um impasse, premidos entre a racionalidade adaptativa da burguesia dependente, que perpetua a dissociação entre desenvolvimento

e nação, e os limites à irupção autônoma dos setores populares, pressionando pelo estabelecimento de sociedades relativamente equitativas, autodeterminadas e autorreferentes nos marcos de um projeto de poder da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

FONTES**José Martí e o *Partido Revolucionario Cubano***

MARTÍ, José. *Nuestra América*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2005.

_____. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000.

_____. *Obras Completas de José Martí*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, Karisma Digital, 2001. 1 CD-ROM.

_____. Emerson. In: BALLÓN, José. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos (CCYDEL), 1995.

MARTÍ, José; GÓMEZ, Máximo. Manifiesto de Montecristi. In: MARTÍ, José. *Obras Escogidas*. 3 tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2000. p. 511-518.

Juan B. Justo e o *Partido Socialista*

FERRI, Enrico. Partido Socialista Argentino. In: JUSTO, Juan B. *La realización del socialismo*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1947.

JUSTO, Juan B. *Teoría y práctica de la historia*. Buenos Aires: Ediciones Libera, 1969.

_____. *Internacionalismo y Patria*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1933.

_____. *La realización del socialismo*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1947.

_____. *La moneda*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1937.

_____. *Cooperación Libre*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1938.

_____. *Discursos y escritos políticos*. Buenos Aires: El Ateneo, 1933.

_____. *Educación pública*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1938.

JUSTO, Juan B. *Socialismo e Organização Política*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.

_____. Quienes són los políticos profesionales. (Camara de Diputados, Diario de Sesiones, 26-9-1923). In: DONGHI, Tulio Halperin. *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2. ed. Buenos Aires: Ariel, 2005.

_____. *El Programa Socialista del Campo. Conferencia dada el 21 de abril de 1901 en el salón Vorwaerts de Buenos Aires*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1915.

PARTIDO SOCIALISTA. Primer Manifiesto Electoral (1896). In: BOTANA, Natalio; GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

UNIÓN CÍVICA RADICAL. Manifiesto Revolucionario (1905). In: BOTANA, Natalio; GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997. p. 661-662.

_____. Manifiesto de la Unión Cívica Radical al pueblo de la República (30-3-1916). In: DONGHI, Tulio Halperin. *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2. ed. Buenos Aires: Ariel, 2005. p. 559.

Ricardo Flores Magón e o Partido Liberal Mexicano

ACTA de una reunión del club liberal Ponciano Arriaga. In: BARTRA, Armando. *Regeneración (1900-1918): la corriente más radical de la revolución mexicana a través de su periódico de combate*. México: Era, 1977.

BARTRA, Armando. *Regeneración, 1900-1918. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a 1918 a través de su periódico de combate*. México: Era, 1977.

BASES para la unificación del Partido Liberal Mexicano. In: BARTRA, Armando. *Regeneración (1900-1918): la corriente más radical de la revolución mexicana a través de su periódico de combate*. México: Era, 1977.

FLORES MAGÓN, Enrique. La agonía del constitucionalismo. *Regeneración*. Número 193, 27 jun. 1914. Versão digital em CD ROM.

FLORES MAGÓN, Ricardo. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2001. V. 1.

_____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. Cordinación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2001. V. 2.

_____. *Obras Completas. Regeneración (1900-1901) primera parte*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2003. V. 3.

_____. *Obras Completas. Regeneración (1900-1901) Segunda parte*. Introducción, compilación y notas, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2003. V. 4.

_____. *Obras Completas. Artículos Políticos Seudónimos*. Cordinación, Jacinto Barrera Bassols. México: Conaculta, 2005 V. 5.

_____. *Versión digital del periódico Regeneración, 1900-1918*. México: Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), 2007. 1 CD-ROM.

_____. et al. *Carta ao International Anarchist Congress*, [19--] Disponível em: <<http://www.archivomagon.net/ObrasCompletas/Correspondencia/Cor352.html>>. Acesso em 28 ago 2011.

_____. et. al. Instrucciones generales a los revolucionarios. *Regeneración*. 25 fev. 1911. Versão digital em CD ROM.

_____. et al. A tomar posesión de la tierra. *Regeneración*. 20 maio 1911. Versão digital em CD ROM.

_____, et al. Carta ao International Anarchist Congress, [19--] Disponível em: <<http://www.archivomagon.net/ObrasCompletas/Correspondencia/Cor352.html>>. Acesso em 28 ago 2011.

_____. RIVERA, Librado. La junta organizadora del Partido Liberal Mexicano a los miembros del partido, a los anarquistas de todo el mundo y a los trabajadores en general. In: BARTRA, Armando. *Regeneración, 1900-1918. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a 1918 através de su periódico de combate*. México: Era, 1977.

_____. Carta a Crescencio e Francisco Villareal Márquez. 17 nov. 1905. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 133.

_____. Carta a Crescencio Villareal Márquez, 16 jun. 1906. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 169.

_____. Carta a Crescencio Villareal Márquez, 6 jun. 1906, In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1. p. 170.

_____. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Marquez, 5 dez. 1905. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 145.

_____. Carta a Crescencio Y Francisco Villareal Marquez, 8 out. 1905. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 134-135.

_____. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez, 8 out. 1905. In: _____. op. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 130.

_____. Carta a Crescencio y Francisco Villareal Márquez. 5 dez. 1905. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 142.

_____. Carta a Ellen White, 14 dez. 1920. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 76.

_____. Carta a Ellen White, 14 fev. 1922. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 331.

_____. Carta a Enrique Flores Magón. 16 ago. 1899. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 58.

_____. Carta a Enrique Flores Magón y Práxedes Guerrero, 13 jun. 1908. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 462.

_____. Carta a Enrique Flores Magón. 23 jul. 1899. In: _____. *Obras Completas. Regeneración (1900-1901) primera parte*. México: Conaculta, 2003, V. 3, p. 51.

_____. Carta a Enrique Flores Magón. 7 jul. 1908. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1.op. cit., v. 5, p. 460.

_____. Carta a Gus Teltsch, 1, mar. 1920. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 29.

_____. Carta a Harry Weinberg, 5 ago. 1920. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 43.

_____. Carta a Heliodoro Olea, 28, maio, 1906. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 143.v. 1, p. 143.

_____. Carta a International Anarchist Congress, sem data. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 636.

_____. Carta a Loreto Martínez, 17 maio, 1907. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 309.

_____. Carta a Luis Rivas Iruz, 3 jun, 1911. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 592.

_____. Carta a Luis Rivas Iruz, 3 jun.1911 In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 593.

_____. Carta a Mr. M. H.Woolman, Secretary, New York Mexican Revolution Conference, 2 fev. 1911. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 599.

_____. Carta a Nicolás T. Bernal, 2 jun. 1921. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 209.

_____. Carta a Philip B. Grosser, 13 abr.1922. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia 2 (1919-1922)*. México: Conaculta, 2001. V. 2, p. 371.

_____. Carta a Raul Palma, 6 ago. 1918. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 660.

_____. Carta a Silvina R. de Trejo, 22 jul. 1905. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 114.

_____. Carta de 16 out. 1911. In: _____. *Obras Completas. Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1, p. 620.

JUNTA organizadora del Partido Liberal Mexicano. Manifiesto. *Regeneración*. Número 48, 30 set. 1905. Versão digital em CD ROM.

_____. *Regeneración*, número 19, 7 jan. 1911. Versão digital em CD ROM.

MANIFIESTO liberal de março de 1903. Disponível em: <http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/historia/programa/15.html>. Acesso em: 18 ago. 2008.

MANIFIESTO del Club Liberal Ponciano Arriaga. 27 de fevereiro de 1903. Disponível em: <http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/historia/programa/21.html>. Acesso em: 18 ago. 2008.

MANIFIESTO del 23 de septiembre de 1911. *Regeneración*, número 56, 23 set. 1911. Versão digital em CD-ROM.

PROGRAMA de reformas político-sociales de la revolución aprobado por la soberana convención revolucionaria. In: DÍAZ, Lilia. *Planes políticos y otros documentos. Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana*. Prólogo de Manuel González Ramírez. 1ª reimpressão. México: FCE, 1974.

REVOLUCIÓN. Número 16, 5 out. 1907. Versão digital em CD ROM.

SILVA, Prisciliano. Carta enviada desde o Campo de Operaciones del Ejercito Liberal, Guadalupe, 11 feb. 1911. In: *Regeneración*. 18 fev. 1911. Versão digital em CD ROM.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ARNAUD, Pascal. *Estado y capitalismo en América Latina – casos de México y Argentina*. México: Siglo XXI, 1981.

ASSADOURIAN, Carlos et al. *Modos de produccion en América Latina*. 4. ed. Bogotá: Cuadernos de Pasado y Presente, 1976.

BADALONI, Nicola et al. *Gramsci e a América Latina*. Organização e Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

BELAVAL, Yvon (Direction). *Histoire de la Philosophie III vol. 1 – Le XIXe siècle, le XXe siècle*. Paris: Gallimard, 1974.

BENITEZ ZENTENO, Raúl (Cord.). *Las clases sociales en America Latina*. 8. ed. México: Siglo XXI, 1983.

BETHELL, Leslie Bethell (Org.). *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990-1996.

BETHELL, Leslie Bethell (Org.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1997-2009.

_____. (Org.). *História de América Latina. América Latina Colonial: La América precolombina y la conquista*. Barcelona: Crítica, 1990. v. 1.

_____. (Org.). *História de América Latina. América Latina Colonial: Europa y América en los siglos XVI, XVII, XVIII*. Barcelona: Crítica, 1990. v. 2.

_____. (Org.). *História de América Latina. Economia y sociedad (1870-1930)*. Barcelona: Crítica, 1990. v. 7.

_____. (Org.). *Spanish America after Independence (c. 1820-1870)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BLOCH, Marc. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

BOHÓRQUEZ MORÁN, Carmen L. *Francisco de Miranda. Precursor de las independencias de la América Latina*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2003.

BRAUDEL, Fernand; SPOONER, Frank. Prices in Europe from 1450 to 1750. In: RICH, E. E., WILSON, C.H. *The Cambridge Economic History of Europe. The Economy of Expanding Europe in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Cambridge, 1967. v. 4.

BREÑA, Roberto. La consumación de la independencia de México: donde quedó el liberalismo? *Revista Internacional de Filosofía Política*, n. 16, dezembro 2000.

CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 4, n. 8, jan./apr. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002>. Acesso em: 9 mar. 2011.

CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*. Selección, cronología, bibliografía, traducción y notas de Mária Russoto, prólogo de Agustín Martínez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

_____. *Formação da Liberdade Brasileira*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CAPPELLETTI, Angel Cappelletti; RAMA, Carlos. *El anarquismo en América Latina*. Biblioteca Ayacucho, Caracas, 1990.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARMAGNANI, Marcelo (Org.). *Federalismos Latinoamericanos*. México: FCE, 1993.

CARRERA DAMAS, Germán. *História General de América*. Madrid: Trotta, 1999-2008.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CHEVALIER, François. *América latina de la independencia a nuestros días*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

COHN, Gabriel. Padrões e Dilemas: o Pensamento de Florestan Fernandes. In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V.B. (Org.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLE, G. D. H. *Historia del pensamiento socialista*. La segunda internacional (1889-1814), primera parte. México: FCE, 1974. v. IV.

_____. *Marxismo y anarquismo (1850-1890)*. México: FCE, 1974. v. II.

CORTÉS CONDE, Roberto. *The first stages of modernization in Spanish America*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974.

CRAWFORD, William Rex. *Pensamiento latinoamericano de un siglo*. México: Limusa-Wiley, 1966. (Edição original em inglês, 1944).

DÁVALOS, Pablo. *Reflexiones sobre el sumak kawsay (el buen vivir) y las teorías del desarrollo*. 2008. Disponível em: <<http://alainet.org/active/25617&lang=es>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX – entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Biblos, 2000.

DOBB, Maurice. *Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith*. Lisboa: Presença, 1973.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo Dependente e classes sociais na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. *Circuito Fechado*. São Paulo: Hucitec, 1976.

_____. Prefácio a: Caio Prado Jr. *História e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. O que é revolução? In: SAMPAIO JR., Plínio; SAMPAIO, Plínio de Arruda (Org.). *Clássicos sobre a revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

_____. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). In: *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 69-120.

FERNANDES, Florestan et al. *Las clases sociales en América Latina*. 8. ed. México: Siglo XXI, 1983.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Caliban*. Buenos Aires: Clacso Libros, 2004.

_____. *Pensamiento de Nuestra América*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.

FRANCO, Jean. *The Modern Culture of Latin America*. Middlesex: Penguin Books, 1970.

FURTADO, Celso. *Formação econômica da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lia, 1970.

_____. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GLADE, William. América Latina y la economía internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina*. Barcelona: Crítica, 1990. v. 7.

GODIO, Julio. *Historia del Movimiento Obrero Latinoamericano*. Buenos Aires: El Cid, 1979.

_____. *Historia del Movimiento Obrero Latinoamericano*. San José: Nueva Sociedad, 1987.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (Org.). *Historia política de los campesinos latinoamericanos*. México: Siglo XXI, 1985.

_____. (Org.). *América Latina: historia de médio siglo*. México: Siglo XXI, 1977.

_____. (Org.). *Historia del Movimiento obrero em América Latina*. México: Siglo XXI, 1984.

GRESPLAN, Jorge. A teoria da história em Caio Prado Jr.: dialética e sentido. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 47, 2008.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. 2. ed. México: FCE, 1992.

HALL, Michael; SPALDING JR., Hobart. La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina (1880-1930). In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina (c. 1870- c.1930)*. Barcelona: Crítica, 1991.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Hispanoamerica despues de la Independencia. Consecuencias sociales y economicas de la emancipación*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

_____. *Reforma y disolución de los Imperios Ibericos*. Madrid: Alianza, 1985.

_____. Economy and Society. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Spanish America after Independence (c. 1820-c.1870)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HAMNETT, Brian R.. Process and Pattern: A Re-Examination of the Ibero-American Independence Movements, 1808-1826. *Journal of Latin American Studies*, v. 29, n. 2, may 1997.

HANKE, Lewis (Org.). *Tienen las Américas una história en comun?* México: Diana, 1966.

_____. *Readings in Latin American History (vol II: since 1810)*. New York: Thomas y Crowell Company, 1996.

HECKSHER, Eli Hecksher. *La Epoca Mercantilista*. México: FCE, 1943.

HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. *Rebeldes Primitivos*. Barcelona: Ariel, 1958.

_____. *A Era dos Impérios*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HODGES, Donald C. *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*. Austin: University of Texas Press, 1986.

KLEIN, Herbert. *Slavery in the Americas. A comparative study of Virginia and Cuba*. Chicago: Elephant Paperbacks, 1989.

LÊNIN, V.I. *O Imperialismo – fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2000.

_____. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Hucitec, 1986.

LOVE, Joseph L. *Crafting the third world*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

LÖWY, Michael (Org.). *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MALERBA, Jurandir. *A história na América Latina – ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MELLAFE, Rolando. *Breve Historia de la esclavitud en America Latina*. México: SEP/Setentas, 1973.

MIRES, Fernando. *La rebelión permanente – las revoluciones sociales em América Latina*. 2. ed. México: Siglo XXI, 2001.

MORSE, Richard. *O espelho de próspero*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. Ciências Sociais na América Latina. In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V.B. (Org.). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

NOVAIS, Fernando A.; MOTA, Carlos Guilherme. *A independência política do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005a.

_____. As dimensões da independência. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005b.

_____. HALL, Michael; SPALDING JR., Hobart. La clase trabajadora urbana y los primeros movimientos obreros de América Latina (1880-1930). In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina (c. 1870- c.1930)*. Barcelona: Crítica, 1991.

_____. Passagens para o Novo Mundo. In: _____. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005c.

PAMPLONA, Marcos A.; MÄDER, Maria Elisa. *Introdução a: Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Volume 1 – região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PINEDO, Javier. El concepto *Segunda Independencia* en la historia de las ideas en América Latina: Una Mirada desde el Bicentenario. Revista Atenea N° 502, II Semestre 2010, Concepción, ps. 151-177.

PINTO, Julio. *Desgarros y utopías en la pampa salitrera. La consolidación de la identidad obrera en tiempos de la cuestión social (1890-1923)*. Santiago: Lom, 2007.

POLANYI, Karl. *The great transformation: the political and economic origins of our time*. Boston: Beacon press, 2001.

POZO, José del. *Historia de América Latina y del Caribe. Desde la independencia hasta hoy*. 2. ed. corregida y aumentada. Santiago: Lom, 2009.

PRADO JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

_____. *História Econômica do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *História Econômica do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

PREBISCH, Raul. *La Obra de Prebisch em la Cepal*. México: FCE, 1982.

_____. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RECABARREN, Luis Emilio. Recopiladores: Ximena Cruzat e Eduardo Devés. *Escritos de prensa*. Santiago: Nuestra America e Terranova Editores, 1987.

ROMERO, José Luis. *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

_____. *Situaciones e ideologías en Latinoamérica*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986.

SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. *Introdução a: Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. Clássicos sobre a revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

_____. O Impasse da Formação Nacional. In: FIORI, J. L. (Org.). *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 415-448.

_____. *Entre a nação e a barbárie. Os dilemas do capitalismo dependente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Clacso e Expressão Popular, 2007.

SILVA, Miguel. *Recabarren y el socialismo*. Santiago: Artes Graficas, 1992.

SOBOUL, Albert. *Précis d'histoire de la Révolution française*. Paris: Éditions Sociales, 1973

SOLER, Ricaurte. *Idea y cuestión nacional latinoamericanas – de la independencia a la emergencia del imperialismo*. México: Siglo XXI, 1980.

STEIN, Stalney e Barbara. *A Herança Colonial da América Latina. Ensaio de Dependência Econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SUNKEL, Oswaldo. *O marco histórico do processo. Desenvolvimento/subdesenvolvimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Viver, 1977.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past*. Boston: Beacon Press, 1997.

UREÑA, Pedro Henríquez. *Literary Currents in Hispanic America*. Cambridge: University of Harvard Press, 1945

VASSIÈRE, Pierre. *Les révolutions d'Amérique latine*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

VILLEGAS, Abelardo. *Reformismo y revolución em el pensamiento latinoamericano*. 2. ed. México: Siglo XXI, 1974.

VOVELLE, Michel. Um século de historiografia revolucionária (1880-1987). In: _____. *França Revolucionária (1789-1799)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WEINBERG, Gregorio. *La ciencia y la idea de progreso en América Latina (1860-1930)*. 2. ed. rev. y act. Buenos Aires: FCE, 1998.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo y esclavitud*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.

ZAVALA, Silvio. *La colonización española en América*. México: Sep Setentas, 1972.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1976.

_____. *Filosofía de la historia americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

_____. *América en la história*. Madrid: Castilla, 1957.

_____. *A filosofia americana como filosofia*. São Paulo: Pensieri, 1995.

ZEA, Leopoldo (Org.). *Fuentes de la Cultura Americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *América Latina en sus ideas*. Paris: Unesco; México: Siglo Veintiuno, 1986.

_____. América Latina en sus ideas. In: ZUM FELDE, Alberto. *Índice crítico de la literatura hispanoamericana: el ensayo y la crítica*. México: Siglo XXI, 1986; México: Guaranía, 1954.

ZUM FELDE, Alberto. *Índice crítico de la literatura hispanoamericana: el ensayo y la crítica*. México: Guaranía, 1954.

BIBLIOGRAFIA: CUBA E JOSÉ MARTÍ

ALMANZA ALONSO, Rafael. *En torno al pensamiento economico de José Martí*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

ANDERSON, Benedict. *Under three flags: anarchism and anti-colonial imagination*. Londres: Verso, 2005.

ARCE VALENTÍN, Reinerio. *Hacia el equilibrio del mundo. Fundamento ético de la espiritualidad u concepción del mundo en Martí*. In: Arce Valentín et al. *Por el equilibrio del mundo*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003.

ARMAS, Ramón de. *La revolución pospuesta*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

BALLÓN, José. *Lecturas Norteamericanas de José Martí: Emerson y el socialismo contemporáneo (1880-1887)*. México: UNAM, Centro Coordinador y difusor de Estudios Latinoamericanos (CCYDEL), 1995.

BETHEL, Leslie (Ed.). *Cuba: a short history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CANTÓN NAVARRO, José. *José Martí y los trabajadores*. Caracas: Fides, 2006.

CENTRO COORDINADOR Y DIFUSOR DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS. *José Martí a cien años de Nuestra América*. Panoramas de Nuestra América. México: CCYDEL, UNAM, 1993.

CENTRO DE ESTÚDIOS MARTIANOS. *Anuário del Centro de Estudios Martianos*. La Habana, 2001.

CEPEDA, Rafael. *Lo etico-cristiano en la obra de José Martí*. La Habana: Centro de Información y Estudio, sem data.

CEPERO VARELA, Eudel. ¿José Martí ambientalista? *Vitral*, año V, n. 30, marzo-abril 1999. Disponível em: <<http://www.vitral.org/vitral/vitral30/ecol.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

CUADERNOS AMERICANOS. México: UNAM, Número 51, mayo/junio 1995.

DEPESTRE, Rene. Buenos días y adiós a la negritud. In: MORALES, Laura López. *Literatura Francófona: II. América*. México: Fondo de Cultura Económico, 1996.

EMERSON, Ralph Waldo. *The Transcendentalist*. Em: Idem. Stephen E. Whicher (ed.). *Selections from Ralph Waldo Emerson*. Cambridge: Riverside, 1960.

EISENBERG, Peter. *Modernização sem mudança*. São Paulo: Paz e terra, 1987.

ESTRADE, Paul. *José Martí, militante y estratega*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

FERNANDES, Florestan. *A revolução cubana - da guerrilha ao socialismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. “*Nuestra América*”: 100 años. In: José Martí. *Nuestra América*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2000.

_____. *Martí en su (tercer) mundo*. Artigo em CD Rom, curso virtual *América Latina: Reflexiones y autoreflexiones*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

_____. *Lectura de José Martí*. Mexico: Editorial Nuestro Tiempo, 1972.

_____. *Cuba Defendida*. La Habana: Letras Cubanas, 2004.

_____. *Introducción a José Martí*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2006.

FERRER, Ada. *Insurgent Cuba: Race, Nation and Revolution*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1999.

FORDHAM, Benjamin O. Fordham. *Protectionist Empire: Trade, Tariffs, and United States Foreign Policy, 1890-1914*. Disponível em:

http://government.arts.cornell.edu/assets/psac/sp11/Fordham_PSAC_Mar11.pdf.

Acesso em: 18/8/2011.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *José Martí (1853-1895)*. Madrid: Ediciones del Orto, 1998.

FURTADO, Celso. *Formação econômica da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1970.

GONZALEZ, Manuel P. *Ensayos Críticos*. Caracas: Ediciones de U.C.V., 1963.

GUADARRAMA GONZÁLEZ, Pablo. Martí y el positivismo sui generis latinoamericano. In: Arce Valentín et al. *Por el equilibrio del mundo*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2003

GUEVARA, Ernesto Che. José Martí. In: HART, Armando et al. *Siete enfoques marxistas sobre José Martí*. La Habana: Política, 1978.

HART, Armando et al. *Siete enfoques Marxistas sobre José Martí*. La Habana: Política, 1978.

HIDALGO PAZ, Ibrahim. 1895-1898. *Contradiciones y disoluciones*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2004.

KIRK, John M. From ‘Inadaptado Sublime’ to ‘Líder Revolucionario’: some further thoughts on the presentation of José Martí. *Latin American Research Review*, v. 15, n. 3, 1980.

LE RIVEREND, Julio. *Historia Economica de Cuba*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 1972.

_____. *El historicismo martiano en la idea del equilibrio del mundo*. La Habana: Anuario del Centro de Estudios Martianos, 1979.

MAÑACH, Jorge. *Martí, El Apóstol*. La Habana: Editora Popular de Cuba y del Caribe, sem data.

MARINELLO, Juan. Prólogo a: José Martí. *Nuestra América*. 3. ed. con correcciones y adiciones de nuevos textos. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2005.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Martí: el héroe y su acción revolucionaria*. México: Siglo XXI, 1976.

MONAL, Isabel; MIRANDA, Olivia. *Filosofía e ideología de Cuba. Siglo XIX*. México: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos/UNAM, 1994.

_____. *Pensamiento Cubano. Siglo XIX*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2002. 2 tomos.

MONTAUD, Inés Roldán de. *Spanish fiscal policies and Cuban tobacco during the 19th century*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, Cuban Studies, 2002. N. 33.

MORENO FRAGINALS, Manuel. *El Ingenio*. 2. ed. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986. 3 tomos.

_____. *Cuba- Espanha- Cuba. Uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. *La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones*. Barcelona: Crítica, 1999.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

_____. *Martí y las razas*. La Habana: Publicación de la Comisión Nacional Organizador de los actos y ediciones del centenario y del monumento de Martí, 1953.

PEREZ DE LA RIVA, Juan. *El barracón: esclavitud y capitalismo en Cuba*. Barcelona: Editorial Crítica, 1978.

RAMIRO PÉREZ-CONCEPCIÓN, Hebert. Haiti en Martí. *Ciencia en su PC*, n. 4, p. 61-72, octubre-noviembre-diciembre, 2010.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael. José Martí – anticipador de nuestro tiempo. In: MARTÍ, José. *Nuestra América*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2001.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *De las dos Américas*. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2002.

_____. Nuestra América como programa revolucionario. In: _____. *José Martí a cien años de Nuestra América*. México: CCYDEL/UNAM, 1993.

_____. En el fiel de América: las Antillas Histánicas y el concepto de identidad latinoamericana de José Martí. In: _____. *José Martí a cien años de Nuestra América*. México: CCYDEL/UNAM, 1993.

_____. *Formación del pensamiento latinoamericanista de Martí*. La Habana: Anuario del Centro de Estudios Martianos, 1979. N. 2.

_____. *El poema de 1810 José Martí ante las independencias hispanoamericanas*. Heredia, Costa Rica: Anais do X Congreso de Solar, 2010. CD-ROM.

PÉREZ JR., Louis A. *Cuba between Empires (1878-1902)*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1983.

_____. *The War of 1898. The United States and Cuba in history and historiography*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.

ROIG DE LEUCHENSRING, Emilio. *El Manifiesto de Montecristi, sus raíces, finalidades y proyecciones*. La Habana: Oficina del Historiador de la ciudad, 1957.

SCOTT, Rebecca. *Emancipação escrava em Cuba – a transição para o trabalho livre (1860-1899)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SCHMIDT-NOWARA, Cristopher. Manuel Moreno Fragnals: an Appreciation. *Hispanic American Historical Review*, v. 82, n. 1, p. 125-127, feb. 2002.

TORRES CUEVAS, Eduardo. *Historia del Pensamiento Cubano*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2006. V. 1. Tomo 2.

_____. (director). *Orígenes del Pensamiento Cubano*. La Habana: Biblioteca Digital de Clasicos Cubanos, Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortíz.

TORRES CUEVAS, Eduardo; REYES, Eusebio. *Notas y documentos para la historia de la esclavitud negra en Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

TORRES CUEVAS, Eduardo (director). *Orígenes del Pensamiento Cubano*. La Habana: Biblioteca Digital de Clasicos Cubanos, Casa de Altos Estudios Don Fernando Ortíz. 1 CD-ROM.

VITIER, Cintio. Las imágenes en Nuestra América. In: MARTÍ, José. *Nuestra América*. La Habana: Casa Editorial Abril, 2000.

_____. *Temas Martianos*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2005.

_____. *Temas Martianos. Segunda série*. La Habana: Editorial Letras Cubanaas, 1982.

WEINBERG, Liliana. Nuestra América en tres tiempos. In: _____. *José Martí a cien años de Nuestra América*. México: CCYDEL/UNAM, 1993.

BIBLIOGRAFIA: ARGENTINA E JUAN B. JUSTO

ACHA, Jose Omar. Aun el socialismo. *Desarrollo Económico*, v. 39, n. 156, enero-marzo 2000.

ALBERDI, Juan Bautista. *Bases. Puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Buenos Aires: Colección Claridad, sem data.

_____. *Cartas sobre la presna y la política militante de la República Argentina (Cartas Quillotanas)*. Buenos Aires: Librería El Foro, 2003.

ANDREUCCI, Franco. *A difusão e a vulgarização do marxismo*. In: HOBSBAWM, Eric (Org.). *História do Marxismo II*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

ÁNGEL BARRIOS, Miguel. *El latinoamericanismo en el pensamiento de Manuel Ugarte*. Buenos Aires: Biblos, 2007.

ANSALDI, Waldo. La trunca transición del régimen oligárquico al régimen democrático. In: FALCÓN, Ricardo (Dir.) *Nueva Historia Argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

ARICÓ, José. *La hipótesis de Justo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

ASSADOURIAN, C. S.; BEATO, C.; CHIARAMONTE, J. C. *Argentina: de la conquista a la independencia*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, 1986.

BAYER, Osvaldo. *La Patagonia Rebelde*. 2. ed. Buenos Aires: Booket, 2007. 4 tomos.

BENINI, Marcelo. *El fin de la inocencia*. 2001. Disponible en: <<http://www.eho.org.ar/Eho18001.htm>>. Acceso en: 28 jun. 2011.

BERNSTEIN, Eduard. *Textos sobre el Revisionismo: la actualidad de Eduard Bernstein*. México: Editorial Nueva Imagen, 1982.

BIAGINI, Hugo. *Juan B. Justo ante la condición humana*. Versión digital revisada en 2004. Disponible en: <<http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/argentina/justo.htm>>. Acceso en: 30 jul. 2007.

BORÓN, Atílio; PEGORARO, Juan. Las luchas sociales en el agro argentino. In: CASANOVA, Pablo González (Cord.). *Historia Política de los campesinos latinoamericanos*. México: Siglo XXI, 1985. V. 4.

BOTANA, Natalio. *El Orden Conservador*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977.

BOTANA, Natalio; GALLO, Ezequiel. *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

CAMAGNANI, Marcelo. Las migraciones europeas en su área de origen. In: LEANDER, Birgitta (Org.). *Europa, Asia y África en América Latina y el Caribe*. México: Siglo XXI, 1989.

CAMPO, Hugo del. *Los orígenes del movimiento obrero argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1973

CHÁVEZ MEDINA, Mauricio M. Juan Bautista Justo: pionero en la difusión del marxismo en América Latina y de un nuevo enfoque en la historiografía regional. *Estudios Latinoamericanos*, Edición Especial, enero-dic. 2005.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nacionalismo y liberalismo economicos en Argentina (1860-1880)*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1971.

CORTÉS CONDE, Roberto. The growth of the Argentine economy c.1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRESPO, Horacio Crespo. *Celebración del pensamiento José Aricó*. Ano. Disponível em: <<http://www.arico.unc.edu.ar/pdf/crespo.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2011.

CÚNEO, Dardo. *Juan B. Justo y las luchas sociales en la Argentina*. Buenos Aires: Alpe, 1956.

DOTTI, Jorge. Justo, lector de El Capital. In: _____. *Las vetas del texto. Una lectura filosófica de Alberdi, los positivistas, Juan B. Justo*. Buenos Aires: Puntosur, 1990

FALCÓN, Ricardo (Dir.) *Nueva Historia Argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

_____. Militantes, intelectuales e ideas políticas. In: FALCÓN, Ricardo (Dir.). *Nueva Historia Argentina. Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

FERRER, Aldo. *La economía argentina*. Buenos Aires: FCE, 1970.

FETSCHER, Iring. Bernstein e o desafio à ortodoxia. In: HOBBSBAWM, Eric. *História do Marxismo II*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FRANZÉ, Javier. *El concepto de política en Juan B. Justo*. Buenos Aires: CEAL, 1993.

FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.

_____. 'Gauchos', 'Montoneros' y 'Montoneras'. In: GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo. *Caudillimos rioplatenses – nuevas miradas a un viejo problema*. 2. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

GALASSO, Norberto. *Manuel Ugarte y la lucha por la unidad latinoamericana*. Buenos Aires: Corregidor, 2001.

GALLO, Ezequiel.; CORTÉS CONDE, Roberto. *La Republica Conservadora*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.

GALLO, Ezequiel. *La Pampa Gringa*. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

_____. Argentina: society and politics, 1880-1916. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GELI, Patricio; PRISLEI, Leticia. Una estrategia socialista para el laberinto argentino. Apuntes sobre el pensamiento de Juan B. Justo. *Revista Entrepasado*, v. 3, n. 45, 1993.

GHIOLDI, Rodolfo. Juan B. Justo. *Revista Nueva Era*, 6 de julho de 1965.

GOLDMAN, Noemi; SALVATORE, Ricardo. *Caudillimos rioplatenses – nuevas miradas a un viejo problema*. 2. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2005.

_____. *Revolución y Guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1979.

_____. *Vida y muerte de la República verdadera (1910-1930)*. 2. ed. Buenos Aires: Ariel, 2005.

HEIMANN, Horst. Prólogo a: Eduard Bernstein. *Textos sobre el Revisionismo: la actualidad de Eduard Bernstein*. México: Nueva Imagen, 1982.

JARA, Juan Carlos. *Manuel Ugarte: precursor del nacionalismo popular*. Córdoba: Siese, 2006.

JAURÉS, Jean. *Conferencias. Pronunciadas en Buenos Aires por el socialista francés*. Buenos Aires: La Vanguardia, 1911.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

LYNCH, John. *The River Plate Republics*. Em: Leslie Bethell (ed.). *Spanish America after Independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ODDONE, Jacinto. *La burguesia terrateniente*. Buenos Aires: Ed. Libera, 1967.

PAN, Luis. *Juan B. Justo y su tiempo*. Buenos Aires: Planeta, 1991.

PANETTIERI, José. *Los Trabajadores*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

_____. *Devaluaciones de la moneda (1822-1935)*. Centro Editor de América Latina.

_____. *Políticas económicas. Aranceles y protección industrial, 1862-1930*. Centro Editor de América Latina.

_____. *Proteccionismo, liberalismo y desarrollo industrial*. Centro Editor de América Latina.

PEÑA, Milciades. *El Paraíso Terrateniente*. 2ª edición. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1972.

_____. *De Mitre a Roca*. 2ª edición. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1972.

_____. *La era Mitre*. 2ª edición. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1972.

PIGNA, Felipe. *Biografía de Juan B. Justo*. In:
<<http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/j/justo.php>>disponible no site
elhistoriador.com.ar>. Acesso em: 28 ago. 2007.

PIMENTA, João Paulo G. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. São Paulo: Hucitec, 2002.

PLA, Alberto J. Orígenes del Partido Socialista Argentino. *Cuadernos del Sur*, v. 4, 1986.

PONCE, Aníbal. *El marxismo sin nación?* México: Cuadernos de Pasado y Presente, N. 98, 1983.

PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina. 1918-1930. El proceso de la reforma universitaria*. México: Siglo XXI, 1978.

_____. *Juan B. Justo. Un fundador de la Argentina moderna*. Buenos Aires: FCE, 1999.

REPETTO, Nicolás. *Mi paso por la política*. Buenos Aires: Santiago Rueda Editor.

ROCCA, Carlos J. *Juan B. Justo y su entorno*. La Plata: Editorial Universitaria, 1998.

ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001.

ROJAS, Gonzalo Adrián. 2006. *Os socialistas na Argentina: um século de ação política (1880-1980)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

ROMERO, José Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad argentina del siglo XX*. México: FCE, 1965.

_____. *Las ideas políticas en la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 2007.

_____. *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 2001

ROMERO, Luis Alberto; BERTONI, Lilia Ana. Movimientos migratorios en el cono sur. In: LEANDER, Birgitta (Org.). *Europa, Asia y África en América Latina y el Caribe*. México: Siglo XXI, 1989.

ROMERO, Ricardo. *Sociedad Luz. Universidad Popular Socialista en Argentina*. <<http://www.suite101.net/content/sociedad-luz-universidad-popular-socialista-en-argentina-a35645>>. 2011. Acesso em: 28 jun. 2011.

SALVADORI, Massimo L. Kautsky entre a ortodoxia e o revisionismo. In: HOBBSBAWM, Eric (Org.). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. V. 2.

SARMIENTO, Domingos Faustino. *Viajes*. 2. ed. Madrid: ALLCA XX, 1996.

SARTELLI, Eduardo. Ríos de oro y gigantes de acero. Tecnología y clases sociales en la región pampeana, Debate. *Razón y Revolución*, Buenos Aires, n. 3, 1997.

_____. Procesos de trabajo y desarrollo capitalista en la agricultura. La región pampeana, 1870-1940. *Razón y Revolución*, Buenos Aires, n. 6, 2000.

_____. Celeste, blanco y rojo. Democracia, nacionalismo y clase obrera en la crisis hegemónica. *Razón y Revolución*, Buenos Aires, n. 2, 1996.

SHUMWAY, Nicolas. *La invención de la Argentina. Historia de una idea*. Buenos Aires: Emecé, 2002.

SPIILIMBERGO, Jorge Enea. *Juan B. Justo o el socialismo cipayo*. Buenos Aires: Coyoacán, sin fecha.

TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

TERÁN, Oscar. Anibal Ponce. El marxismo sin nación? *Cuadernos de Pasado y Presente*, México, n. 98, 1983.

UGARTE, Manuel. *La nación latinoamericana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

VILLALOBOS, Sergio R. *Comercio y contrabando en el río de la Plata y Chile*. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

WEINBERG, Félix. *Las ideas sociales de Sarmiento*. Buenos Aires: Eudeba, 1988.

WEINSTEIN, Donald. *Juan B. Justo y su entorno*. Buenos Aires: Fundación Juan B. Justo, 1978.

BIBLIOGRAFIA: MÉXICO E RICARDO FLORES MAGÓN

ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Ricardo Flores Magón. El Apóstol de la Revolución Social Mexicana*. México: CEHSMO, 1978.

AGUILAR CAMÍN, Héctor. *La frontera nómada: Sonora y la revolución mexicana*. 3. ed. México: Siglo XXI, 1981.

AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da revolução mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

AGUIRRE BELTRÁN, Gonzalo. Ricardo Flores Magón. In: _____. *Obra Antropológica XV. Crítica Antropológica. Contribuciones al estudio d el pensamiento social en México*. México: FCE, 1990.

ALBRO, Ward S. *Always a rebel. Ricardo Flores Magón and the Mexican Revolution*. Texas: Christian University Press, 1992.

AZAOLA GARRIDO, Elena. *Rebelión y derrota del magonismo agrario*. México: SEP/FCE, 1982.

BARRERA BASSOLS, Jacinto. *Introdução a: Ricardo Flores Magón. Obras Completas: Correspondencia (1898-1918)*. México: Conaculta, 2001. V. 1.

_____. *Introdução e cronologia em: Ricardo Flores Magón. Obras completas*. México: Conaculta, 2001. V. 3.

BARTRA, Armando. *Introdução a: Regeneración, 1900-1918. La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a 1918 através de su peródico de combate*. México: Era, 1977.

BAZANT, Bazant. From Independence to the Liberal Republic, 1821-1867. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BETHELL, Leslie (Ed.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BLAISDELL, Lowell. *La revolución del desierto de Baja California*. Mexicali: Universidad Autonoma de Baja California, 1993.

BLANQUEL, Eduardo. *Ricardo Flores Magón*. México: Terra Nova, 1985.

BOSCH GARCÍA, Carlos. *México en la historia (1770-1865). El aparecer de una nación*. México: UNAM, 1993.

CARR, Barry. *El movimiento obrero y la política en México, 1910/1929*. México: Era, 1981.

CHEVALIER, François. *La formación de los latifundios en México*. México: FCE, 1985.

_____. La gran propiedad en México. In: _____. *La formación de los latifundios en México*. México: FCE, 1985.

COCKROFT, James D. *Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo XXI, 1985.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana. La formación del nuevo regimen*. México: Era, 1973.

COSÍO VILLEGAS, Daniel (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976. 2 tomos.

_____. (Coord.). *Historia Moderna de México. El Porfiriato. Vida economica*. México: Hermes, 1965. 2 tomos.

_____. *Historia Mínima de México*. México: Colegio de México, 1973.

CRAGNOLINO, Silvia. *La huelga de Cananea*. Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1973.

CUAUHTÉMOC ESPARZA VALDÍVIA, Ricardo. *El fenómeno magonista en México y Estados Unidos, 1905-1908*. México: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2000.

CUMBERLAND, Charles. *Mexican Revolution. The constitutionalist years*. Austin&London: University of Texas Press, 1972.

DELFIN GUILLAUM, Martha. La toma de Tijuana en 1911. Flores Magón y la revolución anarquista. *Revista Veredas*, v. 4, n. 7, año 2003, p. 167 a 173.

DÍAZ, Lilia. El liberalismo militante. In: VILLEGAS, Cosío. *Historia General de Mexico*. México: El Colegio de Mexico, 1976. V. 2.

_____. *Planes políticos y otros documentos. Fuentes para la historia de la Revolución Mexicana*. Prólogo de Manuel González Ramírez. 1ª reimpresión. México: FCE, 1974.

FABELA, Isidro (Dir.). *Documentos Historicos de la Revolución Mexicana*. Tomo I: Revolución y Régimen Maderista. México: FCE, 1954.

FLORESCANO, Enrique (Org.). *Haciendas, latifundio y plantaciones en América Latina*. México: Siglo XXI, 1975.

FLORESCANO, Enrique; SÁNCHEZ, Isabel Gil. La época de las reformas borbónicas y el crecimiento económico (1750-1808). In: VILLEGAS, Daniel Cosío (Coord.). *Historia General de México*. 2 tomos. México: El Colegio de México, 1976.

GARCIA CANTÚ, Gastón. *El socialismo en México, siglo XIX*. México: Era, 1969.

GILLY, Adolfo (Org.). *Interpretaciones de la Revolución Mexicana*. México: Nueva Imagen, 1980.

HART, John M. *Anarchism and the Mexican Working Class. (1860-1931)*. Texas: University of Texas Press, 1978.

HERNANDEZ PADILLA, Salvador. *El Magonismo: historia de una pasión libertaria, 1900-1922*. México: Era, 1996.

_____. Itinerarios del magonismo en la Revolución Mexicana. *Revista Contrahistorias – la otra mirada de Clio*, n. 4, año 2005.

HINKELAMMERT, Franz. *Crítica de la razón utópica*. 1984. Disponível em: <www.pensamientocritico.info.libros>. Acesso em: 26/6/2009.

_____. *Crítica à razão utópica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

KATZ, Friederich. *The life and times of Pancho Villa*. California: Stanford University Press, 1998.

_____. *La Guerra Secreta en México*. México: Era, 1982.

_____. The Liberal Republic and the Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Mexico since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. *La servidumbre agraria en México en la época porfiriana*. México: Era, 2002.

_____. *Revuelta, rebelión y revolución. La lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX*. México: Era, 1990. 2 tomos.

MACLACHLAN, Colin M. *Anarchism and the Mexican Revolution – the political trials of Ricardo Flores Magón in the United States*. California: University of California Press, 1991.

KROPOTKIN, Piotr. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

KNIGHT, Alan. *The Mexican Revolution*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990. 2 volumes.

_____. Interpretaciones recientes de la Revolución Mexicana. *Revista Secuencia*, Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, México, n. 13, p. 23-43, enero/abr. 1989.

LIRA, Andrés; MURO, Luis. El siglo de la integración. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976. 2 tomos.

LÓPEZ CÁMARA, Francisco. *La estructura económica y social de México*. 8. ed. México: Siglo XXI, 1982.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MOLINA ENRÍQUEZ, Andrés. *Los grandes problemas nacionales*. México: INJM, 1964.

OCHOA AVILA, Enrique. El pensamiento de Ricardo Flores Magón: su concepción antropológica. *Cuadernos Americanos*, México, v. 5, n. 101, p. 59-71, 2003.

PEÑA, Sergio de la. *La formación del capitalismo en México*. México: Siglo XXI, 1975.

RAAT, W. Dirk. *Los revoltosos. Rebeldes mexicanos en los Estados Unidos (1903-1923)*. México: FCE, 1993.

RABASA, Emilio. *La constitución y la dictadura*. México: Conaculta, 2002.

REED, John. *México Insurgente*. México: Mexicanos Unidos, 2003.

REYES HEROLES, Jesús. *El liberalismo mexicano*. 2. ed. México: FCE, 1974. 3 tomos.

SANTANA, Adalberto; VILABOY, Sergio Guerra (Compiladores). *Benito Juárez en América Latina y el Caribe*. México: UNAM/CCYDEL, 2006.

SEMO, Enrique. *Historia Mexicana – economía y lucha de clases*. México: Era, 1985.

SIERRA, Justo. *Evolución Política del Pueblo Mexicano*. México: SEP/UNAM, 1981.

SILVA HERZOG, Jesus. *Breve Historia de la Revolución Mexicana*. 15. reimpresión. México: FCE, 1997. 2 tomos.

_____. *Trayectoria ideológica de la Revolución Mexicana y otros ensayos*. México: FCE, 1994.

TAYLOR, Lawrence Douglas. *La campaña magonista de 1911 en Baja California*. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 1992.

TORRE, Alejandro de la. Las agrupaciones políticas consignadas en Regeneración, 1900-1918. Distribución geográfica de una extensa red de solidaridades políticas. In: BASSOLS, Jacinto Barrera (Org.). *Versión digital del periódico Regeneración, 1900-1918*. México: Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH), 2007. 1 CD-ROM.

TORRES PARÉS, Javier. *La Revolución sin frontera*. México: UNAM, 1990.

TOSCANO, Alejandra. El siglo de la conquista. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. (Coord.). *Historia General de México*. México: El Colegio de Mexico, 1976. 2 tomos.

TURNER, Ethel Duffy. *Ricardo Flores Magón y el Partido Liberal Mexicano*. México: Comisión Editorial Nacional, 1984.

TURNER, John Keneth. *México Bárbaro*. México: Costa-amic, sem data.

URIOSTEGUI MIRANDA, Pindaro. *Testimonio del proceso revolucionario de México*. México: Argrin, 1970.

VAN YOUNG, Eric. Mexican Rural History Since Chevalier: the Historiography of the Colonial Hacienda. *Latin American Research Review*, v. 18, n. 3, p. 5-61, 1983.

VASCONCELOS, José. *Ulises Criollo*. México: Scipione Cultural, 2000.

WOLF, Eric; MINTZ, Sidney . Haciendas and plantations in Middle America and the Antilles. *Social and Economic Studies*, v. 6, p. 380-412, 1957.

WOMACK JR., John. *Zapata and the Mexican Revolution*. Nova Iorque: Vintage books, 1970.

ZEA, Leopoldo. *El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia*. 7. reimpresión. México: FCE, 1993.

ZERTUCHE MUÑOZ, Fernando. *Charlas de café con Ricardo Flores Magón*. México: Mondadori, 2009.